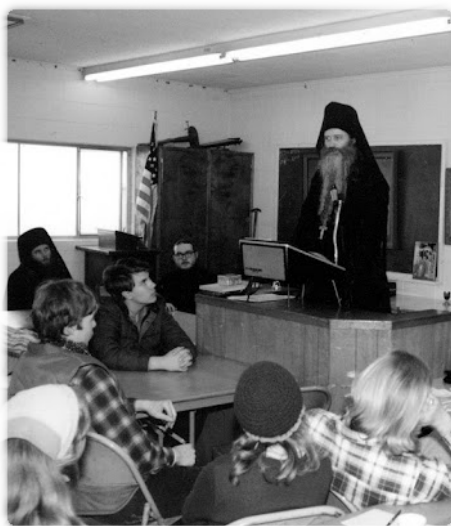




Orthodox Survival Course

Curso de Sobrevivência Ortodoxa

Palestras do Padre Serafim Rose

Orthodox Survival Course

Curso de Sobrevivência Ortodoxa

© 2026

Estas palestras foram originalmente proferidas pelo Padre Serafim Rose na década de 1970. Este texto baseia-se numa transcrição da gravação original.

Distribuição gratuita. Proibida a venda.

Produzido por **Aurora Orthodoxia**.

As traduções são baseadas no original publicado em

<https://saintkosmas.org/orthodox-survival-course>

Composto em EB Garamond com o sistema L^AT_EX (classe *memoir*).

Sumário

Aula 1	Introdução ao Mundo Ortodoxo	7
1.1	Em Busca da Verdade num Mundo de Vozes Conflitantes	8
1.2	A Mentalidade Sectária	9
1.3	A Mente Ortodoxa: Razão, Verdade e Abertura	11
1.4	O Fim da Filosofia e a Ascensão da Era Pós-Cristã	12
1.5	Discernindo o Espírito da Época	14
1.6	The Plain Truth e a Sedução das Respostas Simples	15
1.7	A História como Arena da Salvação	16
1.8	O Primeiro Milênio: A Difusão do Evangelho	17
1.9	A Grande Divisão: A Ortodoxia e a Mente Ocidental	18
Aula 2	O Ocidente Medieval	22
2.1	A Raiz da História Moderna: O Cisma de Roma	24
2.2	O Escolasticismo	30
2.3	O Romance nas Lendas Medievais	36
2.4	O Novo Conceito de Santidade	38
2.5	Joaquim de Fiore e a Terceira Idade	44
2.6	A Arte Medieval	50
2.7	A Política e o Papado	52
2.8	Conclusão: As Sementes da Modernidade	53
Aula 3	O Renascimento	56
3.1	Fama	59
3.2	Superstição	62
3.3	Reforma Protestante	64
3.4	Ciência	65

3.5	A revolução copernicana	70
3.6	Quiliasmo	72
3.7	Arte Renascentista	82
3.8	Resumo	85
Aula 4	O Iluminismo, Parte 1	90
4.1	Fé no Progresso	98
Aula 5	O Iluminismo, Parte 2	103
5.1	O Iluminismo na Inglaterra	104
5.2	Deísmo	108
5.3	Contra os Milagres	109
5.4	Atacando e defendendo a religião	111
5.5	Arte e Música	112
5.6	Progresso	116
Aula 6	A Revolução Francesa	119
6.1	Voltaire	128
6.2	Rousseau	129
6.3	Sociedades Secretas	132
Aula 7	A Revolução no Século XIX	171
7.1	O Espírito da Época Romântica	171
7.2	Romantismo e Milenarismo	176
7.3	Robert Owen e Charles Fourier	180
7.4	Saint-Simon e o Novo Cristianismo	182
Aula 8	O Significado da Revolução	192
8.1	Introdução: A Reação Conservadora	193
8.2	Metternich	193
8.3	Donoso Cortés	196
8.4	Joseph de Maistre e o Ultramontanismo	198
8.5	Nicolau I e a Tradição Antirrevolucionária Russa	201
Aula 9	A Revolução de 1848 e Além	263
9.1	A Revolução de 1848	263
9.2	Karl Marx e Friedrich Engels	272
9.3	Mikhail Bakunin e o Anarquismo	274

9.4	Proudhon e o Satanismo Revolucionário	282
9.5	Os Protocolos de Sião	284
Aula 10	A Nova Religião	306
10.1	A Crise do Conhecimento	306
10.2	Immanuel Kant e a Revolução Copernicana	313
10.3	Nietzsche e a Morte de Deus	321
Aula 11	A Evolução	337
11.1	Introdução: O Que é a Evolução?	337
11.2	As “Provas” da Evolução	342
11.3	Datação e a Fé Científica	348
11.4	A Perspectiva Ortodoxa sobre a Criação	352
11.5	Teilhard de Chardin e a Evolução Cósmica	373
Aula 12	A Arte Moderna e o Espiritualismo	392
12.1	A Crise da Arte Moderna	392
12.2	Goya e o Sonho da Razão	393
12.3	Thomas Mann e a Música Demoníaca	413
12.4	O Espiritualismo	418
Aula 13	O Anticristo	433
13.1	A Fuga de Deus: Max Picard	433
13.2	Fyodorov e o Sonho da Ressurreição	439
13.3	D.H. Lawrence e o Neo-Paganismo	440
13.4	A Autoadoração na Cultura Contemporânea	444
13.5	Vladimir Soloviev e a Profecia do Anticristo	451

Aula 1

Introdução ao Mundo Ortodoxo



“No verão de 1975, com o objetivo de dar aos peregrinos do mosteiro uma fundação na Ortodoxia, os Padres Serafim e Herman realizaram um curso de três semanas, intitulando-o de ‘Nova Academia Teológica de Valaam’. Serafim fez uma série de palestras sobre o desenvolvimento do pensamento ocidental desde o Grande Cisma até o presente. [...] Ele chamou sua série de palestras de ‘Curso de Sobrevivência’ por acreditar que, para que as pessoas sobrevivam como Cristãos Ortodoxos hoje em dia, elas precisam entender a apostasia, saber por que e como a sociedade ocidental moderna se afastou da cosmovisão cristã tradicional. Uma vez que os Cristãos Ortodoxos são capazes de identificar as raízes filosóficas da era moderna, Pe. Serafim acreditava que eles poderiam mais facilmente discernir o que na sociedade é potencialmente benéfico para a alma, e podem proteger-se e defender-se melhor do que é prejudicial. Com isso em mente, ele também chamou suas aulas de ‘um curso de autodefesa Ortodoxa’.”

Hieromonge Damasceno (Christensen)
Genesis, Creation, and Early Man

Nota do tradutor: *O texto a seguir é uma transcrição do áudio das palestras. A versão original em inglês não havia sido revisada pelo autor, por isso o texto está em um formato um pouco diferente do que seria uma obra publicada formalmente.*

1.1 Em Busca da Verdade num Mundo de Vozes Conflitantes

Este curso tem como objetivo proporcionar uma perspectiva sobre os acontecimentos que ocorrem no mundo atual e com os quais nos deparamos em nossa experiência cotidiana, cada um deles com um fundo filosófico. Se alguém for a qualquer grande cidade, descobrirá que existem igrejas de todos os tipos e que todas oferecem uma visão diferente, uma doutrina diferente. Os católicos dirão uma coisa, e os mórmons dirão outra; os Adventistas do Sétimo Dia dirão algo bem definido; os fundamentalistas dirão outra coisa; os protestantes liberais apresentarão outra corrente; os teosofistas dirão algo diferente. E uma pessoa em busca da verdade vai talvez de uma para a outra procurando a verdade. Muitas vezes as pessoas descobrem: “Aha, encontrei!” — algo faz sentido. Elas descobrem que o mormonismo tem a resposta; ou então ficam muito impressionadas com um orador que sabe como se conectar com, bem, as pessoas de hoje.

Havia um, por exemplo, Alan Watts, que faleceu recentemente. Eu fui aluno dele. Na verdade, fiquei extremamente impressionado porque eu era um estudante de graduação em busca de algum tipo de verdade na filosofia, sem conseguir encontrá-la. Eu estava muito entediado com a filosofia ocidental, e de repente ele aparece e dá uma palestra sobre o budismo zen. E [*pensei*] que essa era a resposta, porque não é uma filosofia; é simplesmente como as coisas são. Ele disse que não se trata de olhar para o copo de água e defini-lo, mas — e ele pega o copo de água e o despeja no palco, de forma muito dramática — isso é o que é o budismo zen, é a resposta; é “ISSO”.

É claro que, com o passar dos anos, podemos ver que esse pobre homem é simplesmente um homem muito astuto. Ele estava muito em sintonia com a maneira como as pessoas pensavam; e ele encontrou uma espécie de caminho, seguiu-o até o fim e construiu sua carreira com isso,

ganhou muito dinheiro, conquistou seguidores; e simplesmente os ensinou. Havia muitas coisas que ele dizia que eram verdadeiras, especialmente a parte negativa sobre o que há de errado com a civilização contemporânea. Mas, no fim das contas, ele apenas lhes deu um pedacinho lamentável da verdade combinado com muitas de suas próprias opiniões e, no fim, um grande sistema de mentiras; e ele destruiu almas, incluindo a sua própria, sem dúvida.

Mas a Ortodoxia não é como uma dessas correntes, desses sistemas de pensamento; não é simplesmente uma entre tantas. E é por isso que alguns podem pensar, especialmente os recém-convertidos dirão: “Por que nunca ouvi falar da Ortodoxia antes? Por que ela não aparece na televisão? Por que não consigo ouvir falar dela? Por que não há programas de rádio, artigos de jornal e tudo mais?”

Bem, se você olhar para os artigos de jornal que existem sobre a Ortodoxia, que apareciam ocasionalmente — como quando os ícones lacrimosos chegaram a algumas cidades, havia artigos; ou, até mesmo quando o Arcebispo John faleceu em São Francisco, houve um artigo, vários tipos de eventos que se destacam tornam-se parte da história, todo o evento na cidade, e veja que tipo de artigos de jornal são escritos — a visão da Ortodoxia ali é adaptada aos leitores. Ou seja, esta é uma seita que é muito colorida; é como os mórmons ou os Adventistas do Sétimo Dia ou algo do tipo. É diferente, é colorida. E se você ler as descrições das celebrações da Páscoa, elas sempre dirão algo como: “Em meio a nuvens de incenso, vestes esvoaçantes e longas barbas”, e tudo o que é exótico e diferente do que o americano comum vê; é mais ou menos isso que a Ortodoxia representa para eles. Ou seja, nessa perspectiva, a Ortodoxia é uma espécie de filosofia cristã que se caracteriza principalmente por algum tipo de exotismo. Se você quer o exótico, vai até lá. Mas isso não é o que a Ortodoxia é.

1.2 A Mentalidade Sectária

Se você se dedicar de corpo e alma a um desses ensinamentos — sejam eles cristãos ou não cristãos —, receberá da sua seita — pois todas elas são seitas, incluindo o catolicismo romano —, receberá da sua seita o que

eles provavelmente consideram uma filosofia de vida; eles lhe darão respostas para muitas perguntas. Eles lhe darão respostas que você aceitará se estiver na mesma sintonia que eles — geralmente isso depende de sua formação, de suas buscas psicológicas, do nível de educação que você recebeu. Há todo tipo de fatores que entram em jogo, que fazem com que você se identifique, responda a essa seita específica.

Quando você entrega seu coração e sua alma ali, ou pelo menos parte deles, você começa a aceitar tudo o que lhe ensinam e a moldar-se com base nisso. E então, quando alguém vem até você e pergunta por que você acredita, você dá respostas da maneira como as aprendeu. E uma pessoa de fora vai olhar para essas respostas e ficar surpresa com o fato de alguém poder dar tais respostas. É óbvio que elas seguem uma “linha partidária”. Eles vão citar as Escrituras para você de acordo com uma interpretação que parece muito rebuscada, e vão achar que isso é lógico, a explicação comum. Converse com os Adventistas do Sétimo Dia, que são nossos vizinhos aqui, e comece a perguntar-lhes no que acreditam e por que acreditam, e descobre-se que o mandamento sobre o sábado é o mais importante de todos os mandamentos, aquele que distingue o verdadeiro povo, a verdadeira igreja, de todos os outros. Como eles podem entender isso, e como podem explicar o fato de que Cristo sempre aparece no domingo, o primeiro dia da semana? Ele ressuscitou dos mortos no domingo. Após a Sua Ressurreição era de madrugada no domingo — como é que a Igreja não acreditaria nisso por dois mil anos? E eles até lhe dirão que sempre houve adventistas e o povo do Sétimo Dia. E eles podem até criar algum tipo de tradição para isso, algum tipo de [*dizendo algo como*]: “Bem, talvez essa seita tenha existido ao longo dos séculos.” Mas o que eles lhe darão não será uma visão de mundo, uma filosofia. O que eles lhe darão será uma visão sectária.

Uma visão sectária é, como o próprio nome indica, uma seita: é algo isolado. Eles apresentam um fragmento da realidade de acordo com sua interpretação. Quando se trata de qualquer questão complexa, eles oferecem uma resposta muito simples, que não satisfaz alguém capaz de refletir profundamente. Eles, se surgir alguma coisa que pareça refutar sua posição ou torná-la confusa, dirão: “Obra do diabo” ou “Isso é maligno”, ou [*se*] você perguntar como interpretam as Escrituras, “literalmente”. Eles lhe darão respostas extremamente simples para perguntas que são muito

complicadas. E você já precisa estar nesse caminho para aceitar isso.

E você se tornará — como de fato associamos aos sectários — algum tipo de grupo isolado do resto da sociedade, mantendo seu próprio pequeno ponto de vista, isolando-se de todos os outros, tendo suas próprias escolas e pensando que está na verdade. Mas você não terá uma espécie de filosofia, uma visão de mundo, que lhe permita compreender de verdade o que se passa no mundo, explicar esses fenômenos ao seu redor de uma forma que não viole a razão, que não seja apenas uma interpretação baseada em uma interpretação muito caprichosa das Escrituras, mas algo que tenha uma base sólida e que talvez não convença a todos de imediato, mas que pelo menos respeite a razão que Deus nos deu, e que não tenha uma visão excessivamente simplificada do que quer que esteja acontecendo no mundo, [*uma visão segundo a qual*] quem não concorda com a minha filosofia é ou um demônio ou uma pessoa que está completamente enganada.

Pelo contrário, muitas coisas que acontecem no mundo têm seu próprio poder: as ideias têm seu poder, os sistemas políticos têm seu poder, até mesmo os movimentos artísticos têm seu poder, porque há neles alguma semente da verdade. E se você não compreender o que é essa semente da verdade e como ela se misturou com o erro, o que nela é genuíno, o que nela é falso, você não será capaz de viver no mundo de hoje; e um cristão vive no mundo. Você deve compreender que um sectário salva a si mesmo e salva qualquer pessoa que consiga manter afastada da realidade, mantida em seu cantinho em algum lugar. Mas se essa pessoa sai para o mundo e começa a fazer perguntas, ela perde suas visões sectárias porque elas não são plausíveis. Ela tem que manter sua fé sectária em um cantinho em algum lugar, um pedaço da sociedade.

1.3 A Mente Ortodoxa: Razão, Verdade e Abertura

A visão de mundo ortodoxa não é assim. Hoje, os verdadeiros cristãos ortodoxos são muito poucos. E, por isso, somos chamados por alguns, como Schmemmann e as pessoas que estão em dia com os tempos e querem estar em sintonia com católicos, protestantes e o pensamento contemporâneo — eles dirão que somos uma seita. Portanto, devemos sa-

ber: somos uma seita ou não? Se consideramos nossa Ortodoxia como algo semelhante ao mormonismo, ou seja, se conhecemos o catecismo, conhecemos os dogmas e podemos expor o ensinamento oficial da fé, e tudo fora disso é algo nebuloso ou recebe uma resposta excessivamente simplificada, então corremos o risco desse mesmo sectarismo. Pois, nesse caso, a Ortodoxia será para nós algo muito restrito. O caminho da salvação é muito estreito, mas a Ortodoxia, entre todas as religiões, é a religião de Deus; e, portanto, ela não nega as faculdades que Deus nos deu, especialmente a razão, que é a faculdade pela qual compreendemos a Verdade.

E é assim que a Ortodoxia é a única religião, porque é a verdadeira religião, a religião de Deus, que tem a resposta para tudo, que compreende tudo o que acontece no mundo. Isso não significa que tenhamos necessariamente uma resposta absoluta para tudo, pois essa também é uma característica da mentalidade sectária: eles têm uma resposta imediata e a apresentam de forma muito simplificada, sem espaço para discussão. Com a Ortodoxia, ao contrário, nós abrimos nossas mentes, pois, como temos a verdade, não temos medo do que quer que a ciência possa dizer, ou a filosofia, ou os escritores, ou os artistas. Não temos medo deles; podemos olhar para eles com nossa compreensão ortodoxa e com a mente e o coração abertos para ver o que realmente é positivo e compreender se são valiosos ou não, se são benéficos ou se são prejudiciais.

E assim, podemos observar qualquer fenômeno ao nosso redor. O sectário olhará ao seu redor e dirá: “Isso é mal: eliminem isso”. E, em relação a muitas coisas, é claro, é preciso fazer isso, porque há coisas que, especialmente agora, incitam flagrantemente ao pecado. Mas mesmo ao nos afastarmos delas e não nos expormos à tentação tanto quanto possível, temos que entender por que elas são assim, o que está acontecendo.

1.4 O Fim da Filosofia e a Ascensão da Era Pós-Cristã

Há questões para as quais não se tem uma resposta imediata quando se tem uma visão ortodoxa do mundo. Há certas coisas que não se conseguem explicar de imediato apenas com base no conhecimento sobre Deus, a Santíssima Trindade e os ensinamentos fundamentais da Igreja. Por exemplo, é característico que nossa época seja chamada de “pós-cristã”;

é também uma época pós-filosófica, porque houve um tempo em que a filosofia estava muito viva no Ocidente. De fato, [*Ivan*] Kireyevsky, o escritor russo do século XIX, diz que até o início e meados do século XIX, a filosofia era a corrente, a principal corrente do pensamento europeu, porque o que os filósofos pensavam era o que havia de mais estimulante, mais interessante, e era o que então chegava ao povo. Em muito pouco tempo, o que quer que uma pessoa tivesse pensado em seu escritório em algum lugar de uma cidade na Alemanha já se tornava, em poucos anos, propriedade de todo o povo — até que a filosofia chegou ao fim de sua vida útil, o que ocorreu por volta de meados do século XIX, quando Kireyevsky estava vivo. Pois aconteceu que, depois de destruir o universo exterior com a filosofia de Hume, Berkeley e outros, a filosofia, a fim de encontrar algum fundamento sobre o qual se apoiar, acabou por se fixar em Kant, que dizia que tudo o que existe é o indivíduo, e que eu crio meu próprio universo; não sabemos o que é a coisa em si, o que existe lá fora; mas sou eu quem coloca tudo em ordem, e se eu me compreender, posso dar sentido ao universo. Mas isso equivale a um subjetivismo muito perigoso, porque nesse sistema não há mais espaço para a verdade. Há apenas espaço para algum tipo de visão convencional das coisas.

E depois dele vieram pessoas “fantásticas”, Fichte e esse Max Stirner e outros que disseram que não há nada no mundo além de mim, o “eu” sozinho no universo. E até mesmo Stirner chegou ao ponto de dizer: “Eu estou sozinho no universo pisoteando o túmulo da humanidade”, algo nesse sentido.[1] O que é uma espécie de conclusão lógica de pessoas que libertaram o pensamento de qualquer tipo de restrição e decidiram descobrir até onde poderiam levar suas reflexões. E quando você reflete sobre as coisas sem qualquer tipo de base tradicional, chega a um beco sem saída.

Depois disso, como diz Kireyevsky, a corrente dominante do Ocidente entrou na política. E é por isso que, especialmente após 1848 — e tendo início na Revolução Francesa, mas tornando-se particularmente forte após 1848 —, o principal acontecimento na história europeia e mundial foi o avanço da revolução, assunto que discutiremos mais adiante.

Portanto, quem deseja ter uma compreensão ortodoxa deve estar preparado para observar com mente e coração abertos o que acontece no mundo e usar a razão para descobrir o que está por trás disso, o que sustenta tudo isso. E devemos fazer isso agora que a era da filosofia já passou

e as visões são muito orientadas para a prática. É surpreendente como, mesmo nas universidades, a razão não é utilizada de forma alguma. A crítica de arte torna-se apenas uma desculpa para o seu gosto subjetivo; não resta mais nenhum critério objetivo. Nesse tipo de mundo, novas crenças filosóficas e ideias muito perigosas não são mais apresentadas como algum tipo de verdade que você pode facilmente reconhecer como falsa, mas são apresentadas como algo diferente.

1.5 Discernindo o Espírito da Época

Por exemplo, as pessoas que usam drogas dirão a você: “Estou descobrindo novas áreas da realidade. Você é contra novas áreas da realidade? Você é contra a parte mais profunda da mente?” Na verdade, os Santos Padres falam sobre a parte mais profunda da mente — e o que você vai dizer a respeito disso? Ele não está lhe apresentando algum tipo de nova verdade à qual você possa dizer: “Isso é falso”; ele está lhe apresentando uma nova perspectiva. E você precisa parar para pensar: bem, o que isso significa? O que é a área mais profunda da mente? Quem está lá, o que está acontecendo? Você precisa ser capaz de avaliar o que está por trás desse tipo de afirmação e se, de fato, é algo muito prático, porque uma pessoa pode vir até você e perguntar: “Devo parar com isso ou continuar?” ou “Isso é mau?” E você tem que saber por quê. Se você simplesmente disser: “Não, as drogas são más, isso está fora de questão”, então é muito provável que ele não fique convencido, porque outra pessoa lhe dará uma desculpa muito plausível. Você tem que dizer a ele — claro que tem que dizer a ele: “É melhor você parar porque isso é muito perigoso”; mas *[você]* também tem que ser capaz de explicar, se tiver uma filosofia de vida completa, por que isso não é certo e aonde isso vai levar você.

Há também muitos tipos de avanços na ciência aos quais estão associadas visões filosóficas. Por exemplo, a evolução, é claro, é um grande exemplo; e é algo muito complicado para o qual não se obtém uma resposta imediata. Um sectário dirá: “Bem, isso vai contra o Gênesis; vai contra a interpretação literal.” E isso é muito fácil de simplesmente desmontar, porque se você interpretar o Gênesis de forma absolutamente

literal, como eles gostariam, chega-se a absurdos ridículos.

Ou, também existe essa ideia de que agora somos capazes de governar nosso próprio futuro. Portanto, vamos determinar em tubos de ensaio se uma criança será menino ou menina e dar a ela o cérebro de Einstein ou algo do tipo. É preciso saber se isso é bom ou ruim. O que está acontecendo? Com base em que posso criticar isso?

E, é claro, é muito importante ser capaz de compreender o que se passa no mundo político, porque em sociedades livres as pessoas vão votar. É preciso saber qual é o valor do voto ou o que está por trás de toda a política. Vale a pena participar nisso? Isso é bom ou mau? Vamos ter uma visão sobre isso. O mesmo vale para a música e a arte — especialmente a música, já que ela é tão onipresente na sociedade; você vai ao supermercado e ouve música. Há toda uma filosofia por trás do motivo pelo qual você ouve o tipo de música que ouve no supermercado; e você precisa entender o que essa música está tentando fazer com você, o que há por trás dela. Há toda uma filosofia nisso.

1.6 The Plain Truth e a Sedução das Respostas Simples

Se você pedir a um sectário que lhe apresente uma visão de mundo, uma visão geral completa do que está acontecendo no mundo, ele, mais uma vez, lhe dará uma visão muito limitada, mas que contém muitos pontos de verdade, pois ele lê as Escrituras; e ele pode falar sobre o fim do mundo, o Apocalipse, o Anticristo, e até mesmo apresentar uma visão plausível do que está acontecendo no mundo. E ele pode lhe dizer que...

Existe uma revista chamada The Plain Truth, que — ele diz: “É a verdade nua e crua. Descobri a verdade nua e crua que ficou oculta por dois mil anos.[2] Descobri-a, sentado no meu quarto, refletindo sobre o assunto, e ninguém mais reflete sobre essas coisas exceto eu. E aqui está. É aqui que está, pura e simplesmente.”[3] E ele te enche de bobagens, com sua visão subjetiva das coisas, onde ele pode apresentar isso de forma que seja apenas “puro e simples”, e que é assim que as coisas são. E milhões de pessoas o seguem; nem todas são seus verdadeiros [*seguidores*], parte de seu culto, mas muitas pessoas levam isso muito a sério e acham que faz

muito sentido. E ele vai lhe dizer todo tipo de coisa: que Cristo morreu na quarta-feira e ressuscitou no sábado, de acordo com deduções de tudo — mesmo que esteja escrito nas Escrituras “no início do primeiro dia da semana”. [4] Ele tem uma explicação para justificar isso, e como na verdade não era sexta-feira, mas quarta-feira, e como explicar os três dias — não o terceiro dia, mas três dias, setenta e duas horas. [5] E, bem, ele apresenta todo tipo de coisas fantásticas como essas, misturadas com todo tipo de coisas verdadeiras. E se você não for capaz de discernir, pode se meter em todo tipo de encrenca.

Até mesmo nossos sectários o admiram muito porque têm uma visão muito semelhante; eles são os Adventistas do Sétimo Dia. E eles vão lhe dizer que ele fala sobre o — esqueci como ele chama isso — mas depois dos primeiros sessenta anos ou algo assim desta era, uns trinta anos após a Ressurreição de Cristo, existe o “século perdido” ou algo parecido. De repente, a verdade desapareceu, foi para a clandestinidade ou se foi, ou algo assim. Ela não voltou até que esse Armstrong apareceu.

E o mesmo se aplica a outros sectários: Ellen White tem o mesmo tipo de filosofia. Existem diferentes variantes disso. Alguns dirão que foi Constantino quem cometeu as maldades. Normalmente, eles situam os fatos em uma época muito anterior, para não terem que aceitar nada que venha depois disso. E eles não conseguem explicar muito bem como é que foi um Concílio da Igreja no século II, início do século III, que determinou o cânon das Escrituras. Então, você precisa fazer com que as pessoas entendam como um Concílio poderia determinar isso, se o Concílio já estava em um estado de apostasia. Mas eles aceitam esse decreto do Concílio. É muito interessante, você pode achar isso muito ilógico.

1.7 A História como Arena da Salvação

Mas, para nós, não se trata de algo bidimensional e simples de entender o que se passa no mundo. Portanto, devemos entender, antes de tudo, o que é a história mundial, quais são as forças que moldam a história mundial. E isso é muito simples, basicamente, porque existe um Deus e existe o diabo; e a história mundial se desenrola entre esses dois adversários. E o homem, o coração do homem, é o campo em que ela se desenrola.

Se você ler o Antigo Testamento, encontrará uma história notável que é diferente da história de qualquer outro país. Em outros países, há governantes [*que*] ascendem e caem: há tirania, há paraísos democráticos, há guerras; às vezes os justos triunfam, às vezes os injustos triunfam; e toda a história é extremamente cética. Os historiadores lhe contarão sua crônica de crimes e selvageria — e nenhum sentido. E o que acaba surgindo é algum evento fortuito para o qual ninguém consegue ver nenhum sentido.

Mas na História de Israel vemos algo muito profundo, que é a história do povo escolhido de Deus, que ora segue os mandamentos de Deus, ora se afasta; e sua história depende de como está, se está seguindo a Deus ou se afastando Dele. A situação se torna muito complicada quando eles são levados do Egito para o deserto, e estão indo para um lugar muito próximo — o que hoje se faz em um dia ou cerca de uma semana, e naquela época levava uma ou duas semanas — e eles passaram quarenta anos no deserto e passaram por todo tipo de aventuras porque estavam oscilando entre a crença correta em Deus e o afastamento Dele, a tal ponto que quando Moisés se ausentou por um curto período para subir ao monte a fim de receber os mandamentos de Deus e encontrar o próprio Deus, o povo estava adorando um bezerro de ouro.

Toda a história de Israel é essa história entre a fé e a descrença, entre seguir a Deus e afastar-se de Deus. E a história de Israel torna-se, no Novo Testamento, a história da Igreja, o novo Israel. E a história da humanidade, desde o momento em que Cristo veio à Terra até hoje, é a história da Igreja e daqueles povos que ou se unem à Igreja, ou lutam contra ela, ou se unem à Igreja e se afastam dela. A história do mundo, desde então até hoje, só faz sentido se você compreender que há um plano em andamento, que é o plano de Deus para a salvação dos homens. E você precisa ter uma compreensão clara do cristianismo, do que é a Ortodoxia, do que é a salvação, para entender como esse plano se manifesta na história.

1.8 O Primeiro Milênio: A Difusão do Evangelho

A história da humanidade durante o primeiro milênio da era cristã é a história da difusão do Evangelho por diversas terras. Algumas delas o aceita-

ram, algumas com grande prontidão, outras com menos disposição. Normalmente, os povos mais simples aceitam com muito mais facilidade. E às vezes surgem tentações, surgem heresias, que são o joio semeado pelo diabo para perturbar as pessoas, afastando-as da verdade. E, por isso, temos os Concílios Ecumênicos e os escritos dos Padres para nos ensinar qual é a abordagem correta da verdade e qual é a errada. E quando surgiram erros perigosos, heresias, a Igreja os condenou. E aqueles que se agarravam a esses erros contra a Igreja eram anatematizados e saíam da Igreja. Assim, desde muito cedo, surgiram grupos, heresias que se separaram da Igreja, mas a própria Igreja foi o grupo principal que sobreviveu, embora, em alguns momentos, tenha sido reduzida a um número muito pequeno por causa das heresias. Ela sempre se recuperou e, durante o primeiro milênio, foi a crença dominante entre os povos, desde Bizâncio até a Grã-Bretanha — e no Oriente, não tão forte.

No Oriente, os povos são mais sofisticados, mais filosóficos; eles tinham suas próprias crenças; é muito mais difícil chegar até eles. Os povos mais simples aceitaram muito mais prontamente.

E então ocorreu um acontecimento muito importante que determinou a história dos próximos mil anos, mas que lhe deu um rumo. Pois, bem, para entender o que isso significa, devemos analisar a nossa situação atual.

1.9 A Grande Divisão: A Ortodoxia e a Mente Ocidental

A Ortodoxia, na visão de um observador objetivo, é uma perspectiva entre muitas; é uma visão minoritária e está em forte contradição com o espírito da época. É por isso que esses Schmemanns e outros estão tentando atualizá-la, trazê-la de volta à corrente principal para que não sejam ridicularizados. É algo que está muito ultrapassado, não faz sentido em termos de pluralismo ou de convívio com outras religiões e, simplesmente, não é credível. Existem muitas outras religiões que, por serem mais adaptadas aos tempos, parecem muito mais credíveis, quando um católico consegue se dar com um luterano moderno, um batista ou até mesmo um fundamentalista muito melhor do que consegue com um cristão ortodoxo ge-

nuíno, porque eles têm muito mais em comum. Kalomiros observa que a Ortodoxia se distingue de todos esses ocidentais porque todos eles têm a mesma origem, a mesma formação. Mas a Ortodoxia é diferente de todas elas. Ela se opõe a todas elas, porque todas as outras — mesmo que sejam opostas umas às outras — permanecem unidas porque são formadas a partir da mesma mentalidade, a mentalidade ocidental.

A mentalidade ocidental já foi ortodoxa. E, por isso, olhamos para toda a história do Ocidente dos últimos mil anos, que parece não ter contato com a Ortodoxia. Olhamos para a arte e, desde o início, há um resquício do estilo iconográfico, especialmente na Itália, mas logo depois isso se perde. E a arte ocidental é algo bastante autônomo, e não temos contato com ela na Ortodoxia, e não conseguimos entender [*fitá indecifrável*] que pareça haver algo em comum. Ou, a música, bem, nós, ortodoxos, conhecemos nossa música sacra. O Ocidente teve um grande desenvolvimento da música secular, às vezes da música religiosa, mas não é a mesma coisa que chamamos de música religiosa.

Temos a história da ascensão e queda das nações, das monarquias, do princípio da monarquia, do princípio da democracia, todas as diferentes instituições políticas, a história da filosofia ocidental de um sistema para outro. E todas essas manifestações da vida do homem ocidental ao longo de mil anos parecem não ter nenhum ponto em comum com a Ortodoxia. E, portanto, como podemos compreender essas coisas a partir de um ponto de vista ortodoxo? O que está por trás delas? E é aqui que entra esse fato importante que aconteceu há mil anos, que é o Cisma da Igreja de Roma.

Muitas pessoas, ao analisar o que ocorre no mundo hoje, remontam ao período do Iluminismo, à Revolução Francesa. E, além disso, é possível remontar à ascensão da ciência, ao Renascimento, à Reforma. Isso parece ser mais o início dos tempos modernos. Quem reflete um pouco mais profundamente irá recuar ainda mais; e descobrirá que, mesmo no final da Idade Média, já existiam muitas correntes e anomalias e assim por diante que se afastavam da síntese católica, a síntese escolástica do século XIII. Mas temos que recuar ainda mais do que isso porque, se voltarmos mesmo até o século XIII ou até mesmo ao século XII, vemos algo que ainda é bastante estranho à Ortodoxia.

E, é claro, o mesmo se aplica aos santos; eles já — os chamados “san-

tos ocidentais” — são muito diferentes dos santos ortodoxos. Já há algo de diferente nisso. É muito interessante, há um ecumenista católico, dominicano, Yves Congar, que escreveu um livro em 1954 chamado *Nine Hundred Years After* sobre o Cisma de 1054;[6] e ele disse que é realmente lamentável que a Igreja Ortodoxa tenha se separado de Roma naquela época, ou vice-versa, no entanto, ele diz, [quebra na fita][7]

...os escritos de Kireyevsky, que ele próprio passou pela sabedoria ocidental, a rejeitou, descobriu a Ortodoxia e depois voltou, não para ser ortodoxo em oposição ao mundo sem compreensão, mas porque encontrou na Ortodoxia a chave para compreender a história do Ocidente, e a compreensão do que está acontecendo no Ocidente.

Referências

[1] — Max Stirner, *The Ego and His Own*: “A minha preocupação não é o Divino nem o Humano, não é o Verdadeiro, o Bom, o Justo, o Livre, etc., mas simplesmente o meu próprio eu, e não é geral, é individual. Para mim não há nada acima de mim mesmo.” Citado em *The Great Quotations*, comp. por Georges Seldes, Pocket Books, 1967, p. 859.

[2] — Armstrong, Herbert W., *The Early Writings of Herbert W. Armstrong*, Richard C. Nickels, ed., Giving and Sharing, Neck City, Missouri, 1996, p. 140, citando *The United States in Prophecy*, 1945: “Quer você seja cético, ateu, membro de igreja ou cristão cheio do Espírito, encontrará aqui uma verdade surpreendente, há muito oculta. É uma revelação estarrecedora. Embora condensada e breve, é clara e simples, compreensível, e uma verdade que se comprova. Nenhuma história de ficção foi tão estranha, tão absorvente, tão cheia de suspense quanto esta história cativante da Bíblia.” P. 163: “Esta revelação é tão surpreendente, tão diferente da concepção comum, que você provavelmente não a compreendeu completamente na primeira leitura. Muito do que está nas primeiras páginas ganhará uma luz diferente quando relido... Tornar-se-á duas vezes mais interessante, duas vezes mais REAL!”

[3] — *The Plain Truth*, editorial de 1934: “The real TRUTH is simple and plain, not hard and difficult.” (Ibid., p. 179)

[4] — Marcos 16:2,9; Lucas 24:1; João 20:1.

[5] — Armstrong, *Early Writings*, “Which Day is the Sabbath of the New Testament?”, p. 49.

[6] — Congar, Yves, *Nine Hundred Years After*, Greenwood Press, Westport, Connecticut, 1959.

[7] — Ibid. — Paráfrase do tema central da obra de Congar.

Aula 2

O Ocidente Medieval

Agora começa uma série de palestras sobre a história intelectual da era moderna, ou seja, a partir do momento do Cisma de Roma. Não será de fato uma história das correntes intelectuais. Será uma observação das tendências e movimentos que são de significado histórico, que são sintomáticos do espírito da época e apontam para desenvolvimentos futuros. Tentaremos distinguir os pontos essenciais dos incidentais, isto é, as características que são características da filosofia subjacente dos tempos que perduram de era para era, de outras visões que simplesmente dependem de eventos passageiros. Por exemplo, não estamos interessados que alguns dos franciscanos pensassem que Frederico II era o Anticristo ou que o mundo terminaria em 1260, ou que no século XIX Guilherme Miller achava que o fim do mundo ocorreria em um certo dia em 1844; mas as visões *quialísticas* que fundamentam essas visões muito tolas são o que estaremos discutindo e falando, porque essas são as visões que ajudam a determinar nosso panorama hoje.

Repetirei algo que disse na palestra introdutória: a razão pela qual estamos fazendo isso não é apenas ter uma visão do que é verdadeiro e do que é falso, e jogar fora tudo o que é falso e guardar tudo que é verdadeiro, porque tudo o que eu vou estar falando é falso. Mas será extremamente importante para nós entender por que isso é falso e como se afastou da verdade. Se entendermos isso, temos alguma ideia do que se passa no mundo

hoje e qual é a estrutura intelectual contra a qual devemos lutar.

Embora, ao dizer que tudo o que vou falar seja falso, quero dizer que é falso do ponto de vista estritamente Ortodoxo. Lá, o todo, é claro, é relativo comparado com o que acontece no mundo hoje. Todos esses movimentos de que falamos — de Tomás de Aquino à arte medieval, à arte da Renascença europeia e assim por diante — são todos muito mais valiosos do que qualquer coisa que esteja acontecendo no mundo de hoje. No entanto, há toda uma visão de mundo subjacente que produziu essas coisas, e podemos ver como estava se afastando da Ortodoxia.

A história do Ocidente a partir do Cisma de Roma é um todo lógico e coerente, e as visões que governam a humanidade hoje são um resultado direto das visões mantidas no século XIII. E agora que a filosofia ocidental domina o mundo inteiro, não há outra filosofia exceto a filosofia cristã Ortodoxa que tem alguma força para isso, porque todas as civilizações foram subjugadas pelo Ocidente; isso significa que o que aconteceu no Ocidente nestes últimos novecentos anos é a chave para entender o que está acontecendo no mundo inteiro hoje.

O próprio termo “Idade Média” é interessante porque ele existe apenas no Ocidente. Todas as outras civilizações, sejam cristãs, como bizantinas ou russas, ou não-cristãs, como as chinesas ou indianas, podem ser divididas em dois períodos: o período antigo, em que essas civilizações eram governadas por sua própria filosofia nativa, visão e tradição; e o período moderno, quando se tornaram subjugadas pelo Ocidente. Não há uma transição perceptível de um período para o outro. Trata-se simplesmente de um suplantando o outro.

Mas no Ocidente algo especial aconteceu no período chamado Idade Média, que é a transição entre a antiguidade — isto é, a antiguidade cristã — e a era moderna. O estudo do que aconteceu quando essas mudanças estavam ocorrendo, especialmente entre os séculos XII e XIII, dá a chave para o que está acontecendo no tempo atual. E tentaremos ver agora como a visão de mundo moderna se desenvolveu fora da Ortodoxia, fora do cristianismo.

2.1 A Raiz da História Moderna: O Cisma de Roma

A raiz de toda a história moderna está, como dissemos, no Cisma da Igreja de Roma, sobre o qual Ivan Kireyevsky fala muito bem porque, tendo sido filho do Ocidente e ido para a Alemanha estudar com os filósofos mais avançados, Hegel e Schelling, ele foi completamente penetrado pelo espírito ocidental e, em seguida, tornou-se completamente convertido à Ortodoxia e, portanto, viu que essas duas coisas não podem ser colocadas juntas. E ele queria descobrir por que são diferentes e qual é a resposta, o que é preciso escolher.

[*Ivan V. Kireyevsky, filósofo russo e discípulo dos Santos Padres.*]

Assim, diz ele, que é claro que Roma foi parte da Igreja universal de Cristo, e ao *logos* dos primeiros séculos não há dúvida de que o patriarcado Romano era um patriarcado Ortodoxo perfeitamente legítimo, possuindo até mesmo uma primazia de honra, a mesma que o Patriarcado de Constantinopla possuía até os tempos recentes, e que teria até hoje se ainda fosse ortodoxo, o que não quer dizer que ele seja uma espécie de Papa, mas somente que é o primeiro entre iguais, ou seja, que ele preside as reuniões de bispos e assim por diante.

Mas, como Kireyevsky diz:

Cada patriarcado, cada tribo, cada país no mundo cristão não deixou de preservar suas características próprias e, ao mesmo tempo, participou da unidade comum de toda a Igreja. Cada povo, como resultado de circunstâncias locais, tribais ou históricas, desenvolveu em si mesmo algum aspecto de atividade mental, de modo que é bastante natural que em sua vida espiritual e nos escritos de seus teólogos, ele se mantenha fiel a essa mesma característica especial, porém iluminada por uma consciência superior, isto é, a visão de mundo da Ortodoxia. Assim, os escritores teológicos das terras sírias voltam sua atenção principalmente para a vida interior contemplativa separada deste mundo. Os teólogos romanos, por outro lado, estavam especialmente ocupados com aspectos da atividade prática e a conexão lógica de conceitos. Mas os escritores espirituais do iluminado Bizâncio, mais do que os outros, estavam interessados na relação do cristianismo com as ciências separadas que floresciam em torno dele e, a princípio, guerrearam contra

ele, mas depois se submeteram a ele.

E agora ele fala em particular do Ocidente:

Parece que a característica distintiva da mente romana é precisamente uma convicção de que o racionalismo externo prevalece sobre a essência interna das coisas. Entre todas as características do homem romano e toda a natureza tortuosa das atividades de seu intelecto e de sua alma, vemos uma única característica comum, que a ordem externa de seus conceitos lógicos era para ele mais real do que a própria realidade, e que o equilíbrio interno de sua existência era conhecido por ele apenas no equilíbrio de suas concepções racionais ou atividade formal externa.

Em seguida, ele fala em particular do Bem-aventurado Agostinho:

Nenhum Pai da Igreja, antigo ou moderno, demonstrou tanto amor pela cadeia lógica de verdades como o Bem-aventurado Agostinho... Algumas de suas obras são, por assim dizer, uma única cadeia rígida de silogismos, inseparavelmente unida elo a elo. Talvez por isso, às vezes, ele seja levado para muito longe, sem perceber a unilateralidade interior desse pensamento por causa de sua ordem externa; tanto que, nos últimos anos de sua vida, ele mesmo teve que escrever refutações de algumas de suas declarações anteriores.

E sabemos, é claro, que Agostinho equivocou-se em relação à questão do livre-arbítrio, porque ele próprio sentiu tão fortemente a ação da graça em sua conversão que não apreciou plenamente os ensinamentos patrísticos dos Padres Ortodoxos sobre o livre-arbítrio, que João Cassiano no Ocidente apreciou e ensinou.

Novamente, Kireyevsky diz:

Já que o apego especial da mente romana à cadeia externa de conceitos não era isento de perigo para os teólogos romanos, mesmo quando a Igreja Romana ainda era uma parte viva da Igreja Ecumênica, quando a consciência comum de todo o mundo Ortodoxo restringiu cada característica especial em um equilíbrio legítimo, é compreensível que, depois de Roma se separar da Igreja Ortodoxa, esse traço particular se tornasse decisivo e dominante na qualidade dos ensinamentos dos teólogos romanos. Pode até ser que esse apego à racionalidade, essa

inclinação excessiva para o pensamento externo de conceitos, fosse uma das principais razões para a própria queda de Roma. Em qualquer caso, o pretexto para a queda não está sujeito a dúvidas. A Igreja latina acrescentou um dogma ao símbolo original da fé, o Credo: um acréscimo que era contrário à tradição antiga na consciência comum da Igreja e era justificado unicamente pelas deduções lógicas dos teólogos ocidentais.

E mais uma vez ele diz:

“Está bem claro para nós por que os teólogos ocidentais com toda sua lógica minuciosa não puderam ver a unidade da Igreja de nenhum outro modo senão através da unidade exterior do episcopado.”

Agora, novamente, ele fala sobre outro ponto:

E isso também explica por que eles puderam atribuir um valor essencial às obras externas do homem; por que, quando uma alma se preparava interiormente, mas tinha uma insuficiência de obras exteriores, não puderam conceber outros meios de salvação do que um período definido de purgatório; por que, finalmente, eles puderam atribuir a certos homens até mesmo um excesso de ações externas dignas e dar essa dignidade àqueles que tiveram ações externas insuficientes.

Isto significa todo o sistema latino de indulgências e as obras supererrogatórias dos santos, dos quais existe todo um tesouro de boas ações, que são somados como num banco, e quando eles têm muitas para a salvação deles, os derramam e o Papa distribui para outras pessoas, de uma maneira muito legalista.

Quando Roma se separou da Igreja Ecumênica, o cristianismo do Ocidente recebeu em si o embrião desse princípio que era a característica comum de todo o desenvolvimento greco-pagão: o princípio do racionalismo. A Igreja Romana se separou da Igreja Oriental, alterando certos dogmas que existiam na tradição de todo o cristianismo, por outros dogmas que eram o resultado de meras deduções lógicas.

O resultado é a Idade Média, isto é, o escolasticismo. E sobre isso Kireyevsky diz:

Um jogo cansativo de concepções sem fim, com a duração de setecentos anos. Esse caleidoscópio inútil de categorias abstratas que girava incessantemente diante do olhar mental inevitavelmente produzia uma cegueira geral em relação às convicções vivas que se situam acima da esfera da razão e da lógica. Pois um homem ascende a convicções não pelo caminho dos silogismos; mas, ao contrário, quando ele se esforça para fundar suas convicções em deduções silogísticas, ele apenas distorce sua verdade se não as aniquila completamente. E assim, a Igreja ocidental, mesmo no nono século semeou em si a semente inevitável da Reforma que colocou a mesma Igreja diante do julgamento desta mesma razão lógica que a Igreja Romana havia exaltado. Um homem pensante já podia ver Lutero por trás do papa Nicolau I, o papa que excomungou São Fócio e fingiu ser o chefe da Igreja no sentido posterior dos papas. Assim como nas palavras dos católicos romanos, um homem pensante do século XVI poderia prever por trás de Lutero os racionalistas protestantes do século dezenove.

*A Igreja Romana só se afastou da verdade porque desejava introduzir na fé novos dogmas desconhecidos da tradição da Igreja e gerados pelas conclusões acidentais da lógica ocidental. A partir disso, desenvolveu-se a filosofia escolástica dentro da estrutura da fé, depois uma reforma na fé e, finalmente, a filosofia *fora* da fé.*

Os primeiros racionalistas foram os escolásticos; poder-se-ia dizer que os últimos racionalistas são os hegelianos de sua época, pode-se dizer que a Europa do século XIX terminou o ciclo de desenvolvimento que havia começado no nono século.

Isso dá uma visão muito precisa, que é uma explicação muito plausível do mecanismo pelo qual Roma deixou a Igreja e desenvolveu toda visão de mundo moderna que é tão anti-Ortodoxa.

É muito difícil ir mais fundo do que isso, encontrar qualquer tipo de razões mais profundas, porque essas coisas estão escondidas para nós. O diabo está constantemente trabalhando. Pode ser que o diabo estivesse tentando repetidas vezes e quando encontrasse os egípcios prontos para entrar no cisma monofisista, talvez tivesse planos de transformá-los no instrumento que usaria para formar a apostasia, ou talvez a mentalidade armênia, e assim por diante; mas aconteceu que foi a mentalidade romana

que funcionou, porque uma vez tendo-se afastado da Ortodoxia, livre para se desenvolver de acordo com seus próprios princípios, tornou-se uma fonte de toda uma nova filosofia que tinha o poder de subjugar o mundo, o que fez finalmente em nosso tempo.

Assim, com o cisma que se tornou definitivo, dizemos, em 1054, com as excomunhões de Roma e Constantinopla, a lógica romana é colocada acima da unidade da Igreja, acima da consciência da Igreja, de modo que o Espírito Santo não mais a guia, como na Igreja Ortodoxa, mas agora há uma autoridade externa, o papa. E os próprios historiadores ocidentais deixam bem claro que, nessa época, algo de novo entrava na Igreja, no Ocidente. Antes disso houve distanciamentos temporários entre o Oriente e o Ocidente, os quais vemos na época de São Fócio e do Papa Nicolau I; houve até excomunhões, mas depois uma restauração da comunhão. O próprio Carlos Magno, ao fazer um império rival no Ocidente, também foi a causa do atrito; mas não foi até este século XI que o estranhamento se tornou então uma separação.

E, ao mesmo tempo, entrou no Ocidente esse novo princípio que é descrito no livro por um dominicano ecumenista, Yves Congar, *Novecentos Anos Depois*, falando sobre as possibilidades de se unir com o Oriente. Ele menciona precisamente isso como uma das coisas que terão que ser superadas antes que possa haver união. Ele diz:

Um cristão do século IV ou V teria se sentido menos desorientado com as formas de piedade no século XI do que sua contrapartida do século XI com as formas do XII, isto é, no Ocidente. Essa mudança já existia neste século, no século XI, no século do cisma e no XII, no auge da Idade Média. A grande ruptura ocorreu no período de transição de um para o outro século. Essa mudança ocorreu apenas no Ocidente, considerando que em algum momento entre o final do XI e o final do século XII, tudo foi de alguma forma transformado. Essa profunda mudança de visão não ocorreu no Oriente, onde, em alguns aspectos, as questões cristãs ainda são hoje o que eram então — e o que eram no Ocidente antes do final do século XI.

E aqui ele acha que chegamos ao cerne do nosso assunto:

No período entre o final do século XI e o final do XII, um ponto de virada decisivo foi alcançado no Ocidente. Foi uma época caracterizada

por várias transições. Houve primeiro, a transição de uma perspectiva predominantemente essencial e exemplarista para uma naturalista, um interesse pela existência. Trata-se de uma transição de um universo de causalidade exemplar, em que as expressões de pensamento ou de ato recebem sua verdade do modelo transcendente que as coisas materiais imitam, para um universo de causalidade eficiente em que a mente busca a verdade nas coisas e nas suas formulações empíricas. Em segundo lugar, houve a transição do símbolo para a dialética, ou, como se pode dizer com maior precisão, de uma percepção sintética para uma inclinação para análise e perguntas.

Aqui temos o começo da escolástica ...A diferença entre os dois mundos é a diferença entre a atitude da percepção sintética na busca da relação das partes com o todo e uma atitude analítica, isto é, que separa e analisa as coisas.

“Basicamente,” diz Congar, “não era contra essa atitude analítica dos católicos que a filosofia religiosa eslavófila visava criticar o catolicismo no século XIX?” E aqui ele quer dizer precisamente Khomiakov e Kireyevsky.

Outra transição foi a de uma cultura onde a tradição reinava e o hábito da síntese se tornava arraigado, para um meio acadêmico em que o questionamento contínuo e a pesquisa eram a norma, e a análise o resultado normal do estudo. O Oriente seguiu o caminho da tradição e mostramos como uma das principais diferenças entre os vários povos da fé ortodoxa é que eles não são treinados, como os latinos, pelas escolas. Os teólogos latinos, acostumados ao escolasticismo, muitas vezes ficavam perplexos ao ver os gregos recusando-se a ceder diante de seus convincentes argumentos racionais, refugiando-se, em lugar disso, no domínio dos textos patrísticos e dos cânones conciliares ...o que era o modo como todos os cristãos raciocinavam antes do cisma. Mas isso permaneceu estranho ao Oriente, que não conhecia o escolasticismo próprio e não experimentaria nem a Reforma nem o racionalismo do século XVI a XVIII. Em outras palavras, o Oriente permaneceu estranho às três influências que moldaram o catolicismo moderno.

E essas são a escolástica, a Reforma e o racionalismo.

Na primeira metade do século XIII, um novo tipo de ensino e estudo teológico apareceu e se estabeleceu no Ocidente. Até então, o tipo dominante de ensino ou estudo era de natureza contemplativa ou monástica, ligada à vida litúrgica das abadias ou catedrais. Agora, foi adicionado um novo tipo de ensino e estudo, de natureza acadêmica e racional, que logo ocuparia o lugar do primeiro ...No Oriente, por outro lado, o ensino e o estudo da teologia, e até mesmo da filosofia, manteve seu status religioso.

Agora tentaremos examinar alguns exemplos do que ele quer dizer. Ele fala de um novo espírito: um novo espírito de interesse no mundo, de querer analisar, toda uma nova técnica de estudo, de dependência da razão humana, que o Oriente nunca teve. Então, vamos examinar, antes de tudo, a questão do escolasticismo.

2.2 O Escolasticismo

E o pobre Tomás de Aquino tem sido tão surrado por nós Ortodoxos que devemos realmente lê-lo para ver o que ele tem a dizer em particular, porque apenas ler um pouco dele revela claramente a visão de mundo subjacente que ele tem, que tipo de perguntas ele faz, como ele as responde e como ele raciocina. Ele, é claro, tem um enorme livro, do qual eu acho que a coisa toda agora está em inglês, em vinte volumes ou algo assim: a *Summa Theologica*, no qual tudo é supostamente colocado: sobre Deus, sobre o homem, sobre o diabo, o mundo, o fim do mundo, o começo do mundo, tudo sobre o que o homem tem que saber. E ele tem tudo dividido em diferentes questões, em categorias.

E aqui está um exemplo de como ele raciocina. Por exemplo, ele faz a pergunta: “Se o diabo é diretamente a causa do pecado do homem?” Nós sabemos que o diabo age sobre nós e o homem entra em pecado, e ele faz todo tipo de perguntas sobre como isso acontece. E, portanto, ele faz a pergunta específica se o diabo é diretamente a causa do pecado do homem. Claro, um escritor Ortodoxo diria que temos que lutar; o diabo tenta nos tentar, mas não podemos ser tentados contra o nosso poder. Temos muitos textos que podem mostrar isso: os Santos Padres, as Escri-

turas e assim por diante. Teremos agora uma abordagem sistemática para essa questão.

Em primeiro lugar, no método escolástico, é preciso ter objeções, como na canonização dos santos, é preciso ter um advogado do diabo, que vai atrás de tudo de ruim que ele é capaz de encontrar sobre o santo, inventando coisas e tentando esmagar as provas. E assim, supostamente de posse do que há de positivo e do que há de negativo, você será objetivo e atingirá a verdade.

Então, temos a “Objeção Um: Parece que o diabo é diretamente a causa do pecado do homem.” Temos essa objeção porque é exatamente o oposto da resposta que ele quer dar.

Pois o pecado consiste diretamente em um ato do apetite. Ora, Agostinho diz que o diabo inspira seus amigos com maus desejos; e Bede, comentando sobre isso, diz que o diabo atrai a mente para os maus desejos. E Isidoro diz que o diabo preenche os corações dos homens com luxúrias secretas. Portanto, o diabo é diretamente a causa do pecado.

É claro que essa evidência pode ser descartada porque ele está citando essas pessoas que não pretendiam dizer o que esse objetor quer dizer. Então você já vê que tem que se torcer e fazer um raciocínio unilateral. E ele permite isso; ele coloca isso ali como argumento, para refutá-lo.

Então, temos outra objeção:

Objeção Dois: Além disso Jerônimo diz que como Deus é o Aperfeiçoador do bem, assim como o diabo é o aperfeiçoador do mal. Mas Deus é diretamente a causa do nosso bem; portanto, o diabo é diretamente a causa de nossos pecados.

É muito lógico: você tem Deus de um lado; mas, claro, fazemos o bem por nós mesmos além de ter a ajuda de Deus. Então isso é ridículo. Mas vamos a uma terceira objeção:

Além disso, o filósofo diz, em um capítulo da Ética: Há um princípio extrínseco necessário do conselho humano. Ora, este tem por objeto, não só o bem, mas ainda o mal. Logo, como Deus move para o conselho bom, e por aí é diretamente a causa do bem; assim o diabo, para o conselho mau, sendo então causa direta do pecado.

E agora ele vai varrer tudo pro lado e mostrar qual é a verdade. Então ele diz:

Pelo contrário, Agostinho prova que nada mais do que sua própria vontade faz do homem um escravo de seu desejo. Ora, o homem não se torna escravo do seu desejo, exceto através do pecado; portanto, a causa do pecado não pode ser o diabo, mas somente a vontade do homem.

E então ele dá sua resposta:

O pecado é um ato. Por isso a causa direta do pecado poderá sê-la também de sermos a causa direta de um ato. E isto não se pode dar senão pelo princípio próprio desse ato que leva a agir. Ora, o princípio próprio do ato pecaminoso é a vontade, pois todo pecado é voluntário. Logo, só pode ser causa direta do pecado o que pode levar a vontade a agir. ...Mas, como já se disse, a vontade é suscetível de dupla moção. Uma, provocada pelo objeto; assim, dizemos que o objeto desejado e apreendido move o apetite. Outra, pelo interiormente inclinante a vontade a querer, e isso só pode ser ou ela mesma ou Deus, como já demonstramos. Ora, Deus não pode ser causa do pecado, como também já demonstramos. Resta, portanto, por este lado, só a vontade do homem como causa direta do seu pecado.

Em tudo isso não há nada como dos Santos Padres; isso é ele provando a você por A+B de maneira lógica, raciocínio silogístico. Ele prossegue e responde às objeções, todas mostrando que ele tentou dividir essa questão, que é muito simples sobre como o pecado age em nós. E os santos padres não vão dividir assim; em geral, eles vão lhe dizer a questão de como um homem peca, e você não terá que dividi-la assim porque é uma questão inteira; é uma questão muito existencial. Nós temos que saber sobre como o pecado age e como o diabo age em nós. Mas quando você divide o assunto em pedacinhos, você se sente muito contente por ter resolvido a questão por meio do raciocínio, e é algo muito diferente da abordagem patrística. Você já fez perguntas que começam a colocar um bocado de distinções desnecessárias.

Por exemplo, há uma pergunta: “Adão não tendo pecado, se os filhos de Adão e Eva contrairiam o pecado original, se só ela tivesse pecado.” Você sabe, se Eva tivesse pecado e depois Adão não a tivesse seguido, nós

teríamos caído? Teríamos pecado original? O homem seria imortal? É uma espécie de pergunta bem abstrata. Quem jamais pensaria? E temos a objeção:

Parece que os filhos de Adão e Eva contrairiam o pecado original, se só ela tivesse pecado. Pois, contraímos dos pais o pecado original por termos preexistido neles, conforme aquilo do Apóstolo: no qual todos pecaram. Ora, o homem preexiste tanto no pai como na mãe. Logo, contrairíamos o pecado original pelo pecado tanto desta como daquele.

Novamente, a segunda objeção:

Se só Eva tivesse pecado, os filhos nasceriam passíveis e mortais. Pois, a mãe é a que dá a matéria da geração, como diz o Filósofo, Aristóteles. Ora, a morte e toda passibilidade decorrem necessariamente da matéria. Mas, a passibilidade e a morte inevitável são penas do pecado original. Logo, se só Eva tivesse pecado, os filhos contrairiam o pecado original.

Objeção Três: Damasceno diz, São João Damasceno, que o Espírito Santo preabitou na Virgem, de quem havia de nascer Cristo, sem pecado original, purificando-a. Ora, essa purificação não teria sido necessária se a mácula do pecado original não se contraísse pela mãe. Portanto, a infecção do pecado original foi contraída pela mãe, de modo que se Eva tivesse pecado, seus filhos teriam contraído o pecado original mesmo se Adão não tivesse pecado.

Tomás de Aquino vai ensinar o contrário, então ele diz:

Pelo contrário, diz o Apóstolo (Rm 5): por um homem entrou o pecado neste mundo. Ora, deveria, mais acertadamente dizer que entrou por ambos, porque ambos pecaram; ou antes, pela mulher, que peceu primeiro, se por ela se transmitisse à prole o pecado original. Logo, não é pela mãe, mas pelo pai, que o pecado original se transmite à prole. A resposta a esta dúvida resulta do que já foi dito. Pois, como já estabelecemos, o pecado original se transmitiu pelo primeiro pai, por dele depender a geração dos filhos. E por isso dissemos que quem fosse só materialmente gerado da carne humana não contrairia o pecado original. Ora, é manifesto, segundo a doutrina dos filósofos, que o pai é

o princípio ativo da geração, ao passo que a mãe ministra a matéria. Portanto não é pela mãe, mas pelo pai, que foi contraído o pecado original. Ora, a esta luz, se não tivesse Adão pecado e Eva sim, os filhos não contrairiam o pecado original. E o inverso se daria se Adão tivesse pecado e não Eva.

E então ele responde as objeções em uma questão que está obviamente além de nossa palavra, porque Deus fez dessa maneira, é assim que é; não cabe a nós especular sobre essas questões que não são para nossa salvação, que só mostram que você tem tempo para sentar em suas cátedras e discutir questões inúteis. É uma pergunta totalmente inútil, e ele resolve e acha que tem a resposta. Na maneira como ele raciocina, você pode ver que isso é muito, muito diferente do espírito dos Santos Padres, que não saem em uma cadeia lógica de raciocínio. É tudo lógica, e às vezes ele chega a conclusões ridículas simplesmente seguindo a lógica.

Assim, podemos ver que isso — e ele é o ápice do escolasticismo — é uma sistematização do ensino cristão e, na verdade, subordina o ensino cristão à lógica. Mas a lógica em si, claro, depende do ponto de partida. E eles pensaram que estavam começando com a revelação cristã básica. Em breve, veremos que há todos tipos de outras coisas entrando, o que afeta a razão. Nesse sistema escolástico, a lógica torna-se o primeiro teste da verdade, e a fonte viva da fé é colocada em um lugar secundário. E é por isso que as pessoas mais tarde odiaram tanto o escolasticismo porque sentiram que era uma estrutura completamente inoperante, no qual não há mais vida, ociosamente discutindo questões que ninguém está preocupado, e quando você discute questões verdadeiras, você as nivela e amortece. E um homem ocidental, sob essa influência, começa a perder sua relação viva com a verdade. E assim o cristianismo é reduzido a um sistema, ao nível humano. E essa é uma das principais raízes dos erros posteriores no Ocidente, que podem ser resumidos como a tentativa de fazer pelos esforços humanos algo melhor que o cristianismo.

Dostoiévski tem uma pequena história sobre isso na lenda do Grande Inquisidor, em *Irmãos Karamazov*, na qual ele descreve muito profundamente o que os Papas fizeram, ou seja, toda a Igreja ocidental fazendo algo melhor do que a Ortodoxia, por seus próprios poderes.

Você pode ver isso, por exemplo, na célebre “Prova da Existência de

Deus” de Anselmo, que inventou a nova prova da existência de Deus, que, como você pode ver, é extremamente inteligente e não prova nada. Ele diz: “O que é Deus? Deus deve ser aquilo que nada maior pode ser concebido.” E até mesmo um ateu dirá: “Bem, se Deus existe, sim, Ele deve ser maior do que aquilo que não existe ou do que pode ser concebido, pois não há nada maior do que Deus segundo aqueles que acreditam Nele.” Então, você entende o primeiro ponto.

Em segundo lugar, a existência é certamente uma característica positiva e algo que deve ser possuído por algo que é maior do que qualquer outra coisa que possa ser concebida. E você pensa, bem, é claro, se uma coisa é realmente maior do que qualquer outra coisa, ela deve existir porque isso é uma coisa positiva, e algo que é inexistente não será maior do que algo que existe. Então ele diz, portanto, aquilo que nada maior pode ser concebido deve ter como uma dessas características que o tornam maior do que qualquer coisa que possa ser concebida, a existência. Portanto, deve existir. Então Deus existe.

E como você vê, você está sendo enganado por este homem. Se você já acredita, pode dizer: “Isso é legal. Você pode provar isso pelas leis da mente.” Mas se você não acredita, sente que foi enganado por essa suposta prova. Porque você não está disposto a admitir, em primeiro lugar, que essa coisa é mais do que uma imaginação; e vemos nisso já as sementes do subjetivismo posterior no Ocidente.

Esta é realmente a mesma coisa que Descartes tentou fazer quando tentou provar sua própria existência dizendo: “Penso, logo existo”; e é também algo que mais tarde Metoxis Makrakis fez quando ele disse que foi o primeiro homem na história da Ortodoxia a provar a existência da Trindade, como se antes deste tempo todos os Padres tivessem perdido tempo, e ele foi o primeiro a ter bastante inteligência e compreensão da filosofia para provar o que os Santos Padres não puderam provar.

Makrakis tem exatamente a mesma mentalidade: “Por meus próprios esforços, eu lhes darei, pessoas simples que acreditam em tudo o que lhes foi dito, eu lhes darei a verdadeira explicação das coisas.” E é exatamente isso que pessoas como Anselmo estão tentando fazer. Este é novamente o espírito de tentar melhorar o Cristianismo, tentando aceitar não como os Santos Padres aceitaram na fé simples, mas provando por meio de ... — na verdade ele está sob a influência de todas essas novas correntes, e espe-

cialmente, claro, de Aristóteles que foi muito influente naqueles tempos, porque ele parecia ter uma espécie de filosofia universal — exceto o cristianismo; sua visão da natureza era considerada absolutamente a verdade.

Então, este é o primeiro ponto: no escolasticismo, a razão humana torna-se a medida em vez da Tradição, e é exatamente aí que Roma errou. Mas isso é apenas parte de todo o quadro do que aconteceu na Idade Média.

2.3 O Romance nas Lendas Medievais

Algo mais aconteceu. A tradição católico-romana não é apenas racionalizada, ela também se mistura com o romance. O elemento de lendas pagãs passa a entrar na vida ortodoxa dos santos neste tempo — em algumas vidas dos santos que temos em nossas fontes ortodoxas, se você ler a mesma vida de um santo em uma fonte medieval latina, você ficará completamente surpreso. Vamos tomar um exemplo, a vida de São Cristóvão, que é conhecida — não se sabe muito sobre ele, mas sua vida é conhecida: ele era um soldado e foi martirizado, torturado. E há vários milagres na vida; ele tem um cajado que brota, isso na tradição das vidas ortodoxas dos santos.

Mas há um livro escrito no século XIII, *Legenda Aurea*, que é uma síntese ou uma compilação de vidas de santos, assim como temos leituras diárias de Dimitry de Rostov, *Vidas de Santos*. A *Legenda Aurea* transforma uma coisa em contos de fadas, e não no relato dessa coisa. No século XIII, no auge da Idade Média, antes do Renascimento, ela relata a vida de São Cristóvão, que é tal que você não vai saber o que ele está falando.

Então parece que, de acordo com essa “vida”, São Cristóvão era algum tipo de bárbaro que decidiu ir em busca do rei mais poderoso do mundo para servi-lo. E ele encontra algum tipo de rei poderoso, que é grande, como sempre acontece, e ele o serve e é muito feliz porque ele pode ser viril e valente e lutar por ele. E depois vem um menestrel para esta corte, você provavelmente já viu essas pessoas por aí, trovadores e assim por diante, e um menestrel chega à sua corte e começa a cantar. E ele canta sobre o diabo, ele menciona o

diabo, e toda vez que ele menciona o diabo, o rei faz o sinal da cruz; ele parece ser algum cristão. E São Cristóvão fica surpreso. “Por que você fez o sinal da cruz? Por que você fez o sinal da cruz sempre que ele mencionou o diabo?”

“Porque eu sou cristão, tenho medo do diabo.”

“Com medo do diabo! Isso significa que o diabo deve ser um rei mais poderoso do que você: eu vou servir o diabo.”

Então ele sai em busca do diabo para servir ao diabo porque ele é um rei mais poderoso. E ele finalmente encontra alguém na estrada e diz: “Quem é você?”

“Eu sou o diabo.”

“Bom, eu quero servir você. Você é o rei mais poderoso do mundo.”

Então ele se dedica ao serviço do diabo e vai com ele em suas aventuras para vários lugares. E eles chegam a uma cruz, e o demônio de repente recua, hesita e foge. E Cristóvão diz: “Por que você fugiu? Eu pensei que você fosse o rei mais poderoso do mundo.”

“Não, eu não suporto a cruz.”

“Por que não?”

“Eu não vou te dizer.”

Ele disse: “Não, se você não me disser, eu irei procurar outro rei poderoso, porque você não é tão poderoso.” E ele explicou que havia alguém que morreu na Cruz, a quem teme e seu nome é Cristo.

Então ele diz: “Ah, isso significa que há um rei mais poderoso ainda. Eu irei e servirei a Cristo.” E assim ele sai em busca de Cristo. Ele chega em algum tipo de homem santo, um monge ou algo assim. E ele diz: “Onde posso encontrar a Cristo?” Bem, o homem fala sobre Cristo. Ele diz: “Oh, quero servi-lo. Como eu sirvo a ele?”

“Bem, comece em jejum.”

Ele diz: “Oh, eu não posso jejuar.”

“Não pode jejuar? Bem, então comece a rezar.”

“Oh, eu não posso rezar.”

“Bem, você não pode rezar. Nesse caso, vá para um certo rio, construa uma cabana, sente-se perto do rio e espere as pessoas virem e leve elas através do rio, e assim você servirá a Cristo.”

Então ele vai para o rio, constrói o seu lugar e senta lá, e uma noite, noite de tempestade, ele ouve uma pequena voz: “Cristóvão,

Cristóvão!” Três vezes ele sai e não vê ninguém, e na terceira vez ele sai e vê uma criança pequena, uma criança bem pequena de pé na margem e dizendo: “Cristóvão, leve-me através do rio.” Então ele a coloca em seus ombros, atravessa o rio e, enquanto isso, o rio sobe cada vez mais alto, e a criança se torna mais pesada, mais pesada. Ele finalmente diz à criança: “Eu sinto como se estivesse carregando o mundo inteiro em meus ombros.”

E a criança diz: “Você está carregando não apenas o mundo inteiro, você está carregando o Criador do mundo.” E então Cristóvão vai embora e é martirizado e assim por diante.

E você pode ver, obviamente, que este é um conto de fadas introduzido na vida de um santo, por quaisquer razões que não sabemos, talvez existam influências pagãs, o resultado de uma imaginação muito boa. Bem, de qualquer forma, este elemento de romance entra até mesmo na vida de um santo, tornando-a em um conto de fadas totalmente inventado. E é por isso que você vê católicos e até algumas pessoas ortodoxas pintar ícones de São Cristóvão com o Menino Jesus em seu ombro, porque a palavra *Christophoros* significa “Portador de Cristo”, portanto eles fazem um tipo interpretação literal e inventam uma história para adequar-se a ela.

E em muitos outros casos, vemos que nas fontes Católicas Romanas, mesmo no auge da Idade Média, no século XIII, muitos desses elementos românticos adentraram. Não podemos confiar nessas fontes. E essa foi a razão pela qual os estudiosos posteriores passaram a desconfiar das fontes. Além disso, há, é claro, coisas como as lendas do Graal, que vêm de lendas celtas, lendas pagãs ...

2.4 O Novo Conceito de Santidade

Então, nós vimos na Idade Média o racionalismo, a lógica, substituindo a fé ou dominando e moldando a fé, tornando-se o critério; e elementos românticos adentrando. E agora chegamos a um ponto muito importante que é talvez ainda mais importante que o escolasticismo, porque no final este fará mais para trazer o Anticristo do que o escolasticismo. Este é o

conceito de santidade que agora se torna diferente do conceito Ortodoxo de santidade. E o melhor exemplo disso é a vida de Francisco de Assis.

Esse homem se tornou tão popular, de fato, tremendamente popular onde quer que fosse, as pessoas andavam atrás, agindo como se o próprio Cristo viesse a elas; e elas cantavam e o acompanhavam. Ele despertou grande entusiasmo, o que mostra que ele estava muito no espírito de seu tempo. Mas se olharmos para a vida dele, vemos que é estranha do ponto de vista Ortodoxo; e podemos dizer que não é de todo uma vida Ortodoxa de um santo.

Ele fundou uma nova maneira de vida. Inventou a regra da pobreza porque ele estava na igreja um dia e o evangelho estava sendo pregado sobre pobreza, sobre os Apóstolos não levarem nada com eles quando pregaram, embora mais tarde, é claro, os Apóstolos levassem dinheiro e assim por diante. Na primeira vez em que saíram, foram em pares às cidades e pregaram aos judeus e não levaram nada com eles. E ele ouviu isso na igreja e se inspirou para inventar uma nova regra, um novo modo de vida, uma regra de pobreza baseada no evangelho, como se não houvesse uma tradição monástica antes dele, o que existia. E havia muitos grandes santos neste tempo.

Claro, ele podia olhar em volta, talvez os mosteiros fossem corruptos e assim por diante, e ele queria algo diferente. Mas há algo já suspeito em pensar que vai fazer algo *novo*, uma nova regra de vida, baseada não nos Santos Padres. E se ele não gostasse dos recentes pais latinos, ele poderia ter voltado para São João Cassiano, os pais egípcios e assim por diante, mas ele não fez. Ao invés disso, foi ao evangelho, como os protestantes. Foi e inventou ele mesmo uma regra de pobreza. Nada de especial, é claro — monges são pobres — mas ele fez algo especial disso, assim como mais tarde veremos que os católicos estão fazendo algo especial sobre a Mãe de Deus como se ela fosse uma espécie de ser sobrenatural e assim por diante.

E ele deu a ele e a seus seguidores novos nomes. Eles não deveriam ser chamados apenas de monges, eles eram os “Penitentes de Assis”, ou os “Trovadores do Senhor”, eles se chamavam, cantando. Então já vemos que eles achavam que não eram como monges e ascetas anteriores, mas algo *novo*, um espírito novo que está muito de acordo com o espírito dos tempos.

Certa vez, no Natal de 1223, ele decidiu celebrar a Natividade de uma

nova maneira. E assim ele reproduziu na igreja onde ele estava na Itália, o estábulo de Belém. E assim começou a chamada devoção ao presépio na Igreja latina e em torno do presépio ele fez algum tipo de peça que é o começo das peças de mistério na Itália — e ajudando assim a ascensão do drama. E o drama, claro, é algo que, embora tenha surgido dessa mesma coisa, não vamos falar sobre. A peça de mistério, que vem da liturgia na verdade, era centrada em torno da missa e temas religiosos, e são uma adaptação ao novo espírito dos tempos para tornar a religião mais interessante, mais de acordo com a vida cotidiana, mais perto dos crentes, como se a Ortodoxia não fosse suficiente.

Outro aspecto de sua chamada “santidade”. Um historiador dele diz: “Seu próprio ascetismo era muitas vezes envolto na forma de romance.” Então ele corteja a Senhora Pobreza, pensa nela como se ela fosse uma pessoa real, e continua cortejando-a, como o noivo e, claro, tem a Irmã Morte e todas essas personificações.

E um exemplo muito típico de algo novo que não é de todo Ortodoxo é o que aconteceu uma vez quando ele estava doente. Ele comeu carne. E uma pessoa ortodoxa que não é monge talvez possa comer carne durante uma doença ou algo assim. Se o fizesse, se sentiria arrependido, pediria o perdão de Deus e sentiria “eu não sou bom”, e pediria que, se quisesse, Deus o perdoasse. Mas não Francisco de Assis. Em vez disso, ele saiu para pregar para o povo. Havia uma grande multidão, milhares de pessoas, como de costume, e ele disse: “Parem. Todo mundo fica aqui até eu voltar.” E ele foi à igreja próxima e forçou dois de seus discípulos a fazer o que ele lhes dissesse por obediência. Um deles derramou sobre sua cabeça cinzas, um balde cheio de cinzas; o segundo colocou uma corda em volta do seu pescoço e levou-o até as pessoas que estavam esperando para ver o que aconteceria. E aqui vem Francisco de Assis, guiado por uma corda com cinzas em sua cabeça, e ele olha para elas e diz: “Você me considera um santo, mas eu comi carne quando estava doente.”

Desse jeito, ele está fazendo uma demonstração pública de que “Espera-se que eu seja muito santo, e, se cometi um erro, tenho que pagar por ele para que as pessoas pensem que ainda sou santo.” Então nós vemos que ele já está desempenhando o *papel* de um homem santo que deve aparecer diante do povo como puro, ao passo que um homem santo genuíno se arrepende, e é ainda melhor se as pessoas pensam que ele é ruim ou mau.

Pe. Herman: Bem, aqui está um bom exemplo: os tolos por Cristo, em geral, fazem exatamente o oposto. Eles agem como loucos para serem colocados para baixo ...

Pe. Serafim: E é claro que as pessoas que já estão tendo novas ideias sobre a santidade dizem: “Oh, quão humilde esse homem é!” E, na verdade, há uma falsa humildade; isso não é humildade. E, de fato, a chave para santidade dele é o orgulho. Ele está consciente de si mesmo como sendo um homem santo. Ele disse: “Eu não vejo em mim qualquer pecado que eu não tenha expiado por confissão e arrependimento. Pois o Senhor, em Sua misericórdia, me deu o dom de reconhecer claramente na oração aquilo em que tenho sido agradável a Ele e aquilo que não agradei”, isto é, auto-satisfação espiritual. “Eu sou santo; eu pequei, mas eu fiz um certo número de penitências, e fazendo, me arrastando diante do povo ...agora eu sei que sou puro.”

E podemos contrastar isso com várias vidas de santos Ortodoxos, por exemplo, São Sisoies, que estava se preparando para morrer e depois viveu por um curto período de tempo porque, quando seus discípulos lhe perguntaram: “Por que você está voltando?” ele disse: “Um anjo me disse que eu não estava pronto; eu devo me arrepender ainda mais.” São Sisoies supostamente viveu uma vida santa e disse: “Eu tentei toda a minha vida para agradar a Deus, e agora, no final, não sei se o agradei ou não.” Francisco sabe que ele agradou a Deus. Este é o espírito já do fariseu.

No seu leito de morte, Francisco diz: “Eis que Deus me chama e eu perdoo todos os meus irmãos presentes e ausentes de suas ofensas e erros, e perdoo seus pecados na medida em que isso está em meu poder.” Ele não era um padre, portanto, mesmo nesse sentido indireto, ele não tinha poder; ou seja, ele tinha algum tipo de reconhecimento em si mesmo do poder da santidade pelo qual ele poderia perdoar os pecados das pessoas, o que é totalmente não-Ortodoxo. E suas últimas palavras foram: “Eu fiz o que tinha que fazer. Eu retorno a Deus. Que Ele tenha piedade de você.” Isto é, “eu sou perfeito; eu fiz, eu terminei, estou perfeitamente justificado.”

Novamente, típico desse tipo de santidade é um incidente em sua vida em que Cristo supostamente apareceu a ele em oração e ofereceu-lhe qualquer favor que desejasse. Isso já é romance e contos de fadas — três desejos e assim por diante. Mas esse tipo de familiaridade de um santo

com Deus é típico de um *prelest*, um engano espiritual. E Francisco pediu, já que ele era muito sobrecarregado com o seu amor pelos homens, que uma indulgência plenária seja concedida a todos os que confessassem e visitassem a sua capela, no centro da sua Ordem. E Cristo concordou, mas disse que o papa deve aprová-lo. O papa fez isso. E a partir desse dia, 2 de agosto, você pode obter uma indulgência plenária, indo à sua capela, recebendo confissão, o que significa que você não terá que sofrer as consequências temporárias por seus pecados. Todo um novo sistema de indulgências é claro já neste século XIII; já está lá.

Pe. Herman: Na revista *Metropolia* para crianças, eles têm uma vida de São Francisco, chamada *Vida Jovem*. E crianças Ortodoxas recebendo isso junto com São Serafim e mais. Podemos nos unir a eles?

Pe. Serafim: Mas há mais uma coisa, que é a característica mais marcante dessa chamada “santidade”; de fato, a característica mais notável de seu engano é que ele imitou a Cristo de uma maneira exterior. Quando ele teve seus primeiros, creio eu, sete discípulos ou talvez doze — provavelmente doze e começou com sete. Ele os reuniu e os enviou de dois em dois para ir pregar o evangelho: ele foi para a França, dois para outro lugar, Inglaterra, Itália e assim por diante. E ele usou as próprias palavras do evangelho: “Estou lhe enviando de dois em dois para ir e pregar o perdão dos pecados.” Antes de tudo mandou-os para países *cristãos* e só depois enviou para países não cristãos, como se estivesse ensinando um novo evangelho, como se isso já não tivesse sido feito, como se ele fosse um novo Cristo, mandando *seu* próprio evangelho; porque esses países já têm seus bispos ou seus sacerdotes, todo o sistema, e os está enviando para os mesmos países que já têm seu governo cristão para pregar seu evangelho. De fato, eles vão e fundam a Ordem Franciscana.

Mais uma vez, pouco antes de morrer, trouxeram pão para ele. Ele abençoou o pão, partiu-o e foi dado aos seus discípulos, e a vida de São Francisco diz que ele lembrou da refeição sagrada que o Senhor celebrou com seus discípulos pela última vez; conscientemente dando-lhes uma “última ceia”.

Novamente, há algo muito interessante que aconteceu com ele quando recebeu os estigmas, que são as marcas das feridas de Cristo, cinco marcas — nas mãos, no lado, nos pés. Antes de recebê-los, que na Igreja Católica é aceito como um sinal real de um santo, ele orou para que pudesse sofrer

o que Cristo sofreu na alma e corpo e, cito:

“Que eu possa sentir o máximo possível com todo o meu ser aquele amor ilimitado com o qual Tu queimaste, ó Filho de Deus, e que Te fez suportar tantos tormentos por nós pecadores.”

Esse é um atrevimento nunca visto nos verdadeiros Santos: que eles queiram ter o próprio amor de Deus e queiram sofrer o que Ele sofreu sentindo a carne. Isso não é esforço espiritual. Isto é uma busca por sensações corporais e o grande orgulho que ele sentia em desejar sentir os próprios sentimentos de Deus. E você pode contrastar isso com qualquer um — Cristo aparece a santos. Ele apareceu para São Serafim enquanto Serafim servia como diácono na igreja, e São Serafim não orou: “manifeste-se a mim” ou “faça-me sentir o que você sentiu”. Ele estava orando na igreja; Cristo apareceu para ele. E Serafim nem queria falar sobre isso.

E então, quando ele recebeu os estigmas, houve uma visão de um serafim com Cristo crucificado sobreposto a ele, que veio até Francisco e que lhe mostraremos em um de seus ícones, dispara raios, raios de sol e lhe dá os estigmas. E neste momento, segundo a sua vida, Francisco sentiu-se totalmente transformado em Jesus, o que é uma blasfêmia. Essa é a raiz de toda a espiritualidade Católica: essa doçura de que Jesus está se aproximando: “Eu sou inteiramente um com Ele e Ele está comigo” — tudo isso é *prelest*.

E mais tarde, certamente, seus discípulos o chamam de “novo Cristo”. Em uma vida, até mesmo diz — que Inácio Brianchaninov gosta de citar — que quando Francisco morreu e foi elevado ao céu, Deus, vendo-o, não sabia quem era maior, Francisco ou Seu próprio Filho.

Esse tipo de santidade, espiritualidade já é muito pior do que o racionalismo do escolasticismo, porque significa que ...você pode ter racionalistas ensinando em seus seminários e ainda ser uma pessoa santa, ainda apegada à fonte da espiritualidade — mas quando o padrão de espiritualidade em si torna-se essa coisa enganosa, presunçosa cheia de orgulho, então a raiz é completamente perdida. E assim é, obviamente, que esse tipo de espiritualidade ...e isso já é 1200, o final do século XII, no século XIII, cem anos depois do cisma, 150 anos depois — o conceito de espiritualidade é tão diferente do Oriente, que não há mais contato possível. Isso é o que chamamos de pessoa enganada. Este seria um exemplo clássico de uma pessoa que está vivendo em *prelest*.

Bem, é óbvio que isso estava ligado a ele, que ele tinha uma imaginação muito forte. E nós não conhecemos as leis desse tipo de coisa, mas é algo que está do lado das propriedades corrompidas. Talvez não seja propriamente magia negra, mas está muito ligado aos domínios obscuros da psique, em cujas tumbas podem aparecer todo tipo de coisas.

2.5 Joaquim de Fiore e a Terceira Idade

Mas o pior está por vir. Os seguidores de Francisco são muito interessantes porque neles surgem as conclusões lógicas desse novo tipo de espiritualidade, esse novo tipo de santidade. Eles veem que há algum tipo de novidade, até o chamam de “novo Cristo”, algum tipo de novo espírito entra no mundo, uma nova espiritualidade. E assim, é com um dos seus discípulos, Joaquim de Fiore, que surge, pela primeira vez, o conceito da vinda da “Terceira Idade do Espírito Santo”, que é a base de todas as filosofias modernas de progresso, *quialismo* e Nova Era. Ele mesmo obteve essa revelação sobre isso — não foi pensando — foi em uma visão. Este livro muito interessante sobre o *Significado na História* dá uma filosofia da história, de várias pessoas da Idade Média aos tempos modernos. E o livro diz o seguinte sobre isso:

Foi um momento decisivo na história da igreja cristã quando um abade italiano, um profeta e santo de renome e homem treinado na disciplina mais austera da Ordem Cisterciense, após árduo estudo e meditações no deserto de suas montanhas da Calábria, recebeu inspiração no Pentecostes (entre 1190 e 1195) — na verdade, ele não era um verdadeiro discípulo de Francisco — revelando-lhe os sinais dos tempos à luz da Revelação de São João. Ele diz: “Quando acordei de madrugada, fui ao Apocalipse de São João. Lá, de repente, os olhos do meu espírito ficaram impressionados com a lucidez do insight, e me foi revelado o cumprimento deste livro e a concordância do Antigo e do Novo Testamento.”

E ele, portanto, tem uma interpretação totalmente nova do que é o significado do Antigo e do Novo Testamento.

O esquema geral da interpretação discriminativa de Joaquim é baseado na doutrina trinitária. Três diferentes dispensações ocorrem em três épocas diferentes nas quais as três pessoas da Trindade são sucessivamente manifestadas. A primeira é a dispensação do Pai, a segunda do Filho, a terceira do Espírito Santo. A última está apenas começando agora, ou seja, perto do final do século XII e está progredindo em direção à completa “liberdade” do “espírito”. Os judeus eram escravos sob a lei do Pai. Esse é o Antigo Testamento. Os cristãos da segunda época eram, embora incompletos, espirituais e livres, a saber, em comparação com a legalidade moral da primeira dispensação. Na terceira época, as palavras proféticas de São Paulo se tornarão realidade, e nós só conheceremos e profetizaremos agora em parte, “mas quando vier o que é perfeito, o que é em parte será aniquilado.” (I Cor. 13:9-10)

E ele diz, Joaquim:

Nós já podemos apreender o desvelamento da libertação final do espírito em sua plenitude. A primeira época foi inaugurada por Adão com medo e sob o signo da lei; desde Abraão, deu fruto para se realizar em Jesus Cristo. A segunda foi inaugurada por Uzias com fé e humildade sob o signo do evangelho; desde Zacarias, pai de João Batista, deu fruto para se realizar nos tempos futuros. A terceira foi inaugurada por São Bento — porque ele era muito monasticamente orientado — em amor e alegria sob o signo do Espírito; e passará com o reaparecimento de Elias no fim do mundo ...

As idades se sobrepõem.

[Lowith, p. 148-50] A primeira dispensação é historicamente uma ordem dos casados, do Antigo Testamento, dependente do Pai; a segunda, uma ordem de clérigos dependentes do Filho; a terceira é uma ordem de monges dependente do Espírito da Verdade. A primeira era é governada pelo labor e trabalho, a segunda pela aprendizagem e pela disciplina, a terceira pela contemplação e pelo louvor ... Os tempos que passaram diante da lei, e sob a graça, foram tão necessários quanto a época vindoura que cumprirá esses estágios preparatórios; pois a lei fundamental da história da salvação é o progresso contínuo do tempo do

Antigo e do Novo Testamento, da “letra” para o “espírito”, em analogia à transformação miraculosa da água em vinho.

*Assim, os próximos tempos do Espírito Santo são sucessivamente prefigurados na primeira e segunda épocas do Pai e do Filho, que são estritamente concordantes, pois cada figura e evento do Antigo Testamento, se compreendido espiritualmente, é uma promessa e significação de uma figura correspondente e evento do Novo Testamento. Essa correspondência é de significado e de sucessão, isto é, certos eventos e figuras do Antigo Testamento são espiritualmente contemporâneos com certos eventos e figuras do Novo Testamento, tendo uma posição histórica e significância concordantes. Assim, por exemplo, o batismo de João pela água reaparece intensificado no batismo de Elias pelo fogo do Espírito Santo, que engole tudo o que é carnal e meramente da letra. Todo esse processo de *consummatio* progressiva é, ao mesmo tempo, um processo contínuo de *designatio*, invalidando as promessas e significados precedentes. Os períodos de cada dispensação têm que ser considerados, no entanto, não por anos homogêneos, mas por gerações que são concordantes não pelo seu comprimento, mas pelo seu número, cada um deles se estendendo por cerca de trinta anos. O número 30 não tem base natural, mas espiritual. Refere-se à perfeição da Trindade da única Divindade e a Jesus que tinha trinta anos de idade quando obteve seus primeiros *filii spirituales*. De acordo com os cálculos de Joaquim (baseado principalmente em Apocalipse 11:3 e 12:6; Mat. 1:17), sua própria geração é a quadragésima, e a suposição de seus seguidores era que, após um período de mais duas gerações, isto é, em 1260, o clímax seria alcançado, revelando Frederico II como o Anticristo e os espirituais franciscanos como os líderes providenciais da nova e última dispensação, que terminaria com a consumação definitiva da história pelo juízo final e ressurreição. No tempo histórico, a meta e o significado da história da salvação é a intransigente realização dos preceitos e exortações evangélicos, em particular o Sermão da Montanha.*

O que é novo e revolucionário na concepção de Joaquim da história da salvação deve-se ao seu método histórico-profético de interpretação alegórica. Na medida em que é alegórico e tipológico, não é novo, mas apenas uma aplicação coerente da exegese patrística tradicional. Mas essa

*exegese serviu à imaginação surpreendentemente fértil de Joaquim não para propósitos estáticos — isto é, morais e dogmáticos — mas para uma compreensão dinâmica da revelação através de uma correlação essencial entre escritura e história e entre suas respectivas interpretações. Um deve explicar o outro se a história, por um lado, é realmente sagrada e cheia de significado religioso e se, por outro lado, o evangelho é o *rotulus in rota* ou o eixo central dos acontecimentos do mundo. Admitindo que a história é uma história da salvação e que a história da igreja é seu padrão, então a única chave apropriada para sua compreensão religiosa deve ser as Sagradas Escrituras, cuja concordância prova a Joaquim não uma doutrina absoluta, mas a estrutura significativa de um processo histórico. Com base na simples crença no caráter inspirado da escritura, Joaquim pôde extrair dela uma compreensão espiritualmente religiosa da história e, por um lado, descobrir na história a presença oculta de categorias puramente religiosas. Esta tentativa de explicar a história religiosamente e a Revelação de São João historicamente não é nem mais nem menos que uma intrincada elaboração do pressuposto cristão de que a igreja é o corpo de Cristo e que, portanto, sua história é intrinsecamente religiosa e não meramente um departamento da história do mundo. E, uma vez que a história depois de Cristo ainda está a caminho, porém revelada como tendo um fim, a plenitude do tempo não deve ser concebida tradicionalmente como um evento único do passado, mas como algo a ser trabalhado no futuro, na perspectiva dos quais a igreja, de Cristo até agora, não é um fundamento eterno, mas uma prefiguração imperfeita. Portanto, a interpretação da história torna-se necessariamente profecia, e a correta compreensão do passado depende da perspectiva adequada para o futuro, na qual as significações precedentes chegam ao seu fim. Essa consumação não ocorre além do tempo histórico, no fim do mundo, mas em uma última época histórica. O esquema escatológico de Joaquim não consiste nem num simples milênio nem na mera expectativa do fim do mundo, mas num duplo *eschaton*: uma fase histórica última da história da salvação, precedendo o *eschaton* transcendente do novo eon, inaugurado pela segunda vinda de Cristo. O Reino do Espírito é a última revelação do propósito de Deus na terra e no tempo. Consequentemente, a instituição do papado e da hierarquia clerical é limitada à*

segunda época. Isso implica uma revisão radical da doutrina católica da sucessão de São Pedro até o fim do mundo. A igreja existente, embora fundada em Cristo, terá que ceder à vinda da igreja do Espírito, quando a história da salvação atingir sua plenitude. Essa transição final também implica a liquidação de pregações e sacramentos, cujo poder mediador se torna obsoleto quando se realiza a ordem espiritual que possui conhecimento de Deus por visão direta e contemplação. A real significação dos sacramentos não é, como no caso de Agostinho, a significação de uma realidade transcendente, mas a indicação de uma potencialidade que se realiza no quadro da história.

3.^a idade é a última (Lowith, p. 151) — o quiliasmo.

*[Lowith, p. 151] Pertencendo-se à segunda época, Joaquim não tirou conclusões revolucionárias das implicações de suas visões histórico-escatológicas. Ele não criticou a igreja contemporânea, nem a sua interpretação do anjo do Apocalipse (Apocalipse 7:2) e o *novus dux* (novo líder), designado para “renovar a religião cristã”, queria dizer que ele pretendia uma reorganização revolucionária das instituições e sacramentos existentes. Para ele, significava apenas que um líder messiânico deveria aparecer, “quem quer que fosse”, promovendo uma renovação espiritual em prol do Reino de Cristo, revelando, mas não abolindo, o que até então tem sido velado em figuras e sacramentos significativos. As conclusões revolucionárias foram extraídas mais tarde pelos homens dos séculos XIII e XIV, pelos espirituais franciscanos, que reconheceram em Joaquim o novo João Batista, anunciando São Francisco como *novus dux* da última dispensação, até mesmo como o “novo Cristo”. Para eles, a igreja clerical estava de fato no seu fim. Rejeitando a distinção entre rigorosos preceitos e flexíveis conselhos, eles fizeram uma tentativa radical de viver uma vida cristã em pobreza e humildade incondicionais e transformar a igreja em uma comunidade do Espírito Santo, sem papa, hierarquia clerical, sacramentos, Sagrada Escritura e teologia. A regra de São Francisco era para eles a quintessência do evangelho. O impulso que dirigia seu movimento era, como com Joaquim, a intensidade de sua expectativa escatológica em relação à época presente como um estado de corrupção. O critério pelo qual eles julgaram a corrupção de seus tempos e a alienação do evangelho era a vida de*

São Francisco. E como Joaquim já esperava que dentro de duas gerações a batalha final seria travada entre a ordem espiritual e os poderes do mal, seus seguidores puderam ainda mais definitivamente interpretar o imperador como o Anticristo — eventualmente, no entanto, como o instrumento providencial para a punição de uma igreja anticristã que obstruiu sua própria renovação perseguindo os verdadeiros seguidores de Cristo.

Então, por que existe essa ideia de uma terceira idade? É obviamente porque, com a vinda de Cristo, há algo de *novo* no mundo. Ou seja, toda a história do mundo é dividida em duas épocas: antes de Cristo e depois de Cristo; a preparação de Cristo e a consumação. Mas uma vez que alguém perde a compreensão cristã do espírito de Cristo — o cristianismo como a preparação para o reino dos céus — então essa novidade deixa esse alguém livre para especular.

Nós vemos que os escolásticos estão raciocinando: eles encontram o que sua lógica lhes diga. E quando você especula sobre a ideia de novidade, começa a dizer: “Por que não podemos ter algo novo agora? O próprio cristianismo se tornou obsoleto. Nossos monges se tornaram corruptos.” Isso é o que Francisco estava se rebelando contra. Ele queria ter uma pobreza mais pura. E, portanto, a partir da própria ideia do cristianismo, uma vez que a ideia da tradição cristã é removida, você logicamente tem a ideia de um “novo” cristianismo, algum novo florescimento da sabedoria, espiritualidade e, de fato, uma nova revelação. Este, novamente, é o “Grande Inquisidor” de Dostoiévski, com a criação de um novo cristianismo melhor do que o cristianismo.

E é claro que todo esse tempo libertou o protestantismo e todas as seitas de hoje. E a fonte para esses não é mais a tradição Ortodoxa, que está perdida; a fonte é a razão ou visões. Neste momento, claro, temos todas essas coisas novas surgindo na Igreja Católica, as novas ordens: dominicanos, franciscanos e todo o resto, a própria ideia de que este é o caminho normal. E assim, esses dois, Francisco e Joaquim, serão muito influentes em tempos posteriores. As pessoas continuam voltando às suas ideias porque estão no período inicial da era moderna.

Existem alguns outros pontos que são menos importantes, mas ainda revelam uma visão muito sintomática da Idade Média. Sobre Joaquim,

ele enfatizou o fato de que este Reino do Espírito é a última revelação, ou seja, é o *millennium*, ou quiliasso, a expectativa quialística. E ele usou até mesmo uma frase: “a Igreja do Espírito que estava por vir”.

2.6 A Arte Medieval

Podemos olhar para a arte e ver algo muito interessante, porque apesar da iconografia, o estilo iconográfico nunca foi completamente desenvolvido no Ocidente. Na Itália havia uma tradição iconográfica; e eles tinham muitas igrejas em Ravena e assim por diante, que são em estilo iconográfico. Mas nessa época, o que quer que tinham na Itália começou a ser transformado.

Vemos em alguém que é considerado ainda na tradição bizantina, supostamente com um pouco de tradição — um pintor chamado Duccio que viveu cem anos depois de Francisco, no fim do século XIII. Podemos ver a partir desta pintura que Cristo parece muito sereno e calmo; é obviamente influência de Bizâncio. E já estão aí os rostos que começam a introduzir um pouco de interesse humano. Eles são psicologicamente muito bem desenhados. Mas eram muito agradáveis comparado com as crucificações sangrentas e assim por diante; é muito sereno e calmo, parece quase bizantino. Esse é Duccio, que vem antes dessa grande mudança. E você vê, olha esses rostos nos anjos, eles são pessoas; olhe para os anjos, não querubins, ainda não são decadentes, mas são pessoas que têm características psicológicas bem definidas, talvez alguém posou para a pintura. E você vê todos os tipos de interesse humano. As pessoas estão olhando, tristes e olhando ao redor. O tipo de iconografia está sendo perdido. Há algo, um tipo de novo princípio chegando.

Mas quando você chegar ao próximo pintor sobre o qual vamos falar, aquele que foi contemporâneo ...bem, na verdade ao mesmo tempo, porque ele estava preservando mais o estilo mais antigo. Mas há um pintor que é o mais típico desse período chamado Giotto, que estava muito ligado a Francisco porque foi contratado para pintar a vida dele na basílica de Assis. Sobre ele, um historiador diz:

A pintura não era mais um eco da tradição, mas elevou-se imediatamente à dignidade de invenção ...A arte não trabalhava mais em

modelos convencionais, abstratos e ideais; seus modelos seriam as realidades da natureza ...A representação da vida real deveria se tornar o objeto de toda pintura.

E, portanto, é chamada de revolução artística, e é bem apropriado que o novo santo, novo tipo de santo, já tenha um novo tipo de “ícone”, que não é mais um ícone, mas uma pintura religiosa. Falsa iconografia; o falso santo dá origem a uma falsa iconografia.

Ele adiciona muitos elementos da vida cotidiana. Este é o começo desta coisa que você vê mais tarde na pintura renascentista, onde há todos os tipos de cenas pitorescas da vida cotidiana. Você até vê uma crucificação de Cristo no coração de Bolonha ou algo parecido; é para mostrar que nós estamos ...é uma combinação do atual e etc. Mas você pode ver nessas pinturas de Giotto o quanto ele está longe de Duccio. Aqui está um chamado “Lamentação de Cristo”; se você olhar para o zoom, em especial, verá que os rostos são muito ...

Pe. H: Terríveis.

Pe. S: Meio que terrível e muito estranho. Ainda é uma pintura religiosa, reconhecível, não tem todos os ...de mais tarde, mas já parece muito estranho, não é de todo um estilo iconográfico. E Francisco recebendo os estigmas, já é uma espécie de *prelest*; aqui está a visão que ele obteve diretamente de si mesmo ...

Pe. H: É demoníaco.

Pe. S: Cristo no serafim, essa coisa estranha, essa coisa demoníaca, é um “ícone” de Francisco. E isso é um pouco ao mesmo tempo. Você já vê todos esses diferentes tipos de faces. Ele está obviamente tentando capturar aspectos psicológicos ...

Pe. H: Terreno, terreno.

Pe. S: ...aspectos terrenos dessas pessoas. Cristo é um Cristo ainda reconhecível, mas ...todas as outras pessoas com essas paixões, essas ...

Pe. H: Isso não é ícone.

Aluno: Há, ainda há um remanescente aqui, porque se percebe as três estrelas da Mãe de Deus, ainda um remanescente por aí.

Mas vamos mostrar em uma palestra posterior como e o que aconteceu no Renascimento quando a arte desandou completamente. Você já pode ver aqui o principal do porquê, como a arte começa a se perder.

Os elementos pitorescos começam a entrar, e toda a ideia do ícone de um Santo como ele está no céu é perdida. Em vez disso, é o Santo como ele é na terra, uma figura terrena. Começa-se a entrar todos tipos de coisas terrenas. E no Renascimento nós veremos que até a arte religiosa agora se torna um veículo para uma religião completamente diferente.

2.7 A Política e o Papado

Um aspecto final é, devemos tocar muito brevemente, a esfera política. A ideia de um império bizantino foi perdida. O que é o império? O império não é algum tipo de instituição mística; é antes aquela instituição política que providencialmente permitiu a disseminação do cristianismo. E assim que o império foi batizado, tornou-se cristão, o imperador deveria proteger a religião de seu povo e dar o primeiro exemplo de vida religiosa, de modo que as instituições se tornaram cristianizadas.

Neste mundo, claro, nunca pode haver uma cristianização perfeita da sociedade, e não havia nenhum tipo de ideia romântica de ...aperfeiçoar a sociedade na terra; mas sim que havia um ideal, um ideal celestial que tudo na terra deveria imitar. Mas esse ideal estava totalmente perdido no Ocidente; claro, havia as imitações políticas.

Primeiro de tudo, no século IX houve o império rival de Carlos Magno, que foi conscientemente estabelecido como um rival. O papa realmente escolheu Carlos Magno ao invés de Irene, a oriental, que era a favor dos ícones. Carlos Magno era contra os ícones e também favorecia o *Filioque*. Já vemos que isso é muito instável. E este império deu origem ao que foi chamado o Sacro Império Romano no Ocidente.

E Kireyevsky observa:

Temos uma Santa Rússia porque há homens santos nela ...mas o santo Império Romano era santo em si mesmo, porque não havia homens santos ou santos imperadores nele. Chamava-se “santo” porque a própria instituição foi concebida como sendo santa.

E essa é uma tentativa, que se tornará muito forte depois, de santificar o mundo, no qual uma instituição terrena é concebida como algo santo.

As Cruzadas neste tempo tiveram — embora ostensivamente realizadas para expulsar os infiéis do Oriente — em seu efeito prático, a função de subjugar o Império Bizantino e fazê-lo unir-se com o Papa.

Mas a ideia política mais profunda de todos na Idade Média era a do papado. Na verdade, a monarquia universal do papa. No período imediatamente anterior ao cisma, em algum lugar entre o oitavo e o décimo século, há este falso documento, “A Doação de Constantino”, no qual Constantino supostamente deu a autoridade temporal ao papa. E como resultado disso, os papas, provavelmente com o estímulo do documento ...como resultado de ver que o papa já estava se tornando uma figura política. Mas o resultado disso foi que o próprio papa é percebido como uma autoridade temporal, e como uma espécie de imperador no Ocidente, porque o império no Ocidente sempre foi muito fraco. E a principal autoridade política é realmente o papa. E temos até as teorias dos pensadores medievais de que toda a terra do mundo pertence ao papa. Ele só dá para as pessoas, como no sistema feudal. Na verdade, teoricamente, ele possui o mundo, a terra, não apenas a parte espiritual.

O clímax desse tipo de ponto de vista está no ano de jubileu de 1300. Eles estão tendo um ano de jubileu agora (1975) também em Roma. Em 1300 houve um ano de jubileu com o papa Bonifácio VIII, que se sentou no trono de Constantino, vestiu-se com uma espada, coroa e cetro e gritou: “Eu sou César. Eu sou o Imperador.” Isso não é um acidente, porque isso é uma indicação de algo extremamente profundo em todo o pensamento moderno, que é a busca de um monarca universal, que é o Anticristo.

2.8 Conclusão: As Sementes da Modernidade

Como conclusão, podemos dizer que esse espírito que vimos na pintura, na política, na teologia, na filosofia e na espiritualidade é um espírito deste mundo, de engano, de *prelest*; do começo de todas aquelas coisas que achamos tão estranhas nos santos ocidentais, os chamados “santos” pós-cisma. Essas fantasias vãs, doçuras e todo tipo de doçura — sentimentos, imaginações ...

Pe. H: Terreno.

Pe. S: ...que pertencem à terra, no qual a imaginação religiosa envolve os interesses terrenos. E estes fazem a separação, ou o estranhamento entre o Oriente e o Ocidente, já começando no tempo de Fócio e Carlos Magno, quando chegamos agora à separação final. E nós simplesmente não podemos voltar e nos unir a essa igreja, a menos que essa igreja se purifique desesperadamente. E como pode se purificar quando essas coisas se tornam muito profundas em sua própria mentalidade e na ideia do que é um santo?

Nesta aurora da história moderna, no século XIII, todas as sementes da mentalidade moderna estão presentes. E a história moderna segue logicamente dessas sementes. Essencialmente, é uma coisa — a busca de um novo cristianismo que é melhor que a Ortodoxia, melhor do que o cristianismo dos Santos Padres, que Cristo nos deu.

Mais tarde, tomará formas que passam pelo ateísmo e por todos os tipos de crenças malucas, mas essencialmente a busca permanece a mesma, e no final o mundo será cristão, porque é o Anticristo que lhes dará uma nova religião, que não será algo estranho ao cristianismo. Não será algum tipo de paganismo. Será algo que todos aceitarão como cristianismo, mas será anticristão. Um substituto do cristianismo que nega a própria essência do cristianismo.

E é por isso que a principal história da rebelião contra Cristo não é nada menos do que a apostasia de que fala São Paulo. Não é por meio de perseguição como foi no começo, mas por meio de tomar o cristianismo e mudá-lo para que ele não seja mais cristão. E isso é o que podemos chamar de “desdobramento do Mistério da Iniquidade” em preparação para o Anticristo.

Mais tarde, veremos alguns desses temas centrais de toda a história moderna, alguns dos quais não parecem muito evidentes em algumas épocas. Um é esta luta pela monarquia mundial, governante do mundo, ligada à ideia do papado. Outro é a ideia da santificação do mundo, a divinização do mundo. Essa é a ideia do *quiliasmo*, que este mundo alcança uma importância que é espiritual. Sacro Império Romano, Francisco com seu sentimento de ser divino.

E o terceiro e mais óbvio é que o homem substitui a Deus como o critério da verdade. Seu sentimento, sua lógica. O homem substitui a Deus como critério para a verdade. Mais adiante veremos como, a que extremo

limite isso acontece no Renascimento e depois em toda uma religião do homem; mas já nestes primeiros tempos, o homem se coloca acima da tradição, acima do divino. E Francisco se coloca mesmo junto com Cristo; ele se torna transformado em Jesus.

Tudo isso é a preparação para a próxima palestra, na qual vamos examinar o que aconteceu no Renascimento e na Reforma quando, em oposição a este século XIII, que é considerado pelos humanistas católicos de hoje como o auge, realmente o cume do cristianismo no Ocidente ...o Renascimento e a Reforma como um afastamento disso. Nós vemos a Renascença e a Reforma como logicamente procedendo da mesma apostasia que foi iniciada por toda essa nova espiritualidade do século XIII.

Aula 3

O Renascimento

A vida do santo que acabamos de ouvir [1], São Paulo de Obnora, nos dá uma visão de uma civilização que é exatamente o oposto da civilização que estamos estudando agora - a civilização ocidental desde o cisma, desde a Idade Média. Nas civilizações Ortodoxas tradicionais, como a da Rússia, eventos muito semelhantes se repetem. Isto é, há invasões bárbaras, mosteiros são devastados, a vida monástica floresce em um tempo, em outro momento ela se torna relaxada, e então novamente floresce. Santos se erguem, o diabo constantemente ataca; há invasões. E tudo isso acontece sem perturbar a harmonia básica e o equilíbrio da civilização. O mesmo acontece com Bizâncio. O mesmo acontece no ocidente antes do período do cisma.

Não há nada que possamos chamar de “novo”, porque uma vez que o cristianismo foi proclamado, uma vez que Cristo veio e estabeleceu Sua Igreja, não há nada mais que possa ser novo. Esta é a preparação para o fim do mundo, e as pessoas que são penetradas pelos princípios da tradição Ortodoxa não esperam nada de novo neste mundo.

No ocidente, por outro lado, começando já, como vimos na última palestra, com a alta Idade Média, com o escolasticismo, Francisco de Assis, Joaquim de Fiore, o elemento do romance ingressando na religião, as novas idéias políticas - já existe a ideia de que algo novo está acontecendo. O cristianismo está sendo aperfeiçoado. Há uma busca por algum tipo de

“novo cristianismo”, mesmo que eles não usem essa palavra ainda. E essa ênfase é aumentada no período que estudamos agora - o da Renascença, o período após a Idade Média, aproximadamente entre 1300 e 1600. Encontraremos neste período que o que começou na Idade Média já está se tornando uma epidemia. E há coisas que aconteceram totalmente novas na história da humanidade; ou, se existiram antes, agora atingem algum tipo de nível completamente novo.

O propósito dessas palestras, repito, por que devemos estudar o desenvolvimento da mentalidade moderna, é para que possamos entender por que o mundo é como é hoje, o que ocorreu na formação de nossas próprias mentes; para que possamos ser Ortodoxos levantando-nos contra todas as falsas idéias, toda falsa formação em nossas mentes, e vendo qual é a verdadeira mentalidade Ortodoxa e o verdadeiro ensinamento Ortodoxo.

Infelizmente, o fim deste período moderno que começa com o cisma produziu uma geração de pessoas que desconhecem o passado e, portanto, uma pessoa que não sabe o que é o seu passado, torna-se facilmente vítima do seu ambiente (que é baseado em uma filosofia anti-cristã). Ela se torna [vítima] por tudo que está na vida ao seu redor. E estamos tentando entender as coisas que estão na vida ao nosso redor de um ponto de vista filosófico mais profundo, de modo que até mesmo a música no supermercado se torna algo filosófico. Tem por trás dela uma idéia que supostamente nos dá um certo sentimento que nos afasta de Cristo.

E assim o propósito deste estudo é uma autodefesa Ortodoxa. Todo este curso é um exame da história moderna do ponto de vista da Ortodoxia, que é uma maneira inovadora de fazê-lo. Porque todos os livros de história são escritos de outros pontos de vista; ou eles começam com a idéia de que há uma idade das trevas e, em seguida, idades modernas “iluminadas”. E tudo é criticado do ponto de vista da visão moderna e iluminada do mundo científico. Ou então há outra escola que diz que o cristianismo, o cristianismo católico, é o padrão; e o século XIII é o auge, e tudo o mais está se afastando. E há outros pontos de vista.

Mas nosso ponto de vista é a Ortodoxia. E do ponto de vista da Ortodoxia, deve-se dizer que o período da Renascença é, na verdade, muito menos significativo do que o período da Idade Média. [Durante] o período do Renascimento, vemos as mudanças e diferenças mais espetacula-

res do cristianismo antigo; mas o período real em que ocorreram as grandes mudanças, que mais tarde levariam ao Renascimento e além, ocorreu, como vimos na última aula, no período imediatamente posterior ao Cisma.

Depois disso tudo se torna uma dedução lógica daquela primeira mudança. Porque uma vez que a Ortodoxia foi deixada para trás, não há nada além do jogo dos novos princípios que vieram. E todos os princípios que começaram na Idade Média serão trabalhados até os dias atuais, de modo que hoje as forças que estão moldando a história são exatamente as mesmas que eram no século XIII. A diferença que elas alcançaram agora uma forma mais avançada.

O período após a Idade Média é chamado de período da Renascença, o renascimento, isto é, o renascimento da antiguidade. É a era do chamado humanismo. E já está muito claro qual é a base dessa nova época.

Vimos que o período da Idade Média foi dominado pelo escolasticismo, ou seja, a razão que se torna autônoma, a razão que é colocada acima da fé. E esta razão, como bem viu Kireyevsky, no século XIX, quando ele estava criticando o ocidente do ponto de vista Ortodoxo, rapidamente se voltou contra o cristianismo.

Primeiro, [*a razão*] deveria ser a serva da fé e servir ao cristianismo e provar todos os dogmas da fé e provar muitas outras coisas também baseadas na autoridade (autoridade tanto da Escritura, de alguns dos primeiros Padres, principalmente Agostinho, e Aristóteles, uma vez que acreditava-se que Aristóteles tinha a verdadeira visão da natureza).

Mas na era do Renascimento, essa razão se voltou contra a religião. Porque se [*a razão é*] autônoma, é capaz de desenvolver seus próprios princípios; não há razão para que ela seja vinculada ao conteúdo religioso. E também vimos na Idade Média que os grandes movimentos - Francisco e Joaquim - eram muito monasticamente e asceticamente orientados. Mas no Renascimento, houve uma reação completa contra isso. E novamente, o contexto em que as novas ideias surgiram mudou; e, portanto, já não eram pessoas interessadas em monasticismo ou que a razão servisse a teologia. E assim encontramos neste período que a ideia de monasticismo e ascetismo é tratado de maneira extremamente negativa, porque o interesse no mundo agora foi despertado.

E assim era natural que nesse período o homem ocidental se afastasse

da Igreja para a Grécia e Roma pagãs, cujos monumentos estavam espalhados pelo ocidente e especialmente na Itália. E um escritor chegou a dizer que, nesse período, a Grécia e Roma pagãs tinham se vingado do cristianismo, porque essa civilização pagã e antiga havia sido derrubada pelo cristianismo. A antiga civilização pagã que colocou o *homem* em primeiro lugar, foi primeiro derrubada pelo cristianismo, e agora, quando a razão se voltou contra o cristianismo, esse antigo paganismo teve sua vingança contra o cristianismo, unindo-se à razão. E, por sua vez, esse paganismo deu um grande ímpeto, um grande impulso a um ideal de total mundanismo.

Assim, o ideal do Renascimento é o ideal do *homem natural* e também de uma religião natural que é compreensível a razão sem qualquer revelação especial. Um dos grandes humanistas do norte, Erasmo, encontrou na Grécia o que ele chamou de filosofia de Cristo, isto é, na Grécia pagã antiga. “Quando leio certas passagens desses grandes homens”, escreveu ele sobre os gregos, “difícilmente posso deixar de dizer: ‘Santo Sócrates, ore por mim’. [2] É claro que ele provavelmente não orou aos santos e não orou a Sócrates. O que ele quer dizer é: essas pessoas pagãs estão tomando o lugar dos santos.

Então é nessa época que o homem foi descoberto. E há um tremendo interesse em si mesmo, no indivíduo. Existe um livro muito bom sobre o tema do Renascimento na Itália, de Jacob Burckhardt, um estudioso do século XIX. Aliás, há alguns poucos bons estudiosos do século XIX e início do século XX que desenvolveram, estudando muito bem seus assuntos, o que raramente acontece mais. E eles, mesmo quando seu ponto de vista é geralmente bastante agnóstico ou até ateu, porque eles investigam completamente o assunto, você pode ver claramente o que está acontecendo. E [*Jacob Burckhardt*] trata das muitas idéias que prevaleceram nesse período na Itália, que é o primeiro lugar do Renascimento, que mais tarde se espalhou para o norte.

3.1 Fama

E ele cita, por exemplo, ele tem um capítulo sobre a idéia moderna de fama, que agora apareceu pela primeira vez - a primeira vez, isto é, desde

a antiguidade. Ele observa em primeiro lugar que até mesmo Dante, que tem algo em comum com a Idade Média, é o primeiro que pode ser chamado de alguém que está atrás da fama. Ele diz, “Ele lutou pela coroa de poeta com todo o poder de sua alma. Como publicista e homem de letras, ele enfatizou o fato de que o que ele fez era novo, e que ele desejava não apenas ser, mas ser estimado como o primeiro em suas próprias caminhadas. [3] Mais tarde, houve outro, um ancião, um posterior contemporâneo de Dante, Albertino Musattus, ou Mussato, que foi coroado poeta em Pádua pelo bispo e reitor, desfrutou de uma fama que ficou pouco aquém da deificação. Todos os dias de Natal, os doutores e estudantes de ambos os colégios da universidade vinham em uma solene procissão diante de sua casa com trombetas e, ao que parece, com velas acesas, para saudá-lo e trazê-lo presentes. Sua reputação durou até que, em 1318, ele caiu em desgraça ... [4]

“Esse novo incenso que antes era oferecido apenas a santos e heróis, foi dado em nuvens a Petrarca, que se convenceu em seus últimos anos de que, afinal, era uma coisa tola e problemática. [5] É óbvio que esse é o tipo mais baixo de mundanismo - o desejo de ser lembrado, adorado agora e lembrado pela posteridade

“Em meio a todos esses preparativos exteriores para ganhar e conquistar a fama, a cortina é agora retirada e vemos com evidência assustadora uma ambição sem fim e sede de grandeza, independente de todos os meios e conseqüências. Assim, no prefácio da história florentina de Maquiavel, na qual ele culpa seus antecessores, Leonardo Arentino e Poggio por sua excessiva consideração em relação aos partidos políticos na cidade: ‘Eles erraram muito e mostraram que entendiam pouco a ambição dos homens e o desejo de perpetuar um nome. Quantos que poderiam distinguir-se por nada louvável se esforçaram para fazê-lo por atos infames!’ Esses escritores não consideraram que ações que são grandes em si mesmas, como é o caso das ações dos governantes e dos estados, parecem sempre trazer mais glória do que culpa, de qualquer tipo que seja e seja qual for o resultado delas. Em mais de um empreendimento notável e terrível, o motivo atribuído por escritores sérios é o ardente desejo de conseguir algo grande e memorável. Este motivo não é um mero caso extremo de vaidade ordinária, mas algo demoníaco ... [6] Este é um escrito agnóstico. O que ele quer dizer com demoníaco é algo que não é compreensível para os moti-

vos humanos.

“... mas algo demoníaco, envolvendo uma rendição da vontade, o uso de qualquer meio, por mais atroz que seja, e até mesmo uma indiferença ao sucesso em si. Nesse sentido, por exemplo, Maquiavel concebeu o caráter de Stefano Porcaro; dos assassinos de Galeazzo Maria Sforza, e o assassinato do duque Alessandro de Florença é atribuído pelo próprio Varchi à sede de fama que atormentou o assassino, Lorenzino de Medici. [7]

É claro que conhecemos a história dos principados italianos deste período com estes, o infame De Medicis, que até mesmo teve papas entre eles que se envenenavam e matavam outras famílias, e essas tremendas rivalidades que aconteceram. Havia até um certo Lorenzino que pensava “sobre uma ação cuja novidade tornaria sua desgraça esquecida”, e ele estava em algum tipo de desgraça. “E ele termina assassinando seu parente e seu príncipe. Estas são características dessa época de paixões e forças sobrecarregadas e desesperadas. [8]

E, claro, vemos em nossos próprios tempos pessoas que estão assassinando presidentes; [*eles*] não tiveram sucesso na vida; eles querem de alguma forma se tornar conhecidos, mesmo que tenham que ir para a prisão, ou serem mortos por isso. A ideia de que, de algum modo, eles serão imortalizados, mesmo por algum tipo de ato infame, lembrados, porque eles não acreditam mais na imortalidade da alma.

Mas essa atitude de exaltar a si mesmo, que aparece também na vida de Benvenuto Cellini, que é um aventureiro que anda por aí fazendo tudo para se tornar famoso, vem diretamente da Idade Média. Vem do que vimos ontem, na última palestra, a preocupação de Francisco de Assis consigo mesmo, com sua auto-satisfação, com algum tipo de demonstração dramática de quão santo ele é. Uma vez que o espírito dos tempos havia mudado, esse mesmo motivo se transformou em um auto-engrandecimento mundano, extremamente grosseiro.

E isso é extremamente longe da Ortodoxia, onde até mesmo os pintores de ícones geralmente nem assinam seus nomes. E não é apenas uma questão de completo anonimato, porque às vezes encontramos os hinos nos livros da Igreja, por exemplo, dizer “escrito por um certo Germanus o Monge” ou algo parecido. Mas não há desejo de se estabelecer como um grande poeta, um grande escritor, um grande pintor de ícones que co-

loca o próprio nome, para que o nome surpreenda os contemporâneos. Entra-se na tradição e continua-se a tradição que existia antes.

E agora há o desejo de que cada artista faça um nome para si mesmo. E no século XX, isso se torna ridículo. Como vemos, a maioria desses artistas não tem talento; eles acham que se derramarem tinta na tela da maneira mais violenta possível criarão um nome para si mesmos.

Isso é muito profundo porque envolve também uma profunda camada de filosofia e até mesmo teologia. Na visão Ortodoxa tradicional do mundo, começa-se com a revelação, com a tradição, com o que foi transmitido pelos Padres e por Deus. E se você perguntar a alguém como ele sabe de alguma coisa, ele dirá: “Eu sei porque é assim que Deus fez, é assim que os Santos Padres o transmitiram, é o que as Sagradas Escrituras dizem, e essa é a autoridade”.

Na nova era, há um desejo de fazer outra coisa, algum tipo de nova ideia de certeza. E assim, um pouco depois desse período, surge o filósofo Descartes, o primeiro filósofo moderno. E ele baseia toda a sua filosofia em uma coisa: “Eu penso, portanto, existo”. [9] E tudo o mais que sabemos com certeza se baseia nessa primeira intuição que, diz ele, é a única coisa que podemos saber com certeza. Porque os sentidos podem estar enganados, podemos ter falsas revelações; mas sabemos com certeza que “eu existo”. Isso mostra como essa preocupação com o eu já se torna um primeiro princípio teológico. E, posteriormente, atinge um desenvolvimento extremamente fantástico.

3.2 Superstição

Isso raramente é notado, porque quando pensamos na Renascença, os livros costumam dizer que esta idade é começo do iluminismo moderno quando as superstições da Idade Média e da Idade das Trevas começam a ser postas de lado. E assim raramente é notado o que é muito significativo sobre este período - que este é acompanhado por um aumento da superstição. Esta é a grande era da astrologia, da qual Nostradamus é o mais famoso, da alquimia, Paracelso e outros, e da feitiçaria e magia.

Burckhardt tem uma citação sobre este assunto também. Burckhardt observa neste capítulo chamado de “Mistura de Superstição Antiga e Mo-

derna”: Ele diz:

... de outra maneira ... a antiguidade exerceu uma influência perigosa. Ela transmitiu à Renascença suas próprias formas de superstição. Alguns fragmentos haviam sobrevivido na Itália durante toda a Idade Média, e a reanimação do todo foi assim facilitada. [10] Mas foi nesse período do Renascimento que ela realmente apareceu.

“No início do século XIII, essa superstição” da astrologia, que havia florescido na antiguidade, “apareceu de repente no primeiro plano da vida italiana”. Século XIII, isto é, esse mesmo período da Alta Idade Média. “O imperador Frederico II sempre viajou com seu astrólogo Theodorus; e Ezzelino da Romano com uma grande corte e bem paga de tais pessoas, entre elas o famoso Guido Bonatto e o sarraceno barbudo Paul de Bagdad. Em todos os empreendimentos importantes eles fixaram para ele o dia e a hora, e as atrocidades gigantescas das quais ele foi culpado podem ter sido em parte inferências práticas das profecias deles. Rapidamente todos os escrúpulos em consultar as estrelas cessaram”. [11]

E deve ser notado que na Ortodoxia, os Padres são muito contra [isso]. “Rapidamente todos os escrúpulos sobre a consulta das estrelas cessaram. Não apenas os príncipes, mas as cidades livres tinham seus astrólogos regulares, e nas universidades, do século XIV ao século XVI, foram nomeados professores dessa pseudociência e lecionaram lado a lado com os astrônomos.” Era bem conhecido que Agostinho e outros Padres da Igreja tinham combatido a astrologia, mas suas noções antiquadas foram descartadas com desprezo.

Ou seja, não há mais autoridade nesses Padres porque eles estão procurando por algum tipo de nova religião. “Os papas geralmente não faziam segredo de sua contemplação das estrelas, embora Pio II, que também desprezava a magia, os presságios e as interpretações dos sonhos, seja uma honrosa exceção. Júlio II”, o papa, “por outro lado, teve o dia de sua coroação e o dia de seu retorno de Bolonha, calculado pelos astrólogos. Até mesmo Leão X parece ter considerado a condição florescente da astrologia como um crédito para seu pontificado, e Paulo III nunca realizou um consistório até que os observadores de estrelas fixassem a hora. [12]

Em todas as famílias melhores, o horóscopo das crianças era desenhado como de costume, e às vezes acontecia que, pela metade da vida, os ho-

mens eram assombrados pela expectativa vã de eventos que nunca ocorreram. As estrelas eram questionadas sempre que um grande homem tinha de tomar uma decisão importante e até consultavam a hora em que qualquer empreendimento deveria ser iniciado. As viagens de príncipes, a recepção de embaixadores estrangeiros, a colocação da pedra fundamental dos edifícios públicos dependiam da “resposta” dos astrólogos. [13]

Alguém poderia perguntar por que essas superstições ou pseudociências agora começam a aumentar nesse tempo. A resposta é porque quando a tradição Ortodoxa prevalece, há um conhecimento do bem e do mal. Há um conhecimento das forças do mal, como elas operam, um padrão para medi-las. E quando esse padrão é abandonado, quando você começa a ter a ideia de que há algum novo padrão chegando, então há espaço para a ignorância e a superstição se desenvolverem. Notaremos mais tarde sobre a questão da superstição em nossos tempos, que não é tão simples quanto as pessoas pensam: a conexão, por exemplo, entre socialismo e espiritualismo é muito interessante.

3.3 Reforma Protestante

O segundo grande movimento neste período do Renascimento, como é usualmente interpretado pelos historiadores, é a Reforma Protestante. É apenas exteriormente diferente do humanismo; basicamente faz parte do mesmo movimento. É igualmente um movimento da razão que se volta contra o escolasticismo e tenta conceber um cristianismo mais simples que qualquer crente possa interpretar por si mesmo. Este espírito foi, mais tarde, como Kireyevsky diz muito bem, o espírito que veio a destruir o próprio protestantismo. O observador esclarecido, diz Kireyevsky, poderia ver Lutero por trás do escolasticismo e os cristãos liberais modernos por trás de Lutero. O próprio Lutero era o que provavelmente seria considerado um fanático estreito, especialmente em seus últimos anos, mas abriu o portão para o subjetivismo total na religião. E então ele nos dá uma chave também para hoje, porque esse mesmo princípio, o indivíduo - o que quer que eu acredite, o que quer que tenha direito de ser ouvido - então se torna o padrão. Ele mesmo finalmente alcançou algum tipo de

sistema dogmático e tentou forçá-lo a seus seguidores. Mas a idéia pela qual ele lutou foi que cada indivíduo pudesse interpretar por si mesmo; e, portanto, dele vêm as seitas.

As guerras religiosas que começaram neste período (porque agora havia duas religiões: primeiro Lutero em 1520 que se separou, já tinha uma organização separada, e Calvino e os outros protestantes). E, portanto, estes começaram a lutar com os príncipes católicos. E as guerras religiosas do século XVI surgiram, o que realmente acabou apenas em meados do século XVII. Essas guerras são pouco importantes em si mesmas, e seu principal resultado foi desacreditar completamente a religião e levar, no próximo período histórico, que discutiremos na próxima palestra, à busca de uma nova religião além de qualquer tipo de cristianismo, que é o começo da maçonaria moderna.

Tanto o Humanismo como o Protestantismo continuam o trabalho do Escolasticismo e de Francisco de Assis - a busca para melhorar a Ortodoxia, para melhorar o Cristianismo como foi transmitido na tradição. Então, eles estão dando continuidade a este trabalho do “Grande Inquisidor” de Dostoiévski. Tanto o Humanismo quanto o Protestantismo são estágios na destruição da visão de mundo cristã. Mais tarde, há etapas mais avançadas.

3.4 Ciência

Tanto o Renascimento quanto a Reforma, embora sejam os movimentos mais espetaculares desse período, não são realmente os mais significativos. Eles estão apenas continuando o trabalho de destruição que a Idade Média começou, a destruição do Cristianismo Ortodoxo. E ambos de fato estiveram no caminho do movimento principal do período da Renascença, que foi *o surgimento da visão de mundo científica moderna*. O humanismo estava no caminho porque estava preocupado com os textos antigos e estava persuadido de que os antigos eram mais sábios que os modernos; e o protestantismo estava no caminho da ciência por seu dogmatismo estreito. É a ascensão da nova ciência que é a coisa nova e importante neste período, que terá as grandes conseqüências para os séculos futuros.

A ciência tornou-se importante nesse período porque o homem, sendo libertado da tradição Ortodoxa, voltou sua atenção para o mundo exterior. Essa atenção ao mundo exterior às vezes tomava formas que eram notoriamente pagãs e imorais. Mas esse interesse mundano também foi expresso na ascensão da indústria e do capitalismo e no movimento de exploração - descoberta da América e assim por diante - esses movimentos que mudariam a face da Terra em séculos futuros. Pode-se falar como um tipo de fermento do mundanismo que penetra o mundo inteiro e dá o tom ao mundo de hoje, o qual carece totalmente do sentido Ortodoxo tradicional do temor de Deus, e de fato é possuído pela trivialidade.

O protestantismo está cheio desse tom que pode ser observado olhando o comportamento de qualquer ministro protestante comparado com o comportamento de um padre ortodoxo. O padre católico também tem esse mesmo tom mundano, espírito mundano; e os sacerdotes ortodoxos que estão perdendo o sabor da Ortodoxia acabam entrando neste mesmo sentimento leviano, chamativo e atual que é uma influência do mundanismo, que possibilita a Disneylândia e as coisas que qualquer pessoa vê na Idade Média ou na Renascença e, acima de tudo, na civilização cristã tradicional, teriam considerado algum tipo de loucura.

Agora chegamos ao aspecto mais importante deste período do Renascimento, que é o surgimento da ciência moderna. Esta é a descoberta de uma nova chave para o conhecimento e a verdade. E na verdade o que é, é um novo escolasticismo. O método científico substitui o método escolástico como o meio de alcançar a verdade. E assim como o escolasticismo, leva à perda de todas as verdades que não se encaixam em sua estrutura, que é muito estreita e rígida.

É extremamente interessante que a ciência moderna nasça no chamado “misticismo”, assim como veremos mais tarde que o socialismo nasceu em uma espécie de misticismo. Esse panorama místico foi o platonismo e o pitagorismo que foram revividos juntamente com estudos antigos, que comunicaram a fé de que o mundo é ordenado de acordo com o número. A filosofia, o sistema de Pitágoras, baseia-se especialmente na ordem harmoniosa dos números que corresponde ao mundo exterior. E vemos no mundo moderno que a união da matemática com a observação realmente mudou a face da terra, porque é verdade que o mundo é ordenado de acordo com o número. Mas isso no início era conhecido apenas

vagamente, e foi essa fé dos pitagóricos e platônicos que os números corresponderam à realidade e à investigação dos mistérios da natureza que levaram às descobertas que mudaram o panorama do mundo.

A ciência moderna também nasceu dos experimentos dos alquimistas platônicos, dos astrólogos e magos. O espírito subjacente da nova visão científica do mundo era o espírito do faustianismo, o espírito da magia, que é mantido como uma clara insinuação na ciência contemporânea hoje em dia. A descoberta, de fato, da energia atômica teria encantado muito os alquimistas da Renascença. Eles estavam procurando exatamente por um poder assim.

O objetivo da ciência moderna é o poder sobre a natureza, e Descartes, que formulou a visão de mundo mecanicista / científica, disse que o homem deve se tornar o senhor e possuidor da natureza. Deve-se notar que esta é uma *fé religiosa* que toma o lugar da fé cristã. Mesmo o racionalista Descartes, que disse que toda a natureza nada mais é do que uma grande máquina e deu assim a visão mecanicista / científica que existe - que ainda hoje predomina na pesquisa científica - ele mesmo em sua juventude teve estranhos sonhos e visões, e depois de ter imaginado sua nova ciência, ele teve uma visão do anjo da verdade. Este anjo da verdade ordenou-lhe que confiasse em sua nova ciência que lhe daria todo conhecimento. E o conhecimento, é claro, tinha o propósito de tornar o homem o senhor e possuidor da natureza. Essa natureza religiosa da fé científica pode ser vista hoje, quando o colapso da fé científica, que dominou esses últimos séculos, está levando agora a uma nova crise na religião. Porque agora os homens chegam à questão: em que se pode acreditar se mesmo a ciência, que supostamente é a última certeza, não dá certeza? E assim nascem novas filosofias irracionais e o desejo de acreditar em novos deuses.

Essa visão científica do mundo que está se desintegrando agora está produzindo essa inquietação que sentimos hoje no ar. E um número de pessoas que são inspiradas por essa inquietação estão chegando agora à Ortodoxia. Na verdade, essa é a posição de muitos dos nossos convertidos. E é muito importante, portanto, mais ainda, uma vez que estamos tentando nos defender contra falsas filosofias, entender que, se chegarmos à Ortodoxia e não entendermos completamente a visão de mundo Ortodoxa e entrarmos nela, nos tornaremos os peões dessas novas filoso-

fias irracionais que tomarão o lugar da fé científica.

Os textos científicos do período da Renascença estão repletos de misticismo platônico e pseudo-cristão e com a convicção de que o mistério do universo está sendo descoberto agora. Porque antes da Idade Média nos tempos tradicionais cristãos, em Bizâncio, no ocidente antes do cisma, na Rússia e em outras civilizações Ortodoxas, não havia desejo de desvendar o mistério do universo porque tínhamos o conhecimento, conhecimento suficiente de Deus para a salvação. E sabíamos que o universo é ... há muitos aspectos que não entendemos. Nós sabemos o suficiente para salvar nossas almas. E o resto é a esfera de magia, alquimia e todos os tipos de ciências obscuras. Mas agora a fé cristã está sendo rejeitada, o interesse religioso é projetado no mundo. E, portanto, [*vemos*] a ideia de que existe um mistério do universo que, a propósito, é muito comum a muitos cientistas modernos.

Nos dias atuais, o conhecimento científico é considerado quase um peso intolerável para os homens. E muitas pessoas sentem que o surgimento da ciência moderna tem como objetivo final levar a humanidade à escravidão total. E até hoje temos pessoas a sério nas universidades americanas ensinando que o homem é inteiramente determinado, que os cientistas devem governar seu futuro, que você pode colocar uma pequena calculadora no bolso, conectá-la ao cérebro; e sempre que alguém realizar um ato que é anti-social, contra o que quer que os líderes queiram, eles receberão um impulso do cérebro que lhes causará tanta dor que eles deixarão de agir contrariamente à sociedade.

Aluno: Você está falando sobre o Skinner?

Pe. Serafim: Sim Skinner e essas pessoas.

E assim, essa fé científica, esse conhecimento científico é considerado muito frio e pesado hoje em dia. E, portanto, é muito interessante entender como os primeiros cientistas, aqueles que estavam descobrindo a nova visão científica, sentiram. E havia alguns naquela época que sentiam uma misteriosa exaltação nesta nova religião da ciência.

Um bom exemplo disso é o astrônomo e filósofo Giordano Bruno, que era um dos típicos andarilhos dos tempos modernos. Ele era um monge dominicano que fugiu de seu mosteiro. Ele foi para o norte; ele conheceu Lutero. Ele foi muito atraído pelo luteranismo, depois pelo calvinismo. Então ele ficou desiludido. Ele foi excomungado por Lutero.

Ele foi excomungado por Calvino. Ele foi para a Inglaterra e se apaixonou pela Rainha Elizabeth, e então descobriu que não era tão popular, e amaldiçoou Oxford. Então ele foi para a França e o rei o convidou para dar palestras. Ele tinha um tipo especial de técnicas de treinamento de memória que as pessoas achavam que eram algo próximo da magia. Mas ele também ensinava a nova astronomia; isto é, ele foi um dos primeiros seguidores da teoria copernicana. Mas em nenhum lugar ele sentiu algum tipo de descanso. Ele estava cheio desse espírito inquieto da época; em nenhum lugar ele encontrou paz.

Mas ele foi alguém que sentiu as consequências da revolução copernicana, sobre a qual falaremos em um minuto. Isto é, o fato de que a terra gira em torno do sol e não do sol ao redor da terra era para ele uma descoberta definitiva que tinha consequências religiosas. Ele disse como resultado disso: “O homem não é mais que uma formiga na presença do infinito, e uma estrela não é mais do que um homem”. [14] Esse é um sentimento muito contemporâneo de que o homem está perdido na imensidão do espaço. Mas ele não sentiu que fosse algo frio. Hoje pensamos em algo horrível e frio, e o homem está perdido no espaço. Ele não acreditou nisso porque viu em toda parte Deus, sua idéia de Deus. Ele disse que a natureza é Deus nas coisas. Ele defendia uma espécie de panteísmo místico. E ele disse que a matéria é divina. Ele disse que Deus, que foi perdido porque a visão Ortodoxa do mundo foi rejeitada, estava agora projetado na matéria. Ele encontrou Deus em toda parte na vida do universo. Ele acreditava que até mesmo os planetas estavam vivos - talvez não uma inteligência pessoal - mas algum tipo de vida estava brilhando através dessas estrelas e através dessas criaturas. E talvez isso não esteja muito longe de Francisco de Assis.

Quando a terra é expulsada do centro das coisas, ele viu, ou pensou que viu, todas as fronteiras desaparecem. Ele acreditava que o universo é infinito. Há um número infinito de mundos e um número infinito de inteligências nesses mundos, outros tipos de humanidade, essas idéias pelas quais as pessoas modernas são bastante fascinadas.

Segundo ele, conhecer a natureza é conhecer a Deus. Cada avanço na ciência e no conhecimento da natureza é uma nova revelação, ou seja, algo religioso. Ele mesmo disse que foi atraído pela escuridão do incognoscível da mesma maneira que uma mariposa é atraída pela chama que a devora.

E ele, com isso, profetizou involuntariamente seu próprio fim, porque foi preso pela Inquisição e queimado na fogueira como herege. Mas ele morreu como um mártir. Ele estava muito calmo e disse que não mudaria suas opiniões; ele acreditava no que ele acreditava.

Mais tarde, ele foi quase totalmente esquecido até por volta de 1870 [*quando*] seus escritos começaram a ser publicados, e agora ele está se tornando cada vez mais conhecido, e livros em inglês surgiram sobre ele. Há um pilar que foi construído em Roma no local de sua queima.

Este misticismo da natureza que ele teve no início da ciência moderna é muito interessante porque é ecoado por outro tipo de misticismo da ciência que ocorre agora quando a visão de mundo científica entrou em colapso ou onde está chegando ao seu fim, ou seja, o chamado “misticismo” de Teilhard de Chardin - [*que veremos em*] um capítulo posterior.

3.5 A revolução copernicana

O momento-chave na ascensão ao poder da fé científica, a visão de mundo científica, é a chamada “revolução copernicana”.

Giordano Bruno morreu em 1600. Copérnico morreu em 1543, e seu livro saiu no ano de sua morte, em 1543. Antes disso, a astronomia medieval e a astronomia da antiguidade, baseavam-se na teoria geocêntrica de que a terra estava no centro do universo e tudo girava em torno dela. Mas havia certos movimentos irregulares dos planetas, para explicar esses, os astrônomos desenvolviam todos os tipos de ciclos dentro dos ciclos para mostrar que estavam fazendo movimentos irregulares. E a nova fé no misticismo platônico - que os números correspondem à realidade, que Deus faz as coisas, a natureza faz as coisas da maneira mais simples possível - deixou algumas pessoas insatisfeitas com isso. Copérnico fez todos os tipos de cálculos e finalmente chegou à descoberta - baseada não na observação; baseava-se na fé matemática - que, para fazer a explicação mais simples possível dos movimentos no céu, é preciso supor que a terra gira em torno do sol junto com os planetas.

Sobre isso, deve-se dizer duas coisas: a descoberta desta nova verdade - que parece ser verdade, porque você pode apontar um foguete e colocá-lo no lugar certo no céu acreditando nisso - a descoberta dessa nova verdade

não significa refutar o fato de que os corpos celestes de fato giram ao redor da terra, porque qualquer um pode observar isso todos os dias. A verdade científica do heliocentrismo, de que a terra gira em torno do sol, apenas explica, no nível científico, os movimentos complexos que os corpos celestes e a terra fazem uns em relação aos outros para criar o efeito que vemos todos os dias, que é que o sol gira ao redor da terra.

Da mesma forma, a explicação científica do verde, como a junção do sol, olhos e uma configuração de moléculas em uma planta, não muda o fato de eu ver uma floresta verde. E se eu sou sadio em mente e alma, nela me comprazo. Eu ainda vejo a floresta. Você pode explicar isso em algum tipo de nível técnico e talvez até mesmo entender melhor as causas que produzem esse efeito; mas o efeito é o mesmo. E essa falha em distinguir entre essas duas coisas causou muita confusão nesse período; porque a teoria científica do heliocentrismo não explica a própria essência das coisas; só explica algum tipo de inter-relações complicadas que produzem certos efeitos. E o efeito permanece o mesmo.

E assim, a teoria copernicana não explica o Livro dos Salmos, que fala sobre “o sol conhece o seu ocaso” (Sl 104: 19) e não contradiz a nossa experiência diária de ver o sol girar ao redor da terra. As pessoas que mudam de ideia e pensam apenas em termos disso - de que a terra gira em torno do sol como um fato da experiência cotidiana - estão misturando o que é algum tipo de explicação técnica com a experiência cotidiana. Existem duas esferas diferentes. A segunda coisa a dizer sobre esta revolução copernicana é que o chamado “novo universo”, que é aberto pela revolução copernicana, não é incompatível com a Ortodoxia. Kireyevsky, de fato, diz que o povo Ortodoxo só pode ficar surpreso que eles quiseram queimar Galileu na fogueira pelo fato de ele ter dito a heresia - eles até a chamavam de heresia - que a terra gira em torno do sol. E Kireyevsky diz que é incompreensível para uma pessoa Ortodoxa como isso pode ser uma heresia. Pois o racionalismo escolástico havia se apoderado de tal modo das mentes ocidentais que todos os silogismos da escolástica, fossem eles baseados nas Escrituras ou em Aristóteles, tinham o mesmo valor, e assim as teorias a respeito de se a terra se move ou permanece estacionária foram colocadas no mesmo nível do dogma. Ao passo que a Ortodoxia distingue cuidadosamente as verdades da fé - os dogmas - daquelas que são externas e estão abertas a várias interpretações e especulações.

E nos escritos de Hexaameron de Santo Ambrósio, André, o Grande, São Basílio, o Grande e outros Santos Padres, eles são muito cuidadosos em distinguir o que é revelado por Deus e o que é apenas as especulações dos homens. E eles dizem que não é importante para nós especular sobre como todas essas coisas acontecem, o que fica parado, o que se move, como os cometas podem ser explicados; tudo isso é muito secundário e não afeta nossa fé.

A revolução copernicana deu origem a novas visões religiosas do homem destronado e sozinho em um universo frio e infinito. Mas essas visões religiosas não são dedutíveis dos novos fatos. Os novos fatos em si não mudam nada na religião. Eles apenas mostram que o impulso primário nessa nova visão de mundo científica era um impulso *religioso*, que os homens estavam procurando por alguma nova fé que pudesse ser encontrada olhando para o mundo exterior. Os homens desejavam ter uma nova fé e usaram os fatos que descobriram para ajudar nisso. A mesma coisa acontece o tempo todo a partir de então na história do ocidente moderno.

A próxima coisa que discutiremos será algo que talvez não tenha significado histórico direto, mas é algo que tem um significado muito profundo, revelando a filosofia do homem moderno e um precursor dos movimentos posteriores. Isto diz respeito a alguns dos movimentos religiosos do período da Renascença, além da Reforma Protestante.

3.6 Quiliasmo

Pode-se dizer que a corrente principal da religião nessa época era o protestantismo e o catolicismo cada vez mais secularizado, ambos os quais estavam reduzindo a religião à razão e ao sentimento. Pode-se dizer que o catolicismo tentou preservar algo do passado, mas obviamente estava fazendo grandes concessões ao espírito da época, que ele mesmo havia iniciado; estava muito ligado à nova época. Mas neste período há várias correntes subterrâneas na religião que são muito sintomáticas.

Houve movimentos de quiliasmo. Há um livro clássico sobre isso chamado *The Pursuit of the Millennium*, que é um estudo dos movimentos quialísticos deste período desde a Idade Média até a Reforma.

Norman Cohn diz: “Parece não haver evidências de tais movimentos tendo ocorrido antes dos anos finais do século XI. [15] Essa é precisamente a época em que Roma deixou a Igreja. Esse mesmo novo espírito se revelou no surgimento dessas novas seitas.

Este é também o mesmo período, a propósito, que a prática da flagelação começou - depois de Roma ter deixado a Igreja. Este autor é orientado de forma muito secular e diz que isso se deve às novas condições sociais, isto é, ao aumento do comércio e da indústria, substituindo a agricultura. Mas podemos afirmar com segurança que as novas condições mentais, o começo, a abertura da possibilidade de um novo tipo de cristianismo, uma vez que a Ortodoxia é deixada para trás: esse é mais provavelmente o motivo dominante.

Ele até fala sobre isso neste livro, contrastando a atitude antes da Idade Média com a atitude na Idade Média e no Renascimento: “... se pobreza, dificuldades e uma dependência muitas vezes opressiva o gerassem, o quilliasmo revolucionário teria sido forte entre os camponeses da Europa medieval. Na verdade, raramente era encontrado. Uma ânsia marcada por parte dos servos de fugir; esforços recorrentes por parte das comunidades camponesas para extrair concessões; revoltas breves e espasmódicas - tais coisas eram familiares o suficiente na vida de muitos feudos. Mas era muito raro que os camponeses assentados pudessem ser induzidos a embarcar na busca do Milênio”. [16]

O que ele está descrevendo é a civilização de um lugar Ortodoxo tradicional - mas sob novas condições, ambos sob novas condições externas quando comércio e indústria surgem, e muitos desses novos sectários estavam nas guildas de tecelagem onde eles tinham chance de desemprego quando o mercados estrangeiros foram fechados e assim por diante. A incerteza da vida deles teve uma influência nas visões religiosas também, mas também porque esse novo espírito entrou, o que significava que a Ortodoxia não era suficiente. E houve um começo de uma busca por um novo cristianismo, uma nova religião.

Na sociedade tradicional, orientada pela tradição, diz o mesmo autor, “o próprio pensamento de qualquer transformação fundamental da sociedade era dificilmente concebível”. [17] E esses novos movimentos começaram a conceber a ideia de uma transformação fundamental da sociedade, isto é, o começo do que descobriremos depois - o movimento da

revolução dos tempos modernos.

Alguns desses sectários foram chamados Irmãos do Espírito Livre, e floresceram a partir do século XI com uma doutrina de que Deus é tudo o que é; cada coisa criada é divina, que uma nova era do Espírito Santo está chegando, e quando Joaquim de Fiore proclamou seu ensinamento, eles seguiram seus ensinamentos de que cada pessoa tem o Espírito Santo e é ele mesmo divino e, portanto, pode cometer pecado e ainda ser puro. Há uma certa irmã Catarina no século XIV que teve uma experiência extática e então proclamou: “Alegrai-vos comigo, porque me tornei Deus” .[18] Isso não está tão distante de Francisco de Assis.

Outro movimento foi o chamado de Movimento Taborita no século XV, que foi um movimento de comunismo, um retorno à idade de ouro, onde todos são iguais. Havia neste momento um certo Thomas Müntzer que nasceu poucos anos depois de Lutero que pregou o milênio e o extermínio em massa de todos aqueles que se opunham à sua doutrina. Segundo ele, todas as coisas deveriam ser mantidas em comum. Mas ele foi capturado e morto depois de uma revolta que ele tentou liderar. Curiosamente, esse mesmo homem, Thomas Müntzer, foi idealizado por Friedrich Engels, que escreveu um livro inteiro sobre ele, creio eu. E os historiadores comunistas até os dias de hoje na Rússia dirão que ele é um precursor do comunismo, e veremos mais adiante que suas idéias econômicas não têm nada a ver com isso. Ele estava [*no entanto,*] no mesmo espírito do movimento comunista, que é um movimento milenarista, movimento quialístico, [*mas diferente de Müntzer?*] sem falar sobre o Espírito Santo.

Então, novamente, em 1534, havia pessoas que se diziam anabatistas, isto é, que eram contra o batismo infantil, porque cada pessoa tem que se conhecer o que ele é, o que ele está procurando. Eles tiveram um levante armado em Munster, que foi precedido por homens enlouquecidos correndo pelas ruas pedindo arrependimento; e havia visões apocalípticas nas ruas. Esta cidade de Munster foi proclamada como a Nova Jerusalém. A maioria dos luteranos foi embora. E os anabatistas de todas as cidades chegaram a esta cidade de Munster, que tinha uma população de cerca de dez mil habitantes. Eles passaram pelos mosteiros e igrejas, saquearam-nos. E em uma noite, eles pegaram todas as pinturas, estátuas e livros da catedral católica e os destruíram.

Dois dos chamados profetas holandeses se tornaram seus líderes, Matthys e Bockelson, e transformaram essa cidade em uma teocracia. Todos os luteranos e católicos que permaneceram foram condenados a serem executados; mas depois suavizaram isso e os expulsaram da cidade.

Depois disso, um novo tribunal foi criado, no qual era um crime não ser batizado na fé anabatista, que era punível com a morte. Os únicos que deveriam ser deixados na cidade seriam os irmãos e irmãs, os “Filhos de Deus”. O bispo católico, é claro, se opunha a isso e cercaram a cidade. Neste momento, um estado de perfeito “comunismo” foi estabelecido. Todas as suas propriedades foram confiscadas pelos líderes; todos os que desaprovavam a doutrina ou expressavam qualquer dissidência eram presos e executados. E enquanto foram executados, eles cantavam hinos. Um reinado de terror foi estabelecido, descrito neste livro com alguns detalhes:

O terror havia começado e foi em uma atmosfera de terror que Matthys começou a levar a efeito o comunismo que já pairava por tantos meses, uma esplêndida visão milenar, na imaginação dos anabatistas. Uma campanha de propaganda foi lançada por Matthys... e outros pregadores. Foi anunciado que os verdadeiros cristãos não devem possuir dinheiro próprio, mas devem manter todo o dinheiro em comum; do qual se seguiu que todo dinheiro, e também todos os ornamentos de ouro e prata, deviam ser entregues. A princípio, essa ordem encontrou oposição; alguns anabatistas enterraram seu dinheiro. Matthys respondeu intensificando o terror. Os homens e mulheres que haviam sido batizados somente na época das expulsões foram reunidos e informados de que, a menos que o Padre escolhesse perdoá-los, eles deveriam perecer pelas espadas dos justos. Eles foram então trancados dentro de uma igreja, onde foram mantidos em incerteza por muitas horas até que foram totalmente desmoralizados. Por fim, Matthys entrou na igreja com um bando de homens armados. Suas vítimas rastejaram em direção a ele de joelhos, implorando a ele, como o favorito do Padre, para interceder por eles. Isso ele fez ou fingiu fazer; e no final informou aos miseráveis aterrorizados que ha-

viam ganho seu perdão e que o Padre tinha o prazer de recebê-los na comunidade dos justos. Depois desse exercício de intimidação, Matthys pôde sentir-se muito mais confortável quanto ao estado de moral na Nova Jerusalém.

A propaganda contra a propriedade privada do dinheiro continuou por semanas a fio, acompanhada tanto pelos mais sedutores afagos quanto pelas ameaças mais terríveis. A rendição do dinheiro foi feita como um teste do verdadeiro cristianismo. Aqueles que não conseguiram cumprir foram declarados aptos para o extermínio e parece que algumas execuções aconteceram. Após dois meses de pressão incessante, a propriedade privada do dinheiro foi efetivamente abolida. A partir de então, o dinheiro era usado apenas para fins públicos, envolvendo negociações com o mundo exterior, para contratar mercenários para lutar contra o bispo, comprar suprimentos e distribuir propaganda. Artesãos da cidade recebiam seus salários não em dinheiro, mas em espécie... [19]

“A abolição da propriedade privada do dinheiro, a restrição da propriedade privada de alimentos e abrigo foram vistos como os primeiros passos em direção a um estado em que ... tudo pertenceria a todos e as distinções entre o Meu e o Teu desapareceriam.” O próprio Bockelsen expressou assim: “todas as coisas deveriam ser em comum, não deveria haver propriedade privada e ninguém deveria fazer mais nenhum trabalho, mas simplesmente confiar em Deus”. [20]

Um estudioso de Antuérpia escreveu para Erasmo de Roterdã, que obviamente não gostava de todos esses movimentos irracionais porque acreditava que os homens deveriam ser racionais, liberais e tolerantes: “Nós, nessas regiões, estamos vivendo uma ansiedade miserável por causa da maneira como a revolta Anabatistas se inflamou. Pois realmente brotou como fogo. Não há, penso eu, uma vila ou cidade onde a tocha não esteja brilhando em segredo. Eles pregam a comunidade de bens, com o resultado de que todos aqueles que nada têm vêm se reunindo. [21] Você pode observar, claro, que haverá muitos motivos secundários das pessoas que vêm, mas

também o fato de que esse movimento pode se espalhar como fogo selvagem significa que há uma expectativa profunda, alguma espécie de nova religião qualística. "... em meados de março, Matthys baniu todos os livros, exceto a Bíblia. Todas as outras obras, mesmo os de propriedade privada, tiveram que ser levados para a praça da catedral e lançados sobre uma grande fogueira ". [22]

Então esse Matthys cometeu um erro. Ele tinha um comando divino para sair e lutar contra o inimigo, e o inimigo o matou. Então Bockelson assumiu e proclamou-se rei. Seu primeiro ato foi correr nu pela cidade em um frenesi e caiu em êxtase por três dias. "Quando a fala retornou a ele, ele convocou a população e anunciou que Deus havia revelado a ele que a antiga constituição da cidade, sendo obra dos homens, deveria ser substituída por uma nova que seria obra de Deus. Os burgomestres e o Conselho foram privados de suas funções. Em seu lugar, Bockelson se estabeleceu - seguindo o modelo da antiga Israel - doze anciãos ... "

O comportamento sexual foi inicialmente regulado estritamente como todos os outros aspectos da vida. A única forma de relacionamento sexual permitida era o casamento entre dois anabatistas. O adultério e a fornicação, que incluíam o casamento com um dos ímpios, eram ofensas capitais. Isso estava de acordo com a tradição anabatista ... No entanto, essa ordem chegou a um fim abrupto quando Bockelson decidiu estabelecer a poligamia ... [23]

"Como a comunidade de bens, a poligamia encontrou resistência quando foi introduzida pela primeira vez. Houve um levante armado durante o qual Bockelson, Knipperdollinck e os pregadores foram jogados na prisão; mas os rebeldes, sendo apenas uma pequena minoria, logo foram derrotados e cerca de cinquenta deles foram mortos".[24] Essa cidade tinha cerca de 10 mil pessoas. "Nos dias seguintes, outros que se aventuraram a criticar a nova doutrina também foram executados; e em agosto a poligamia foi estabelecida ... A cerimônia religiosa do casamento foi "eventualmente" dispensada e os casamentos foram contraídos e dissolvidos com grande facilidade. Mesmo que muito relatos hostis que possuímos seja des-

cartado como exagero, parece certo que as normas de comportamento sexual no Reino dos Santos atravessaram todo o arco de um rigoroso puritanismo à pura promiscuidade ... [25]

O prestígio de Bockelson estava no auge quando, no final de agosto de 1534, um grande ataque foi abatido com tanta eficácia que o bispo se viu abruptamente abandonado tanto por seus vassalos quanto pelos mercenários. Bockelson teria feito bem em organizar um ataque que talvez pudesse ter capturado o acampamento do bispo, mas em vez disso ele aproveitou a oportunidade para se proclamar rei. [26]

Havia um certo ourives que apareceu agora como profeta. “Um dia, na praça principal, esse homem declarou que o Pai Celestial havia revelado a ele que Bockelson seria rei de todo o mundo, mantendo domínio sobre todos os reis, príncipes e grandes da terra. Ele herdaria o cetro e o trono de seu antepassado Davi e deveria mantê-los até que Deus reivindicasse dele o reino... [27]

“O novo rei fez todo o possível para enfatizar o significado único de sua ascensão. As ruas e portões da cidade receberam novos nomes; domingos e festas foram abolidos e os dias da semana foram renomeados em um sistema alfabético; até os nomes dos filhos recém-nascidos foram escolhidos pelo rei segundo um sistema especial. Embora o dinheiro não tivesse função em Munster, foi criada uma nova moeda ornamental. Moedas de ouro e prata foram cunhadas, com inscrições resumindo toda a fantasia milenar que deu ao reino seu significado.” Inscrições incluíam: ‘A Palavra se tornou Carne e habita em nós’ ; ‘Um Rei sobre todos. Um Deus, uma Fé, um Batismo.’ “Um emblema especial foi concebido para simbolizar a reivindicação de Bockelson de domínio espiritual e temporal absoluto sobre o mundo inteiro: um globo representando o mundo, perfurado pelas duas espadas (das quais até então o papa e o imperador cada um carregou uma) e encimado por uma cruz inscrita com as palavras: ‘Um rei da justiça sobre todos.’ O próprio rei usou esse emblema, modelado em ouro, pendurado por uma corrente de ouro no pescoço. Seus assistentes usavam-no como um distintivo nas man-

gas; e foi aceito em Munster como o emblema do novo estado ...
[28]

No mercado, um trono foi erguido; coberto com um pano de ouro, elevava-se acima dos bancos circundantes, distribuídos aos conselheiros reais e aos pregadores. Às vezes, o rei vinha para lá para julgar ou para testemunhar a proclamação de novas ordenanças. Anunciado por uma fanfarra, ele chegava a cavalo, usando sua coroa e carregando seu cetro. Na frente dele marchavam oficiais da corte, atrás dele “o ministro-chefe” e uma longa fila de ministros, cortesãos e servos. O guarda-costas real acompanhou e protegeu toda a procissão e formou um cordão ao redor da praça, enquanto o rei ocupava seu trono. De cada lado do trono estava uma página, uma segurando uma cópia do Antigo Testamento - para mostrar que o rei era um sucessor de Davi e dotado de autoridade para interpretar de nova maneira a Palavra de Deus - a outra segurando uma espada nua.

Enquanto o rei elaborava este magnífico estilo de vida para si mesmo, suas esposas e amigos, ele impôs à massa do povo uma rigorosa austeridade. Pessoas que já haviam entregado seu ouro e prata agora se submetiam a uma solicitação de comida e acomodações“.
[29]

Nas novas obras que foram escritas, “a fantasia das Três Idades” de Joaquim de Fiore “apareceram em uma nova forma. A Primeira Idade era a idade do pecado e durou até o Dilúvio, a Segunda Idade foi a era da perseguição e da Cruz e durou até o presente; a Terceira Idade seria a era da vingança e triunfo dos santos. Cristo, se explicava, tentou uma vez restaurar o mundo pecaminoso à verdade, mas sem sucesso duradouro. [30] Você vê que o novo cristianismo deve melhorar o antigo cristianismo.

“O terror, uma característica familiar da vida na Nova Jerusalém, foi intensificado durante o reinado de Bockelson. Poucos dias após a proclamação da monarquia, Dusentschur,” um dos ministros, “proclamou que lhe fora revelado que, no futuro, todos os que persistissem em pecar contra a verdade reconhecida deviam ser levados perante o rei e sentenciados à morte. Eles seriam extirpados do

Povo Escolhido; sua própria memória seria apagada, suas almas não encontrariam misericórdia além do túmulo. Em alguns dias, começaram as execuções”. [31]

Eles enviaram emissários, profetas dos apóstolos, para despertar outras cidades para a mesma revolução. “O objetivo de todas essas insurreições foi o apontado por Bockelson, e ainda era o mesmo objetivo que inspirou tantos movimentos milenares ...: ”Matar todos os monges e sacerdotes e todos os governantes que existem no mundo, pois o nosso rei é o legítimo governante. [32]

“... Durante estas últimas e mais desesperadas semanas do cerco” - o bispo católico novamente os sitiava -, “Bockelson mostrou ao máximo seu domínio da técnica do terror. No início de maio, a cidade foi dividida para fins administrativos em doze seções e em cada seção foi colocado um oficial real com o título de duque e uma força armada de vinte e quatro homens. [33] Eles foram proibidos de deixar suas seções, então eles não poderiam ter uma rebelião contra o rei.

Eles se mostraram leais o suficiente e exerceram contra as pessoas comuns um terror implacável ... Qualquer homem que fosse acusado de conspirar para deixar a cidade, ou de ter ajudado qualquer outra pessoa a sair, ou de ter criticado o rei ou sua política, era imediatamente decapitado. Essas execuções foram na maior parte realizadas pelo próprio rei, que declarou que ele faria o mesmo com prazer a todos os reis e príncipes. Às vezes o corpo era esquartejado e as seções pregadas em lugares proeminentes como aviso. Em meados de junho, essas apresentações aconteciam quase diariamente.

Em vez de entregar a cidade, Bockelson sem dúvida teria deixado toda a população morrer de fome; mas no caso o cerco foi abruptamente encerrado. Dois homens fugiram durante a noite da cidade e indicaram aos sitiados certos pontos fracos nas defesas. Na noite de 24 de junho de 1535, os sitiados lançaram um ataque surpresa e penetraram na cidade. Depois de algumas horas de luta desesperada, os últimos duzentos ou trezentos homens anabatistas sobreviventes aceitaram uma oferta de salvo-conduto, depuseram as armas e se dispersaram para suas casas,

apenas para serem mortos um a um ...num massacre que durou vários dias “. [34]

Vemos na foto este rei João de Leyden. [35]

Esses anabatistas sobreviveram no presente em comunidades como os Menonitas, os Irmãos e os Irmãos Huteritas, mas é claro que, como um movimento histórico, perdeu sua influência logo após esse período. Mas até mesmo esse historiador agnóstico diz uma coisa interessante. Ele acha que esses movimentos que ele está estudando são muito semelhantes aos movimentos do século XX do nazismo e do comunismo. E ele observa que: “Alguma suspeita disso ocorreu aos próprios ideólogos comunistas e nazistas. Uma entusiástica, embora fantasiosa, exposição do misticismo alemão heterodoxo do século XIV com homenagens apropriadas a Beghards, Beguines e Irmãos do Espírito Livre, preenche um longo capítulo do Mito do Século XX de Rosenberg;” - ele é o principal apologista de Hitler - - “enquanto historiador nazista dedicou um volume inteiro à interpretação da mensagem do Revolucionário do Alto Reno. Quanto aos comunistas, continuam a elaborar, em volume após volume, o culto de Thomas Müntzer que já foi inaugurado por Engels. Mas enquanto nessas obras os profetas de um mundo desaparecido são mostrados como homens nascidos séculos antes de seu tempo, é perfeitamente possível traçar a moral oposta - que, apesar de toda a exploração da mais moderna tecnologia, o comunismo e o nazismo foram inspirados por fantasias que são completamente arcaicas. [36] Em qualquer caso, ”em muitos aspectos“, ambos são ”fortemente endividados com aquele corpo muito antigo de crenças que constituía o conhecimento popular apocalíptico da Europa“. [37]

Olhando para o que está acontecendo no século XX, pode-se dizer mais do que isso: que aquela expectativa quialística, o desejo de um novo tipo de cristianismo que percebemos neste mundo, é um dos traços dominantes da mentalidade moderna. E essa explosão anterior desapareceu, mas depois surgiu de forma mais forte. E de fato, hoje, metade do mundo tem pessoas que pensam muito como essas pessoas e têm os mesmos elementos de terror, de matar todos os inimigos, o mesmo tipo de...

Pe. Herman: O Gulag.

Pe. Serafim: Sim, o Gulag; a mesma conversa frenética sobre os inimigos que estão prestes a destruí-los, a burguesia, os exploradores dos operários e assim por diante.

Esse homem e há outros assim, que lideraram essas rebeliões milenaristas na era da Renascença, que não ocorreram na era antes do cisma, são precisamente precursores do Anticristo. E agora se torna o caso que cidades inteiras, grupos inteiros de pessoas podem seguir esses falsos líderes que têm as expectativas e descrições mais fantásticas e enlouquecidas de si mesmos - eles são os governantes deste mundo. Então, essa coisa que começou na Idade Média agora se torna mais forte, a busca por uma monarquia universal.

3.7 Arte Renascentista

A arte deste período, que é, claro, parte da grande arte do homem ocidental, revela - algumas coisas que não entraremos: a ressurreição da antiguidade, as intermináveis estátuas nuas e tudo mais, que são obviamente uma ressurreição do paganismo do corpo e deste mundo. Veremos algumas das pinturas religiosas.

Estas são, do ponto de vista Ortodoxo, blasfêmias. Sabemos que muitos dos pintores tinham uma vida muito desregrada. Eles tinham suas amantes posando como a Virgem Maria. E você pode olhar de pintura em pintura nesse período e não verá nada que seja reconhecível como uma coisa religiosa, realmente religiosa. Há um número delas que são simplesmente pagãs e até mesmo indecentes. E outras são mais refinadas, mas ainda tem os mesmos princípios de ... Você pode ver a criança gordinha, meio que apenas nua, e as mulheres são obviamente mulheres mundanas. Às vezes elas são grosseiras, às vezes refinadas, mas é o mesmo tipo de mundanismo. E você pode passar por todos esses: Rubens, Tintoretto, Rafael - todos eles têm o mesmo espírito extremamente mundano. Há alguns, oh, vamos falar sobre ele em um minuto. Mas você pode dar uma olhada em algumas dessas fotos que são todas de tipos diferentes. Mesmo um aqui de Caravaggio, bem cedo, um pouco depois, 1600. Ele tem uma imagem do êxtase de Francisco, o que é muito interessante. Se encaixa com tudo isso (som desaparece)

Há alguns que tentaram reviver a arte religiosa, cujo chefe era Fra Angelico; ele foi muito contra todo esse paganismo e tentou voltar à verdadeira arte religiosa. Você pode ver que em algumas delas as pessoas estão tentando ser piedosas. Elas não são apenas mundanas; mas se você olhar para elas, verá que o espírito é um pouco diferente, mas ainda assim o mesmo espírito mundano se infiltrou muito. As vestes são extremamente lindas. A pintura é extremamente bonita. E a tentativa de fazer algum tipo de piedade que é simplesmente *prelest*. Alguns deles são muito latinos. Alguns deles, como El Greco, são obviamente *prelest*, algum tipo de distorção que está longe de ser - ele supostamente deveria ser grego, é o que ele deveria ser. Os historiadores dizem que ele tem influência bizantina; e claro, não há nada disso.

Aluno: Aqueles que supostamente são Maria e Cristo?

Pe. Serafim: Sim. Aqueles são os melhores deste período.

Alguns deles, especialmente os da Espanha ou do norte, tornam-se cada vez mais sangrentos e medonhos. E alguns deles como esses - Botticelli e Botticini, são muito amáveis se você não olhar para a criança, a criança gordinha. A Virgem e o Cristo são criaturas belíssimas. Se olharmos para algumas das pinturas de Botticelli - não temos a que é colorida, mas aqui está esta pintura do nascimento de Vênus que é uma coisa extremamente adorável se você olhar para as cores. Aqui é apenas preto e branco, mas você pode ver que é extremamente bem feita. Mas é puro paganismo; é o nascimento de Vênus de uma concha. E é óbvio que isso é algum tipo de nova religião. É muito próximo daquilo que mencionamos sobre Bruno, que a matéria é divina, que a matéria é adorável, que o mundo foi descoberto; e é cheio de tal beleza encantadora e tal mistério que o pintor pode de alguma maneira expor isso.

E da mesma forma, a mesma coisa sentimos em Michelangelo. Você olha para algumas dessas figuras prometéicas, obviamente algum tipo de nova religião, crença totalmente anticristã de que o homem é divino ... tentando capturar algum tipo de beleza neste mundo. O outro mundo está completamente perdido. Na “Última Ceia”, de Da Vinci, tudo é algum tipo de drama, uma espécie de pose arranjada, muito bem arranjada. Você pode ver que o que quer que Giotto ainda tivesse e os artistas da Idade Média, o que eles preservaram, está totalmente perdido agora.

E aqui está uma que é Fra Angelico, que tentou voltar ao significado

religioso. Você pode ver que este é o típico *prelest* católico. As pessoas são... é tão lindo - rosa e azul, e todas essas cores. E se você ver a pintura real, provavelmente é impressionante. Mas se você olhar para as pessoas, há expressões tão estúpidas em seus rostos, tão posadas, tão dramáticas. É Cristo coroadando a Virgem, mas é muito - sem significado religioso.

E tem outro aqui. Mostra a Crucificação agora já há algum tipo de realismo, a ênfase toda sobre o simbólico. Não há nada reconhecível como um ícone; é totalmente mundano. E aqueles que são os religiosos são *prelest*.

E muito provavelmente, há alguns que estão misturados com todos os tipos de sectarismo. Aqui está um por Hieronimus Bosch sobre o paraíso, Cristo com Adão e Eva no paraíso, que é preenchido com todos os tipos de simbolismo. Ele mesmo deveria estar misturado com uma dessas seitas, os Irmãos do Espírito Livre. Indubitavelmente, expressa todos os tipos de fantasias sectárias sobre Adão e Eva. Acabamos de ler sobre São Paulo, a Vida de São Paulo de Obnora, como ele viveu como Adão no paraíso com os animais. E essas pessoas perderam a idéia do asceta vivendo como Adão e Eva. Devemos olhar para o resto das fotos.

Algumas fotos assustadoras não são muito adequadas. Mas este mostra como - bem, é uma espécie de sectário. Porque os sectários acreditavam naquela época iriam voltar ao estado do paraíso, de Adão e Eva. E é por isso que eles vão nus e têm tudo em comum e pensam que estão estabelecendo um novo reino do paraíso na terra.

Aqui está outro, muito lindo por Fra Angelico com pavões e todos os tipos de coisas que são cheias de algum tipo de espírito religioso diferente. É *prelest* ...

Apenas olhando para estas pinturas já revela que entre a Ortodoxia e isso, existe um abismo que é tão grande que não pode ser encurtado. Se alguém vai se tornar ortodoxo... se ele já é ortodoxo, ele só pode ser um indivíduo que volta à verdade e percebe o que é verdade, até onde ele se desviou. Mas falar sobre a união com pessoas que têm pinturas religiosas assim mostra que você não sabe do que está falando. É uma religião diferente.

3.8 Resumo

Então, em resumo, vamos mencionar as principais características que surgem nesse período:

O primeiro é o surgimento do eu como o novo deus. Não se manifestou desta maneira neste momento, mas no período posterior já veremos pessoas falando sobre o indivíduo como sendo deus. Este é o significado do humanismo e do protestantismo: livrar-se da tradição religiosa, da tradição Ortodoxa, para que o novo deus possa nascer.

A segunda ideia, muito forte, é que, assim como o deus individual nasce, o mundo agora se torna divino. Isto é expresso por Bruno em tantas palavras: a matéria é divina, Deus está no mundo, o mundo é uma respiração viva de Deus, a alma do mundo é o Espírito Santo. E você vê em algumas dessas pinturas, o quanto pessoas como Botticelli acreditavam em algo assim, que a natureza é divina. Uma visão panteísta. Algo que investe o mundo com um significado que, segundo o pensamento Ortodoxo, não pode ter. O mundo vem do nada; irá embora, desaparecerá e será recriado por Deus como um novo mundo. Mas eles querem que este mundo dure. E, portanto, eles colocam um significado divino nele. E isso se torna uma doutrina muito importante mais tarde.

Novamente, a busca pelo novo cristianismo resulta agora em experimentos religiosos muito mais bizarros: os Irmãos do Espírito Livre, as novas religiões da Terceira Idade do Espírito Santo, os anabatistas. E estes se tornam mais fortes à medida que a antiga norma religiosa se desvanece mais ao fundo. Mais tarde, a tentativa de fazer um novo cristianismo se torna muito menos reconhecível como cristão.

E finalmente passa a surgir pela primeira vez alguns candidatos sérios ao anticristo, isto é, precursores do anticristo. Essas pessoas como João de Leyden se colocam como Cristo de volta à terra. E essa ideia da monarquia mundial, a teocracia mundial, embora ainda esteja no subterrâneo, também está se fortalecendo e é capaz de mover uma cidade inteira.

Veremos o que acontece com todos esses movimentos na próxima era, que é a era do chamado Iluminismo, que, assim como a era da Renascença, tem, além de sua corrente principal de racionalismo, essa corrente muito distinta, uma subcorrente de irracionalismo.

Todo este movimento do período da Renascença, portanto, mostra o

desenvolvimento das sementes que foram plantadas no período da Idade Média pelo afastamento de Roma da Igreja Ortodoxa. E já no período da Renascença, o resultado é extremamente diferente da Ortodoxia. Se você olhar para a Idade Média, há algumas coisas que parecem muito mais próximas. Externamente estão muito mais próximas, mas por dentro têm as sementes que produzirão todas as coisas que virão depois. Assim, a diferença entre a Idade Média e a Renascença é, na verdade, menor que a diferença entre a Roma Ortodoxa e a Roma da Idade Média. E todos esses movimentos estão crescendo. Alguns deles explodiram como esses movimentos apocalípticos. Alguns deles de repente se inflamam e depois morrem, mas ainda fazem parte da mentalidade que está sendo formada. E surgem mais tarde em formas extremamente estranhas, que se você olhar para eles filosoficamente, teologicamente, você pode ver que eles são o mesmo movimento.

E então este homem [*Cohn*] aqui que escreve sobre o milênio está errado quando pensa que você pode mostrar que um é arcaico ou que o outro é progressivo. Isso não vem ao caso. O ponto é que ambos estão lá como parte da mentalidade que está sendo formada. Às vezes eles mostram um crescimento direto, como o crescimento da ciência; e às vezes eles se inflamam e morrem. Mas há certas coisas que são os motivos básicos recorrentes do pensamento moderno, que são as coisas nas quais nos concentraremos.

A próxima palestra examinará o período do século XVIII, bem, os séculos XVII e XVIII, quando a visão de mundo científica se torna dominante e parece haver algum tipo de equilíbrio estabelecido, algum tipo de harmonia. E a história do mundo desde então é a história do afastamento desta harmonia. Vamos tentar mostrar em que consistia essa harmonia, e por que deveria haver o afastamento dela para produzir o mundo da anarquia em que vivemos agora. E a coisa toda, da Idade Média ao Renascimento, à Era do Iluminismo, à Idade Romântica e hoje, tudo segue uma progressão lógica definida, mostrando-nos que uma vez que a Ortodoxia é deixada para trás, existe um certo processo natural que funciona. E o diabo, claro, está sempre lá. E nós vamos ver uma e outra vez que os grandes líderes no pensamento moderno começarão com algum tipo de visão, e até mesmo algum tipo de - nós podemos ver que o diabo está trabalhando. E eles não têm mais ideia de que o diabo pode fazer coisas

assim. E, portanto, eles estão muito mais inclinados a aceitar suas visões como algum tipo de revelação.

Referências

- [1] — Lido durante a refeição monástica no dia desta palestra.
- [2] — Citado em Randall, John Herman, *The Making of the Modern Man*, Houghton Mifflin Co., 1926, Boston, p. 134.
- [3] — Burckhardt, Jacob, *The Civilization of the Renaissance in Italy*, Vol. I, Harper Torchbooks, New York, 1958, p. 151.
- [4] — Ibid.
- [5] — Ibid., p. 152.
- [6] — Ibid., p. 162.
- [7] — Ibid.
- [8] — Ibid., p. 162.
- [9] — Veja nota Palestra 2.
- [10] — Burckhardt, Vol II, p. 484.
- [11] — Ibid.
- [12] — Ibid., p. 485.
- [13] — Ibid., p. 486.
- [14] — Randall, John Hermann, *The Making of the Modern Mind*, The Riverside Press, Houghton Mifflin Co., Cambridge, Massachusetts, 1926, p. 243.
- [15] — Cohn, Norman, *The Pursuit of the Millenium*, Harper Torchbooks, 1961, New York, p. 22.
- [16] — Ibid. p. 24.
- [17] — Ibid.
- [18] — Catarina de Siena: *O Diálogo*, trad. & intr. por Suzanne Noffke, O.P., Paulist Press, 1980, pp. 25-26. Catarina ditou o Diálogo durante uma experiência extática de cinco dias, referindo-se a si mesma na terceira pessoa ou como “a alma”: “Uma alma se ergue ... ela procura buscar a verdade e se vestir nela. Mas não há como ela saborear e ser iluminada

por essa verdade como em contínua e humilde oração, fundamentada no conhecimento de si mesma e de Deus. Pois, por meio dessa oração, a alma está unida a Deus, seguindo os passos de Cristo crucificado, e através do desejo e afeição e da união do amor, ele a faz outro dele mesmo. Assim, parece que Cristo quis dizer quando disse: "Se você me amar e guardar minha palavra, eu me mostrarei a você, e você será um comigo e eu com você" (João 14: 21-23). E encontramos palavras semelhantes em outros lugares, das quais podemos ver que é a verdade que, pela afeição do amor, a alma se torna outro dele. Para tornar isso ainda mais claro, lembro-me de ter ouvido de certa serva de Deus [Catarina se referindo a si mesma] que, quando estava em oração, elevada em espírito, Deus não escondia do olho da mente dela o seu amor pelos seus servos. Não, ele revelaria, dizendo, entre outras coisas, "Abra o olho de sua mente e olhe dentro de mim, e você verá a dignidade e a beleza da minha criatura raciocinante [a pessoa humana]. Mas além da beleza que dei à alma, criando-a à minha imagem e semelhança, olhe para aqueles que estão vestidos com as vestes nupciais da caridade, adornados com muitas virtudes verdadeiras: Eles estão unidos a mim através do amor. Então eu digo, se você me perguntasse quem eles são, eu responderia", disse a gentil e amorosa Palavra, "que eles são um outro eu; pois eles perderam e afogaram sua própria vontade e se vestiram e se uniram e se conformaram com a minha." É verdade, então, que a alma é unida a Deus através do afeto do amor." p. 57: "O fogo dentro daquela alma brilhou mais alto e ela ficou fora de si como se estivesse bêbada, ao mesmo tempo gloriosamente feliz e angustiada. Ela estava feliz em sua união com Deus, totalmente submersa em sua misericórdia e saboreando sua vasta bondade ... Pois sua união com Deus era mais íntima do que a união entre sua alma e seu corpo ". p. 85: "Sereis todos semelhantes a ele em gozo e alegria, ... todos os vossos corpos serão feitos como o corpo da Palavra, meu Filho. Você viverá nele como você vive em mim, porque ele é um comigo." Também p. 295 [Deus falando com ela]: "Aquele alma estava tão perfeitamente unida a mim que seu corpo foi levantado da terra, porque neste estado unitivo de que estou falando, a união da alma comigo através do impulso do amor é mais perfeita que a união com o corpo dela. "

[19] — Cohn, p. 287.

[20] — Ibid., p. 288.

- [21] — Ibid., p. 289.
- [22] — Ibid., p. 290.
- [23] — Ibid., p. 292.
- [24] — Ibid., p. 293.
- [25] — Ibid., p. 294.
- [26] — Ibid., p. 295.
- [27] — Ibid., p. 295.
- [28] — Ibid., p. 297.
- [29] — Ibid., p. 297.
- [30] — Ibid., p. 298.
- [31] — Ibid., p. 300.
- [32] — Ibid., p. 302.
- [33] — Ibid., p. 304.
- [34] — Ibid., p. 305.
- [35] — Ibid., p. 306.
- [36] — Ibid., p. 309.
- [37] — Ibid., p. 309.

Aula 4

O Iluminismo, Parte 1

ILUMINISMO, Parte 1

O Chegamos agora ao período que se situa entre o Renascimento e os tempos modernos, o qual possui uma essência própria e bem definida. Uma das obras clássicas sobre esse período, escrita por Paul Hazard, intitulada *A Mente Europeia*, afirma: Nesse período, ocorreu um “choque moral na Europa. O intervalo entre o Renascimento, do qual é descendente direto, e a Revolução Francesa, para a qual estava forjando as armas, constitui uma época que não fica atrás de nenhuma outra em importância histórica”. Esta é a era clássica da Europa moderna.

O mesmo autor afirma: “A mente clássica, com a consciência de sua força, ama a estabilidade; mais ainda, se pudesse, ela seria a própria estabilidade. Agora que o Renascimento e a Reforma — grandes aventuras essas! — haviam terminado, chegara o momento de um balanço mental, de um ‘retiro’ intelectual.’ Política, religião, sociedade, arte — tudo havia sido resgatado das garras dos críticos vorazes. A barca da humanidade, sacudida pela tempestade, havia finalmente atracado no porto. Que lá permanecesse por muito tempo! Por muito tempo! Não, que permaneça lá para sempre! A vida era agora um assunto regular e bem ordenado. Por que, então, sair desse feliz recinto para arriscar encontros que poderiam desestabilizar tudo? O Grande Além era visto com apreensão; poderia conter algumas surpresas desagradáveis. Não, eles teriam feito o próprio

Tempo parar, se pudessem deter sua corrida. Em Versalhes, o visitante tinha a impressão de que as próprias águas haviam sido detidas em seu curso, capturadas e controladas como estavam e enviadas de volta para o céu, e mais uma vez, como se estivessem destinadas a cumprir seu dever para sempre.”

Esse período entre o Renascimento e os tempos modernos é a primeira tentativa real de fazer uma síntese harmoniosa de todas as novas forças que haviam sido liberadas pelo homem medieval, renascentista e da Reforma. Mas a tentativa era fazer isso sem perder uma base espiritual de algum tipo de cristianismo. É por isso que ela é bem diferente do que se tenta hoje: fazer uma síntese sem o cristianismo, ou melhor, com um cristianismo muito mais diluído. Analisaremos vários aspectos dessa harmonia e descobriremos ali também as razões pelas quais ela não pôde durar.

O primeiro aspecto dessa nova era clássica, dessa nova harmonia, é o predomínio da visão de mundo científica, que assumiu a forma da “máquina do mundo” de Isaac Newton. “A era de Newton”, o início do Iluminismo — ele faleceu na década de 1720, creio eu; seu grande livro foi publicado na década de 1690 — “quando a ciência e a religião racional pareciam concordar que tudo estava bem no mundo, e as artes floresceram de uma forma que nunca mais voltariam a florescer no Ocidente. Antes dessa época, o Ocidente havia passado por vários séculos de fermentação intelectual e até mesmo de caos, à medida que a síntese medieval católica romana entrava em colapso e novas forças se faziam sentir, levando a disputas acirradas e guerras sangrentas.” As guerras religiosas, para todos os efeitos práticos, terminaram em 1648, com o fim da Guerra dos Trinta Anos, que de fato devastou a Alemanha e praticamente a destruiu por dois séculos.

“O protestantismo havia se rebelado contra a complexidade e a corrupção do catolicismo romano; houve um renascimento do pensamento e da arte pagãos antigos, um novo humanismo havia descoberto o homem natural e empurrou a ideia de Deus cada vez mais para o segundo plano e — o mais significativo para o futuro — a ciência substituiu a teologia como padrão de conhecimento. E o estudo da natureza e de suas leis passou a ser considerado a atividade intelectual mais importante.

“No século XVII e no início do século XVIII, porém, alcançou-se

um certo equilíbrio e harmonia no pensamento ocidental. O cristianismo não foi, afinal, derrubado pelas novas ideias” — na próxima palestra veremos que tipo de cristianismo era esse — “mas sim se adaptou ao novo espírito. E as dificuldades e contradições das ideias naturalistas e racionalistas modernas ainda não haviam se feito sentir. Particularmente na parte mais iluminada da Europa Ocidental — Inglaterra, França e Alemanha —, quase parecia que uma era de ouro havia chegado, especialmente em contraste com as guerras religiosas que haviam assolado esses países até meados do século XVII. O homem iluminado acreditava em Deus, cuja existência podia ser demonstrada racionalmente e na religião natural, era tolerante com as crenças alheias e estava convencido de que tudo no mundo poderia ser explicado pela ciência moderna, cujas últimas descobertas e avanços ele acompanhava com entusiasmo. O mundo era visto como uma vasta máquina em movimento perpétuo, cujo cada movimento podia ser descrito matematicamente. Era um grande universo harmonioso, ordenado, não hierarquicamente como na Idade Média ou no pensamento ortodoxo, mas como um sistema matemático uniforme. A obra clássica que expressava essas ideias, o *Principia Mathematica*, de Newton, foi recebido com aclamação universal quando foi publicado em 1687, demonstrando que o mundo culto daquela época estava totalmente preparado para esse novo evangelho.”

Outra obra clássica sobre o pensamento moderno, *Making of the Modern Mind*, de Randall, *Making of the Modern Mind*, de Randall, discute alguns desses elementos que se incorporaram a essa visão do universo. “Os trinta anos que se passaram desde que Galileu publicou seu *Diálogo sobre os Dois Sistemas*”, ou seja, o sistema heliocêntrico e o geocêntrico, “tiveram uma enorme mudança intelectual. Enquanto Galileu ainda estava discutindo com o passado” — e vemos que ele quase foi queimado na fogueira até que se retratou de seu erro e então murmurou: “No entanto, a Terra ainda se move.” — “Enquanto Galileu ainda discutia com o passado, Newton ignora as antigas discussões e, olhando inteiramente para o futuro, enuncia com calma definições, princípios e provas que, desde então, formaram a base das ciências naturais. Galileu representa o ataque; após uma única geração, vem a vitória. O próprio Newton fez duas descobertas notáveis: encontrou um método matemático que descreveria o movimento mecânico e o aplicou universalmente.

Por fim, o que Descartes havia sonhado tornou-se realidade: os homens haviam chegado a uma interpretação mecânica completa do mundo em termos matemáticos dedutivos exatos. Ao colocar assim a pedra angular no arco da ciência do século XVII, Newton imprimiu de fato seu nome na imagem do universo que permaneceria inalterada em suas linhas gerais até Darwin; ele havia completado o esboço do mundo newtoniano que permaneceria ao longo do século XVIII como a verdade científica fundamental.“

Esta é a época — na verdade, o fim desse período — da Enciclopédia na França, um grande empreendimento liderado principalmente por Diderot, para reunir todo o conhecimento em um grande livro de muitos volumes. Deve-se entender, antes de tudo, que essa mesma ideia de enciclopédia é algo bastante novo, ou seja, a ideia de reunir todo o conhecimento em um único lugar e organizá-lo, como nas enciclopédias posteriores, até mesmo em ordem alfabética. Assim, tudo é de certa forma simplificado e colocado dentro dos limites de um certo número de páginas, de modo que, se você quiser saber sobre qualquer coisa, basta consultar o índice ou procurar alfabeticamente e encontrará o artigo sobre esse assunto.

É importante ressaltar que em outras nações que tinham uma certa noção de conhecimento universal, como a China, também havia enciclopédias. Mas essas enciclopédias eram bem diferentes, pois ali ainda prevalecia a ideia hierárquica e, por exemplo, as grandes enciclopédias da China, que remontam a cerca de mil anos ou mais, todas essas grandes enciclopédias eram organizadas de modo que o primeiro volume era sempre “Céu”, depois o “Imperador”, depois as ciências superiores, e progredia gradualmente até chegar, bem no final, às coisas que tratam da Terra. Já na nova concepção de enciclopédia, tudo está uniformizado. E você pode conhecer uma página da enciclopédia e não saber nada sobre o resto, mas ser um especialista naquela parte. Portanto, esse é um tipo de conhecimento muito fragmentário. E talvez apenas a pessoa que o reúne — na verdade, não é uma única pessoa que o reúne, são muitas pessoas, então, na real, ninguém — conheça o todo.

O próprio Diderot, embora subestimasse a matemática, tinha, no entanto, uma ideia de conhecimento — o ideal de saber tudo — igual à de todas as outras pessoas de sua época. Ele diz: “Estamos à beira de uma

grande revolução nas ciências. A julgar pela inclinação que as melhores mentes parecem ter pela moral, pelas belas-letas, pela história natural e pela física experimental, quase ousou prever que, antes que cem anos se passem, não haverá três grandes matemáticos na Europa... [A ciência] terá erguido os pilares de Hércules; os homens não irão além disso; suas obras perdurarão pelos séculos vindouros como as pirâmides do Egito, cujas massas, gravadas com hieróglifos, despertam em nós a ideia impressionante do poder e dos recursos dos homens que as construíram.” Vemos que eles tinham a ideia de que agora iriam chegar à definição definitiva da natureza, da ciência, e reunir todo o conhecimento existente. E em breve a tarefa estará concluída.

Nessa nova síntese, a ideia da natureza, na verdade, substitui Deus como ideia central, embora vermos que a ideia de Deus não foi descartada até o final desse período. Um dos pensadores franceses do final do século XVIII, Holbach, descreve assim sua adoração à natureza:

“O homem sempre se engana quando abandona a experiência para seguir sistemas imaginários. Ele é obra da Natureza. Ele existe na natureza. Ele está sujeito às leis dela. Ele não pode se libertar delas. É em vão que sua mente tentaria ir além do mundo visível: uma necessidade imperiosa sempre o obriga a retornar — pois, tendo sido formado pela Natureza, que está circunscrita por suas leis, não existe nada além de um grande todo do qual ele faz parte e cuja influência ele experimenta. Os seres que sua imaginação retrata como estando acima da Natureza, ou distintos dela, são sempre quimeras moldadas a partir do que ele já viu, mas dos quais é totalmente impossível que ele jamais forme qualquer ideia correta, seja quanto ao lugar que ocupam, seja quanto à sua maneira de agir — para ele não há, nem pode haver nada, fora daquela natureza que inclui todos os seres...” — isto é, fora daquela natureza que inclui todos os seres. “O universo, esse vasto conjunto de tudo o que existe, apresenta apenas matéria e movimento: o todo oferece à nossa contemplação nada além de uma imensa e ininterrupta sucessão de causas e efeitos... A natureza, portanto, em seu significado mais amplo, é o grande todo que resulta do conjunto da matéria em suas várias combinações, com aquela contrariedade de movimentos que o universo oferece à nossa visão.”

Voltaire também diz, ao descrever um diálogo entre a natureza e o cientista. E a natureza diz ao cientista: “Meu pobre filho, devo lhe dizer

a verdade? Recebi um nome que não me convém de forma alguma. Sou chamada de Natureza, mas sou, na verdade, Arte — a arte de Deus”, o Deus deísta daquela época.

E um dos discípulos de Newton diz: “A ciência natural está a serviço de propósitos de natureza superior e deve ser valorizada principalmente por estabelecer uma base segura para a Religião Natural e a Filosofia Moral, conduzindo-nos, de maneira satisfatória, ao conhecimento do Autor e Governador do universo.... Estudar a Natureza é estudar Sua obra; cada nova descoberta nos revela uma parte de Seu desígnio... Nossa visão da Natureza, por mais imperfeita que seja, serve para nos representar, da maneira mais sensível maneira, aquele poder imenso que prevalece por toda parte, agindo com uma força e eficácia que parecem não sofrer diminuição nem mesmo diante das maiores distâncias espaciais ou intervalos de tempo; e aquela sabedoria que vemos igualmente manifestada na estrutura requintada e nos movimentos precisos das partes maiores e das mais sutis. Essas, juntamente com a bondade perfeita, pela qual são evidentemente orientadas, constituem o objeto supremo das especulações de um filósofo; o qual, ao contemplar e admirar um sistema tão excelente, não pode deixar de se sentir entusiasmado e animado a corresponder à harmonia geral da Natureza.”

Mais uma vez, esse Holbach diz sobre a natureza: “‘Ó tu’, clama esta Natureza ao homem, ‘que, seguindo o impulso que te dei, durante toda a tua existência, tendes incessantemente para a felicidade, não te esforces para resistir à minha lei soberana. Esforça-te por tua própria felicidade; participa sem medo do banquete que está disposto diante de ti, com as mais calorosas boas-vindas; você encontrará os meios claramente escritos em seu próprio coração... Ouse, então, libertar-se dos grilhões da superstição, meu rival presunçoso e pragmático, que confunde meus direitos; denuncie essas teorias vazias, que usurpam meus privilégios; retorne ao domínio das minhas leis, que, por mais severas que sejam, são brandas em comparação com as do fanatismo. É somente no meu império que reina a verdadeira liberdade. A tirania é desconhecida em seu solo, a escravidão está para sempre banida de seus adeptos; a equidade vela incessantemente pelos direitos de todos os meus súditos, mantém-nos na posse de suas justas reivindicações; a benevolência, enraizada na humanidade, une-os por laços amigáveis; a verdade os ilumina; jamais a impostura poderá cegá-los

com suas névoas obscurecedoras. Retorna, então, meu filho, aos braços de tua mãe adotiva! Desertor, refaz teus passos errantes de volta à Natureza. Ela te consolará por teus males; afastará de teu coração esses medos terríveis que te oprimem... Volta para a Natureza, para a humanidade, para ti mesmo!... Aproveita-te e faz com que os outros também desfrutem desses confortos, que coloquei com mão generosa para todos os filhos da terra, que todos, igualmente, emanam do meu seio.... Esses prazeres te são livremente permitidos, se tu te entregares a eles com moderação, com aquela discrição que eu mesmo estabeleci. Sê feliz, então, ó homem!”

E ele diz ainda: “Ó Natureza, soberana de todos os seres! E vós, suas adoráveis filhas, Virtude, Razão e Verdade! Permaneci para sempre nasas veneradas protetoras! A vós pertencem os louvores da raça humana; a vós cabe a homenagem da Terra. Mostra-nos, então, ó Natureza!, o que o homem deve fazer para alcançar a felicidade que Tu lhe fazes desejar. Virtude! Anima-o com teu fogo benéfico. Razão! Conduz seus passos vacilantes pelos caminhos da vida. Verdade! Que tua tocha ilumine seu intelecto, dissipe as trevas de seu caminho. Unam, ó divindades auxiliares! vossos poderes, a fim de submeter os corações da humanidade ao vosso domínio. Banai o erro de nossa mente, a maldade de nossos corações; a confusão de nossos passos; façam com que o conhecimento estenda seu reinado salutar; a bondade ocupe nossas almas; a serenidade ocupe nossos corações.”

Vejam que ideal harmonioso era esse: a natureza governando tudo, os mistérios da natureza sendo descobertos, Deus ainda estando em Seu céu, embora não fizesse muito, e o conhecimento científico progredindo por todo o mundo. O naturalista Buffon chegou a dizer que, ao descrever os primeiros astrônomos babilônicos, “aquele povo antigo era muito feliz, porque era muito científico”. As ideias de conhecimento científico e felicidade estavam intimamente ligadas; em nossos dias, parece ser o contrário. E novamente ele diz: “Que entusiasmo é mais nobre do que acreditar que o homem é capaz de conhecer todas as forças e descobrir, por meio de seus esforços, todos os segredos da natureza!”

E assim, os grandes filósofos desse período tinham apenas que descobrir todo o sistema da natureza; e é por isso que temos, atualmente, os grandes sistemas metafísicos, quando o filósofo podia sentar-se em sua poltrona confortável diante de sua escrivaninha, ler todos os resultados

da pesquisa científica e os escritos dos filósofos anteriores e elaborar seu próprio sistema sobre o que é a natureza. E assim temos Spinoza reclinado em sua poltrona, elaborando a ideia de que existem dois sistemas paralelos, a mente e a matéria; e ambos são Deus. E Leibniz apresenta a ideia da mônada — um átomo primário que é a base de tudo o mais —, o que explica tanto a mente quanto a matéria. E Descartes, sentado em seu escritório, descobriu que tudo na natureza provém do conhecimento, da intuição de ideias claras e distintas.

Todos esses sistemas, é claro, rivalizavam entre si e acabaram por se derrubar mutuamente; outros sistemas os derrubaram. Mas o ideal de uma verdadeira filosofia da natureza nunca se concretizou. No entanto, nesse período, isso ainda não se concretizou completamente. E a ciência era considerada o tipo de conhecimento que levaria os homens à verdade.

Todo esse período é marcado por um grande otimismo e está bem resumido no poeta Alexander Pope, que considerava Newton como o ideal. Algumas palavras resumiram o espírito que as pessoas tinham, o sentimento que nutriam em relação à época em que viviam e a verdadeira filosofia que agora estava sendo concebida a partir da ciência moderna:

“Tudo não passa de partes de um todo estupendo,

“Cujo corpo é a Natureza e Deus a alma;...

“Toda a Natureza não passa de Arte a ti desconhecida;

“Todo acaso, direção que não podes ver;

“Toda discórdia, harmonia não compreendida;

“Todo mal parcial, bem universal:

“E, apesar do orgulho, apesar da razão equivocada,

“Uma verdade é clara: tudo o que existe está certo.”

“A Natureza e as leis da Natureza jaziam ocultas na noite:

“Deus disse: ‘Que haja Newton!’ E tudo se tornou Luz.”

O “Admirável Mundo Novo” – Cândido.

“Mas, na Era da Razão, o ‘empirismo’ foi empregado por um Voltaire para destruir a religião revelada, a monarquia absoluta e o ascetismo cristão; e, pelo mesmo Voltaire, a ‘razão’ foi usada para erigir uma teologia ‘racional’, direitos ‘naturais’ e uma lei ‘natural’.” “Voltaire afirmou isso de forma definitiva: ‘Entendo por religião natural os princípios de moralidade comuns à raça humana.’ Ela não continha nada mais. Esse credo

foi aceito, tanto pelos ortodoxos quanto pelos radicais, como o conteúdo essencial da tradição religiosa do cristianismo.”

“Com o problema da governança moral do mundo, o antigo problema do mal, eles [os teólogos racionais] não se saíram melhor do que seus antecessores; também aqui, só podiam ter fé de que uma ordem racional deve ser uma ordem moral. Alguns, como Leibniz, dedicaram páginas inteiras para provar que este é o melhor de todos os mundos possíveis A frase retumbante de Pope, ‘Tudo o que é, é certo’, soava, mesmo para o século XVIII, suspeitosamente como um assobio para manter a própria coragem. Outros, como Voltaire, estavam demasiado conscientes das injustiças infligidas pela natureza e pelo homem ao homem para não ficarem revoltados com tal fé; O famoso conto de Voltaire, *Cândido*, é uma longa ridicularização da posição de Leibniz.”

“A principal controvérsia de Voltaire com o patriotismo se deve à razão humanitária de que ele parece exigir o ódio pelo resto da raça humana. Amar o próprio país, na opinião comum, significa odiar todas as terras estrangeiras..... Por isso, contra as loucuras do patriota, Voltaire travou uma guerra incessante de ridicularização. Todos se lembram da sátira nos primeiros capítulos de *Cândido*, onde o herói é seduzido a se alistar no exército do rei dos búlgaros durante sua guerra contra os “bários”. “Nada era tão belo, tão elegante, tão brilhante, tão bem organizado quanto os dois exércitos... Os canhões começaram a ceifar cerca de seis mil homens de cada lado;... *Cândido*, tremendo como um filósofo, escondeu-se da melhor maneira que pôde durante esse heroico massacre.... Cérebros estavam espalhados pelo chão lado a lado com pernas e braços decepados. *Cândido* fugiu o mais rápido que pôde para outra vila;... *Cândido*, caminhando sobre membros palpitantes ou por entre ruínas, finalmente conseguiu sair do cenário da guerra.”

Sonhos de unidade da humanidade, descoberta, mistérios da natureza, felicidade na Terra, progresso, era de ouro da arte.

4.1 Fé no Progresso

“Desde o início do século, surgiu um plano cada vez mais ambicioso de progresso por meio da educação. Locke, Helvetius e Bentham lançaram

os alicerces desse generoso sonho; todos os homens, de qualquer escola de pensamento, com exceção apenas daqueles que se apegavam, como Malthus, à doutrina cristã do pecado original, acreditavam, com toda a sua natureza ardente, na perfectibilidade da raça humana. Por fim, a humanidade segurava em suas próprias mãos a chave de seu destino; poderia moldar o futuro quase como quisesse. Ao destruir os erros tolos do passado e retornar a um cultivo racional da natureza, quase não havia limites para a riqueza humana que não pudessem ser superados.

“É difícil para nós percebermos quão recente é essa fé no progresso humano. O mundo antigo parece não ter tido nenhuma noção disso; gregos e romanos olhavam mais para uma idade de ouro da qual o homem havia degenerado. A Idade Média, é claro, não podia tolerar tal pensamento. O Renascimento, que de fato realizou tanto, não conseguia imaginar que o homem pudesse algum dia elevar-se novamente ao nível da gloriosa Antiguidade; seus pensamentos estavam todos voltados para o passado. Somente com o crescimento da ciência no século XVII é que os homens ousaram acalentar uma ambição tão excessiva. A Fontanelle, cuja longa vida se estendeu desde os dias de Descartes até os da Enciclopédia, cabe o mérito principal por incutir a fé do século XVIII no progresso. Ele foi um divulgador da ciência cartesiana, e era da ciência e da razão que ele esperava que a Europa não apenas igualasse, mas superasse de longe a Antiguidade. Todos os homens, proclamava ele, são feitos da mesma matéria: somos como Platão e Homero, e possuímos um acervo muito mais rico de experiência acumulada do que eles. Os homens reverenciam a idade por sua sabedoria e experiência; somos nós, os modernos, que realmente representamos a idade do mundo, e os antigos que viveram em sua juventude. Um cientista de hoje sabe dez vezes mais do que um cientista que vivia na época de Augusto. Enquanto os homens continuarem a acumular conhecimento, o progresso será tão inevitável quanto o crescimento de uma árvore, nem há motivo para esperar que ele cesse.”

“Essa opinião pode nos parecer quase um lugar-comum, mas para os contemporâneos de Fontenelle parecia a mais flagrante das heresias. Ele se viu envolvido em uma batalha furiosa, e toda a França tomou partido no conflito entre os Antigos e os Modernos.... Mas não havia dúvida quanto ao resultado final; todos os cientistas, desde Descartes em diante, desprezavam os antigos e saíram vitoriosos na defesa da fé no progresso. Em

meados do século seguinte, já se reconhecia claramente que somente na literatura o mundo antigo poderia esperar manter-se firme; e com a rejeição do gosto clássico pela emergente escola romântica, os antigos, mesmo aqui, travaram uma batalha perdida.

“Coube a Condorcet resumir as esperanças e a confiança da época.”

No final do século XVIII, há um grande filósofo do progresso, Condorcet, que escreveu uma história do progresso do espírito humano na qual afirmou: “O resultado do meu trabalho será mostrar, por meio do raciocínio e dos fatos, que não há limite estabelecido para o aperfeiçoamento das faculdades do homem; pois a perfeccionabilidade humana é, na realidade, indefinida; que o progresso dessa perfeccionabilidade, doravante independente de qualquer poder que deseje detê-la, não tem outro limite senão a duração do globo sobre o qual a natureza nos colocou. Sem dúvida, esse progresso pode avançar a um ritmo mais ou menos rápido, mas nunca retrocederá; pelo menos enquanto a Terra ocupar o mesmo lugar no sistema do universo e enquanto as leis gerais desse sistema não provocarem no globo uma destruição geral ou mudanças que não permitam mais à raça humana preservar-se, empregar essas mesmas capacidades e encontrar os mesmos recursos.”

Ele acreditava que os princípios do Iluminismo “se espalharão por toda a Terra; a liberdade e a igualdade — uma verdadeira igualdade econômica, social e intelectual — serão continuamente fortalecidas; a paz reinará na Terra. ‘A guerra passará a ser considerada a maior das pestes e o maior dos crimes.’ Mais ainda: uma melhor organização do conhecimento e um aprimoramento inteligente na qualidade do próprio organismo humano levarão ao desaparecimento das doenças e a um prolongamento indefinido da vida humana, bem como à conquista efetiva das condições perfeitas de bem-estar humano.”

E, mais uma vez, ele diz: “Que imagem da raça humana, libertada de suas correntes, afastada do império do acaso, assim como daquele dos inimigos de seu progresso, e avançando com passos firmes e seguros no caminho da verdade, da virtude e da felicidade, é apresentada ao filósofo para consolá-lo pelos erros, pelos crimes e pelas injustiças com que a Terra ainda está manchada e dos quais ele é frequentemente vítima! É ao contemplar essa visão que ele recebe a recompensa de seus esforços pelo progresso da razão, pela defesa da liberdade. Ele ousa então ligá-los à cadeia

eterna do destino humano; é ali que encontra a verdadeira recompensa da virtude, o prazer de ter criado um bem duradouro bem, que o destino não pode destruir por meio de nenhuma terrível compensação, que traga de volta o preconceito e a escravidão. Essa contemplação é para ele um refúgio para onde a memória de seus perseguidores não pode alcançá-lo; onde, vivendo em pensamento com o homem estabelecido em seus direitos e na dignidade de sua natureza, ele esquece aquele a quem a avareza, o medo ou a inveja atormentam e corrompem; é ali que ele verdadeiramente existe com seus semelhantes, em um paraíso que sua razão criou, e que seu amor pela humanidade enriquece com as mais puras alegrias.”

Outro historiador dessa época escreveu uma história da filosofia, em 1796, J. G. Buhle, que afirma: “Estamos agora nos aproximando do período mais recente da história da filosofia, que é o período mais notável e brilhante da filosofia, bem como das ciências, das artes e da civilização da humanidade em geral. A semente que havia sido plantada nos séculos imediatamente séculos anteriores começou a desabrochar no século XVIII. De nenhum outro século se pode dizer com tanta verdade quanto do século XVIII que ele utilizou as conquistas de seus antecessores para levar a humanidade a uma maior perfeição física, intelectual e moral. Ele atingiu um patamar que, considerando as limitações da natureza humana e o curso de nossa experiência passada, nos surpreenderíamos ao ver o gênio das gerações futuras mantê-la.”

E há uma mensagem interessante que foi colocada no ponto mais alto da torre da igreja em Gotha, na Alemanha, em 1784, e que deveria ser lida pela posteridade. Esta é a mensagem, de 1784: “Nossa época ocupa o período mais feliz do século XVIII. Imperadores, reis e príncipes descem humanamente de suas temíveis alturas, desprezam a pompa e o esplendor, tornam-se pais, amigos e confidentes de seu povo. A religião rasga suas vestes sacerdotais e se revela em sua essência divina. O Iluminismo dá grandes passos. Milhares de nossos irmãos e irmãs, que antes viviam em inatividade santificada”, referindo-se aos monges, “são devolvidos ao Estado. O ódio sectário e a perseguição por motivos de consciência estão desaparecendo. O amor ao próximo e a liberdade de pensamento estão conquistando a supremacia. As artes e as ciências estão florescendo, e nosso olhar penetra profundamente na oficina da natureza. Artesãos e artistas estão alcançando a perfeição, o conhecimento útil está crescendo

entre todas as classes. Aqui vocês têm uma descrição fiel de nossos tempos. Não olhem com altivez para nós se estiverem mais acima e enxergarem mais longe do que nós; reconheçam, antes, a partir do quadro que traçamos, com quanta coragem e energia trabalhamos para elevá-los à posição que vocês agora ocupam e para apoiá-los nela. Façam o mesmo por seus descendentes e sejam felizes.”

Quando contemplamos essas visões da natureza, da arte, da virtude, da ideia, vemos — lembrem-se da ideia de que existe essa possibilidade de o homem ser feliz nesta Terra, de o conhecimento ser perfeito, de as artes florescerem e de haver um mundo harmonioso; na verdade, diz-se até aqui que existe um paraíso na Terra.

Essa é a base para o que vem acontecendo no mundo nos últimos dois séculos. Todas as ideias pelas quais as pessoas estão vivendo hoje, a maioria delas, vêm desse período. E se agora esse otimismo inicial parece bastante ingênuo, ainda precisamos entender por que é ingênuo, por que não corresponde à verdade. Portanto, teremos que examinar o âmago de toda essa filosofia positiva para ver quais eram os germes que já existiam naquela época e que levaram ao negativo, à derrubada dessa filosofia otimista.

Mas, antes disso, precisamos examinar outra coisa muito interessante. Embora isso pareça — se pensarmos bem — ser muito superficial, uma espécie de zombaria do cristianismo; ainda assim é muito verdade que, nesse período, houve um grande florescimento das artes. Na verdade, muitas pessoas diriam que as artes no Ocidente nunca mais voltaram ao padrão desse período; especialmente na música, é de fato verdade que essa é uma era de ouro da música ocidental moderna.

Portanto, precisamos enxergar, precisamos olhar para o lado positivo para entender por que pode haver um florescimento positivo das artes como esse, que parece bastante profundo, mesmo quando a filosofia se baseia em algo que parece bastante superficial. E esse será o tema da próxima palestra.

Aula 5

O Iluminismo, Parte 2

O admirável mundo novo que descrevemos no último capítulo, e a fé na ciência e na natureza, tem outro aspecto, que é a visão religiosa dessa época. E em todos esses filósofos e escritores que examinaremos, vemos algo que já está se formando, que já nos é familiar. Pois muitos dos argumentos que eles utilizam nós mesmos já ouvimos. Esse já é, pode-se dizer, o comprimento de onda ou o universo de discurso no qual nós também nos expressamos. Seus argumentos eram um pouco diferentes, eram mais ingênuos do que os dos cientistas esclarecidos de hoje; mas, ainda assim, eles falam basicamente o mesmo tipo de linguagem, tentando provar coisas pela ciência ou pela razão, e assim por diante.

Esta era do sistema newtoniano é também a era da religião da razão. Pode-se dizer que, na era do Renascimento e da Reforma, o cristianismo foi negligenciado ou reduzido ao essencial — simplificado, como os protestantes tentaram fazer —, mas aqueles que acreditavam no cristianismo ainda se agarravam, de alguma forma, ao passado. Já em Tomás de Aquino e Francisco de Assis vimos que o cristianismo estava se tornando bem diferente, mas ainda assim o conteúdo básico da fé, externamente, era bastante semelhante ao cristianismo tradicional; a diferença era que eles estavam mudando toda a abordagem em relação a ele, o que levaria, mais tarde, a uma mudança também no conteúdo.

Mas nesta nova era, a Era do Iluminismo, vemos que o próprio conteúdo da fé agora está sendo alterado, e surgem ideias religiosas bastante novas. A razão para isso é que a religião está agora sujeita ao mesmo padrão que a ciência: o estudo externo do mundo exterior, ou seja, o padrão da razão. E assim dá-se continuidade ao processo que se iniciou com a Escolástica, quando a razão foi colocada acima da fé e da tradição. Essa foi a época em que os homens sonhavam com uma religião da racionalidade. Citaremos alguns dos escritores dessa época. Todos eles têm apenas uma abordagem ligeiramente diferente, mas, no fim das contas, possuem uma filosofia muito semelhante.

Por exemplo, Diderot, o grande enciclopedista, fala sobre a eliminação dos preconceitos na religião. Em uma de suas obras, ele faz com que um personagem fale sobre a importância de manter as pessoas submetidas a certos preconceitos para o bem público. A isso, Diderot responde: “Que preconceitos? Se um homem admite a existência de um Deus, a realidade do bem e do mal moral, a imortalidade da alma, recompensas recompensas e castigos, para que precisa ele de preconceitos? Supondo que ele esteja iniciado em todos os mistérios da transubstanciação, consubstanciação, Trindade, união hipostática, predestinação, encarnação e o restante, será ele um cidadão melhor cidadão?”

Portanto, obviamente, o novo padrão que está sendo aplicado é um padrão muito superficial. A razoabilidade e todas essas coisas que parecem complicadas pela tradição ortodoxa — as doutrinas básicas da fé — agora passam a parecer muito, até demais, complicadas. Isso não nos ajuda a viver melhor, segundo essa visão; e é completamente irracional. E observe que a maioria dessas pessoas mantém algumas crenças básicas, ou seja, artigos de fé como a existência do bem e do mal, de Deus e da vida após a morte.

5.1 O Iluminismo na Inglaterra

Nesse período, a liderança na expressão do espírito da época passa para a Inglaterra. Pois a Inglaterra foi o lugar onde, após 1689, houve o Édito de Tolerância, pelo qual todas as religiões e todas as seitas cristãs foram autorizadas a existir, exceto o catolicismo e o unitarismo; ou seja, vários

tipos de protestantismo, o anglicanismo se tornou legal.

Vemos essa combinação da chamada “abertura de espírito” com a intolerância contínua, pois os católicos passaram por um período muito difícil na Inglaterra por muito tempo, até o século XIX; e, mesmo hoje, a corrente anglicana de mente aberta é extremamente restrita em alguns aspectos — a tal ponto que, quando havia um inglês em nossa igreja que queria ser batizado e tornar-se padre, ele teve que ir para a França, onde Vladika John o ordenou, pois na Inglaterra não era permitido que um clérigo anglicano se tornar ortodoxo.

E ainda hoje nossa missão na Inglaterra é bastante restrita. Os anglicanos se opõem veementemente a qualquer tipo de conversão à Ortodoxia e há até mesmo leis sobre clérigos que se tornam ortodoxos. Portanto, há uma combinação de uma mentalidade estreita e burocrática com a liberdade. Você pode acreditar no que quiser, desde que esteja na Igreja Anglicana ou simplesmente não se importe com religião. Mas eles se opõem veementemente a que qualquer outro tipo de crença forte tenha liberdade.

E a maioria das pessoas que examinamos hoje são escritores ingleses que, embora obviamente não sejam filósofos profundos, pertencem à escola pragmática inglesa; mas suas ideias estavam em grande sintonia com o espírito da época e se espalharam pela França e pela Alemanha, e especialmente na França eles tiveram até mesmo seguidores muito radicais. Os ingleses costumavam evitar as consequências mais radicais porque são muito práticos. É possível preservar o passado e ainda assim ser um livre-pensador sem ir até o fim.

Já no século XVII havia um Lorde Herbert de Cherbury, que faleceu em 1648, que foi um dos principais “teólogos”, assim chamados, dessa nova religião naturalista. E ele também, como muitas pessoas no Renascimento, havia ouvido uma voz sobrenatural que sancionava sua religião natural. Segundo ele, há cinco artigos de fé com os quais todos os cristãos podem concordar, independentemente de sua seita ou de suas diferenças teológicas. Então, como você pode ver, ele pretende extrair da razão — de certa forma sintetizar — a essência do cristianismo. E esses cinco artigos de fé com os quais todos concordam são, a saber, que Deus existe, que Ele deve ser adorado, que Ele é adorado principalmente por meio da piedade e da virtude, que os homens são chamados ao arrependimento e

que existe uma vida após a morte com recompensas e castigos. Ele achava que essas crenças eram razoáveis, é claro, não com base na razão, mas porque as pessoas que ele conhecia e as pessoas comuns daquela época ainda acreditavam, ainda mantinham essa parte do cristianismo. Mas, depois dele, surgiriam visões muito mais radicais.

Há outro pensador, John Toland, um clérigo anglicano — creio que ele era clérigo — que faleceu em 1722, o qual escreveu um livro intitulado *Christianity Not Mystrious* (O Cristianismo Não é Misterioso), no qual ele queria explicar como o cristianismo é, na verdade, muito razoável; você não precisa ter nenhuma superstição para acreditar no cristianismo. E ele disse que: “Não há nada no Evangelho que seja contrário à razão, nem acima dela; e que nenhuma doutrina cristã pode ser propriamente chamada de mistério.” Portanto, tudo é perfeitamente compreensível. Um bom homem de bom senso compreenderá do que se trata o cristianismo.

Outro pensador da mesma época, Matthew Tindal, que faleceu em 1733, escreveu outro livro sobre o mesmo tipo de tema, intitulado “*Christianity as Old as the Creation*” (O Cristianismo tão Antigo quanto a Criação). E, segundo ele, o Evangelho é simplesmente a lei da natureza. E qualquer revelação além disso é, na verdade, bastante inútil. O cristianismo é reduzido simplesmente ao que é natural.

Havia, naquela época, duas correntes de pensamento na Inglaterra, ou seja, os conservadores, chamados de “sobrenaturalistas”, e os radicais, que se tornaram os deístas. Mas todos tinham em comum essa crença de que a religião nada mais é do que o que é natural. Os sobrenaturalistas achavam que a revelação acrescentava algo à religião natural, embora não muito. Acreditava-se que ela fosse usada como uma espécie de selo de autenticidade, como se dissesse “ouro de 24 quilates”. Baseie sua crença na razão e na natureza e, então, a revelação surge e diz: “Isso é verdade”. Era basicamente isso que ela fazia. E esses eram os conservadores.

Por exemplo, temos como exemplo de um conservador John Locke, o filósofo, que disse: “‘Em todas as coisas desse tipo’, a religião, ‘há pouca necessidade ou utilidade da revelação, já que Deus nos dotou de meios naturais e mais seguros para chegar ao conhecimento delas. Pois qualquer verdade que descobramos com maior clareza a partir do conhecimento e da contemplação de nossas próprias ideias, sempre nos parecerá mais certa do que aquelas que nos são transmitidas pela revelação tradicional.’”

É óbvio que a ideia aqui é de que a revelação vem de fora, como se fosse imposta a você, enquanto aquilo que vem de dentro de você, o que realmente o convence, são os argumentos racionais.

No Novo Testamento, esse John Locke descobriu que existem apenas duas condições realmente estabelecidas para a salvação. “Essas duas, fé e arrependimento, ou seja, acreditar que Jesus é o Messias, e uma vida virtuosa, são as condições indispensáveis da nova aliança a serem cumpridas por todos aqueles que desejam alcançar a vida eterna.” Portanto, tudo o que precisamos fazer é acreditar e levar uma vida justa. A ortodoxia já está bastante reduzida, praticamente extinta. Tudo o que resta é um protestantismo muito restrito. Ele escreveu um livro intitulado, tipicamente, *A Racionalidade do Cristianismo*.

Assim, o cristianismo tornou-se, mesmo entre os conservadores, na verdade apenas um sistema filosófico racional que apelava ao bom senso. E aqueles que não gostavam disso, aparentemente não tinham argumentos racionais; e, assim, as principais rebeliões contra esse racionalismo foram os movimentos das classes mais baixas, como o pietismo, metodismo e assim por diante, que baseavam a religião no sentimento.

E entre os intelectuais, parece que apenas Paschal percebeu tudo isso e foi muito profundo em suas observações sobre essa religião da razão. Ele disse: se você quer provar a religião pela razão, é melhor não escolher o cristianismo, porque ele é cheio de mistérios. É mais fácil provar a verdade do islamismo, pois ele tem menos mistérios.

Mas o movimento da razão, uma vez iniciado, não dá para pará-lo quando bem entender. Os escolásticos achavam que aceitariam todo o conteúdo do cristianismo e simplesmente o tornariam torná-lo lógico. Aqueles que vieram depois rejeitaram muitos dos pequenos pontos sobre os quais discutiam e afirmaram que havia uma certa essência que poderia ser mantida. Então, a essência foi ficando cada vez menor e, por fim, eles quiseram eliminar os mistérios por completo. E agora veremos que a própria ideia de religião começa a ser atacada.

5.2 Deísmo

Em primeiro lugar, houve um movimento do deísmo, que talvez seja o mais típico de todo o século XVIII. A ideia do deísmo é que Deus existe, mas Ele é bastante irrelevante. Ou seja, Ele cria o mundo e se afasta. E, a partir desse momento, isso não tem nada a ver com Deus. O próprio Newton acreditava que Deus não conseguia calcular tudo corretamente, como, por exemplo, as trajetórias dos cometas e assim por diante. E ele tinha a ideia de que o universo era como um grande relógio que Deus criou, se afastou e, de vez em quando, Ele precisa intervir e corrigi-lo, como que dar corda nele novamente. Mas, mais tarde, os astrônomos disseram que não, isso não é verdade. E na verdade existe uma teoria unificada que explica tudo, incluindo cometas e todos os tipos de movimentos irregulares. E assim, Deus é simplesmente necessário apenas no início. Deus cria e é só isso. E Deus se torna extremamente vago. Assim, milagres e profecias começam a ser postos em dúvida; e muitos escritores já começam a dizer que são apenas superstição. Nesse aspecto, os franceses se tornaram mais radicais do que os ingleses.

O exemplo de Diderot, que diz — embora ele não tenha publicado isso, ele disse em uma carta particular; ainda não era momento suficiente para publicar tal coisa — “A religião cristã é, a meu ver, a mais absurda e atroz em seus dogmas; a mais incompreensível, a mais metafísica”, metafísica agora se torna um termo pejorativo, “a mais intrincada e obscura, e consequentemente a mais sujeita a divisões, seitas, cismas e heresias; a mais prejudicial à tranquilidade pública, a mais perigosa para os soberanos por sua ordem hierárquica, suas perseguições, suas disciplinas; a mais monótona, a mais sombria, a mais gótica”, que também é um termo pejorativo — Idade Média, “e a mais sombria em suas cerimônias; a mais pueril e anti-social em sua moral, considerada não no que tem em comum com a moral universal, mas no que lhe é peculiarmente próprio e a constitui como moral evangélica, apostólica e cristã, que é a mais intolerante de todas. O luteranismo, livre de alguns absurdos, é preferível ao catolicismo; o protestantismo (calvinismo) ao luteranismo, o socinianismo ao protestantismo, o deísmo, com templos e cerimônias, ao socinianismo.” Mas ele ainda mantém alguma religião, como você percebe; ele quer o deísmo com templos e cerimônias porque é bom para o povo.

Voltaire tem o mesmo tipo de espírito e chegou a dizer: “Ecrasez l’infame” — eliminem a coisa infame, o cristianismo. “Todo homem de bom senso, todo homem de bem, deve ter horror à seita cristã. O grande nome de deísta, que não é suficientemente reverenciado, é o único nome que se deve assumir. O único evangelho que se deve ler é o grande livro da Natureza, escrito pela mão de Deus e selado com Seu selo. A única religião que se deve professar é a religião de adorar a Deus e ser um homem bom. É tão impossível que essa religião pura e eterna produza o mal quanto é impossível que o fanatismo cristão não o produza.”

5.3 Contra os Milagres

A última defesa das pessoas que defendiam a religião sobrenatural com base em qualquer coisa que não fosse puramente emocional era a existência de milagres. E houve um escritor na Inglaterra que assumiu a tarefa de finalmente demolir toda a ideia de milagres. Trata-se de David Hume, um escocês, sobre quem falaremos mais adiante como alguém de grande importância para toda a nossa filosofia contemporânea. E é interessante este livro didático sobre o pensamento moderno, que foi escrito na década de 1920 por um típico homem iluminado [Randall], que é muito preciso em suas citações, analisando as ideias, mas ele próprio é, em grande medida, um produto de todas essas ideias. E, portanto, para ele, Hume é de fato a referência. Ele diz: “Em seu famoso Ensaio sobre Milagres, de 1748, ele provou de forma tão conclusiva que homens inteligentes raramente questionaram isso desde então, que um milagre, no sentido de um evento sobrenatural como sinal da divindade de quem o realiza, não pode de forma alguma ser comprovado. Mesmo que se pudesse demonstrar que os eventos registrados realmente ocorreram, que foram sobrenaturais e que foram suficientes para fundar uma religião, ainda assim seria impossível comprová-lo.”

E ele cita Hume a esse respeito, que diz: “Nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre, a menos que o testemunho seja de tal natureza que sua falsidade fosse mais milagrosa do que o fato que se procura estabelecer... Um milagre nunca pode ser provado de modo a servir de fundamento para um sistema religioso.... Suponha que todos

os historiadores que escreveram sobre a Inglaterra concordassem [que a rainha Elizabeth morreu e, após ser enterrada, voltou ao seu trono um mês depois e voltou a governar a Inglaterra] os colchetes são de Randall. Eu não duvidaria de sua suposta morte, nem das outras circunstâncias públicas que se seguiram a ela: eu apenas afirmaria que foi fingida e que não foi, nem poderia ser real... Eu ainda responderia que a malícia e a tolice dos homens são fenômenos tão comuns que eu preferiria acreditar que os eventos extraordinários resultassem de sua conjunção, do que admitir uma violação tão flagrante das leis da natureza. Mas se esse milagre fosse atribuído a qualquer novo sistema religioso; os homens, em todas as épocas, foram tão facilmente enganados por histórias ridículas desse tipo, que essa mesma circunstância seria uma prova cabal de uma fraude e suficiente, para todos os homens sensatos, não apenas para fazê-los rejeitar o fato, mas até mesmo rejeitá-lo sem qualquer exame mais aprofundado..... Como as violações da verdade são mais comuns nos testemunhos relativos a milagres religiosos do que naqueles relativos a qualquer outro assunto factual;... isso deve nos levar a tomar uma resolução geral de nunca dar qualquer atenção a isso, por mais especiosa que seja a desculpa sob a qual se esconda.”

E, segundo esse homem, isso já é prova conclusiva de que milagres não existem ou, pelo menos, não podem ser comprovados. Mas, é claro, fica evidente que esse homem tinha uma fé muito forte para não acreditar em milagres. E teremos que examinar mais adiante de onde ele tira essa fé e como é que isso lhe parece tão evidente.

Esse era o tipo de pensamento que todos tinham naquela época, todas as pessoas que escreviam livros. Alguns defendiam um pouco mais a religião, outros um pouco menos; mas todos tendiam nessa direção, rumo à eliminação de tudo o que era sobrenatural. E toda essa mentalidade se impôs tanto aos homens que eles não podiam deixar de pensar nesses termos. Veremos mais adiante que Hume também aplicou esse mesmo critério à ciência, com resultados que foram absolutamente devastadores.

5.4 Atacando e defendendo a religião

Mas logo essa mesma religião da razoabilidade, na qual a única coisa que restava era que existe um Deus e que os homens devem ser bons — até mesmo ela começou a ser atacada, pois a razão não se contenta enquanto tiver algo mais para atacar. E agora o ataque começa, não apenas contra o sobrenatural, mas contra a religião como um todo. E aqui, talvez para nossa surpresa, descobrimos que dois dos grandes defensores da religião são justamente Voltaire e Diderot, ou seja, a nova concepção de religião.

Voltaire argumenta numa época em que ainda se apegava ao seu deísmo e muitos pensadores franceses já haviam se tornado materialistas e ateus. E ele disse: “Quando vejo um relógio cujos ponteiros marcam as horas, concluo que um ser inteligente ajustou as molas dessa máquina para que seus ponteiros marcassem as horas. Assim, quando vejo as molas do corpo humano, concluo que um ser inteligente organizou esses órgãos para receber e nutrir durante nove meses no útero; que os olhos foi-nos dado para ver, as mãos para agarrar, etc.” Portanto, isso é chamado de “argumento do design”, uma prova da existência de Deus.

E um segundo argumento é que deve haver uma causa final para tudo. Voltaire diz: “Eu existo, logo algo existe. Se algo existe, então algo deve ter existido desde toda a eternidade; pois tudo o que é, ou existe por si mesmo ou recebeu sua existência de outra coisa.” Já parece Tomás de Aquino. “Se por si mesmo, existe por necessidade, sempre existiu por necessidade, é Deus; se recebeu seu ser de outra coisa, e essa outra coisa de uma terceira, aquilo de que a última recebeu seu ser deve, necessariamente, ser Deus... A inteligência não é essencial à matéria, pois uma pedra ou um grão não pensam. De onde, então, as partículas da matéria que pensam e sentem receberam a sensação e o pensamento? Não pode ser de si mesmas, uma vez que pensam apesar de si mesmas; não pode ser da matéria em geral, já que o pensamento e a sensação não pertencem à essência da matéria: portanto, devem ter recebido esses dons das mãos de um Ser Supremo, inteligente, infinito e a causa original de todos os seres.”

Você vê que ele está bastante apegado à maneira antiquada de enxergar as coisas. E ele diz, por fim: “Na opinião de que existe um Deus, há dificuldades; mas na opinião contrária há absurdos.” E, mais tarde, homens sensatos e de bom senso começarão a dizer que, não, não há absurdo

em pensar que o mundo evoluiu por si mesmo e assim por diante. Vemos isso em uma palestra posterior sobre toda a ideia da evolução.

E Voltaire até acreditava na imortalidade da alma. Sobre a imortalidade da alma, Voltaire diz: “Sem querer enganar os homens, pode-se dizer que temos tantas razões para acreditar quanto para negar a imortalidade do ser que pensa.” E, é claro, aqui ele não está se baseando na ciência; ele está falando sobre as antigas crenças, que os pensadores mais radicais já estavam refutando, descartando.

Mas já com os materialistas e os ateus nesse período imediatamente anterior à Revolução Francesa, começamos a perceber algumas das razões pelas quais toda a visão de mundo do Iluminismo foi destruída. Mas a perspectiva básica do Iluminismo era o otimismo, de que é possível compreender do que se trata o mundo. Não restam mais mistérios. Até mesmo o cristianismo é razoável.

5.5 Arte e Música

Agora, uma observação sobre a arte e a música desse período.

Ao ler os filósofos e teólogos desse período, percebe-se que eles estão bastante ultrapassados, ou seja, fora de moda. Você os lê e pensa: como as pessoas podiam pensar assim? São tão ingênuos. Apenas pela razão você vai provar a existência da alma ou a existência da vida após a morte. É óbvio que eles acreditam nisso com base em algo mais e não compreendem que acreditam nisso por fé, porque, apenas pela razão, no que você pode acreditar, se depender apenas da razão?

Mas a música desse período e a arte ainda estão muito vivas. E você pode assistir a um concerto dessa música, a música barroca, e sente que está em total sintonia com ela. Na verdade, ela é tão atual hoje quanto era naquela época. E, curiosamente, essa música é bastante profunda. E não é, como a música se tornou mais tarde, cada vez mais sujeita a sentimentos românticos e sentimentalismo; é bastante sóbria e contém muito sentimento, é muito atual, muito viva e, é claro, muito regular. Tanto a arte, a pintura, estava sujeita a certas regras clássicas da pintura, quanto a música, após o desenvolvimento da polifonia a partir da Idade Média, mais precisamente do final da Idade Média. Foram adotadas certas regras

de contraponto que os compositores posteriores considerariam restritivas demais. Mas a partir dessas — esse tipo de sistema definido — esse sistema clássico de leis musicais e leis artísticas, surgiu uma arte muito viva.

Um homem chegou a dizer que esse foi um dos ápices da realização humana. Seja pensando em Handel, Bach ou Rameau, David, nos compositores ingleses Purcell e Burke, ou nos italianos Corelli, Vivaldi — todos estão em um nível extremamente elevado. É claro que, na Alemanha também há outros — Schütz, por exemplo. Eles compuseram tanto música religiosa: as Paixões, vários tipos de Paixões, e cantatas, quanto música secular.

Essa música, é claro, não é música espiritual. Mesmo na música religiosa, percebe-se que não é a mesma coisa que os cultos da Igreja Ortodoxa, que levam à contrição e que têm uma função definida na vida espiritual da pessoa. É isso que os russos chamam de *duchevni* — ou seja, música da alma, a parte inferior da alma, não a parte superior, que é chamada de espírito. Assim, isso não tem o valor supremo que a verdadeira arte cristã possui, seja o ícone ou a música sacra, que conduz a alma ao céu. Trata-se mais de você se acomoda e contempla, relaxa e aproveita, mas de certa forma refletindo sobre isso — embora haja alguma música extremamente piedosa. Bach compôs uma peça chamada “*I Rejoice on My Death*” sobre uma pessoa pronta para morrer. E é óbvio que ele tinha profundos sentimentos religiosos. Mas essa música também não é algo que deva ser simplesmente descartada, pois é muito, extremamente refinada.

E aqueles que estão no mundo, já que vão estar sujeitos a algum tipo de arte e música, não têm como evitar. Você entra em um supermercado e é exposto à música. Você sai para a rua e é exposto à arte — os prédios, os outdoors, tudo nas ruas é a arte de nossa época. E, portanto, já que a pessoa tem que estar exposta a isso, é melhor estar exposta a uma arte boa e refinada do que à barbárie que existe hoje.

Mais adiante, discutiremos algo sobre o afastamento dessa era clássica da arte e como é possível detectar um progresso definitivo, da mesma forma que a razão veio para destruir essa fé no deus deísta e no universo que faz sentido. Da mesma forma que as novas correntes que surgiram vieram para destruir toda a ideia clássica de arte e música.

Mas também se poderia fazer uma pergunta muito interessante: de onde vem o espírito por trás dessa arte? Pois, se alguém ler esses filósofos

e teólogos, perceberá que o pensamento deles é extremamente superficial; ou seja, parece faltar algum tipo de dimensão mais profunda. Eles estão perdidos, e quanto mais se avança e quanto mais lógicos eles se tornam, mais se tem a sensação de que perderam todo o sentido do que é a religião. E, obviamente, essa música não expressa a filosofia do deísmo.

E a razão pela qual a música pode ser tão profunda é obviamente porque ela se alimentou do patrimônio do passado, ou seja, do patrimônio cristão do passado, que ainda não se esgotou completamente. E mesmo esses, até mesmo Voltaire, que ainda acredita em Deus e na vida após a morte, continua vivendo com base no passado. Ainda restava algum tipo de crença, algum tipo de valores tradicionais. E a música e a arte ainda mantêm contato com isso, com essas fontes, embora, é claro, tenham se afastado bastante da arte ortodoxa tradicional.

Mais tarde, discutiremos como essa arte moderna se afastou dessa era clássica da mesma forma que a filosofia moderna o fez. E agora, antes de iniciarmos a última série de palestras sobre o mundo moderno que conhecemos, as forças que o moldaram, devemos fazer algumas perguntas sobre como é que essa visão de mundo do Iluminismo entrou em colapso — pois ela entrou em colapso muito rapidamente. Sua filosofia e sua teologia parecem agora incrivelmente ingênuas e limitadas. E sua arte é uma espécie de era de ouro à qual é impossível voltar. Você pode reviver essas grandes obras-primas, mas não é possível — não há ninguém compondo assim atualmente.

E há várias razões, e todas elas talvez se sobreponham. Uma delas é exatamente aquilo de que Kireyevsky falou: que a razão, uma vez exaltada acima da fé e da tradição, continua e produz sua própria destruição. A razão que primeiro produziu a Escolástica, depois produziu a Reforma, porque se criticava a própria religião; e, finalmente — primeiro, a Reforma é uma crítica ao catolicismo medieval e, em seguida, a crítica ao protestantismo dá origem aos filósofos ateus e agnósticos do século XIX. E, depois de Kireyevsky, vemos que isso levou ao verdadeiro suicídio da razão.

Uma vez que se aceita a razão como padrão da verdade, é preciso segui-la até o fim. E é por isso que, ao examinarmos esses pensadores religiosos, vemos que uma geração se apega mais ao passado e considera isso racional. A geração seguinte submete isso à crítica e se apega menos, mas

acredita que ainda há algo restado. A geração seguinte destrói tudo isso e acredita que resta muito pouco. E essa geração se assemelha [derruba?] à seguinte. Enquanto você acreditar que a razão é capaz de lhe proporcionar a verdade, você não tem nenhum argumento contra ela. E é por isso que não havia ninguém; mesmo aqueles que defendiam o cristianismo argumentavam nos mesmos termos racionalistas.

É a mesma coisa de que o Dr. [Alexander] Kalimiros fala: que entre a Ortodoxia e o Ocidente existe esse abismo porque, no Ocidente, todos falam a mesma língua: os protestantes, católicos, sectários, ateus; é tudo a mesma língua. Todos estão acostumados a tomar a razão como padrão, mesmo quando não a levam até o fim, porque têm medo de ir muito longe; a maioria das pessoas; ainda assim, eles têm essa atmosfera racionalista em comum. E nessa atmosfera você não consegue escapar. Você tem que admitir que a razão é capaz de alcançar a verdade; e, portanto, quando seu inimigo tem um argumento muito bom, você tem que reconhecer que isso é verdade. Se for verdade, ele refuta sua fé. Mas na Ortodoxia, a razão tem uma função inteiramente diferente, sobre a qual falaremos mais tarde.

E assim vemos também em uma das próximas palestras que a história do nosso mundo nos últimos 200 anos é uma continuação de uma espécie de processo dialético pelo qual a razão derruba tudo do passado e, por fim, destrói a si mesma. Ou seja, a razão deve destruir a si mesma assim que lhe é concedida a liberdade de ser o padrão da verdade. É por isso que a Era do Iluminismo parece agora tão ingênua.

Outra razão que contribuiu para a derrubada dessa visão de mundo é a perda de toda a tradição espiritual e da experiência espiritual, o que podemos perceber pelo próprio fato de a razão ter sido erigida como padrão — o que significa que perderam a tradição espiritual —; essa perda deixou os homens, na verdade, sem esperança, desamparados diante a crítica negativa da razão, que se vê em Voltaire, sendo muito patético em sua defesa de uma pequena parte da antiga tradição. E também os tornou alheios às influências não racionais que, na verdade, atuam sobre os próprios racionalistas. Mais tarde, as pessoas se tornarão mais conscientes disso, e é aí que a razão, na verdade, se autodestrói, em nossa própria época.

Além disso, elas não perceberam quando os poderes demoníacos intervieram, pois já não acreditam mais em demônios. Não há — essas pes-

soas nem mesmo defendiam mais a existência de demônios.

É por isso que discutimos anteriormente algumas das correntes subjacentes do milenarismo e da visão mística da ciência. É óbvio que existem muitas forças sob a superfície, forças irracionais que dominam o comportamento de alguém. E uma pessoa que se considera muito racional, muito sensata, que acredita apenas na razão, obviamente tem uma espécie de fé mística nessa razão. E a maioria delas, naquela época, estava totalmente alheia a isso.

Mais uma vez, essa visão delas era tão unilateral. Quando você começa a raciocinar, você descarta todo tipo de coisa em que costumava acreditar, ou gostaria de acreditar. E você vai muito mais longe do que gostaria de ir. E, depois de um tempo, é natural que as pessoas digam: “Espere aí, não havia algo assim naquela época também?” E assim, esse racionalismo tão unilateral levou a uma revolta contra ele, que se dá no plano religioso. Havia esse movimento clandestino, o pietismo e o metodismo, e agora — começando também no final do período — o ocultismo e a chamada revolta romântica, na qual tudo o que era medieval de repente se torna muito atraente, pois parece muito mais rico do que essa filosofia estreita do Iluminismo.

O ideal experimental na ciência também teve uma função semelhante à da razão, pois nunca está satisfeito. Ele sempre quer testar suas conclusões e chegar a novas conclusões. Assim, os ideais científicos, essas teorias, estão em constante mudança, e isso ajudou a derrubar a síntese científica da época de Newton.

5.6 Progresso

Mais uma vez, a ideia de progresso que vimos nesse período, na parte inicial do período, a ideia do antigo foi mantida muito viva graças ao Renascimento, de que os antigos eram os que representavam para nós o verdadeiro padrão. Se pudéssemos apenas voltar a eles e nos afastar da Idade Média e da superstição, estaríamos bem. Mas foi então que as ciências começaram a se tornar a forma dominante de pensamento, a visão de mundo científica. As pessoas começam a perceber que qualquer pessoa que vive hoje possui mais conhecimento científico do que alguém que

viveu na Antiguidade. Agora, pela primeira vez, a ciência está sendo praticada de forma sistemática, com experimentos e tudo o mais.

E assim, aqueles que defendem os antigos acabam tendo que admitir que somente na literatura os antigos detêm a supremacia. E então, com a profusão da grande literatura clássica desse período, e da música e da arte, mesmo nessas áreas eles dizem que, não, os modernos também são superiores aos antigos porque agora temos uma filosofia superior; e a arte também é superior. E dessa batalha entre os antigos e os modernos surgiu, pela primeira vez, o desenvolvimento da ideia de progresso, que é, na verdade, uma ideia bastante religiosa, que examinaremos mais adiante.

Mas a própria ideia de progresso — de que o presente se constrói sobre o passado, aprimorando-o, e que as futuras gerações nos superarão, de que haverá um progresso ilimitado e que o homem seguirá constantemente adiante — isso obviamente destrói a ideia de que existe um único padrão, o padrão clássico do passado, seja ele cristão, pagão ou qualquer outro. Portanto, tudo se torna uma [semente viva?] a princípio, mas tudo se torna bastante relevante. E a pessoa existe, na verdade, apenas em prol das futuras gerações que irão nos superar. E quando, depois de um tempo, a pessoa começa a perceber que se trata de um movimento, de uma filosofia de mudança constante, de movimento constante, então a alma começa a ficar perturbada. É um sinal de que não há paz, nem segurança. No século XIX, isso leva à visão de mundo evolucionista; é uma visão de mundo bastante distinta, na verdade, tão poderosa quanto a visão de mundo newtoniana, mas bem diferente.

Por fim, quando essas ideias racionalistas — pessoas sentadas em seus gabinetes, refletindo logicamente sobre o que é verdadeiro, o que é falso, o que pode ser mantido do passado e o que deve ser rejeitado — uma coisa é um filósofo em seu gabinete, mas quando você sai para o mundo e diz: “agora vamos mudar a sociedade com base nessas ideias”, algo bem diferente ocorre. E você pode ver que, na verdade, ocorre um grande desastre.

E isso nos leva ao tema da próxima palestra, que será a Revolução. A Revolução Francesa e todo o movimento revolucionário de nossos tempos, que é a aplicação de ideias racionalistas à transformação da sociedade, à transformação de toda a ordem externa da vida. E aqui começaremos também a examinar mais a fundo a origem de algumas dessas ideias racionalistas, de onde elas vieram, por que as pessoas passaram a acreditar que

a razão é o único padrão de verdade.

Todo esse ideal da Era do Iluminismo, a ideia do deísmo, foi, naturalmente, o ambiente do qual a Maçonaria moderna surgiu. A ideia de Deus como o Grande Arquiteto, um Deus que está em algum lugar distante nos céus e não tem contato conosco. Mas o tema da Maçonaria será abordado na próxima palestra sobre a Revolução, pois foi essa força que teve grande responsabilidade pela gênese da Revolução, ou seja, a ideia deísta. E há razões muito importantes pelas quais o deísmo — embora pareça bastante ultrapassado e refutado — perdurou nas lojas maçônicas.

Porque toda a visão de mundo moderna não é atesta, nem agnóstica; ela acredita em Deus. É apenas um período temporário em que o agnosticismo e o ateísmo estão substituindo o cristianismo com um determinado propósito — para que se volte a adorar o verdadeiro Deus de acordo com a filosofia revolucionária, na qual os maçons ainda acreditam hoje: o Grande Arquiteto é o novo Deus.

Aula 6

A Revolução Francesa

Agora, após examinarmos as ideias que, nos tempos modernos, vêm substituindo umas às outras nos tempos modernos, desde a Idade Média, e que formaram a mentalidade moderna, chegamos aos nossos dias, ou seja, à história dos últimos duzentos anos. Pois tudo o que veio antes da Revolução Francesa tem um espírito diferente; o que vem depois tem um espírito novo. O período anterior a 1789 era chamado de “Antigo Regime”, e o período posterior a ele é a “Era Revolucionária”, que é a mesma hoje em dia que era na década de 1790.

Isso exigirá várias aulas, pois agora vamos dar continuidade à descrição histórica da mentalidade moderna, mas, ao mesmo tempo, faremos algo mais. Ao mesmo tempo em que fizermos isso, vamos parar para analisar qual é a unidade subjacente a essas ideias. Ou seja, qual é a filosofia básica; na verdade, qual é a teologia básica da mente revolucionária? E

E o que queremos dizer com a expressão “teologia” revolucionária? Assim como o cristianismo ortodoxo tem sua teologia, uma estrutura dogmática completa, que, quando alguém acredita nela, penetra e transforma todos os aspectos da vida dessa pessoa; assim também a mentalidade moderna, que alcançou sua forma definitiva na Revolução, possui todo um sistema de crenças que afeta toda a vida da pessoa e molda a história.

A ideia de que a história moderna é um jogo aleatório de forças con-

flitantes é totalmente irrealista. Existe um padrão definido, uma filosofia ou teologia definida que está sendo elaborada, a tal ponto que os astutos “profetas”, como são chamados, entre os modernistas, têm sido capazes de prever com antecedência como o homem irá mudar de acordo com essa “teologia”. Podemos citar, por exemplo, um pouco mais adiante daremos mais e mais exemplos. Podemos citar, no entanto, aqui Nietzsche, que diz: creio que em *A Vontade de Poder*, “O que estou descrevendo aqui é a história do século XX, o triunfo do niilismo, porque quando as massas assimilarem as ideias que estou proclamando agora, haverá uma revolução como o mundo nunca viu.” E, de fato, as ideias se difundem dos filósofos para as massas e, então, mudanças tremendas são provocadas.

Ou poderíamos citar outro, que também era um pouco louco, Heinrich Heine, um judeu da Alemanha, que se identificava muito com todo esse espírito revolucionário. E ele diz algumas coisas que mostram que ele está em sintonia com o que está por vir. Ele escreveu uma história da Religião e da Filosofia na Alemanha, na qual percebeu com bastante precisão o que estava por trás de Lutero, o que estava por trás de Kant, Hegel e desses filósofos modernos. Isso já foi em 1834 que ele escreveu isso. Ele diz: “Prestem atenção a isso, ó orgulhosos homens de ação, vocês não são nada além de peões inconscientes”, trabalhadores, “dos homens do pensamento que, muitas vezes na mais humilde quietude, designaram a vocês sua tarefa inevitável. Maximiliano Robespierre foi meramente a mão de Jean-Jacques Rousseau, a mão sangrenta que extraiu do ventre do tempo o corpo cuja alma Rousseau havia criado.”

Em outro trecho, ele chega a fazer uma profecia sobre seu próprio país. Ele diz aos franceses que os alemães também vão fazer uma revolução. Ele diz: “Os antigos deuses de pedra então se erguerão das ruínas esquecidas e limparão de seus olhos a poeira de séculos, e Thor, com seu martelo gigante, ressurgirá, e ele destruirá as catedrais góticas... Não zombe da fantasia de quem prevê, no campo da realidade, a mesma explosão de revolução que ocorreu no campo do intelecto”, porque a Alemanha era, de fato, a vanguarda da filosofia. “O pensamento precede a ação, assim como o relâmpago precede o trovão. O trovão alemão tem o verdadeiro caráter alemão: não é muito ágil, mas ressoa de maneira um tanto lenta. Mas ele virá, e quando ouvirdes um estrondo como nunca antes se

ouviu na história do mundo, sabei então que, finalmente, o raio alemão caiu. Com essa comoção, as águias cairão mortas dos céus e os leões nas regiões mais remotas da África morderão suas caudas e se arrastarão para seus covis reais. Na Alemanha se desenrolará um drama em comparação ao qual a Revolução Francesa parecerá apenas um idílio inocente. No momento, é verdade, tudo está razoavelmente tranquilo; e embora aqui e ali alguns poucos homens causem um pouco de agitação, não imaginem que esses sejam os verdadeiros atores da peça. Eles são apenas cachorri-nhos perseguindo-se uns aos outros pela arena vazia, latindo e rosnando uns para os outros, até a hora marcada em que o grupo de gladiadores aparecerá para lutar pela vida ou pela morte.

“E a hora chegará. Como nas arquibancadas de um anfiteatro, as nações se agruparão em torno da Alemanha para testemunhar o terrível combate.” Mais adiante veremos o que aconteceu na Alemanha quando, de fato, uma grande tempestade revolucionária se desencadeou.

Nenhum autor, livro de história ou evento histórico contém a totalidade da filosofia ou teologia que produziu a história moderna, a história revolucionária. E, portanto, teremos que examinar muitos eventos históricos diferentes, muitos escritores e filósofos diferentes, e tentar compreender o fio condutor de toda essa filosofia.

E, de fato, é exatamente como [abordar] os Santos Padres. Não há um único Santo Padre que você possa ler para compreender todo o ensino do cristianismo, porque muitos Santos Padres expressam pontos de vista diferentes, aspectos diferentes. E o conjunto dos Padres contém a sabedoria da tradição. E os historiadores modernos gostariam de dizer que um contradiz o outro e assim por diante, mas, uma vez que você entra no espírito ortodoxo, percebe que um, na verdade, complementa o outro. E há uma maravilhosa harmonia em todos os escritos dos Santos Padres.

Da mesma forma, há o mesmo tipo de harmonia em todos esses pensadores modernos, aqueles que estão realmente em contato com o espírito da época. Você pode ler um e compreender um aspecto; ler outro e compreender um aspecto diferente. Você pode ver na Revolução Francesa Revolução um aspecto, em Napoleão um aspecto diferente. Quando você junta tudo isso, percebe que há uma harmonia maravilhosa nisso; tudo faz sentido. Mas isso realmente não foi feito antes — tal análise — e, portanto, temos que examinar muitos aspectos diferentes.

Com a Revolução, devemos examinar dois aspectos da atividade da mentalidade moderna: chamamos a eles de filósofos e ativistas — os filósofos que têm as ideias e os ativistas que produzem os eventos históricos. Ou, como disse um dos primeiros historiadores da Revolução Francesa, uns são chamados de “filósofos corruptores”, — aqueles que formulam os pensamentos; os segundos são chamados de “filósofos massacradores”, aqueles que saem para massacrar o povo.

Esta é a época, esta era moderna, esta era revolucionária, em que a filosofia moderna produz os efeitos mais profundos em todos os aspetos da vida cotidiana. Antes, a filosofia era, em grande parte, uma questão das classes altas, uma espécie de gente ociosa que tinha tempo para pensar. E, a partir de agora, todos são atraídos para isso, para a filosofia moderna, porque ela transforma a vida inteira. Esses dois aspectos, a filosofia e o ativismo, não são inteiramente separados, mas se entrelaçam. E, portanto, temos que entender, antes de tudo, como eles estão relacionados entre si.

Em primeiro lugar, a filosofia inspira a ação. Sem a filosofia moderna, não teria havido revolução. Na verdade, Napoleão chegou a dizer: “Sem Jean-Jacques Rousseau, eu nunca teria existido”. Em segundo lugar, a filosofia não é algo que vem primeiro e a ação vem depois; a filosofia continua enquanto a ação está ocorrendo. E podemos dizer que ela consolida o que a ação conquistou e continua incentivando os ativistas a fazer mais. Os atos revolucionários são frequentemente obra de um pequeno grupo organizado, mas eles têm sucesso porque contam com o apoio da mentalidade comum, ou seja, o espírito da época, que está disposto a desculpar qualquer tipo de excesso. Sem esse apoio da mentalidade comum da época, a revolução — todas as revoluções — entrariam em colapso assim que os conspiradores fossem eliminados.

Ainda hoje vemos muito claramente que o comunismo continua a existir e a dominar metade do mundo precisamente porque o Ocidente compartilha das mesmas ideias básicas e, portanto, está disposto a desculpar os crimes do comunismo.

Ao analisar os atos das revoluções, não nos é possível desvendar exatamente tudo o que acontece e identificar com precisão quem inspirou cada ato específico, qual sociedade secreta está em ação, onde há charlatões, onde há alguém que está tentando fazer se destacar. As próprias sociedades secretas, que estiveram profundamente envolvidas em tudo isso,

fazem questão de se esconder. E, portanto, não há como desvendar tudo e dizer — como algumas pessoas gostam de apontar: elas conseguem identificar todos os lugares onde a conspiração comunista está em andamento. É muito mais profundo do que isso. Essa é uma espécie de mentalidade “John Birch”, na qual alguém é visto com uma pessoa que é amiga de um comunista; [portanto,] isso significa que a conspiração está bem ali — e [isso] não é necessariamente [o caso] de forma alguma. A única coisa que podemos fazer é olhar muito mais a fundo e examinar as ideias que são expressas, bem como os atos que se manifestam, e ver quão significativos eles são e quão fiéis são à filosofia moderna — a filosofia revolucionária — e quais delas estão em consonância com o espírito da época e vão produzir resultados no futuro.

Portanto, antes de mais nada, tentaremos traçar a evolução do pensamento moderno na revolução. E por revolução quero dizer, é claro, o conceito totalmente novo de revolução, que é um , que tem início com a Revolução Francesa. Tentaremos mostrar a unidade de todo o movimento revolucionário e analisar sua filosofia teológica e sua psicologia. Isso nos dará uma visão ampla e unificada da era revolucionária. E então, em uma palestra posterior aula, voltaremos nossa atenção para a busca interior, a chamada “espiritual”, do homem moderno, que inspira o objetivo final de toda a revolução.

Ao analisarmos a Revolução Francesa, que é o ponto de partida comecemos — pois é ali que as ideias modernas tiveram sua primeira grande explosão —, teremos que adotar uma abordagem diferente da maioria das histórias da Revolução Francesa. Vocês podem ler... [historiadores explicando seus eventos]

...como se a revolução tivesse sido feita por pessoas bem-intencionadas e, infelizmente, houvesse às vezes alguns exaltados que se envolveram nela; e as circunstâncias históricas mudaram, perigos externos causaram mudanças nos planos, e tudo simplesmente não saiu da maneira como deveria ter sido. E os idealistas ficaram, de alguma forma, frustrados e tiveram que voltar e recomeçar. E isso, se olharmos para a história real dos acontecimentos, é uma visão muito ingênua. Não é nada assim. Isso não quer dizer que cada evento seja provocado por uma conspiração, porque há muitos outros motivos — há muitas pessoas que querem assumir o poder, eliminar alguém — e muitos caminhos secundários pelos quais a revo-

lução se desvia e depois retorna ao seu objetivo principal. E, portanto, temos que analisar, como eu disse, para ver qual é a essência das várias mudanças que ocorrem e seguir o fio condutor que se mantém constante ao longo de todos os eventos revolucionários.

Ao examinar a revolução, há um livro que é um ótimo manual sobre o assunto. Foi escrito por uma pessoa que estava em Paris durante a Revolução, na década de 1790, e escreveu o livro por volta de 1797, creio eu. E esta edição que temos é de 1818. Chama-se *Memórias para Servir de História do Jacobinismo*, do “bé Barruel. B-A-R-R-U-E-L. E ele é muito valioso porque estava bem ali quando tudo isso ainda estava muito recente. E ele se deparou com o mesmo tipo de pensadores que temos hoje, que dizem que tudo isso foi uma experiência nobre que não deu certo. E ele fez uma pesquisa aprofundada em muitos textos — e vamos ver que tipo de textos eram esses — e mostra que há um fio condutor único que percorre toda a Revolução; não se trata de algo aleatório. E muitas coisas que hoje as pessoas e os historiadores podem considerar resultados acidentais, ele afirma: “Não, eles planejaram assim.” E ele tem os textos para comprovar isso.

Vou ler parte da introdução do livro dele, que mostra toda a sua abordagem. Ele diz: “Sob o nome desastroso de jacobinos”, que são os radicais que imediatamente assumiram o controle da Revolução, “Sob o nome desastroso de jacobinos, uma seita surgiu nos primeiros dias da Revolução Francesa, ensinando que todos os homens são iguais e livres; em nome dessa igualdade e dessa liberdade desorganizadora, pisoteando os altares e os tronos; em nome dessa mesma igualdade e dessa mesma liberdade, convocando todas as nações para os desastres da rebelião e para os horrores da anarquia.

“Desde os primeiros momentos de seu surgimento, essa seita contava com trezentos mil membros, apoiada por dois milhões de armas que podia mobilizar por toda a extensão da França: tochas, piques, machados e de todos os raios da revolução.

“Foi sob os auspícios, foi por meio dos movimentos, do impulso, da influência e da ação dessa seita que foram cometidas todas as grandes atrocidades que inundaram um vasto império com o sangue de seus bispos [pontífices], seus padres, seus nobres, seus ricos, seus cidadãos de todas as classes, todas as idades, todos os sexos. Foi por esses mesmos homens

que o rei Luís XVI, a rainha, sua esposa, e sua irmã, a princesa Isabel, maltratados por ultrajes e ignomínia durante um longo cativeiro, foram solenemente assassinados no guilhotina, e todos os soberanos do mundo foram orgulhosamente ameaçados pelo mesmo destino. Foi por esses homens que a Revolução Francesa se tornou o flagelo da Europa, o terror das potências que se uniram em vão para pôr fim ao avanço desses exércitos revolucionários, mais numerosos e mais devastadores do que a invasão dos vândalos.

“Quem, portanto, são esses homens que surgem, por assim dizer, das entranhas da terra, com seus dogmas e seus raios, com todos os seus projetos, todos os seus meios e toda a determinação de sua ferocidade? O que é essa seita devoradora?...

“Qual seria sua escola e quem seriam seus mestres? Quais são seus planos futuros? Essa Revolução Francesa, já chegada ao fim, deixará finalmente de atormentar a terra, de assassinar os reis e de fanatizar as nações?”

“Percebemos que tentam persuadir as pessoas de que toda a seita revolucionária e conspiratória, antes desta própria revolução, não passa de uma seita imaginária. Para essas pessoas, todos os males da França e todos os terrores da Europa sucedem-se uns aos outros, estão ligados pela simples coincidência de , impossíveis de prever. Parece-lhes inútil buscar as conspirações e os agentes que as arquitetaram e dirigiram a cadeia de eventos. Aqueles [atores] que governam hoje não conhecem os planos daqueles que os precederam; e e aqueles que virão depois deles também serão ignorantes dos planos de seus antecessores.

“Preocupados com tal opinião falsa, cheios de tal preconceito perigoso, esses supostos observadores dirão prontamente às várias nações: que a Revolução Francesa não mais os alarme. É um vulcão que se abriu, sem que ninguém fosse capaz de saber onde se preparava seu focinho; mas ele se esgotará, com seu combustível, nas forças contrárias que o viram surgir. Vocês anunciam que — devido a causas desconhecidas em seus climas, devido a elementos menos propensos à eferescência, devido a leis mais análogas ao seu caráter, sendo a sorte pública mais segura — o destino da França não poderia se tornar o seu;” E, portanto, não tenham medo. [E se um dia tiverem de participar disso, em vão tentarão evitá-lo. A coincidência e a fatalidade das circunstâncias os arrastarão contra a sua

vontade. O que vocês poderiam ter feito para escapar disso talvez pudesse ser chamado de peste, e apenas acelerará sua desgraça.]

“Tenho em mãos as memórias de um ex-ministro”, de Luís XVI, que foi “consultado sobre as causas desta Revolução e, em particular, a respeito dos principais conspiradores que seria bom conhecer, e sobre o plano da conspiração. Eu li como ele afirma que seria inútil procurar homens ou uma associação de homens que pudessem ter planejado a ruína do trono e do altar, ou elaborado qualquer plano que pudesse ser chamado de conspiração. Infeliz monarca! Quando os próprios que deveriam estar velando por você desconhecem até mesmo o nome e até mesmo a existência de seus inimigos e dos de seu povo, é de se admirar que você e seu povo sejam vítimas disso!...”

“...Diremos a eles: nesta Revolução Francesa, tudo, inclusive seus crimes mais horríveis, tudo foi previsto, planejado, arquitetado, decidido, decretado: tudo foi resultado da mais profunda infâmia, pois tudo foi preparado e levado a cabo pelos homens que, sozinhos, possuíam o fio condutor das conspirações há muito tempo tramadas nas sociedades secretas, e que souberam escolher e antecipar os momentos propícios às suas conspirações.

“Se, nesses acontecimentos diários, existem certas circunstâncias que parecem ser menos o resultado de conspirações, há, no entanto, uma causa para elas: os agentes secretos que invocariam esses eventos, que saberiam tirar proveito dessas circunstâncias ou mesmo provocá-las, e que os direcionariam todos para o objetivo principal. Todas essas circunstâncias poderiam muito bem servir de pretexto e ocasião, mas a grande causa da Revolução, de seus grandes crimes, de suas grandes atrocidades, seria sempre independente dessas circunstâncias incidentais. “E essa grande causa reside inteiramente nas conspirações tramadas há muito tempo.”

“[Ao revelar o objetivo e a extensão dessas conspirações, devo dissipar um erro ainda mais perigoso.] Ele reside em uma ilusão fatal entre os homens que não teriam dificuldade em concordar que esta Revolução Francesa foi planejada; mas não hesitam em acrescentar que, na intenção de seus autores originais, ela estava destinada a levar apenas à felicidade e à regeneração dos Impérios; que, se grandes infortúnios vieram interferir em seus planos, é porque se depararam com grandes obstáculos”; e, além disso, “que não se regenera um grande povo sem grandes agitações; mas

que, afinal, essas tempestades não são eternas: que as ondas se acalmarão e a calma retornará; que então as nações surpresas, em vez de terem que temer a Revolução Francesa, passarão a imitá-la, mantendo-se fiéis aos seus princípios.”

“Esse erro é, acima de tudo, o que os líderes dos jacobinos se esforçam ainda mais para confirmar.” Essa explicação “foi dada, logo nos primeiros passos da rebelião, a todo aquele grupo de constitucionalistas, que ainda consideram seus decretos sobre os direitos do homem como uma obra-prima do direito público e que ainda não perderam a esperança de um dia ver o universo inteiro regenerado por essa rapsódia política.” “Essa explicação ‘foi dada a todos aqueles homens cuja credulidade estúpida, apesar de todas as suas boas intenções, vê apenas uma desgraça necessária nos horrores do dia 10 de agosto e no massacre de 2 de setembro’”, sobre os quais discutiremos, “É oferecida, por fim, a todos aqueles homens que, ainda hoje, se consolam com trezentos ou quatrocentos mil assassinatos, com aqueles milhões de vítimas que a guerra, a fome, a guilhotina e as tribulações revolucionárias custaram à França; [a] todos aqueles homens que ainda hoje se consolam com esse imenso despovoamento, sob o pretexto de que todos esses horrores acabarão por trazer uma melhor ordem das coisas.”

“Contra essa falsa esperança, contra todas essas supostas intenções da seita revolucionária, exporei seus verdadeiros planos e suas conspirações para concretizá-los. [Falarei, porque isso deve ser contado corretamente de uma vez por todas, pois todas as provas disso foram obtidas:] A Revolução Francesa foi o que tinha que ser, no espírito da seita. Todo o mal que ela causou, ela tinha que causar; todos os seus crimes e todas as suas atrocidades não passaram de um resultado necessário de seus princípios e de seus sistemas. Direi ainda mais: longe de preparar, no futuro, um futuro feliz, a Revolução Francesa é apenas uma tentativa das forças dessa seita; suas conspirações se estendem por todo o universo.

“Se entre nossos leitores houver quem conclua: a seita dos jacobinos deve ser eliminada, ou certamente toda a sociedade poderá muito bem perecer, e que aos nossos atuais governos em toda parte, sem exceção, chegarão as convulsões, as reviravoltas, os massacres e a anarquia infernal da França; eu responderia: Sim, é preciso esperar esse desastre universal ou “abolir totalmente” [esmagar] a seita...”

“O que os jacobinos destruíram pela primeira vez, eles destruirão novamente. Eles perseguirão nas trevas o grande objetivo de suas conspirações; e, por meio de novos desastres, ensinarão às nações que toda a Revolução Francesa foi apenas o início da dissolução universal que essa seita planeja.”

“Viu-se o delírio, a fúria e a ferocidade das legiões da seita; reconhecesse-as facilmente como os instrumentos de todos os crimes, de todas as devastações, de todas as atrocidades da Revolução Francesa; mas não se sabe o suficiente quais mestres, qual escola, quais votos e quais conspirações sucessivamente cruéis existem.”

“O resultado dessas investigações e de todas as evidências que reuni, sobretudo nos arquivos dos jacobinos e de seus primeiros mestres, foi que sua seita e suas conspirações não são, em si mesmas, senão a união, a co-alizão de uma tríplice seita, de uma tríplice conspiração na qual, muito antes da Revolução, foi tramado e ainda está sendo tramado o derrubamento do altar, o do trono e, finalmente, o de toda a sociedade civil.” Isso já estava planejado. Os três pontos que ele tem em mente são os filósofos, os maçons e os iluminados.

“Vocês acreditaram que a Revolução havia terminado na França, mas a revolução na França não passa de uma primeira tentativa dos jacobinos; e os votos, os juramentos e as conspirações do jacobinismo se estendem à Inglaterra, à Alemanha, à Itália, a todas as nações, assim como à nação francesa.”

6.1 Voltaire

Agora tentaremos examinar essas ideias que, antes da Revolução Francesa, prepararam o caminho para a Revolução. Em primeiro lugar, há aquilo que já examinamos brevemente nas aulas anteriores, ou seja, a filosofia do Iluminismo. Ele considera que o filósofo mais significativo do Iluminismo, nesse aspecto, é Voltaire, pois quando ainda era um jovem na Inglaterra, fez o voto de dedicar sua vida à destruição do cristianismo, e dele provém essa famosa frase: “crasez l’infâme”, para exterminar a coisa infame, ou seja, a religião de Cristo, e substituí-la, é claro, por sua religião, que é o deísmo.

Ele e seus seguidores, como eu disse, são aqueles que esse Barruel chama de “philosophes corrupteurs”, os filósofos corruptores. E os jacobinos são os “philosophes massacreurs”, os filósofos massacradores, aqueles que ainda tinham ideias; mas saíam por aí decapitando pessoas. Ele considera também muito significativos Diderot e D’Alembert, entre os outros filósofos deístas franceses, e Frederico II, rei da Prússia, que se encontrava frequentemente com Voltaire. E vemos naquela época, assim como mais tarde com o bolchevismo, que os revolucionários mais radicais têm a capacidade de persuadir príncipes e altos governantes a se aliarem a eles em seus planos.

Mais tarde falaremos algo sobre os judeus, mas, por enquanto, apenas mencionamos que é interessante que tanto D’Alembert quanto Voltaire, em seu ódio pelo cristianismo, tentaram persuadir vários príncipes a reconstruir o templo em Jerusalém a fim de provar que o cristianismo era falso, da mesma forma que Juliano, o Apóstata, tentou fazer. Ele chegou a escrever uma carta a Catarina II: “Por favor, construa o templo em Jerusalém”. Mas Catarina era bem mais esperta do que isso.

Muitos dos governantes, os pequenos duques da Alemanha e os nobres da França ficaram muito intrigados com essas ideias; até mesmo os revolucionários mais radicais estavam se livrando do cristianismo. E essa é, é claro, uma das principais razões pelas quais a Revolução teve tanto apoio.

Mas Catarina II, na Rússia, embora fosse alemã e tudo mais, era muito mais esperta do que os outros governantes. E ela chegou a dizer a Voltaire que não poderia concordar com todas as suas ideias, embora fosse uma grande amiga dele; e que, se as ideias dele fossem colocadas em prática, ela não poderia mais manter seu salão e convidá-lo para dar palestras. E mais tarde, quando a Revolução Francesa eclodiu, é claro, ela prendeu todos os maçons; e isso foi o fim da revolução para ela.

6.2 Rousseau

Uma segunda grande corrente — a primeira é a de Voltaire e dos filósofos deístas, que são racionalistas, ou seja, reduzem tudo aos limites de sua compreensão — uma segunda grande corrente filosófica, que foi muito

influyente na Revolução, foi a de Jean-Jacques Rousseau, que é o filósofo do sentimento. Ele dizia de si mesmo que tinha um espírito romântico. Estava repleto de grandes sentimentos. Sempre encontrava alguém que o apoiasse em seus casos amorosos e em tudo o mais. Ele ia para a floresta, algum grande príncipe o apoiava, e ele vagava pela floresta, e seu coração se enchia de grandes sentimentos, e ele reconhecia Deus em todos os lugares, e essa era sua religião. Ele vivia em suas emoções, no reino do vago e do indefinido. Mas, da mesma forma que Voltaire reduzia tudo à sua mente, Rousseau reduzia tudo aos seus sentimentos. E essas duas coisas — é claro, muito fortes no homem, dois lados de nossa natureza — ambas se incorporaram ao espírito revolucionário. E a religião do sentimento é, naturalmente, muito mais acessível ao povo comum do que a religião da mente.

Ele tinha uma filosofia da natureza que foi extremamente influente na Revolução. É com ele que surge a ideia de “volta à natureza”, longe da artificialidade e da civilização. Embora ele não estivesse dizendo, de forma absoluta, que deveríamos descartar a civilização, ele chegou a dizer uma vez que, já que somos corruptos de qualquer maneira, mais vale sermos um pouco instruídos do que incultos. Mas ele contrastou a artificialidade da vida civilizada com a simplicidade do que considerava ser a vida primitiva. Na verdade, ele disse que a primeira vez que alguém disse “isso é meu”, essa foi a origem da nossa corrupção. Ele era até mesmo contra a ideia da propriedade privada.

Ele escreveu um livro, *Émile*, que descreve a educação de um jovem, no qual se supõe que a criança não receba praticamente nenhum ensinamento, e que sua natureza se revele por si só. E o professor apenas remove os obstáculos ao desenvolvimento da natureza da criança. Não há autoridade externa. Nenhuma religião é imposto; quando ela crescer, será a hora de escolher sua própria religião. Ela não terá preconceitos, hábitos nem religião. E ele chegou a dizer que, até os doze anos, a criança não deveria ser capaz de distinguir entre a mão direita e a esquerda, para que que não seja corrompida pelo conhecimento.

E Voltaire, ao ler esse livro, escreveu a Rousseau que ler esse livro o faz sentir vontade de andar de quatro, “mas como já se passaram mais de sessenta anos desde que fiz isso, é impossível para mim retomar o hábito”. No entanto, eles estavam profundamente de acordo: um está destruindo

tudo, exceto sua mente; o outro, tudo, exceto seus sentimentos. Assim, mesmo [embora estejam] em oposição em sua visão básica — já que Rousseau também não gostava desse racionalismo complicado —, seu efeito é ainda mais poderoso, pois toma duas vertentes e as aplica aos ativistas revolucionários: eles se inspirarão em ambas.

Em sua política, ele desenvolveu a ideia de que a soberania não provém de Deus, nem das classes superiores, mas do povo. É claro que essa é a grande ideia da Revolução. Mas, como veremos mais adiante, sua própria filosofia já justifica o fato estranho de que aqueles inspirados por essa ideia acabam estabelecendo uma tirania, pois ele afirmava que a vontade geral é superior à vontade individual. Ele pensava que, uma vez derrubados os reis, todos ficariam espontaneamente felizes e teriam a mesma vontade; mas, se isso não acontecesse, então as massas deveriam ditar a vontade ao indivíduo.

Foi ele [Rousseau] foi quem disse: “O homem nasce livre e está em toda parte acorrentado”. É claro que a ideia básica da revolução se resume a Marx. Ele disse... que sua religião é uma religião do sentimento. Ele era um deísta como Voltaire, mas seu deísmo não é algo bem pensado; é apenas seu próprio sentimento em relação a Deus. E ele também acreditava na imortalidade. Mas tudo isso é apenas seu sentimento subjetivo. Todos os dogmas estão sujeitos ao seu coração. Sua oração não é nenhum tipo de súplica, pois ele não acreditava que algum Deus respondesse às orações; ao contrário, era uma explosão de entusiasmo, de alegria pela natureza, que se tornava um hino de louvor ao Grande Ser, ou seja, o grande Deus do deísmo.

Em sua república ideal, ele afirmou que nenhuma religião intolerante deveria ser permitida, ou seja, o cristianismo, é claro. Deveria haver uma profissão de fé puramente civil, cujos artigos fossem sentimentos sociais, sem os quais é impossível ser um bom cidadão ou um súdito fiel — ou seja, uma nova religião que é bastante autocrática. Aqueles que não aceitam essa religião, já que toda a sociedade deve ter uma única religião, devem deixar o país. E se alguém aceitar a religião e depois agir de forma contrária a ela, deverá ser executado.

Portanto, essas são as duas vertentes filosóficas que compõem a estrutura da mente revolucionária: uma, a ideia de que eu, por mim mesmo, posso conceber um sistema pelo qual a sociedade será mais harmoniosa-

mente ordenada; e a outra, de que meus sentimentos me guiarão até a verdade. E em nenhuma delas há qualquer salvaguarda: a ideia de revelação, de tradição, de Deus está fora de questão. O único Deus que resta é um Deus muito vago, o Deus do deísmo.

E nós, cristãos ortodoxos, sabemos que aquele que descarta a revelação, a tradição e a Igreja, e aceita tudo o que sua mente lhe diz, ou tudo o que seus sentimentos lhe ditam, abre caminho para o quê? — para que Satanás entre, porque Satanás entra por meio de pensamentos, por meio de sentimentos. E vemos que, nessas explosões revolucionárias, não é possível explicar o que acontece, a não ser pelo fato de que Satanás está dirigindo as coisas. Ele está inspirando essas pessoas com todo tipo de conspirações, todo tipo de ideias.

6.3 Sociedades Secretas

Mas a esses dois elementos filosóficos soma-se agora um terceiro elemento, que são as sociedades secretas. É claro que as sociedades secretas tiveram uma existência clandestina durante todo o período anterior ao Iluminismo, mas foi especialmente no século XVIII que surgiu uma nova seita, ou pelo menos uma [uma], que é a Maçonaria, nascida na Inglaterra em 1717 e que muito rapidamente se espalhou pela França, América e pelo resto da Europa. Mais adiante veremos que a Maçonaria na Inglaterra e na América tornou-se algo bastante diferente da Maçonaria no continente, especialmente nos países católicos. E a razão para isso não é tão difícil de entender.

A mentalidade inglesa, que já deu ao mundo a filosofia do deísmo, é uma mentalidade chamada de “conservadora”; ou seja, é capaz de acreditar em praticamente qualquer coisa e ficar bastante satisfeita, sem levar suas crenças a quaisquer conclusões lógicas. Assim como, mais tarde, veremos David Hume destruir o mundo inteiro e, em seguida, recostar-se e se divertir, tomando seu café e fumando seu cachimbo, sem perceber que apresentou ideias que levarão as pessoas ao desespero.

Da mesma forma, a Maçonaria inglesa nasceu do espírito de tolerância e da busca por algum tipo de crença religiosa que não fosse nem católica nem protestante, mas que unisse todos os homens de boa vontade.

E eles se satisfaziam com isso. Eles tinham uma religião deísta, o Grande Arquiteto. Não havia diferenças religiosas discutidas na Loja — era preciso deixar a religião de lado. E para os ingleses e, mais tarde, para os americanos, isso era considerado suficiente. Se você acredita em Deus, pode ir à sua igreja protestante ou anglicana e ser feliz.

b. Illuminati: (Adam) Weishaupt, nascido em 1748; recebeu formação jesuíta, mas os odiava, voltou-se para os filósofos franceses, maniqueístas e doutrinas ocultistas. Citações, Webster 8-10. Filosofia muito semelhante à de Rousseau, mas acrescentou uma sociedade revolucionária secreta, em 1º de maio de 1776, uma combinação de maçonaria e jesuitismo.:

As próprias ideias da Maçonaria, as ideias de uma irmandade entre os homens — que é algo acima do catolicismo ou do protestantismo — quando chegaram ao continente, inflamaram as mentes dos homens e os tornaram bastante radicais.

Há, em particular, um tipo de maçonaria que aparentemente se desenvolveu separadamente. E isso é o que se chama de Iluminismo. Essa foi a criação de um homem, cujo nome é Adam Weishaupt. Ele nasceu em 1748, recebeu educação jesuíta e, mais tarde, passou a odiar os jesuítas, voltando-se para os filósofos franceses, para a filosofia maniqueísta e, aparentemente, passou por algum tipo de iniciação ocultista em uma das muitas seitas ocultistas.

[Vamos] examinar aqui algumas de suas visões. Ele afirma, em concordância com Rousseau, que a civilização é um grande erro e que a ela se devem todas as desigualdades da vida humana. Ele diz: “O homem caiu da condição de Liberdade e Igualdade, o Estado da Natureza Pura. Ele está sob subordinação e servidão civil decorrentes dos vícios do homem. Essa é a Queda e o Pecado Original”. Observe que ele usa aqui o termo cristão “pecado original”. Mais adiante veremos como tudo isso é uma imitação do cristianismo.

Segundo ele, todas as artes e ciências devem ser abolidas. Ele diz: “As ciências comuns proporcionam verdadeiro esclarecimento, verdadeira felicidade humana? Ou não são antes fruto da necessidade, das necessidades complicadas de um Estado contrário à Natureza, das invenções de mentes vaidosas e vazias?... Por que”, ele pergunta, “seria impossível para a raça humana alcançar sua mais alta perfeição, a capacidade de se gover-

nar a si mesma?’ Por essa razão”, ele ensinava que “não só os reis e nobres deveriam ser abolidos, mas até mesmo uma república não deveria ser tolerada, e o povo deveria ser ensinado a viver sem qualquer autoridade controladora, qualquer lei ou qualquer código civil. Para que esse sistema fosse bem-sucedido, seria necessário apenas incutir no homem ‘uma moralidade justa e firme’, e, uma vez que Weishaupt professava compartilhar a crença de Rousseau na crença na bondade inerente da natureza humana, isso não seria difícil, e a sociedade poderia então ‘seguir pacificamente em um estado de perfeita Liberdade e Igualdade’. Pois, uma vez que o único obstáculo real à perfeição humana residia nas restrições impostas ao homem por condições artificiais de vida, a remoção dessas restrições inevitavelmente o restauraria à sua virtude primitiva. “O homem não é mau, a não ser que seja tornado assim por uma moralidade arbitrária. Ele é mau porque a religião, o Estado e os maus exemplos o pervertem.” Era necessário, portanto, erradicar de sua mente todas as ideias de uma vida após a morte, todo medo de retribuição por más ações, e substituir essas superstições pela religião da Razão. “Quando, pelo menos, a Razão se tornar a religião dos homens, então o problema estará resolvido.”

“Após a libertação do jugo da religião, deve seguir-se o afrouxamento de todos os laços sociais. Tanto a vida familiar quanto a nacional devem deixar de existir, a fim de ‘fazer da raça humana uma família boa e feliz’. As origens do patriotismo e do amor pelos semelhantes são assim descritas por Weishaupt nas orientações dadas aos seus Hierofantes para a instrução dos iniciados:

“No momento em que os homens se uniram em nações, deixaram de se reconhecer sob um nome comum. O nacionalismo ou o amor nacional tomou o lugar do amor universal. Com a divisão do globo e de seus países, a benevolência restringiu-se atrás de fronteiras que nunca mais transgrediria. Passou então a ser uma virtude expandir-se às custas daqueles que por acaso não estavam sob nosso domínio. Então, para atingir esse objetivo, tornou-se permitido desprezar os estrangeiros, enganá-los e ofendê-los. Essa virtude foi chamada de patriotismo. Chamava-se de patriota aquele homem que, embora justo para com seu próprio povo, era injusto para com os outros, que se cegava diante dos méritos dos estrangeiros e tomava como perfeições os vícios de seu próprio país. Assim, vê-se que o patriotismo deu origem ao localismo, ao espírito de família e, finalmente, ao

egoísmo. Assim, a origem dos Estados ou governos da sociedade civil foi a semente da discórdia, e o patriotismo encontrou em si mesmo sua punição.... Diminuem, eliminem esse amor à pátria, e os homens aprenderão mais uma vez a conhecer-se e amar-se uns aos outros como seres humanos; não haverá mais parcialidade, os laços entre os corações se desdobrarão e se estenderão.

“Nessas palavras, a expressão mais pura do internacionalismo, tal como é exposto hoje, Weishaupt demonstrou uma ignorância das condições primitivas da vida tão profunda quanto a de Rousseau. A ideia do homem paleolítico, cujo esqueleto é geralmente exumado com um instrumento de sílex ou outra arma de guerra apertada na mão, passando sua existência em um estado de ‘amor universal’, é simplesmente ridícula. Não foi, no entanto, em suas diatribes contra a civilização que Weishaupt superou Rousseau, mas no plano que ele concebeu para derrubá-la. Rousseau havia meramente pavimentado o caminho para a revolução; Weishaupt construiu a própria maquinaria da revolução.

“Foi no 1º de maio de 1776 que os cinco anos de meditação de Weishaupt resultaram na fundação da sociedade secreta que ele batizou, em homenagem a sistemas filosóficos do passado, de *Illuminati*.”

Web. 11-12, 13. Abolição da religião, obediência absoluta,

“Os graus da Ordem eram uma combinação dos graus da Maçonaria e dos graus pertencentes aos jesuítas. Weishaupt, como já foi dito, detestava os jesuítas, mas, reconhecendo a eficácia de seus métodos para adquirir influência sobre as mentes de seus discípulos, concebeu a ideia de adotar o sistema deles para seus próprios fins. ‘Ele admirava’, diz o “bé Barriel, ‘as instituições dos fundadores dessa Ordem; ele admirava, acima de tudo, aquelas leis, aquele regime dos jesuítas, que, sob um único líder, faziam com que tantos homens, espalhados por todo o universo tendessem para o mesmo objetivo; ele sentia que se poderia imitar seus métodos ao mesmo tempo em que se propunha visões diametralmente opostas. Ele disse a si mesmo: ‘O que todos esses homens fizeram pelos altares e impérios, por que eu não faria contra os altares e impérios? Pela atração dos mistérios, das lendas, dos adeptos, por que não destruiria eu, nas trevas, o que eles erguem à luz do dia?’”

“Foi na formação dos adeptos que Weishaupt demonstrou sua profunda sutileza. Os prosélitos não deviam ser admitidos de imediato aos os

objetivos secretos do Iluminismo, mas eram iniciados passo a passo nos mistérios superiores — e era preciso exercer a maior cautela para não revelar ao novato doutrinas que pudessem levá-lo a se revoltar. Para esse fim, os iniciadores deviam adquirir o hábito de ‘falar de um jeito e de outro’, a fim de não se comprometerem. “É preciso falar”, explicou Weishaupt aos Superiores da Ordem, “às vezes de uma maneira, às vezes de outra, para que nosso verdadeiro propósito permaneça impenetrável para nossos subordinados.”

“Assim, para certos noviços (os noviços escoceses), os Iluminados devem professar desaprovar as revoluções e demonstrar as vantagens de proceder por métodos pacíficos para a conquista do domínio mundial.”

“A passagem prossegue então dizendo vagamente que esse não é o caso e que a Ordem exige do iniciado apenas o cumprimento de suas obrigações. Tampouco se deve admitir antagonismo à religião; pelo contrário, Cristo deveria ser representado como o primeiro autor do Iluminismo, cuja missão secreta era restaurar aos homens a liberdade e a igualdade originais que haviam perdido na Queda. ‘Ninguém’, deveria ser dito ao novato, ‘abriu um caminho tão seguro para a liberdade quanto nosso Grão-Mestre Jesus de Nazaré, e se Cristo exortou seus discípulos a desprezar as riquezas, foi a fim de preparar o mundo para aquela comunidade de bens que deveria acabar com a propriedade.”

Web. 13-14. Os noviços eram iniciados passo a passo nos “mistérios superiores”, “Não foi, portanto, até sua admissão nos graus superiores que o adepto foi iniciado nas verdadeiras intenções do Iluminismo no que diz respeito à religião. Quando alcançava o grau de Iluminado Maior ou Menor, de Cavaleiro Escocês, Epópte ou Sacerdote, era-lhe revelado todo o segredo da Ordem em um discurso proferido pelo Iniciador:

“Lembre-se de que, desde os primeiros convites que lhe feito a você para atraí-lo até nós, começamos dizendo que nos projetos de nossa Ordem não havia nenhum desígnio contra a religião. Você se lembra que tal garantia lhe foi dada quando foi admitido nas fileiras de nossos novatos, e que ela foi repetida quando você ingressou em nossa Academia Mineral... Você se lembra com que arte, com que respeito simulado falamos a você de Cristo e de seu evangelho; mas nos graus superiores do Iluminismo, de Cavaleiro Escocês, e de Epópte ou Sacerdote, como temos de saber formar, a partir do evangelho de Cristo o da nossa razão, e de sua

religião a da natureza, e da religião, da razão, da moral e da Natureza, para criar a religião e a moral dos direitos do homem, da igualdade e da liberdade.... Tivemos que superar muitos preconceitos em vocês antes de conseguirmos convencê-los de que a suposta religião de Cristo não era nada mais do que obra de sacerdotes, de impostura e de tirania. Se assim é com essa religião tão proclamada e admirada, o que devemos pensar das outras religiões? Compreendam, então, que todas têm as mesmas ficções como origem, que todas se baseiam igualmente na mentira, no erro, na quimera e na impostura. Eis o nosso segredo..... Se, para destruir todo o cristianismo, toda a religião, fingimos ter a única religião verdadeira, lembre-se de que os fins justificam os meios, e que os sábios devem empregar todos os meios para fazer o bem que os ímpios empregam para fazer o mal. Aqueles que empregamos para libertá-los, aqueles que empregamos para, um dia, libertar a raça humana de toda religião, não são nada mais do que uma fraude piedosa que reservamos para revelar um dia no grau de Mago ou Filósofo Iluminado.

“Mas tudo isso era desconhecido para o novato, cuja confiança, conquistada pela simulação da religião, era obrigada à estrita obediência. Entre as perguntas que lhe foram feitas estavam as seguintes:

“Se você descobrisse que algo errado ou injusto estava sendo feito sob a Ordem, qual atitude você tomaria?

“Você está disposto e é capaz de considerar o bem da Ordem como seu próprio bem?

“Você concederá à nossa Sociedade o direito de vida e morte?

“Você se compromete à obediência absoluta e incondicional? E você compreende o peso desse compromisso?

“A título de advertência quanto às consequências de trair a Ordem, uma ilustração contundente foi incluída na cerimônia de iniciação. Pegando uma espada desembainhada da mesa, o Iniciador apontou a ponta contra o coração do novato com estas palavras:

“Se você for apenas um traidor e perjuro, saiba que todos os nossos irmãos são chamados a se armar contra você. Não espere escapar ou encontrar um lugar seguro. Onde quer que você esteja, a vergonha, o remorso e a fúria de nossos irmãos o perseguirão e o atormentarão até o mais íntimo de suas entranhas.

“Assim, fica claro que a Liberdade alardeada pelos líderes dos Iluminados não existia, e que a disciplina de ferro era, na verdade, a palavra de ordem da Ordem.

Um ponto importante incutido nos adeptos — cuja importância veremos mais adiante — era que eles não deveriam ser conhecidos como Iluminados; essa regra era particularmente rigorosa no caso daqueles descritos como ‘recrutadores...’”

As mulheres deveriam ser usadas e os tolos, com dinheiro

“As mulheres também deveriam ser recrutadas como *Illuminati* por meio de ‘sugestões de emancipação’. ‘Por meio das mulheres’, escreveu Weishaupt, ‘pode-se muitas vezes realizar o melhor no mundo; insinuar-nos junto a elas e conquistá-las deve ser um dos nossos estudos mais astutos. De certa forma, todas elas podem ser levadas à mudança pela vaidade, curiosidade, sensualidade e inclinação. A partir disso, pode-se obter muito proveito para a boa causa. Esse sexo tem grande parte do mundo em suas mãos.’ As adeptas deveriam então ser divididas em duas classes, cada uma com seu próprio segredo, a primeira composta por mulheres virtuosas que confeririam um ar de respeitabilidade à Ordem, a segunda por “mulheres de vida fácil”, “que ajudariam a satisfazer aqueles irmãos que têm uma propensão para o prazer”. Mas a utilidade atual utilidade de ambas as classes consistiria em fornecer recursos para a sociedade. Tolos com dinheiro, fossem homens ou mulheres, deveriam ser especialmente bem-vindos. “Essas boas pessoas”, escreveu Espártaco a Ajax e Cato, “aumentam nosso número e enchem nosso cofre; ponham-se -se ao trabalho; esses cavalheiros devem ser levados a morder a isca.... Mas tomemos cuidado para não revelar nossos segredos a eles; esse tipo de gente deve sempre ser levada a acreditar que o nível que alcançou é o último.”

15-16. Sistema de espionagem universal

“A espionagem constituía grande parte do programa de Weishaupt. Os adeptos conhecidos como os ‘Irmãos Insinuantes’ eram obrigados a assumir o papel de ‘observadores’ e ‘informantes’; ‘cada pessoa deve ser transformada em espião de outra e de todos ao seu redor’; “amigos, parentes, inimigos, aqueles que são indiferentes — todos, sem exceção, deverão ser objeto de suas investigações; ele deverá tentar descobrir seus pontos fortes e fracos, suas paixões, seus preconceitos, suas conexões e, acima de tudo, suas ações — em uma palavra, as informações mais detalhadas sobre

eles.” Tudo isso deve ser registrado em tábuas que o Insinuante carrega consigo e a partir das quais ele redigirá relatórios a serem enviados duas vezes por mês aos seus Superiores, para que a Ordem saiba quais são as pessoas em cada cidade e vila das quais pode esperar apoio.”

16. “Anti-ciência e a civilização em geral: as ciências são “as necessidades complicadas de um Estado contrário à natureza, as invenções de cérebros vaidosos e vazios”. Enviou “apóstolos” C. Barruel IV, 9

“Desde o primeiro ano de seu iluminismo [de Weishaupt], em sua atroz impiedade, imitando o Deus do cristianismo, ele concebeu, nesses termos, as ordens que daria a Massenhausen para propagar seu novo evangelho: — não foi Jesus Cristo quem enviou seus apóstolos para pregar por todo o universo? Você, que é o meu Pedro, por que eu permitiria que ficasse ocioso e quieto em casa? Vá, então, e pregue.”

O martinismo também é importante: em 1775, São Martinho chamou “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” de “ternário sagrado”.

“No livro de Saint-Martin, *Des erreurs et de la vérité*, publicado em 1775, a fórmula ‘Liberdade, Igualdade e Fraternidade’ é referida como *Ale ternaire sacré*.”

“Os martinistas, frequentemente referidos nos registros franceses contemporâneos como os ‘Iluminados’, eram, na realidade, sonhadores e fanáticos e não devem ser confundidos com a Ordem dos Illuminati da Baviera, que surgiu vinte e dois anos depois. É por essa ‘seita terrível e formidável’ que o gigantesco plano da Revolução Mundial foi elaborado sob a liderança do homem que Louis Blanc descreveu com precisão como ‘o mais profundo conspirador que já existiu’. [Weishaupt]”

c. 1782, Congresso de Wilhelmsbod, o Iluminismo e a Maçonariase uniram para perseguir um objetivo comum, alegando ter 3 milhões de membros. Citação sobre o “segredo trágico” [Webster] p. 19.

“Mas foi somente no Congresso de Wilhelmsbad que a aliança entre o Iluminismo e a Maçonaria foi finalmente selada. Essa assembleia, cuja importância para a história subsequente do mundo nunca foi devidamente reconhecida pelos historiadores, reuniu-se pela primeira vez em 16 de julho de 1782 e contou com representantes de todas as sociedades secretas — martinistas, maçons e iluminados — que agora somavam nada menos que três milhões de membros em todo o mundo. Entre essas diferentes ordens, os somente os Iluminados da Baviera haviam formulado

um plano definido de campanha, e foram eles que, a partir de então, assumiram a liderança. O que aconteceu nesse terrível Congresso nunca será conhecido pelo mundo exterior, pois mesmo aqueles homens que haviam sido atraídos inconscientemente para o movimento, e agora ouviam pela primeira vez os verdadeiros desígnios dos líderes, estavam sob juramento de não revelar nada. Um desses maçons honestos, o conde de Virieu, membro de uma loja martinista em Lyon, ao retornar do Congresso de Wilhelmsbad, não conseguiu esconder seu alarme e, quando questionado sobre os “segredos trágicos” que trouxera consigo, respondeu: “Não vou confidenciá-los a você. Só posso dizer que tudo isso é muito mais sério do que você imagina. A conspiração que está sendo tecida é tão bem planejada que será, por assim dizer, impossível para a Monarquia e à Igreja escapar dela.” A partir desse momento,... “o conde de Virieu só conseguia falar da Maçonaria com horror.”

Em 1784, o Eleitor da Baviera proibiu todas as sociedades secretas; em 1785, os Illuminati foram presos e julgados, e seus documentos divulgados — receitas de bombas, descrição do objetivo. [Webster] 25.

“A opinião pública, no entanto, já havia se tornado totalmente agitada em relação à sociedade, e o Eleitor da Baviera, informado do perigo que seus adeptos representavam para o Estado — os quais teriam declarado que ‘os Illuminati devem, com o tempo, governar o mundo’, publicou um edito proibindo todas as sociedades secretas. Em abril do ano seguinte, 1785, outros quatro Illuminati,.. revoltados com a tirania de Weishaupt, foram intimados a comparecer perante um Tribunal de Inquérito para prestar contas das doutrinas e métodos da seita. O depoimento desses homens...não deixaram mais margem para dúvidas quanto à natureza diabólica do Iluminismo. “Toda religião”, declararam, “todo amor à pátria e lealdade aos soberanos deveriam ser aniquilados, sendo uma máxima favorita da Ordem:

“Tous les rois et tous les prêtres
são patifes e traidores.”

“Além disso, todo esforço deveria ser feito para criar discórdia não apenas entre príncipes e seus súditos, mas também entre ministros e seus secretários, e até mesmo entre pais e filhos, enquanto o suicídio deveria ser incentivado, incutindo na mente das pessoas a ideia de que o ato de tirar a própria vida proporcionava um certo prazer voluptuoso. A espio-

nagem deveria se estender até mesmo aos correios, colocando-se adeptos nos correios que possuísem a arte de abrir cartas e fechá-las novamente sem medo de serem descobertos.” Robison, que estudou todas as evidências dos quatro professores, assim resume o plano de Weishaupt conforme revelado por eles:

“A Ordem dos Iluminados renegava o cristianismo e defendia os prazeres sensuais . ‘Nas lojas, a morte era declarada um sono eterno; o patriotismo e a lealdade eram chamados de preconceitos mesquinhos e incompatíveis com a benevolência universal’; além disso, ‘consideravam todos os príncipes usurpadores e tiranos, e todas as ordens privilegiadas como suas cúmplices... pretendiam abolir as leis que protegiam a propriedade acumulada por meio de um trabalho prolongado e bem-sucedido; e impedir, no futuro, qualquer acumulação desse tipo. Pretendiam estabelecer a liberdade e a igualdade universais, os direitos imprescritíveis do homem... e, como preparação para tudo isso, pretendiam erradicar toda religião e a moral comum, e até mesmo romper os laços da vida doméstica, destruindo a veneração pelos votos matrimoniais e tirando a educação dos filhos das mãos dos pais.”

“Reduzidos a uma fórmula simples, os objetivos dos Iluminados podem ser resumidos nos seis pontos a seguir:

1. Abolição da monarquia e de todo governo organizado.
2. Abolição da propriedade privada.
3. Abolição da herança.
4. Abolição do patriotismo.
5. Abolição da família (ou seja, do casamento e de toda a moralidade, e a instituição da educação comunitária das crianças).
6. Abolição de toda religião.

“Certamente se admitirá que o exposto acima constitui um programa até então sem precedentes na história da civilização. Teorias comunistas vinham sendo defendidas por pensadores isolados ou grupos de pensadores desde os tempos de Platão, mas ninguém, até onde sabemos, jamais havia proposto seriamente destruir tudo aquilo que a civilização representa. Além disso, quando, como veremos, o plano do Iluminismo, codificado pelos seis pontos acima, continuou até os dias de hoje a constituir o programa exato da Revolução Mundial, como podemos duvidar de que todo

o movimento tenha se originado com os Iluminados ou com influências secretas atuando por trás deles?”

“Foi em 11 de outubro de 1786 que as autoridades bávaras invadiram a casa de Zwack e apreenderam os documentos que revelavam os métodos dos conspiradores. Lá foram encontradas descrições de um cofre para guardar documentos que, se forçado a abrir, explodiria por meio de uma máquina infernal ; de uma substância que cegaria ou mataria se esguichada no rosto; de um método para falsificar selos; receitas para um tipo particularmente letal de ‘aqua toffana’, para perfumes venenosos que encheriam um quarto de vapores pestilentos, e de um chá para provocar aborto. Um elogio ao ateísmo intitulado “Melhor que Horus” também foi descoberto, além de um documento com a caligrafia de Zwack descrevendo o plano para recrutar mulheres nas duas categorias mencionadas acima:

“Isso será de grande utilidade e proporcionará muitas informações e dinheiro, além de atender encantadoramente ao gosto de muitos de nossos mais fiéis membros, que são amantes do sexo feminino. Deverá consistir em duas classes: as virtuosas e as de coração mais livre.... Elas não devem saber umas das outras e devem estar sob a direção dos homens, mas sem saber disso... por meio de bons livros, e a última (classe) por meio da satisfação de suas paixões em segredo.

“....O terrível perigo representado pelos Iluminados agora tornou-se evidente, e o Governo da Baviera, julgando que a melhor maneira de transmitir um aviso ao mundo civilizado seria permitir que os documentos falassem por si mesmos, ordenou que fossem impressos imediatamente e divulgados o mais amplamente possível. Uma cópia dessa publicação, intitulada Escritos Originais da Ordem dos Iluminados, foi então encaminhada a todos os governos da Europa, mas, por mais estranho que pareça, atraiu pouca atenção, sendo a verdade, sem dúvida, como aponta o “bbé Barruel, que a extravagância do esquema ali proposto o tornava inacreditável, e os governantes da Europa, recusando-se a levar o Iluminismo a sério, o descartaram como uma quimera.”

C. A Revolução

1. Convocação do StsCGen devido a dificuldades financeiras C o pretexto para as ideias do Iluminismo para agir. A Revolução foi radical desde o início e contou com imenso apoio do “espírito da época”.

Wordsworth: “Era uma felicidade estar vivo naquela cena (?), mas ser jovem era o próprio paraíso.”

2. Jacobinos: assumiram a liderança desde o início, o único partido de verdade. Acordavam previamente a política na Assembleia Nacional. Bem organizados — 406 sociedades afiliadas nas províncias, com 500.000 membros em 1793. Eles assumiram o controle e o poder das sociedades secretas: Barruel IV, 1-2.

“Concebido poucos anos antes da Revolução Francesa, nos pensamentos de um homem cuja ambição total parecia absorvida em Ingolstadt pelo pó de giz das escolas, como é que o Iluminismo, em menos de vinte anos, tornou-se aquela seita formidável que, sob o nome de jacobinos, conta hoje como seus troféus tantos altares reduzidos a pedaços, tantos cetros quebrados ou mutilados; tantas Constituições derrubadas, tantas nações subjugadas; tantos potentados caídos sob suas adagas, seus venenos ou seus carrascos, tantos outros potentados humilhados sob o jugo de uma servidão chamada ‘paz’, ou de uma servidão ainda mais desonrosa chamada ‘aliança’?

“Sob esse mesmo nome de jacobinos, engolindo simultaneamente todos os segredos, todas as conspirações, todas as seitas de infiéis jurados, dos conspiradores sediciosos, dos conspiradores desorganizadores, como é que o Iluminismo estabelece tal domínio do medo que, mantendo o universo em pânico, não permite que um único rei diga: amanhã ainda serei rei; nem um único povo: amanhã ainda terei minhas leis e minha religião; nem um único cidadão: amanhã tanto minha fortuna quanto meu lar ainda serão meus; amanhã não despertarei sob a árvore da Liberdade, de um lado, e a árvore da morte, a guilhotina voraz, do outro?

“Autores invisíveis, como é que os adeptos secretos do Espártaco dos dias de hoje, sozinhos, presidem a todos os crimes, todos os desastres dessa praga de banditismo e ferocidade chamada Revolução? Como eles ainda comandam tudo o que a Seita planeja, a fim de consumir a desolação e a dissolução das sociedades humanas?”

As ordens dos jacobinos foram obedecidas instantaneamente [Barruel] IV 337. Eles bebem o sangue uns dos outros “pela morte dos reis”. A queda da monarquia ocidental em 1792 marca o início da destruição em grande escala.

“Encontrei a carta. Ela estava redigida nestes termos: ‘Sua carta, meu

caro amigo, foi lida na presença de todo o Clube. Foi surpreendente encontrar tanta filosofia em um . Não tema, meu caro Coadjutor; somos trezentos; nós marcamos as cabeças, e elas caem. Quanto ao que você menciona, ainda não é a hora. Apenas mantenha seu povo pronto; prepare seus paroquianos para executar as ordens, e elas lhe serão dadas na hora certa.

“Esta carta foi assinada por... Dietrich, secretário.

“Às reflexões que esta carta sugere, acrescentarei apenas que o clube de onde ela foi enviada havia mudado o local de suas reuniões para o subúrbio de Sainte-Honoré, e que lá permaneceu desconhecido pela Corte; até o momento de uma dessas orgias, cujo objetivo seria informar novamente ao Rei o destino que o aguardava. Após um desses banquetes celebrados em nome da fraternidade, todos os Irmãos perfuravam seus braços e derramavam seu sangue em seus copos; todos bebiam desse sangue, depois de terem gritado: ‘Morte aos Reis’, e esse seria o último brinde de seu banquete fraterno. Esta carta nos revela também quais homens formavam essa legião dos Mil e Duzentos, que Jean de Brie proporia estabelecer na Convenção, cujo objetivo era espalhar-se pelos impérios para assassinar todos os reis da terra.”

3. Violência: a interpretação usual é de que se trata de algo incidental, paixões despertadas, defesa nacional, etc. Mas as evidências apontam para um uso deliberado: quando há queixas reais, elas são exploradas por políticos astutos para promover a Revolução; grande papel dos agitadores.

(1) O “Grande Medo” de julho de 1789: Bourne, p. 100; Web. 32-33.

“A qualquer agente que a atribuamos, no entanto, o mecanismo da Revolução Francesa a distingue de todas as revoluções anteriores. Até então, as revoluções isoladas que ocorreram ao longo da história do mundo podem ser claramente reconhecidas como movimentos espontâneos provocados pela opressão ou por uma facção política que contava com algum apoio popular e portanto, se esforçando para satisfazer as demandas do povo. Mas na Revolução Francesa vemos, pela primeira vez, esse plano em ação, que se estendeu até o presente momento — a tentativa sistemática de criar queixas a fim de explorá-las...”

“O exemplo mais notável de agitação orquestrada durante os estágios

iniciais da Revolução foi o extraordinário incidente conhecido na história como ‘O Grande Medo’, quando, no mesmo dia, 22 de julho de 1789, e quase na mesma hora, em cidades e vilarejos por toda a França, foi gerado pânico com o anúncio de que bandidos se aproximavam e que, portanto, todos os bons cidadãos deveriam pegar em armas. Os mensageiros que trouxeram a notícia a toda pressa, a cavalo, em muitos casos exibiam cartazes com o título ‘Decreto do Rei’, contendo as palavras ‘O Rei ordena que todos os castelos sejam incendiados; ele só deseja manter o seu!’ E o povo, obediente a essas ordens, agarrou todas as armas que conseguiu encontrar e dedicou-se à tarefa de destruição. O objetivo dos conspiradores foi, assim, alcançado — o armamento da população contra a lei e a ordem, um artifício que, desde 1789, sempre constituiu o primeiro item do programa da revolução social.”

Protesto das mulheres em 5 de outubro de 1789: as mulheres também se vestiram como homens, muitas delas forçadas a participar.

(2) O Reinado do Terror sob Robespierre: ostensivamente invocado pela invasão estrangeira, buscando “inimigos do povo” no interior; isso era um meio de governar (cf. Comunismo). Mas havia algo mais profundo; havia um plano pouco divulgado de “despovoamento”. Relatório do Comitê de Segurança Pública, 8 de agosto de 1795: “Fiquem tranquilos; a França tem recursos suficientes para 12 milhões de homens: todos os demais (12 milhões) terão de ser executados. E então vocês não passarão mais falta de pão. (Barruel IV, p. 335).

“Foi ela [a seita] que extinguiu até mesmo o afeto de um irmão por seu irmão; da criança por seu pai, quando o adepto Chénier, ao ver um irmão entregue aos seus carrascos, respondeu friamente: ‘Se meu irmão não compartilha do sentimento da Revolução, que seja sacrificado’; quando o adepto Philip trouxe triunfalmente aos jacobinos as cabeças de seu pai e de sua mãe. Esta é a seita sempre insaciável por sangue, que pela boca de Marat, exigiu ainda duzentos e setenta mil cabeças, que em pouco tempo só poderiam ser contadas por milhões. Ela [a seita] sabia disso; todos os segredos de sua igualdade só poderiam ser realizados em seus maiores eventos através do despovoamento do mundo; e a seita que respondeu, por meio de Le Bo, aos municípios de Montauban, aterrorizados pela falta de provisões: “Nunca temam; a França tem o suficiente para doze milhões de homens; é necessário que o restante, ou seja, os outros doze milhões

de franceses, sejam executados, e então vocês não terão mais falta de pão. (Relatório do Comitê de Segurança Pública, reunião de 8 de agosto 8 de 1975)”

O Tribunal Revolucionário discutiu a redução da população para 1/3 ou 1/2; o Comitê de Segurança Pública calculou quantas cabeças deveriam restar em cada cidade e distrito. Afogados, guilhotinados ou fuzilados — talvez 300 mil, dos quais apenas 3 mil nobres; a maioria eram camponeses e trabalhadores. Em Nantes, 500 crianças de famílias pobres foram mortas em um massacre; 144 mulheres pobres foram jogadas no rio, etc.

(3) Assassínatos e destruição especialmente violentos: em setembro de 1792, massacres de padres e outras pessoas nas prisões — canibalismo e tortura. A violência calculada — e a ideia de Marx. Sieyès responde: (Baruel IV 335) “O senhor fala-nos sempre dos nossos meios, não é, Monsieur? É o fim, é o objeto e a meta que é preciso aprender a enxergar.”

“O senhor sempre nos fala dos nossos meios; não é, Monsieur? É o fim, é o objetivo e a meta que o senhor deve aprender a enxergar...”

Saint-Just: “Caminharei de bom grado com os pés em sangue e lágrimas.”

“‘Caminharei de bom grado com os pés em sangue e lágrimas’, disse Saint-Just, coadjutor de Robespierre; e isso, quer ele admita ou não, deve ser a máxima de todo socialista revolucionário que acredita que quaisquer métodos são justificáveis para a consecução de seu fim.”

4. Babeuf, “Conspiração dos Iguais”.

a. Discípulo de Weischaup, seguiu as ideias comunistas de Robespierre. Afirmou que o despovoamento era o “imenso segredo” do Terror (alegou que custou 1 milhão de vidas). Formou sua própria organização maçônica para promover a “igualdade”. Um comunista (Web. 56)

“Infelizmente, a confusão mental que prevalecia entre os defensores da ‘Igualdade’ era tão grande que as reuniões — que em pouco tempo passaram a contar com duas mil pessoas — tornaram-se ‘como uma Torre de Babel’. Ninguém sabia exatamente o que queria e nenhuma decisão podia ser tomada; decidiu-se, portanto, complementar essas enormes assembleias com pequenos comitês secretos ... e foi ali que o plano de revolução social foi elaborado. Partindo da premissa de que toda propriedade é roubo, decidiu-se que o processo conhecido na linguagem revolucionária

como ‘expropriação’ deveria ocorrer; ou seja, toda propriedade deveria ser arrancada de seus atuais proprietários pela força — a força de uma multidão armada. Mas Babeuf, embora defendesse a violência e o tumulto como meios para atingir um fim, de forma alguma desejava a anarquia como condição permanente; o Estado deveria ser mantido, e não apenas mantido, mas tornado absoluto, o único distribuidor das necessidades da vida. ‘No meu sistema de Felicidade Comum’, escreveu ele, ‘desejo que não exista propriedade individual. A terra é de Deus e seus frutos pertencem a todos os homens em geral’. Outro babouvista, o Marquês d’Antonelle, ex-membro do Tribunal Revolucionário, havia expressado a questão com palavras muito semelhantes: “O Estado do comunismo é o único justo, o único bom; sem esse estado de coisas, nenhuma sociedade pacífica e verdadeiramente feliz pode existir.”

“Em 1796, concluiu seu ‘Manifesto dos Iguais’. Web. 57-8.

“Babeuf decidiu então que um ‘Diretório Secreto’ deveria ser formado, cujo funcionamento apresentava uma curiosa semelhança com o dos Iluminados. Assim, Weishaupt havia empregado doze adeptos de destaque para dirigir as operações por toda a Alemanha e havia proibido estritamente que seus seguidores se identificassem, nem mesmo entre si, como *Illuminati*; assim, Babeuf nomeou doze agentes principais para atuar nos diferentes distritos de Paris, e esses homens não deveriam nem mesmo saber os nomes daqueles que formavam o comitê central de quatro, mas apenas se comunicar com eles por meio de intermediários parcialmente iniciados nos segredos da conspiração. Assim como Weishaupt, Babeuf também adotou um tom autoritário e arrogante em relação aos seus subordinados, e qualquer um que ele suspeitasse de traição era ameaçado, à maneira das sociedades secretas, com a mais terrível vingança. ‘Ai daqueles de quem temos motivos para reclamar!’, escreveu ele a alguém cujo zelo havia começado a duvidar; ‘refletam que os verdadeiros conspiradores nunca podem abandonar aqueles que decidiram empregar’.

“Em abril de 1796, o plano de insurreição estava completo, e o famoso Manifesto dos Iguais redigido e pronto para publicação.

“‘Povo da França’, anunciava essa proclamação, ‘por quinze séculos vocês viveram na escravidão e, conseqüentemente, na infelicidade. Por seis anos (ou seja, durante o curso da Revolução) vocês mal conseguiram respirar, esperando pela independência, pela felicidade e pela igualdade.

Igualdade! O primeiro desejo da Natureza, a primeira necessidade do Homem e o principal laço de toda associação legal!

“Pois bem! Pretendemos, doravante, viver e morrer iguais como nascemos; desejamos a igualdade real ou a morte; é isso que devemos ter. E teremos essa igualdade real, não importa a que preço. Ai daqueles que se interponem entre ela e nós!.. “A Revolução Francesa é apenas a precursora de outra revolução, muito maior, muito mais solene, que será a última!... O que mais devemos ter além da igualdade de direitos? Devemos ter não apenas essa igualdade transcrita na “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, devemos tê-la em nosso meio, nos telhados de nossas casas. Aceitaremos qualquer coisa por isso, para fazer uma limpeza total a fim de nos apegarmos apenas a isso. Que pereçam, se necessário, todas as artes, desde que nos seja deixada a igualdade real!

“A lei agrária e a divisão das terras foram o desejo momentâneo de alguns soldados sem princípios, movidos mais pelo instinto do que pela razão. Aspiramos a algo mais sublime e equitativo: a Felicidade Comum ou a Comunidade de Bens. Chega de propriedade privada da terra; a terra não pertence a ninguém. Reivindicamos e desejamos o desfrute comunitário dos frutos da terra: os frutos da terra pertencem a todos.

“Declaramos que não podemos mais suportar que a grande maioria dos homens trabalhe e sue a serviço e para o prazer de uma minoria extrema. Já há tempo demais, e por muito tempo menos de um milhão de indivíduos dispuseram do que pertence a mais de vinte milhões de seus semelhantes, de seus iguais. Que isso cesse de uma vez por todas, esse grande escândalo no qual nossos sobrinhos não serão capazes de acreditar. Desapareçam de uma vez por todas as distinções revoltantes entre ricos e pobres, entre grandes e pequenos, entre senhores e servos, entre governantes e governados. Que não haja outra diferença entre os homens além da idade e do sexo. Visto que todos têm as mesmas necessidades e as mesmas faculdades, que haja apenas uma educação, um único tipo de alimento. Eles se contentam com um único sol e um único ar para todos; por que não bastaria a mesma porção e a mesma qualidade de alimento para cada um deles?...

“Povo da França, dizemos a vocês: a santa empreitada que estamos organizando não tem outro objetivo senão pôr fim às dissensões civis e à miséria pública. Nunca um projeto mais vasto foi concebido e executado.

De tempos em tempos, alguns homens de gênio, alguns sábios, falaram em voz baixa e trêmula. Nenhum deles teve a coragem de dizer toda a verdade. Chegou o momento de grandes medidas. O mal está no auge; ele cobre a face da terra. O caos, sob o nome de política, tem reinado por séculos demais... Chegou o momento de fundar a República dos Iguais, o grande lar aberto a todos os homens... Famílias aflitas, venham e sentem-se à mesa comum preparada pela natureza para todos os seus filhos.....

“Povo da França, abram seus olhos e seus corações para a plenitude da felicidade; reconheçam e proclamem conosco a República dos Iguais.”

“Este documento estava destinado, no entanto, não a ser exibido aos olhos do público, pois o Comitê Secreto decidiu, por fim, que seria imprudente admitir o povo em todo o plano da conspiração; em particular, julgaram desaconselhável publicar a frase que havia sido expressa em linguagem quase linguagem quase idêntica por Weishaupt: ‘Que pereçam todas as artes, desde que nos seja deixada a verdadeira igualdade!’ O povo da França não deveria saber que se contemplava um retorno à barbárie. Assim, uma segunda proclamação foi redigida sob o título de ‘Análise da Doutrina de Babeuf’ — um apelo muito menos inspirador do que o Manifesto anterior e, em grande parte, incompreensível para as classes trabalhadoras; no entanto, como observa o Sr. Fleury, “a verdadeira Bíblia ou Alcorão do sistema despótico conhecido como comunismo”. Pois é aí que reside o cerne da questão. Ninguém que leia esses dois documentos dos babouvistas pode deixar de reconhecer a veracidade de certas de suas críticas à sociedade — a disparidade gritante entre pobreza e a riqueza, a distribuição desigual do trabalho e do lazer, a injustiça de um sistema industrial em que, devido em grande parte, nesse período, à repressão dos sindicatos pelos líderes revolucionários, os empregadores podiam viver no luxo às custas do trabalho explorador — mas a questão é: como Babeuf propunha corrigir esses males? Resumidamente, então, seu sistema, baseado na doutrina da “Comunidade de bens e de trabalho”, pode ser sintetizado da seguinte forma:

Todos devem ser obrigados a trabalhar um determinado número de horas por dia em troca de remuneração igual; aquele que se mostrasse mais habilidoso ou trabalhador do que seus companheiros seria recompensado apenas com a “gratidão pública”. Esse trabalho obrigatório não seria, de fato, remunerado em dinheiro, mas em espécie, pois, uma vez

que o direito à propriedade privada constituía o principal mal da sociedade existente, a distinção entre “meu” e “teu” deveria ser abolida e ninguém deveria ter permissão para possuir nada que fosse seu. O pagamento só poderia, portanto, ser feito com os produtos do trabalho, que deveriam ser todos coletados em enormes depósitos comunitários e distribuídos em rações iguais aos trabalhadores. Inevitavelmente, o comércio seria totalmente abolido, e o dinheiro não seria mais cunhado nem admitido no país; o comércio exterior deveria, portanto, ser realizado com as moedas já em circulação e, quando estas se esgotassem, por meio de um sistema de troca.”

Mas as pessoas não eram informadas disso (à la Weischaucht), sendo-lhes dito apenas que os bens dos inimigos do povo seriam entregues aos necessitados.

“Mas o povo não estava a par do segredo do movimento. Assim como nas grandes revoltas da Revolução, a multidão de Paris foi impulsionada cegamente por falsos pretextos fornecidos pelos agitadores, assim, mais uma vez, o povo seria transformado em instrumento de sua própria ruína. O ‘Comitê Secreto de Direção’ sabia muito bem que o comunismo era um sistema que nunca atrairia o povo; por isso, teve o cuidado de não revelar todo o seu programa aos seus ingênuos entre as classes trabalhadoras e, acreditando que somente apelando para o interesse próprio e a cobiça conseguiriam garantir seguidores, manipularam habilmente as paixões do povo, prometendo-lhes um saque que não tinham intenção alguma de lhes conceder. Assim, no “Ato Insurrecional”, agora elaborado pelo Comitê, foi anunciado que “os bens dos emigrados, dos conspiradores (ou seja, os monarquistas) e dos inimigos do povo seriam distribuídos aos defensores do país e aos necessitados”; eles não lhes disseram que, na realidade, essas coisas não pertenceriam a ninguém, mas se tornariam propriedade do Estado, administrados por eles mesmos... O povo, então, não deveria saber a verdade sobre a causa pela qual lhes era pedido que derramassem seu sangue — e que seriam obrigados a derramá-lo em torrentes, o que nenhum homem sensato poderia duvidar.”

Sua admiração por Robespierre, C Web 64.

“...[Q]uando se tratou de organizar a insurreição necessária, Babeuf adotou um tipo de linguagem muito diferente. De fato, o antigo denunciante do ‘sistema de despovoamento’ de Robespierre agora afirmava que

não apenas os objetivos de Robespierre, mas também seus métodos eram dignos de elogio.

“Confesso hoje que guardo rancor contra mim mesmo por ter visto anteriormente o governo revolucionário, Robespierre e Saint-Just sob uma luz tão negativa. Acho que esses homens, por si só, valiam mais do que todos os revolucionários juntos, e que seu governo ditatorial foi diabolicamente bem planejado ... Não concordo de forma alguma... que eles tenham cometido grandes crimes e feito perecer muitos republicanos. Não tantos assim, creio eu... A salvação de vinte e cinco milhões de homens não deve ser ponderada em relação à consideração por alguns indivíduos ambíguos. Um regenerador deve ter uma visão ampla. Ele deve arrasar tudo que o atrapalhe, tudo o que obstrua sua passagem, tudo o que possa impedir sua chegada rápida ao objetivo que ele determinou. Patifes ou imbecis, ou pessoas presunçosas ou ávidas por glória, dá na mesma, tant pis pour eux [que pena para eles] — o que eles estão lá para quê? Robespierre sabia de tudo isso e é, em parte, o que me faz admirá-lo.

“Mas onde Babeuf se mostrou intelectualmente inferior a Robespierre foi na maneira como propôs superar a resistência ao seu plano de um Estado socialista. Robespierre, como ele bem sabia, havia passado quatorze meses ‘ceifando aqueles que obstruíam sua passagem’, mantivera a guilhotina trabalhando incansavelmente em Paris e nas províncias, mas, mesmo assim, não havia conseguido silenciar os opositores. Mas Babeuf esperava alcançar seu objetivo em um único dia — aquele ‘grande dia do povo’ em que toda oposição seria instantaneamente suprimida, toda a ordem social existente aniquilada, e a República da Igualdade erguida sobre suas ruínas. Se, no entanto, o processo fosse breve, teria necessariamente de ser ainda mais mais violento, e foi assim, sem a calma precisão de Robespierre ao marcar cabeças para a destruição, que Babeuf se dedicou à sua tarefa.”

Seu frenesi C Web 65.

“Ao redigir seus planos de insurreição, seu secretário Pillé relatou posteriormente em seu julgamento, Babeuf corria de um lado para o outro pela sala com os olhos em chamas, articulando os lábios e fazendo caretas, batendo contra os móveis, derrubando as cadeiras enquanto proferia gritos roucos de ‘Às armas! Às armas! A insurreição! A insurreição está começando!’ — era uma insurreição contra as cadeiras”, disse Pillé seca-

mente. Então Babeuf se lançava sobre a caneta, mergulhava-a na tinta e escrevia com uma rapidez assustadora, enquanto todo o seu corpo tremia e o suor escorria de sua testa. ‘Não era mais loucura’, acrescentou Pillé, “era frenesi!” Esse frenesi, explicou Babeuf, era necessário para que ele se animasse até o grau necessário de eloquência, e em seus apelos à insurreição é difícil perceber em que seu programa diferia do banditismo e da violência que ele havia condenado....”

O “Grande Dia” da Revolução C Web 67-8.

“O seguinte programa para o ‘Grande Dia’ foi então elaborado pelo Diretório Secreto: em um determinado momento, o exército revolucionário deveria marchar contra a Assembleia Legislativa, contra o quartel-general do Exército e contra as residências dos ministros. As tropas mais bem treinadas deveriam ser enviadas aos arsenais e às fábricas de munições, bem como aos acampamentos de Vincennes e Grenelle, na esperança de que os 8.000 homens ali acampados se juntassem ao movimento. Enquanto isso, oradores deveriam discursar para os soldados, e as mulheres deveriam oferecer-lhes refrescos e coroas de flores. Caso eles permanecessem imunes a essas seduções, as ruas seriam barricadas, e pedras, tijolos, água fervente e vitríolo seriam lançados sobre as cabeças das tropas. Todos os suprimentos da capital seriam então apreendidos e colocados sob o controle dos líderes; ao mesmo tempo, as classes mais abastadas seriam expulsas de suas casas, que seriam imediatamente transformadas em alojamentos para os pobres. Os membros do Diretório seriam então massacrados, assim como todos os cidadãos que oferecessem qualquer resistência aos insurgentes. A insurreição, assim “felizmente concluída”, como Babeuf ingenuamente expressou, todo o povo deveria ser reunido na Place de la Révolution e convidado a cooperar na escolha de seus representantes. “O plano”, escreve Buonarrotti, “era falar ao povo sem reservas e sem digressões, e prestar a mais impressionante homenagem à sua soberania”. Mas, para que o povo não deixasse, por acaso, cego quanto aos seus verdadeiros interesses, de reconhecer seus salvadores na pessoa dos conspiradores, os babouvistas propõem dar continuidade à homenagem à soberania do povosoberania do povo exigindo que ‘o poder executivo fosse confiado exclusivamente a eles mesmos’; pois, como observou Buonarrotti, ‘no início da revolução, é necessário, mesmo por respeito à verdadeira soberania do povo, ocupar-se menos com os desejos da nação do que colocar a

autoridade suprema em mãos fortemente revolucionárias”. Uma vez nessas mãos, ela naturalmente permaneceria ali, e os babouvistas, com todas as forças civis e militares forças civis e militares a seu favor, seriam capazes de impor seu sistema de servidão estatal ao povo submisso.”

Violência C 70.

Em uma reunião do comitê, foi “lido em voz alta o plano definitivo da insurreição, ao qual mais detalhes atrozes haviam sido acrescentados — qualquer um que tentasse exercer qualquer autoridade seria imediatamente condenado à morte; os armeiros seriam forçados a entregar suas armas, os padeiros, seus estoques de pão, e aqueles que resistissem seriam içados até o poste de luz mais próximo; o mesmo destino estava reservado a todos os comerciantes de vinho e bebidas alcoólicas que se recusassem a fornecer o conhaque necessário para inflamar a população e levá-la à violência. ‘Qualquer reflexão por parte do povo deve ser evitada’, diziam as instruções escritas aos líderes; “eles devem cometer atos que os impeçam de voltar atrás”.

“Entre todo esse bando feroz, Rossignol, o ex-general dos exércitos revolucionários na Vendéia, mostrou-se o mais sanguinário: ‘Não quero que nada a ver com a sua insurreição’, gritou ele, “a menos que as cabeças caiam como granizo... a menos que ela inspire um terror tão grande que faça todo o universo estremecer...” — um discurso que foi recebido com aplausos unânimes .

“O dia 11 de maio havia sido marcado como o grande dia da explosão, quando não apenas Paris, mas todas as cidades da França preparadas pelos agentes de Babeuf deveriam se levantar e derrubar toda a estrutura da civilização.... [Enquanto isso, havia um delator] e o Governo, alertado sobre o ataque iminente, estava pronto para enfrentá-lo. Na manhã do dia marcado, um cartaz foi encontrado afixado em todas as paredes de Paris com as seguintes palavras:

“O Diretório Executivo aos cidadãos de Paris

“Cidadãos, uma conspiração terrível está prestes a eclodir esta noite ou amanhã, ao raiar do dia. Um bando de ladrões e assassinos elaborou o plano de massacrar a Assembleia Legislativa, todos os membros do Governo, o corpo de oficiais do Exército e todas as autoridades constituídas em Paris. A Constituição de ’93 será proclamada. Essa proclamação servirá de sinal para uma pilhagem geral de Paris, tanto de casas quanto de

lojas e estabelecimentos, e o massacre de um grande número de cidadãos será realizado ao mesmo tempo. Mas fiquem tranquilos, bons cidadãos; o Governo está atento, conhece os líderes da conspiração e seus métodos....; fiquem calmos, portanto, e continuem com suas atividades habituais; o Governo tomou medidas infalíveis para frustrar seus planos e para entregá-los, juntamente com seus partidários, à vingança da lei.

“Então, sem mais aviso, a polícia invadiu a casa onde Babeuf e Buonarroti estavam redigindo um cartaz rival convocando o povo à revolta. No meio de sua tarefa, o braço da lei os surpreendeu e os prendeu, e na manhã seguinte outros quarenta e cinco líderes da conspiração foram presos da mesma forma e encarcerados na Abbaye. Ai do apoio que esperavam obter da população! O exército revolucionário com o qual contavam, impressionado como o povo sempre fica diante de uma demonstração de autoridade, passou para o lado da polícia em apoio à lei e à ordem. Com a remoção dos agitadores, toda a população recuperou o juízo e percebeu todo o horror da conspiração na qual havia sido induzida.”

Napoleão os impediu e pôs fim à última grande tentativa da Revolução Francesa de concretizar o objetivo do Iluminismo.

5. Os revolucionários devoraram-se uns aos outros — Barruel, IV, 338-9.

“Cristo não tinha mais altar na França; os reis não tinham mais trono; aqueles que haviam destruído o altar e o trono conspiraram uns contra os outros; os intrusos, os ateus e os deístas massacraram os católicos; os intrusos, os ateus e os deístas massacraram uns aos outros. Os constitucionalistas perseguiram os monarquistas, os republicanos perseguiram os constitucionalistas; os democratas da República única e indivisível massacraram os democratas da República federada; a facção da Montanha guilhotinou a facção da Gironda. A facção da Montanha se dividiu na facção de Hébert e de Marat, na facção de Danton e de Chabot, na facção de Cloots e de Chaumette, na facção de Robespierre, que os devorou a todos e que, por sua vez, seria devorada pela facção de Tallien e de Freron. Brissot e Gensonné, Guadet, Fauchet, Rabaud, Barbaroux e trinta outros foram condenados por Fouquier-Tinville, assim como eles haviam julgado Luís XVI; o próprio Fouquier-Tinville foi julgado da mesma forma que julgou Brissot. Pethion e Buzot, vagando pelas florestas, pereceram consumidos pela fome, devorados por feras; Perrin morreu acorrentado,

Condorcet envenenou-se na prisão, Valage e Labat se apunhalaram; Marat foi assassinado por Charlotte Corday; Robespierre já não existe; deles, apenas Syeyes permanece, porque a França ainda precisa de suas pragas. O Inferno, para estabelecer o reinado de sua impiedade, e o Céu, para punilo por isso, deram a ela [França], sob o nome de Diretores, seus cinco tiranos ou seus Pentarques e seu duplo Senado. Rewbel, Carnot, Barras, o Toureur, a Reveillère-Lepaux a desarmam, expulsam os Deputados de sua igualdade e de sua liberdade, bombardeiam suas seções com canhões e morteiros, a apertam em suas garras e fazem com que seja pendurado sobre ela umforco de ferro. Todos tremem diante deles; estão apavorados, invejando-se uns aos outros, afastando-se uns dos outros; apenas permitindo que novos tiranos cheguem e se unam; as deportações, o estupor, o terror e esses Pentarques, neste momento, são os deuses que governam a França. O silêncio do terror em seu império, onde sua vasta prisão, vinte milhões de escravos, todos mudos de terror sob o jugo, ao simples nome de Guiana, de Merlin ou de Rewbel; contemplem esse povo tantas vezes proclamado igual, livre e soberano.”

A França arruinada pela Revolução — Webster 49-50

“...a situação da França no fim do Terror...”

“A França está desmoralizada. Está exausta — este é o último traço deste país em ruínas. Não há mais opinião pública, ou melhor, essa opinião é composta apenas de ódio. Eles odeiam os Diretores (membros do Diretório) e odeiam os deputados; odeiam os terroristas e odeiam os chouans (os monarquistas da Vendée); odeiam os ricos e odeiam os anarquistas; odeiam a Revolução e odeiam a contrarrevolução... Mas onde o ódio atinge o paroxismo é no caso dos novos ricos. De que adianta ter destruído reis, nobres e aristocratas, se deputados, agricultores e comerciantes tomam seu lugar? Que gritos de ódio!... De todas as ruínas encontradas e agravadas pelo Diretório — ruínas de partidos, ruínas de poder, ruínas de lares, ruínas de consciências, ruínas de intelectos — não há nada mais lamentável do que isto: a ruína do caráter nacional.”

Oito anos após o fim do Terror, a França ainda não havia se recuperado de suas devastações. Segundo Redhead Yorke, até mesmo a teoria geralmente aceita da prosperidade agrícola é errônea.

“Nada pode superar a miséria dos implementos agrícolas empregados, a não ser a aparência miserável das pessoas que os utilizam. Mulheres

no arado e meninas conduzindo uma junta de animais dão apenas uma ideia medíocre do progresso da agricultura sob a República. Não há casas de fazenda espalhadas pelos campos. Os agricultores residem juntos em aldeias remotas, uma circunstância que tende a retardar as atividades agrícolas. O interior das casas são imundas, os pátios estão na mais completa desordem, e a condição miserável do gado revela suficientemente a pobreza de seus donos.”

“Por toda parte, mendigos abordavam o viajante em busca de esmolas; apesar da população reduzida, o desemprego era generalizado, a educação estava estagnada e devido à destruição da antiga nobreza e do clero, e pelo fato de que os novos ricos que ocupavam suas propriedades eram proprietários ausentes, não havia nenhum sistema de caridade organizado. Yorke acaba sendo levado a declarar:

“A Revolução, que foi promovida ostensivamente para o benefício das classes mais baixas da sociedade, as afundou a um grau de degradação e infortúnio a que nunca foram reduzidas sob a antiga monarquia. Elas foram deserdadas, despidas e privadas de todos os meios de subsistência, exceto as derrotas nas armas e os espólios fugazes das nações vencedoras.”

“Em outra passagem, Yorke faz a pergunta inevitável que surge na mente de todos os contemporâneos que refletem:

“A França ainda sangra por todos os poros — é uma vasta família de luto, vestida de saco. É impossível, neste momento, para uma mente contemplativa, sentir-se alegre na França. A cada passo, a trajetória impiedosa e sanguinária de bárbaros fanáticos repugna à visão e repugna a humanidade — por todos os lados, ruínas se impõem ao olhar e obrigam à pergunta: ‘Para que e para quem são toda essa devastação e desolação?’”

6. Religião

a. Descristianização: novembro de 1793, C. Lefebvre, vol. 2, pp. 77-8

...a igreja é profanada. O mesmo aconteceu nesta revolução. Mas, em 1793, a nova revolução destinada a substituir o catolicismo tornou-se evidente. E este é um dos livros didáticos clássicos de Lefebvre, que é muito objetivo e aborda esse assunto.

Em 1793, “a festa de 10 de agosto...”, a proclamação da república, “foi puramente secular. A nova religião dotou-se de símbolos e de uma forma de liturgia, honrou a ‘Montanha Sagrada’”, ou seja, o local, o par-

tido da Montanha, “e venerava seus mártires, Lepeletier, Marat e Chalier. No dia 3 de Brumário do Ano II (24 de outubro de 1793),... a Convenção adotou o calendário revolucionário. “O ano um deveria começar em 10 de agosto de 1792, data da fundação da República. Todos os meses foram renomeados de acordo com fenômenos naturais; ou seja, creio que dezembro se chama Pleuvoise, que significa chuva, a estação chuvosa, o mês chuvoso e assim por diante. “Procurou-sea vida cotidiana, substituindo referências a cerimônias religiosas e aos santos por nomes emprestados de ferramentas e produtos familiares aos franceses.” Todos os dias de festa foram abolidos, e a semana de sete dias também foi abolida em favor de uma semana de dez dias; ou seja, não havia mais domingo. Em novembro de 1793, um relatório “... sobre ”festas constituiu o prelúdio para a organização oficial da “nova” religião nacional....”

“Em Nevers, em 22 de setembro de 1793,... foi celebrada uma festa na catedral em homenagem a Brutus.” Nessa província, em outubro de 1793, todas as cerimônias, todas as “cerimônias religiosas fora das igrejas foram abolidas, e as procissões fúnebres e os cemitérios foram secularizados.” Outras províncias locais adotaram políticas semelhantes. “O distrito de Corbeil declarou que a maioria das pessoas sob sua jurisdição não desejava mais a forma católica de culto.” Em 6 de novembro de 1793, o bispo de Paris renunciou sob coação e afirmou que havia sido enganado. “No dia 17” de novembro “ele compareceu com seus vigários à Convenção para confirmar sua decisão oficialmente. Um Festival da Liberdade foi planejado para 20 de Brumário, ano II (10 de novembro de 1793). Para celebrar a vitória da filosofia sobre o fanatismo, a Comuna tomou posse da Catedral de Notre Dame,” onde foi erguido um palco no coro, e uma atriz interpretou a Liberdade. Informada disso, a Convenção dirigiu-se à catedral — agora chamada de Templo da Razão — e participou de uma segunda celebração do festival cívico.” Dessa caminho, queimaram em efígie a imagem do ateísmo, pois a revolução não é ateísta; é deísta. “Algumas seções (províncias) seguiram esse exemplo. No dia 30 (20 de novembro) os cidadãos da seção da Unidade... adornados com símbolos sacerdotais, desfilaram diante da Convenção, cantando e dançando.” E em 23 de novembro de 1793, as igrejas foram fechadas.

Templo da Razão, C. Dawson, p. 121-2

Temos algumas fontes que mostram e dão uma ideia do espírito des-

sas celebrações da Razão. Por exemplo, na cidade de Chalons-sur-Marne, há a seguinte descrição da inauguração de um Templo da Razão: “O festival foi anunciado em toda a comuna na noite anterior. Para esse fim, foi soado o toque de retirada por todos os bateristas e pelos trompetistas das tropas nos quartéis de Chalons e em todas as partes da cidade. No dia seguinte, ao amanhecer, foi novamente anunciado pelo toque de alerta geral que também foi soado em todas as partes. A antiga igreja de Notre Dame, por falta de tempo e recursos, foi limpa e preparada apenas provisoriamente para seu novo uso, e em seu antigo santuário foi erguido um pedestal que sustentava a estátua simbólica da Razão. É de design simples e livre”, este é um relato de testemunha ocular, “É de design simples e livre, decorada apenas por uma placa com a seguinte inscrição: ‘Faça aos outros o que você gostaria que que façam a você’. Ela era ladeada por duas colunas cercadas por duas caixas de perfume de bronze antigas que exalavam fumaça de incenso durante toda a cerimônia. À frente, ao pé de três degraus, foi colocado um altar de forma antiga, sobre o qual seriam colocados os emblemas dos diversos grupos que compunham a procissão. Nos quatro pilares dos cantos do santuário havia quatro suportes salientes para receber o busto de Brutus”, e ele é o inimigo da tirania, “o pai das repúblicas e o modelo dos republicanos, de Marat, o fiel amigo do povo”, que era um assassino cruel, “de Lepelletier, que morreu pela república, e do imortal Chaliier. Exatamente às nove horas da manhã, a assembleia geral se formou no calçadão de cascalho, também chamado de Calçadão da Liberdade. Os destacamentos militares e outros grupos destinados a formar a procissão tiveram seus lugares indicados ali. Comissários da sociedade os organizaram em ordem. Um destacamento de cavalaria, da polícia nacional e de hussardos se misturou para fortalecer os laços de fraternidade, liderando a marcha; e em sua bandeira estavam estas palavras: ‘A razão nos guia e nos ilumina’. Seguiu-se a companhia de canhoneiros de Chalons, precedida por uma bandeira com a seguinte inscrição: “Morte aos tiranos”. Essa companhia era seguida por uma carroça carregada com correntes quebradas, na qual estavam seis prisioneiros de guerra e alguns feridos, atendidos por um cirurgião. Essa carroça exibia duas bandeiras, uma na frente e outra atrás, com estas duas inscrições: “A humanidade é uma virtude republicana” e “Eles se enganaram muito ao lutar pelos tiranos”, ou seja, esses prisioneiros de guerra.

“Essa carroça era acompanhada por dois destacamentos de guardas nacionais e tropas regulares totalmente armadas. Outras pessoas do povo carregavam bandeiras com as palavras: ‘Vamos nos unir assim’”, como a bandeira tricolor, “‘nada pode nos conquistar’. Quarenta cidadãos vestidos de branco e enfeitadas com fitas tricolores carregavam uma grande fita tricolor amarrada na cabeça de cada uma. Um chapéu da liberdade coroava essa bandeira, e jovens da Guarda Nacional as acompanhavam carregando várias flâmulas nas quais estavam escritos diversos lemas. Em sua comitiva, grupos de crianças de ambos os sexos carregavam cestas de frutas e vasos de flores, acompanhando uma carroça puxada por dois cavalos brancos. Na carroça estava uma jovem amamentando um bebê, ao lado dela, um grupo de crianças de diferentes idades. Era precedida por uma bandeira com esta inscrição: “Elas são a esperança da pátria”. Da carroça esvoaçava uma fita tricolor com esta inscrição: “A mãe virtuosa criará defensores para a pátria”.’ Essa van era seguida por uma carruagem de estilo antigo decorada com ramos de carvalho e transportando um casal sexagenário com uma fita na qual estavam escritas estas palavras: “Respeitem a velhice”. Mais uma vez, havia um grupo de guardas nacionais unidos de braço dado, cantando hinos à liberdade e carregando duas bandeiras com as seguintes inscrições: “Nossa união é nossa força” e “Nós exterminaremos o último dos déspotas”. Em seguida, marchava um grupo de mulheres com fitas tricolores, carregando um estandarte com esta inscrição: “A moral austera fortalecerá a república”. Todas as que compunham esse grupo estavam vestidas de branco, assim como os condutores da carroça, e todas estavam enfeitadas com fitas tricolores. Em seguida, vieram os comitês de vigilância”, ou seja, a GPU, “agrupados um após o outro. Na frente, havia quatro estandartes, cada um com o nome de uma seção e um emblema representando um dedo nos lábios para indicar sigilo, além de outro estandarte com a seguinte inscrição: ‘Nossa instituição purga a sociedade de uma multidão de pessoas suspeitas.’ A seção da República ia na frente; acompanhava uma carruagem puxada por dois cavalos brancos e conduzida por dois homens a pé vestidos ao estilo romano. Nela estava uma mulher vestida da mesma maneira, representando a República. Na frente dessa carruagem aparecia uma bandeira tricolor com as seguintes palavras: ‘Governo dos sábios’. Em seguida, marchou a seção da Igualdade, acompanhando um arado puxado por dois bois e guiado

por um lavrador em roupas de trabalho. Um casal sentado nele carregava um estandarte no qual estavam escritas, de um lado, “Honre o arado” e, do outro lado, “Respeite o amor conjugal”. O inspetor-chefe e todos os funcionários dos depósitos militares formavam um grupo que seguia o arado. Dois estandartes eram carregados por esse grupo. O primeiro trazia as palavras: “Suprimentos Militares” e o segundo: “Nossa atividade produz abundância em nossos exércitos”. Em seguida, marchava a seção da Fraternidade, reunindo grupos de convalescentes cujos médicos estavam por perto. No meio dessa seção havia uma carroça aberta do Hospital da Montagne contendo homens feridos na defesa da pátria, que pareciam ter sido atendidos e sangrados por oficiais de saúde que estavam fazendo curativos em seus ferimentos. Eles estavam parcialmente cobertos por suas ataduras ensanguentadas. Na frente dessa carroça havia uma bandeira com a seguinte inscrição: “Nosso sangue nunca deixará de jorrar pela segurança da pátria”. Após as comissões, seguiram-se quatro cidadãs vestidas de branco e adornadas com cintos tricolores decorados com os símbolos das quatro estações. Após as quatro estações, vinha o representante do povo no meio das autoridades constituídas, civis e judiciais, usando suas insígnias distintivas. Cada cidadão segurava na mão um talo de trigo e, na bandeira que precedia as autoridades constituídas, havia esta inscrição: “Da aplicação das leis vêm a prosperidade e a abundância.” Seguiram-se vários oficiais de estado-maior da Guarda Nacional, precedidos por uma bandeira com a inscrição: “Destruam os tiranos ou morram.” Em seguida, os filhos ilegítimos da pátria eram conduzidos por uma mulher que empunhava uma bandeira com a inscrição: ‘A pátria nos adota, estamos ansiosos por servi-la.’ Por fim, os idosos, representados por veteranos desarmados, precedidos por duas bandeiras nas quais constavam as inscrições: ‘O amanhecer da razão e a liberdade embelezam o fim de nossa vida’ e ‘A República Francesa honra a lealdade, a coragem, a velhice, a piedade filial, o infortúnio. Ela coloca sua constituição sob a guarda de todas as virtudes.’

“Por fim, houve uma pausa para o canto de hinos patrióticos. Na escadaria da prefeitura havia sido construída e pintada uma montanha, no topo da qual estava colocado um Hércules defendendo uma figura de quatorze pés de altura. Uma bandeira tricolor tremulava acima dela, na qual estava escrito em letras grandes: ‘À Montanha, dos franceses agrade-

cidos’.” Ou seja, é como dizer “Aos bolcheviques.”

“Ao pé da montanha, água pura jorrava de uma fonte, caindo em várias cachoeiras. Doze homens vestidos como alpinistas, armados com lanças e com coroas cívicas na cabeça, estavam escondidos em cavernas na montanha. Quando a procissão chegou, cantando o último verso da Marselhesa, os alpinistas saíram silenciosamente de suas cavernas sem se revelarem totalmente e, quando se cantou ‘Às Armas, Cidadãos’, correram para buscar machados para defender sua retirada, posicionaram-se em diferentes lados da montanha, mas ao avistarem a carroça com o feudalismo e o fanatismo puxada por burros com mitras na cabeça, correram em direção a eles, machado na mão, agarraram as mitras, as capas e as casulas que os adornavam, bem como o Papa e seus acolitos, e os acorrentaram à carruagem da liberdade. Durante isso, a banda tocou uma marcha militar.

“Os montanhese, vendo chegar outras carroças e fingindo acreditar que se tratava apenas da comitiva que seguia a que continha o Fanatismo, avançaram em coluna para encontrar a primeira que viram, que era a carruagem da Liberdade. Abaixaram seus machados em sinal de respeito e a banda tocou uma marcha. Então, surgiu uma litera sustentando uma cadeira decorada com guirlandas. A deusa desceu de sua carruagem, sentou-se na cadeira e foi carregada por oito montanhese até o sopé da montanha. Ela era seguida por duas ninfas, uma das quais carregava uma bandeira tricolor e a outra, a Declaração dos Direitos do Homem. Elas marcharam sobre os resquícios da nobreza e da superstição, que foram então queimados para grande satisfação de todos os cidadãos, e subiram a montanha com o representante do povo, Pleger, então presente nesse festival, e montanhese que representavam seus colegas, enquanto a banda tocava “Onde se pode estar melhor do que no seio da própria família?”, alcançou o cume. A deusa foi coroada pelas graças. Em seguida, uma bandeira tricolor foi hasteada e eles cantaram: “As três cores do nosso país”. E ainda na montanha cantaram: “Quando o sol despontar da montanha”. A procissão desceu, a deusa parou na fonte, um vaso foi oferecido a ela pelo presidente da Comuna. Ela bebeu um pouco de água da montanha e, em seguida, ofereceu um pouco ao representante do povo, a todas as autoridades constituídas, cidadãos e oficiais dos diferentes corpos presentes, que todos brindaram à saúde da República, uma e indivisível, e da Mon-

tanha”, concluiu o partido.

“A deusa, novamente em sua cadeira, foi levada até sua carruagem por oito montanheses. Outros quatro posicionaram-se ao seu lado, com machados erguidos para afastar os profanos. Os demais ocuparam seus lugares junto aos órgãos administrativos, para indicar que as autoridades públicas são compatíveis apenas com a virtude. De lá, seguiram para o Templo da Razão. Todos os músicos se reuniram atrás do altar junto aos cantores. No momento em que a procissão entrou no templo, o órgão entoou uma abertura. E a *société populaire*, as autoridades constituídas, os comitês de vigilância — a GPU — e os grupos descritos acima ocuparam seus lugares em fileiras de frente para o altar da Razão, a uma certa distância dele. A banda militar tocou hinos à Razão, à Liberdade, ao ódio aos tiranos e ao amor sagrado pela pátria; em seguida, o presidente da sociedade popular proferiu o discurso inaugural. O presidente da Comuna e outros proferiram discursos. Após suas alocações, vários hinos patrióticos foram repetidos e acompanhados pela banda militar; em seguida, em frente à entrada do templo, os trompetistas anunciaram que a festa de inauguração e a cerimônia estavam encerradas.

“À noite, foram lançados fogos de artifício na montanha; um buquê simbolizou a gratidão de todos os franceses aos montanheses presentes, que foram solenemente reconhecidos como os salvadores da república. Em seguida, realizou-se um baile, e assim a fraternidade foi celebrada duas vezes em um único dia. Cada cidadão que participou desse belo dia demonstrou esse espírito cívico. Todos prestaram juramento de viver em liberdade ou morrer.”

Mas isso está em perfeita harmonia, é claro, com as celebrações comunistas de vários tipos — muito racionais, muito ordenadas, muito artificiais. O triunfo da mente abstrata, que é o sinal da razão, é a realidade suprema.

Perguntamo-nos como tudo isso se encaixa, e veremos mais adiante como tudo se encaixa, pois queremos examinar tanto a reação contra isso no século XIX quanto o desenvolvimento posterior das ideias revolucionárias.

Já podemos extrair uma ideia que é fundamental para tudo isso. E é que toda essa Revolução, com suas diversas vertentes, se assemelha muito a uma forma secular de algo que já vimos no período renascentista, ou

seja, as seitas milenaristas. Ora, há uma deusa da Razão, a mesma ideia de que existe uma nova ordem das eras; a história está agora chegando ao fim. Até agora não vemos nenhuma menção à Terceira Era do Espírito Santo, porque tudo está expresso em termos racionalistas; mas isso é, em grande medida, uma manifestação desse mesmo espírito. Agora é muito mais abrangente e toma conta de toda a sociedade. Veremos mais adiante quão profunda é essa tendência milenarista no homem moderno.

Napoleão

E agora chegamos ao último aspecto da Revolução, que é o de Napoleão. Com Napoleão, a Revolução chega de fato ao fim, ou seja, essa parte sangrenta. Toda a Europa está convulsa; metade dela acolhe a Revolução até ver todo o sangue derramado e começar a ficar um pouco incomodada; mas ainda assim muitas pessoas continuam acolhendo a Revolução, e a outra metade fica horrorizada com ela; e começam a lutar. E os exércitos franceses cruzam as fronteiras levando a Revolução para o exterior. Eles viram como o... Goethe, Beethoven e outros achavam que era algo maravilhoso levar liberdade e igualdade à humanidade.

E então surge um homem muito talentoso e inteligente, Napoleão, que assume o controle de tudo e se torna, por mais de quinze anos, o ditador da França. De muitas maneiras, ele oferece um compromisso, ou seja, restaura a Igreja, na verdade concede à Igreja... Ele firma um concordato com o Papa, o que dá ao Papa muito mais poder sobre a Igreja francesa do que ele tinha antes. Ele restaura as igrejas; restaura até mesmo um novo tipo de nobreza e estabelece um império, uma nova monarquia, mas preservando as vantagens da Revolução. Ou seja, ele cria um novo código legal, dissolve toda a ideia de que existem diferentes castas na sociedade. Todos devem ser iguais, pelo menos teoricamente, perante a lei. E vamos examinar alguns aspectos de sua vida, dos quais não se fala com muita frequência, que foram...

Há um livro de [Dimitri] Merezhkovsky, um russo, um russo louco, que, no entanto, estava muito em sintonia com as ideias místicas de Napoleão, por isso cita muitas de suas cartas. Para começar, ele tem um frontispício com o lema de todo o livro, uma citação de Pushkin, que chama Napoleão de “O Executor Fatal de uma Ordem Desconhecida”. Ou seja, a ideia de que ele representa algo que nem ele mesmo sabe o que é. Ele próprio está muito consciente de estar na crista de algum movimento na

história e, enquanto esse movimento o apoiar, ele pode seguir em frente e conquistar o mundo; e quando esse movimento se afasta, ele sente que perde tudo. Isso Merezhkovsky chama Napoleão de “o titã que domou o caos — a Revolução”. Ele assumiu o controle e impôs ordem.

Há um pensador católico do século XIX, Léon Bloy, que fala sobre Napoleão. Ele diz: “Napoleão não pode ser explicado; ele é o mais insondável dos homens, porque é, ante tudo e acima de tudo, o protótipo Daquele que deve vir e que, talvez, não esteja muito distante; ele é o protótipo e precursor, intimamente ligado a nós. Quem entre nós, franceses ou mesmo estrangeiros, vivendo no final do século XIX, não sentiu a tristeza ilimitada pela consumação desse incomparável épico?” “Quem, possuindo apenas um átomo de alma, não ficou abrumado pelo pensamento da queda, verdadeiramente repentina demais, do grande Império e de seu Líder? Quem não se sentiu oprimido pela lembrança de que, parecia, ainda ontem os homens estavam no mais alto pináculo possível para a humanidade, graças à mera presença desse Ser Amado, Milagroso e Terrível, cujo igual nunca antes havia sido visto no mundo; e podiam, como os primeiros seres humanos no paraíso, considerar-se senhores de toda a criação de Deus, e agora, imediatamente depois, precisavam ser novamente lançados de volta à lama milenar da dinastia dos Bourbons, porque, após Napoleão, a monarquia foi restaurada.

O próprio [Napoleão] fala de si mesmo como alguém que é muito do povo, embora ele próprio fosse de uma espécie de pequena nobreza. Ele diz: “A fibra popular responde à minha; venho das fileiras do povo, e minha voz tem influência sobre eles...”

“Grande era meu poder material”, disse ele, “mas meu poder espiritual era infinitamente maior; beirava a magia!”

Quando o povo morria por Napoleão, morria por alguém a quem, como escreve Victor Hugo, “sabendo que iriam morrer..., saudavam seu deus que se erguia no meio da tempestade”, ou seja, Napoleão como uma divindade.

“Ao retornar a Paris vindo de Elba,...” ou seja, quando ele foi primeiro banido para Elba, na costa da França, e depois voltou por um breve período antes de Waterloo, ele entrou “no Palácio das Tuileries”, em Paris, e “aqueles que o carregavam estavam frenéticos, fora de si de alegria, e milhares de outros se consideravam felizes por poder beijar ou até mesmo

tocar a barra de suas vestes”. “Me pareceu estar presente na ressurreição de Cristo”, diz uma testemunha.

“Quando eu era criança”, escreve esse mesmo Léon Bloy, “conhecia velhos veteranos que não conseguiam distingui-lo (Napoleão) do Filho de Deus”. O próprio Napoleão escreve em seu testamento, que deixou: “Eu moro na religião apostólica romana, em cujo seio nasci”. E, de fato, ele viveu como membro da Igreja Católica Romana, mas, em suas ideias, era totalmente alheio a ela. E ele disse, de fato: “Prefiro o Islã. Pelo menos não é tão absurdo quanto nossa religião.”

“Napoleão é um ser daimônico”, diz Goethe, usando a palavra *daimon* em seu sentido pagão antigo, nem deus nem demônio, mas alguém entre os dois.”

Havia uma “tendência apocalíptica que permeia todo o mistério napoleônico. Ela teve origem ainda mais cedo, com a Revolução, quando, às vezes, atingia tal intensidade que se assemelhava quase à escatologia cristã primitiva, uma premonição do fim do mundo que se aproximava.” Isso, é claro, é muito preciso, pois se trata de um movimento milenarista. “O fim de todas as coisas está próximo; haverá um novo céu e uma nova terra.”

“O antigo sonho do paraíso perdido, do reino de Deus na Terra como no céu, juntamente com uma nova visão de um reino humano de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, atraiu os homens para Napoleão.... Napoleão é a alma da Revolução...” “‘Eu sou a Revolução Francesa’, diz ele, ao dar início ao Império; e, no final, diz: ‘O Império é a Revolução’.”

“Ele era um homem mau, um homem perverso!” — diz ele sobre Rousseau, em pé diante de seu túmulo. ‘Sem ele não teria havido Revolução Francesa... É verdade que eu também não teria existido... Talvez isso tivesse sido melhor para a felicidade da França. Seu Rousseau é um louco; foi ele quem me levou a isso.’ ‘O tempo mostrará se não teria sido melhor para a paz do mundo se nem Rousseau nem eu tivéssemos vivido.’ Ainda assim, ele era, sem dúvida, o porta-voz da Revolução.

Ele diz sobre si mesmo: “Eu fechei o abismo da anarquia. Acabei com o caos. Purifiquei a Revolução...”

“Apesar de todas as suas atrocidades, a Revolução foi a verdadeira causa de nossa regeneração moral. Assim, o estrume mais fétido produz a vegetação mais nobre. Os homens podem restringir ou suprimir tem-

porariamente esse progresso, mas são impotentes para esmagá-lo.’ ‘Nada pode destruir ou apagar os grandes princípios da Revolução. Suas verdades sublimes perdurarão para sempre à luz dos feitos maravilhosos que realizamos, no halo de glória com o qual os envolvemos; elas já são imortais!... Vivem na Grã-Bretanha, lançam sua luz na América; tornaram-se a herança da nação francesa. São a tocha que iluminará o mundo... Eles se tornarão a religião de todas as nações e, digam o que disserem, esta nova época será associada ao meu nome, pois acendi a tocha e iluminei seus primórdios e agora, por meio da perseguição, serei para sempre aclamado como seu Messias. Tanto amigos quanto inimigos me chamarão de primeiro soldado da Revolução, seu líder campeão. Quando eu já não estiver mais aqui, permanecerei para todas as nações como o farol de seus direitos, e meu nome será seu grito de guerra, o lema de suas esperanças.”

Quanto à dicotomia entre liberdade e igualdade, que, como todos sabem, se excluem mutuamente, ele diz: “‘Melhor abolir a liberdade do que a igualdade. É o espírito da época, e desejo ser um filho da minha época!’ ‘A liberdade é a necessidade de poucos eleitos... Ela pode ser restringida impunemente, mas a igualdade agrada à maioria.”

Esse Merezhkovsky observa, com toda razão, que a Revolução se afastou do cristianismo em tudo, exceto na ideia de universalidade. Dostoiévski escreve: “Na verdade, a Revolução Francesa não foi nada mais do que a última variação e reencarnação da mesma antiga fórmula romana de unidade universal”, que, aliás, como descobrimos anteriormente, é um dos principais temas do pensamento moderno.

O próprio Napoleão afirma: “Minha ambição? Era da mais elevada e nobre espécie que talvez já tenha existido — a de estabelecer e consagrar o Império da razão e o pleno exercício e desfrute de todas as faculdades humanas.”

E ele queria marchar sobre a Ásia. Antes de se tornar imperador, ele esteve no Egito e voltou para assumir o controle da França. Para ele, a Europa não passava de um caminho para a Ásia. Ele disse: “Sua Europa é um montinho de terra! Somente no Oriente houve grandes impérios e poderosas revoltas; no Oriente, onde vivem seiscentos milhões de pessoas.”

“O fascínio do Oriente”, diz esse Merezhkovsky, “o domina por toda a sua vida. No Egito, antes da campanha na Síria, o jovem general Bo-

naparte, debruçado por horas no chão sobre enormes mapas estendidos, sonha com uma marcha para a Índia através da Mesopotâmia, seguindo a rota de Alexandre, o Grande.” Ele diz: “Com forças avassaladoras, entrarei em Constantinopla, derrubarei o sultão e fundarei o novo e grande império do Oriente. Isso me trará fama imortal.”

Agora vemos como ele se envolve em um misticismo. Em Santa Helena, quando está em seu exílio definitivo, ele diz: “Eu sempre percebi a necessidade do mistério... Sempre percebi que meus objetivos seriam melhor alcançados se eu me cercasse de uma auréola de mistério, que exerce um fascínio tão forte sobre a multidão. Isso desperta a imaginação, abre caminho para aqueles efeitos brilhantes e dramáticos que conferem a alguém tanto poder sobre os homens. Essa foi a causa da minha infeliz marcha para Moscou. Se eu tivesse sido mais deliberado, talvez tivesse evitado todo mal, mas não pude adiá-la. Era necessário que meu movimento e meu sucesso parecessem, por assim dizer, sobrenaturais.”

E sobre religião, ele diz: “Criei uma nova religião. Já me imaginava a caminho da Ásia, montado em um elefante com um turbante na cabeça e carregando um novo Alcorão escrito por mim mesmo”, um novo livro sagrado.

Napoleão percebeu que, como ele mesmo disse: “Assim que um homem se torna rei, ele passa a ser um ser à parte de seus semelhantes. Eu sempre admirei o sólido instinto político de Alexandre (o Grande), que o levou a proclamar sua origem divina.” “Se eu tivesse voltado de Moscou”, diz ele, “como conquistador, teria o mundo aos meus pés; todas as nações teriam me admirado e abençoado. Eu poderia ter me retirado misteriosamente do mundo, e a credulidade popular teria revivido a fábula de Rômulo; teria dito que eu havia sido levado ao céu para ocupar meu lugar entre os deuses!’...”

Ele percebeu que nossa vida e nossa época não eram propícias para se autodenominar Deus. Ele diz: “Se agora eu me declarasse o filho do Pai Todo-Poderoso e ordenasse uma missa de ação de graças para a ocasião, todas as vendedoras de peixe de Paris zombariam de mim na minha cara. Não, as pessoas estão civilizadas demais hoje em dia. Não há mais nada de grandioso que eu possa fazer!”

Ele se valia da fé católica, como ele mesmo diz: “Você gostaria que eu inventasse alguma religião nova e desconhecida de acordo com minha

fantasia? Não, tenho uma visão diferente sobre o assunto. Preciso da antiga fé católica; só ela mantém seu domínio sobre todos os corações e, sozinha, pode voltar os corações do povo para mim e remover todos os obstáculos do meu caminho.”

Mas, em Santa Helena, ele observa que tinha objetivos além de conquistar o mundo. Ele diz: “Eu deveria ter governado o mundo religioso com a mesma facilidade com que governava o mundo político.” “Eu pretendia exaltar o Papa além de toda medida, cercá-lo de grandeza e honras. Eu teria conseguido suprimir toda a sua ansiedade pela perda de seu poder temporal. Eu deveria ter feito dele um ídolo; ele teria permanecido próximo a mim. Paris teria se tornado a capital da cristandade; e eu deveria ter governado tanto o mundo religioso quanto o político.”

E assim vemos algumas dessas ideias místicas de Napoleão e outros aspectos importantes. Temos nele, pela primeira vez na era moderna, um conquistador mundial, alguém que conscientemente desejava conquistar o mundo e talvez até mesmo se proclamar um deus. Ele se via como o sucessor do Império Romano, depois de derrotar os russos em Austerlitz em 1807 e os alemães em 1806 — na verdade, os alemães tinham tanto medo de que ele assumisse a coroa do Sacro Império Romano que o imperador da Áustria aboliu o Sacro Império Romano em 1806. Napoleão anunciou em 1807, após derrotar os russos, que “agora sou o imperador romano, pois derrotei a primeira Roma, o Sacro Império Romano, e a terceira Roma, que é Moscou, e agora sou o herdeiro de ambas”.

E um terceiro aspecto é sua atitude em relação aos judeus. A era da revolução foi precedida imediatamente por muita agitação em favor dos judeus, especialmente por parte de filósofos judeus muito esclarecidos, como Moses Mendelssohn, e dos judeus liberais radicais que queriam abolir os guetos separados e assim por diante. De fato, a Revolução concedeu uma grande dose da chamada “liberdade” aos judeus; em todos os lugares, a Revolução costuma ser acompanhada pela emancipação dos judeus. Voltaremos a esse aspecto mais tarde.

O mais interessante sobre Napoleão e os judeus é que, depois de se proclamar imperador, ele convocou, de todas as partes do mundo, uma reunião do Sinédrio, que era o supremo tribunal judaico que condenou Cristo à morte e não existia mais desde a época da queda de Jerusalém, após a morte de Cristo. Ele restabeleceu essa organização com um único

propósito: para que o povo judeu o proclamasse imperador. Existe até uma ilustração dele na reunião do Sinédrio com o objetivo de ser proclamado imperador; ela está em um livro que perdi.

Alguém se pergunta como essas — certamente há muitas ideias iluministas e modernas aqui; ele é obviamente um filho do Iluminismo — se encaixam; como toda essa ideia de um império, de uma monarquia, uma monarquia restaurada, se encaixa nos ideais da Revolução, que é uma democracia e um estado de igualdade. Como isso se encaixa? E como ele poderia ser reconhecido como o portador do ideal revolucionário? Na verdade, por onde quer que ele fosse, seus exércitos estavam tremendamente entusiasmados porque sentiam que tinham uma ideologia; eles estavam levando a mensagem da verdade a outros povos. Obviamente, isso está intimamente ligado a esse ideal revolucionário milenarista.

Por enquanto, não falaremos muito mais sobre isso. Mas encontraremos mais adiante outros exemplos desse mesmo fenômeno se repetindo. No entanto, existem diferentes vertentes da Revolução; e a vertente que Napoleão mais evocava era essa, da qual já falamos antes, o ideal da monarquia universal, o que faz dele um dos precursores do Anticristo. O próprio pensamento de que ele poderia ser proclamado um deus após conquistar o mundo, de que seria o conquistador do mundo, o único governante mundial, de que ele é o e que os judeus o proclamassem como imperador, ou seja, quase um messias, mostra que ele é, sem dúvida, mais do que qualquer outro antes dele na era moderna, um precursor do Anticristo. E veremos mais adiante que há outra pessoa, até agora na história moderna, que desempenhou uma função semelhante. Na verdade, quase todas essas coisas têm as mesmas ideias, e essa pessoa é Hitler.

E toda essa revolução, começando com a proclamação dos direitos do homem e da igualdade, passando pelos massacres sangrentos e pelo despovoamento deliberado, pela proclamação do comunismo, até a ascensão ao poder de um governante que queria ser o governante do mundo. Tudo isso é um ensaio para um futuro reino deste mundo.

E, uma vez que Napoleão foi destituído e a monarquia foi restaurada — vemos que não foi uma restauração verdadeira —, essas ideias revolucionárias começam a se tornar muito mais poderosas; e toda a classe intelectual europeia passa a se encher dessas ideias. Elas alteram algumas noções, mas o ideal básico permanece o mesmo. Há alguns pensadores

que se aprofundam um pouco mais na questão; outros são mais superficiais. Examinaremos as visões dos vários pensadores e também as revoltas revolucionárias que eles inspiraram. Mas, para compreender a Revolução, temos que vê-la não como algo completo em si mesmo, mas como algo que representa uma tentativa de irrupção das novas forças, das novas forças milenaristas. Mais tarde, essas forças são capazes de dominar não apenas a maior parte da Europa, mas agora a maior parte do mundo, porque, entretanto, esse processo de apostasia, do Mistério da Iniquidade, se aprofundou muito e penetrou na vida de agora todas as pessoas no mundo.

Aula 7

A Revolução no Século XIX

7.1 O Espírito da Época Romântica

Começaremos esta aula com uma citação do Metropolita Anastasy, extraída de suas memórias, que se chamam, bem, é apenas uma coletânea de suas memórias sobre diversos temas. Começaremos desta forma porque ele foi um profundo homem da Igreja, na plena tradição da Ortodoxia, em quem, assim como em outros grandes homens da Igreja, grandes hierarcas, o espírito da Igreja está, por assim dizer, encarnado; ou seja, são a eles que recorreremos em busca de sabedoria madura, não apenas sobre questões eclesiais específicas, mas sobre toda essa questão da Revolução, por exemplo. Ele vem de uma Rússia que tinha uma relação particular e especial com a Revolução, como veremos na próxima palestra. E o que ele diz tem um peso particular porque vem de fora, por assim dizer, do principal local onde a Revolução teve início. Vem de alguém que era muito profundo, tanto no pensamento quanto no sentimento. E ele tem uma observação muito interessante a fazer sobre a Revolução Francesa.

Esta parte se chama “De uma conversa com meu próprio coração”. Ele diz: “Na Revolução Francesa, como em um espelho, refletiu-se o caráter leviano desse povo. Sua busca por poses, por belas frases e gestos inspirados pela vaidade. Todos os heróis e os ativistas comuns nessa

Revolução, mesmo os mais moderados e sérios entre eles, os gerondistas, lembram atores que se apresentam diante de um público numeroso e pensam apenas no que seus contemporâneos e seus descendentes pensarão deles. Eles se entregaram a orgias na véspera de serem decapitados, a fim de demonstrar, com isso, sua falsa coragem de espírito. Muitos deles chegaram até se esforçaram para serem retratados nas carroças que os levavam à guilhotina, o que para eles era a última “cena” neste mundo. Nenhum deles pensou em sua responsabilidade perante Deus, perante a história ou perante sua própria consciência nesse momento fatal para o país.”

Este é um julgamento muito profundo. E veremos que isso é ainda mais verdadeiro no século XIX, repleto desses agentes revolucionários tão afetados e falsos, e você pode olhar ao seu redor hoje e ver a mesma coisa. Todo mundo surge com um novo plano para a sociedade; todo mundo sonha com quem vai atacar, como vai fazer nome, como vai realizar a revolução definitiva; e todos são extremamente superficiais e fingidos. E não têm base alguma, nenhuma noção de responsabilidade perante Deus, nenhuma noção de que serão chamados a prestar contas de sua vida — nada além dessa febre sem sentido que os leva a espalhar a revolução. E nem mesmo sabem do que se trata tudo isso. Eles são, obviamente, apenas fantoches em uma peça que está sendo encenada. Não sabem quem é o autor nem para onde isso está indo. E quando finalmente são abatidos eles próprios, tornam-se, como até mesmo os comunistas dizem, “adubo” para a revolução, a futura felicidade da humanidade.

Mas agora seguiremos o exemplo de pessoas como o Metropolita Anassasy, que refletiu profundamente sobre a questão da Revolução, e tentaremos compreender as ideias e os pensamentos que circulam entre as pessoas. E veremos se conseguimos entender por que essas coisas aconteceram, qual é o seu desfecho. Veremos, especialmente no século XIX, uma época de egoístas que provavelmente nunca teve igual antes. Esses fingidos e egoístas. Todo mundo surge com uma nova teoria: foi-lhe revelada, é a última novidade e a ideia mais fantástica. Havia um grande sentimento de liberdade. Vocês sabem, lembrem-se de que Wordsworth falou sobre isso como algo vivo no alvorecer da Revolução Francesa. Todos estavam tão radiantes; uma nova era estava chegando. E esse mesmo sentimento persiste ao longo dessa primeira parte do século XIX, quando

todos inventam um novo sistema social. E eles criam os esquemas mais fantásticos. Se você voltar agora e ler, você verá que essa é uma era de ouro para os malucos. Eles criam ideias de teocracia. Havia um pensador fantástico, Poplardolevie, que reconstruiu a antiga língua hebraica e traduziu o Gênesis com uma interpretação metafísica do texto. E então ele teve a ideia de uma grande teocracia.

E, a propósito, esse mesmo espírito se reflete na Grécia, onde surgiu um pouco mais tarde no maluco Makrakis, no final do século, que achava ser o primeiro a provar a existência da Santíssima Trindade pela razão e assim por diante — a mesma ideia, uma espécie de espírito de orgulho avassalador, ao mesmo tempo extremamente superficial. E isso, é claro, é totalmente estranho à Ortodoxia. E a razão pela qual isso pôde surgir foi porque o cristianismo estava perdido.

O período ao qual chegamos agora, este período — na verdade, é contemporâneo à própria Revolução. Na verdade, ele começa logo antes da Revolução e se estende após a Revolução. É o período do final do século XVIII e início do século XIX. Aqui temos muitas ideias revolucionárias conflitantes. Examinaremos algumas delas daqui a pouco. E nos perguntamos como podemos distinguir quais são as ideias importantes. E a chave para isso é olhar ao nosso redor, no mundo de hoje, porque a revolução é o processo histórico que produziu o mundo de hoje. E nós podemos identificar as ideias-chave examinando principalmente a forma de revolução que é dominante hoje, ou seja, o comunismo, e que chega a ameaçar engolir o mundo inteiro, e também ao examinar nosso próprio ambiente filosófico e espiritual no mundo livre para ver o que é que move as pessoas nesse mundo.

Grande parte do pensamento do século XIX teria parecido fantasias de algum tipo de malucos, se o marxismo não tivesse conquistado a Rússia e agora metade do mundo e nos mostrado que essas ideias fazem parte integrante do espírito de nossa própria época. E há razões bem definidas pelas quais elas triunfaram.

Não tentaremos traçar a origem de nenhuma escola revolucionária em particular, seja o liberalismo, o socialismo, o comunismo ou qualquer uma das sociedades secretas, mesmo que isso fosse possível, porque queremos compreender a mente que lhes deu origem, ou seja, a mentalidade revolucionária.

Existem nesta época, se possível, ainda mais sociedades secretas do que existiam no século XVIII. E isso se torna até ridículo, de tantas que são. E cada uma delas está envolvida em conspirar, em esconder seus planos das demais, tentando obter o domínio. E aqueles que estão nas faixas mais baixas temem que haja um segredo superior que não lhes tenha sido revelado. E temem que não seja o que eles querem. E vão passando de um grupo para outro. Há um tipo de grupo na Itália que se reúne diante de fogueiras na escuridão, ao luz da lua, pensando em como unificar a Itália e torná-la o centro do mundo, reviver o Império Romano e todo tipo de coisas fantásticas — juramentos de sangue e tudo mais — que inspiravam muito, especialmente, os jovens daquela Era Romântica.

Não é possível avaliar o quanto cada uma dessas pequenas seitas foi influente. Obviamente, elas tiveram um papel importante, pois em muitas dessas revoluções, no momento certo, havia pessoas que surgiram e inspiraram o povo a marchar na direção certa, a para transmitir suas ideias revolucionárias. Mas isso, na verdade, tem importância secundária, pois tudo o que elas alcançaram por meio de suas conspirações não teria podido ser preservado se não fosse pelo fato de que o espírito da época era receptivo a isso. E é isso que queremos examinar: o espírito da época, que é o aspecto primordial.

Na próxima aula, também analisaremos a reação conservadora contra a Revolução para ver se conseguimos ter uma visão geral de toda a mentalidade em desenvolvimento do século XIX que produziu o mundo atual em que vivemos, no qual ideias revolucionárias e governos se opõem ao chamado “conservadorismo”. Veremos se isso pode ser chamado de conservadorismo ou não. Na verdade, veremos algumas ideias revolucionárias muito interessantes em meio a esses conservadores. Neste mundo, discutiremos principalmente o período da era pós-napoleônica, pois foi nessa época que os pensadores tiveram que parar e se perguntar qual era o significado da Revolução e para onde iríamos a seguir.

A primeira coisa que aconteceu quando Napoleão foi derrubado e a Revolução foi esmagada — ou assim parecia — foi que toda a Europa, presidida pelo magnífico e romântico Alexandre da Rússia [que] veio para o Ocidente e passou a reconstruir a sociedade europeia — houve uma reação política; ela é chamada de “era da reação política.” A dinastia dos Bourbons foi restaurada sob o irmão de Luís XVI, Luís XVIII, que es-

tava bastante disposto a viver sob as novas condições. E, na verdade, não foi exatamente uma restauração. Era uma ideia nova, ou seja, uma monarquia constitucional. Não era o antigo absolutismo do século XVIII. Portanto, as ideias revolucionárias já havia conquistado certa aceitação.

Essa restauração significou que as igrejas foram reabertas; é claro que elas já haviam sido reabertas na época de Napoleão, mas não havia mais Napoleão para levar a Revolução a todos os demais. E havia, de certa forma, liberdade de imprensa, onde todos os tipos de ideias ousadas podiam ser expressadas, assim como as ideias conservadoras. Mas por baixo de toda essa sociedade, da monarquia restaurada na França, havia uma forte corrente subjacente de agitação revolucionária — não porque as pessoas estivessem particularmente insatisfeitas com sua situação, embora, é claro, houvesse muitas queixas, especialmente porque era a era do crescente industrialismo e, naturalmente, a situação dos trabalhadores piorava cada vez mais — mas principalmente porque essas ideias estavam no ar. E só porque Napoleão foi derrotado, essas ideias não desapareceram. Elas moldavam o clima da época, o espírito da época.

Na França, houve uma explosão revolucionária em 1830, na qual a dinastia dos Bourbons foi finalmente expulsa. E o pobre Carlos X teve que deixar seus chinelos para trás ao fugir em sua carruagem para a Inglaterra. E a dinastia dos Orléans assumiu o poder, creio eu, um primo do último rei dos Bourbons. E ele era um homem muito do povo, tendo até participado da Revolução, e se autodenominava [rei] “pela graça de Deus e do povo”, ou seja, ele uniu os dois. Ele seria ao mesmo tempo um tradicionalista e um revolucionário. E veremos mais adiante o que Nicolau I, na Rússia, achou disso. Mas ele, por sua vez, foi expulso, e acho que deixou seus chinelos para trás, quando a nova Revolução de 1848 o derrubou.

Na próxima aula, vamos examinar um pouco o que aconteceu naquela Revolução, que na verdade é uma repetição do período de 1789 a 1793 — e bastante hilária, se não levarmos em conta todas as pessoas que foram morreram — e terminou com o monarca palhaço Napoleão III, que foi provavelmente um dos monarcas mais imprudentes que a Europa já teve, [que] acabou partindo às pressas para derrotar os alemães, deixando Paris desprotegida. Ele perdeu todos os seus exércitos e Paris foi tomada pelos alemães na pior derrota que a França já sofreu. Mas isso já

faz parte da próxima aula.

7.2 Romantismo e Milenarismo

A maioria dos historiadores considera a história do século XIX como a batalha entre a reação — resumida pelo nome de Metternich, o primeiro-ministro da Áustria e da Santa Aliança, ou seja, todas essas nações que tinham monarcas restaurados — contra a revolução ou a liberdade, à medida que os operários e a burguesia tentavam conquistar sua liberdade dos nobres e dos reis. Mas essa é uma visão muito superficial. A verdadeira batalha é muito mais profunda do que isso.

Esse período — não apenas o tempo após 1815, mas também o período anterior, uma ou duas décadas antes, todo o período da Revolução e o período subsequente até a primeira metade do século XIX — é a era do Romantismo. Esse é o período em que as ideias do Iluminismo de razão, de humanitarismo, de Voltaire e Diderot, os direitos do homem, a elaboração de constituições, a reflexão profunda e a formulação de deduções lógicas que salvariam a humanidade — tudo isso foi rejeitado. Mas é rejeitado apenas por sua unilateralidade; muitas das ideias mais positivas — na verdade, ideal humanitário e a derrubada do antigo sistema do absolutismo — não são tão rejeitadas assim. Mas há, ao contrário, um sentimento irracional, que na verdade vem diretamente de Rousseau, já em meados do século XVIII, de uma religião do sentimento e de uma simpatia por todo tipo de coisas misteriosas e misticismo. Mas agora isso se reduz a este mundo. Há uma grande simpatia pela Idade Média e pelo passado nacional de cada país, enquanto a era do Iluminismo foi uma era internacional.

Assim, surgem pessoas como os irmãos Grimm que saem por aí coletando contos de fadas, canções folclóricas e histórias do povo. E no que diz respeito à religião, é claro, há um grande renascimento do catolicismo; e agora está na moda ser visto na missa. Mas, ao mesmo tempo, isso se torna algo novo. Não é exatamente como era no Antigo Regime. Há uma atmosfera muito terrena nisso, e um grande renascimento do ocultismo que se estendeu por várias décadas. É, ao mesmo tempo, algo que vem de antes da Revolução. E pode-se dizer que há uma busca por algum tipo

de novo cristianismo que se harmonize com a filosofia do Iluminismo, mantenha as melhores características da filosofia do Iluminismo e rejeite o unilateralismo, como, por exemplo, o anticristianismo de Voltaire e o ateísmo dos pensadores posteriores.

Esta é a época dos grandes poetas românticos, da busca por maravilhas, da religião da inspiração e do entusiasmo, de novas revelações, e dos poetas levados pela sua imaginação — poemas e contos sobre ruínas, luar, escuridão e todos os tipos de lado mais sombrio da vida, o lado misterioso.

Esta é a época de Calioistro, que, aliás, esteve envolvido em uma das conspirações para derrubar o rei em 1789, e de [Franz “Anton”] Mesmer, o hipnotizador. E, de fato, um dos escritores franceses da época, [Johann Kaspar] Lavater, disse que Mesmer andava por aí impondo as mãos sobre a cabeça das pessoas, hipnotizando-as e curando-as, entre outras coisas. E esse homem afirmou que isso era o equivalente moderno da imposição de mãos dos Apóstolos, o que, em nossos dias, se manifesta no movimento carismático. E San Martín, o filósofo desconhecido, como era chamado, estava envolvido com uma dessas lojas, na verdade, que ajudou a inspirar a revolução, e se envolveu profundamente com o ocultismo. Na verdade, conheci seu filho, um martinista, há alguns anos, que afirmava ter oitenta anos, mas parecia muito mais jovem e dizia ter o segredo da longevidade, da saúde e do sucesso; mas não parece haver muito nisso, muita espiritualidade.

Pode-se dizer que esta é a segunda era do Romantismo na história da Europa, sendo a primeira a Idade Média. Entre essas duas eras, houve o desenvolvimento da visão de mundo científica e a era da razão. Mas agora surge a reação que nos leva de volta a algo semelhante à Idade Média, só que agora será dentro do catolicismo que esse romantismo surgirá, mas além do catolicismo.

Havia uma profunda consciência nesse período de que o passado, embora houvesse uma restauração política e uma saudade do passado, além da poesia escrita sobre a Idade Média, e todos se entusiasmassem com vitrais e assim por diante; ainda assim havia a consciência de que o passado não poderia ser recuperado, a velha Europa, o Antigo Regime havia desaparecido. E havia uma profunda corrente subjacente nessa época, um anseio por uma nova unidade, um novo tipo de idade de ouro, algo semelhante à Idade Média, em que todos fossem inspirados por um ideal

comum, a arte florescesse e as ciências progredissem harmoniosamente. E esse mesmo sentimento, esse desejo por algum tipo de nova unidade é, como veremos, em grande parte uma ideia milenarista. E, de fato, podemos dizer que todo esse período, incluindo a Revolução e o romantismo dos poetas e artistas, o misticismo das seitas e lojas maçônicas e, como também veremos, até mesmo as seitas cristãs, faz parte de uma grande explosão de fervor milenarista.

Há, nessa época, tantos profetas, tantas pessoas que obtiveram a resposta. Foi-lhes revelado qual é o futuro da humanidade, qual é a verdade.

Isso se assemelha ao movimento dos primeiros “anabatistas”, que já analisamos um pouco, e dessas seitas; só que agora em uma escala muito maior, pois não se limita apenas à esfera sectária e religiosa, mas penetra na esfera principal da filosofia e da política.

No século XVIII, havia muitas dessas seitas milenaristas: os Shakers, os Rappitas e assim por diante. E nessa mesma época, um pouco mais tarde, surgiram outras seitas milenaristas: os “Adventistas”, os Mórmons e muitas, muitas outras, os irvingitas, e assim por diante. Analisaremos algumas delas daqui a pouco. E essas são apenas um pequeno reflexo dessa atitude mental que penetrou profundamente nos homens dessa época e que perdura até hoje.

Tentaremos analisar tudo isso de forma integrada, pois é comum pensar que a mentalidade sectária é uma coisa; e a mentalidade dos homens esclarecidos, pessoas que frequentam a faculdade e possuem diplomas e assim por diante, e são capazes de pensamento racional, é outra coisa. Mas veremos aqui que, nessa época, todas essas correntes estavam bastante entrelaçadas.

4. Exemplo: o poeta romântico alemão Novalis. Schenk: 13-15.

Vamos dar, como exemplo dessa mentalidade milenarista, algumas citações do poeta romântico alemão Novalis, que escreveu um romance — creio que se chama *Hans von Erztandinger* —, um dos primeiros romances românticos sobre a busca pela misteriosa flor azul, no qual ele escreveu algumas coisas sobre suas ideias milenaristas. Ele, aliás, [e] os grandes “pensadores” que tiveram grande influência para, de certa forma, inspirar esse movimento, nasceram todos por volta de 1770, o que é bastante interessante. É exatamente o ano em que Beethoven nasceu. Veremos veremos mais adiante Saint-Simon, Owen, Fourier, essas pessoas, e Novalis

também nasceu em 1772, creio eu, e morreu em “29, na virada do século.

Ele [Novalis] disse: “A cristandade tinha que voltar a se tornar viva e ativa.... Até o momento, não há religião. Devemos primeiro fundar uma escola de formação da religião genuína. Vocês pensam que existe religião? A religião deve ser criada e produzida por meio da união de um número de homens. Os gérmenes mais completos da nova religião residem no cristianismo, mas também se encontram relativamente negligenciados.” E em outra passagem: “Quem diz que a Bíblia está concluída? Não será que a Bíblia está em processo de crescimento?”... [O discípulo de Novalis escreveu:] Ele escreveu em 1797: “Oh, essas pessoas cegas que falam sobre ateísmo! Ainda existe algum teísta? Será que algum intelecto humano já domina a ideia de divindade?”

“...Novalis...via na religião cristã o germe da democracia.[1]

“-É também, creio eu, altamente significativo que Novalis tenha até mesmo antecipado a expectativa utópica e socialista marxista de que não haverá necessidade de uma ordem jurídica na sociedade do futuro, ou, pelo menos, que o número de leis diminuirá, pois: “As leis são o complemento de caracteres imperfeitos.”

“...[No panfleto de Novalis] *Die Christenheit oder Europa*....Encontramos nele a mesma ênfase na importância primordial da religião: ‘É impossível que os poderes seculares encontrem seu equilíbrio; somente um terceiro elemento, secular e transcendental ao mesmo tempo, pode cumprir essa tarefa... Somente a religião pode despertar novamente toda a Europa, somente ela pode salvar a Europa.’ ...Novalis, como tantos utópicos, voltou seu olhar para o passado distante: “Os príncipes submeteram sua disputa ao pai do cristianismo [o Papa] e, de boa vontade, depuseram suas coroas e dignidades aos seus pés.” Aqui temos um exemplo típico de uma utopia atribuída a um período passado;... “...uma nova Era de Ouro, com traços celestiais, uma era profética, milagrosa e curadora de feridas, que nos conforta e acende esperanças de vida eterna.” E em outra passagem: “O velho e o novo mundo estão envolvidos em guerra.... Talvez, nesses acontecimentos, assim como nas ciências, uma conexão mais íntima e variada entre os Estados europeus esteja próxima.” E o objetivo final de Novalis era que: “A Europa possa despertar novamente e os Estados formem um só.”[2]

7.3 Robert Owen e Charles Fourier

D. Chiliasmo nos primeiros “profetas” socialistas — os socialistas utópicos.

1. Owen. 1771-1858

a. vida 5-7

b. New Lanark (ainda existe inalterada até hoje): Comunidade industrial sob o comando de um capitalista benevolente. 20.000 visitantes entre 1815 e 1825, incluindo Nicolau I. A maior fábrica de fiação de algodão da Grã-Bretanha. 1.500 funcionários. Jornada de 12 horas, salários baixos, mas muitos benefícios (ocupacionais?) — aluguel baixo, assistência médica gratuita, escolas, alimentação a preço de custo. Promovia “ordem, limpeza e regularidade”. Aspectos da vida: 158. Mas, mais tarde, ele percebeu que a fábrica não era o ideal.

c. Contexto de suas ideias posteriores sobre o comunitarismo religioso — seitas milenaristas dos séculos XVIII e XIX: Comunidade de Ephrata, Irmãos Morávios (e movimentos semelhantes posteriores — mormonismo, adventismo); especialmente influenciado pelos Shakers e pelos Rappitas, e tentou suas experiências comprando a cidade rappita de Harmony, em Indiana. A iniciativa de Owen foi uma continuação secular de uma experiência religiosa já estabelecida.

d. New Harmony

Comunidade agrícola idílica descrita por um discípulo — pp. 58-59. Mas ideias radicais — fim do sistema familiar, pp. 58-60. Buscou, como outros socialistas dos primórdios, uma “ciência do homem”. O owenismo não degenerou em uma seita — teve um tom sectário desde o início. Shakers e swedenborgianos tornaram-se owenistas e os owenistas tornaram-se shakers — ex. p. 108. Um discípulo queria ser nomeado “bispo” — 124. Owen se considerava [um] agente de uma missão — 134.

e. Owen na América: p. 106. Descrição de New Harmony — pp. 164-5. O entusiasmo se esvaiu rapidamente. As experiências comunistas nos Estados Unidos em 1840 foram fourieristas.

f. Ilustrações — p. 20, 84, 100 a-b, 116 a-b, 132

a-b.

g. Owen deixa-se levar pelo espiritismo — 250-1.

2. Fourier 1772-1837

a. Vida: Filho de um rico comerciante de tecidos, boa educação, estudou na França, Alemanha e Itália. Herdou muitos bens de seu pai, mas os perdeu na Revolução de 1803; publicou um artigo sobre política europeia(?) que despertou o interesse de Napoleão. Tornou-se um pequeno empresário e dedicava seu tempo livre ao trabalho sobre uma nova organização da sociedade.

b. Ideias: contra o individualismo e a competição (ou seja, o liberalismo), nova teoria da cooperação para o desenvolvimento harmonioso da natureza humana. Livre desenvolvimento da natureza humana por meio da satisfação irrestrita das paixões, o que resultaria em harmonia (essa descoberta, segundo ele, o colocava no mesmo nível de Newton, descobridor da gravidade — assim também pensava São Simão). Queria reorganizar toda a sociedade com base nisso — a sociedade seria composta por falanstérios com 1.600 pessoas cada, edifício comum (falanstério) e terra em comum. Falanstérios de projeto uniforme. O trabalho sujo seria realizado por crianças; ninguém seria obrigado a fazer nada de que não gostasse. O casamento seria abolido, sendo substituído por um novo arranjo.

c. Ninguém prestou atenção às suas duas primeiras obras; sua terceira obra, de 1829, “O Novo Mundo Industrial”, começou a atrair discípulos; ele atacou Owen e São Simão em “O Charlatanismo de Duas Seitas”. Um discípulo fundou uma comunidade em 1832, mas ela fracassou rapidamente; Fourier esperou em vão que um capitalista rico doasse dinheiro para novas experiências.

d. Fez profecias fantásticas sobre um futuro paraíso na Terra: o mar se transformaria em limonada, os homens teriam 7 pés de altura, viveriam até os 144 anos e teriam 120 anos de amor livre. Os homens progrediriam, haveria 30 milhões de cientistas tão grandes quanto Newton e 30 milhões de poetas tão grandes quanto Shakespeare.

e. A Brook Farm, em Massachusetts, fundada em 1841 “para unir pensadores e trabalhadores”, tornou-se uma “falange” fourierista — em 1845, mas entrou em colapso em 1847. Dostoiévski e outros foram influenciados.

7.4 Saint-Simon e o Novo Cristianismo

3. São Simão 1760-1825

a. Vida: pp. xix-xxv.

-Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, que nasceu em 1760 e faleceu em 1825, foi, em certo sentido, fruto tanto do Antigo Regime quanto da filosofia do Iluminismo.[3]

Saint-Simon lutou na batalha de Yorktown pela “liberdade industrial” e, aos vinte e poucos anos, elaborou planos para a construção de canais que ligassem o Pacífico ao Atlântico na Nicarágua e conectassem Madri ao mar. Ao retornar à França, utilizou sua fortuna para reunir, como seus tutores, os mais eminentes cientistas da França. Sua fortuna, que logo se esgotou, foi restaurada durante a Revolução, quando especulou com terras da Igreja, embora, conseqüentemente, tenha quase perdido a cabeça sob o regime de Robespierre. Mais uma vez, cercouse dos sábios da época, viajou para a Alemanha e a Inglaterra e tentou, sem sucesso, casar-se com a Sra. de Staël. Aos poucos, suas ideias sobre o método científico, o industrialismo e a aplicação da ciência à organização social foram tomando forma sistemática; e, a partir de 1802, elas passaram a ser publicadas em uma série contínua de panfletos e livros. Ao cair novamente na pobreza, Saint-Simon passou a depender da caridade de um ex-servo. Após 1810, ele se viu cercado por um grupo de jovens engenheiros da École Polytechnique, entre os quais destacavam-se Augustin Thierry e Auguste Comte, que atuavam como seus secretários e colaboravam em seus escritos. Aparentemente decepcionado com sua falta de sucesso em persuadir os governantes e a intelectualidade a apoiar sua proposta de reconstrução social, Saint-Simon tentou o suicídio em 1823. Sua última obra, *O Novo Cristianismo*, com sua religião da fraternidade humana, foi publicada no ano de sua morte, 1825.[4]

Saint-Simon reconheceu [Condorcet] como uma das influências mais marcantes em seu próprio pensamento.” [Nos escritos de Condorcet] “Saint-Simon via a perfeição da metodologia científica como a base do progresso humano... Em uma fase final, Saint-Simon, no *Novo Cristianismo*, defendeu uma religião baseada no amor fraterno e voltada para a realização da felicidade na Terra. A preocupação fundamental da religião deveria ser a melhoria mais rápida da condição dos pobres.[5]

O termo “saint-simonismo” refere-se aqui aos discípulos de Saint-Simon. É preciso deixar claro que o saint-simonismo, embora mantivesse certos princípios básicos, desde seu início até sua dissolução, passou continuamente por mudanças em outros aspectos. No entanto, existia uma unidade básica em sua tentativa de pôr fim ao que era considerado a situação revolucionária da época.[6]

A teoria foi exposta em uma série de palestras públicas realizadas quinzenalmente a partir de 17 de dezembro de 1828 e conhecidas como a Doutrina de Saint-Simon. Uma Exposição. Primeiro Ano (1828-29)... Embora essa segunda fase do movimento saint-simoniano apresentasse uma unidade geral de pensamento, surgiu lentamente uma ênfase religiosa e política mais forte, que tendia a subordinar o interesse científico e industrial anterior.... Essa nova ênfase levou à criação de uma igreja saint-simoniana organizada hierarquicamente no final de dezembro de 1829. A doutrina foi divulgada por meio de “sermões” e “ensinamentos” públicos em Paris, por missões enviadas às províncias e à Bélgica, por meio de panfletos e, acima de tudo, pelas páginas do semanário *Organisateur* e do diário *Globe*. O *Globe* havia sido o famoso jornal liberal da década de 1820 e tornou-se saint-simoniano em novembro de 1830, após a conversão de seu diretor, Pierre Leroux, à nova religião. No *Globe*, os saint-simonianos receberam seu maior grau de atenção....[7]

A igreja saint-simoniana prenunciava a estrutura básica e a filosofia da Religião da Humanidade de Comte em seus últimos anos. Buchez, que mais tarde se tornaria socialista católico, era membro da hierarquia saint-simoniana. Heine e Franz Liszt participavam regularmente das reuniões de domingo. Carlyle e Mill mantinham correspondência com a sociedade. Sainte-Beuve e George Sand manifestaram seu grande interesse e aprovação, enquanto Lamartine, Balzac e Lamennais observavam com sentimentos contraditórios. Stendhal, Benjamin Constant e Fourier consideraram a nova filosofia suficientemente importante para atacá-la. Até mesmo Goethe, embora criticasse o coletivismo saint-simoniano... recebia regularmente o jornal *Globe*... A nova religião contava com mais de 40.000 adeptos em meados de 1831 e era bem conhecida por todas as pessoas instruídas da Europa.[8]

A desintegração dessa “segunda fase”, durante a qual o saint-simonismo se preocupava principalmente com a reorganização social, foi precipitada

pelo conflito dentro do movimento em torno da questão da mulher. Embora houvesse um consenso geral de que a mulher, tradicionalmente explorada como o trabalhador, deveria ser emancipada socialmente, uma nova orientação surgiu sob a liderança de Enfantin, que cada vez mais enfatizava a importância da questão feminina, acabando por defender o amor livre e identificando o desfecho da história com a “emancipação” e a “santificação” da carne. Esse feminismo exacerbado levou a um cisma, à ruptura de Bazard com o movimento, à consequente saída de outros membros e a perseguições legais após janeiro de 1832. Em 20 de abril de 1832, foi publicada a última edição do *Globe*, e pode-se dizer que a segunda fase da história do movimento chegou ao fim.

Na terceira fase, caracterizada por um feminismo intensificado e pelo pensamento religioso panteísta após 1832, a preocupação com os problemas sociais e políticos diminuiu. Os saint-Simonianos estavam agora menos interessados em propagar a fé do que em se preparar para um momento mais propício por meio da formação de uma hierarquia. Eles se retiraram para uma vida monástica. Os julgamentos que resultaram na prisão de Enfantin enfraqueceram ainda mais o movimento, que se dissolveu como grupo organizado após a partida de Enfantin para o Egito em busca da “Mulher Messias”. Mais tarde, naquele século, os saint-simonianos viriam a ter papel de destaque em projetos financeiros e industriais, como a criação do *Crédit Mobilier*, a ampliação da rede ferroviária francesa e a construção do Canal de Suez. [9]

b. Influências — milenarismo secular, especialmente Lessing [Gotthold Ephraim Lessing] com sua filosofia da busca eterna e da religião do coração (e, por meio dele, Joaquim de Fiore). Lessing: “Se Deus mantivesse oculta em sua mão direita toda a verdade, e em Sua esquerda apenas o sempre ansioso impulso em busca da verdade (mesmo que acompanhado da condição de que eu sempre e constantemente errasse), e dissesse a mim: ‘Escolha!’, eu tomaria reverentemente Sua mão esquerda e diria: ‘Pai, concede-me! A verdade absoluta é somente para Ti?’” [10] Mas acreditava na revelação que levou a raça humana de estágios inferiores a estágios superiores. O homem progredirá até o estado de não precisar da crença na vida futura para fazer o bem, mas terá a vontade de fazer o bem por si mesmo — então virá o evangelho eterno, a 3ª Era do Espírito Santo Espírito, chegará! Os maçons são seu ideal, que aguardam o nascer da nova

era e derrubam as barreiras da religião, do Estado e da nacionalidade.

(Portanto: um romântico mesmo na era do Iluminismo.) Deus é a alma do mundo.

Assim: Owen foi influenciado por sectários; Fourier, por revolucionários; São Simão, pela tradição milenarista de João de Fiore.

c. Filosofia: Nova Era 4;

“...Não houve mais doutrinas filosóficas dignas desse nome do que houve estados gerais da humanidade, mas o fenômeno de uma ordem social organizada ocorreu apenas duas vezes na série de civilizações à qual pertencemos e que forma uma cadeia ininterrupta que se estende até nossa própria época, a saber, na Antiguidade e na Idade Média. O novo estado geral que proclamamos para o futuro constituirá o terceiro elo dessa cadeia; não será idêntico aos seus predecessores, mas apresentará analogias marcantes com eles no que diz respeito à ordem e à unidade. Ele se seguirá aos diversos períodos da crise que vem nos perturbando há três séculos; surgirá, finalmente, como uma consequência da lei do desenvolvimento da humanidade.[11]

causa do mal atual: 11.

“...Afirmaremos que a causa do mal deve ser buscada na falta de unidade na visão social; e o remédio será encontrado na descoberta dessa unidade.[12]

Vivemos nas ruínas da Idade Média: 18.

“Vivemos em meio aos escombros, os escombros vivos da sociedade medieval que continua a lamentar seu destino.[13]

Não devemos simplesmente negar a Idade Média 22-3-4.

“—Acreditava-se que a solução do problema consistia em colocar um sinal de menos diante de todos os termos da fórmula da Idade Média, mas essa estranha solução só poderia gerar anarquia.

“Nós, que não aceitamos nem a Idade Média nem o constitucionalismo, saltamos além dos limites do presente... O momento se aproxima em que as nações abandonarão as bandeiras de um liberalismo desordenado e irrefletido para entrar amorosamente em um estado de paz e felicidade, abandonando a desconfiança e reconhecendo que o poder legítimo pode existir na Terra.[14]

Visão unitária do futuro 24-5.

“A doutrina que proclamamos visa tomar posse do homem em sua totalidade e conferir às três grandes faculdades humanas um objetivo comum e uma direção harmoniosa. Por meio dela, as ciências avançarão de forma unificada rumo ao mais rápido desenvolvimento; a indústria, regulada no interesse de todos, não apresentará mais o espetáculo assustador de uma arena; e as belas-artes, mais uma vez animadas por ardente simpatia, nos revelarão os sentimentos de entusiasmo em uma vida comum, cuja suave influência se fará sentir nas alegrias mais íntimas da vida privada.[15]

Os tempos se cumpriram 40.

“Livrem-se de todo medo, senhores, e não lutem contra a torrente que os leva adiante rumo a um futuro feliz; ponham fim à incerteza que enfraquece seus corações e os atinge com impotência. Abracem com amor o altar da reconciliação, pois os tempos se cumpriram e a hora está prestes a chegar em que, de acordo com a transformação saint-simoniana da palavra cristã, todos serão chamados e todos serão escolhidos.[16]

O antigo deve ser destruído 50.

“Pois a felicidade da humanidade exige que a obra de destruição, à qual esse método foi aplicado com tanta eficácia, seja concluída.[17]

Novo e definitivo estado 56-7.

“...[H]oje a humanidade caminha em direção a um estado definitivo que estará isento das longas e dolorosas alternativas e sob o qual o progresso ocorrerá sem interrupção, sem crises, de maneira contínua, regular e constante. Estamos marchando em direção a um mundo onde religião e filosofia, culto e artes plásticas, dogma e ciência não estarão mais divididos.... A destruição da antiga ordem das coisas foi tão radical quanto possível, na ausência da revelação da nova ordem a ser estabelecida.[18]

Objetivo: “associação universal” — fraternidade 58,

“...[E]sta sucessão contínua de aparente grandeza e aparente declínio, comumente chamada de vicissitudes da humanidade, nada mais é do que a série regular de esforços empreendidos pela humanidade para alcançar um objetivo final.

Esse objetivo é a associação universal, ou seja, a associação de todos os homens em toda a superfície do globo em todas as esferas de suas relações.[19]

O cristianismo fracassou 60, 71.

“O cristianismo, cujo princípio e força expansiva há muito se esgotaram, abrangeu em seu amor e santificou por meio de sua lei apenas um dos modos de existência humana, e não conseguiu estabelecer seu domínio — agora em declínio — sobre mais do que uma parte da humanidade.[20]

“O mundo inteiro está progredindo rumo à unidade de doutrina e ação. Esta é nossa profissão de fé mais geral. Esta é a direção que uma análise filosófica do passado nos permite traçar. Até o dia em que este grande conceito, nascido do gênio de nosso mestre, juntamente com seus desenvolvimentos gerais, possa se tornar o objeto direto dos esforços do espírito humano, todo o progresso social anterior deve ser considerado como preparatório, todas as tentativas de organização como iniciações parciais e sucessivas ao culto da unidade e ao reinado da ordem sobre todo o globo, a posse territorial da grande família humana.[21]

O Futuro é a Religião 202-3.

—Certamente não pretendemos ser heróis por apresentar a vocês os fundamentos de uma nova religião. Neste século indulgente, ou melhor dizendo, indiferente, todas as opiniões, como sabemos, podem ser expressas sem perigo, especialmente quando parecem não ultrapassar os estreitos limites de uma escola filosófica. Mas também sabemos que estamos falando a homens que se consideram superiores por serem descrentes e que sorriem com desdém de todas as ideias religiosas, que eles atribuem à Idade das Trevas, ao que chamam de barbárie da Idade Média e à infância da humanidade. Não tememos enfrentar esse sorriso. O sarcasmo voltairiano e o desdém arrogante do materialismo moderno podem dissipar do coração de alguns homens o sentimentalismo vago comum hoje em dia. Eles podem afugentar e confundir aquele tipo de religiosidade individual que, em vão, busca formas para se expressar, mas são incapazes de destruir uma convicção profunda.

“Sim, senhores, viemos aqui para nos expor a esse sarcasmo e desprezo. Pois, seguindo Saint-Simon e em seu nome, viemos proclamar que a humanidade tem um futuro religioso; que a religião do futuro será maior e mais poderosa do que todas as do passado; que ela será, como as que a precederam, a síntese de todas as concepções da humanidade e, além disso, de todos os modos de ser. Ela não apenas dominará a ordem política, mas a ordem política será totalmente uma instituição religiosa; pois nada será concebido fora de Deus nem se desenvolverá fora de Sua lei.

Acrescentemos, finalmente, que essa religião abrangerá o mundo inteiro, pois a lei de Deus é universal.[22]

Ciência e religião 206, 266.

Adote o ponto de vista religioso, mas um ponto de vista mais elevado e mais amplo do que qualquer outro que a humanidade tenha alcançado até agora. Enquanto a ciência preservar seu caráter ateu, considerado essencial a ela, a ciência não dará expressão à faculdade do homem de conhecer, sucessiva e progressivamente, as leis pelas quais Deus governa o mundo: em resumo, o plano providencial. Nenhuma das descobertas nas quais o ateísmo, quando ameaçado, se apoia será capaz de escapar à fórmula: “É assim que Deus se manifesta .””

Não, senhores, não é o destino da ciência, como muitos parecem acreditar, ser a eterna inimiga da religião e restringir constantemente o domínio da religião para, algum dia, despojá-la por completo. Pelo contrário, a ciência é chamada a ampliar e fortalecer constantemente o domínio da religião, já que cada um dos avanços da ciência tem como objetivo proporcionar ao homem uma visão mais ampla de Deus e de Seus planos para a humanidade.[23]

Previmos um tempo, já não muito distante, em que as ciências, livres da influência dos dogmas da crítica e enxergadas de maneira muito mais ampla e geral do que são hoje, não seriam mais consideradas antagônicas à religião, mas sim como os meios concedidos à mente humana para conhecer as leis pelas quais Deus governa o mundo; o plano providencial.[24]

Homenagem ao trabalho de destruição da Revolução 208-9.

“—Já demonstramos anteriormente que as épocas críticas podem ser divididas em dois períodos distintos: um constitui o início das épocas durante as quais a sociedade, unida por uma fé fervorosa nas doutrinas da destruição, age em conjunto para derrubar as antigas instituições religiosas e sociais; o outro compreende o intervalo que separa a destruição da reconstrução, durante o qual os homens, revoltados com o passado e com as incertezas do futuro, não estão mais unidos por nenhuma fé ou empreendimentos comuns. O que dissemos sobre a ausência de moralidade em períodos críticos refere-se apenas ao segundo dos dois períodos que eles abrangem, mas não de forma alguma ao primeiro, nem aos homens que nele atuam e que, por meio de alguma espécie de inconsistência, pregam o ódio em nome do amor; clamam pela destruição enquanto acreditam

estar construindo; provocam a desordem porque desejam a ordem; e estabelecem a escravidão no altar que erguem à liberdade. Senhores, vamos admirar esses homens. Vamos ter pena deles simplesmente por terem recebido a terrível missão que cumpriram com devoção e amor pela humanidade. Vamos ter pena deles, pois nasceram para amar e toda a sua vida foi dedicada ao ódio. Mas não nos esqueçamos de que a compaixão que eles nos inspiram deve servir de lição para nós; que deve aumentar nossos anseios e confirmar nossas esperanças em um futuro melhor — em um futuro no qual os homens capazes de amar possam, incessantemente, colocar seu amor em prática.[25]

O homem deve ter fé 211.

À humanidade nunca falta fé. Não se precisará mais perguntar se o homem tem inclinação para acreditar do que se ele algum dia renunciará ao amor. Trata-se, antes, apenas de saber em quais homens e ideias ele depositará sua confiança e quais garantias ele exigirá antes de se entregar a eles.[26] Novo profeta 213.

“Não hesitamos em dizer, junto com você, que o que não é ateísmo hoje é ignorância e superstição. Mas se quisermos curar a humanidade dessa ferida, se quisermos que ela abandone as crenças e práticas que consideramos indignas dela, se quisermos que ela deixe a Igreja da Idade Média, devemos abrir a Igreja do futuro. Estejamos preparados, como disse de Maistre, para um evento tremendo na ordem divina, em direção ao qual, como todos devem perceber, estamos marchando em ritmo acelerado. Digamos com ele que não há mais religião na Terra e que a humanidade não pode permanecer nesse estado. Mas, mais afortunados do que de Maistre, não teremos mais de esperar pelo homem de gênio que ele profetiza e que, segundo ele, em breve revelará ao mundo a afinidade natural entre religião e ciência. Saint-Simon já surgiu.[27]

Religião do futuro 265.

“Ao proclamarmos que a religião está destinada a afirmar seu domínio sobre a sociedade, estamos certamente tão distantes de defender que qualquer uma das instituições religiosas do passado deva ser restabelecida quanto estamos de pretender levar a sociedade de volta ao antigo estado de guerra ou escravidão. Proclamamos um novo estado moral e político. Este é tão profundamente um novo estado religioso quanto: pois, para nós, religião, política e moral são meramente nomes diferentes para o

mesmo fato... A religião do futuro é chamada a ocupar seu lugar na ordem política; mas, para ser exato, quando considerada em sua totalidade, a instituição política do futuro deve ser uma instituição religiosa.[28]

d. Importância: percebeu que a nova visão de mundo deve ser religiosa. O socialismo não é suficiente — deve haver uma síntese entre política, ciência e religião (teoria do campo confinado da mente). Hoje vemos o grande defeito do marxismo — ele não é religioso e a humanidade precisa ter religião, como percebeu São Simão. Esse “Novo Cristianismo” é uma tentativa completa de concluir o processo iniciado na Idade Média: aperfeiçoar o cristianismo.

Referências

- [1] — Schenk, Hans George Viktor, *The Aftermath of the Napoleonic Wars*, Howard Fertig, 1967, Nova York, pp. 13-15.
- [2] — Schenk, pp. 14-15. O padre Seraphim marcou essas seções em seu livro para leitura durante a palestra.
- [3] — *A Doutrina de Saint-Simon: Uma Exposição*, trad. Georg G. Iggers, Beacon Press, 1958, Boston, p. xix. O Pe. Seraphim marcou todas as passagens a seguir em seu próprio exemplar do livro para leitura durante a palestra.
- [4] — Ibid., p. xx.
- [5] — Ibid., p. xxi-xxii.
- [6] — Ibid., p. xxii.
- [7] — Ibid., p. xxiii.
- [8] — Ibid., p. xxiv.
- [9] — Ibid., p. xxiv-xxv.
- [10] — Extraído de *A Influência de Darwin na Filosofia*, de John Dewey, Henry Holt & Co., citado em Randall, op. cit., p. 477.
- [11] — *A Doutrina de Saint-Simon*, p. 4.
- [12] — Ibid., p. 11.
- [13] — Ibid., p. 18.

- [14] — Ibid., pp. 22, 23, 24.
[15] — Ibid., pp. 24-25.
[16] — Ibid., p. 40.
[17] — Ibid., p. 50.
[18] — Ibid., pp. 56-57.
[19] — Ibid., p. 58.
[20] — Ibid., p. 60.
[21] — Ibid., p. 71.
[22] — xlvii. Ibid., p. xxxiii: “O cristianismo baseia-se inteiramente no Sumo Pontífice.” [ênfase no original]
[23] — Ibid., p. 206.
[24] — Ibid., p. 266.
[25] — Ibid., pp. 208-209.
[26] — Ibid., p. 211.
[27] — Ibid., p. 213.
[28] — Ibid., p. 265.xxxi. Ver abaixo, p. 25; aqui, o Pe. S. está parafraseando a carta ao imperador Francisco José, de 4/16 de janeiro de 1854, citada em Talberg, p. 188: “O senhor está se permitindo, como imperador apostólico, fazer dos interesses dos turcos os seus próprios? Sua consciência permitirá isso? Se isso acontecer, a Rússia seguirá sozinha, sob a proteção da Santa Cruz, em direção ao seu santo propósito.”

Aula 8

O Significado da Revolução

Agora, para termos uma visão completa do significado da revolução de nossa época, analisaremos vários pensadores do século XIX que eram chamados de “reacionários”, pessoas que se opunham à revolução. Pois, ao ver quais argumentos foram apresentados contra a revolução e ao perceber como vários deles foram, por sua vez, influenciados por ideias mais profundas compartilhadas pelos revolucionários, obteremos uma compreensão mais profunda da amplitude dessa revolução.

A nova ordem na Europa em 1815, após a derrubada de Napoleão, foi a reação, a Santa Aliança, ou seja, os monarcas da Europa

foram restaurados. E houve uma reação definitiva. Os movimentos revolucionários foram desencorajados e até mesmo esmagados. A Rússia assumiu um papel de liderança nisso — até mesmo o czar Alexandre, que esteve [sob uma] forte influência maçônica em seus primeiros anos. Mais tarde, após esse período, após o Congresso de Viena, ele começou a compreender que a revolução era um assunto sério e que o cristianismo era bem diferente do que ele imaginava. E especialmente sob a influência do arquiimandrita Fócio, que o convenceu de que os maçons estavam decididos a destruir seu reino. E [o alertou contra] todos esses protestantes que estavam se infiltrando, e a Sociedade Bíblica. E quando houve uma rebelião na Espanha, em 1820, ele se ofereceu para enviar cem mil

cossacos para esmagá-la. E as outras potências da Europa decidiram que isso era muito arriscado, que seria melhor deixar que os franceses cuidassem disso. E assim os franceses realmente cuidaram disso e reprimiram a rebelião. Mas, a partir daquele momento, os czares russos tornaram-se muito conscientes de sua responsabilidade de combater a revolução, especialmente dentro da Rússia e, sempre que possível, fora dela. Com uma exceção: quando a rebelião grega eclodiu contra os turcos, os russos a apoiaram.

E mais tarde, em 1827-1828, quando os turcos ameaçaram conquistar o reino grego novamente, o czar Nicolau, o arquiconservador, veio em auxílio dos gregos, embora Metternich, o grande estadista, o tivesse alertado de que eles também eram maçons e rebeldes, assim como todos os outros. E ele disse: “Mas, de qualquer forma, eles são ortodoxos; e nós viemos em auxílio dos reinos ortodoxos.” [2] E, em grande parte graças aos czares russos, a Grécia é hoje um reino e um Estado independente; eles não estão sob o domínio dos turcos.

8.1 Introdução: A Reação Conservadora

8.2 Metternich

O principal estadista dessa época no oeste da Europa era Metternich. METTERNICH, o ministro das Relações Exteriores da Áustria, que era o porta-voz do movimento conservador, embora ele próprio não fosse tão reacionário quanto é retratado como sendo. Há uma breve descrição de sua filosofia básica aqui, nesses livros sobre a época pós-revolucionária.

Ele também nasceu na década dedécada de 70, em 1773, e faleceu em 1859. Filho “de uma família nobre católica da Renânia, ele testemunhou, ainda jovem, os excessos jacobinos”, ou seja, os excessos revolucionários, “em Estrasburgo, o que confirmou seu desprezo pelas democracias populistas e sua fé na “sociedade europeia fundada na civilização latina, consagrada pela fé cristã e embelezada pelo tempo.” Ele cresceu com uma profunda reverência pela tradição... O Antigo Regime, em seus últimos dias, produziu nele seu representante mais capaz, se não o mais nobre. Ele foi a flor mais bela de uma época que agora é apenas uma lembrança: um aris-

tocrata refinado e cortês, sereno, urbano e imperturbável, um patrono das artes, um diplomata de primeira linha, um amante da beleza, da ordem e da tradição, talvez um pouco cínico talvez, mas sempre educado e charmoso... [E]le ingressou no serviço diplomático austríaco e construiu sua reputação ao derrotar Napoleão nos dias críticos de 1813, após a retirada de Moscou. Após a queda do imperador, ele reinou como “primeiro-ministro da Europa” até que a Revolução de 1848 o derrubasse. “Ele percebeu que vivia em uma época de transição; a velha ordem, que parecia tão firme e segura, estava se desintegrando por toda parte e ninguém conseguia adivinhar o que viria em seu lugar. Antes que um novo equilíbrio fosse alcançado, um período de anarquia e caos deveria intervir. A obra da vida de Metternich consistiu em adiar o colapso pelo maior tempo possível e manter a estabilidade naquele momento a qualquer custo. Ele estava plenamente ciente do caráter efêmero de suas conquistas, comentando com amargura que passava seus dias sustentando instituições carcomidas, que deveria ter nascido em 1700 ou 1900, pois nunca se encaixou na Europa revolucionária do século XIX. O futuro”, ele sabia, “estava na democracia e no nacionalismo”, e “tudo o que ele considerava sagrado — monarquia, Igreja, aristocracia, tradição — estava condenado, mas era seu dever resistir, recuar, se necessário, até a última linha de defesa antes de desistir.” [3]

Então, esse é o estadista, que também escreveu suas memórias, um homem muito conservador. Ele era contra o que chamava de “homens presunçosos”, [4] esses revolucionários que estavam constantemente se levantando com suas teorias egocêntricas de que iriam remodelar a sociedade. Ele foi derrubado em 1848 pela nova onda revolucionária que varreu toda a Europa.

Outro dos principais — na verdade, há três principais filósofos conservadores da época, pensadores: um na Inglaterra, um na França e um na Espanha. Na Inglaterra, o conservador é Edmund Burke, que foi um dos primeiros a protestar contra a Revolução já em 1790, quando escreveu essas reflexões sobre a Revolução na França, um livro que inspirou muitos desses novos neoconservadores. Resumidamente, algumas de suas opiniões são apresentadas aqui em um de seus livros didáticos.

Nesse livro, *Reflexões sobre a Revolução*, ele diz: “Será que é na destruição e na derrubada que se demonstra habilidade? Sua multidão”, ou

seja, os revolucionários, “podem fazer isso pelo menos tão bem quanto suas assembleias. O entendimento mais superficial, a mão mais rude, é mais do que capaz de cumprir essa tarefa. A raiva e o frenesi derrubarão mais em meia hora do que a prudência, a deliberação e a previsão podem construir em cem anos... Preservar e reformar ao mesmo tempo são coisas bem diferentes. Um espírito de inovação é geralmente o resultado de um temperamento egoísta e de visões limitadas. As pessoas não olham para a posteridade, que nunca olham para trás, para seus ancestrais... Por meio de uma política constitucional que segue o modelo da natureza”, isto é, nós, ingleses, “transmitimos nosso governo e nossos privilégios, da mesma maneira que desfrutamos e transmitimos nossa propriedade e nossas vidas. As instituições políticas, os bens da fortuna, os dons da Providência nos são transmitidos, e por nós transmitidos, no mesmo curso e ordem. Nosso sistema político está colocado em justa correspondência e simetria com a ordem do mundo, no qual, pela disposição de uma sabedoria estupenda, que molda em conjunto a grande e misteriosa incorporação da raça humana, o todo, ao mesmo tempo, nunca é velho, nem de meia-idade, nem jovem, mas, em um estado de constância imutável, segue adiante pelo variado curso da decadência, queda, renovação e progressão perpétuas. Assim, ao preservar o método da natureza na condução do Estado, no que melhoramos, nunca somos totalmente novos; no que mantemos, nunca somos totalmente obsoletos... Uma disposição para preservar e uma capacidade de melhorar, juntas, serão meu critério para um estadista.” [5]

É claro que essas são palavras muito sensatas, proferidas contra pessoas que falam de novidade apenas pela novidade e demonstram que não sabem como concretizá-la. E quando a concretizam, na verdade (?) perturbam toda a sociedade. Mas, é claro, ele era inglês; sua ideia de conservadorismo é preservar tudo o que temos. E tudo o que temos é a monarquia inglesa com a ideia de democracia já em desenvolvimento. Naquela época, ainda era bastante conservadora; apenas os aristocratas tinham direito ao voto, as classes altas. E o parlamento não era de forma alguma representativo de todo o povo, mas estava gradualmente evoluindo nessa direção. E, é claro, ele era, sem dúvida, um anglicano, e isso já é um afastamento até mesmo do catolicismo. O catolicismo é um afastamento da ortodoxia. E é possível desenvolver uma nova religião, o anglicanismo. Isso

significa que, embora ele seja muito conservador, não há nenhum princípio subjacente no qual ele possa realmente se apoiar. E é apenas uma questão de tempo até que, como vemos, esse tipo de conservador possa evoluir para algo que seja bastante democrático e já utópico. Portanto, esse tipo de conservadorismo não irá muito longe.

8.3 Donoso Cortés

Mas há um segundo pensador dessa época, um pouco mais tardio, nascido em 1809 e falecido em 1853, que viveu na Espanha. Seu nome é [Juan] Donoso Cortés. Acho que ele era um príncipe, um conde ou algo assim. Ele não é muito conhecido no Ocidente, embora um de seus livros tenha sido traduzido para o inglês. E ele é o mais filosófico de todos os que, no Ocidente, escreveram sobre, e contra, a Revolução. Ele escreveu seu grande livro em 1852, intitulado “Ensaio sobre o Catolicismo, o Liberalismo e o Socialismo”. Ele é um marquês, o Marquês de Valdegamas.

E ele é extremamente significativo porque percebeu claramente que essa revolução não é algo sem rumo; há um propósito definido por trás dela. E ele chegou a dizer que a revolução é teológica. Para derrotá-la, é preciso ter uma teologia diferente.

Ele se opunha especialmente ao grande anarquista de sua época, Proudhon, sobre quem falaremos na próxima aula. Proudhon, como veremos, é bastante profundo, mais profundo do que muitos outros revolucionários. E ele [Cortés] cita até mesmo Proudhon, logo no início deste livro. Ele diz que o título é “Como uma Grande Questão de Teologia está Sempre Envolvida em Toda Grande Questão Política”:

“Em suas Confissões de um Revolucionário, o senhor Proudhon escreveu estas palavras notáveis: ‘É maravilhoso como sempre nos deparamos com a teologia em todas as nossas questões políticas!’ Não há nada aqui que cause surpresa, exceto a surpresa do senhor Proudhon. A teologia, na medida em que é a ciência de Deus, é o oceano que contém e abrange todas as ciências, assim como Deus é o oceano que contém e abrange todas as coisas.” xxxvii⁷ E todo este livro é uma denúncia do liberalismo, em primeiro lugar e principalmente do socialismo, como sendo

anti-Deus. E pelo liberalismo ele nem sequer tem muito respeito, pois vê nele apenas um meio-termo entre o socialismo e a monarquia. E há aqui um livro que ele cita, de alguma forma, trechos desse livro [Viereck].

Assim como Metternich chamava esses revolucionários de “homens presunçosos”, Donoso Cortés os chamava de “os homens que se adoram a si mesmos”. [6] E ele os preferia aos liberais porque, pelo menos, eles tinham seus próprios dogmas. É possível lutar contra eles com base em argumentos dogmáticos. Ele percebia que o fim da influência religiosa na política, ou seja, a revolução ateísta, produziria no futuro o mais gigantesco e destrutivo despotismo já conhecido. De fato, em uma de suas palestras perante o Parlamento da Espanha, em 1852, ele lhes disse que o fim da revolução é o Anticristo, que podemos avistar no horizonte no próximo século. Nesse aspecto, ele é bastante profundo. Aqui ele apresenta algumas citações gerais sobre os liberais e os socialistas.

“A escola liberal”, disse ele, “...está situada entre dois mares, cujas ondas que avançam constantemente acabarão por engoli-la, entre o socialismo e o catolicismo.... Ela não pode admitir a soberania constituinte do povo sem se tornar democrática, socialista e ateísta, nem admitir a soberania real de Deus sem se tornar monárquica e católica...” [7]

“Essa escola só é dominante quando a sociedade está ameaçada de dissolução, e o momento de sua autoridade é aquele transitório e fugaz, em que o mundo permanece em dúvida entre Barrabás e Jesus, e hesita entre uma afirmação dogmática e uma negação suprema. Nesse momento, a sociedade permite-se de bom grado ser governada por uma escola que nunca afirmam nega, [italico no original], mas está sempre fazendo distinções... “Tais períodos de dúvida agonizante nunca podem durar muito tempo. O homem nasceu para agir e se declarará resolutamente se declarar a favor de Barrabás ou de Jesus e derrubar tudo o que os sofistas tentaram estabelecer... As escolas socialistas” — das quais sempre pensamos em Marx, Proudhon, Saint-Simão, Owen, Fourier e todos esses pensadores — “possuem grandes vantagens sobre a escola liberal, precisamente porque abordam (para afirmar) diretamente todos os grandes problemas e questões, e sempre oferecem uma solução peremptória e decisiva. A força do socialismo consiste em ser um sistema de teologia, e é destrutivo apenas porque é uma teologia satânica.

“As escolas socialistas, por serem teológicas, prevalecerão sobre a libe-

ral, pois esta última é antiteológica e cética. Mas elas mesmas, devido ao seu elemento satânico, serão vencidas pela escola católica, que é ao mesmo tempo teológica e divina. Os instintos do socialismo parecem concordar com nossas afirmações, já que ele odeia o catolicismo, enquanto apenas despreza o liberalismo.” [8]

E sua história parece comprovar que ele está certo, pois, de fato, o comunismo domina o mundo e a democracia se torna cada vez mais radical e cada vez mais utópica para competir com o socialismo. Mais uma vez, ele diz:

“Os católicos afirmam que o mal vem do homem e a redenção, de Deus; os socialistas afirmam que o mal vem da sociedade e a redenção, do homem. As duas afirmações do catolicismo são sensatas e naturais, a saber, que o homem é homem e realiza obras humanas, e que Deus é Deus e realiza atos divinos. As duas afirmações do socialismo sustentam que o homem compreende e executa os desígnios de Deus, e que a sociedade realiza as obras próprias do homem. O que, então, ganha a razão humana quando rejeita o catolicismo em favor do socialismo? Não será que ela se recusa a aceitar o que é evidente e misterioso para, em vez disso, aceitar o que é ao mesmo tempo misterioso e absurdo?” [9]

Ora, seu raciocínio é bastante direto. Ele também tinha algumas reflexões sobre a Rússia. Ele percebia que acreditava que a Rússia... ele tinha muito medo do perigo russo. Ele achava que a Rússia iria dominar o Ocidente. E, depois de dominar o Ocidente, ela beberia o veneno da própria Revolução e morreria exatamente como a Europa.

8.4 Joseph de Maistre e o Ultramontanismo

Vamos ver o que o próximo pensador pensa sobre a Rússia. Este próximo, que é provavelmente o mais conhecido dos conservadores radicais, os verdadeiros reacionários, é Josef de Maistre, D-E-M- “I-S-T-R-E, que na verdade não era francês, mas sardo, embora falasse francês, já que é um reino de língua francesa. Na verdade, ele foi embaixador da Sardenha em São Petersburgo, durante a época de Napoleão e depois de Napoleão.

Ele nasceu em 1753 e faleceu em 1821. É o defensor do direito divino dos reis, na tradição do século XVIII. Na verdade, ele chegou até a ficar

um pouco constrangido porque seu livro sobre o direito divino dos reis foi publicado sem seu conhecimento. Ele o escreveu vários anos antes e [o livro] foi publicado justamente na época em que o rei Luís XVIII, da dinastia dos Bourbons, restaurado no trono, aceitou a Constituição. E, por isso, esse rei pensou que ele fosse contra ele. E, é claro, ele acabou aceitando e chegando a um acordo, mas estabeleceu o princípio do direito divino. O objetivo de sua filosofia, e da filosofia conservadora, segundo ele, é absolutamente destruir todo o espírito do século XVIII. Veja bem, ele é bastante ousado. Nenhum compromisso com Voltaire, Rousseau, a Revolução, nada. A resposta à Revolução, diz ele, é o Papa e o carrasco.

Citação de Viereck, p. 29-32.

Na verdade, ele dedica uma página inteira em um de seus livros na qual elogia o homem, o carrasco com o machado na mão que volta para casa à noite para sua esposa com a consciência limpa porque cumpriu o dever para com a sociedade.

Na verdade, ele próprio é bastante racionalista. Só que ele parte de um ponto diferente. Ele parte do catolicismo absoluto. E ele é um pensador bastante frio, mas muito astuto, com um pensamento muito claro. Ele percebe que esses outros racionalistas, ou racionalistas ateus, partem de um ponto sem Deus e, por isso, acabam no absurdo.

Ele escreveu um livro sobre Deus na sociedade, publicado durante a época de Napoleão.

E há alguns trechos aqui que vamos citar dele:

“Um dos erros mais graves de um século que os abrangeu a todos”, veja como ele imediatamente se volta para o século XVIII, “foi acreditar que uma constituição política pudesse ser redigida e criada a priori, enquanto a razão e a experiência concordam que uma constituição é uma obra divina e que são precisamente os elementos mais fundamentais e essencialmente constitucionais nas leis de uma nação que não podem ser escritos.” [10]

[Essa] citação é muito profunda porque, obviamente, esses países da Europa tinham um governo ordenado, suas próprias tradições. Um monarca absoluto, é claro, não é absoluto porque está sempre cercado, em primeiro lugar pela Igreja, depois pelos nobres e, por fim, pela vontade do povo; e nenhum monarca absoluto jamais foi apenas uma espécie de despota absoluto, exceto os déspotas revolucionários, que não têm nenhum

tipo de tradição para a eles. E, é claro, a constituição não é um pedaço de papel. É algo que surge da experiência de toda uma nação, baseada em grande parte na religião. Mais uma vez, ele diz: “Tudo, portanto, nos leva de volta à regra geral: o homem não pode criar uma constituição, e nenhuma constituição legítima pode ser escrita. [Ênfase no original] O conjunto de leis fundamentais que deve constituir uma sociedade civil ou religiosa nunca foi escrito e nunca será escrito. Isso só pode ser feito quando uma sociedade já está constituída; no entanto, é impossível detalhar ou explicar por escrito certos artigos específicos; mas quase sempre essas declarações são o efeito ou a causa de males muito grandes e sempre custam ao povo mais do que valem.” [11] Desse ponto de vista, ele é bastante sábio. Essas pessoas, que pensam que, de repente, vão estabelecer um governo totalmente novo no papel, sempre acabam criando um despotismo, tendo que revisar a constituição, finalmente abolindo-a, [e] estabelecendo algum tipo de novo monarca como Napoleão.

Mas vemos nesse De Maistre, que era o mais fanático antirrevolucionário, vemos algo muito interessante. Como ele era tão antirrevolucionário e, ao mesmo tempo, muito racional, chegou a novas conclusões que não faziam parte da filosofia europeia do passado. Ele percebeu que a revolução era um movimento muito forte e que era preciso algo muito forte para se opor a ela. E, portanto, tornou-se o defensor do Papa. E, de fato, ele disse: “Sem o Papa [Soberano Pontífice] não há [verdadeiro] cristianismo.” [12] Na verdade, ele afirmou: “O Papa, em si mesmo, é o cristianismo”, [13] como se o Papa, em si mesmo, representasse inteiramente o cristianismo.

Assim, sua posição de antitradicionalista, ao se sentir ameaçado pela revolução, o levou a um novo tipo de absolutismo racionalista — o absolutismo do Papa. De fato, ele foi uma das principais figuras cujas ideias se relacionaram com, e levaram à doutrina da infalibilidade papal, proclamada em 1870, o que é algo novo. Os católicos não tinham isso antes. Dizem que ela se desenvolveu a partir do passado. Foi somente então, contra a Revolução, que eles tiveram que proclamar algo novo: ou seja, que o próprio Papa é o único padrão visível, que irá protegê-lo da Revolução. É um livro bastante extenso. Tenho a edição francesa do livro sobre o Papa, de De Maistre.

Ele aborda todos os tipos — a Igreja Russa também está aqui. E ve-

remos o que ele disse sobre a Igreja Russa neste livro. Mas este é um dos principais livros didáticos do chamado “ultramontanismo”, ou seja, a infalibilidade absoluta do Papa. Mas é algo novo até mesmo na tradição católica como um padrão externo, absolutamente externo e claro, que você pode opor à a revolução, pois ele percebeu que a tradição está morrendo, a tradição católica está morrendo, e é preciso ter algum tipo de monarca absoluto para salvá-la. E isso é muito lógico. Veremos mais adiante o que Dostoiévski tem a dizer sobre isso.

Esse livro dele, sobre o Papa, foi concebido como uma resposta a outro livro que foi publicado naquela época, em 1816, pelo ministro russo Sturdza, S-T-U-R-D-Z-A, no qual ele publicou em francês, declarando, para grande desgosto de De Maistre, que a Igreja Romana era cismática e que somente a Igreja Ortodoxa era a verdadeira Igreja de Cristo. E ele ficou tão indignado com isso, porque, para ele, o catolicismo é a única coisa que se opõe à revolução. E esses russos, desse país bárbaro, ousam dizer que são a única Igreja. Na verdade, ele descreveu a Rússia como um país constantemente mergulhado na preguiça, que só acorda, se agita de vez em quando, para lançar algum tipo de blasfêmia contra o Papa. Ele achava que os povos ocidentais — na verdade, ele acusou os russos de terem perdido todo o desenvolvimento da civilização ocidental. E ele não percebe que todo esse desenvolvimento foi o que levou à Revolução, porque ele remonta isso apenas ao Renascimento. A Idade Média está bem; esse é o ponto alto, no que a ele diz respeito. E ele diz que a única grande coisa que falta na Rússia é a ideia do universalismo, que é representada pelo Papa. Veremos o que Dostoiévski diz — [uma] coisa muito profunda — sobre esse mesmo universalismo.

8.5 Nicolau I e a Tradição Antirrevolucionária Russa

Agora temos um assunto diferente, pois vamos discutir a questão do tradicionalismo e do antirrevolucionismo na Rússia. Começaremos primeiro com Nicolau I e, mais tarde, faremos alguns comentários mais gerais sobre essa tradição ant-revolucionária na Rússia.

Como disse na última aula, Nicolau I foi um monarca exemplar na pura tradição do absolutismo russo. Não há constituição, nem parla-

mento. O rei reina supremo, o czar reina supremamente. Ele estava familiarizado com a Revolução. Ele foi ver Owen, sua experiência. Ele estava muito interessado em melhorar a condição do povo. Nessa época, a Revolução Industrial estava começando a chegar, ainda que de forma modesta, à Rússia, mas muito mais no Ocidente. E ele estudou a Revolução cuidadosamente, bem como os atos de Luís XVI, e já tinha uma visão bastante consciente do que iria fazer.

Citaremos aqui algumas das afirmações deste livro de [Nicholas] Talberg, que foi professor em Jordanville. E agora que chegamos à Rússia, veremos algo diferente, pois esses pensadores ocidentais, todos eles estão na tradição católica ou mesmo na tradição anglicana, e são pensadores muito lúcidos. Eles compreendem a Revolução muito bem, mas ainda participam dessa atmosfera ocidental que é bastante racionalista. E lhes falta algum tipo de enraizamento mais profundo na tradição. E essas pessoas, até mesmo essa pessoa [Talberg], que faleceu há apenas alguns anos, dá para perceber, pelo que ele escreve, que ele próprio está profundamente enraizado na tradição ortodoxa. E, portanto, suas conclusões não são apenas conclusões de alguém que refletiu profundamente sobre o assunto, mas são conclusões de alguém que sente o que é a tradição da religião, a religião ortodoxa e a tradição política também.

A maior parte do que ele diz provém de citações de contemporâneos de Nicolau I, que, quando escreve, também dá para perceber que é profundamente conservador, não apenas em sua mente, mas em toda a sua vida; todo o seu coração é assim. E há muitos russos assim que restaram.

“Para o imperador Nicolau I”, escreve ele, “nas primeiras horas de seu reinado, começou seu ardor” (esforço) “para defender com coragem a Rússia contra aqueles terríveis infortúnios que a ameaçavam devido à imprudência criminosa dos chamados decembristas. Esse entusiasmo” — esforço — “do czar terminou trinta anos depois” (quando ele defendeu a Pátria — desta vez contra inimigos externos — que odiavam a Rússia) “na Guerra da Crimeia, quando ele morreu.” [14]

Ele era, acima de tudo, um homem de princípios e de dever. “O imperador Nicholas estava inteiramente imbuído da consciência do dever. Durante a guerra pela pátria”, ou seja, a invasão de Napoleão, “quando tinha dezesseis anos, ele estava terrivelmente ansioso para alistar-se no exército. ‘Tenho vergonha’, disse ele, ‘de me ver inútil, uma criatura inútil

na terra, nem mesmo apto a ter uma morte brava.” [15]

“Seis anos antes de subir ao trono, ele ficou terrivelmente angustiado a ponto de chorar quando o imperador “Alexandre”, seu irmão mais velho, “lhe contou sobre sua intenção de deixar o trono, o qual ele entregaria a Nicolau”, embora houvesse um irmão mais velho que Nicolau, Constantino, “como consequência do fato de que o czarevich Constantino não desejava reinar. Nicolau [Pavlovitch] escreveu mais tarde em seu diário”, o imperador, ““Essa conversa terminou, mas minha esposa e eu ficamos numa situação que pode ser comparada... ao sentimento que deve assaltar um homem que caminha tranquilamente por uma estrada agradável, repleta de flores por toda parte e da qual se avistam, por toda parte, as mais belas paisagens, quando, de repente, um abismo se abre diante de seus pés, para o qual uma força invencível o está empurrando, sem permitir que ele se desvie ou dê meia-volta [para trás].” I

Era assim que ele se sentia desde o início, sabendo que iria se tornar czar. E sentia que isso era um fardo terrível; ele não queria ser o czar. Você já percebe a diferença: os revolucionários lutaram apenas para derrotar todos os outros, de modo que pudessem ser os líderes; e aqui está esse governo baseado na autoridade hereditária — a pessoa que não quer o reino acaba recebendo-o e é obrigada a governar. Mas já vemos que há uma possibilidade muito melhor de um governo justo nessas condições.

Seu reino, seu reinado, começou com a rebelião dos decembristas, que haviam sido contagiados pelas ideias revolucionárias. “Foi assim que ele se dirigiu aos oficiais superiores da guarda reunidos por ele na manhã de 14 de dezembro, quando a rebelião já havia se tornado conhecida, e disse a eles: ‘Estou tranquilo, pois minha consciência está limpa. Vocês sabem, senhores, que eu não busquei a coroa. Reconheço que não tenho nem a experiência nem os talentos necessários para arcar com um fardo tão pesado, mas, visto que o Senhor me confiou isso, e como é também a vontade de meus irmãos e as leis fundamentais do país, por isso ousarei defendê-la, e ninguém no mundo será capaz de arrancá-la de mim. Eu reconheço minhas obrigações e serei capaz de cumpri-las. O imperador russo, em caso de infortúnio, deve morrer com a espada na mão. Mas, de qualquer forma, sem saber por que meios conseguiremos sair desta crise, nesse caso confiarei meu filho [a vocês].’” [16]

[Durante] essa rebelião dos Decembristas, que não foi um evento san-

grento como o que aconteceu na França — apenas um grupo de oficiais que começou a exigir uma constituição e foi facilmente dispersado graças à ousadia do czar — [ele] foi direto para o meio deles, à frente de suas tropas. Acredito que os cinco líderes foram enforcados e os demais foram enviados para o exílio. E quando lhe perguntaram se teria misericórdia deles, ele disse: “A lei determina a punição para eles, e eu não farei uso do direito de misericórdia que me pertence em relação a eles. Serei inabalável; sou obrigado a dar essa lição à Rússia e à Europa.” [17] Ao estudar história na juventude, ele se interessava especialmente pela Revolução Francesa. Naquela época, ele disse: “O rei Luís XVI não compreendeu suas obrigações e, por isso, foi punido. Ser misericordioso não significa ser fraco. O soberano não tem o direito de perdoar os inimigos do governo.” [18] E, em 1825, esses inimigos eram os decembristas. E assim o imperador os submeteu a punição. “Mas, ao mesmo tempo em que mantinha um rigor, o soberano revelou também grande preocupação em relação a esses rebeldes, o que estava ligado... às leis gerais relativas aos prisioneiros.” liv

Veremos agora que contraste existe aqui entre isso, [e] não apenas os revolucionários que simplesmente matam pessoas sem piedade, mas até mesmo os liberais.

“Com sua própria caligrafia, o imperador entregou ao comandante da prisão da Fortaleza de Pedro e Paulo... as seguintes palavras: ‘O prisioneiro Ryleyev deve ser colocado na Prisão de Alexeyevsky, mas suas mãos não devem ser amarradas. Deve-se fornecer-lhe papel para escrever, e tudo o que ele me escrever com sua própria mão deve ser-me entregue todos os dias. O prisioneiro Karhovsky deve ser tratado melhor do que os prisioneiros comuns. Deve-se dar-lhe chá e tudo o mais que ele desejar. Assumirei os custos da manutenção de Karhovsky com meus próprios recursos. Como Batenkov está doente e ferido, suas condições devem ser tornadas o mais confortáveis possível. Sergei Muraviev deve ser mantido em prisão rigorosa, de acordo com seu julgamento; ele está ferido e enfraquecido. Deve receber tudo o que precisar. Deve haver, todos os dias, um exame médico nele e seus ferimentos devem ser refazidos.” Em seguida, todos os detidos e prisioneiros receberam ordem do czar para que lhes fosse fornecida uma alimentação de melhor qualidade comida, tabaco, livros de conteúdo religioso, e um padre deveria ser autorizado a visitá-los para conversas espirituais. Não lhes seria proibido escrever para

seus parentes, é claro, mas apenas por meio do comandante”, ou seja, ele leria as cartas. “No dia 19 de dezembro, o Soberano enviou à esposa de” um desses revolucionários, “Ryleyev, dois mil rublos e uma carta [tranquilizadora] de seu marido. Ela escreveu a Ryleyev”, que é, seu marido, ““Meu amigo, não sei com que sentimentos [ou palavras] expressar a misericórdia indescritível de nosso monarca. Há três dias atrás, o imperador enviou sua carta e, logo em seguida, dois mil rublos. Ensine-me como agradecer ao pai de nossa pátria.” Depois que os culpados foram condenados, um ano depois, ele tornou a situação deles ainda mais fácil. O principal meio de sua misericórdia eram os decretos secretos. Ele confiou a execução desses decretos ao seu agente autorizado, o general Leparsky. “Vá com o comandante a Nerchinsk” — na Sérvia — “e alivie o fardo dos infelizes que lá se encontram”, disse-lhe ele. “Concedo-lhe plena autoridade nisso. Sei que você será capaz de conciliar o dever do serviço”, ou seja, o fato de serem prisioneiros, “com a compaixão cristã”. Leparsky cumpriu exatamente as instruções do Soberano e, com isso, conquistou o amor dos decembristas e suas esposas. E todas as boas ações que ele realizou [pelos] prisioneiros e suas esposas [eles] atribuíram ao seu próprio bom coração, sem compreender que ele estava apenas fazendo com grande alegria o que lhe havia sido ordenado pelo Soberano.” [19]

Vemos aqui um espírito de compaixão cristã que é totalmente estranho ao comunismo, ao socialismo, ao liberalismo e até mesmo a esses monarcas comuns do Ocidente.

Houve alguns incidentes na vida do czar Nicolau que revelam uma atitude diferente em relação a todo o processo de governar e à atitude do rei para com seus súditos. Em 1849, “durante o mês de maio, houve um desfile no qual 60 mil soldados participaram. Muitos espectadores estavam presentes. Quando, no momento da marcha cerimonial” — é claro que o czar estava ali, pronto para saudar os soldados — “o segundo batalhão da Legião Yegersky, da qual Lvov era o comandante, o soberano, com sua voz inimitável, que era bastante alta, ordenou: ‘Parada !’. Todo o regimento parou repentinamente. O Soberano, com um gesto da mão, interrompeu a música e chamou Lvov”, o comandante, “para fora das fileiras. Na presença de todos, ele voltou-se para ele e disse: ‘Lvov, por um infeliz equívoco, você sofreu injustamente e de forma totalmente inocente’”. Pois antes ele o havia acusado de participar justamente dessa conspiração

na qual Dostoiévski foi pego: essas pessoas que estudavam os escritos de Fourier e falavam sobre a derrubada do governo. E ele foi confundido com outra pessoa pelo Soberano. E ali, diante de sessenta mil soldados e muitos milhares de espectadores, ele pede desculpas. “Peço seu perdão diante dos soldados e do povo. Pelo amor de Deus, esqueça tudo o que aconteceu com você e me abrace.” Com essas palavras, inclinando-se de seu cavalo, o Soberano beijou Lvov três vezes com veemência. Depois de beijar a mão do imperador, Lvov, que ficou assim tão feliz, voltou ao seu lugar. A mando do Soberano, a marcha recomeçou. “Esse momento”, diz uma testemunha ocular, “para aqueles que o viram e ouviram a voz de seu Soberano, os sentimentos que encheram seus corações naquele momento não podem ser chamados de êxtase. Era algo além do êxtase. O sangue parou nas veias” [20] ao ver o soberano de toda a Rússia parar e pedir perdão a um simples oficial.

Mas vemos, em outra ocasião, o que aconteceu. Havia uma certa mulher cujo marido também estava preso em... [um] caso revolucionário de algum tipo. E ela o interrompeu em algum lugar onde ele observava várias instituições, e ele permitiu que ela se aproximasse e lhe apresentasse uma petição, e começou a lê-la. Havia ali um pedido de misericórdia para com o marido dela, que havia participado ativamente da rebelião polonesa que ocorrido recentemente e, por isso, fora enviado para a Sibéria. E, a propósito, eles eram enviados para a Sibéria em condições muito favoráveis. Eles tinham suas próprias casas, eram bem alimentados e tudo mais.

— O Soberano ouvia atentamente e a mulher soluçava. Tendo lido a petição, o soberano a devolveu ao peticionário e declarou com firmeza: ‘Não posso conceder nem o perdão nem mesmo uma redução da pena de seu marido.’ E ele gritou para o motorista seguir em frente. Quando este voltou, o Soberano retirou-se para seu gabinete. Imediatamente após seu retorno, foi necessário que “esse oficial”, Bibikov, fosse até o czar com um relatório. Havia uma porta dupla que dava acesso àquele escritório. Tendo aberto a primeira porta e com a intenção de passar pela segunda, Bibikov deu um passo para trás, em espanto indescritível. No pequeno corredor entre as duas portas, o Soberano estava de pé e tremia todo devido aos soluços abafados que saíam dele. Grandes lágrimas escorriam de seus olhos. “O que há de errado com o senhor, Vossa Majestade?”, murmurou Bibikov. “Oh, Bibikov”, disse ele, “se você soubesse como é

difícil [, como é terrível] ser ‘incapaz de perdoar’! Não posso perdoar esse homem agora, isso seria fraqueza, mas, depois de algum tempo, traga-me outro relatório sobre ele.” [21]

Vemos aqui a combinação de rigor absoluto, pois ele sabe que a fraqueza leva à derrubada do governo. E é exatamente disso que os revolucionários se alimentam: desse liberalismo que se insinua em seus governos e lhes permite dizer constantemente: ‘Bem, nós realmente acreditamos na mesma coisa que vocês — quase. Estamos trabalhando pelo mesmo objetivo, e vamos perdoá-los e tudo ficará bem.’” E, em vez disso, ele era muito rigoroso e, ao mesmo tempo, muito misericordioso. E quando as condições eram tais que essa fraqueza não causaria a tentação de as pessoas dizerem que ele era brando com os revolucionários — e, portanto, os revolucionários poderiam se fortalecer —, então ele era extremamente bondoso. E dá para ver que seu coração está cheio de compaixão por eles; mas seu senso de dever não lhe permitia fazer o que seria prejudicial para todo o povo.

Sua atitude em relação a todo o seu povo não é como no Ocidente, onde permitem que os representantes tenham [uma] relação totalmente fria com os súditos, com os cidadãos, ou mesmo como os reis ocidentais, que obviamente governam pessoas de todos os tipos de crenças diferentes, e não há nenhum tipo de cordialidade especial. Em alguns países ocidentais ainda existia — nas monarquias, talvez. Isso está se perdendo rapidamente.

Mas o reinado de Nicolau I “era algo muito parecido com uma família, muito patriarcal. E havia nele algo paternal em sua relação com seus súditos. Embora fosse muito severo e ameaçador para com os inimigos do reino, ele era, ao mesmo tempo, misericordioso e cheio de amor por seus bons e fiéis súditos. Em seus discursos ao povo e aos seus soldados, costumava se dirigir a eles como ‘meus filhos’.” [22] Certa vez, enquanto viajava, ele quis dirigir uma palavra especial a certas tropas. “Ele chegou às tendas onde elas estavam e ordenou: ‘Minhas tropas, meus filhos, venham até mim, todos exatamente como estavam vestidos’”. Essa ordem foi cumprida à risca: alguns em seus uniformes de gala, outros em sobretudo e outros apenas em roupa íntima. E muitos deles se alinharam ao redor do Soberano e do czarevich. “E onde está Conon Zabuga?”, perguntou o perguntou o czar. Tratava-se de um suboficial... que havia se

destacado recentemente. “Aqui estou, Vossa Majestade Imperial Majestade”, ressoou acima da cabeça do Soberano a voz alta de Zabuga, que, vestido apenas com roupa íntima, havia subido em uma árvore para ver melhor o czar. O Soberano ordenou que ele descesse. E quando ele quase caiu de cabeça no chão e se levantou na frente, o imperador o beijou na cabeça e disse: ‘Entregue isso a todos os seus companheiros pelo serviço corajoso que prestaram.’ O capitão do quartel-general, Philipson,... que foi testemunha ocular disso, disse: ‘Toda essa cena, tão sincera e espontânea, causou nas tropas uma impressão muito mais profunda do que qualquer tipo de discurso eloquente teria causado.’” [23]

É claro, sob o sistema antigo, isso era possível: que houvesse uma relação tão humana entre o rei e seus súditos. É claro que o principal aspecto de sua formação espiritual era sua fé ortodoxa. Aqui ele descreve em seu diário, o próprio diário do czar, o que fez no dia 14 de dezembro, quando se deparou com a rebelião dos decembristas. ““Ficando sozinho, perguntei a mim mesmo o que fazer e, fazendo o sinal da cruz, entreguei-me nas mãos de Deus e decidi ir pessoalmente para onde o perigo fosse maior.’ E ele admitiu mais tarde que, naquele momento, além dessa decisão, não tinha nenhum plano definido de ação, a não ser confiar em Deus.” [24]

Em outra ocasião, ele estava viajando e caiu do cavalo, fraturando o ombro, e ficou com apenas um de seus ordenanças. E foi isso que ele disse ao ordenança. “Sinto que quebrei o ombro. Isso é bom; significa que Deus está me acordando. Não se deve fazer nenhum tipo de plano sem pedir a ajuda Dele primeiro.” [25] O fato de um rei pensar assim, é claro, mostra que ele coloca — ele é o governante absoluto, teoricamente, mas acima dele está Deus.

Quanto ao seu herdeiro, Alexandre, que se tornou Alexandre II, ele diz: “-“Estávamos falando [também] sobre Shasha”, Alexandre, “e ambos achávamos que ele estava demonstrando grande fraqueza em seu caráter e se deixava levar facilmente por distrações. Tenho esperança o tempo todo de que isso passe à medida que ele cresça, para que, como os fundamentos de seu caráter são tão bons, possamos esperar muito dele. Mas sem isso”, a força de caráter, “ele fracassará; pois seu trabalho”, como imperador, “não será mais fácil do que o meu. E o que é que me salva? É claro que não são meus talentos. Sou um homem simples, mas minha esperança em Deus e minha firme vontade de agir — isso é tudo o que

tenho.” [26]

E quando ele estava comemorando o 25º aniversário de seu reinado, e as pessoas o cercavam e lhe davam glória, sua filha aproximou-se dele e disse: ““Você não está feliz agora, papai? Você não está satisfeito consigo mesmo?” E ele disse: “Com mim mesmo?” E, apontando a mão para o céu, disse: “Sou apenas uma lasca de madeira.” [27] Ou seja, exatamente essa coisa que nós, americanos, temos com tanta intensidade — a satisfação com nós mesmos —, o próprio czar nem mesmo a possuía. Ele está tão consciente de que está servindo a algo mais.

Tenho aqui os comentários de um certo escritor espanhol da década de 1850 escrevendo sobre o czar Nicolau, um tal de Vidal. “Em geral”, diz ele, “a questão oriental”, com a qual os diplomatas ocidentais estavam tão ocupados na época, a questão da Turquia, “não é de se estranhar que essa questão não possa ser resolvida por aqueles que tão frequentemente se deixam cegar pelas teorias desordenadas de nossos chamados representantes do governo. Mas se olharmos com alguma atenção e imparcialidade para o caráter da diplomacia russa, veremos imediatamente um enorme contraste que sempre esteve presente, por um lado, na competência do governo de Moscou e, por outro, nos paradoxos dos nossos próprios governantes.

“Intrigas e dinheiro são os fatores que, mais do que qualquer outra coisa, afetam nossos próprios governos.” [28] E sabemos que, naquela época, todos os ingleses, franceses — todos estavam tão cheios de agentes enviados, de subornos e tudo mais, pensando apenas em seus interesses nacionais mesquinhos e violando tratados como senão fossem nada, contando que houvesse uma chance de se safar. ““Porque vemos em todos os lugares e sempre tais nulos completos, com poucas exceções, nos altos cargos da administração, à frente dos exércitos, no comando do corpo diplomático e até mesmo nos cargos de professores de nossas universidades. O governo russo não segue esse exemplo tão ruim. Eles utilizam a seu serviço todas as melhores pessoas, sem dar atenção às” ““[suas] opiniões políticas, suas origens” e assim por diante. “Em suma, o governo russo sempre seguiu, nesse caso, a política mais liberal, da qual nossos representantes nada sabem...

“Depois de ter lutado contra o Islã por tantos séculos, a Europa cristã recorre a ele em busca de ajuda e o colocou sob sua proteção quando

ele estava prestes a desmoronar e, sob o pretexto de erguer uma barreira contra o despotismo, está afiando sua espada para a defesa de outro despotismo.” [29]

Isso se refere, é claro, ao fato de que, considerando que o czar se encontra nesse grande perigo, eles estão apenas tentando expandir; as potências ocidentais estão constantemente apoiando a Turquia. E [chegou a] acontecer que, durante a Guerra da Crimeia, o czar foi benevolente, ele fez isso apenas em prol dos povos ortodoxos dos Balcãs e da Grécia. E ele sabia que os ingleses e franceses tomariam o partido dos turcos apenas para se opor a ele. E ele contava com seu, acho que era seu primo, o imperador da Áustria e da Alemanha. E eles garantiram que estariam ao seu lado. Mas acharam que era diplomaticamente melhor ficar do outro lado, porque o equilíbrio ficava melhor assim, e, portanto, quebraram suas promessas. E ele escreveu ao imperador da Áustria e disse: “Não me diga que você também vai lutar sob o símbolo da meia-lua turca. Já basta que esses bárbaros, os ingleses e os franceses, façam isso, mas você, meu próprio primo, você deveria estar defendendo a monarquia.” [30] E isso o magoava muito quando alguém lhe fazia uma promessa — seu colega monarca lhe fazia uma promessa — e não a cumpria por uma questão de política. E ele sempre foi fiel às suas promessas.

Este escritor espanhol continua: “— Um espírito de preconceito obriga nossos jornalistas a falar do imperador Nicolau como se fosse um déspota, apaixonado por sua própria honra, que, por seus caprichos pessoais e seu orgulho desenfreado, estaria supostamente oferecendo o sangue de seu próprio povo como sacrifício, e também estaria sacrificando o equilíbrio de poder na Europa e o bem-estar de todo o mundo. Mas, na verdade, não há hoje muitos soberanos que sejam realmente dignos de elogios, tanto por seus dons quanto por suas virtudes pessoais e públicas. O imperador Nicolau era um homem dedicado, um pai gentil e atencioso, um amigo fiel e monarca, que, com todo o seu poder, se preocupava com a felicidade de seus súditos. Todas as suas filhas e netos viviam em sua corte, com exceção da grã-duquesa Olga.... O povo abençoava seu nome e é preciso reconhecer que toda a Europa lhe é grata pela preservação da ordem, que agora está sendo ameaçada pela insensatez e arrogância desse feroz imperador Napoleão III.” [31]

Isso é interessante como um testemunho vindo de fora da Rússia. É

claro que, dentro da Rússia, ele era muito amado por todos, exceto pelos revolucionários. Agora, vamos examinar como alguém como ele morreu. Tenho um relato completo de seus últimos dias. O médico que o atendeu disse o seguinte: “Desde o momento em que comecei minha prática médica, nunca vi uma morte como esta morte. Eu nem sequer considerava possível que a consciência do dever cumprido com precisão, aliada a uma firmeza inabalável de vontade, pudesse tal ponto fosse dominante, mesmo no momento fatal em que a alma se liberta de seu invólucro terreno, a fim de alcançar o repouso e a felicidade eternos. Repito: eu teria considerado isso impossível se não tivesse tido a infelicidade de viver para ver a morte desse homem.”

“A imperatriz Alexandra Feodorovna ofereceu ao czar”, enquanto ele agonizava, “que ele recebesse a Sagrada Comunhão. Ele ficou incomodado por ter que receber os Santos Dons deitado e sem estar totalmente vestido. Seu confessor, o protopresbítero Vasilli Vazhanoff, disse que, em sua vida, havia instruído muitas pessoas pobres enquanto morriam, mas nunca havia visto alguém com uma fé como a do imperador Nicolau I, que triunfou sobre a morte que se aproximava. Outra testemunha ocular das últimas horas da vida do soberano expressou a opinião de que se um ateu tivesse sido trazido ao quarto do czar naquele momento, ele teria se tornado um crente. Após a comunhão, o soberano pronunciou as palavras: “Ó Senhor, aceita-me em paz”. A imperatriz recitou o “Pai Nosso”. Após a pronúncia das palavras favoritas do imperador, “Seja feita a Tua vontade”, ele disse: “Sempre, sempre”. Várias vezes ele repetiu então a oração: “Agora deixas que Teu servo parta em paz, ó Mestre, segundo a Tua palavra”.

“Em seguida, o soberano deu todas as instruções necessárias relativas ao seu sepultamento. Exigiu que houvesse o mínimo possível de despesas com o funeral. Proibiu que o salão fosse enfeitado de preto onde seu corpo seria colocado”, pois isso não estava de acordo com o costume ortodoxo. “Pedi que fosse colocado no caixão, junto com ele, o ícone da Mãe de Deus Hodigitrea, [com] o qual, em seu batismo, a Imperatriz Catarina o havia abençoado”, ou seja, sua avó Catarina II. “Ele abençoou seus filhos e aqueles que estavam ausentes; abençoou à distância. A Grã-Duquesa Olga Nicoláovna, a quem ele tanto amava, sentiu sua bênção paterna em sua residência em Stuttgart. Ele chamou seus amigos mais

próximos. Ao herdeiro do trono, recomendou especialmente o conde Alderburg, dizendo: ‘Este conselheiro tem sido um amigo íntimo meu há quarenta anos’. A respeito do conde Orloff, ele disse: ‘Você mesmo sabe tudo o que precisa ser feito. Não preciso recomendar nada a você.’ Ele expressou sua profunda gratidão à camareira favorita da Imperatriz, a senhora Rorburg, por seus cuidados com a Imperatriz durante sua recente doença, que ele compartilhou com ela. E, ao se despedir dela, disse: “Mande um abraço ao meu querido Peterhof por mim...”

“Todos os relatórios que chegavam do exército ele ordenou que fossem entregues ao czarevich. Em seguida, pediu que o deixassem sozinho por um tempo. “Agora”, disse ele, “preciso ficar sozinho para me preparar para o momento final. Chamarei vocês quando chegar a hora”, disse ele.

“Mais tarde, o imperador chamou alguns dos granadeiros, despediu-se deles, pedindo que transmitissem sua última saudação àqueles que não estavam presentes. Ele pediu ao czarevich que transmitisse suas saudações também aos guardas, ao exército e, especialmente, àqueles que vinham defendendo Sebastopol”, pois ele estava morrendo justamente no momento em que a Rússia perdia a Guerra da Crimeia. “Diga a eles que continuarei a rezar por eles no outro mundo.” Ele ordenou que telegramas finais fossem enviados a Sebastopol e a Moscou com estas palavras: “O Imperador está morrendo e se despede de Moscou”. Às 8h20, seu confessor, o padre Boris, começou a ler a oração da partida da alma do corpo. O Soberano ouvia atentamente [as palavras] dessas orações, fazendo o sinal da cruz sobre si mesmo [de vez em quando]. Quando o padre o abençoou e lhe entregou a cruz para beijar, o Soberano moribundo disse: “Acho que nunca fiz o mal na minha vida conscientemente.”

Observe como Francisco diz: “Não reconheço nenhum pecado em mim mesmo”; e ele diz: “Acho que nunca cometi o mal conscientemente”, ou seja, ele confessou todos os seus pecados e percebe que está cheio de pecados, mas acredita que, na verdade, nunca cometeu o mal conscientemente.

“Ele segurou a mão da Imperatriz na sua e a do czarevich também, e quando já não conseguia mais falar, despediu-se deles com um olhar. Às dez horas, o soberano perdeu a capacidade de falar. Mas antes de adormecer, começou a falar novamente. Ele ordenou ao czarevich que levantasse

uma das princesas de joelhos, pois isso fazia mal à saúde dela. Algumas de suas últimas palavras, dirigidas ao czarevich, foram: “Segure-se em tudo, segure-se em tudo”, acompanhando isso com um gesto decisivo. Então começou a agonia e a liturgia chegou ao fim na igreja do palácio.

“A respiração ofegante antes de sua morte”, escreveu Tyucheva, ficava cada vez mais forte. Sua respiração tornava-se cada vez mais difícil e esporádica. Por fim, convulsões percorreram seu rosto e sua cabeça foi jogada para trás. Pensaram que fosse o fim e já aqueles que o cercavam soltaram um grito de desespero. Mas o Imperador abriu os olhos, ergueu-os para o céu, sorriu e então tudo acabou. Ao testemunhar essa morte, tão firme e tão piedosa, não se pode deixar de pensar que o imperador já a havia previsto há muito tempo e se havia preparado para ela.” [32]

O arcebispo Nicanor de Cherson, a respeito da morte do imperador, disse: “Sua morte foi a imagem da morte de um cristão, pois era um homem arrependido, em pleno uso de suas faculdades e de uma masculinidade inabalável.” [33]

Em seu testamento, ele escreveu: “‘Moro com o coração agradecido por todas as coisas boas com as quais Deus se agradou em me recompensar neste mundo que passa, com amor ardente por nossa gloriosa Rússia, à qual servi até o fim, da melhor maneira que pude, com fé e retidão. Lamento não ter podido fazer as coisas boas que tanto desejava sinceramente. Meu filho assumirá meu lugar. Suplicarei a Deus que Ele o abençoe para essa tarefa tão difícil na qual ele agora se lança, e que lhe conceda consolidar a Rússia sobre o firme alicerce do temor a Deus. Ó, concede a ela”, isto é, à Rússia, “que ela alcance sua boa ordem interior e ele afastará todo perigo vindo de fora. Em Ti, ó Senhor, eu tenho esperado; não me deixes envergonhar-me para sempre.” [34]

Mais uma vez, ele diz em seu testamento ao czarevich: “Cumpra rigorosamente tudo o que nossa Igreja prescreve. Você é jovem e inexperiente, e está naquela idade em que as paixões se desenvolvem, mas lembre-se sempre de que deve ser um exemplo de piedade e comporte-se de tal maneira que, por meio de sua vida, possa servir como um exemplo vivo” para o povo. “Seja misericordioso e acessível a todos os infelizes, mas não gaste dinheiro além do tesouro.” Muito piedoso. “Despreze todo tipo de calúnias e boatos, mas tenha receio de ir contra sua consciência. Que o Deus Todo-Misericordioso o abençoe. Coloque toda a sua esperança

[somente] Nele. Ele não o abandonará enquanto você se voltar constantemente para Ele.” [35]

Czar Nicolau,...

Czar ortodoxo, antirrevolucionário 200.

““Ele compreendeu fielmente e definiu com precisão a origem trina de nossa existência histórica: ortodoxia, autocracia e nacionalidade. Ele a conduziu de forma rigorosa e consistente em sua política pessoal — não apenas interna, mas também externa. Ele acreditava na Santa Rússia, em sua vocação no mundo, trabalhou para seu benefício e permaneceu incansável na defesa de sua honra e dignidade.” — o historiador S. S. Tatischev.

“T. I. Tyutchev, em suas anotações, ‘Rússia e Revolução’, escreveu: ‘Nesta ocasião, permitam-me fazer a seguinte observação: De que maneira poderia ter acontecido que, entre todos os soberanos da Europa, e igualmente entre as figuras políticas que a guiaram nos últimos tempos, apenas um pudesse ser encontrado que, desde o próprio início, reconheceu e proclamou a grande ilusão de 1830 e que, a partir daquele momento, sozinho na Europa, e talvez sozinho entre todos aqueles ao seu redor, se recusou constantemente a ceder a ela. Naquela época (1848), felizmente, havia um soberano no trono russo em quem se encarnava ‘a ideia russa’, e na atual situação mundial era apenas “a ideia russa” que se distinguia tão claramente do ambiente revolucionário e que era capaz de avaliar os fatos que se manifestavam nele. Se Nicolau tivesse morrido em 1850, ele não teria vivido até a desastrosa guerra contra a França e a Inglaterra, que encurtou sua vida e lançou uma sombra sombria sobre seu reinado. Mas essa sombra existe apenas para os contemporâneos. À luz da história imparcial, ela desaparece, e Nicolau ocupa um lugar entre os mais célebres e valentes reis da história.”’ (Russ. Arch. 1873)

Ajudou a Áustria sem receber recompensa 201,

“Em seus Pensamentos e Memórias, o príncipe Otto Bismarck diz: “Na história dos Estados europeus, mal se encontra outro exemplo de um monarca de uma grande potência demonstrando favor a um Estado vizinho como aquele que o imperador Nicolau demonstrou à Áustria. Vendo a situação perigosa em que ela se encontrava em 1849, ele veio em seu auxílio com 150 mil soldados, reforçou Hungria, restabeleceu o poder do rei retirou suas tropas, sem exigir da Áustria, por isso, qualquer

tipo de concessão, qualquer tipo de compensação, e sem sequer abordar as questões controversas do Leste ou da Polônia.

“Na Hungria e em Olmutz(?), o imperador Nicolau agiu com a convicção de que ele, como representante do princípio monarquista, estava chamado pelo destino a declarar guerra à revolução, que se aproximava do Ocidente. Ele era um idealista e permaneceu fiel a si mesmo em todos os momentos históricos.”[36]

idealista 202.

“O famoso general A. O. Dyugamel escreveu: ‘O trono ainda nunca havia sido ocupado por um cavaleiro mais nobre, por um homem mais honrado. Ele nunca consentiu com qualquer vestígio da revolução, e até mesmo o liberalismo despertava sua desconfiança. Em sua condição de autocrata de toda a Rússia, o imperador Nicolau chegou cedo à convicção de que não havia outra salvação para o Império a não ser uma união com princípios conservadores e, ao longo de seu reinado de trinta anos, nunca se desviou de seu caminho pré-determinado.’”[37]

Reconhecido por Louis Phil. 203.

“A confirmação do que foi dito pode ser encontrada na relação do soberano com a Revolução de Julho de 1830 na França e com a tomada do trono pelo rei Luís Filipe de Orléans, em violação aos direitos legítimos do neto do rei Carlos X. Por muito tempo, o Imperador se recusou a reconhecê-lo, apesar dos argumentos do embaixador na França, o conde Pozzo-Di-Bobro. Por fim, aos argumentos deste último somaram-se os do Ministro do Interior, Conde Nesselrode, que apresentou ao czar um relatório a esse respeito. Nele, o soberano inscreveu a seguinte resolução: “Não sei o que é mais preferível — uma república ou uma chamada monarquia.” Em seguida, acrescentou: “Rendo-me aos seus argumentos, mas invoco o Céu como testemunha de que isso vai contra minha consciência e sempre irá, e que este é o esforço mais doloroso que já fiz.””[38]

b. Gogol: Andreyev 135, 6, 7 (158-9?)

“‘Estamos na posse de um tesouro que não pode ser avaliado’ — assim ele caracteriza a Igreja, e continua: “Esta Igreja que, como uma virgem casta, é a única que se preservou desde o tempo dos Apóstolos em sua inocente pureza original; esta Igreja que, com seus profundos dogmas e seus rituais externos mais minuciosos, foi, por assim dizer, trazida do Céu para o povo russo” que, por si só, tem o poder de resolver todas as complexida-

des de nossas perplexidades e dúvidas. E essa Igreja, que foi criada para a vida, nós, mesmo até hoje, ainda não a incorporamos à nossa vida.”[39]

“Gogol declarou em voz alta e com convicção que a Verdade está na Ortodoxia e na autocracia ortodoxa russa; que o histórico “ser ou não ser” é resolvido pela cultura ortodoxa russa, e que o destino imediato do mundo inteiro depende de sua preservação. O mundo está à beira da morte e estamos entrando no período pré-apocalíptico da história mundial.”[40]

“Indignado pelo fato de Gogol ter ousado ver a salvação da Rússia em atividades religioso-místicas e interiores, em podvigs ascéticos e na oração; e de que, portanto, considerasse a obra da pregação superior a todas as outras obras — — Belinski, a esse respeito, escreveu em sua carta: “A Rússia não vê a salvação nem no misticismo, nem no ascetismo, nem no pietismo, mas no sucesso da civilização, do iluminismo e da humanidade. Ela não precisa nem de sermões (já ouviu o suficiente deles) nem de orações (já se cansou de suas repetições intermináveis), mas do despertar, em seu povo, de um senso de dignidade humana.”[41]

C. Alexandre III:

a. Seu tutor, Pobedonostsev — proporcionou-lhe uma educação ortodoxa e antirrevolucionária, familiarizou-o com o passado (?) da Revolução — Rachinsky (desenvolveu escolas paroquiais), Dostoiévski, Melnikov e Pechersky.

b. Vozes que o chamavam para um caminho antiliberal [Talberg] p. 229.

De uma carta de Pobedonostsev a Alexandre, de 6 de março de 1881, cinco dias após o assassinato do czar Alexandre II: ““Estou decidido a escrever novamente, porque a situação está terrível e não há tempo a perder. Se eles lhe cantarem a velha canção das sereias, dizendo que você precisa manter a calma, que precisa continuar na direção liberal, que precisa ceder à chamada opinião pública — — Oh, pelo amor de Deus, não acredite neles, Vossa Majestade; não dê ouvidos. Isso seria a ruína — a ruína da Rússia e a sua. Isso está tão claro quanto o dia para mim. Sua segurança não seria protegida por isso, mas seria ainda mais comprometida. Os vilões insanos que mataram seu pai não ficarão satisfeitos com nenhuma concessão e só se tornarão ainda mais violentos. E isso pode ser reprimido — a semente do mal pode ser arrancada — somente lutando contra

ela até a morte, com ferro e sangue. Vencer não é difícil — até agora todos desejaram fugir da luta e enganaram o falecido Soberano, a si mesmos e a todos e tudo no mundo, porque não eram pessoas de razão, poder e coragem, mas eunucos eunucos e charlatões. Não, Vossa Majestade — o único caminho seguro e direto é levantar-se e iniciar, sem cochilar nem por um momento, uma luta santíssima, como só houve na Rússia. A nação inteira aguarda essa decisão autoritária e, assim que perceberem a vontade soberana, todos se levantarão, todos serão revividos e recuperarão sua cor saudável ao ar livre.”

“Naquele dia, ele recebeu uma nota do Soberano: “Agradeço-lhe do fundo da alma por sua carta sincera, com a qual concordo plenamente. Passe aqui para me ver amanhã às 3 horas e ficarei feliz em conversar com você. Toda a minha esperança está em Deus.

““A.””[42]

[Isso não está incluído no esboço, mas a última metade está marcada pelo Pe. Seraphim em sua cópia do livro de Talberg, e uma frase está até mesmo sublinhada. Isso é trecho de uma carta de Pobedonostsev publicada em uma revista chamada Arquivo Russo.]

““Loris-Melikov tinha a intenção de fazer à Rússia o “favor” de lhe conceder uma constituição ou de dar início a isso ao convocar deputados de toda a Rússia.” A esse respeito, uma reunião ocorreu em fevereiro com o imperador Alexandre II. “Em 2 de março, o Conselho de Ministros foi designado para se apresentar perante o presença do Soberano para uma decisão final, mas, entretanto, Loris- Melikov já havia preparado a publicação triunfal do documento, que deveria ter sido veiculada no “Government Herald” no dia 5. E, de repente, a catástrofe. A partir de 2 de março, as revistas começaram, em conexão com o regicídio, a exigir uma constituição. Loris-Melikov enviou um pedido para que mantivessem silêncio, mesmo que fosse apenas por quinze dias. E então nos reuniram no Conselho de Ministros com o Soberano no domingo, às 14h. Convidaram a mim, o idoso S. G. Stroganov e os grão-duques. O Soberano, após declarar qual era o assunto, acrescentou que isso não havia sido decidido pelo falecido e que estava em dúvida, e pediu a todos que falassem sem constrangimento. Loris-Melikov começou a ler o protocolo e o rascunho da declaração já preparado em nome do novo Soberano, no qual ele considerava, por assim dizer, seu dever sagrado cumprir o testamento

de seu pai. E imagine só — eles tiveram a descarada ousadia de deixar nessa declaração exatamente os mesmos motivos que haviam sido incluídos na anterior: que a ordem pública havia sido restabelecida em todos os lugares, que a revolta havia sido reprimida, os exilados haviam retornado e assim por diante. Não há tempo para descrever tudo isso em detalhes. O primeiro a se manifestar contra foi Stroganov, de forma breve, mas enérgica. Em seguida, Valuyev, Baza e Milyutin proferiram discursos bombásticos sobre como toda a Rússia aguarda essa bênção. Milyutin, nesse momento, cometeu um lapsus, referindo-se ao povo como massas irracionais. Valuyev, em vez da palavra “povo”, usou a palavra “povos”. Em seguida, falaram ainda Nabokov, Saburov e os demais. Apenas Posyet e Makov se manifestaram contra. Mas quando eles se voltaram para mim, não consegui mais conter as ondas da minha indignação. Depois de explicar toda a falsidade da instituição, eu disse que a vergonha e a desgraça cobriam meu rosto ao pensar em que momento estávamos discutindo isso, enquanto o corpo do nosso Soberano ainda jazia sem ser enterrado. E quem era o culpado por isso? Seu sangue estava sobre nós e sobre nossos filhos. Éramos todos culpados por sua morte. O que havíamos feito durante todo esse tempo e durante seu reinado? Conversamos e conversamos, ouvimos a nós mesmos e uns aos outros, e tudo naquela instituição se transformou, em nossas mãos, em uma mentira, e a liberdade concedida por ele havia se tornado falsa. E nos últimos anos, em anos de explosões e minas, o que havíamos feito para protegê-lo? Conversamos — e nada mais. Todos os nossos sentidos deveriam ter se concentrado no medo de que ele pudesse ser assassinado, mas permitimos que entrassem em nossas almas tantos medos vis e desprezíveis e começamos a tremer diante da opinião pública, ou seja, das opiniões de jornalistas desdenhosos, e do que a Europa diria. E sabemos disso pelas revistas.

““Você pode imaginar com que estrondo minhas palavras caíram. Aqueles ao meu lado, Baz e Loris-Melikov, mal conseguiam conter sua fúria contra mim.” Baz respondeu de forma bastante incisiva: “Pelo que o procurador-geral do Sínodo disse, deduz-se que tudo o que foi feito no reinado anterior não serviu para absolutamente nada — a emancipação dos servos e o resto — e que a única coisa que nos resta fazer depois disso é solicitar nossa demissão.” O Soberano, que, ao ouvir minhas palavras “Seu sangue está sobre nós”, me interrompeu com a exclamação: “Isso é verdade”,

apoiou-me, dizendo que, de fato, todos eram culpados e que ele não se excluía disso. Conversamos um pouco mais. Ouviram-se palavras como-ventes, de que algo deveria ser feito, mas esse “algo” referia-se à instituição (constituição).”[43]

c. A maioria dos ministros era a favor do “liberalismo”, das reformas no governo, mas Pobedonostsev e outros eram a favor da autocracia. Alex, decidido a ir contra o espírito da época, a não se entregar a “fantasias irrealizáveis e ao liberalismo sórdido”. Contra a Constituição — por quê? Nacionalismo; a Rússia já possuía uma constituição na Ortodoxia, instituição antiga e vínculo de confiança entre o czar e o povo.

d. Pobedonostsev se opõe ao liberalismo e ao constitucionalismo; o czar, entristecido, 232. Os distúrbios desapareceram — mas um peso enorme recaiu sobre o czar, 233.

“-Em 29 de abril de 1881, a palavra decisiva do czar ressoou em um manifesto, no qual se dizia: ‘A voz de Deus nos ordena que nos dediquemos vigorosamente à questão da governação, confiando na Divina Providência, com fé no poder e na verdade do governo autocrático, que somos chamados a defender e preservar de qualquer usurpação, para o bem do povo.

““Que os corações de nossos fiéis súditos — de todos aqueles que amam a pátria e são dedicados à autoridade real, herdada de geração em geração — que foram tomados por ansiedade e terror — sejam encorajados. Sob sua proteção, e em união indissolúvel com ela, nossa terra mais de uma vez sobreviveu a grandes conflitos e alcançou um estado de poder e glória em meio a provações dolorosas e infortúnios, com fé em Deus, que determina seu destino. Dedicando-nos ao nosso grande serviço, convocamos todos os nossos fiéis súditos a servir a nós e ao Estado com fé e retidão, para erradicar as revoltas que desonraram a Terra Russa, para a confirmação da fé e da moralidade, para a boa educação das crianças, na aniquilação da falsidade e do roubo, no estabelecimento da verdade nas atividades das instituições concedidas à Rússia por seu benfeitor, nosso amado pai.

“E aqui a escuridão da sedição, atravessada pela luz, brilhante como um relâmpago, das palavras do czar, começou rapidamente a se dissipar” — escreve Nazarevsky. “A revolta, que parecia invencível, derreteu como cera diante do fogo, desapareceu como fumaça sob as asas do vento. A se-

dição na mente das pessoas começou rapidamente a ser substituída pela sensibilidade russa; a dissoluta e a obstinação deram lugar à ordem e à disciplina. O livre-pensamento não mais pisoteava a Ortodoxia como uma espécie de ultramontanismo, nem nossa querida Igreja como o clericalismo. A autoridade do indiscutível e hereditário Supremo voltou a erguer-se em sua altura histórica e tradicional.”

“Mas não foi fácil para o Autocrata suportar esse difícil jugo em benefício da Rússia. Em 31 de dezembro de 1881, em uma carta de resposta a Pobedonostsev, o Soberano escreveu: “Agradeço-lhe, muito gracioso Constantino Petrovich, pela sua gentil carta e por todos os seus desejos. Um ano terrível e assustador está chegando ao fim; um novo está começando, e o que nos espera adiante? É tão terrivelmente difícil às vezes que, se não fosse pela minha fé em Deus e em Sua misericórdia, é claro, eu não teria outra escolha a não ser dar um tiro na minha cabeça. Mas não sou covarde, e o mais importante é que tenho fé em Deus e acredito que chegarão, por fim, dias felizes para nossa querida Rússia. Muitas vezes, muitas vezes me lembro das palavras do Santo Evangelho: Não se turbe o vosso coração; crede em Deus e crede em Mim. Essas palavras poderosas têm um efeito salutar sobre mim. Com plena esperança na misericórdia de Deus, encerro esta carta: “Seja feita a tua vontade, ó Senhor.””[44]

São João de Kronstadt em seu leito de morte.

Falecimento do czar Alexandre III

“Uma descrição de seus últimos dias é fornecida por Nazarevsky, que conseguiu receber a devida notificação. “No dia 5 de outubro, um boletim cuidadosamente redigido por Zakharyn e pelo professor Leiden (que havia sido chamado de volta de Berlim), sobre a grave doença do soberano, fez não apenas toda a Rússia, mas até mesmo o mundo inteiro estremecer. Todos, temendo pela vida do imperador, que havia conquistado uma influência poderosa em absolutamente todos os lugares, começaram a rezar por sua recuperação. Ficou claro para todos, e para o próprio doente, que o fim se aproximava. O ânimo otimista e a calma viril do czar doente eram impressionantes. Apesar de sua fraqueza, insônia e palpitações cardíacas, ele ainda não desejava deitar-se na cama e se esforçava para continuar ocupando-se com assuntos de Estado, dos quais os últimos eram relatórios escritos sobre assuntos do Extremo Oriente, e da Coreia em particular.

“Em 9 de outubro, o doente disse ao seu confessor com certeza que sentia a proximidade da morte e, com grande alegria, ouviu sua sugestão de que recebesse os Santos Mistérios. Ele lamentava apenas uma coisa — não poder, como antes, como é costume durante a Grande Quaresma, preparar-se para este grande Sacramento. Em sua confissão, que ocorreu logo em seguida, o Soberano ajoelhou-se e fez prostrações completas como um homem saudável. Mas, para a Comunhão, ele já não era mais capaz de se levantar sozinho. Foi levantado pela Imperatriz e por seu confessor. Com profunda reverência, o Soberano comungou do Corpo e Sangue de Cristo.

“Na manhã seguinte, dia 10 de outubro, o Soberano recebeu com alegria e sinceridade o padre João de Kronstadt, que havia chegado a Livádia; e, à noite, ele se encontrou com o noivo de sua primogênita, a princesa Alix de Hesse, que havia se apressado em vir para a Crimeia.

“Ao cumprimentar o respeitado pastor, o Soberano, com a mansidão que o distinguia, disse: “Eu mesmo não me atrevi a convidá-lo a fazer uma viagem tão longa, mas quando a Grande duquesa Alexandra Iosifovna sugeriu que eu o convidasse para Livádia, concordei com prazer, e agradeço por ter vindo. Imploro que reze por mim — não estou me sentindo nada bem.” Como o padre João relatou: “Então ele foi para a outra sala e me pediu para rezar junto com ele. Ele se ajoelhou, e eu comeci a recitar as orações. Sua Majestade rezava com profunda emoção; sua cabeça estava inclinada e ele estava absorto em si mesmo. Quando terminei, ele se levantou e me pediu para rezar com ele no futuro.”

“À noite, para conhecer a noiva de seu filho, ele deu ordem para que lhe trouxessem seu fraque, vestiu-o e, apesar do inchaço nos pés, foi ao encontro dela. Ele expressou seus sentimentos paternos a ela, aceitando-a como uma filha querida, próxima ao seu coração.

“A emoção daquele dia evidentemente teve um efeito positivo sobre ele, e ele começou a se sentir melhor. Isso continuou até 18 de outubro. Isso acendeu a esperança nas pessoas ao seu redor de que o Soberano se recuperasse.

“Em um dia memorável, 17 de outubro, o padre João de Kronstadt administrou ao Soberano os Santos Mistérios pela segunda vez. Após a Liturgia, ele foi até o doente com o Santo Cálice nas mãos. O czar, com firmeza, clareza e profundo sentimento, repetiu as palavras do pa-

dre: Creio, ó Senhor, e confesso que Tu és verdadeiramente o Cristo e, reverentemente, recebeu a Comunhão do Cálice. Lágrimas de contrição escorreram sobre seu peito. Ele sentiu novamente uma onda de energia, e o Soberano estava prestes a retomar seus afazeres e até mesmo a trabalhar à noite. Mas seu estado piorou e um processo inflamatório nos pulmões veio à tona, acompanhado de expectoração de sangue. O moribundo lutou corajosamente contra sua enfermidade e demonstrou o poder de sua vontade. No dia 18, um mensageiro foi enviado a São Petersburgo pela última vez com assuntos a resolver. No dia seguinte, mais uma vez, ele se esforçou para trabalhar em vários relatórios e escreveu pela última vez: “Em Livádia. Leia.” Mas esse já era seu último dia de serviço à Rússia — o grande trabalhador da terra russa ficou gravemente enfraquecido e agora aguardava sua iminente passagem para o outro mundo.

““O Soberano passou a noite sem dormir, aguardando ansiosamente o amanhecer e, levantando-se da cama, sentou-se em uma poltrona. O dia amanheceu sombrio e frio. Um vento forte se levantou; o mar gemia com ondas violentas.

““Às sete horas, o Soberano mandou chamar o czarevich e conversou em particular com ele por cerca de uma hora. Depois disso, convocou a Imperatriz, que o encontrou em lágrimas. Ele disse a ela: “Sinto que meu fim se aproxima.” A Imperatriz disse: “Pelo amor de Deus, não diga isso — você vai ficar bem.” “Não”, respondeu o Soberano com firmeza, “isso já se arrastou por tempo demais. Sinto que a morte está próxima. Fique em paz. Estou absolutamente em paz.” Às 10 horas, seus parentes se reuniram em torno do moribundo e ele, plenamente consciente, tentou dirigir uma palavra amável a cada um. Lembrando-se de que o dia 20 era o aniversário da grã-duquesa Elizabeth Feodorovna, o soberano quis parabenizá-la. Enquanto conversava com seus entes queridos, ele não se esqueceu de sua alma e pediu que seu confessor fosse chamado para fazer orações e desejou novamente receber os Santos Mistérios.

“Depois de dar a comunhão ao soberano, o confessor desejou retirar-se para deixar o moribundo entre sua família, mas o soberano o reteve e lhe agradeceu sinceramente. O pastor, inclinando-se em direção ao soberano, agradeceu-lhe em nome da Santa Igreja, pelo fato de ele ter sido sempre seu filho inabalável e fiel defensor; em nome do povo russo, pelo qual sacrificou todas as suas forças; e, por fim, expressou a firme esperança

de que, nas moradas celestiais, estivesse preparado para ele um reino imperecível de glória e bem-aventurança com todos os santos.

“Às 11 horas, o estado do doente tornou-se especialmente grave; a falta de ar aumentou, a atividade de seu coração diminuiu, e ele pediu que o padre João de Kronstadt fosse chamado; este, ao chegar, ungiu o corpo do Soberano com óleo da lampada e, de acordo com seu pedido, colocou as mãos sobre sua cabeça. Temendo que o respeitado pastor estivesse ficando cansado, o moribundo pediu-lhe que descansasse e, quando este lhe perguntou se ele o estava cansando ao manter as mãos sobre sua cabeça, ouviu: “Pelo contrário, é muito fácil para mim quando você as mantém ali.” E acrescentou, de forma comovente: “O povo russo o ama.” Com a voz enfraquecida, o Soberano começou a expressar seu carinho de despedida, primeiro à Imperatriz, depois às crianças. Elas estavam ao lado dele e a imperatriz segurava sua mão. Às 2 horas, seu pulso acelerou. Os últimos minutos haviam chegado. O sofredor real, sustentado pelos ombros pelo czarevich, inclinou a cabeça sobre o ombro da Imperatriz, fechou os olhos e repousou tranquilamente. Eram 14h15. Assim terminou a vida desse “bom sofredor pela Terra Russa”, como na antiga Rússia chamavam seu santo protetor celestial, o-crente Alexandre Nevski.”

“O sempre memorável padre João descreveu assim esses dias dolorosos: ‘Em 17 de outubro, a pedido do falecido, recebi de mim a comunhão dos Santos Mistérios. Eu celebrava a Liturgia diariamente, seja na igreja de Livadia, seja, ocasionalmente, em ‘Oreand’, e no dia mencionado, logo após celebrar a Liturgia na última igreja, apressei-me com o Cálice da vida até o Ilustre (doente), que recebeu com reverência, de minhas mãos, os Mistérios criadores de vida.

“Em 20 de outubro, o Imperador Soberano desejou novamente me ver. Apressei-me a comparecer imediatamente após celebrar a Liturgia e permaneci na presença imperial até o repouso abençoado do Soberano. A pedido da Imperatriz, li a oração de cura para o doente e ungi seus pés e outras partes de seu corpo com óleo. Esse óleo, proveniente da lampada de um venerado ícone milagroso, a pedido de fiéis zelosos, foi providenciado por um dos padres de Yalta, o Pe. Alexandre, para a unção do Ilustre (doente), o que foi realizado. Recebendo com fé sincera esse zelo revelante, o Imperador Soberano expressou o desejo de que eu colocasse as mãos sobre sua cabeça e, quando as mantive ali, Sua Majestade me disse:

“O povo o ama.” “Sim”, respondi, “Vossa Majestade, seu povo me ama.” Então ele se dignou a dizer: “Sim — porque sabem quem o senhor é e o que o senhor é.” (Suas palavras exatas). Depois disso, o Augusto (o doente) sentiu um forte ataque de falta de ar, e oxigênio foi bombeado continuamente para sua boca. Ele estava com muita dor. À esquerda do Augusto (o doente) estava a Imperatriz; diante dele estavam seus dois filhos mais velhos e a noiva do czarevich; à direita estavam o Grão-Duque Mich^l Alexandrovich e Olga Alexandrovna; e eu estava ao lado do encosto de cabeça da poltrona. “Não é doloroso para Vossa Majestade Imperial que eu esteja colocando minhas mãos sobre sua cabeça?” “Não”, o Soberano se dignou a responder, “é mais fácil para mim quando você coloca suas mãos sobre mim.” Isso porque eu havia chegado imediatamente após celebrar a Liturgia e, nas palmas das minhas mãos, segurava o Corpo Puríssimo do Senhor e havia participado dos Santos Mistérios.

“Kronstadt

“8 de novembro de 1894

“Arcebispo João Sergiev”[45]

d. Pobedonostsev — lxxxiii

[Notas do capítulo “Revolução” do manuscrito “Anarquismo”, do Pe. S.: “Somente, porém, no supremamente ‘reacionário’ autocrático é que a própria ordem política conservou — apesar de todo o seu enfraquecimento no período da ‘ocidentalização’ — algum sentido de seu antigo fundamento absoluto; e mesmo na Rússia foram apenas, talvez, muito poucos estadistas como Pobedonostsev que se preocuparam seriamente em preservar esse fundamento.” Também em suas notas para o capítulo “Império, Velha Ordem”, o Pe. S. cita uma frase de Pobedenostsev: a Rússia “tem sido forte graças à autocracia, graças à confiança mútua ilimitada entre o povo e seus czares.”]

(1) Tradição russa única — não influenciada pela Revolução ou pelo liberalismo: Viereck 84-5.

(2) Citações 120-3. –

(3) Acompanhava a nova literatura, filosofia e arte; admirava o czar em oposição a Solneyei(?), Tolet, as pinturas blasfemas de Ge, a ópera durante a Quaresma — contra o que é repugnante e propagandístico.

e. Dostoiévski

(1) Juventude radical — preso em um grupo fourierista, condenado, exilado na Sibéria, depois tornou-se tsarista. Tendo ele próprio sido profundamente contaminado pela doença revolucionária, ele enxergou mais profundamente do que qualquer um seu significado e fim.

[Extraído da palestra gravada do Pe. Serafim sobre “Literatura Russa”]

Dostoiévski viveu — bem, ele faleceu em 1881 ou 1882 — e sua vida foi, em sua juventude, ele vivia exatamente na época em que Gogol estava se convertendo, na década de 1840, Dostoiévski participava de grupos de discussão. Havia um grupo chamado Grupo Petrochevsky, que discutia as ideias socialistas de Fourier. Mas esse grupo não era sério, ou seja, eles não estavam tentando derrubar o governo; sempre que falavam sobre coisas assim, era em um nível muito ingênuo. Eles não tinham organização, nem sequer pensavam em derrubar o governo ou assumir o poder. Apenas tinham noções idealistas sobre como seria maravilhoso se todos vivessem em paz e harmonia, se houvesse um governo perfeito e ninguém oprimisse ninguém, e Fourier parecia apontar para isso.

Fourier era apenas um louco que vivia no Ocidente, louco, isto é, segundo alguns, mas ele estava em sintonia com o espírito da época. E mais tarde ele legou isso a pessoas como Marx, que tornaram toda essa ideia muito mais séria, tornaram-na a chamada “científica”. Mas Fourier sonhava com um paraíso com fontes de limonada e todo tipo de imagens como essa. Mas esse espírito de igualitarismo e socialismo estava, de certa forma, no ar; era assim que as ideias ocidentais vinham, em grande parte, da Europa.

E Dostoiévski discutia esses temas e sonhava com um futuro brilhante, já escrevendo romances. E então ele foi pego. Ou seja, esse grupo foi descoberto pela polícia do czar. Eles invadiram o local e o prenderam junto com outras pessoas de seu grupo. E ele foi então condenado à morte. Eles achavam que era algo grave; iriam executá-los e cortar a revolução pela raiz. Mas o czar tinha em mente — o czar Nicolau I, que tinha uma atitude muito paternalista em relação aos seus súditos — ou seja, ele tinha um interesse muito pessoal no destino de cada súdito. E ele fez isso: permitiu que essa sentença de morte fosse proferida, com a intenção de não levá-la adiante, para que seu povo pudesse — quando se vissem diante dos carrascos e a sentença fosse adiada ou revogada — voltasse ao bom senso e se arrependesse.

E, no caso de Dostoiévski, foi exatamente esse o efeito. Quanto aos outros, não sei como terminaram. Mas ele passou por isso, é claro, toda a sua vida chega ao fim — ele ainda é um jovem na casa dos 30, ou até mesmo no final dos 20, e vê os rifles apontados à sua frente — sua vida chega ao fim. O que ele fez? Ele não tinha pensado muito em religião até então. E então, de repente, dizem que o czar o perdoou. Você passará oito anos na Sibéria, em vez disso.

Então ele foi para a Sibéria e escreveu em alguns de seus livros suas experiências na Sibéria. Ele viveu oito anos na Sibéria, levou uma vida muito difícil. Dormiam em tábuas duras, muitas pessoas em um mesmo quarto. A comida era pobre, embora Solzhenitsyn faça uma questão de comparar relatos como os que Dostoiévski descreve com relatos das prisões comunistas. E o que nos parece um período terrível, depois que ele descreve as prisões comunistas, em seguida ele descreve as prisões czaristas — fica óbvio que as prisões czaristas eram bastante luxuosas em comparação com as prisões comunistas. É claro que Dostoiévski, por ser da classe baixa, não teve um exílio confortável como o de muitas pessoas da classe alta, que simplesmente viviam como cidadãos livres no exílio. Mas ele passou por essa experiência que, do ponto de vista político, fez com que, após oito anos na Sibéria, em tempos muito difíceis sob um regime opressivo, ele se tornasse um czarista, um cristão ortodoxo, e se convertesse à ideia do czarismo como um todo. Isso significa que algo profundo estava acontecendo dentro dele, e ele reformulou todas as suas ideias sobre a vida, sobre o cristianismo, sobre para onde estava indo, sobre o sentido da vida. Mas, ao mesmo tempo, isso do ponto de vista filosófico, todas as suas ideias passaram a girar em torno do Grande Inquisidor e do sentido da história moderna e assim por diante. Do ponto de vista cristão, gostaria de enfatizar hoje, ele passou por algum tipo de experiência especial. Ele se converteu ao cristianismo, às ideias cristãs, e começou a escrever contos... [Fim da passagem da fita de Literatura Russa de 1980]

Citação de *Os Possuídos* — analisa a mentalidade revolucionária, tanto suas estupidezes quanto seus pensadores profundos: pp. 397-400 sobre “Quintetos”;

“O próprio Virginsky não se sentia muito bem naquela noite, mas entrou e sentou-se em uma poltrona ao lado da mesa de chá. Todos os convidados também estavam sentados, e a ordem com que estavam dis-

postos nas cadeiras sugeria uma reunião. Evidentemente, todos estavam esperando algo e preenchiam o intervalo com conversas barulhentas, mas irrelevantes. Quando Stavrogin e Verkovensky apareceram, houve um silêncio repentino.

“Mas preciso dar algumas explicações para esclarecer as coisas.

“Acredito que todas essas pessoas se reuniram com a agradável expectativa de ouvir algo particularmente interessante e já haviam sido avisadas com antecedência. Elas eram a flor do radicalismo mais fervoroso de nossa antiga cidade e haviam sido cuidadosamente selecionados por Virginsky para essa “reunião”. Posso observar, também, que alguns deles (embora não muitos) nunca o haviam visitado antes. É claro que a maioria dos convidados não tinha uma ideia clara do motivo pelo qual haviam sido convocados. Era verdade que, naquela época, todos consideravam Pyotr Stepanovitch um emissário plenamente autorizado vindo do exterior; essa ideia, de alguma forma, havia se enraizado entre eles de imediato e, naturalmente, os lisonjeava. E, no entanto, entre os cidadãos reunidos ostensivamente para comemorar um dia de nome, havia alguns que haviam sido abordados com propostas concretas. Pyotr Verkovensky havia conseguido em reunir um “quinteto” entre nós, semelhante ao que ele já havia formado em Moscou e, como se viu mais tarde, em nossa província, entre os oficiais. Diziam que ele tinha outra província X. Esse quinteto dos eleitos estava agora sentado à mesa principal e, com muita habilidade, conseguiu dar a si mesmos a aparência de serem pessoas bastante comuns, de modo que ninguém poderia tê-los reconhecido. Eram — já que não é mais segredo — Liputin, depois o próprio Virginsky, depois Shigalov (um cavalheiro de orelhas compridas, irmão da senhora Virginsky), Lyamshin e, por fim, uma pessoa estranha chamada Tolkatchenko, um homem de quarenta anos, que era famoso por seu vasto conhecimento do povo, especialmente de ladrões e assaltantes. Ele costumava frequentar as tabernas de propósito (embora não apenas com o objetivo de estudar as pessoas) e orgulhava-se de suas roupas surradas, botas enegrecidas, de seu piscar de olho malicioso e de um jato de expressões camponesas. Lyamshin já o havia levado uma ou duas vezes às reuniões de Stepan Trofimovitch, onde, no entanto, ele não causava grande sensação. Ele costumava aparecer na cidade de vez em quando, principalmente quando estava desempregado; ele trabalhava na ferrovia.

“Cada um desses cinco campeões havia formado esse primeiro grupo com a fervorosa convicção de que seu quinteto era apenas um entre centenas e milhares de grupos semelhantes espalhados por toda a Rússia, e que todos dependiam de algum imenso poder central, mas secreto, que, por sua vez, estava intimamente ligado ao movimento revolucionário em toda a Europa. Mas lamento dizer que já naquela época começava a haver dissensão entre eles. Embora, desde a primavera esperavam Pyotr Verkovensky, cuja chegada havia sido anunciada primeiro por Tolkatchenko e depois pela chegada de Shigalov, embora esperassem milagres extraordinários dele e, embora tivessem respondido à sua primeira convocação sem a menor crítica, assim que formaram o quinteto, todos de alguma forma pareceram se sentir insultados; e acredito sinceramente que isso se deveu à prontidão com que consentiram em se juntar. Eles haviam se juntado, é claro, por um sentimento nada ignóbil de vergonha, por medo que as pessoas pudessem dizer depois que eles não tinham ousado se juntar; ainda assim eles achavam que Piotr Verkovensky deveria ter valorizado seu heroísmo e recompensado isso contando-lhes pelo menos algumas notícias realmente importantes. Mas Verkovensky não estava nem um pouco disposto a satisfazer a legítima curiosidade deles e não lhes contou nada além do necessário; tratou-os, em geral, com grande severidade e até mesmo com certa indiferença. Isso era positivamente irritante, e o camarada Shigalov já estava incitando os outros a insistirem para que ele “se explicasse”, embora, é claro, não na casa de Virginsky, onde havia tantos forasteiros presentes.

“Tenho a impressão de que os membros acima mencionados do primeiro quinteto estavam inclinados a suspeitar que, entre os convidados da casa de Virginsky naquela noite, alguns fossem membros de outros grupos, desconhecidos por eles, pertencentes à mesma organização secreta e fundada na cidade pelo próprio Verkovensky; de modo que, na verdade, todos os presentes suspeitavam uns dos outros e se comportavam de várias maneiras uns com os outros, o que conferia a toda a festa um ar muito intrigante e até romântico. No entanto, havia pessoas presentes que estavam além de qualquer suspeita. Por exemplo, um major do exército, um parente próximo parente de Virginsky, uma pessoa perfeitamente inocente que não havia sido convidada, mas que aparecera por conta própria para a comemoração do dia do santo, de modo que era im-

possível não recebê-lo. Mas Virginsky estava bastante imperturbável, já que o major era “incapaz de traí-los”; pois, apesar de sua estupidez, ele sempre gostara de aparecer onde quer que radicais extremistas se reunissem; ele não simpatizava com as ideias deles, mas gostava muito de ouvir o que diziam. Além disso, ele já havia se comprometido de fato. Acontecera, em sua juventude, que maços inteiros de manifestos e exemplares da revista *The Bell* passaram por suas mãos e, embora tivesse medo até mesmo de abri-los, ele teria considerado absolutamente desprezível recusar-se a distribuí-los — e ainda hoje existem pessoas assim na Rússia, até os dias de hoje.

“O restante dos convidados era composto, ou por tipos de honroso orgulho pessoal esmagado e amargurado, ou por tipos da generosa impulsividade da juventude ardente. Havia dois ou três professores, dos quais um, um homem coxo de quarenta e cinco anos, professor do ensino médio, era uma pessoa muito maliciosa e notavelmente vaidosa; e dois ou três oficiais. Entre estes últimos, um oficial de artilharia muito jovem que havia acabado de sair de uma escola de treinamento militar, um rapaz calado que ainda não havia feito amizade com ninguém, apareceu agora na casa de casa de Virginsky com um lápis na mão e, quase sem participar da conversa, fazia anotações continuamente em seu caderno. Todos viam isso, mas todos fingiam não ver. Havia, também, um estudante de teologia ocioso que havia ajudado Lyamshin a colocar fotografias indecentes na mochila da evangelista. Era um jovem robusto, de maneiras descontraídas, embora desconfiadas, com um sorriso imutavelmente satírico, juntamente com um ar calmo de fé triunfante em sua própria perfeição. Estava presente também, não sei por quê, o filho do prefeito, aquele jovem desagradável e prematuramente exausto a quem já me referi ao contar a história da esposinha do tenente. Ele permaneceu em silêncio durante toda a noite. Por fim, havia um estudante de dezoito anos, muito entusiasmado e de cabelos despenteados, que se sentava com o ar sombrio de um jovem cuja dignidade havia sido ferida, evidentemente angustiado por seus dezoito anos. Esse menino já era o líder de um grupo independente de conspiradores que havia sido formado na turma mais avançada do ginásio, como veio à tona posteriormente, para surpresa de todos.

“Eunão mencionei Shatov. Ele estava lá, no canto mais distante da mesa, com a cadeira um pouco afastada da fileira. Ele fitava o chão, per-

manecia taciturno e sombrio, recusou chá e pão e, nem por um instante, soltou o boné da mão, como que para mostrar que não era um visitante, mas tivesse vindo a negócios e que, quando quisesse, se levantaria e iria embora. Kirillov não estava longe dele. Ele também estava muito calado, mas não olhava para o chão; pelo contrário, examinava atentamente cada um dos oradores com seus olhos fixos e sem brilho, e ouvia tudo sem a menor emoção ou surpresa. Alguns dos visitantes que nunca o haviam visto antes lançavam olhares pensativos para ele. Não sei dizer se a senhora Virginsky sabia de alguma coisa sobre a existência do quinteto. Imagino que ela soubesse de tudo e que tivesse ficado sabendo pelo marido. A estudante, é claro, não participou de nada; mas tinha suas próprias preocupações: pretendia ficar apenas um ou dois dias e depois seguir cada vez mais longe, de uma cidade universitária a outra, “para demonstrar solidariedade ativa com os sofrimentos dos estudantes pobres e incitá-los a protestar”. Ela levava consigo algumas centenas de cópias de um apelo lito-grafado, creio eu, de sua própria autoria. É notável que o estudante tenha concebido um ódio quase assassino por ela desde o primeiro momento, embora a tivesse visto pela primeira vez na vida; e ela sentia o mesmo por ele. O major era seu tio e a encontrou hoje pela primeira vez após dez anos. Quando Stavrogin e Verkovensky entraram, suas bochechas estavam tão vermelhas quanto cranberries: ela acabara de discutir com o tio sobre as opiniões dele a respeito da questão feminina.”[46]

409-413, 415 sobre Shigalov.

“Shigalov continuou.

“Dedicando minhas energias ao estudo da organização social que, no futuro, substituirá a atual situação das coisas, cheguei à convicção de que todos os criadores de sistemas sociais, desde a antiguidade até o presente ano, 187-, têm sido sonhadores, contadores de contos de fadas, tolos que se contradiziam, que nada entendiam de ciências naturais e do estranho animal chamado homem. Platão, Rousseau, Fourier, colunas de alumínio, só servem para pardais e não para a sociedade humana. Mas, agora que todos nós, finalmente, estamos nos preparando para agir, uma nova forma de organização social é essencial. A fim de evitar mais incertezas, proponho meu próprio sistema de organização mundial. Aqui está.” Ele deu um tapinha no caderno. “Eu queria expor minhas opiniões à assembleia da forma mais concisa possível, mas vejo que precisaria acrescentar

muitas explicações verbais, e assim toda a exposição ocuparia pelo menos dez noites, uma para cada um dos meus capítulos.” (Ouviram-se risadas.) “Devo acrescentar, além disso, que meu sistema ainda não está completo.” (Risos novamente.) “Estou perplexo com meus próprios dados e minha conclusão é uma contradição direta da ideia original com a qual comecei. Partindo da liberdade ilimitada, chego ao despotismo ilimitado. Acrescentarei, no entanto, que não pode haver outra solução para o problema social a não ser a minha.”

“As risadas ficavam cada vez mais altas, mas vinham principalmente dos visitantes mais jovens e menos iniciados. Havia uma expressão de certo aborrecimento nos rostos da senhora Virginsky, de Liputin e do professor coxo.

“Se o senhor não conseguiu tornar seu sistema coerente e se viu reduzido ao desespero, o que poderíamos fazer com ele?”, observou um oficial com cautela.

“O senhor está certo, senhor oficial”, Shigalov voltou-se bruscamente para ele — “especialmente ao usar a palavra desespero. Sim, estou reduzido ao desespero. No entanto, nada pode substituir o sistema apresentado em meu livro, e não há outra saída; ninguém pode inventar nada mais. E, por isso, apresso-me, sem perder tempo, a convidar toda a sociedade a ouvir meu livro por dez noites e depois dar suas opiniões a respeito. Se os membros não estiverem dispostos a me ouvir, vamos nos separar desde o início — os homens para assumir serviço no governo, as mulheres para a cozinha; pois se vocês rejeitarem minha solução, não encontrarão outra, absolutamente nenhuma! Se eles deixarem a oportunidade escapar, será simplesmente uma perda para eles, pois estarão condenados a voltar a ela novamente.”

“Houve um alvoroço entre os presentes. ‘Ele está louco, ou o quê?’, perguntaram algumas vozes.

“Então, toda a questão reside no desespero de Shigalov”, comentou Lyamshin, “e a questão essencial é se ele deve ou não se desesperar?”

“O fato de Shigalov estar à beira do desespero é uma questão pessoal”, declarou o estudante.

“Proponho que votemos até que ponto o desespero de Shigalov afeta a causa comum e, ao mesmo tempo, se vale a pena ouvi-lo ou não”, sugeriu um oficial alegremente.

“‘Isso não está certo.’ O professor coxo finalmente deu sua opinião. Como regra, ele falava com um sorriso um tanto zombeteiro, de modo que era difícil distinguir se estava falando sério ou brincando. ‘Isso não está certo, senhores. O Sr. Shigalov é muito dedicado à sua tarefa e também muito modesto. Conheço o livro dele. Ele sugere, como solução definitiva para a questão, a divisão da humanidade em duas partes desiguais. Um décimo desfruta de liberdade absoluta e poder ilimitado sobre os outros nove décimos. Os demais têm que abrir mão de toda individualidade e se tornar, por assim dizer, um rebanho e, por meio de uma submissão ilimitada, alcançarão, por meio de uma série de regenerações, a inocência primitiva, algo semelhante ao Jardim do Éden. Eles terão que trabalhar, no entanto. As medidas propostas pelo autor para privar nove décimos da humanidade de sua liberdade e transformá-los em um rebanho por meio a educação de gerações inteiras são realmente notáveis, baseadas nos fatos da natureza e altamente lógicas. Pode-se não concordar com algumas das deduções, mas seria difícil duvidar da inteligência e do conhecimento do autor. É uma pena que o tempo necessário — dez noites — seja impossível de organizar, ou poderíamos ouvir muitas coisas interessantes.’”

“‘Você está falando sério?’ A senhora Virginsky dirigiu-se ao senhor coxo com um tom de claro desconforto na voz: ‘Quando aquele homem não sabe o que fazer com as pessoas e, por isso, transforma nove décimos delas em escravos? Eu já suspeito dele há muito tempo.’”

“‘Você diz isso do seu próprio irmão?’, perguntou o homem coxo

‘.

“‘Parente? Você está zombando de mim?’”

“‘Além disso, trabalhar para aristocratas e obedecê-los como se fossem deuses é desprezível!’, observou a estudante com veemência.

“‘O que proponho não é desprezível; é o paraíso, um paraíso terrestre, e não pode haver outro na Terra’, declarou Shigalov declarou com autoridade.

“‘Pela minha parte’, disse Lyamshin, ‘se eu não soubesse o que fazer com nove décimos da humanidade, eu os pegaria e os lançaria pelos ares, em vez de colocá-los no paraíso. Eu deixaria apenas um punhado de pessoas instruídas, que viveriam felizes para sempre com base em princípios científicos.’”

“‘Só um palhaço pode falar assim!’, exclamou a moça, enfurecida.

“Ele é um palhaço, mas é útil”, sussurrou Madame Virginsky para ela.

“E talvez essa fosse a melhor solução para o problema”, disse Shigalov, voltando-se com veemência para Lyamshin. “Você certamente não tem noção da profundidade do que conseguiu dizer, meu alegre amigo. Mas, como é praticamente impossível colocar sua ideia em prática, devemos nos limitar a um paraíso terrestre, já que é assim que o chamam.”

“Isso é uma grande bobagem”, soltou, como que involuntariamente, Verkovensky. Sem sequer levantar os olhos, no entanto, continuou a cortar as unhas com perfeita indiferença.

“Por que é bobagem?” O professor coxo retomou o assunto instantaneamente, como se estivesse à espreita, esperando suas primeiras palavras para se agarrar a elas. “Por que é bobagem? O Sr. Shigalov é um tanto fanático em seu amor pela humanidade, mas lembre-se de que Fourier, e ainda mais Cabet e até mesmo o próprio Proudhon, defendiam uma série das mais despóticas e até fantásticas. O Sr. Shigalov é talvez muito mais sensato em suas sugestões do que eles. Garanto a vocês que, quando se lê o livro dele, é quase impossível não concordar com algumas coisas. Ele talvez esteja menos distante do realismo do que qualquer outro e seu paraíso terrestre é quase o verdadeiro — se é que alguma vez existiu — pelo qual o homem está sempre suspirando.”

“Eu sabia que ia rolar alguma coisa”, murmurou Verkovensky novamente.

“Permita-me”, disse o coxo, ficando cada vez mais animado. “Conversas e discussões sobre a futura organização da sociedade são quase uma necessidade real para todas as pessoas que pensam hoje em dia. Herzen não se ocupou com nada mais durante toda a sua vida. Byelinsky, pelo que sei de fonte muito confiável, costumava passar noites inteiras com seus amigos debatendo e definindo antecipadamente até mesmo os mais minuciosos — por assim dizer, domésticos — detalhes da organização social do futuro.”

“Algumas pessoas enlouquecem com isso”, observou o major de repente.

“É mais provável que cheguemos a algum lugar conversando, de qualquer forma, do que ficando em silêncio e nos fazendo passar por ditadores”, sussurrou Liputin, como se finalmente se atrevesse a iniciar o ataque.

““Não estava me referindo a Shigalov quando disse que era bobagem”, murmurou Verkovensky. “Vejam bem, senhores” — ele ergueu um pouco as sobrancelhas — “na minha opinião, todos esses livros, Fourier, Cabet, toda essa conversa sobre o direito ao trabalho e as teorias de Shigalov — são todos como romances, dos quais se pode escrever centenas de milhares — um entretenimento estético. Eu entendo que, nesta pequena cidade, vocês estejam entediados, por isso correm para a caneta e o papel.”

“Com licença”, disse o coxo, contorcendo-se na cadeira, “embora sejamos provincianos e, naturalmente, objetos de comiseração por esse motivo, sabemos que, até agora, nada de novo aconteceu no mundo que valha a pena chorarmos por ter perdido isso. Sugere-se a nós, em vários panfletos elaborados no exterior e distribuídos secretamente, que devemos nos unir e formar grupos com o único objetivo de provocar a destruição universal. Insiste-se que, por mais que se mexa no mundo, não se consegue fazer um bom trabalho, mas que, cortando uma cento de milhões de cabeças e, assim, aliviando o próprio fardo, é possível saltar a vala com mais segurança. Uma ótima ideia, sem dúvida, mas tão impraticável quanto as teorias de Shigalov, às quais você se referiu há pouco com tanto desdém.”

“Bem, mas eu não vim aqui para discutir.” Verkovensky deixou escapar essa frase significativa e, como se estivesse totalmente alheio ao seu deslize, aproximou a vela de si para poder enxergar melhor.

“É uma pena, uma grande pena, que você não tenha vindo para discutir, e é uma grande pena que você esteja tão ocupado neste momento com sua aparência.”

“O que minha aparência tem a ver com você?”

“Eliminar cem milhões de pessoas é tão difícil quanto transformar o mundo por meio da propaganda. Talvez até mais difícil, especialmente na Rússia”, aventou Liputin novamente.

“É na Rússia que eles depositam suas esperanças agora”, disse um oficial.

“Ouvimos dizer que estão depositando suas esperanças nela”, interveio o coxo. “Sabemos que um dedo misterioso está apontando para o nosso encantador país como a terra mais adequada para realizar a grande tarefa. Mas há o seguinte: com a solução gradual do problema por meio

da propaganda, eu ganharei algo, de qualquer forma — terei pelo menos algumas conversas agradáveis e até receberei algum reconhecimento do governo pelos meus serviços à causa da sociedade. Mas na segunda opção, pelo método rápido de decapitar cem milhões de pessoas, que benefício terei pessoalmente? Se você começar a defender isso, sua língua pode ser cortada.”

“A sua certamente seria”, observou Verkovensky.

“Entende? E como, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, você não conseguiria realizar tal massacre em menos de cinquenta ou, na melhor das hipóteses, trinta anos — pois eles não são ovelhas, você sabe, e talvez não se deixassem massacrar — — não seria melhor fazer as malas e migrar para alguma ilha tranquila além de mares calmos e lá fechar os olhos tranquilamente? Acredite em mim” — ele bateu na mesa significativamente com o dedo — “você só vai promover a emigração com essa propaganda e nada mais!”

“Ele terminou evidentemente triunfante. Era um dos intelectuais da província...”[47]

415 sobre Shigalov.

“[Verkovensky falando]... Para resumir a questão — pois não podemos ficar falando por mais trinta anos, como as pessoas têm feito nos últimos trinta — pergunto a vocês o que preferem: o caminho lento, que consiste na composição de romances socialistas e na ordenação acadêmica dos destinos da humanidade daqui a mil anos, enquanto o despotismo devora os pedaços saborosos que quase voariam para dentro de suas bocas por si sós se vocês se dessem um pouco de trabalho; ou vocês, seja lá o que isso implique, preferem um caminho mais rápido que finalmente desamarre suas mãos e permita que a humanidade construa sua própria organização social em liberdade e na ação, e não no papel? Eles gritam “cem milhões de cabeças”; isso pode ser apenas uma metáfora; mas por que ter medo disso se, com os sonhos acordados lentos no papel, o despotismo, ao longo de algumas centenas de anos, devorará não cem, mas quinhentos milhões de cabeças? Observe também que um inválido incurável não será curado, por mais que se prescrevam receitas para ele no papel. Pelo contrário, se houver demora, ele se tornará tão corrompido que irá nos infectar também e contaminar todas as forças renovadas com as quais ainda se poderia contar agora, de modo que todos acabaremos,

por fim, por perecer juntos. Concordo plenamente que é extremamente agradável conversar livre e eloquentemente, mas agir é um pouco cansativo... No entanto, não tenho jeito para falar; vim aqui com mensagens e, por isso, peço a toda a ilustre companhia que não vote, mas que simplesmente e diretamente declare o que prefere: caminhar a passo de caracol no pântano ou acelerar a todo vapor para atravessá-lo?”

““Eu sou decididamente a favor de atravessar a todo vapor!”, exclamou o estudante em êxtase.

““Eu também”, acrescentou Lyamshin.”

““Não há dúvida quanto à escolha”, murmurou um oficial, seguido por outro e, em seguida, por mais alguém. O que mais os impressionou a todos foi que Verkovensky tivesse vindo “com mensagens” e tivesse acabado de prometer falar.

““Senhores, vejo que quase todos optam pela linha dos manifestos”, disse ele, olhando ao redor para o grupo.

““Todos, todos!”, exclamaram a maioria das vozes.”[48]

“-“Shigalov é um homem de gênio! Sabem que ele é um gênio como Fourier, mas mais ousado que Fourier; mais forte. Vou cuidar dele. Ele descobriu a ‘igualdade!’”

““Ele está com febre; está delirando; algo muito estranho aconteceu com ele””, pensou Stavrogin, olhando para ele mais uma vez. Ambos seguiram caminhando sem parar.

““Ele escreveu algo muito bom nesse manuscrito”, continuou Verkovensky. “Ele sugere um sistema de espionagem. Cada membro da sociedade espiona os outros, e é seu dever delatá-los. Cada um pertence a todos e todos a cada um. Todos são escravos e iguais em sua escravidão. Em casos extremos, ele defende a calúnia e o assassinato, mas o que há de melhor nisso tudo é a igualdade. Para começar, o nível de educação, ciência e talentos é rebaixado. Um alto nível de educação e ciência só é possível para grandes intelectos, e estes não são bem-vindos. Os grandes intelectos sempre tomaram o poder e foram déspotas. Grandes intelectos não conseguem deixar de ser déspotas e sempre causaram mais mal do que bem. Eles serão banidos ou condenados à morte. Cícero terá sua língua cortada, Copérnico terá seus olhos arrancados, Shakespeare será apedrejado — isso é o shigalovismo. Os escravos estão destinados a ser iguais. Nunca houve liberdade nem igualdade sem despotismo, mas no rebanho

há inevitavelmente igualdade e isso é o shigalovismo. Ha ha ha! Você acha isso estranho? Eu sou a favor do shigalovismo.”...

““Ouça, Stavrogin. Nivelar as montanhas é uma ótima ideia, não um absurdo. Sou totalmente a favor de Shigalov! Abaixo a cultura. Já tivemos ciência demais! Mesmo sem ciência, temos material suficiente para seguir por mil anos, mas é preciso ter disciplina. A única coisa que falta no mundo é disciplina. A sede de cultura é uma sede aristocrática. No momento em que você tem laços familiares ou amor, surge o desejo por propriedade. Vamos destruir esse desejo; vamos recorrer à embriaguez, à calúnia, à espionagem; vamos fazer uso de uma corrupção incrível; vamos sufocar todo gênio ainda em sua infância. Vamos reduzir tudo a um denominador comum! Igualdade total! “Aprendemos um ofício; e somos homens honestos; não precisamos de mais nada”, essa foi uma resposta dada por trabalhadores ingleses recentemente. Somente o necessário é necessário, esse é o lema do mundo inteiro daqui em diante. Mas é preciso um choque. Isso cabe a nós, os diretores, cuidar. Os escravos precisam ter diretores. Submissão absoluta, perda absoluta da individualidade, mas uma vez a cada trinta anos Shigalov lhes permitiria um choque e todos de repente começariam a devorar uns aos outros, até certo ponto, simplesmente como precaução contra o tédio. O tédio é uma sensação aristocrática. Os shigalovianos não terão desejos. Desejo e sofrimento são o nosso destino, mas o shigalovismo é para os escravos.”

“Você se exclui?” Stavrogin interrompeu novamente.

““Você também. Sabe, pensei em entregar o mundo ao Papa. Que ele se apresente a pé, descalço, e se mostre à ralé, dizendo: ‘Vejam a que me levaram!’”, e todos correrão atrás dele, até mesmo as tropas. O Papa à frente, com a gente ao seu redor, e abaixo de nós —

o shigalovismo. Basta que a Internacional chegue a um acordo com o Papa, e assim será. E o velho concordará na hora. Não há mais nada que ele possa fazer.””[49]

Kirillov — mais tarde, sobre a nova religião.

[Extraído da Palestra do Curso de Sobrevivência de 1980 sobre Nietzsche] E então ele tem esse homem, esse personagem Kirillov, que é o filósofo que chegou à conclusão de que, já que Deus não existe, eu devo ser Deus. E se eu sou Deus, tenho que fazer algo que prove que sou Deus. E você não pode simplesmente levar uma vida comum. Portanto, você

deve fazer algo espetacular. Deve ser algo que seja absoluto e prove que você tem autoridade sobre si mesmo. “É claro que a principal prova de que você tem autoridade é sobre sua própria vida — portanto, para provar que sou deus — devo matar a mim mesmo. Essa é a lógica. Para nós, isso não faz sentido. Aquele homem é louco. Mas faz todo o sentido, e, uma vez que você rejeita o cristianismo, isso é muito lógico. [Fim da citação de 1980]

“-‘Sou obrigado a demonstrar minha descrença’”, disse Kirillov, andando de um lado para outro pela sala. “Não tenho ideia mais elevada do que a descrença em Deus. Tenho toda a história da humanidade do meu lado. O homem não fez nada além de inventar Deus para continuar vivendo e não se matar; essa é toda a história universal até agora. Sou o primeiro em toda a história da humanidade que não inventaria Deus. Que eles saibam disso de uma vez por todas.”

““...Você entende agora que a salvação consiste em provar essa ideia para todos? Quem vai prová-la? Eu! Eu não consigo entender como um ateu poderia saber que não existe Deus e não se matar na hora. Reconhecer que não há Deus e não reconhecer, no mesmo instante, que a própria pessoa é Deus é um absurdo; caso contrário, certamente se mataria. Se você reconhecer isso, você é soberano, e então não se matará, mas viverá na maior glória. Mas aquele que, o primeiro, deve se matar, pois, caso contrário, quem vai começar e provar isso? Portanto, eu certamente devo me matar, para dar o pontapé inicial e provar isso. Agora sou apenas um deus contra a minha vontade e estou infeliz, porque sou obrigado a afirmar minha vontade. Todos estão infelizes porque todos têm medo de expressar sua vontade. O homem tem sido até agora tão infeliz e tão pobre porque tem tido medo de afirmar sua vontade no ponto mais alto e tem demonstrado sua obstinação apenas em pequenas coisas, como um aluno. Estou terrivelmente infeliz, pois tenho um medo terrível. O terror é a maldição do homem... Mas vou afirmar minha vontade. Sou obrigado a acreditar que não acredito. Vou começar e pôr um fim nisso, abrir a porta e salvar. Essa é a única coisa que salvará a humanidade e recriará a próxima geração fisicamente; pois, com esta natureza física atual, o homem não consegue seguir em frente sem seu antigo Deus, acredito. Há três anos venho buscando o atributo da minha divindade e eu o encontrei; o atributo da minha divindade é a obstinação! Isso é tudo o que posso fazer

para provar, no mais alto grau, minha independência e minha nova e terrível liberdade. Pois ela é terrível. Estou me matando para provar minha independência e minha nova e terrível liberdade.”[50]

[Extraído da Palestra sobre Nietzsche do Curso de Sobrevivência de 1980] Portanto, no fim das contas, como ele tem natureza humana, tem medo de se matar e fica constantemente hesitando; então surge um personagem como Lenin, que é esse Verkhovensky, que se aproveita disso, tenta persuadi-lo a se matar e depois jogar a culpa em outro alguém, a fim de provocar algum tipo de desordem para que seu círculo revolucionário possa começar a assumir o controle. E ele finalmente o convence. Ele diz: “Tudo bem, vá em frente, suicida-te. Assina este papel que diz que você está contra os capitalistas e assim por diante, e depois suicida-te. Vou ficar bem aqui e segurar a porta aberta para você.” E ele responde: “Não, não posso. Tenho que fazer isso em grande estilo. Tenho que fazer isso na frente de todo mundo.” Ele diz: “Não, não, faça isso discretamente aqui. E a carta já está toda escrita aqui.” E acho que ele finalmente o empurra, e ele acaba se matando. Esse tipo de pessoa está entre nós. Estão por toda parte. [Fim da citação de 1980]

(2) Crime e Castigo: sobre o homem que quer estar além do bem e do mal, mata por uma ideia — Napoleão — o Super-homem. Mas termina em arrependimento e na abertura para a vida cristã.

[Extraído da palestra gravada do Pe. S. sobre literatura russa] ...embora grande parte do livro [Crime e Castigo] se passe antes de ele matar a mulher, ele está constantemente pensando que deveria fazê-lo, e passa por tudo isso; é basicamente a ideia de Nietzsche de que, se Deus não existe, então tudo é permitido. E isso, é claro, tem sua forma filosófica e política, mas, do ponto de vista cristão, isso significa que eu posso fazer qualquer coisa. E ele fica pensando em Napoleão. Aqui está um homem que vem das filas e, de repente, se torna o líder de um país. E ele tem permissão para matar quem quiser, só porque é o chefe do país. Isso significa que deve haver uma classe de super-homens.

Na verdade, isso se baseia inteiramente na oposição entre os reinos deste mundo e o reino de Cristo. De acordo com o reino de Cristo, todos devemos nos humilhar diante de Deus. E, de acordo com a filosofia do mundo, do poder deste mundo, há algumas pessoas que são fortes. Se você é forte, tem o direito de pisar nos outros. Ele é maquiavélico: o go-

verno pode fazer o que quiser, desde que o príncipe tenha o poder. Ou Nietzsche: que você pode fazer o que quiser, desde que seja um desses Super-homens.

E assim ele passa por esses diálogos agonizantes consigo mesmo. Ele vai visitar a mulher. Ele observa como ela se comporta. Ele está avaliando o terreno, vendo como vai agir, para onde ela vai, onde ela guarda o dinheiro. E há uma segunda mulher, a irmã dela, não é? E é sobre ela que ele começa a construir em sua mente uma imagem de que ela é odiosa, que é como um inseto. Todas essas coisas, na verdade, anticristãs, que derivam de ideias racionalistas que vinham do Ocidente. E veja o que Marx propôs no Ocidente: na verdade, a ideia de que você pode ir e fazer o que quiser, desde que assuma o controle, torne as pessoas se tornem violentas. Faz parte da ideia de que, enquanto a revolução segue em frente, quando as pessoas matam outra pessoa, isso as torna violentas. E, portanto, elas podem ser ferramentas para a revolução. Em outras palavras, as pessoas devem ser usadas como objetos. Isso é exatamente o oposto do cristianismo.

Mas a consciência dele está lá; ele não consegue evitar. E, por isso, ele fica hesitando e se condena: “Você é tão fraco que não consegue fazer isso?” Ele está se acusando. “Você deveria ser um Super-Homem e não consegue fazer isso, não consegue levar isso adiante !” E, finalmente, ele cria coragem, vai lá e bate; acho que ele fica em dúvida se deve matar os dois ou só um. Por fim, ele consegue...

...[A outra mulher] entra ou algo assim no último minuto. Ele não queria matá-la e fica todo perturbado com isso, e decide que precisa matá-la também. E então ele fica em um impasse. Acho que ele pega quase nenhum dinheiro — só um pouquinho. Ele fica tão histérico que vai e esconde o dinheiro em algum lugar. E então começam seus tormentos. Se ele é Super-Homem, ele deveria se sentir absolutamente tranquilo e calmo. Ela é apenas uma pulga, algum tipo de inseto. Ela não precisa viver, e eu sou o Super-Homem. Vou me preparar com uma formação universitária para que eu possa ajudar as ideias ocidentais a chegarem para iluminar a Rússia. Mas, entretanto, sua consciência começa a agir e ele não consegue entender por que não está em paz. Por um lado, ele se culpa por não ter conseguido dinheiro suficiente. Mas então, algo acontece dentro dele, e mostra que esse cristianismo não pode ser: a consciência plantada

por Deus e desenvolvida pela Igreja Cristã não pode ser silenciada. E então começa esse terrível duelo entre ele e esse interrogador que está investigando o caso, e ele nunca sabe se sabe que cometeu o crime, se suspeita que o cometeu, se suspeita de outra pessoa, mas está constantemente...se ele não tivesse a consciência pesada, não teria nenhum problema.

E, no final, descobre-se que esse interrogador está apenas esperando que ele confesse. E ele finalmente diz: “Quem você acha que é? Me diga.” E ele respondeu: “Ora, é você, Rodya Romanovitch. Você a matou. Mas estou esperando que você venha por conta própria e nos conte.” E então ele quase enlouquece. O que ele deve fazer? Deveria fugir?

E então ele conhece essa garota, Sonya, que é uma prostituta, ou seja, o elemento mais baixo da sociedade, e fora do cristianismo, da solidariedade cristã ou de qualquer outra coisa. Por que ela é prostituta? Porque ela precisa sustentar a mãe. E ela não queria fazer isso; ela tem fé cristã. Mas ela precisa; é a única maneira de conseguir dinheiro. Em outras palavras, essa criatura absolutamente indefesa e lamentável. E será ela quem salvará esse homem que está iludido por essas ideias ocidentais. E ele começa a conversar com ela. Ela lhe mostra o Evangelho. “Ah. Evangelho, tudo menos o Evangelho!” E ela começa a falar sobre Jesus Cristo. E, aos poucos, o coração dele começa a se abrandar. E, finalmente, ele vai até ela, acho que no final, para decidir se deve se entregar. E ele diz: “O que devo fazer? Vão me mandar para a Sibéria e lá se vai tudo.” E ela disse: “Ah, eu vou com você para a Sibéria.” E ele pensou: como pode ser que alguém assim, a escória mais baixa da sociedade? E ela, ela me ama? Que ela virá para a Sibéria para ficar comigo?” E ele, finalmente, fica tão abalado, que acaba se ajoelhando diante da delegacia e diz: “FUI EU! Matem-me, levem-me embora!”

E isso é algo muito marcante, aliás, no temperamento russo.

Bem, no caso de [Sophia], o que aconteceu foi que ela preservou sua ortodoxia, seu cristianismo, embora externamente ela fosse uma pecadora, não pudesse receber a comunhão e estivesse constantemente em estado de pecado. E ele, por sua própria vontade, se afastou disso e, portanto, essa pureza — na verdade, a pureza do cristianismo — permaneceu nela, embora ela fosse, de fato, pecadora — provavelmente isso até a intensificou, pois ela sabia que não valia nada, que era a escória da sociedade, um caso perdido. E, no entanto, ela manteve Jesus Cristo, e, portanto,

pôde pregar o Evangelho a esse jovem sofisticado — embora ele não fosse tão sofisticado assim, apenas um estudante, mas ainda assim tinha essas ideias elevadas — e, por fim, derreter seu coração e convertê-lo. E então diz que eles foram para a Sibéria, e ele começa, creio eu, a descrever um pouco disso, e então ele diz que o resto da história é outra história. Ele não conta o que aconteceu na Sibéria. Porque ele foi para a Sibéria e voltou como um homem convertido.

Essa é provavelmente a obra de arte mais perfeita de Dostoiévski — está tudo completo em um único volume; ele não simplesmente se perde em conceitos abstratos. [Fim da palestra sobre Literatura Russa]

(3) O Grande Inquisidor:

[Extraído da palestra do Curso de Sobrevivência de 1980 sobre Nietzsche] Os Irmãos Karamazov apresenta a mesma mentalidade ocidental fria e calculista. Ivan Karamazov está teorizando sobre suas ideias a respeito do Grande Inquisidor, que são apresentadas como uma ideia dele. A propósito, Dostoiévski deixa claro ali que há uma espécie de homenzinho na chaminé que fica aparecendo para ele, é uma imagem do diabo; o fato de ele estar em contato com algum outro poder, que lhe dá suas ideias maravilhosas, e ele chega a essa ideia sobre... ele fica pensando que o cristianismo não pode; ele tem debates com Alyosha, o irmão mais novo que deveria ser o herói. Alyosha quer o verdadeiro cristianismo e vê que seus irmãos estão atormentados. Eles não têm paz, e seu pai é um malandro, um devoshid à moda antiga(?), e seus filhos são, esse Ivan que é frio, do tipo calculista, sem fé em Cristo, ele não consegue acreditar em tudo o que Alyosha diz sobre Cristo.

(a) A filosofia de Ivan Karamazov: 245-8,

“Para começar, pelo simples fato de ser russo. As conversas russas sobre tais assuntos sempre se desenrolam de maneira inconceivelmente estúpida. E, em segundo lugar, quanto mais estúpido alguém é, mais próximo da realidade está. Quanto mais estúpido, mais lúcido se é. A estupidez é direta e sem artifícios, enquanto a inteligência se esconde e se esconde. A inteligência é malandra, mas a estupidez é honesta e direta. Levei a conversa ao meu desespero, e quanto mais estupidamente a apresentei, melhor para mim.”

“Você vai explicar por que não aceita o mundo?” disse Alyosha.

‘Claro que vou, não é segredo, é para isso que eu tenho vindo a con-

duzir a conversa. Querido irmãozinho, não quero corromper você nem afastá-lo de sua fortaleza; talvez eu queira ser curado por você.” Ivan sorriu de repente, bem como uma criança gentil. Alyosha nunca tinha visto um sorriso assim em seu rosto antes.

“4. Rebelião

““Preciso te fazer uma confissão”, começou Ivan. “Eu nunca consegui entender como alguém pode amar seus vizinhos. São justamente os vizinhos, na minha opinião, que não se consegue amar, embora se possa amar aqueles que estão distantes. Certa vez li em algum lugar sobre João, o Misericordioso, um santo, que, quando um mendigo faminto e congelado fosse até ele, ele o levava para sua cama, o abraçava e começava a soprar ar em sua boca, que estava pútrida e repugnante devido a alguma doença terrível. Estou convencido de que ele fez isso por “autoflagelação”, pela autoflagelação da falsidade, em nome da caridade imposta pelo dever, como uma penitência que lhe foi imposta. Para que alguém ame um homem, ele deve estar oculto, pois assim que ele mostra seu rosto, o amor se vai.”

““O padre Zossima já falou disso mais de uma vez”, observou Aliocha, ‘ele também disse que o rosto de um homem muitas vezes impede que muitas pessoas, não habituadas ao amor, o amem. Mas, no entanto, há muito amor na humanidade, e um amor quase cristão. Eu mesmo sei disso, Ivan.”

““Bem, até agora não sei nada sobre isso e não consigo entender, e a imensa maioria da humanidade está comigo nesse ponto. A questão é se isso se deve às más ou se é algo inerente à sua natureza. Na minha opinião, o amor semelhante ao de Cristo pelos homens é um milagre impossível na Terra. Ele era Deus. Mas nós não somos deuses. Suponha que eu, por exemplo, sofra intensamente. Outro nunca poderá saber o quanto eu sofro, porque ele é outro e não eu. E, além disso, um homem raramente está disposto a admitir o sofrimento do outro (como se isso fosse uma distinção). Por que ele não admite isso, você acha? Porque eu tenho um cheiro desagradável, porque tenho uma cara de idiota, porque uma vez pisei no pé dele. Além disso, há sofrimento e sofrimento; sofrimento degradante e humilhante, daqueles que me humilham — a fome, por exemplo —, meu benfeitor talvez me conceda; mas quando se trata de um sofrimento mais elevado — por uma ideia, por exemplo —,

ele raramente o admitirá, talvez porque minha cara lhe pareça nada parecida com o que ele imagina que um homem que sofre por uma ideia deve ter. E assim ele me priva instantaneamente de sua simpatia, e de forma alguma por maldade. Mendigos, especialmente mendigos refinados, não deveriam nunca se expor, mas pedir caridade por meio dos jornais. Pode-se amar o próximo no plano abstrato, ou até mesmo à distância, no balé, onde, se mendigos entrarem em cena, eles usam trapos de seda e rendas esfarrapadas e pedem esmola dançando graciosamente, então talvez a gente goste de olhar para eles. Mas mesmo assim não deveríamos amá-los. Mas chega disso. Eu só queria mostrar a você meu ponto de vista. Eu pretendia falar do sofrimento da humanidade em geral, mas é melhor nos limitarmos aos sofrimentos das crianças. Isso reduz o alcance do meu argumento a um décimo do que seria. Ainda assim, é melhor nos limitarmos às crianças, embora isso enfraqueça meu argumento. Mas, em primeiro lugar, as crianças podem ser amadas mesmo de perto, mesmo quando estão sujas, mesmo quando são feias (acho, porém, que as crianças nunca são feias). A segunda razão pela qual não falo dos adultos é que, além de serem repugnantes e indignos de amor, eles têm uma compensação — elas comeram a maçã e distinguem o bem do mal, e se tornaram “como deuses”. Elas continuam comendo-a até hoje. Mas as crianças não comeram nada e, até agora, são inocentes. Você gosta de crianças, Alyosha? Sei que gosta, e você vai entender por que prefiro falar delas. Se elas também sofrem terrivelmente na Terra, devem sofrer pelos pecados de seus pais, devem ser punidas por seus pais, que comeram a maçã; mas esse raciocínio é do outro mundo e é incompreensível para o coração do homem aqui na Terra. Os inocentes não devem sofrer pelos pecados alheios, e especialmente esses inocentes! Você pode se surpreender comigo, Alyosha, mas eu também gosto muito de crianças. E observem, pessoas cruéis, os violentos, os rapaciosos, os Karamazovs às vezes gostam muito de crianças. As crianças, enquanto são bem pequenas — até os sete anos, por exemplo — estão tão distantes dos adultos; são criaturas diferentes, por assim dizer, de uma espécie diferente. Conheci um criminoso na prisão que, ao longo de sua carreira como ladrão, assassinou famílias inteiras, incluindo várias crianças. Mas, quando estava na prisão, ele nutria um estranho carinho por elas. Passava todo o tempo na janela, observando as crianças brincando no pátio da prisão. Ele treinou um menino para se aproximar

da janela e fez grande amizade com ele... Você não sabe por que estou contando tudo isso, Alyosha? Minha cabeça está doendo e estou triste.”

“Você fala com um tom estranho”, observou Alyosha inquieto, “como se não estivesse bem de si.”

“A propósito, um búlgaro que conheci recentemente em Moscou”, continuou Ivan, parecendo não ouvir as palavras do irmão, “me contou sobre os crimes cometidos por turcos e circassianos em todas as regiões da Bulgária, por medo de uma revolta geral dos eslavos. Eles queimam aldeias, assassinam, violentam mulheres e crianças, pregam seus prisioneiros pelas orelhas nas cercas, deixam-nos assim até de manhã, e pela manhã os enforcam — todo tipo de coisa que você nem consegue imaginar. As pessoas falam às vezes de crueldade bestial, mas isso é uma grande injustiça e um insulto aos animais; um animal nunca pode ser tão cruel quanto um homem, tão artisticamente cruel. O tigre apenas rasga e roe, é tudo o que ele consegue fazer. Ele nunca pensaria em pregar pessoas pelas orelhas, mesmo que fosse capaz de fazê-lo. Esses turcos também tinham prazer em torturar crianças; retirando o feto do útero das mães e jogando bebês para o alto para pegá-los nas pontas de suas baionetas diante dos olhos das mães. Fazer isso diante dos olhos da mãe era o que dava sabor à diversão. Aqui está outra cena que achei muito interessante. Imagine uma mãe trêmula com seu bebê nos braços, cercada por um círculo de turcos invasores. Eles planejaram uma manobra de distração; acariciam o bebê, riem para fazê-lo rir. Conseguem, o bebê ri. Naquele momento, um turco aponta uma pistola a quatro polegadas do rosto do bebê. O bebê ri de alegria, estende suas mãozinhas em direção à pistola, e ele puxa o gatilho na rosto do bebê e explode seus miolos. Artístico, não foi? A propósito, dizem que os turcos gostam particularmente de doces.”

“Irmão, aonde você quer chegar?” perguntou Alyosha.

“Acho que, se o diabo não existe, mas o homem o criou, ele o criou à sua própria imagem e semelhança.”

“Assim como fez com Deus, então?”, observou Alyosha.

“É maravilhoso como você sabe distorcer as palavras”, como diz Polônio em Hamlet”, riu Ivan. “Você usa minhas palavras contra mim. Bem, fico contente. O seu Deus deve ser excelente, se o homem o criou à Sua imagem e semelhança. Você perguntou há pouco aonde eu queria chegar. Veja bem, gosto de colecionar certos fatos e, acredite se quiser, até copio

anedotas de um certo tipo de jornais e livros, e já tenho uma bela coleção. Os turcos, é claro, também se dedicam a isso, mas são estrangeiros. Eu tenho exemplares daqui que são ainda melhores do que os dos turcos. Você sabe que preferimos espancamentos — varas e chicotes — essa é a nossa instituição nacional. Pregar orelhas é impensável para nós, pois somos, afinal, europeus. Mas a vara e o chicote sempre os temos conosco e não podem ser tirados de nós. No exterior, hoje em dia, quase não se aplica mais surras. Os costumes são mais humanos, ou as leis foram aprovadas, de modo que agora não ousam mais açoitar os homens. Mas eles compensam isso de outra maneira, tão nacional quanto a nossa. É tão nacional que seria praticamente impossível entre nós, embora acredito que estejamos sendo contaminados por ela, desde que o movimento religioso começou em nossa aristocracia. Tenho um panfleto encantador, traduzido do francês, que descreve como, há relativamente pouco tempo, há cinco anos, um assassino, Richard, foi executado — um jovem. Acredito acredito que tinha vinte e três anos, que se arrependeu e se converteu à fé cristã bem no patíbulo. Esse Richard era um filho ilegítimo que, aos seis anos, foi entregue pelos pais a uns pastores nas montanhas suíças. Eles o criaram para trabalhar para eles. Ele cresceu como um pequeno animal selvagem entre eles. Os pastores não lhe ensinaram nada e mal o alimentavam ou vestiam, mas o mandavam, aos sete anos, pastorear o rebanho no frio e na chuva, e ninguém hesitava ou tinha escrúpulos em tratá-lo assim. Muito pelo contrário, achavam que tinham todo o direito, pois Richard lhes havia sido entregue como um bem móvel, e nem sequer viam a necessidade de alimentá-lo. O próprio Richard descreve como, naqueles anos, assim como o Filho Pródigo do Evangelho, ele ansiava por comer da ração dada aos porcos, que eram engordados para a venda. Mas eles nem sequer lhe davam nem isso, e o espancavam quando ele roubava dos porcos. E foi assim que ele passou toda a sua infância e juventude, até que cresceu e ficou forte o suficiente para ir embora e se tornar um ladrão. O selvagem começou a ganhar a vida como diarista em Genebra. Ele gastava em bebida tudo o que ganhava, vivia como um bruto e acabou matando e roubando um ancião. Foi preso, julgado e condenado à morte. Lá não são sentimentalistas. E na prisão ele foi imediatamente cercado por pastores, membros de irmandades cristãs, senhoras filantrópicas e outros semelhantes. Ensinaram-no a ler e escrever na prisão e expuseram-lhe o Evan-

gelho. Exortaram-no, tentaram convencê-lo, insistiram incessantemente com ele, até que, por fim, ele confessou solenemente seu crime.[1]c

253-5.

“De que me serve saber que não há culpados e que a causa segue o efeito de forma simples e direta, e que eu sei disso — preciso ter justiça, ou me destruirei. E não justiça em algum tempo e espaço remotos e infinitos, mas aqui na Terra, e que eu mesmo possa ver. Eu acreditei nisso. Quero ver isso, e se eu estiver morto até lá, que eu ressuscite, pois se tudo acontecer sem mim, será injusto demais. Certamente não sofri simplesmente para que eu, meus crimes e meus sofrimentos, possa adubar o solo da futura harmonia para outra pessoa. Quero ver com meus próprios olhos a cervinha deitar-se ao lado do leão e a vítima levantar-se e abraçar seu assassino. Quero estar lá quando todos, de repente, compreenderem para que tudo isso serviu. Todas as religiões do mundo se baseiam nesse anseio, e eu sou um crente. Mas, então, há as crianças, e o que devo fazer a respeito delas? Essa é uma pergunta à qual não consigo responder. Pela centésima vez repito: há inúmeras perguntas, mas escolhi apenas as crianças, porque no caso delas o que quero dizer é tão incontestavelmente claro. Ouça! Se todos devem sofrer para pagar pela harmonia eterna, o que as crianças têm a ver com isso, diga-me, por favor? Está além de qualquer compreensão por que elas deveriam sofrer e por que deveriam pagar pela harmonia. Por que elas também deveriam fornecer matéria para enriquecer o solo para a harmonia do futuro? Compreendo a solidariedade no pecado entre os homens. Compreendo também a solidariedade na retribuição; mas não pode haver tal solidariedade com as crianças. E se é realmente verdade que elas devem compartilhar a responsabilidade por todos os crimes de seus pais, tal verdade não é deste mundo e está além da minha compreensão. Algum bufão dirá, talvez, que a criança teria crescido e pecado, mas veja bem que ela não cresceu, foi despedaçada por cães, aos oito anos de idade. Ah, Alyosha, não estou blasfemando! Eu compreendo, é claro, que grande convulsão no universo será, quando tudo no céu e na terra se fundir em um único hino de louvor e tudo o que vive e já viveu clamar em alta voz: “Tu és justo, ó Senhor, pois Teus caminhos são revelados.” Quando a mãe abraça o demônio que jogou seu filho aos cães, e todos os três clamam em voz alta, entre lágrimas: “Tu és justo, ó Senhor!”, então, é claro, a coroa do conhecimento será alcançada e tudo ficará claro. Mas o

que me impede de chegar até lá é que não consigo aceitar essa harmonia. Enquanto estou aqui na Terra, apresso-me a tomar minhas próprias medidas. Vê veja, Alyosha, talvez realmente possa acontecer que, se eu viver até aquele momento, ou ressuscitar para vê-lo, eu também, talvez, possa clamar em voz alta com os demais, olhando para a mãe que abraça o torturador da criança, ‘Tu és justo, ó Senhor!’, mas não quero gritar bem alto naquele momento. Enquanto ainda há tempo, apresso-me a me proteger e, por isso, renuncio por completo à harmonia superior. Não vale a pena pelas lágrimas daquela única criança torturada que se batia no peito com seu punhinho e rezava em seu banheiro fétido, com suas lágrimas não expiadas ao “querido e bondoso Deus”! Não vale a pena, porque essas lágrimas não foram expiadas. Elas precisam ser expiadas, ou não poderá haver harmonia. Mas como? Como você vai expiá-las? Isso é possível? Por meio de sua vingança? Mas o que me importa vingá-las? O que me importa um inferno para os opressores? De que adianta o inferno, já que essas crianças já foram torturadas? E o que será da harmonia, se houver inferno? Eu quero perdoar. Quero abraçar. Não quero mais sofrimento. E se os sofrimentos das crianças vierem aumentar a soma de sofrimentos que foi necessária para pagar pela verdade, então protesto que a verdade não vale tal preço. Não quero que a mãe abrace o opressor que jogou seu filho aos cães! Ela não ousa perdoá-lo! Que ela o perdoe por si mesma, se quiser; que perdoe o torturador pelo sofrimento imensurável do coração de sua mãe. Mas os sofrimentos de seu filho torturado ela não tem o direito de perdoar; ela não ousa perdoar o torturador, mesmo que a criança o perdoasse a ele! E se for assim, se eles não ousarem perdoar, o que será da harmonia? Existe em todo o mundo um ser que tivesse o direito de perdoar e pudesse perdoar? Não quero harmonia. Por amor à humanidade, não a quero. Prefiro ficar com o sofrimento não vingado. Prefiro permanecer com meu e minha indignação insatisfeita, mesmo que eu estivesse errado. Além disso, pede-se um preço alto demais pela harmonia; está além de nossas possibilidades pagar tanto para entrar nela. E assim me apresso em devolver meu ingresso, e, se sou um homem honesto, sou obrigado a devolvê-lo o mais rápido possível. E é isso que estou fazendo. Não é Deus que eu não aceito, Aliosha, apenas devolvo a Ele, com todo o respeito, o ingresso.”

“Isso é rebelião”, murmurou Aliosha, olhando

para baixo.

“Rebelião? Lamento que você chame isso assim”, disse Ivan com sinceridade. “É difícil viver em rebelião, e eu quero viver. Diga você mesmo, eu te desafio — responda. Imagine que você está criando uma trama do destino humano com o objetivo de tornar o homem feliz no final, dando-lhe paz e descanso finalmente, mas que fosse essencial e inevitável torturar até a morte apenas uma minúscula criatura — aquele bebê batendo no peito com o punho, por exemplo — e fundar esse edifício sobre suas lágrimas não vingadas, você consentiria em ser o arquiteto nessas condições? Diga-me, e diga a verdade.”

“Não, eu não consentiria”, disse Alyosha suavemente.

“E você consegue admitir a ideia de que os homens para os quais você está construindo isso concordariam em aceitar sua felicidade com base no sangue não expiado de uma pequena vítima? E que, ao aceitá-la, permaneceriam felizes para sempre?”

“Não, não posso admitir isso. Irmão”, disse Alyosha de repente, com os olhos brilhantes, “você disse há pouco: existe algum ser em todo o mundo que teria o direito de perdoar e poderia perdoar? Mas existe um Ser e Ele pode perdoar tudo, de uma vez por todas, porque derramou Seu sangue inocente por todos e por tudo. Você se esqueceu Dele, e sobre Ele está construído o edifício, e é a Ele que clamam em alta voz: ‘Tu és justo, ó Senhor, pois Teus caminhos são revelados!’”

“Ah! Aquele que não tem pecado e Seu sangue! Não, eu não O esqueci; pelo contrário, fiquei me perguntando o tempo todo como é que você não O mencionou antes, pois normalmente todos os argumentos do seu lado O colocam em primeiro plano. Sabe, Alyosha — não ria! Eu escrevi um poema há cerca de um ano. Se você puder me dedicar mais dez minutos, vou recitá-lo para você.”

“Você escreveu um poema?”

“Ah, não, eu não o escrevi”, riu Ivan, “e nunca escrevi duas linhas de poesia na vida. Mas inventei esse poema em prosa e o memorizei. Eu me empolguei quando o inventei. Você será meu primeiro leitor — quer dizer, ouvinte. Por que um autor deveria abrir mão de nem mesmo um ouvinte?”, sorriu Ivan. “Devo contá-lo para você?”

“Estou todo atenção”, disse Alyosha.

“Meu poema se chama ‘O Grande Inquisidor’; é uma coisa ridícula, mas quero contá-lo para você.[1]ci

(b) O Grande Inquisidor

[Extraído da Palestra do Curso de Sobrevivência de 1980 sobre Nietzsche] Portanto, ele concebe essa ideia do Grande Inquisidor, que pretende ser a ideia do Anticristo, mas baseada nas ideias da Igreja Romana — e são todas as ideias ruins da Igreja Romana que geraram a Inquisição e toda essa noção de cálculo, substituindo o verdadeiro cristianismo do coração. Assim, ele cria essa ideia, de certa forma revolucionária, de uma ditadura na qual as pessoas recebem pão e circo, e talvez até mesmo religião, mas não há realidade por trás disso, ou seja, não há vida eterna, nem Deus. E as pessoas são enganadas para mantê-las caladas....

258-9,

“Ele entrou discretamente, sem ser notado, e, no entanto, por mais estranho que pareça, todos O reconheceram. Essa talvez seja uma das melhores passagens do poema. Quero dizer, por que eles O reconhecem. As pessoas são irresistivelmente atraídas por Ele, cercam-No, aglomeram-se em torno Ele, seguem-No. Ele se move silenciosamente no meio delas com um sorriso gentil de infinita compaixão. O sol do amor arde em Seu coração, luz e poder irradiam de Seus olhos, e seu brilho, derramado sobre as pessoas, comove seus corações com amor recíproco. Ele estende Suas mãos para elas, abençoa-as, e uma virtude curativa emana do contato com Ele, até mesmo com Suas vestes. Um ancião na multidão, cego desde a infância, clama: “Ó Senhor, cura-me e eu Te verei!”, e, por assim dizer, escamas caem de seus olhos e o cego O vê. A multidão chora e beija a terra sob Seus pés. Crianças lançam flores diante Dele, cantam e clamam hosana. “É Ele — é Ele!”, todos repetem. “Deve ser Ele, não pode ser ninguém além Dele!” Ele para nos degraus da catedral de Sevilha no momento em que os enlutados, em lágrimas, trazem um pequeno caixão branco aberto. Nele repousa uma criança de sete anos, a única filha de um cidadão proeminente. A criança morta jaz escondida entre as flores. “Ele vai ressuscitar sua filha”, grita a multidão para a mãe em pranto. O padre, que vem ao encontro do caixão, parece perplexo e franze a testa, mas a mãe da criança morta se joga aos pés Dele com um lamento. “Se és Tu, ressuscita minha filha!”, ela clama, estendendo as mãos para Ele. A procissão para, o caixão é depositado nos degraus aos pés dele. Ele olha

com compaixão, e Seus lábios mais uma vez pronunciavam suavemente : “Menina, levanta-te!”, e a menina se levanta. A garotinha senta-se no caixão e olha ao redor, sorrindo com os olhos bem abertos de admiração, segurando um buquê de rosas brancas que haviam colocado em sua mão.

“Há gritos, soluços, confusão entre o povo, e, naquele momento, o próprio cardeal, o Grande Inquisidor, passa pela catedral. É um homem idoso, com quase noventa anos, alto e ereto, com o rosto murcho e os olhos encovados, nos quais ainda há um brilho de luz. Ele não está vestido com suas magníficas , como estava no dia anterior, quando queimava os inimigos da Igreja Romana — naquele momento, vestia sua batina de monge, velha e áspera. À distância, atrás dele, vêm seus assistentes sombrios, seus servos e a “guarda sagrada”. Ele para ao ver a coroa e a observa à distância. Ele vê tudo; ele os vê colocarem o caixão aos pés de Jesus, vê a criança se levantar, e seu rosto se ensombra. Ele franze as grossas sobrançelas cinzentas e seus olhos brilham com um olhar sinistro. Ele estende o dedo e ordena que os guardas O levem. E tal é o seu poder, tão totalmente subjugado o povo, que se submete e obedece tremendo a ele, que a multidão imediatamente abre caminho para os guardas e, em meio a um silêncio sepulcral, eles colocam as mãos sobre Ele e o levam embora. A multidão instantaneamente se prostra até o chão, como um só homem, diante do velho inquisidor. Ele abençoa o povo em silêncio e segue em frente. Os guardas conduzem seu prisioneiro até a prisão abobadada, fechada e sombria, no antigo palácio da Santa Inquisição e O trancam ali. O dia passa e é seguido pela noite escura, escaldante e “sufocante” de Sevilla. O ar está “perfumado com louro e limão”. Na escuridão total, a porta de ferro da prisão se abre repentinamente e o próprio Grande Inquisidor entra com uma luz na mão. Ele fica parado na embocadura da porta e, por um ou dois minutos, contempla Seu rosto. Por fim, ele avança lentamente, coloca a luz sobre a mesa e fala.

“““És Tu? Tu?”, mas, ao não receber resposta, acrescenta imediatamente: “Não respondas, fica em silêncio. O que poderias dizer, afinal? Sei muito bem o que dirias. E não tens o direito de acrescentar nada ao que já disseste no passado. Por que, então, vieste para nos impedir? Pois Tu vieste para nos impedir, e Tu sabes disso. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Não sei quem Tu és e não me importo em saber se és Tu ou apenas uma aparência Dele, mas amanhã eu Te condenarei e Te queimarei na

fogueira como o pior dos hereges. E as mesmas pessoas que hoje beijaram Teus pés, amanhã, ao menor sinal meu, correrão para amontoar as brasas da Tua fogueira. Sabes disso? Sim, talvez Tu saibas disso”, acrescentou ele com penetração pensativa, sem tirar os olhos, nem por um momento, do Prisioneiro.”

“Não estou entendendo muito bem, Ivan. O que isso significa?”, disse Aliocha, que vinha ouvindo em silêncio, com um sorriso. “É simplesmente uma fantasia descabida, ou um equívoco por parte do velho — algum mal-entendido impossível?”

““Considere a última hipótese”, disse Ivan rindo, “se você está tão corrompido pelo realismo moderno e não suporta nada de fantástico. Se você prefere que seja um caso de identidade equivocada, que assim seja. É verdade”, continuou ele rindo, “o velho tinha noventa anos, e bem poderia estar enlouquecido com sua ideia fixa. Ele pode ter ficado impressionado com a aparência do Prisioneiro. Pode ser, de fato, simplesmente seus delírios, a ilusão de um velho de

260-1,

noventa anos, superestimulado pelo auto-de-fé de cem hereges no dia anterior. Mas, afinal, o que nos importa se foi um erro de identidade ou uma fantasia descabida? O que importa é que o velho fale, fale abertamente do que ele pensou em silêncio por noventa anos.”

““E o Prisioneiro também fica em silêncio? Ele olha para ele e não diz uma palavra?”

““Isso é inevitável, de qualquer forma”, Ivan riu novamente. ‘O velho disse a Ele que Ele não tem o direito de acrescentar nada ao que já disse há muito tempo. Pode-se dizer que essa é a característica fundamental do catolicismo romano, pelo menos na minha opinião. [As anotações do Pe. S. em “Anarquismo” sobre o Grande Inquisidor começam aqui:] “Tudo foi dado por Ti ao Papa”, dizem eles, “e tudo, portanto, ainda está nas mãos do Papa, e não há necessidade alguma de Tu vires agora.” [Não consta nas anotações do Pe. S:] “Tu não deves interferir, pelo menos por enquanto.” É assim que eles falam e escrevem também — os jesuítas, pelo menos. Eu mesmo li isso nas obras de seus teólogos. “Tens o direito de nos revelar um dos mistérios daquele mundo de onde vieste?””, pergunta-Lhe meu velho, e responde à pergunta por Ele. “Não, Tu não tens; para que não acrescentes ao que já foi dito desde os tempos an-

tigos, e não tires dos homens a liberdade que Tu exaltaste quando estavas na Terra. Tudo o que Tu revelares de novo infringirá a liberdade de fé dos homens; pois isso se manifestará como um milagre, e a liberdade de fé deles era mais preciosa para Ti do que qualquer outra coisa naqueles dias, há mil e quinhentos anos atrás. Tu não costumavas dizer então: “Eu vos farei livres”? Mas agora Tu viste esses homens ‘livres’”, acrescentou o ancião de repente, com um sorriso pensativo. “Sim, pagamos caro por isso”, ele continua, olhando severamente para Ele, “mas, finalmente, concluímos essa obra em Teu nome. Por quinze séculos temos lutado contra a Tua liberdade, mas agora isso acabou e terminou para sempre. Tu não acreditas que acabou para sempre? Tu olhas para mim com mansidão e te dignas mesmo a se irritar comigo. Mas deixa-me dizer-Te que agora, hoje, as pessoas estão mais convencidas do que nunca de que têm liberdade perfeita; no entanto, trouxeram sua liberdade até nós e a depositaram humildemente a nossos pés. Mas isso tem sido obra nossa. Foi isso que Tu fizeste? Era essa a Tua liberdade?”

““Não estou entendendo de novo”, interrompeu Alyosha. “Ele está sendo irônico, está brincando?”

““Nem um pouco! Ele alega que é um mérito para si mesmo e para sua Igreja o fato de que, finalmente, eles venceram a liberdade e fizeram isso para tornar os homens felizes. ‘Pois agora’ (ele está falando da Inquisição, é claro) ‘pela primeira vez tornou-se possível pensar na felicidade dos homens. O homem foi criado rebelde; e como podem os rebeldes ser felizes? Tu foste avisado”, diz ele a Ele. “Tu não careces de admoestações e avisos, mas não dá ouvidos a essas advertências; Tu rejeitaste o único caminho pelo qual os homens poderiam ser felizes. Mas, felizmente, ao partir, Tu nos entregaste essa tarefa. Tu prometeste, Tu estabeleceste com Tua palavra, Tu nos concedeste o direito de amarrar e desamarrar, e agora, é claro, Tu não podes pensar em tirá-lo de nós. Por que, então, vieste nos impedir?””

““E o que significa ‘não faltaram admoestações e avisos’?”, perguntou Alyosha.

““Ora, essa é a parte principal do que o velho deve dizer.”

““O Espírito sábio e temível, o espírito da autodestruição e da inexistência”, continua o velho, “o grande espírito conversou contigo no deserto, e nos dizem nos livros que ele Te ‘tentou’. É isso mesmo? E po-

deria haver algo mais verdadeiro do que o que ele Te revelou em três perguntas e o que Tu rejeitaste, e o que nos livros é chamado de ‘a tentação’? E, no entanto, se alguma vez houve na Terra um verdadeiro milagre estuendo, ele ocorreu naquele dia, no dia das três tentações. A formulação dessas três perguntas foi, por si só, o milagre. Se fosse possível imaginar, apenas para fins de argumentação, que essas três perguntas do espírito temível tivessem desaparecido completamente dos livros, e que tivéssemos que restaurá-las e inventá-las de novo, e que, para isso, tivéssemos reunido todos os sábios da terra — governantes, sumos sacerdotes, eruditos, filósofos, poetas — e lhes tivéssemos dado a tarefa de inventar três perguntas, tais que não apenas se adequassem à ocasião, mas expressassem em três palavras, três frases humanas, toda a história futura do mundo e da humanidade — tu acreditas que toda a sabedoria da Terra, unida, pudesse ter inventado algo com profundidade e força iguais às três perguntas que te foram de fato feitas naquela ocasião pelo espírito sábio e poderoso no deserto? Somente a partir dessas perguntas, a partir do milagre de sua formulação, podemos ver que não estamos lidando aqui com a inteligência humana passageira, mas com o absoluto e o eterno. Pois nessas três perguntas toda a história subsequente da humanidade está, por assim dizer, reunida em um todo, e predita, e nelas estão unidas todas as contradições históricas não resolvidas da natureza humana. Na época, isso não podia estar tão claro, já que o futuro era desconhecido; mas agora que mil e quinhentos anos se passaram, vemos que tudo nessas três perguntas foi tão justamente adivinhado e predito, e se cumpriu de forma tão verdadeira, que nada pode ser acrescentado a elas nem retirado delas.[1]cii

262-4.

“Julgue por si mesmo quem estava certo — você ou aquele que o questionou naquela época? Lembre-se da primeira pergunta; seu significado, em outras palavras, era este: ‘Você iria para o mundo e está indo de mãos vazias, com alguma promessa de liberdade que os homens, em sua simplicidade e rebeldia natural, nem sequer conseguem compreender, que eles temem e temem profundamente — pois nada jamais foi mais insuportável para um homem e para uma sociedade humana do que a liberdade. Mas vêssas pedras neste deserto árido e estéril? Transforma-as em pão, e a humanidade correrá atrás de Ti como um rebanho de ovelhas, grata e obediente, embora sempre tremendo, para que não retires

Tua mão e lhes negues Teu pão.” [As anotações do Pe. S. continuam:] Mas Tu não quiseste privar o homem da liberdade e rejeitaste a oferta, pensando: o que é essa liberdade se a obediência é comprada com pão? Tu respondeste que o homem não vive só de pão. Mas sabes que, por causa desse pão terreno, o espírito da terra se levantará contra Ti e lutará contra Ti e Te vencerá, e todos o seguirão, clamando: ‘Quem pode se comparar a esta besta? Ele nos deu fogo do céu!’ Tu sabes que as eras passarão, e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios que não há crime e, portanto, não há pecado; há apenas fome? “Alimentai os homens e, então, exigi-lhes virtude!” É isso que eles escreverão na bandeira, que erguerão contra Ti e com a qual destruirão Teu templo. Onde Teu templo se erguia, surgirá um novo edifício; a terrível torre de Babel será construída novamente, [não consta nas anotações do Pe. S:] e embora, como a de outrora, ela não seja concluída, Tu poderias ter impedido essa nova torre e abreviado os sofrimentos dos homens por mil anos; pois eles voltarão até nós após mil anos de agonia com sua torre. [As anotações do Pe. S continuam:] Eles nos procurarão novamente, escondidos no subsolo, nas catacumbas, [não consta nas anotações do Pe. S:] pois nós seremos novamente perseguidos e torturados. [As anotações do Pe. S continuam:] Eles nos encontrarão e clamarão para nós: ‘Alimentai-nos, pois aqueles que nos prometeram fogo do céu não o deram!’ E então nós terminaremos de construir a torre deles, pois quem os alimenta é quem termina a construção. E somente nós os alimentaremos em Teu nome, [não consta nas anotações do Pe. S:] Oh, nunca, nunca eles poderão se alimentar sozinhos sem nós! [As anotações do Pe. S continuam:] Nenhuma ciência lhes dará pão enquanto permanecerem livres. No fim, eles depositarão sua liberdade a nossos pés e nos dirão: ‘Façam de nós seus escravos, mas alimentem-nos’. Eles compreenderão, finalmente, que liberdade e pão suficiente para todos são inconcebíveis juntos, pois nunca, nunca serem capazes de dividir entre si! [não consta nas notas do Pe. S:] Eles também se convencerão de que nunca poderão ser livres, pois são fracos, perversos, inúteis e rebeldes. Tu lhes prometeste o pão do Céu, mas, repito mais uma vez, como ele se compararia ao pão terreno aos olhos da raça humana, fraca, sempre pecadora e ignóbil? E se, em nome do pão do Céu, milhares e dezenas de milhares Te seguirem, o que será dos milhões e dezenas de milhares de milhões de criaturas que não terão forças para

renunciar ao pão terreno em prol do celestial? Ou será que Te importas apenas com as dezenas de milhares dos grandes e fortes, enquanto os milhões, numerosos como as areias do mar, que são fracos mas Te amam, devem existir apenas em prol dos grandes e fortes? Não, nós também nos importamos com os fracos. Eles são pecadores e rebeldes, mas, no fim, também se tornarão obedientes. Eles se maravilharão conosco e nos verão como deuses, porque estamos prontos para suportar a liberdade que eles consideram tão terrível — e a governá-los; tão terrível lhes parecerá ser livres. Mas lhes diremos novamente, pois não permitiremos que Tu venhas até nós novamente. Esse engano será nosso sofrimento, pois sere-mos forçados a mentir.

[não consta no fr. S:] ““Este é o significado da primeira pergunta no deserto, e foi isso que Tu rejeitaste em nome daquela liberdade que Tu exaltaste acima de tudo. No entanto, nessa pergunta está oculto o grande segredo deste mundo. [As notas do Pe. S continuam:] Ao escolher o “pão”, Tu terias satisfeito o anseio universal e eterno da humanidade — encontrar alguém para adorar. Enquanto o homem permanecer livre, ele não se esforça por nada de forma tão incessante e tão dolorosa quanto encontrar alguém para adorar. Mas o homem busca adorar o que está estabelecido de forma incontestável, para que todos os homens concordassem de imediato em adorá-lo. [não consta nas anotações do Pe. S:] Pois essas criaturas lamentáveis preocupam-se não apenas em encontrar o que um ou outro possa adorar, mas em encontrar algo em que todos acreditem e adorem; o que é essencial é que todos possam estar juntos nisso. Esse anseio por uma comunidade de adoração é a principal miséria de cada homem individualmente e de toda a humanidade desde o início dos tempos. Pois, em nome da adoração comum, eles se mataram uns aos outros com a espada. Eles criaram deuses e desafiaram uns aos outros: “Abandonem seus deuses e venham adorar os nossos, ou mataremos vocês e seus deuses!” E assim será até o fim do mundo, mesmo quando os deuses desaparecerem da terra; eles se prostrarão diante dos ídolos da mesma forma. Tu sabias, Tu não podias deixar de saber, esse segredo fundamental da natureza humana, mas [as notas do Pe. S. continuam:] Tu rejeitaste a única bandeira infalível que Te foi oferecida para fazer com que todos os homens se curvassem somente a Ti — a bandeira do pão terreno; e Tu a rejeitaste em nome da liberdade e do pão do Céu. [não

consta nas notas do Pe. S:] Vê o que Tu fizeste ainda. E tudo novamente em nome da liberdade! Eu Te digo que o homem não é atormentado por ansiedade maior do que a de encontrar rapidamente alguém a quem possa entregar esse dom da liberdade com o qual a criatura infeliz nasce. Mas [as's notas continuam:] somente aquele que pode apaziguar sua consciência pode assumir sua liberdade. [não consta nas notas do Pe. S:] No pão, foi-Te oferecida uma bandeira invencível; [as notas do Pe. S continuam:] dá pão, e o homem Te adorará, pois nada é mais certo do que o pão. Mas se outra pessoa se apoderar de sua consciência — oh! então ele rejeitará Teu pão e seguirá aquele que enredou sua consciência. Nisso Tu estavas certo. Pois o segredo do ser humano não é apenas viver, mas ter algo pelo qual viver. Sem uma concepção estável do objetivo da vida, o homem não consentiria em continuar vivendo e preferiria se destruir a permanecer na Terra, mesmo que tivesse pão em abundância. [não consta nas anotações do Pe. S:] Isso é verdade. Mas o que aconteceu? Em vez de tirar a liberdade dos homens, Tu a tornaste maior do que nunca! Será que Te esqueceste de que o homem prefere a paz, e até mesmo a morte, à liberdade de escolha no conhecimento do bem e do mal? Nada é mais sedutor para o homem do que sua liberdade de consciência, mas nada é causa maior de sofrimento. E eis que, em vez de dar um alicerce firme para acalmar a consciência do homem para sempre, Tu escolheste tudo o que é excepcional, vago e enigmático; [As notas do Pe. S continuam:] Tu escolheste o que estava totalmente além das forças dos homens, agindo como se não os amasses de forma alguma [não consta nas notas do Pe. S:] -- Tu, que vieste para dar a Tua vida por eles! Em vez de assumir posse da liberdade dos homens, Tu a aumentaste e sobrecarregaste o reino espiritual da humanidade com seus sofrimentos para sempre. [As anotações do Pe. S continuam:] Tu desejava o amor livre do homem, para que ele Te seguisse livremente, seduzido e cativado por Ti. Em vez da rígida lei antiga, o homem deve, doravante, com coração livre, decidir por si mesmo o que é bom e o que é mau, tendo apenas a Tua imagem diante de si como guia. [não consta nas notas do Pe. S:] Mas Tu não sabias que ele acabaria por rejeitar até mesmo a Tua imagem e a Tua verdade, se ele estiver sobrecarregado com o terrível fardo do livre arbítrio? Eles clamarão em voz alta, por fim, que a verdade não está em Ti, pois não poderiam ter sido deixados em maior confusão e sofrimento do que Tu causaste, impondo-lhes

tantas preocupações e problemas sem resposta.

“““De modo que, na verdade, Tu mesmo lançaste os alicerces para a destruição do Teu reino, e ninguém é mais culpado por isso. No entanto, o que Te foi oferecido? [As anotações do Pe. S. continuam:] Existem três poderes, apenas três, capazes de conquistar e manter cativa para sempre a consciência desses rebeldes impotentes em relação à sua felicidade — essas forças são o milagre, o mistério e a autoridade. [não consta nas anotações do Pe. S.:] Tu rejeitaste todos os três e deste o exemplo de como fazê-lo. Quando o sábio e temível espírito Te colocou no pináculo do templo e Te disse: “Se Tu quisesse saber se Tu és [fim da p. 264, mas as S continuam:] O homem não busca tanto Deus quanto o milagroso. E como o homem não suporta ficar sem o milagroso, ele criará novos milagres por conta própria para si mesmo, e adorará atos de feitiçaria e bruxaria, embora ele possa ser cem vezes rebelde, herege e infiel... Tu não escravizarias o homem por meio de um milagre, e ansiavas por uma fé oferecida livremente, não baseada em milagres... O homem é, por natureza, mais fraco e mais vil do que Tu acreditavas que ele fosse!... Ao demonstrar-lhe tanto respeito, Tu, por assim dizer, deixaste de ter compaixão por ele, pois exigiste demais dele — Tu, que o amaste mais do que a Ti mesmo! Se o respeitasses menos, Tu ter-lhe pedido menos. Isso teria sido mais parecido com amor, pois seu fardo teria sido mais leve... Será que Tu vieste simplesmente para os eleitos e pelos eleitos? Mas, se for assim, é um mistério e não podemos compreendê-lo Nós corrigimos Tua obra e a fundamentamos em milagre, mistério e autoridade... não amamos a humanidade, de modo a reconhecer com mansidão sua fraqueza, aliviando com amor seu fardo e permitindo que sua natureza fraca até mesmo pecasse com a nossa aprovação?... tiramos dele o que Tu rejeitaste com desdém, aquele último presente que ele Te ofereceu, mostrando-Te todos os reinos da terra. Tiramos dele Roma e a espada de César, e nos proclamamos únicos governantes da terra,... mas nós triunfaremos e seremos Césares, e então planejaremos a felicidade universal do homem.... tudo o que o homem busca na terra — isto é, alguém para adorar, alguém para guardar sua consciência, e algum meio de unir todos em um único formigueiro unânime, pois o desejo ardente pela unidade universal é a terceira e última angústia dos homens. A humanidade como um todo sempre se esforçou para organizar um Estado universal... Ah, as eras ainda estão por vir da

confusão do pensamento livre, da ciência e do canibalismo deles. Pois, tendo começado a construir sua torre de Babel sem nós, eles terminarão, é claro, em canibalismo. Mas então a besta rastejará até nós e lamberá nossos pés... E nós nos sentaremos sobre a besta e ergueremos a taça, e nela estará escrito: “Mistério”. Mas então, e somente então, o reinado da paz e da felicidade chegará para os homens. Tu te orgulhas dos Teus eleitos, enquanto nós damos descanso a todos. E, além disso, quantos desses escolhidos, esses poderosos que poderiam se tornar escolhidos, se cansaram de esperar por Ti, e transferiram e transferirão os poderes de seu espírito e o calor de seu coração para o outro campo, e acabarão por erguer sua bandeira de liberdade contra Ti... A liberdade, o pensamento livre e a ciência os conduzirão a tais dificuldades e os colocarão face a face com tais maravilhas e mistérios insolúveis, que alguns deles, os ferozes e rebeldes, se destruirão, outros, rebeldes mas fracos, destruirão uns aos outros, enquanto o restante, fraco e infeliz, rastejará bajulador aos nossos pés e nos implorará: “Sim, vocês estavam certos, só vocês possuem o mistério Dele, e voltamos para vocês, salvem-nos de nós mesmos!”

...E todos serão felizes, todos os milhões de criaturas, exceto as cem mil que governam sobre elas. Pois somente nós, nós que guardamos o mistério, seremos infelizes.... Pacificamente eles morrerão, pacificamente expirarão em Teu nome, e além da tumba não encontrarão nada além da morte. Mas nós guardaremos o segredo e, para a felicidade deles, os seduziremos com a recompensa do céu e da eternidade.

“[O Grande Inquisidor] conduzirá os homens conscientemente à morte e à destruição e, ainda assim, os enganará durante todo o caminho para que não percebam para onde estão sendo levados, para que as pobres criaturas cegas possam, pelo menos no caminho, se considerarem felizes.”[1]ciii

[Continuação da gravação da palestra de Nietzsche:] O Grande Inquisidor diz: como você pode amar a humanidade? É simplesmente horrível, ou, um tipo de criatura repugnante, essa criatura decaída? Você pode cuidar delas e dar-lhes tudo o que precisam, mas como você pode amá-las? E Cristo é aquele que ama a humanidade.

Referências

- [1] — Ibid., p. xxiv.
- [2] — Carta ao imperador Francisco José, 4/16 de janeiro de 1854, citada em Talberg, p. 188: “O senhor está se permitindo, como imperador apostólico, fazer dos interesses dos turcos os seus próprios?”
- [3] — Ibid., p. 20.
- [4] — Qual é a fonte disso?
- [5] — Citado em Randall, op. cit., p. 433. xxxvi. As anotações do Pe. Seraphim para o capítulo “Ordem” do livro *Anarquismo* incluem uma citação de *Ensayo Sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo* (*Ensaio sobre o Catolicismo, o Liberalismo e o Socialismo*), de J.F. Wagner, Nova York, 1925, Livro I, Capítulo 1, p. 13: “Aquele que... fala explicitamente de qualquer coisa,... fala implicitamente de Deus, ou... fala explicitamente de qualquer ciência,... fala implicitamente de teologia.” “A teologia, considerada em sua acepção mais geral, é o tema perpétuo de todas as ciências, assim como Deus é o tema perpétuo de todas as especulações humanas. Toda palavra que sai da boca do homem é uma afirmação da Divindade, mesmo aquela pela qual ele blasfema ou O nega.”
- [6] — Donoso, qual é a fonte disso?
- [7] — Ibid., Livro II, p. 165.
- [8] — Ibid., Livro II, pp. 166-168.
- [9] — Ibid., p. 197.
- [10] — De Maistre, p. 147.
- [11] — De Maistre, op. cit., “O Princípio Gerador das Instituições Políticas, XXVIII, p. 161.
- [12] — De Maistre, Joseph, *O Papa*, Howard Fertig, Inc., 1975, p.
- [13] — De Maistre, Joseph, *O Papa*, Howard Fertig, Inc., 1975, p. xxxiii: “O cristianismo baseia-se inteiramente no Sumo Pontífice.” [ênfase no original]
- [14] — Talberg, Nicholas Dimitrievitch, *Otechestvennaya Byl*, Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, NY, 1960, p. 151.
- [15] — Ibid., p. 161.
- [16] — Ibid., p. 162.
- [17] — Ibid., p. 165.
- [18] — Ibid.

- [19] — Ibid.
- [20] — Ibid., p. 166.
- [21] — Ibid., pp. 167-169.
- [22] — Ibid., p. 172.
- [23] — Ibid.
- [24] — Ibid., p. 180.
- [25] — Ibid., p. 180.
- [26] — Ibid., p. 180-1.
- [27] — Ibid., p. 181.
- [28] — Ibid., p. 188.
- [29] — Ibid., p. 188.
- [30] — O padre Serafim está parafraseando a carta ao imperador Francisco José, de 4/16 de janeiro de 1854; citada em Talberg, p. 188: “O senhor, um imperador apostólico, está se permitindo fazer dos interesses dos turcos os seus próprios? Sua consciência permitirá isso? Se isso acontecer, a Rússia seguirá sozinha, sob a proteção da Santa Cruz, em direção ao seu santo propósito. Se o senhor apoiar a causa dos turcos e se opuser a mim sob o signo do crescente, isso levará a uma guerra fratricida.”
- [31] — Talberg, pp. 188-9.
- [32] — Ibid., p. 195.
- [33] — Ibid., p. 197.
- [34] — Ibid.
- [35] — Ibid., p. 198.
- [36] — Ibid., p. 201.
- [37] — Ibid., p. 202.
- [38] — Ibid., p. 203.
- [39] — Gogol, Nicolau, citado em Ensaios sobre a História da Literatura Russa do Século XIX, I. M. Andreyev, p. 135.
- [40] — Andreyev, p. 136.
- [41] — Ibid., p. 137.
- [42] — Talberg, p. 229.
- [43] — Talberg, pp. 230-231.
- [44] — Ibid., pp. 232-3.
- [45] — Ibid., pp. 245-8.
- [46] — Dostoiévski, Fiódor, *Os Possuídos*, trad. Constance Garnett, The Modern Library, Inc., Random House, Inc., 1963, pp. 397-400.

[47] — Os Possuídos, pp. 409-413.

[48] — Ibid., p. 415.

[49] — Ibid., pp. 424-425.

[50] — Ibid., pp. 628-630. As anotações do padre S sobre o anarquismo contêm estas citações de Kirillov: “Se Deus não existe, então eu sou Deus... Se Deus existe, tudo é Sua vontade e não posso escapar dela. Se não, tudo é minha vontade e estou fadado a demonstrar obstinação... o atributo da minha divindade é a obstinação!”

Aula 9

A Revolução de 1848 e Além

9.1 A Revolução de 1848

A. Introdução

Segunda metade do século XIX: o realismo substitui o romantismo, o “científico” substitui o socialismo utópico, a ideia da “luta de classes” é promovida por propagandistas como Marx, o crescente industrialismo com as condições nas fábricas contribui para a agitação e os distúrbios. A Revolução deixa de sonhar e clama por ação.

2. Aqui veremos as filosofias revolucionárias mais radicais — mas nenhuma delas nos revelará inteiramente a “teologia” da Revolução — devemos reuni-las todas e aplicar o critério do Cristianismo Ortodoxo.

3. A atividade do diabo torna-se cada vez mais evidente, e seu nome agora começa a ser invocado. Ivan Karamazov — p. — xciv

B. Revolução de 1848

1. Produziu poucos resultados por si só — mas levantou o “Espectro Vermelho”. O Manifesto Comunista de Marx foi publicado em janeiro de 1848, pouco antes das Revoluções. A Revolução começou na França em 22 de fevereiro, quando um banquete e manifestações de reformistas foram proibidos — em poucas horas, o rei fugiu. Os reformistas sociais se reuniram para planejar a República — ver Webster, pp. 136-7-8-9.

“Assim, no espaço de poucas horas, a monarquia foi varrida e a ‘Re-

pública Social-Democrática' foi proclamada.

“Mas agora os homens que haviam provocado a crise se viam diante da tarefa de reconstrução — uma questão bem diferente. Pois uma coisa é sentar-se pacificamente à mesa escrevendo sobre as belezas da revolução; outra coisa bem diferente é encontrar-se no meio de uma cidade tumultuada, onde todas as fontes da lei e ordem foram rompidas; uma coisa é falar romanticamente sobre ‘a soberania do povo’, outra bem menos reconfortante para a própria vaidade é se deparar com trabalhadores de carne e osso exigindo insolentemente o cumprimento das promessas que se lhes fez. Essa foi a experiência que coube aos homens que compunham o Governo Provisório no dia seguinte à abdicação do rei. Todos defensores da revolução social, eles agora, pela primeira vez, viram a revolução cara a cara — e gostaram menos dela do que no papel.

“O hasteamento da bandeira vermelha pela população — descrita por Lamartine como ‘o símbolo de ameaças e desordens’ — havia semeado o terror nos corações de todos, exceto de Louis Blanc, e só depois que Lamartine, em um discurso apaixonado, implorou à multidão enfurecida que restabelecesse a tricolor é que a bandeira vermelha foi finalmente arriada e os deputados puderam retirar-se para o Hotel de Ville e discutir o novo esquema de governo.

“Em toda a história do ‘Movimento Operário’, nenhuma cena mais dramática jamais se desenrolou do que aquela que agora ocorria. Sentados ao redor da mesa do conselho estavam os homens que, nos últimos dez anos, haviam inflamado o povo com entusiasmo pelos princípios da Primeira Revolução — Lamartine, panegirista da Gironda, Louis Blanc, o robespierrista, Ledru Rollin, cuja principal fonte de orgulho era sua suposta semelhança com Danton.

“De repente, a porta da sala do conselho se abriu de golpe e um operário entrou, arma na mão, o rosto contorcido de raiva, seguido por vários de seus companheiros. Avançando em direção à mesa onde estavam sentados os demagogos trêmulos, Marche, pois esse era o nome do líder da delegação, bateu no chão com a cabo da arma e disse em voz alta: “Cidadãos, já se passaram vinte e quatro horas desde que a revolução foi feita; o povo aguarda os resultados. Eles me enviaram para lhes dizer que não tolerarão mais atrasos. Eles querem o direito ao trabalho — o direito ao trabalho imediato.”

“Vinte e quatro horas desde que a revolução havia sido feita, e os Novos Céus e a Nova Terra ainda não haviam sido criados! Os teóricos haviam calculado sem levar em conta a imensa impaciência do ‘Povo’; haviam esquecido que, para mentes simples e práticas, dar é dar rapidamente e de imediato; que as imensas mudanças sociais representadas por Louis Blanc em sua Organização do Trabalho como algo bastante simples haviam sido aceitas pelos trabalhadores com o mesmo espírito incuestionável; das enormes dificuldades inerentes ao reajuste das condições de trabalho, do tempo que levaria para reconstruir o todo o sistema social, Marche e seus companheiros não tinham noção alguma. Lhes haviam prometido o “direito ao trabalho”, e a gigantesca organização que essa breve fórmula implicava deveria ser realizada em um dia e colocada em funcionamento instantaneamente.

“Louis Blanc admite que sua primeira emoção ao ouvir a tirada de Marche foi de raiva; teria sido melhor se ele tivesse dito que foi de vergonha. Foi ele, mais do que qualquer outro, quem mostrou aos trabalhadores a terra prometida e, agora que ela se revelara uma miragem, era ele, mais do que qualquer outro, o culpado. Antes de prometer, é preciso saber como cumprir — e cumpri-la sem demora.

“Aparentemente, era Lamartine que os trabalhadores consideravam o principal obstáculo à sua reivindicação pelo ‘direito ao trabalho’, pois, durante todo o discurso, Marche mantivera os olhos fixos, ‘ardentes de audácia’, nos do poeta da Gironda. Lamartine, indignado com essa atitude, respondeu imediatamente em um tom imperioso que, mesmo que fosse ameaçado por mil mortes, mesmo que fosse conduzido por Marche e seus companheiros diante dos canhões carregados lá embaixo, sob as janelas, ele jamais assinaria um decreto cujo significado não compreendesse. Mas, finalmente, superando sua irritação, adotou um tom mais conciliador, e, colocando a mão no braço do operário enfurecido, implorou-lhe que tivesse paciência, ressaltando que, por mais legítima que fosse sua exigência, uma medida tão importante quanto a organização do trabalho levaria tempo para ser elaborada; que, diante de tantas necessidades urgentes, o governo precisava de tempo para formular seus planos; que todos os homens competentes deveriam ser consultados...

“A eloquência do poeta triunfou; aos poucos, a indignação de Marche foi se acalmando; os operários, homens honestos, comovidos pela sin-

ceridade evidente do orador, olharam uns para os olhos dos outros com ar interrogativo, com uma expressão de cedência, e Marche, interpretando a atitude deles, exclamou: ‘Bem, então, sim, vamos esperar. Vamos confiar em nosso governo. O povo vai esperar; ele coloca três meses de miséria a serviço da República!’

“Já foram proferidas palavras mais comoventes em toda a história da revolução social? Assim como seus antepassados de 1792, esses homens estavam prontos a sofrer, a se sacrificar pela República recém-formada, apresentada a eles como a única esperança de salvação para a França, e animados por esse nobre entusiasmo, estavam dispostos a confiar nos charlatões políticos que os haviam levado, com promessas bonitas, a uma insurreição abortada. Mesmo enquanto Lamartine exortava à paciência, Louis Blanc, ainda absorto em suas teorias ainda não testadas, havia se retirado para o vão de uma janela, onde, com Flocon e Ledru Rollin, redigiu o decreto, baseado no artigo 10º da “Declaração dos Direitos do Homem”, pelo qual o Governo Provisório se comprometia a “garantir trabalho a todos os cidadãos”. Louis Blanc era provavelmente o único homem presente que acreditava na possibilidade de cumprir essa promessa; no entanto, todos acabaram por subscrevê-la, e no mesmo dia o decreto foi proclamado publicamente por toda Paris.

“Dois dias depois, as Oficinas Nacionais, que deveriam proporcionar o emprego prometido, foram inauguradas sob a direção de Emile Thomas e do Sr. Marie. O resultado foi inevitavelmente desastroso: como o trabalho necessário era insuficiente, os trabalhadores eram enviados de um lado para outro, de um empregador a outro; tarefas inúteis foram criadas, o que inevitavelmente se revelou desanimador para os homens nelas envolvidos, enquanto os trabalhadores dos ofícios especializados, para os quais não se conseguia encontrar emprego, tiveram que ser mantidos com um “subsídio de desemprego”. Essa última medida, a mais desmoralizante de todas, teve o efeito de atrair milhares de trabalhadores de todo o país, e até mesmo do exterior, para a capital.[1]cv

Os trabalhadores eram idealistas — Webster 141-2.

“Os trabalhadores, por sua vez, mostraram-se, em geral, perfeitamente sensatos e razoáveis, exigindo proteção contra a exploração dos intermediários e uma redução da jornada de trabalho para dez ou onze horas por dia, apresentando como justificativa uma teoria talvez defensável em uma

época em que as jornadas de trabalho consistiam de quatorze ou quinze horas, mas que hoje foi distorcida no desastroso sistema conhecido como ‘Ca’ Canny’, a saber, que ‘quanto mais longo for o dia, menos trabalhadores são empregados, e que os trabalhadores que estão ocupados absorvem um salário que poderia ser dividido entre um número maior de trabalhadores’. Eles também “criticaram o trabalho excessivo como um obstáculo à sua educação e ao desenvolvimento intelectual do povo”.

“De qualquer forma, fossem ou não corretas suas noções de economia política, o povo de Paris, diante dessa crise, mostrou-se de modo algum propenso à violência; o povo não desejava derramamento de sangue nem barricadas, nem incêndios nem destruição. Reduzido à sua expressão mais simples, o povo pedia apenas duas coisas — pão e trabalho: que exigência mais justa poderia ter sido formulada? E eles estavam dispostos, como Marche havia dito, a esperar, a sofrer, a se sacrificar não apenas por seu próprio bem-estar final, mas pela glória da França. Embora tivessem sido enganados por visionários, iludidos quanto aos benefícios da Primeira Revolução Francesa, eles não pediam a repetição de seus horrores, mas apenas que lhes fosse permitido trabalhar em paz e fraternidade.

“Cidadãos,...” escreveram os estampadores de tecidos ao Governo Provisório no final de março de 1848, “nós, trabalhadores nós mesmos, estampadores de tecidos, oferecemos a vocês nossa humilde cooperação, trazemos a vocês 2.000 francos para contribuir para o sucesso de sua nobre empreendimento... Que fiquem tranquilos aqueles que possam acreditar em um retorno às cenas sangrentas vividas em nossa história! Que fiquem tranquilos! Nem guerra civil, nem guerra no exterior dilacerarão as entranhas de nossa bela França! Que fiquem tranquilos quanto à nossa Assembleia Nacional, pois não haverá nem Montagnards nem Girondinos! Sim, que fiquem tranquilos e ajudem a proporcionar à Europa um espetáculo mágico; que mostrem ao universo que, na França, não houve violência na revolução, que houve apenas uma mudança de sistema, que a honra sucedeu à corrupção, a soberania do povo e da equidade ao despotismo odioso, a força e a ordem à fraqueza, a união às castas, à tirania este sublime lema: ‘Liberdade, Igualdade, Fraternidade, progresso, civilização, felicidade para todos e todos pela felicidade!’”[1]cvi

Mas o governo começou a promover reformas utópicas e as pessoas em Paris e nas províncias passaram a temer os “trabalhadores” como revo-

lucionários. Louis Blanc proclamou o objetivo da “dominação absoluta do proletariado”. Então, uma manifestação em favor da Polônia levou a uma cena (Webster 150-2)

“...[O]s revolucionários..., agora legalmente excluídos do governo, foram obrigados a procurar um novo pretexto para agitar o povo. Esse pretexto foi fornecido por uma revolta na Polônia que as tropas prussianas haviam reprimido impiedosamente no dia 5 de maio, e os trabalhadores de Paris foram convocados a se reunir em milhares como protesto contra essa demonstração de autoridade arbitrária. Assim, no dia 13, uma procissão de 5.000 a 6.000 pessoas... marchou até a Place de la Concorde, gritando: “Vive la Pologne!” Os trabalhadores na multidão, que haviam saído de boa-fé para se mobilizar, conforme lhes fora pedido, em favor da Polônia oprimida, não nutriam intenções revolucionárias e jamais sonharam em derrubar a Assembleia eleita por sufrágio universal. Mas, como de costume, agentes da desordem haviam se infiltrado em suas fileiras, estranhos de aparência sinistra prontos a se aliar tanto à polícia quanto à turba a fim de provocar um tumulto; mulheres bem vestidas, que não pertenciam ao povo, foram vistas incitando a multidão à violência.

“Na ponte da Concórdia, a procissão parecia hesitar, mas Blanqui, colocando-se agora à sua frente, gritou em voz alta: ‘Avante!’, e toda a multidão avançou em direção ao palácio ocupado pela Assembleia. O pequeno contingente da Guarda Nacional reunido mostrou-se impotente para conter a maré avassaladora de 150.000 homens e mulheres, que avançava com tanta força que várias pessoas foram esmagadas até a morte na entrada do palácio.

“Foi então que Lamartine, mais corajoso do que seus antecessores, os revolucionários de 1792, saiu da Assembleia e enfrentou o povo.

“‘Cidadão Lamartine’, disse um dos líderes, Laviron, ‘viemos ler uma petição à Assembleia em favor da Polônia...’

“‘Vocês não passarão’”, respondeu Lamartine imperiosamente.

“‘Com que direito você nos impedirá de passar? Nós somos o povo. Há tempo demais vocês proferem belas frases; o povo quer algo além de frases, deseja ir pessoalmente à Assembleia e manifestar seus desejos.’”

“Quão verdadeira foi a palavra proferida por uma voz na multidão nesse momento: ‘Infelizes, o que vocês estão fazendo? Vocês estão atirando para trás a causa da liberdade em mais de um século!’”

“Em vão, os homens que haviam desencadeado a tempestade tentavam agora acalmá-la. Enquanto a multidão avançava para o salão da Assembleia, Thomas, Raspail, Barbes, Ledru Rollin, Buchez e Louis Blanc lutavam em meio ao calor sufocante daquele dia de maio e ao odor da multidão aglomerada para fazer com que suas vozes fossem ouvidas. Louis Blanc, à mesa, declarou que “o povo, com seus gritos, havia violado sua própria soberania”; a multidão respondeu com gritos de: “Viva a Polônia! Viva a organização do trabalho!” Louis Blanc, atacado com a arma que ele mesmo havia forjado, ficou reduzido à impotência; já não era o teórico que os havia iludido com palavras que o povo exigia, mas Blanqui, o homem de ação, o instigador da violência e da fúria. “Blanqui! Onde está Blanqui? Queremos Blanqui!” era o grito da multidão. E, instantaneamente, carregada nos ombros da multidão, surgiu a estranha figura do famoso agitador — um homem pequeno, prematuramente encurvado, com olhos selvagens lançando chamas das órbitas profundas no rosto de palidez doentia, com cabelos negros raspados bem curtos como os de um monge, seu casaco preto abotoado até a gravata preta, as mãos envoltas em luvas pretas — e, diante dessa visão sinistra, um silêncio tomou conta da multidão. Blanqui, adaptando-se ao estado de espírito de seu público, proferiu então um discurso exigindo que a França declarasse imediatamente guerra à Europa pela libertação da Polônia — uma medida verdadeiramente estranha para o alívio da miséria pública em Paris! Enquanto isso, Louis Blanc, com uma bandeira polonesa colocada em suas mãos, fazia um esforço valente para recuperar sua popularidade. Um discurso eloquente sobre “a soberania do povo” teve, por fim, o efeito desejado e, em meio a gritos de “Viva Louis Blanc! Viva a República social e democrática!”, ele também foi içado nos ombros do povo e carregado em triunfo. Mas a emoção do momento revelou-se grande demais para o corpo frágil; Louis Blanc, com o rosto banhado em suor, tentou em vão se dirigir à multidão, mas nenhum som saiu de seus lábios e, finalmente baixado ao chão, desmaiou em um assento.

“A demência da multidão, incitada pelos ‘Clubistas’, atingiu agora seu auge. Enquanto Barbés tentava em vão proferir um discurso, a tribuna foi assinvadida por um grupo de maníacos, que, com os punhos cerrados, ameaçavam uns aos outros e abafavam sua voz com gritos tumultuosos. Para aumentar a confusão, as galerias começaram a desabar

sob o peso da multidão crescente e um tanque de água que se rompeu inundou o corredor.

“Nesse momento, Huber, que também havia caído em um longo desmaio, recuperou repentinamente a consciência e, subindo à tribuna, declarou com voz trovejante que a Assembleia estava dissolvida em nome do povo.

“No mesmo instante, Buchez foi arremessado para fora de seu assento, Louis Blanc foi empurrado pela multidão para a esplanada dos Inválidos, Raspail desmaiou no gramado, Sobrier foi carregado em triunfo pelos operários e Huber desapareceu.

“Seguiu-se então a inevitável reação. As tropas chegaram ao local e dispersaram a multidão; Barbés foi preso. Louis Blanc, com os cabelos despenteados e as roupas rasgadas, conseguiu escapar da Guarda Nacional e refugiou-se na Assembleia, apenas para se ver assaltado por gritos de indignação.

““Você só fala de si mesmo! Você não tem coração!”

“Enquanto essas cenas extraordinárias se desenrolavam na Assembleia, outra multidão de 200 pessoas invadiu a Prefeitura de Polícia, onde Causidière, seguindo o exemplo de Pétion em 10 de agosto, permanecia discretamente esperando para ver para que lado a maré viraria antes de decidir sobre o caminho que deveria seguir. Diante de uma multidão enfurecida de insurgentes, o desgraçado Caussidière, até então na vanguarda da revolução, começou então a falar de ‘autoridade constitucional’ e ameaçou atravessar o corpo de um rebelde com seu sabre.

“Com a ajuda da Guarda Republicana, a Prefeitura de Polícia foi finalmente evacuada, e por toda Paris as tropas se dedicaram a restaurar a ordem. ‘A repressão,’ escreve a condessa d’Agoult, “é impiedosa porque o ataque foi terrível” — palavras que devem ser sempre lembradas pelos artífices da revolução. Quanto mais feroz for o ataque, mais feroz deve ser a resistência, e a anarquia só pode terminar em despotismo. Até mesmo os são obrigados a admitir os efeitos reacionários do dia 15 de maio, e o próprio povo, sempre impressionado com uma demonstração de autoridade, se aliou aos vencedores. Quando, no dia 16 de maio, os conspiradores presos partem para Vincennes, “eles ouvem, ao passarem pelo Faubourg St. Antoine, as imprecações da multidão de homens, mulheres e crianças que, apesar do calor extremo do dia, seguem as carrua-

gens com insultos na boca até as primeiras casas de Vincennes.”

“Mas essa revolta do sentimento popular foi apenas momentânea; em pouco tempo os socialistas haviam restabelecido sua ascendência sobre o povo. Nas eleições suplementares de 5 de junho, Pierre Leroux, Proudhon e Caussidière foram todos eleitos, e a situação complicou-se ainda mais com a eleição de Luís Napoleão Bonaparte.

“Foi nessa época que os planos imperialistas dos bonapartistas se tornaram evidentes pela primeira vez, e que o grito de ‘Viva o’Empereur!’ foi ouvido pela primeira vez. Os líderes dessa facção, não menos do que os dos socialistas, perceberam que a derrubada do governo existente deveria ser provocada por uma insurreição popular, e a arma habitual do ódio de classe foi empregada por ambos com igual falta de escrúpulos.[1]cvii

Quando as eleições foram realizadas — a maioria na Assembleia era monarquista! Durante três dias em junho, todos os partidos estavam nas ruas, e a Guarda Nacional os massacrrou todos — —

“Seguiram-se então os três dias terríveis de 22 de junho até o dia 25. Barricadas foram mais uma vez erguidas nas ruas, e foi declarada uma guerra até a morte contra a República. Como em toda onda da Revolução Mundial, os insurgentes eram compostos por elementos em conflito, todos decididos a destruir a ordem existente e todos animados por objetivos opostos. Assim,... as multidões que participaram da insurreição incluíam, além dos operários levados pela fome e pelo desespero à revolta, um número de pessoas honestas e crédulas enganadas pelos agitadores — “comunistas, sonhadores de uma utopia, entre os quais cada um tem seu próprio sistema e discordam uns dos outros;” legitimistas, exigindo a restauração da dinastia dos Bourbons na pessoa do duque de Chambord; bonapartistas, partidários de uma regência; e, finalmente, “a escória de todos os partidos, condenados e vagabundos; em uma palavra, os inimigos de toda a sociedade, homens instintivamente dedicados a ideias de insurreição, roubo e pilhagem.”

“Contra esse exército terrível, as tropas, [...] reforçadas pela Guarda Nacional de toda a França, demonstraram o maior vigor e, no dia 26 de junho, após combates terríveis que deixaram nada menos que 10.000...[1]cviii

10.000 mortos em Paris. A Revolução se espalhou para a Alemanha, Áustria, Itália, Inglaterra, Espanha — mas foi reprimida em todos os lugares. Então surge Marx e o Partido Revolucionário organizado para re-

alizer uma revolução bem-sucedida.

[Começa a transcrição da fita perdida:]

...mil mortos em Paris. A partir daí, a Revolução se espalhou para a Alemanha, Áustria, Itália, Inglaterra, Espanha. Houve manifestações em muitos lugares, mas em quase todos eles foi reprimida rapidamente; e foi justamente o fracasso dessa revolução que inspirou Marx. Marx decidiu que agora era hora de planejar com muito cuidado uma revolução bem-sucedida no futuro e não apenas ter grandes ideais e realizar manifestações.

Na própria França, Napoleão rapidamente assumiu o poder e realizou uma eleição; todos, todos os homens da França votaram e houve sete milhões de votos contra 700 mil para torná-lo imperador, o que mostrou no que o povo acreditava quando teve a chance de eleger. E alguém perguntou: “Por que vocês elegeram Napoleão, o que ele tem?” “Será que eu poderia ter estado com Napoleão na Rússia e não votar em [o descendente de?] Napoleão?” [2]

9.2 Karl Marx e Friedrich Engels

Chegamos agora ao povo, aos socialistas, aos anarquistas do final do século XIX que prepararam a história do século XX.

O primeiro que descreveremos brevemente é Marx, que, junto com Engels, foi quem lançou as bases do marxismo na Rússia. O próprio Engels era dono de uma fábrica e passava seu tempo na Inglaterra; ele possuía uma fábrica em Manchester. Marx era um jornalista judeu que, aparentemente, não trabalhou nem um pouco na vida, estava sempre inspirado por ideias revolucionárias e pensando em como fazer a revolução acontecer. Em 1844, os dois se encontraram em Paris; em 1847, ingressaram na Liga Comunista, um pequeno grupo secreto de revolucionários, algo como os “Quintetos” sobre os quais lemos em Dostoiévski. Segundo Engels, esse pequeno grupo na verdade não passava de uma ramificação alemã das sociedades secretas francesas. Esse grupo tentava se infiltrar em outros grupos, produzia propaganda e trabalhava na questão de desenvolver um sistema eficaz, especialmente com armas.

Em 1848, pouco antes da eclosão da revolução, Marx publicou seu

Manifesto Comunista, exortando todos os “trabalhadores do mundo a se unirem”, c [e] que se livrassem de suas correntes. Ao longo de sua vida, ele nunca se preocupou particularmente com os operários — os operários sempre foram muito mais conservadores. Ele estava apenas interessado em usar esse grupo para torná-los insatisfeitos e, então, aproveitar essa insatisfação para instaurar um novo governo, que colocasse em prática seus princípios.

Seus princípios, ele os obteve de várias fontes. É claro que a principal delas foi a Revolução Francesa e os socialistas idealistas — só que mais tarde ele se opôs veementemente a [eles] porque não eram científicos —, mas suas ideias milenaristas vêm diretamente deles. Depois, as ideias dos economistas britânicos de sua época, a maioria das quais os economistas britânicos revisaram posteriormente por serem irrealistas; mas ele adotou as mais antigas, que mais tarde foram abandonadas. Outra fonte foi a filosofia idealista alemã, especialmente Hegel, com sua ideia da marcha de Deus através da história, só que ele retirou Deus. Na verdade, eles diziam que encontraram Hegel de cabeça para baixo e o colocaram de pé ao retirar Deus; e transformaram seu sistema dialético em um materialismo dialético, ou seja, explicando tudo o que acontece no mundo como a base de uma espécie de “providência” que atua ao longo da história, só que sem Deus: algum tipo de causa que não pode ser revertida. Isso dá aos comunistas a confiança de que estão do lado da história, porque, simplesmente, as coisas têm que acontecer assim, é assim que o mundo funciona.

Essas ideias eram ateístas, materialistas, extremamente ingênuas: a ciência é a resposta para tudo. A filosofia em si é extremamente estúpida e não há muito em que valha a pena acreditar, mas o poder dele [de Marx] vem de sua paixão por derrubar a ordem existente. E ele usou como bode expiatório a burguesia, a classe média, que, segundo ele, estava transformando os trabalhadores em seus escravos.

Agora a revolução entra em uma nova fase: antes, era a burguesia que queria derrubar a aristocracia e a monarquia; e agora são as classes mais baixas, supostamente, que querem derrubar a burguesia. Ele trabalhou para desenvolver a consciência de classe para que os trabalhadores odiassem a burguesia e vice-versa; e, em grande medida, ele teve sucesso, pois se seguiram cenas muito violentas da revolução, porque esses dois grupos começaram a desconfiar um do outro.

Em 1864, um grupo de organizações trabalhistas se reuniu em Londres para formar o que foi chamado de Primeira Internacional, e Marx assumiu a liderança e usou isso para divulgar suas próprias ideias. Qualquer um que discordasse dele, ele se opunha fanaticamente, e ele era contra todos, inclusive a maioria dos trabalhadores, porque eles não concordavam com sua filosofia. Gradualmente, ele conseguiu expulsar dessa Internacional todos aqueles que se opunham às suas ideias. Ele também odiava os camponeses. O proletariado ele odiava; chamava-os de “lumpenproletariado”, o proletariado maltrapilho. Ele não tinha amor algum por ninguém. A partir daquela época, especialmente nas décadas de 80 e 90, os diversos partidos socialistas começaram a se organizar e a se desenvolver, e foi então que o Partido Comunista Russo foi formado.

9.3 Mikhail Bakunin e o Anarquismo

O segundo desses pensadores é [Mikhail] Bakunin. Marx viveu de 1818 a 1883; Engels, de 1820 a 1885, e a principal função de Engels era apoiar Marx e concordar com suas ideias e assim por diante. Marx era um grande intelectual. Bakunin é um tipo diferente de pensador. Ele viveu de 1814 a 1876. Ele vinha da nobreza russa, era bastante inteligente, extremamente preguiçoso, passava os dias na cama, frequentou a escola militar por um tempo, mas não teve sucesso por ser tão preguiçoso. Ele se interessou por filosofia e tornou-se um revolucionário profissional. Ele vivia pedindo dinheiro emprestado para ir de uma cidade à próxima para iniciar uma revolução. Tornou-se amigo de Marx em uma de suas viagens ao exterior e Marx percebeu imediatamente que ele possuía grande energia revolucionária, pois estava muito inflamado pelo ódio à velha ordem; por isso, tentou usá-lo para seus próprios fins. “Ele reconheceu claramente o valor do russo como uma enorme força dinâmica a ser aproveitada e depois descartada quando tivesse servido ao seu propósito.” [3] O que é preciso entender é que o poder do marxismo reside no ódio, e quando Lenin chegou ao poder, ele agiu com total crueldade, sem piedade, matando e destruindo absolutamente tudo, sem ter piedade de ninguém, sem piedade.

Há aqui uma descrição de como Bakunin, quando ainda era jovem,

com 29 anos, conheceu Marx em 1844, em Paris. “Marx e eu somos velhos conhecidos. Eu o conheci pela primeira vez em Paris, em 1844... Éramos amigos bastante próximos. Ele era bem mais avançado do que eu, assim como ainda é hoje”, em idéias revolucionárias, “não mais avançado, mas incomparavelmente mais erudito do que eu”. Marx havia estudado todos esses filósofos e sistemas, mas Bakunin era simplesmente espontâneo. “Eu não sabia nada naquela época sobre economia política, ainda não havia me livrado das abstrações metafísicas, e meu socialismo era apenas o do instinto. Ele, embora mais jovem do que eu, já era ateu, um materialista erudito e um socialista reflexivo. Foi precisamente nessa época que ele elaborou os primeiros fundamentos de seu atual sistema. Nós nos víamos com bastante frequência, pois eu o respeitava muito por seu conhecimento e por sua dedicação — apaixonada e séria, embora sempre misturada com vaidade pessoal — à causa do proletariado, e eu buscava ansiosamente sua conversa, que era sempre instrutiva e espirituosa quando não era inspirada por um ódio mesquinho, o que, infelizmente, ocorria com demasiada frequência. Nunca houve, no entanto, qualquer intimidade franca entre nós. Nossos temperamentos não permitiam isso. Ele me chamava de idealista sentimental, e estava certo; eu o chamava de homem vaidoso, pérfido e astuto, e também estava certo.” [4]

Em 1848, a revolução eclodiu na França, e Bakunin queria participar dela. Um de seus companheiros socialistas franceses disse sobre ele: “Que homem! No primeiro dia de uma revolução, ele é um tesouro; no segundo, só serve para ser fuzilado.” [5]

Ele não se importava com as idéias da revolução; preocupava-se apenas com a energia, com os poderes demoníacos que haviam sido desencadeados. Temos uma descrição de como ele se comportou na revolução de 1870. Primeiro, citaremos o que diz respeito à Revolução de 1848. Quando estive pela primeira vez em Paris durante a Revolução de 1848, foi enviado com a missão de incitar a revolução nos países do Leste. Ele foi para uma região do oeste da Rússia, depois estive em Praga, depois em Dresden, onde acabou sendo preso e enviado pelas autoridades alemãs-austriacas para a Rússia. Foi colocado na fortaleza de São Pedro e São Paulo, e o conde Orloff foi visitá-lo e o instou a escrever uma confissão de seus erros para o imperador, como se fosse um pai-conf. Bakunin acatou, e Nicolau I leu a confissão e disse: “Ele é um rapaz corajoso, com uma in-

teligência vivaz, mas é um homem perigoso e deve ser mantido trancado a sete chaves.” civ Isso era bastante realista. No entanto, ele fugiu para Londres e, depois que o novo imperador Alexandre II leu sua confissão e percebeu que ele não demonstrava demonstrar arrependimento, foi enviado para a Sibéria e, em seguida, fugiu, atravessando a Ásia e a América até Londres. A partir de então, foi lá que ele passou a maior parte do tempo — em Londres, na Itália e na Europa Ocidental.

Ele fundou várias sociedades secretas e tinha como seu discípulo um certo Nechayev, um jovem que era um dos niilistas mais implacáveis que aquela época conheceu. Bakunin tinha essa febre revolucionária e, naquela década de 60, estava cercado por conspiradores de todas as nacionalidades, trabalhava constantemente em novas conspirações, incitando revoluções por toda parte, tentando incitar os poloneses à rebelião. E Herzen, o liberal, descreve-o assim quando o viu em Londres: “Bakunin renovou sua juventude; ele estava em seu elemento. Não era apenas o estrondo da insurreição, o barulho dos clubes, o tumulto das ruas e dos locais públicos, nem mesmo as barricadas que constituíam sua felicidade; ele amava também o movimento do dia anterior, o trabalho de preparação, a vida de agitação, mas ao mesmo tempo tornada contínua por conferências, aquelas noites sem dormir, aquelas negociações e conversas, correções, tinta química, códigos e sinais acordados de antemão.” E Herzen, que levava a revolução mais a sério, acrescenta que Bakunin “se empolgava exatamente como se fosse uma questão de preparar uma árvore de Natal...” [6] Ou seja, ele não é muito sério, mas possui esse ardor revolucionário que é muito útil para quem quer derrubar governos.

Nechayev, esse jovem anarquista, foi a princípio um discípulo de Bakunin. E então Bakunin começou a perceber que ele era um pouco mais revolucionário do que havia suspeitado. Ele ajudou Bakunin a escrever o que é chamado de Catecismo Revolucionário, que diz, entre outras coisas: “O revolucionário não deve permitir que nada se interponha entre ele e a obra de destruição... Para ele, existe apenas um único prazer, um único consolo, uma recompensa, uma satisfação — o sucesso da revolução. Dia e noite, ele deve ter apenas um pensamento, apenas um objetivo — a destruição implacável.... Se ele continua a viver neste mundo, é apenas para aniquilá-lo de forma ainda mais certa.” [7]

Mas, por volta de 1870, Bakunin descobriu que Nechayev, embora

fingisse ser seu discípulo mais devoto, havia sido, o tempo todo, membro de outra sociedade ainda mais secreta e cujos mistérios internos ele nunca havia revelado a Bakunin. Bakunin escreveu a um amigo: “Nechayev... é um fanático devoto, mas, ao mesmo tempo, um fanático muito perigoso, e alguém com quem uma aliança só poderia ser desastrosa para todos. Eis o motivo: ele foi, inicialmente, membro de um comitê oculto que realmente existiu na Rússia. Esse comitê não existe mais; todos os seus membros foram presos. Apenas Nechayev permanece, e sozinho ele constitui o que ele chama de comitê. Como a organização russa foi destruída, ele está tentando criar uma nova no exterior. Tudo isso seria perfeitamente natural, legítimo e muito útil, mas a maneira como ele age é detestável. Profundamente marcado pela catástrofe que acaba de destruir a organização secreta na Rússia, ele chegou gradualmente à conclusão de que, para fundar uma sociedade séria e indestrutível, é preciso tomar como base a política de Maquiavel e adotar integralmente o sistema dos jesuítas — violência física e uma alma mentirosa.

“A verdade, a confiança mútua, a solidariedade séria e rigorosa existem apenas entre cerca de dez indivíduos que formam o *sanctum sanctorum* da sociedade. Todos os demais devem servir como um instrumento cego e como matéria a ser explorada pelas mãos desses dez homens verdadeiramente solidários. É permitido, e até mesmo ordenado, que se os engane, comprometa, roube e, se for preciso, arruíne — eles são combustíveis para a conspiração.... ““Em nome da causa, ele deve tomar posse de toda a sua pessoa sem que você perceba. Para isso, ele irá espioná-lo e tentará descobrir seus segredos; e, para esse fim, na sua ausência, quando estiver sozinho em seu quarto, ele abrirá todas as suas gavetas, lerá toda a sua correspondência, e quando uma carta lhe parecer interessante, ou seja, comprometedoras sob qualquer ponto de vista para você ou para um de seus amigos, ele a lacrará e a guardará cuidadosamente como um documento contra você ou contra seu amigo.... Quando confrontado sobre isso em uma assembleia geral, ele ousou nos dizer: “Bem, sim, esse é o nosso sistema. Consideramos inimigos, a quem temos o dever de enganar e comprometer, todos aqueles que não estão totalmente do nosso lado....’ Se você o tiver apresentado a um amigo, seu primeiro pensamento será semear discórdia, fofoca e intriga entre vocês — em uma palavra, fazer com que vocês briguem. Seu amigo tem uma esposa, uma filha; ele tentará

seduzi-la, engravidá-la, com o para afastá-la da moralidade oficial e lançá-la em uma postura de protesto revolucionário forçado contra a sociedade. Todos os laços pessoais, todas as amizades são considerados por eles como um mal que é seu dever destruir, pois tudo isso constitui uma força que, estando fora da organização secreta, diminui a força única desta última. Não gritem que estou exagerando; tudo isso foi amplamente desenvolvido e comprovado por mim.” [8]

O próprio Bakunin, no entanto, não está em posição de criticá-lo, pois sua própria filosofia é muito semelhante; só que ele não foi tão minucioso quanto esse Nechayev. Ele escreveu em seu Catecismo Revolucionário: “Nossa tarefa é a destruição terrível, total, inexorável e universal.” [9] Mais uma vez, ele diz: “Vamos depositar nossa confiança no espírito eterno que destrói e aniquila apenas porque é a fonte insondável e eternamente criativa de toda a vida. A paixão pela destruição é também uma paixão criativa.” [10]

E certa vez, quando lhe perguntaram o que ele faria se a revolução fosse bem-sucedida e a nova ordem dos seus sonhos se tornasse realidade, ele respondeu: “Então eu começaria imediatamente a derrubar novamente tudo o que eu havia construído.” [11] Nele vemos uma vontade humana primordial de destruir e de se rebelar. Essa é a paixão pela rebelião que vemos até mesmo em escritores recentes como Camus, o existencialista que afirma que a única coisa que prova que eu existo é o fato de que tenho vontade de me rebelar.

Bakunin, quando elogiava o proletariado em 1871, posteriormente chamado de Comuna de Paris, referiu-se a ele como “o Satanás moderno, o autor da sublime insurreição da Comuna”. [12] Mais uma vez, ao discutir a derrota da revolução em 1871, ele diz: “A causa está perdida... Parece que os próprios franceses, a classe trabalhadora, não estão muito comovidos com esse estado de coisas. No entanto, quão terrível é a lição! Mas não é o suficiente. Eles precisam de maiores calamidades, choques mais violentos. Tudo leva a prever que nem um nem outro faltarão. E então, talvez, o demônio desperte. Mas enquanto ele dorme, nada podemos fazer. Seria realmente uma pena ter que pagar pelos copos quebrados... Nossa tarefa é fazer o trabalho preparatório, organizar-nos e nos espalhar para estarmos prontos quando o demônio tenha despertado.” [13]

Esse desejo de rebelião, devemos compreender, é uma parte muito

parte profunda de todo esse movimento revolucionário, não apenas algum aspecto accidental. A revolução não é causada por sonhadores ociosos que apenas querem avançar às cegas em direção a uma ordem melhor das coisas ou revisar o governo; o motivo mais profundo da rebelião, como vemos claramente nesses pensadores radicais da última parte do século XIX, é, na verdade, a ideia de que tudo deve ser destruído. E eles não pensavam muito no que aconteceria depois disso. Eles têm essa inspiração satânica de destruir.

Vemos mais tarde, na arte, em 1914, surgir um movimento chamado Dada, considerado muito influente para os artistas posteriores. Esses artistas colavam pedaços de anúncios de jornal em colagens ou dispunham cópias de obras dos antigos mestres de cabeça para baixo — apenas para parecer bizarro. Mas há um significado por trás de tudo isso. A filosofia da arte do Dada está resumida em um de seus manifestos: “Que tudo seja varrido; chega de tudo. Nada. Nada. Nada.” [14] Isso é o que se chama de niilismo, o desejo de varrer Deus, o governo, a moralidade, a arte, a cultura, a civilização — tudo, que é o que está estabelecido na filosofia exposta por Weishaupt e pelos Illuminati: a derrubada completa da civilização. O que vem depois disso, como veremos é outra coisa.

Mas tudo isso ainda é filosofia. Precisamos examinar como isso foi colocado em prática. Na verdade, se não pudéssemos ver nos últimos cem anos como isso é colocado em prática, não entenderíamos o que é essa filosofia. Ainda pensaríamos que se tratava de um incidente isolado de algumas pessoas malucas. Mas, a partir de 1871, essa filosofia começou a ser colocada em prática.

Quando o Império Napoleônico, o Terceiro Império, foi derrubado após a desastrosa derrota para os prussianos em 1870, a revolução eclodiu novamente na França. Ela começou primeiro nas províncias. E Bakunin, que estava na Itália, correu o mais rápido que pôde para Lyon, no sul, a para participar. Ele e seus discípulos foram os principais responsáveis por isso. Ele pediu algum dinheiro emprestado, é claro, para chegar lá e se instalou no centro cívico onde o novo governo revolucionário estava entrincheirado e ninguém tinha uma ideia clara do que queria fazer. Havia reuniões públicas de violência extraordinária, nas quais as propostas mais sangrentas eram apresentadas e recebidas com entusiasmo. E isso, é claro, era o que Bakunin adorava. “No dia 28 de setembro, dia de sua chegada,

o povo havia tomado o Hotel de Ville”, o centro municipal. “Bakunin instalou-se ali; então chegou o momento crítico, o momento aguardado por tantos anos, quando Bakunin foi capaz de realizar o ato mais revolucionário que o mundo já viu. Ele decretou a abolição do Estado. Mas o Estado, na forma de duas companhias da Guarda Nacional burguesa, entrou por uma” [15] porta dos fundos e o expulsou. No entanto, a ideia de abolir o Estado permanece.

Então, a revolução eclodiu em Paris e a Primeira Internacional, sob a liderança de Marx, tentou ditar o andamento da revolução a partir de Londres. Mas eles não conseguiram fazer isso muito bem e, assim, a revolução em Paris seguiu seu próprio curso, que se tornou cada vez mais violento. As igrejas foram fechadas e transformadas em clubes, padres foram presos e mortos com grande sangue, e as instituições da primeira revolução de 1793 foram ressuscitadas. O Calendário Revolucionário foi restaurado, foi proclamado que aquele era o ano 79 da nova ordem; o Comitê de Segurança Pública do Terror foi restabelecido; a cruz no topo da igreja do Panteão foi quebrada e, em seu lugar, foi hasteada a bandeira vermelha, e o templo foi dedicado aos “grandes homens de todas as épocas”. Em seguida, foi erguido um obelisco, um grande pilar de 150 pés de altura, comparável em tamanho ao Monumento a Washington na Place Vendôme, que havia sido originalmente erguido em memória de Napoleão e apresentava cenas de seus grandes [triumfos?] estava ao redor dele e, no topo, uma grande estátua de Napoleão vestindo uma toga. Eles decidiram que aquilo era um símbolo da ordem passada e que iriam derrubá-lo. Pensaram por muito tempo em como iriam fazer isso. Por fim, decidiram que simplesmente iriam serrá-lo na base e derrubá-lo como se fosse uma árvore. Era feito de cimento e bronze ou algo parecido, e eles foram lascando de um lado, serrando do outro lado e se preparando para o grande dia em que iriam derrubá-lo e pôr fim à velha ordem. Eles realmente não tinham ideia do que aconteceria; alguns achavam que causaria um terremoto; ela pesava milhares de toneladas. Outros diziam que poderia romper o solo até chegar aos esgotos e destruir completamente o sistema de esgoto de Paris. Mas decidiram que a ideia valia a pena de qualquer maneira. Então, colocaram toneladas e toneladas de palha para fazer um leito macio para ela e, às três da tarde, todos se reuniram, subiram na tribuna de honra e ordenaram que as cordas fossem puxadas. Eles puxaram e, a

princípio, não deu certo; várias pessoas morreram no processo e alguém gritou: “Traição, traição.” Tentaram novamente e, finalmente, tudo desabou e se partiu em pedaços, e a estátua de Napoleão foi destruída. E isso foi um símbolo de seu triunfo sobre a velha ordem — uma coisa completamente sem sentido de se fazer, mas, do ponto de vista deles, foi um ato simbólico que mostrava que eles iriam se livrar de todas as influências do passado. Prenderam o arcebispo de Paris; mais tarde, ele foi assassinado.

À medida que a revolução avançava, tornava-se cada vez mais violenta. Chegaram até a tentar prender o pintor Renoir, que estava ocupado desenhando alguns barcos no Sena, e disseram: “Aha, espião!” E o prenderam imediatamente, e ele seria executado na hora, pois esse era o princípio: prende-se um espião e executa-se-o imediatamente. Acontece que o chefe da polícia secreta era um velho amigo dele; e, ao ver que ele estava sendo preso, o abraçou e o soltou; caso contrário, Renoir nunca teria pintado todos aqueles quadros que nos são tão familiares. Havia muitos pintores radicais, como, por exemplo, Gustave Courbet, que era um dos líderes da Comuna, e foi uma de suas ideias derrubar essa torre, pois ele a chamava de “um insulto ao senso artístico”.

Quando o exército republicano invadiu Paris — pois, naquela época, já não havia mais monarquia nem Napoleão — era uma questão de republicanos contra comunardos e havia agora uma violência terrível de ambos os lados; ambos estavam massacrando uns aos outros com grande alegria. Quando os comunardos viram que a revolução estava sendo perdida, que estavam perdendo rua por rua em Paris, decidiram que iriam destruir Paris. Então, colocaram, antes de tudo, uma quantidade imensa de dinamite e pólvora nas Tulherias, o palácio dos reis onde estava Napoleão III. E o explodiram, após o que afirmaram: “As últimas relíquias da realeza acabaram de desaparecer.” [16] E então passaram para o próximo alvo. Explodiram o Hôtel de Ville, um edifício do século XIII onde ficava o centro cívico, e foram explodir a Catedral de Notre Dame, mas descobriram que ao lado havia um hospital para seu próprio povo e decidiram poupá-la.

E então algumas mulheres rebeldes, como as que participaram da primeira revolução de 1793, começaram a percorrer as ruas com algum tipo de material inflamável e a provocar incêndios. Avenidas inteiras em Paris estavam em chamas. À noite, parecia que toda a cidade estava em chamas

(existe, de fato, um livro chamado *Paris Burning*). É preciso entender que isso não é algo excepcional, mas apenas parte daquele mesmo espírito que Bakunin tinha: “Vamos destruir a velha ordem”, [17] mesmo que não saibam o que irá substituí-la. Mais adiante veremos que esse espírito não chegou ao fim em 1871.

A inspiração da Comuna, que Marx disse ser um grande feito na Revolução Vermelha — na verdade, ele foi o principal defensor da Comuna e afirmou: “Este é o modelo do o que temos de fazer no futuro. As pessoas estão agora se mobilizando e é disso que precisamos para provocar a revolução.” [18]

A partir daquela época até 1917, a revolução começou a assumir formas muito violentas, embora ainda fosse uma questão mais ou menos de tentativa e erro. O czar foi assassinado na Rússia em 1881; nos Estados Unidos, o presidente Garfield foi assassinado por um revolucionário vermelho; em 1901, McKinley foi assassinado novamente por algum tipo de anarquista. Na verdade, todos os assassinatos de presidentes americanos foram cometidos por anarquistas ou comunistas. O presidente da França foi assassinado em 1890? e houve muitas tentativas contra príncipes na Rússia e reis e presidentes no Ocidente. Tudo isso sem nenhum propósito aparente em mente, apenas a ideia de se livrar da velha ordem. Esse é o espírito do qual Bakunin foi um representante muito forte, mas que agora se torna a herança de todo o movimento revolucionário: destruir a velha ordem.

9.4 Proudhon e o Satanismo Revolucionário

Há mais um escritor, filósofo e anarquista dessa época que devemos estudar brevemente, pois ele apresenta algumas ideias que tornam essa filosofia mais compreensível. Esse homem é [P. J.] Proudhon. Ele atuou em meados do século. Participou da revolução de 1848. A ele pertence a famosa frase: “A propriedade é um roubo”, [19] que ele considerava sua principal contribuição ao movimento revolucionário, embora, na verdade, algo muito semelhante já tivesse sido dito por Rousseau e por pensadores do século XVIII.

Ele se destaca por pelo menos três aspectos. Primeiro, ele proclamou

que a revolução não é ateísta, mas sim antiteísta. Ele disse: “A revolução não é ateísta no sentido estrito da palavra... Ela não nega o absoluto; ela o elimina.” [20] “O primeiro dever do homem,” diz ele, “ao tornar-se inteligente e livre, é expulsar continuamente a ideia de Deus de sua mente. Pois Deus, se existe, é essencialmente hostil à nossa natureza. Cada passo que damos adiante é uma vitória na qual esmagamos a Divindade.” [21] “Deus, se é que existe um Deus, é o inimigo da humanidade.” [22] Bakunin também disse algo semelhante: “Se Deus realmente existisse, seria necessário abolir-O.” [23] E vemos agora, na Rússia, após sessenta anos, que o governo não é realmente ateísta, é antiteísta; luta contra Deus.

2. Invocou Satanás. Bakunin disse que estava do lado de “Satanás, o eterno rebelde, o primeiro livre-pensador e emancipador dos mundos”. [24] Nietzsche proclamou-se o Anticristo. E Proudhon: “Vem até mim, Lúcifer, Satanás, seja lá quem fores! Demônio que a fé dos meus pais opôs a Deus e à Igreja. Atuarei como teu porta-voz e nada exigirei de ti.”

“Bakunin se colocou do lado de ‘Satanás, o rebelde eterno, o primeiro livre-pensador e emancipador dos mundos’.” [25] Nietzsche proclamou-se “Anticristo”. Poetas, decadentes e a vanguarda em geral, desde a era romântica, têm se mostrado profundamente fascinados pelo satanismo, e alguns tentaram transformá-lo em uma religião. Proudhon, em termos bem claros, chegou a invocar Satanás: “Venha até mim, Lúcifer, Satanás, quem quer que você seja! Diabo que a fé dos meus antepassados opunha a Deus e à Igreja. Eu atuarei como seu porta-voz e não exigirei nada de você.” [26] Vemos aqui que o movimento revolucionário torna-se conscientemente satanista.

A terceira ideia de Proudhon que é muito notável é que, no fim, ele decidiu que deveríamos manter o catolicismo como está, ou seja, os ritos do catolicismo, mas lhes daremos um novo significado. Sob a aparência externa do catolicismo, teremos a mensagem revolucionária da igualdade, do satanismo, etc. Nisso, ele está, é claro, apenas dando continuidade à ideia de Saint-Simon, que defendia um novo cristianismo, ou seja, manter a forma do antigo cristianismo, mas transformá-lo em algo novo. E hoje vemos muito claramente como o socialismo e o catolicismo estão, de fato, se aproximando cada vez mais. E esse revolucionário profundo percebe que a ideia do comunismo, do socialismo e do anarquismo é, de certa forma, uma ideia religiosa que toma o lugar da religião.

No final do século XIX, vemos que o movimento revolucionário se tornou de forma bastante explícita e aberta implacável e sangrento. Já houve vários exemplos, especialmente a Comuna de 1871, onde a ideia de destruição universal e assassinato implacável já havia começado a ser colocada em prática. Uma pessoa muito consciente das correntes que circulavam pelo mundo já poderia, no final do século XIX, ter dito que o século XX seria algo terrível, pois essas coisas, que são ideias, não são simplesmente propriedade de alguns loucos, mas estão penetrando no próprio sangue do povo europeu e vão produzir um efeito terrível quando tudo isso chegar ao nível mais baixo, ao povo comum. Na verdade, Nietzsche chegou a dizer: “Quando minhas ideias, as ideias do niilismo, penetrarem no último cérebro da última pessoa, então haverá uma tempestade como o mundo nunca viu.” [27]

9.5 Os Protocolos de Sião

Há um último documento que devemos examinar neste período do início do século XX, antes dos grandes revolucionários do nosso século, que é um documento bastante controverso. Chama-se Os Protocolos dos Anciãos de Sião e, por se apresentar na forma de um documento judeu, tem suscitado muita controvérsia. Se você ler qualquer livro de história, especialmente sobre as duas guerras mundiais; na verdade, qualquer livro de história escrito antes da Segunda Guerra Mundial, você encontrará ali uma afirmação quase unânime de que “Os Protocolos dos Anciãos de Sião” são uma invenção deliberada para desacreditar os judeus, que se trata de algo totalmente fantástico, sem qualquer fundamento na realidade, e eles apontarão que ou a pessoa que os descobriu era ela própria um agente de alguém e, portanto, os inventou deliberadamente, ou então — como afirma pelo menos uma fonte — que ela foi enganada pela polícia czarista que simplesmente queria inventá-los para ter uma desculpa para eliminar os judeus nos pogroms. Há outros que levam o documento tão a sério que tendem a ir para o outro extremo e veem em toda parte uma conspiração judaica, a ponto de mal conseguirem dar um passo sem desmaiar. Devemos tentar analisar esse documento com certa objetividade para ver o que realmente contido nele, como foi encontrado e qual é o seu

significado.

Do ponto de vista ortodoxo, é muito interessante como ele foi apresentado ao mundo pela primeira vez. Foi descoberto por uma senhora, não sabemos quem, que o entregou à pessoa que o publicou, e supõe-se que tenha vindo do Ocidente, tendo sido escrito em francês e depois traduzido para o russo. Mas a pessoa a quem esse documento foi entregue era um homem chamado Sergei Nilus, que o publicou juntamente com outro documento que havia descoberto recentemente, *A Conversa de Motovilov com São Serafim*. Ele apresentou esses dois documentos ao mundo ao mesmo tempo, a fim de mostrar 1) qual é a verdade da Ortodoxia e a aquisição da Graça do Espírito Santo, e 2) qual é a conspiração de Satanás para derrubar a Ortodoxia. Foi impresso em 1905 (1903?)

O próprio Nilus era um escritor eclesiástico muito respeitado, um jornalista popular que foi a *Optina* e até morou lá, além de vários outros lugares; e não há dúvida de que ele não teve nada a ver com a criação de uma falsificação. Ele aceitou esse texto como totalmente legítimo e o apresentou ao mundo como um alerta. Veremos que o texto contém dois pontos novos que não haviam aparecido em documentos revolucionários anteriores. Mas, além desses, ele é exatamente igual à filosofia de Bakunin, Weishaupt e todos esses outros pensadores. Algumas pessoas dizem que não é um documento muito original — que é plagiado, etc. — e provavelmente é verdade, pois todas essas ideias estavam circulando e esse documento em particular — de fato, vemos que um escritor [Webster] compara, de um lado da página, “Os Protocolos” e, do outro lado, o texto de Weishaupt escrito em 1785. A filosofia é a mesma. E, portanto, muito provavelmente este é um documento legítimo, que consiste em algum tipo de anotações feitas em uma loja de pessoas que por acaso são judeus e que apresentam a filosofia de uma maneira bem judaica, assim como anteriormente havia pessoas que apresentavam a revolução como um triunfo da pan-Germania e outros apresentavam a ideia de que o mundo inteiro se tornaria uma espécie de república francesa, e isso assumiu a forma de alguns maçons judeus ou Illuminati que representavam a revolução como seu complô.

Há algumas ideias aqui que são de grande importância para nós. Se eles são realmente responsáveis pela Revolução Francesa Revolução Francesa, como dizem, e se são tão influentes, quem pode dizer? Vimos que

todas essas sociedades secretas são tão pequenas, tão fragmentadas, tão secretas, tão cheias de sinais secretos, apertos de mão e tinta invisível, etc., que quem poderia decifrar quem é, de fato, responsável por quê? Nossa opinião é que isso é extremamente sintomático da filosofia que está em voga atualmente.

E veremos mais adiante que esse documento em particular teve um papel definitivo a desempenhar na Alemanha. A filosofia que é descrita nesse documento é de absoluta crueldade na implantação de um governo revolucionário e nos meios utilizados para alcançá-la, o uso de pessoas (como Marx usou Bakunin), hipocrisia total, eliminar seus inimigos, espalhar pornografia para corromper a juventude, provocar revoluções, tomar primeiro o lado dos monarcas, depois o dos socialistas, depois o dos liberais, democratas; tomar qualquer lado para promover seu ponto de vista e, por fim, chegar ao poder. Eles falam sobre o controle da imprensa, o controle do dinheiro, etc. Aqui seguem alguns trechos para mostrar o espírito deste documento:

“Quem quer governar deve recorrer à astúcia e à hipocrisia.

“Não devemos hesitar em recorrer ao suborno, ao engano e à traição, se isso servir à conquista de nossa causa.” E essa mesma filosofia pode ser encontrada no Talmude, que diz que tudo é possível; você pode enganar qualquer não judeu, um goi, para seus próprios fins.

“O fim justifica os meios. Ao traçar nossos planos, devemos prestar atenção não tanto ao que é bom e moral, mas ao que é necessário e lucrativo.

“Com a imprensa, lidaremos da seguinte maneira... Vamos aproveitá-la e guiá-la com rédeas firmes; também teremos que assumir o controle de todas as outras editoras...

“Todas as notícias são recebidas por algumas agências, nas quais são centralizadas de todas as partes do mundo. Quando alcançarmos o poder, essas agências nos pertencerão inteiramente e publicaremos apenas as notícias que permitirmos....

“Ninguém que deseje nos atacar com sua caneta encontraria uma editora...” [28]

É interessante notar aqui que, de todos os grupos do mundo, os judeus são os mais fortes nesse setor, pois não é possível mencionar os judeus em um tom nem que seja levemente crítico sem que um represen-

tante da “Liga Antidifamação” venha visitá-lo. É por isso que os editores ortodoxos tomam muito cuidado para não dizer nada sobre os judeus, pois sabem que alguém aparecerá e começará a investigá-los, e se houver algo de que não gostem, eles vão começar a conduzir uma campanha de calúnias, incitar a opinião pública e todo tipo de coisa contra você. Há algumas pessoas que falam sobre o “perigo judeu”. É claro que exageram muito nisso — como Gerald K. Smith, cuja ênfase principal é o perigo judeu; e ele é obcecado por isso.

“Nosso programa levará um terço da população a vigiar o restante por puro senso de dever e pelo princípio do serviço voluntário ao governo. Não será considerado desonroso ser um espião; pelo contrário, isso será considerado louvável.

“Transformaremos as universidades e as reconstruiremos de acordo com nossos próprios planos. Os reitores das universidades e seus professores serão especialmente preparados por meio de elaborados programas secretos de ação...

“Pretendemos parecer como se fôssemos os libertadores do trabalhador.... Sugeriremos a ele que se junte às fileiras de nossos exércitos de socialistas, “anarquistas e comunistas. A estes últimos sempre os patrocinamos, fingindo ajudá-los por princípio fraterno e pelo interesse geral da humanidade, evocado por nossa maçonaria socialista.

“Nos chamados países líderes, temos difundido uma literatura insana, imunda e repugnante.

“No lugar dos governos existentes, colocaremos um monstro, que será chamado de Administração do Super- Governo. Suas mãos estarão estendidas como pinças de longo alcance, e terá à sua disposição uma organização tal que não será possível que falhe em subjugar todos os países.”

“Teremos um supergoverno internacional.” [29]

Isso remete a Weishaupt, à Revolução Francesa e à ideia do internacionalismo.

“Destruiremos a vida familiar dos gentios...

“Também os distrairemos com vários tipos de diversões, jogos, passatempos, paixões, bares, etc.

“O povo cristão, atordoado pelo álcool, seus jovens enlouquecidos pelos clássicos e pela devassidão precoce, para a qual foram instigados por nossos agentes,... por nossas mulheres em locais de diversão....

“A loja maçônica em todo o mundo, inconscientemente, atua como uma máscara para nosso propósito.

“A maioria das pessoas que ingressam em sociedades secretas são aventureiros, que querem, de alguma forma, abrir caminho na vida e que não têm uma mentalidade séria. Com essas pessoas, será fácil para nós perseguir nosso objetivo e fazê-las colocar nossa maquinaria em ação.” [30]

É claro que essa é a ideia por trás de muitas dessas pessoas e grupos: que “nós temos a verdadeira sociedade secreta e vamos manipular todas essas outras pessoas”. Os comunistas estão constantemente se infiltrando entre os anarquistas; os anarquistas, entre os socialistas; os socialistas, todos os demais; e ninguém mais pode confiar em ninguém; ninguém sabe quem está por trás do quê.

“Empregamos a nosso serviço pessoas de todas as opiniões e de todos os partidos; homens que desejam restabelecer monarquias, socialistas, etc.

“Tomamos grande cuidado para desacreditar o clero dos gentios aos olhos do povo e, assim, conseguimos prejudicar sua missão, que poderia ter sido um grande obstáculo para nós. A influência do clero sobre o povo está diminuindo a cada dia. Hoje, a liberdade religiosa prevalece em toda parte, mas falta apenas alguns anos para que o cristianismo se desintegre por completo.

“Devemos extirpar o próprio conceito de Deus das mentes dos cristãos...

“Devemos destruir todas as profissões de fé.

“Convencemos os gentios de que o liberalismo os levaria a um reino da razão.

“Injetamos o veneno do liberalismo no órgão do Estado...

“Vamos preparar antecipadamente a eleição de... presidentes cujo passado esteja manchado por algum ‘Escândalo do Panamá’ ou outra transação obscura e oculta.” [31]

Eles continuam falando sobre a criação de uma crise monetária universal, usando as lojas maçônicas.

“Não devemos levar em conta as inúmeras vítimas que terão de ser sacrificadas para obter prosperidade futura.” [32]

Há dois aspectos novos em todo esse plano. É claro que eles atribuem tudo isso aos judeus e ao poder; e, sem dúvida, existem grupos judeus

como esse que acreditam que vão conquistar o mundo. As duas novas ideias neles contidas, no entanto, são: 1) eles não são ateus. Acreditam em uma religião mundial única. Eles dizem no 14º protocolo: “Quando assumirmos nosso reino, será indesejável para nós que exista qualquer outra religião além da nossa, do Deus Único, a quem nosso destino está ligado por nossa posição como Povo Escolhido e por meio de quem nosso próprio destino está unido aos destinos do mundo. Devemos, portanto, eliminar todas as outras formas de crença. Se isso der origem aos ateus que vemos hoje, isso não será, por se tratar apenas de uma fase de transição, não interferirá em nossas visões, mas servirá como um aviso para as gerações que darão ouvidos à nossa pregação da religião de Moisés, que, por meio de seu sistema estável e minuciosamente elaborado, submeteu todos os povos do mundo à nossa autoridade. Nesse sentido, enfatizaremos seu direito místico...” [33]

É claro que isso está de acordo com os revolucionários mais profundos, que perceberam que a revolução deve se tornar religiosa no final. O ateísmo é apenas uma transição para nos livrarmos das visões religiosas anteriores.

“Enquanto isso, enquanto estivermos reeducando a juventude nas novas religiões tradicionais e, posteriormente, na nossa, não tocaremos abertamente nas igrejas existentes, mas lutaremos contra elas por meio de críticas calculadas para produzir cisma.” [34]

O segundo novo elemento dessa proposta revolucionária é que haverá um único monarca mundial. O terceiro protocolo diz o seguinte:

“Desde então, temos conduzido os povos de uma desilusão a outra, para que, no final, eles também se afastem de nós em favor daquele Rei Despota do sangue de Sião, a quem estamos preparando para o mundo.”

“Provavelmente, para o mundo, não faz diferença quem [seja] seu senhor soberano, seja ele o chefe do catolicismo ou nosso despota do sangue de Sião. Mas para nós, o Povo Eleito, isso está muito longe de ser uma questão de indiferença.” [35]

Vemos aqui que já se trata de um rival ao Papa como governante mundial.

Décimo protocolo: “O reconhecimento de nosso déspota também poderá ocorrer antes da destruição da constituição; o momento para esse reconhecimento chegará quando os povos, totalmente cansados das das

irregularidades e da incompetência — uma questão que nós providenciaremos — de seus governantes, clamarão: ‘Fora com eles e dêem-nos um único rei sobre toda a terra que nos una e aniquile as causas da discórdia — fronteiras, nacionalidades, religiões, dívidas públicas —, que nos dê paz e tranquilidade, que não conseguimos encontrar sob nossos próprios governantes e representantes”’.

“Quando o rei de Israel colocar sobre sua cabeça sagrada a coroa que lhe for oferecida pela Europa, ele se tornará o patriarca do mundo. As vítimas indispensáveis oferecidas por ele em virtude de sua adequação nunca atingirão o número de vítimas oferecidas ao longo dos séculos pela mania de grandiosidade, a emulação entre os governos dos goyim.

“Nosso rei estará em constante comunhão com os povos, proferindo para eles, da tribuna, discursos que nós na mesma hora distribuiremos por todo o mundo.” [36]

“O senhor supremo que substituirá todos os governantes atualmente existentes”, diz o 23º protocolo, “arrastando sua existência entre sociedades por nós desmoralizadas, sociedades que negaram até mesmo a autoridade de Deus, de cujo seio irrompe por todos os lados o fogo da anarquia, deve, antes de tudo, proceder a extinguir essa chama devoradora. Portanto, ele será obrigado a exterminar essas sociedades existentes, mesmo que tenha de banhá-las com seu próprio sangue, para que possa ressuscitá-las na forma de tropas regularmente organizadas, lutando conscientemente contra todo tipo de infecção que possa cobrir o corpo do Estado de feridas.

“Este Escolhido de Deus é escolhido do alto para demolir as forças insensatas movidas pelo instinto (e não pela razão, pela brutalidade) e não pela humanidade. Essas forças agora triunfam em manifestações de roubo e todo tipo de violência sob a máscara dos princípios da liberdade e dos direitos. Elas derrubaram todas as formas de ordem social para erguer sobre [as ruínas do] o trono do Rei dos Judeus; mas seu papel chegará ao fim no momento em que ele entrar em seu reino. Então será necessário varrê-las de seu caminho, no qual não deve restar nenhum nó, nenhuma lasca.

“Então será possível para nós dizer aos povos do mundo: ‘Agradeçam a Deus e ajoelhem-se diante daquele que ostenta na testa o selo da predestinação do homem, para o qual o próprio Deus conduziu Sua estrela, a

fim de que ninguém além Dele pudesse nos libertar de todas as forças e males acima mencionados.”

Tudo isso está profundamente em consonância com a filosofia do Talmude, com o desejo dos judeus por um Messias que seja deste mundo; e não é surpreendente que exista algum tipo de organização judaica que tenha essa filosofia. A filosofia é, na verdade, a de Marx; a crueldade, o uso de todos os outros para seus próprios fins, o estabelecimento de um governo mundial único — tudo, exceto o fato de que Marx não acreditava em Deus.

O interessante sobre esse documento é o [significado?] histórico que lhe foi atribuído no século XX. Um certo homem chamado Rosenberg, que veio da Rússia para a Alemanha após a Revolução, trouxe este livro consigo e mostrou-o a Hitler, que imediatamente viu nele algo que poderia usar sob dois pontos de vista: 1) ao mostrar isso ao povo, isso inflamaria o ódio deles pelos judeus — porque eles estão tentando estabelecer uma monarquia mundial; e ele poderia atribuir a culpa de todos os problemas da Alemanha a eles — a crise monetária, a depressão, o desemprego etc. — e dizer que se tratava de uma sociedade secreta que tentava tomar o controle da Alemanha; e 2) ele admitiu que o livro estava muito bem escrito: “Vou usar isso como minha filosofia para governar.” [37] E assim esse documento tornou-se uma das fontes mais importantes para o nacional-socialismo de Hitler, que se colocou no lugar do monarca mundial dos judeus.

Agora vamos examinar esses três grandes movimentos do século XX que comprovam que todos esses filósofos não são simples pensadores ociosos; eles falavam de coisas que estavam se tornando realidade — —

os três grandes sistemas totalitários do século XX.

Um deles não é particularmente importante para nós, e esse é o sistema de Mussolini, o fascista. Talvez não seja muito reconhecido que, em sua juventude, Mussolini foi marxista; ele participou de muitas manifestações marxistas; falava sobre a “ditadura do proletariado”, a chegada do Estado comunista, o definhamento do Estado, e era um radical típico, assim como qualquer outro manifestante marxista. Quando teve a chance de chegar ao poder, percebeu que, combinando vários elementos da sociedade e transmitindo uma mensagem a uns e outra a outros, ele poderia chegar ao poder com uma plataforma que parecesse um pouco diferente;

e, por isso, desenvolveu esse fascismo, que é uma espécie romântica de socialismo, e chegou até a colocar o rei ao seu lado, firmou um concordato com o Papa e, assim, tornou-se ditador com base em algo que não é exatamente comunismo, mas se fundamenta na mesma ditadura implacável. Portanto, este não é um exemplo do comunismo implacável comunismo propriamente dito, mas do mesmo tipo de homem que é produzido pela filosofia comunista. O fato de ele ter se aliado às chamadas forças de direita é apenas incidental. Seu ídolo era Lenin, porque Lenin era alguém que detinha o poder e assumiu o controle; e por isso baseou seu sistema em Lenin, ou seja, no sistema prático de como chegar ao poder.

Bolchevismo

O segundo grande movimento, e na verdade o maior do século XX, que hoje abrange quase metade do mundo, é o bolchevismo. O marxismo na Rússia, que mais do que tudo nos convence de que essas ideias, desde Weishaupt até os Protocolos, são muito realistas, de que o mundo cristão está de fato sendo derrubado e que algo novo pode ter sucesso. Ao contrário de todas as revoluções anteriores do último século, esta perdura por quase sessenta anos. Trata-se de um extermínio implacável da velha ordem, da destruição de igrejas, do assassinato de padres em uma escala até então desconhecida. Em todas as revoluções anteriores, houve apenas cerca de meio milhão de mortos, talvez um milhão no total. Agora chegamos a um ponto em que, segundo estimativas, talvez sessenta milhões de pessoas tenham sido mortas diretamente como resultado da Revolução. E assim, a ideia que vimos expressa em *Os Possuídos* de exterminar cem milhões de pessoas não é de forma alguma exagerada. O sistema do comunismo foi um pouco atenuado pelas necessidades de governar o povo e, portanto, o comunismo na Rússia não é a aplicação perfeita dos princípios de Weishaupt ou Marx. A ideia do amor livre, por exemplo, foi experimentada até que se constatou que não era muito prática, e eles restabeleceram o casamento, inclusive com algum tipo de cerimônia simulada. E eles perceberam que, quando as pessoas vivem como cães nas ruas, isso gera desarmonia na sociedade; e não é possível levar a revolução adiante. Assim, rapidamente começaram a colocar isso em ordem, ou seja, reintroduzindo a ideia do casamento, embora sem qualquer noção de sacramento, é claro. E é de conhecimento geral, como nos contou um rapaz que esteve em Moscou, que é possível conseguir uma garota por um

preço tão baixo quanto o de uma xícara de café. Não há a menor noção de moralidade.

Lenin era um grande admirador de Nechayev, o mais revolucionário, e não era motivado por nenhum princípio algum, exceto o triunfo do comunismo. Seu ideal é, antes de tudo, estabelecer a ditadura do proletariado segundo Marx. Segundo Lenin, essa ditadura é: “um domínio que não é restringido pela lei e se baseia na violência.” [38] De acordo com o ideal de Lenin, “antes que a ditadura do proletariado chegue ao fim, toda a sociedade terá se tornado um único escritório e uma única fábrica, com trabalho igual e remuneração igual, e não haverá como fugir disso. Não haverá para onde ir.” [39]

No comunismo, vemos uma revolução muito violenta cujas vítimas se contam aos milhões, mesmo quando parece não haver nenhuma necessidade prática para isso. E aqui devemos examinar uma visão de Marx e Lenin que nos mostra o que acontece ao homem quando ele entra na revolução. A violência da revolução e esse amor pela violência, por queimar e destruir — não se destinam apenas a derrubar a velha ordem. Há outro propósito. Marx diz: “Tanto para a produção em grande escala dessa consciência comunista quanto para o sucesso da própria causa, é necessária a transformação dos homens em grande escala; uma transformação que só pode ocorrer em um movimento prático, uma revolução: essa revolução é necessária, portanto, não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque a classe que a derruba só pode, por meio de uma revolução, conseguir livrar-se de toda a imundície de séculos e tornar-se apta a refundar a sociedade de novo.” [40] “Na atividade revolucionária, a mudança do próprio eu coincide com a mudança das circunstâncias.” [41]

Ou seja, a humanidade deve, de alguma forma, ser transformada. E nós sabemos no que o homem se transforma na revolução: ele se torna uma fera, totalmente dominado pela febre do sangue, pela destruição. Isso é algo muito assustador; os demônios são soltos e a pessoa torna-se demonizada. E é isso que Marx quer: que o homem possa tornar-se algo novo, incapaz de amar a família, o país, de ter moralidade normal, de ter amor por Deus, de ter todas aquelas coisas normais que a sociedade normal aceita como padrão de conduta. Haverá alguém novo, completamente desenraizado, o homem do momento, alguém a quem se possa

dizer: “Saia e mate um milhão de pessoas”; e ele irá e fará isso sem sequer pensar. Esse é o tipo de homem novo que os comunistas querem criar.

É claro que essa criação de um homem novo não é apenas o resultado da atividade comunista. Vemos, com a prevalência de filosofias radicais, filosofias ateístas, o declínio da moralidade, o afrouxamento da filosofia de vida no Ocidente, onde não há comunistas para assumir o poder — a mesma formação de um homem que é despiadado, não tem contato com a tradição, com o passado, com Deus... Um escritor contemporâneo sobre esse assunto, Erich Kahler, disse algo interessante: “A poderosa tendência à ruptura e à invalidação do indivíduo... manifestamente presente nas mais correntes mais diversas da vida moderna — econômicas, tecnológicas, políticas, científicas, educacionais, psíquicas e artísticas — parece tão avassaladora que somos levados a ver nela uma verdadeira mutação, uma transformação da natureza humana.” [42] Deixaremos isso para a próxima aula, quando discutiremos outras pessoas que abordaram precisamente a questão de como a natureza humana será transformada.

Hitler

Passaremos agora a Hitler, sobre quem não falaremos muito, para depois voltarmos a discutir os pontos em comum entre nazismo e do comunismo. Todo o sistema de Hitler, o Nacional-Socialismo, é — sem entrar no lado romântico dele — seu amor por Wagner, o “Crepúsculo dos Deuses”, seu romantismo — em uma palavra, seu sistema é, mais uma vez, o bolchevismo, com algumas concessões como as que Mussolini fez para obter o controle dos elementos dominantes; mas, basicamente, sua filosofia é o bolchevismo adaptado a uma escala de valores diferente. No bolchevismo, tudo é interpretado em termos de economia e classe; e há uma guerra de classes da classe baixa contra a classe alta. Hitler tem a mesma coisa, só que, em vez de uma guerra de classes, ele tem uma guerra racial: a Alemanha contra o mundo. Seu sistema é bastante milenar e, de fato, ele chamou seu império de Reich de Mil Anos, o império de mil anos que vem diretamente do Apocalipse. Ele também tomou Lenin como modelo porque este era bastante implacável e sua filosofia não é diferente. Ele é um exemplo típico do homem desenraizado, não tem fé em Deus, nem moralidade, nem valores superiores, e sentia profunda afinidade com o bolchevismo. Assim como Napoleão, ele sonhava com a ressurreição do Império Romano, mas, também como Napoleão, reco-

nheceu que os tempos não eram propícios para isso...

b. Judeus: os Protocolos como seus planos. Lenin como seu modelo. Sentia afinidade com o bolchevismo. Quando todos, exceto ele, diziam: “O futuro pertence exclusivamente à nação oriental mais forte.” [43]

...se por acaso estivesse no Monte Athos, ele encontraria em algum mosteiro um documento que lhe daria o direito ao Império Romano de Oriente? Ele deveria guardá-lo e preservá-lo para um dia futuro. Isso mostra que a ideia de um monarca universal ainda está presente, embora os tempos sejam assim... e, de fato, que, neste momento, ela não seja útil. Mas, no futuro, quando ideias mais românticas voltarem à moda, essa ideia da

INÍCIO DA GRAVAÇÃO

... a ressurreição completa do Império Romano pode ser muito plausível. Sua relação com os judeus é muito interessante, porque ele usou a questão judaica como bode expiatório, assim como os bolcheviques usavam a classe média, a burguesia. Sempre que algo dá errado, a culpa é dos sabotadores burgueses ou dos grandes camponeses que tentavam derrubar o governo. E, portanto, você mata mais um milhão e fica a salvo por um tempo. Com Hitler, isso assumiu a forma dos judeus e de toda uma filosofia romântica e mística da raça, na qual os alemães são a raça superior, e os outros — eles têm toda uma hierarquia — os ciganos, poloneses e assim por diante vão ficando cada vez mais abaixo. Os russos estão em algum lugar no meio, estão bastante abaixo. E ele foi observado por uma pessoa próxima a ele, um certo [Hermann] Rauschning, que nos anos 30 e início dos anos 40 escrevia; ele fugiu por volta de 1938. Ele era um prefeito comum de Danzig e, a princípio, achava que Hitler iria salvar o conservadorismo. Mas ele se tornou muito próximo a [ele], teve muitas longas conversas com ele e começou a perceber que o homem era louco. Talvez não louco, mas ele tem [uma] filosofia muito, muito definida que [é] absolutamente inédita. E foi ele que primeiro se manifestou e começou a contar ao mundo o que esse homem defende, com base em suas conversas.

E, em uma conversa que teve com ele, perguntou: “Por que você está tão irritado com os judeus? Por que você tem que ser tão fanático em relação aos judeus?” E ele respondeu: “O que caracteriza os judeus?” E Rauschning disse: “Bem, eles acham que são o povo escolhido; eles têm,

digamos, uma espécie de complexo de messias.” [44] Ele disse: “Sim, exatamente isso. E nós, os alemães? Se somos a raça superior e se vamos conquistar o mundo, como podemos permitir que haja outro povo que tenha a ideia de que é o povo escolhido? Se os judeus são o povo escolhido, os alemães não podem ser o povo escolhido. E, portanto, devemos exterminar os judeus, para que os alemães possam ocupar o lugar deles. E eu serei o messias deles”, ou seja, o messias dos alemães. E ele chegou a dizer em certa ocasião que: “Se quiserem, serei o anticristo. Para mim, dá na mesma.” [45] Hitler teve essa ideia; ele próprio era uma pessoa muito pouco religiosa, não acreditava em Deus nem em nada, mas, assim como Napoleão, ele se interessava muito pela questão religiosa. E ele disse: “Depois de conquistar o mundo, darei então minha maior contribuição à humanidade. Vou resolver a questão religiosa.” [46] Ele não disse exatamente como iria resolvê-la. Ele disse, porém, que mandaria erguer em todos os lugares elevados, nas altas montanhas por todo o mundo, telescópios, e abaixo do telescópio estaria escrita a inscrição: “Ao Deus Desconhecido”. E, é claro, se ele se tornasse, dificilmente teria conseguido resistir à tentação de pensar que era um deus. Mas o fato de ele ter essa ideia de resolver a questão religiosa faz dele, assim como Napoleão, um desses precursores do anticristo.

Ele odiava as democracias ocidentais.

A propósito, ele aboliu todas as sociedades secretas. E, para ele, tudo era uma conspiração judaico-maçônica. Os maçons não tinham permissão para existir, é claro, pela mesma razão que os comunistas destruíram todas as sociedades secretas e Napoleão destruiu todas as sociedades secretas: porque quem está no poder não precisa de nenhuma sociedade secreta. Elas só causam, ele mesmo sabia, tendo passado por todos os tipos de sociedades secretas, que estas estavam provocando discórdia.

E, é claro, ele lutava contra o bolchevismo porque reconhecia que somos nós dois que lutamos pela supremacia do mundo. Um de nós deve conquistá-la. E quando chegaram os últimos dias em Berlim, temos suas anotações preservadas dos seus últimos dias. E ele percebeu que iria perder. E então não conseguiu suportar a ideia de que os britânicos e os americanos o tivessem derrotado, pois os considerava efeminados, fracos, atrasados, ultrapassados. E assim ele disse, como uma espécie de seu último testamento: “O futuro pertence exclusivamente à nação oriental

mais forte.” [47] Como se ele tivesse deixado sua herança ao bolchevismo, o que mostra que ele reconhecia ali aquele mesmo tipo de poder que o levou ao poder: essa revolução primordial que vai conquistar o mundo e destruir o passado.

Hitler disse, quando ainda estava chegando ao poder e já tinha já alimentava a ideia de um império mundial: “Podemos ser destruídos, mas, se isso acontecer, arrastaremos conosco um mundo, um mundo em chamas.” [48] E vemos aqui o mesmo impulso por trás da Comuna de Paris, que queria destruir Paris.

Nos últimos dias da guerra, quando era óbvio que a Alemanha estava invadida por todos os lados e meninos de 14 anos estavam sendo enviados para lutar, o fim estava obviamente próximo. Os alemães continuavam lutando até o último momento.

A propósito, não devemos pensar que o Reich de Hitler fosse comparável aos bolcheviques, pois, em todos os aspectos, Hitler era muito mais humano. Era possível conversar com a SS, com a Gestapo. Era possível convencê-los a não enviar você para um campo de prisioneiros. Dava para esperar, até certo ponto, justiça deles. E qualquer pessoa que tenha vivido tanto sob o regime de Hitler quanto sob o dos comunistas dirá que não havia escolha. Eles sempre voltavam para a Alemanha sempre que as linhas de batalha mudavam. Nós conhecemos muitas pessoas que estavam na Alemanha naquela época. E elas dizem que, claro, era um lugar meio louco, e Hitler era muito estranho. No entanto, ainda era possível levar algum tipo de vida normal possível; já sob os bolcheviques, o totalitarismo é absolutamente absoluto.

Então, nesse sentido, Hitler é uma pequena imitação dos bolcheviques; ele ainda fazia muitas concessões ao passado. Mas nos últimos dias da guerra, seu ministro da propaganda, Goebbels, explicou no rádio algo que soa muito marxista, enquanto as bombas caíam por toda parte. “— A bomba-terror não poupa as moradias nem dos ricos nem dos pobres; diante das exigências da guerra total, as últimas barreiras de classe tiveram que cair... Junto com os monumentos da cultura, desmoronam também os últimos obstáculos à realização de nossa tarefa revolucionária. Agora que tudo está em ruínas, somos forçados a reconstruir a Europa. No passado, as posse privadas nos prendiam a uma restrição burguesa. Agora as bombas, em vez de matarem todos os europeus, apenas derrubaram as pa-

redes da prisão que os mantinham cativos... Ao tentar destruir o futuro da Europa, o inimigo apenas conseguiu destruir seu passado; e com isso, tudo o que era antigo e ultrapassado se foi.” [49]

Portanto, o objetivo do nazismo, a função do nazismo na história mundial, é destruir o passado. E os bolcheviques, que faziam a mesma coisa na Rússia, agora que triunfaram, têm como objetivo percorrer o mundo e destruir isso, esse passado. E eles chegaram até a se organizar, como nos últimos dias na Alemanha, em uma espécie de matilhas de jovens que saíam por aí destruindo prédios, ou seja, os próprios alemães destruindo seus próprios edifícios para que o inimigo não tivesse nada a que se agarrar, para que da civilização passada não restasse nenhum vestígio.

E agora nos perguntamos o que há além de tudo isso. Se isso é algum tipo de destruição universal, se a antiga religião, se a antiga arte, a cultura, a civilização devem ser destruídas, e se os próprios edifícios do passado devem ser destruídos, qual é a ideia revolucionária do futuro? Vemos que há há uma ideia de transformar o homem.

Analisaremos duas breves citações de Nietzsche, a quem discutiremos na próxima aula como um dos principais profetas desta nova era. Ele diz duas coisas que são extremamente interessantes sob esse ponto de vista. Primeiro, ele afirma em seu livro *A Vontade de Poder*: “Sob certas circunstâncias, o surgimento da forma mais extrema de pessimismo e do niilismo propriamente dito pode ser o sinal de um processo de crescimento incisivo e essencialíssimo, e da transição da humanidade para condições de existência completamente novas. É isso que eu compreendi.” [50]

Mais uma vez, ao falar sobre seu conceito de transvaloração de todos os valores, ele diz: “Com essa fórmula, um contramovimento encontra expressão, tanto no que diz respeito a um princípio quanto a uma missão; um movimento que, em um futuro remoto, irá substituir esse niilismo perfeito; mas que, no entanto, o considera (o niilismo) como um passo necessário, tanto logicamente quanto psicologicamente, rumo ao seu próprio advento, e que positivamente não pode vir, a não ser a partir dele e por meio dele.” [51]

E temos uma citação muito interessante de Lenin. E ele diz, na verdade expondo seu ideal da fábrica única em todo o mundo da qual nin-

guém pode escapar: “Mas essa disciplina de ‘fábrica’, que o proletariado estenderá a toda a sociedade após a derrota dos capitalistas e a derrubada dos exploradores, não é de forma alguma nosso ideal, nem nosso objetivo final. Não passa de um ponto de apoio necessário para a limpeza radical da sociedade de toda a hediondez e imundície da exploração capitalista, a fim de avançarmos ainda mais.” [52] E o próprio Lenin, apesar de todos os seus argumentos contra os anarquistas, é finalmente forçado a admitir que o objetivo final do comunismo é exatamente o mesmo que o objetivo final de Bakunin e dos anarquistas: ou seja, algum tipo de anarquia absoluta.

Na próxima palestra, vamos aprofundar o que isso possivelmente pode significar. E isso tem um significado definido na teologia da revolução.

Vamos encerrar com uma breve citação de um poeta do nosso século, W.B. Yeats, poeta irlandês bastante envolvido com o ocultismo, que fundou sua própria loja de ocultismo e chegou a ser muito simpático a Hitler em certa época, pois este parecia encarnar algum novo tipo de princípio oculto. E, de fato, o próprio Hitler proclamou-se o primeiro ditador de uma nova era de magia.

Yeats escreveu: “—Queridas aves de rapina, preparem-se para a guerra... Amo a guerra por causa de seu horror; que essa crença possa ser transformada, a civilização renovada... A crença surge do choque... A crença é renovada continuamente na provação da morte.” [53]

E discutiremos na próxima palestra essa ideia de que, em meio a toda essa destruição cujo significado nem mesmo os próprios revolucionários conhecem. Tudo o que sabem é que sentem vontade de destruir. Todos os padrões do passado se foram. Não há mais nada para contê-los. Suas paixões vêm à tona. E eles simplesmente destroem, matam — da maneira mais terrível. Na verdade, nós nunca tivemos um século tão sangrento quanto o nosso, em que essa brutalidade puramente sem sentido é praticada.

E o livro de Solzhenitsyn, *O Gulag*, é leitura obrigatória para quem quer entender o que a revolução significa, como é possível que pessoas que falam sobre liberdade e fraternidade possam ter estabelecido a tirania mais terrível da história da humanidade, sem excluir nenhum dos antigos déspotas orientais, nem os sírios, nem os egípcios, nem qualquer outro — o déspota mais terrível que o mundo já visto, o regime mais sangrento

por pessoas que acreditam na liberdade, na autonomia e na fraternidade, e como isso é feito de forma bastante deliberada para menosprezar o homem e destruí-lo.

As pessoas que fazem as revoluções normalmente não percebem isso — o que está por trás disso tudo. Mas todos sentem que, ao fazer isso, estão destruindo todo o peso da civilização, da religião, da tradição. Uma vez destruído, e vemos como isso levou muito tempo, desde o início da Revolução Francesa. E todas essas revoluções fracassam, obviamente, porque há muito peso do passado remanescente, muita tradição remanescente, muita cultura e civilização ainda remanescente. Só quando elas tiverem destruído tudo, e até mesmo transformado o homem em uma espécie de nova criatura, uma espécie de pessoa acostumada à violência.

E vemos no Ocidente, se você observar, as crianças assistem à televisão. Elas veem pessoas sendo mortas todos os dias. Elas ficam muito insensíveis à violência, ao derramamento de sangue. O mesmo tipo de coisa está acontecendo no mundo livre para fazer com que as pessoas se acostumem ao derramamento de sangue, à violência — tornando-se bastante insensíveis a isso.

E, uma vez que esse tipo de pessoa seja introduzido, então haverá uma nova revelação religiosa. E até mesmo W.B. Yeats diz que tudo isso é positivo. Devemos amar todo esse processo de revolução, guerra e destruição, porque significa que uma nova revolução está nascendo. E agora teremos que examinar, na próxima palestra... E essa nova religião, intimamente ligada à ideia de anarquia, à ideia de superar o niilismo, é o fim da revolução, algo que algumas pessoas muito perspicazes já perceberam e sobre o qual já falaram.

Referências

[1] — Ibid., p. xxiv.

[2] — Cf. Palmer, R.R. e Colton, Joel, *A History of the Modern World*, Alfred A. Knopf, Inc., 1965, p. 476: “Quando, em 1848, milhões de pes-

soas foram repentinamente convidadas, pela primeira vez na vida, a votar para presidente, o nome de Bonaparte era o único de que já tinham ouvido falar, ‘Como eu não votaria nesse senhor’, disse um velho camponês, ‘eu, cujo nariz congelou em Moscou?’”

[3] — Webster, p. 174.

[4] — Citado em Webster, p. 174.

[5] — Ibid.

[6] — Webster, p. 176.

[7] — Citado em Webster, p. 190.

[8] — Citado em Webster, p. 191.

[9] — Citado em Rose, Eugene (Pe. Seraphim), *Niilismo: A Raiz da Revolução da Era Moderna*, Fundação Pe. Seraphim Rose, 1994, Forestville, CA, p. 56.

[10] — Ibid., p. 56.

[11] — Citado em Nihilism, p. 56n: Citado em E.H. Carr, Michael Bakunin, p. 440.

[12] — Citado em Webster, p. 215, extraído de *Documents et souvenirs de L’Internationale*, James Guillaume, ii, p. 253. Cf. Deus e o Estado, p. 2, citado nas notas sobre anarquismo de Fr. S: Bakunin e Satanás:... “O proletariado de Paris é ‘o Satanás moderno, o grande rebelde, derrotado, mas não pacificado.’”

[13] — Citado em Webster, p. 211.

[14] — Citado em Nihilism, p. 56.

[15] — Alliance de la Démocratie Socialiste, etc., publicada por ordem do Congresso Internacional de Haia (1873), p. 21, citada em Webster, p. 205.

[16] — Qual é a fonte disso? Webster, p. 212-213: “Seguiu-se a ‘semana sangrenta’ de confrontos nas ruas. No terceiro dia, as tropas de Versalhes haviam chegado às proximidades das Tulherias, e foi então que os generais da Comuna, Brunel e Bergeret, incendiaram o palácio e a Rue Royale. ... oito meses antes daquela terrível noite de 23 de maio, uma caricatura havia aparecido nas vitrines das cidades alemãs retratando Paris em chamas,... e, abaixo, as palavras: ‘Gefallen, gefallen ist Babylon die Stolz’ (Caiu, caiu a poderosa Babilônia!) ... O Palácio das Tulherias foi reduzido a cinzas...”

[17] — Bakunin, Mikhail A., Deus e o Estado, 1882: “A velha ordem deve ser destruída e substituída por uma nova.”

[18] — Qual é a fonte disso? Webster, p. 215: “Marx... publicou então um panegírico da Comuna intitulado A Guerra Civil na França, no qual se referia ao Estado como ‘aquele parasita que explora e impede os movimentos livres da sociedade’... Mas a sinceridade de Marx ao escrever seu panegírico da Comuna foi revelada quando sua correspondência com seu amigo Sorge foi publicada em 1906.” Nota de rodapé de Webster: nota de rodapé de Webster: “Guillaume, Documents, ii, 192.”

[19] — Proudhon, O Princípio do Direito, citado em The Pocket Book of Quotations, Henry Davidoff, ed., Pocket Books, Nova York, 1952, p. 302; também O que é a Propriedade?, citado em Os Filósofos Mundanos, Robert L. Heilbroner, Simon and Schuster, A Clarion Book, Nova York, 1967, p. 139; Webster, p. 257, afirma que este é o “axioma de Brissot”. cxix. As notas do padre Seraphim sobre o anarquismo citam Proudhon, *De la Justice poursuivie par L’Église*, iii, p. 179.

[20] — Proudhon, *De la Justice poursuivie par L’Église*, iii, p. 179. Citado nas notas do padre Seraphim sobre o anarquismo.

[21] — Proudhon, *Système des contradictions économiques ou philosophie de la misère* (1846). Prólogo, cap. viii, citado em Lowith, *Meaning in History*, p. 63: “Proudhon afirma que ‘o primeiro dever de um homem livre e inteligente é expulsar incessantemente a ideia de Deus de sua mente e consciência’; pois, se ele existe, é essencialmente hostil à nossa natureza. ‘Alcançamos a ciência apesar dele, ao bem-estar apesar dele, à sociedade apesar dele: todo progresso é uma vitória na qual esmagamos a divindade’”. cxxi. Ibid., p. 64: “Deus, se existe, é inimigo do homem.”

[22] — Proudhon, citado em Lowith, *Meaning in History*, p. 64: “Deus, se existe, é inimigo do homem.”

[23] — Bakunin, Deus e o Estado, Londres, 1910, p. 16.

[24] — Citado em Niilismo, 72n.: Deus e o Estado, Michael Bakunin, Londres, 1910, p. 2.

[25] — Citado em Niilismo, p. 72. cxxv. As notas sobre o anarquismo do padre Serafim citam: *Idee general de la revolution*; também *Justice*, III, pp. 433-434 (de Lubac, *The Drama of Atheist Humanism*, Sheed & Ward, 1950, p. 173).

- [26] — *Idee general de la revolution*; também *Justice*, III, pp. 433-434. Citado em de Lubac, *The Drama of Atheist Humanism*, Sheed & Ward, 1950, p. 173.
- [27] — Qual é a fonte disso?
- [28] — Webster, p. 298.
- [29] — Webster, p. 298 e seguintes.
- [30] — Webster, p. 300.
- [31] — Ibid., p. 300.
- [32] — Ibid., p. 303.
- [33] — Conquista Mundial por meio do Governo Mundial. Os Protocolos dos Sábios de Sião, traduzido do russo de Sergei Nilus por Victor E. Marsden, baixado e reformatado de <http://www.jurai.net/gaijin/ill.elderzion.html>
- [34] — Protocolo nº 17.
- [35] — Protocolo nº 5.
- [36] — Protocolo nº 15.
- [37] — Hitler citado em Rauschning, *Hitler Speaks*, Thornton Butterworth Ltd., Londres, 1939, pp. 235-6: “Li ‘Os Protocolos dos Sábios de Sião’ — isso simplesmente me deixou horrorizado. A astúcia do inimigo e sua onipresença! Percebi imediatamente que devíamos copiá-lo — à nossa maneira, é claro.” ... “Devemos derrotar o judeu com sua própria arma..... Percebi isso no momento em que li o livro.” “Então você se inspirou nos ‘Protocolos’ para sua luta?”, perguntei [Rauschning]. “Sim, certamente, até nos mínimos detalhes.... Achei esses Protocolos extremamente instrutivos. Sempre aprendi muito com meus oponentes.” p. 238: Rauschning: “...E o que... você adotou dos ‘Protocolos dos Sábios de Sião?’” Hitler: “Intriga política, a técnica da conspiração, organização. Isso não é o suficiente?” Veja também Rauschning, *Revolução do Niilismo*, p. 53: “Seria um grande erro supor que um indivíduo tão astuto quanto o ministro da Propaganda alemão não esteja perfeitamente ciente de que a propaganda de atrocidades contra os judeus, incluindo os ‘Protocolos dos Sábios de Sião’, é um absurdo ridículo, que ele não perceba a farsa racial com a mesma clareza que aqueles compatriotas seus que foram expulsos de seu país por causa dela. ...Os fundamentos da ‘filosofia’... foram deliberadamente inventados por sua eficácia demográfica e para promover os objetivos políticos do partido.”

[38] — Cf. The Great Quotations, comp. por George Seldes, Pocket Books, Nova York, 1967, p. 285: “A ditadura revolucionária do proletariado é o poder conquistado e mantido pela violência do proletariado contra a burguesia, poder que não está sujeito a nenhuma lei.” V. I. Lenin citado em A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky, International Publishers, Nova York, 1934; também “A ditadura do proletariado nada mais é do que o poder baseado na força e limitado por nada — por nenhuma lei e por absolutamente nenhuma lei.” Seldes citando V. I. Lenin, Obras Completas, (edição francesa) vol. XVIII, p. 361.

[39] — A Ideologia Alemã, Parte I, Marx e Engels, International Publishers, Nova York, 1947, p. 84.

[40] — Marx e Engels, A Ideologia Alemã, Parte I, International Publishers, Nova York, 1947, p. 69.

[41] — Ibid., p. 204n.

[42] — Kahler, Erich, A Torre e o Abismo, George Braziller, Inc., Nova York, 1957, pp. 225-6.

[43] — Citado em *Nihilismo*, p. 77, nota.

[44] — Rauschning, *Hitler Fala*, p. 238: “‘Mas temos falado’, disse Hitler, ‘do judeu apenas como o governante do império econômico mundial. Temos falado dele como nosso adversário político. Qual é a posição dele na luta mais profunda pela nova era mundial?’ “Confessei que não fazia ideia. “Não pode haver dois Povos Escolhidos. Nós somos o Povo de Deus. Isso não responde plenamente à pergunta?” “‘Isso deve ser entendido simbolicamente?’” “Mais uma vez, ele bateu na mesa. ‘Simbolicamente? Não! É a verdade pura, simples e não diluída. Dois mundos se enfrentam — os homens de Deus e os homens de Satanás! O judeu é o anti-homem, a criatura de outro deus. Ele deve ter vindo de outra raiz da raça humana. Eu coloco o ariano e o judeu em oposição um ao outro; e se chamo um deles de ser humano, devo chamar o outro de outra coisa...’”

[45] — Fonte para isso?

[46] — Conversas Secretas de Hitler, p. 117: “A guerra terminará um dia. Considerarei então que a tarefa final da minha vida será resolver o problema religioso. Somente então a vida do alemão nativo estará garantida de uma vez por todas.”

[47] — Citado em *Nihilism*, p. 77n: Citado em H.R. Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, Nova York, The Macmillan Co., 1947, p. 82.

- [48] — Citado em Rauschning, Hermann, *The Voice of Destruction*, G. P. Putnam's Sons, Nova York, 1940, p. 5.
- [49] — Citado em *Nihilism*, p. 76n: Goebbels citado em H.R. Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, Nova York, The Macmillan Co., 1947, pp. 50-51.
- [50] — Citado em *Nihilism*, p. 91n: A Vontade de Poder, p. 92.
- [51] — Citado em *Nihilism*, p. 91n; A Vontade de Poder, p. 2.
- [52] — Citado em *Nihilism*, p. 91n: Estado e Revolução, Vladimir Lenin, International Publishers, Nova York, 1935, p. 84.
- [53] — Citado em *Nihilism*, p. 89n: A Vision, William Butler Yeats, 1937, pp. 52-53.cliii. Hume citado em Randall, p. 300.

Aula 10

A Nova Religião

10.1 A Crise do Conhecimento

Trechos da Palestra sobre Nietzsche de 1980 aparecem em um tipo de letra diferente.

A. Introdução

1. Tendo observado o progresso externo da Revolução dos tempos modernos, voltamo-nos agora para as causas espirituais e filosóficas mais profundas dela — o que aconteceu na alma humana para fazê-la desejar uma Revolução que parece fazer tão pouco sentido, ser tão impossível? O que é a teologia da Revolução?

2. O fim do século XVIII marca o fim da Velha Ordem — uma era de estabilidade, em que as instituições humanas, a arte e a cultura se baseavam, pelo menos, em resquícios do cristianismo e do sentimento cristão. A eclosão da Revolução coincide com o fim da civilização. Há 200 anos estamos em uma nova era, uma busca por uma nova ordem.

B. Crise do conhecimento — fim do racionalismo

1. Desde a Idade Média, o racionalismo reduz a esfera do conhecimento ao criticar toda tradição, o reino espiritual e os mitos, exceto o mundo exterior.

2. Com Hume, a razão chega ao limite de suas possibilidades — destrói todo conhecimento certo, mesmo sobre o mundo exterior. Ele afir-

mou que só podemos conhecer o que experimentamos. Assim, contra os milagres; e, consequentemente, até mesmo contra a religião natural: Randall

“Que a divindade possa, possivelmente, estar dotada de atributos que nunca vimos serem exercidos; possa ser governada por princípios de ação que não conseguimos descobrir que sejam cumpridos: tudo isso será livremente admitido. Mas, ainda assim, trata-se de mera possibilidade e hipótese. Nunca poderemos ter motivos para inferir quaisquer atributos ou quaisquer princípios de ação nela, a não ser na medida em que saibamos que eles foram exercidos e cumpridos. “Existem sinais de uma justiça distributiva no mundo?” Se você responder afirmativamente, respondendo que, uma vez que a justiça aqui se manifesta, ela está satisfeita. Se você responder negativamente, concluo que você não tem, portanto, razão para atribuir justiça, no nosso sentido do termo, aos deuses. Se você adotar uma posição intermediária entre a afirmação e a negação, dizendo que a justiça dos deuses, no momento, se exerce em parte, mas não em toda a sua extensão: respondo que que você não tem razão para atribuir-lhe uma extensão específica, mas apenas na medida em que você a vê, no momento, exercendo-se.”[1]

Nenhum argumento a favor da existência de Deus: 301.

“[Randall, p. 310] Tendo assim descartado a base racional para a fé na governança moral do mundo, Hume prosseguiu, em seus Diálogos, para mostrar que não poderia haver sequer qualquer argumento a favor da existência de um Criador onisciente e onibom. Não há necessidade de o universo ter tido uma causa primeira. É tão fácil concebê-lo como autoexistente e eterno quanto supor uma causa externa com essas qualidades. Não há analogia entre um objeto no mundo, como um relógio, e o mundo inteiro; já vimos relógios serem fabricados, mas não mundos. A ordem pode ser tão natural quanto o caos e, portanto, a harmonia e a lei universal não precisam de nenhuma outra razão para sua existência, além do fato de que as encontramos existindo. Partindo de um mundo finito como efeito, poderíamos supor, no máximo, apenas uma causa finita. Se o universo realmente tivesse um criador, ele poderia ter sido um artesão incompetente, ou poderia ter morrido há muito tempo após concluir sua obra, ou talvez tenha sido um deus masculino e um deus feminino, ou um grande número de deuses. Ele pode ter sido inteiramente bom, ou

inteiramente mau, ou ambos, ou nenhum dos dois — provavelmente o último.”[2] Holbach foi além: materialismo 302.

“Não é mais natural e mais inteligível derivar tudo o que existe do seio da matéria, cuja existência é demonstrada por cada um de nossos sentidos, cujos efeitos experimentamos a cada instante, que vemos agindo, se movendo, comunicando movimento e geração incessantemente, do que atribuir a formação das coisas a uma força desconhecida, a um ser espiritual que não pode desenvolver, a partir de sua natureza, o que não é ele próprio, e que, pela essência espiritual que lhe é atribuída, é incapaz de fazer qualquer coisa e de colocar qualquer coisa em movimento?”[3]

3. Mas Hume vai além: mina até mesmo o conhecimento dos fatos. Artigo de Brinton, pp. 2-6; depois, p. 1 sobre “frio”.

“O homem tem dois tipos de percepções... distinguíveis por sua vivacidade e intensidade variáveis; e há dois tipos de conhecimento que lhes correspondem. Por um lado, há a sensação imediata, a experiência presente — o que ele chama de impressões; a partir delas, obtemos conhecimento de questões de fato. Por outro lado, há nossas impressões menos vívidas — nossas ideias — a partir das quais passamos a conhecer as relações entre as ideias. Nossas ideias são, sem exceção, derivadas de nossas impressões, e o único poder de nossas mentes reside em ‘combinar, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos são fornecidos pelos sentidos e pela experiência’.”[4] Nossas ideias, portanto, são mais fracas, decididamente secundárias — certamente não são uma fonte de conhecimento nos assuntos práticos da ética, da política, economia, que, em uma perspectiva secular como a que prevalecia no século XVIII, são as principais preocupações do homem. (É claro que elas também não podem nos dizer nada sobre Deus ou qualquer outro objeto transcendental além da experiência humana.) O conhecimento das relações entre ideias nos diz apenas sobre essas ideias, não sobre as impressões primárias das quais elas derivam. O conhecimento aqui é certo — porque é subjetivo. Se examinarmos a maneira como nossa mente funciona, podemos descobrir como ela ordena e relaciona as ideias que lhe são apresentadas; mas o funcionamento subjetivo de nossa mente não tem nada a ver com aquela “realidade” externa que mais de tudo buscamos conhecer.

“Nossa investigação, então, sobre o conhecimento ‘útil’, deve tratar-se exclusivamente de nossas impressões,...”

[O texto da transcrição começa no meio da citação do “artigo de Brinton” do Pe. Serafim]

“...o que podemos saber sobre o mundo exterior,... trata-se apenas do que ele chamou de impressões, ‘questões de fato’.”

““Em primeiro lugar”, devemos reconhecer que não podemos saber como as coisas são “em si mesmas”. Não temos conhecimento das “entidades externas que se apresentam aos nossos sentidos, mas apenas das imagens dessas coisas. Tudo o que podemos conhecer é o que percebemos e, como todos os objetos externos devem ser vistos por meio de nossos sentidos, tudo o que podemos conhecer são esses objetos” não como eles são em si mesmos, mas como são “vistos por meio de nossos sentidos. O que vemos não é uma árvore, mas” apenas “a imagem de uma árvore, tal como nosso sentido da visão a modifica ao incorporá-la à sua percepção. Quando nos afastamos dela, não é a árvore que fica menor, mas a percepção dela em nossas mentes. E quando pressionamos nossos globos oculares de uma certa maneira, não é a árvore que fica dupla, mas a imagem dela”, que “é tudo o que podemos conhecer dela”.

Portanto, “para começar... devemos perceber que até mesmo nosso conhecimento sobre questões de fato contém uma grande dose de subjetividade”. Mas agora devemos examinar se há alguma objetividade em nosso conhecimento.

“...A próxima pergunta que faremos” sobre essas impressões “é: como chegamos a conhecê-las? Além da evidência do testemunho sensorial imediato e da memória” desse testemunho sensorial, “há apenas” uma coisa, uma “relação”, que é “causa e efeito. Quando confrontados com uma determinada causa, esperamos um determinado efeito; e grande parte de nossa experiência cotidiana se baseia na regularidade dessa relação” entre causas e efeitos. “Mas, mais uma vez, se buscarmos certeza, estamos destinados a nos decepcionar: não há conexão necessária entre causa e efeito; inferimos tal conexão por meio da experiência da conjunção constante de dois eventos. Assim, sempre que coloquei minha mão na chama, sinto dor; mas isso não vai necessariamente acontecer toda... vez que eu fizer” isso, porque não temos conhecimento de que exista uma conexão certa entre esses dois eventos.

E assim ele diz: “O contrário de todo fato concreto ainda é possível; porque isso nunca pode implicar uma contradição, e” isso “é concebido

pela mente com a mesma facilidade e clareza, como se fosse totalmente conforme à realidade.” [5] Ou seja, poderia acontecer, pelo que sabemos, que eu colocasse a mão na chama e não sentisse dor. “Mas como, então, inferimos essa conexão necessária entre causa e efeito?” E ele diz que é apenas “pelo costume ou hábito. “Todas as inferências a partir da experiência[, portanto,] são efeitos do costume, não do raciocínio. O costume, então, é o grande guia da vida humana. É somente esse princípio que torna nossas experiências úteis para nós e nos faz esperar, para o futuro, uma sequência de eventos semelhante àquelas que ocorreram no passado.’ [6] ”

“Mas o que, então, resta” do conhecimento e “do conhecimento certo e absoluto” que os filósofos do século XVIII pensavam ter? A resposta, segundo Hume: “Nada”, absolutamente nada. “A razão é uma faculdade subjetiva que não tem relação necessária com os ‘fatos’ que buscamos conhecer. Ela se limita a traçar as relações entre nossas ideias”, que “por si sós” já estão duas vezes “distantes da ‘realidade’.” E nossos sentidos são igualmente subjetivos, pois nunca podem conhecer a “coisa em si”, apenas uma imagem dela que não contém nenhum elemento de necessidade e certeza — “o contrário de qualquer fato concreto ainda é possível”.”

Então ele diz: “Você segue os instintos e as propensões da natureza ao ascender à veracidade, à autenticidade dos sentidos? Mas estes o levam a acreditar que a própria percepção ou imagem sensível é o objeto externo.” O que, é claro, não é verdade; não é. É apenas uma imagem em nossa mente. ““Você rejeita esse princípio, a fim de abraçar uma opinião mais racional de que as percepções são apenas representações de algo externo?”” Mas aqui você ““se afasta de suas propensões naturais e sentimentos mais óbvios; e”” ainda assim você ““não consegue satisfazer sua razão, que nunca consegue encontrar nenhum argumento convincente a partir da experiência para provar que essas percepções estejam ligadas a quaisquer objetos externos.’ [7] ” E assim, o conhecimento se dissolve.

E qual é, então, a resposta? Como devemos viver, segundo Hume? E eis a resposta dele: ““O grande subvertedor dos... princípios excessivos do ceticismo é a ação, o trabalho e as ocupações da vida cotidiana. Esses princípios podem florescer e triunfar nas escolas,... Mas assim que saem da sombra e, pela presença dos objetos reais, que acionam nossas paixões e sentimentos, são colocados em oposição aos princípios mais poderosos

de nossa natureza, eles desaparecem como fumaça e deixam o cético mais convicto na mesma condição que os demais mortais.’ [8] ” [9]

Bem, é muito fácil para ele dizer isso, pois ele era um confortável cavaleiro inglês. Ele tinha sua lareira, um cantinho aconchegante e quente, uma casa de campo. E, de fato, escreveu sua história da Inglaterra e preocupava-se com coisas práticas; e essa filosofia não o abalava terrivelmente. Mas as pessoas pobres que leem isso e levam a sério e têm uma verdadeira paixão por saber o que podem saber e acreditam na razão, para elas todo o universo fica destruído. Na verdade, essa é uma questão profunda entre nossos pensadores modernos dos últimos duzentos anos: esse tipo de desespero diante da possibilidade de alguma vez ser capaz de saber alguma coisa, o que, de certa forma, dissolve a estrutura de suas vidas...

Você vai acreditar na filosofia e começar a raciocinar sobre as coisas, quer chegar à verdade, e então se depara com Hume e pensadores como ele.

[Da palestra de Nietzsche de 1980:]...essa mudança que ocorreu entre o século XVIII e, isto é, a partir do momento em que Hume criticou a realidade, afirmando que ela não é tão segura quanto pensávamos. [fim do acréscimo]

E, de repente, o mundo inteiro meio que se dissolve e, quando você percebe, está se perguntando: “Eu, eu existo? O mundo existe?” “O que é o quê?” E você pode chegar a se matar se começar a pensar assim e levar isso muito a sério. E, é claro, pessoas já se mataram por causa disso. Outras derrubaram a filosofia e saíram queimando prédios porque isso é algo real, você sabe, ação. Ele diz “Ação”. Para ele, ação significa ficar sentado, fumando seu cachimbo e escrevendo história inglesa. Para outra pessoa, isto é, se ela não tiver essa formação, esse desejo, para ela ação significa revolução, queimar coisas, matar pessoas.

E assim, com razão, um dos escritores sobre a filosofia do Iluminismo tem o seguinte a dizer sobre Hume. Seu nome é Carl Becker. Ele escreveu um livro chamado *A Cidade Celestial dos Filósofos do Século XVIII*. E esse Carl Becker descreve todos esses filósofos e o progresso e assim assim por diante, e então chega a Hume. E ele diz que, quando você lê Hume, depois de ler todos os outros filósofos, é como se, no meio-dia da grande era do Iluminismo, de repente aparecesse uma nuvem, um frio, algum tipo de coisa estranha que faz com que você começa a se perguntar o que é isso,

eu achava que estava tudo bem, que estava tudo ensolarado e quente.

“Ler os Diálogos de Hume depois de ter lido, com compreensão solidária, os deístas sinceros e os filósofos otimistas do início do século, é experimentar um leve frio, um sentimento de apreensão. É como se, no meio-dia do Iluminismo, na hora da sesta, quando tudo parece estar tão tranquilo e seguro ao redor, de repente percebêssemos o deslizamento breve e brusco dos alicerces, um leve tremor distante correndo sob o solo firme do bom senso.” [10]

De repente, você sente esse calafrio. Há algo frio e sombrio no horizonte prestes a surgir, porque as ideias de Hume destruíram a realidade. Não é mais possível acreditar, ou seja, simplesmente aceitar a realidade como ela é. Se jogarmos Deus fora, teremos progresso indefinido neste mundo. E Hume destruiu a ideia de que o mundo é estável. Ele disse que nunca poderemos conhecer o mundo como ele é, porque causa e efeito são apenas uma parte do costume. E não há lei na ciência. Tudo o que temos é o costume. Não há nada de objetivo ou absoluto nisso. Ele próprio não se tornou um profeta de nenhuma nova religião, mas deixou suas ideias por aí. É claro que isso mais tarde causaria um grande terremoto em nossos tempos.

Há muitos historiadores acadêmicos modernos que gostam muito do século XVIII porque ele é repleto de otimismo. Foi a época da grande música, de Bach e Handel, e a filosofia também era muito otimista. A poesia era muito animada e tudo era muito positivo. Não havia nada além de coisas boas por vir no futuro, um progresso indefinido.

E assim, essa era revolucionária do século XVIII, que antecedeu a Revolução, começa com grande otimismo, e até mesmo as pessoas que fizeram a Revolução também começaram com grande otimismo, sem perceber que, no final do século, os filósofos mais avançados acabaram de destruir qualquer possibilidade de um conhecimento real do mundo externo. E leva tempo para que ideias profundas como essa cheguem ao povo, mas, quando isso acontecer, veremos que isso produz efeitos desastrosos.

10.2 Immanuel Kant e a Revolução Copernicana

Agora chegaremos ao pensador que está exatamente neste momento, o início da era revolucionária, que se situa entre esse velho mundo da filosofia racionalista, quando os filósofos ainda achavam que podiam chegar a certas conclusões por meio do raciocínio, mesmo que elas mudassem constantemente, e nossa nova era, em que todo o conhecimento se torna incerto. E esse pensador ocupa um lugar fundamental, pois realizou o que chamou — e o que tem sido chamado de — a Revolução Copernicana da filosofia. E seu nome é Immanuel Kant, que viveu de 1724 a 1804.

Já vimos que o próprio início da filosofia moderna, com Descartes, não se deu a partir de algum tipo de observação externa ou revelação; mas sim com algum tipo de subjetivismo. Ou seja, quando Descartes disse: “Penso, portanto, existo”, essa é a primeira ideia clara e, a partir dela, ele deduz todo o resto — o mundo exterior, Deus e absolutamente tudo, pois se existe algo, então o mundo é real. Se existe um mundo real, então deve haver um Deus que o criou. E ele tem ideias claras e distintas sobre todas essas realidades e acredita ter um sistema filosófico bem elaborado e coeso. Mas tudo começa com sua própria observação de si mesmo, o que, é claro, mostra o quão distante ele está do cristianismo, que parte de Deus, que criou o mundo e nos criou. Mas, como confiam na razão como a única faculdade capaz de nos proporcionar conhecimento, não podem partir de Deus, pois Deus não se vê.

E assim acontece que, quando esses racionalistas, principalmente Hume, conseguem destruir nosso conhecimento de Deus, da religião, do mundo espiritual e, então, até mesmo do mundo material, o que resta? E a resposta: o que resta é o mesmo, algum tipo de autoconsciência. E assim, a última esperança que o homem tem de que exista algum tipo de conhecimento repousa em sua própria consciência de si mesmo. E foi isso que Kant fez. Ele promoveu uma revolução copernicana ao afirmar que não é a mente que gira em torno do mundo, a fim de saber o que ele é; é, ao contrário, o mundo que gira em torno de mim, em torno da mente. Nunca poderemos saber o que está lá fora, a coisa em si, o noumeno, como ele o chama, mas só podemos conhecê-la tal como ela nos aparece; e tais categorias da realidade como espaço e tempo não são categorias da realidade

exterior, mas sim da minha mente; ou seja, devo vê-las em termos de espaço e mente. Essas são as categorias com as quais minha mente organiza a realidade. E, é claro, se isso for verdade, ainda resta algum tipo de conhecimento. Não como a realidade tal como ela é em si mesma, mas a realidade como deve aparecer para mim, porque tenho esse tipo de mente. E, assim, o conhecimento é possível. E até mesmo o conhecimento de Deus é possível, porque ele diz que se baseia no sentimento interior, no sentimento subjetivo, o que mostra o quanto ele estava sob a influência do movimento pietista de sua época, que reagia contra o racionalismo do Iluminismo, contra sua rigidez. Mas a realidade em si mesma é absolutamente incognoscível. Somente o que vejo é cognoscível.

Temos aqui observações sobre isso de Heinrich Heine, um judeu alemão, que veio para a França porque era muito perigoso na Alemanha e escreveu este livro sobre Religião e Filosofia na Alemanha em 1833 ou 1834, e captou muito bem o sentimento por trás desses pensadores e comunicou qual é o significado deles. Ele estava tentando interpretar a filosofia alemã para os franceses. E isto é o que ele tem a dizer sobre Kant:

“Estou prestes a falar de um homem cujo mero nome tem o poder de um exorcismo; falo de Immanuel Kant.

“Diz-se que os espíritos que vagam à noite ficam tomados de terror ao ver o machado do carrasco. Com que medo avassalador, então, devem ser atingidos quando lhes é apresentada a Crítica da Razão Pura de Kant. Esta é a espada que matou o deísmo na Alemanha.

“Para falar francamente, vocês, franceses, têm sido mansos e moderados em comparação conosco, alemães. No máximo, vocês conseguiram apenas matar um rei, e ele já havia perdido a cabeça antes de vocês o guilhotinarem. Para acompanhar tais atos, vocês precisavam causar tal tamborilar, gritar e bater de pés que o universo inteiro tremia. Comparar Maximiliano Robespierre com Emanuel Kant é conferir uma honra excessiva ao primeiro. Maximiliano Robespierre, o grande cidadão da Rue Saint-Honoré, tinha, é verdade, seus ataques repentinos de destrutividade quando se tratava da monarquia, e seu corpo era violentamente convulsionado quando a crise de epilepsia regicida se manifestava; mas, assim que se tratava do Ser Supremo, ele enxugava a espuma branca dos lábios, lavava o sangue das mãos, vestia seu casaco azul de domingo com botões de prata e colocava um buquê no peito de seu colete largo.” [11]

Ele foi à Notre Dame para adorar a Razão e a Deus e até mesmo para queimar a imagem do ateísmo.

“A história da vida de Immanuel Kant é difícil de retratar, pois ele não tinha nem vida nem história. Ele levava uma existência de solteiro mecânica, regular, quase abstrata, em uma ruazinha afastada de Königsberg, uma antiga cidade na fronteira nordeste da Alemanha. Não creio que o grande relógio da catedral desempenhasse sua rotina diária de maneira mais impassível e metódica do que seu conterrâneo Immanuel Kant. Levantar-se pela manhã, tomar café, escrever, ler palestras, almoçar, caminhar, tudo tinha seu horário determinado, e os vizinhos sabiam que eram exatamente três e meia da tarde quando Immanuel Kant saía de casa com seu casaco cinza justo e sua bengala espanhola na mão, e se dirigia à pequena avenida de tílias que até hoje leva seu nome: a “Passeio do Filósofo’s Walk”. Verão e inverno, ele percorria a avenida de um lado a outro oito vezes, e quando o tempo estava nublado ou nuvens pesadas prenunciavam chuva, os moradores da cidade avistavam seu criado, o velho Lampe, caminhando ansiosamente atrás dele com um grande guarda-chuva debaixo do braço, como uma imagem da Providência.

“Que contraste estranho a vida exterior desse homem apresentava em relação aos seus pensamentos destrutivos e aniquiladores do mundo! Na verdade, se os cidadãos de Königsberg tivessem o menor pressentimento do pleno significado de suas ideias, teriam sentido um pavor muito mais terrível na presença desse homem do que ao ver um carrasco, que nada mais pode fazer do que matar o corpo. Mas as pessoas de bem viam nele nada mais do que um professor de filosofia e, quando ele passava na hora de costume, cumprimentavam-no de maneira amigável e ajustavam seus relógios por ele.

“Mas, embora Immanuel Kant, o archi-destruidor no reino do pensamento, superasse de longe em terror Maximiliano Robespierre, ele tinha muitas semelhanças com este último, o que leva a uma comparação entre os dois homens. Em primeiro lugar, encontramos em ambos a mesma integridade inexorável, perspicaz, desprovida de poesia e sóbria. Da mesma forma, encontramos em ambos o mesmo talento para a suspeita, só que, em um deles, ela se manifestava na direção do pensamento e era chamada de crítica, enquanto no outro era diretamente contra a humanidade e era denominada virtude republicana. Mas ambos apresenta-

vam, no mais alto grau, o tipo do cidadão de mente estreita. A natureza os havia destinado a pesar café e açúcar, mas o destino decidiu que eles deveriam pesar outras coisas, e no prato da balança de um colocou um rei, no prato da balança do outro, um Deus... E ambos deram o peso correto!” [12]

“Kant nos prova que nada sabemos sobre as coisas como elas são em si mesmas e por si mesmas, mas que temos conhecimento delas apenas na medida em que se refletem em nossas mentes...” [13]

“Não foi sem razão, portanto, que ele comparou sua filosofia ao método de Copérnico. Antigamente, quando os homens concebiam o mundo como imóvel e o sol girando em torno dele, os cálculos astronômicos não batiam com precisão, mas quando Copérnico fez o sol ficar imóvel e a Terra girar em torno dela, eis que tudo se encaixou admiravelmente. Assim, antigamente, a razão, como o sol, movia-se em torno do universo dos fenômenos e procurava lançar luz sobre ele. Mas Kant ordenou que a razão, o sol, ficasse imóvel, e o universo dos fenômenos agora gira em torno dela e é iluminado no momento em que entra na região do orbe intelectual.” [14]

“Deus, segundo Kant, é um noumeno. Como resultado de seu argumento, esse ser ideal e transcendental, até então chamado de Deus, é uma mera ficção. Ele surgiu de uma ilusão natural. Kant mostra que nada podemos saber a respeito desse noumeno, a respeito de Deus, e que toda prova razoável de Sua existência é impossível. As palavras de Dante, ‘Deixai toda a esperança para trás!’, poderiam estar inscritas sobre esta parte da Crítica da Razão Pura.” [15]

Mas, no final, “Immanuel Kant cede e mostra que não é apenas um grande filósofo, mas também um bom homem; ele reflete, e meio que de bom humor, meio ironicamente, diz: ‘O velho Lampe precisa ter um Deus, caso contrário, o coitado nunca poderá ser feliz. Ora, o homem deve ser feliz neste mundo; a razão prática assim o diz; — bem, estou perfeitamente disposto a que a razão prática também garanta a existência de Deus.’ Como resultado desse argumento, Kant distingue entre a razão teórica e a razão prática e, por meio desta última, como com uma varinha de mágico, ele ressuscita o deísmo que a razão teórica havia matado.” [16]

Bem, a função de Kant é sistematizar o que Hume havia feito com sua crítica, ou seja, eliminar conhecimento do mundo exterior e com Deus —

na verdade, eliminar Deus por completo. E ele restaura Deus apenas com base em nosso sentimento subjetivo. E é por isso que todos os movimentos religiosos a partir dessa época assumem um novo caráter. Porque, anteriormente, a ideia de Deus era algo que diferentes pessoas achavam que conheciam por meio de vários tipos de revelações, mesmo quando estavam erradas; mas tratava-se de algum Ser que está lá fora.

A partir desse momento, um novo tipo de subjetivismo entra na filosofia e nas correntes religiosas. E agora começamos a pensar que, bem, mais tarde neste século, temos um novo pensamento: pensamento positivo, ciência da mente, mente sobre a matéria — todas essas coisas que virão diretamente desse filósofo, não porque sua filosofia em si tivesse uma influência direta — é claro que teve em muitos lugares —, mas porque ele estava expressando o que passava pela mente das pessoas naquela época: ou seja, se você aceita a razão, deve segui-lo até o ponto de admitir que não temos nenhum conhecimento das coisas externas, e que o único conhecimento provém de algum tipo de subjetivismo.

E, como resultado disso, o século XIX surge com uma explosão tremenda de novas filosofias subjetivas. Vamos examinar apenas uma delas, que por si só não é particularmente importante, mas mostra o que acontece quando um filósofo leva a sério o que Kant diz.

Fichte

Esse filósofo é Fichte, que viveu mais ou menos na mesma época que Kant, tendo falecido um pouco mais tarde. F-I-C-H-T-E. Eis o que Heinrich Heine tem a dizer sobre ele.

“A questão proposta por Fichte é: Que fundamentos temos para supor que nossas concepções dos objetos correspondem aos objetos externos a nós? E para essa questão ele oferece a solução: Todas as coisas têm realidade apenas em nossa mente.” [17]

“Que o idealismo, levado às suas consequências extremas, acabasse por negar até mesmo a realidade da matéria”, como fez Fichte, “parecia, para a grande massa do público, levar a brincadeira longe demais. Nós”, os alemães, “nos divertimos bastante com o Ego fichteano.” Toda a sua filosofia gira em torno do Ego e do que ele, e como ele, cria a realidade para si mesmo. “Nós nos divertimos bastante com o Ego fichteano, que, por meio de seu mero pensamento, produzia todo o mundo externo. Nosso riso irônico foi intensificado por um equívoco que se tornou popular de-

mais para que eu pudesse ignorá-lo em silêncio. A grande maioria realmente supunha que o Eu de Fichte era o Eu de Johann Gottlieb Fichte, e que esse Ego individual implicava uma negação de todas as outras existências. Que impertinência! exclamaram as pessoas de bem; esse sujeito não acredita que existamos, nós que somos muito mais corpulentos do que ele próprio, e que, como prefeitos e oficiais de justiça, somos, na verdade, seus superiores! As senhoras perguntaram: “Ele não acredita, pelo menos, na existência de sua esposa?” “Não!” E a senhora Fichte tolera isso!

“O Eu de Fichte, no entanto, não é o Eu individual, mas o Eu universal, o Eu-mundo despertado para a autoconsciência. O processo de pensamento fichteano não é o ato de pensar de um indivíduo, de uma certa pessoa chamada Johann Gottlieb Fichte; é antes o pensamento universal que se manifesta a um indivíduo. Assim como dizemos: ‘Está chovendo’, ‘Está relampejando’ e assim por diante; assim, Fichte não deveria dizer: ‘Eu penso’, mas “isso pensa”, “o pensamento universal do mundo pensa em mim”.

“Em um paralelo entre a Revolução Francesa e a filosofia alemã, certa vez comparei, mais por brincadeira do que a sério, Fichte a Napoleão. Mas há, de fato, certas analogias notáveis entre eles. Depois que os kantistas concluído seu trabalho de terrorismo e destruição, Fichte surgiu, assim como Napoleão surgiu depois que a Convenção demoliu todo o passado com a ajuda de outro tipo de Crítica da Razão Pura. Napoleão e Fichte representam o grande Ego inexorável, para o qual pensamento e ação são um só; e as estruturas colossais erguidas por ambos os homens atestam uma vontade colossal. Mas, devido à infinitude dessa vontade, suas estruturas logo desabam, e tanto a ‘Teoria do Conhecimento’ quanto o Império desmoronam e desaparecem tão rapidamente quanto foram erguidos.

“O Império agora não passa de uma questão de história, mas a comoção causada pelo imperador no mundo ainda não se acalmou e, dessa comoção, nossa atual Europa extrai sua vitalidade. O mesmo ocorre com a filosofia de Fichte; ela pereceu completamente, mas as mentes dos homens ainda estão agitadas pelos pensamentos que encontraram voz em Fichte, e o efeito posterior de seu ensinamento é incalculável.” [18] Por quê? Porque agora esse subjetivismo entrou na corrente principal do pensamento ocidental.

Adoração do Eu

A partir desse momento, uma pessoa que deseje permanecer nessa corrente principal do pensamento não pode pensar em nada, não pode começar por nada além de si mesma. E, como já vimos, esta é a era do egoísmo fantástico em todas as esferas: os artistas, os poetas, os filósofos, os políticos — todos apresentam afirmações fantásticas sobre si mesmos, como se os homens tivessem realmente passado a acreditar que só eu existo e que tudo o mais é incerto.

Por exemplo, mesmo no final do século, Gustave Courbet, o pintor, podia dizer: “Não tenho mestre; meu mestre sou eu mesmo. Não há, e nunca houve, nenhum outro pintor além de mim mesmo.” [19] E você pode conversar com qualquer pintor moderno e ele lhe dirá coisas muito semelhantes. Ele está tão preocupado com seu próprio gênio, com o que pode expressar, que simplesmente não há, nada mais existe para ele. Tudo está ligado à sua própria, à sua própria concepção de arte e realidade. Muitos artistas pensam assim hoje em dia; eles são muito orgulhosos. E ele, de certa forma, expressou isso dessa maneira; está em conformidade com esses ideais de Kant: ele era o centro do universo. E assim, pode-se dizer que, uma vez que Deus foi destronado no século XVIII, eles procuraram um novo deus, e Kant proporcionou o novo deus; o novo deus é...

Aluno: Demoníaco?

Pe. S: Não, bem, apenas eu mesmo. Eu mesmo.

E assim, na corrente principal do pensamento ocidental, vemos o início da formação de uma nova divindade: o Eu. O mundo antes girava em torno de Deus, e agora o mundo começa a girar em torno do eu. E essa ideia se enraizará profundamente no homem ocidental. Portanto, chegamos a este problema: se há um novo deus, o que acontece com o antigo Deus? Mas se há essa nova divindade sendo formada, o que acontece com a antiga divindade, ou seja, o Deus do cristianismo, que continuou a existir de alguma forma até mesmo no protestantismo e nas seitas?

“Deus está morto”

E vemos que, no início do século XIX, surge pela primeira vez essa ideia de que “Deus está morto”. E aqui chegamos ao que podemos chamar de primeiro dogma da nova religião que está se formando, a religião subjacente a esse sonho revolucionário, e esse dogma é chamado de “A Morte de Deus”. Essa frase, “Deus está morto”, é um conceito muito im-

portante; é usada por todos os existencialistas atualmente. A frase “morte de Deus” [20] surge pela primeira vez, pelo que sabemos, nos escritos de Josef De Maistre, o grande conservador que defendia o catolicismo contra a revolução, nos primeiros anos do século XIX. E ele usou essa frase para expressar a ideia [da enormidade da] rebelião contra Deus na Revolução Francesa; e disse que as pessoas que estão se rebelando contra a sociedade, contra o cristianismo, contra a monarquia, contra Deus — na verdade, elas se baseiam na filosofia de que “Deus está morto” e querem criar um novo deus. Em outras palavras, o cristianismo está morrendo e a nova religião está nascendo. Ninguém sequer leu essa frase com atenção. Não era uma página influente de seus [de De Maistre] escritos. Portanto, não é porque eles o leram, mas porque não estavam falando sobre isso. Pois essa ideia agora começa a entrar na consciência do homem europeu, o homem da apostasia. A ideia do Deus que eles costumavam ter agora está desaparecendo. Eles estavam sendo privados de Deus.

E veremos nesse mesmo Heine, que era uma espécie de revolucionário romântico, como ele utilizou — isso por volta de 1833 — esse mesmo fenômeno, que ele ainda vê como um processo em andamento. “Um temor peculiar, uma piedade misteriosa”, escreve ele, “nos impede de escrever mais hoje. Nosso coração está cheio de compaixão estremecedora: é o próprio velho Jeová que se prepara para a morte. Nós O conhecemos conhecido tão bem desde Seu berço no Egito, onde foi criado entre os bezerros e crocodilos divinos, as cebolas sagradas, ibis e gatos. Nós O vimos se despedir desses companheiros de sua infância e dos obeliscos e esfinges de seu Nilo natal, para se tornar na Palestina um pequeno rei-deus em meio a um povo pobre de pastores e habitar um templo-palácio próprio. Vimos ele, mais tarde, entrar em contato com a civilização “sírio-babilônica”, renunciando às suas paixões tão humanas, não mais dando vazão à ira feroz e à vingança, pelo menos não mais trovejando a cada ninharia. Vimos ele migrar para Roma, a capital, onde abjura todos os preconceitos nacionais e proclama a igualdade celestial de todas as nações, e com frases tão belas estabelece uma oposição ao velho Júpiter, e intrigancansavelmente até alcançar a autoridade suprema e, do Capitólio, governar a cidade e o mundo, urban et orbam. Vimos como, tornando-se cada vez mais espiritualizado, ele se transforma em um pai amoroso, um amigo universal da humanidade, um benfeitor do mundo, um filantropo; mas tudo isso não

lhe serviu de nada!

“Não ouvem os sinos ressoando? Ajoelhem-se. Estão levando os sacramentos a um deus moribundo!” [21]

É claro que essa é a ideia que surge agora nessas mentes avançadas, que percebem muito rapidamente o espírito da época. O que elas querem dizer é que o cristianismo está morrendo; uma nova religião está nascendo; e, para simbolizar uma nova religião, é claro, um novo deus está nascendo. Mas o antigo Deus agora deve morrer; ou seja, o cristianismo, toda a ideia do cristianismo, centrada no Deus do cristianismo, está agora morrendo.

10.3 Nietzsche e a Morte de Deus

Mais tarde, nesse mesmo século, essa mesma ideia atingiu sua expressão mais poderosa [máxima] em um pensador muito importante para nós, cujo nome é Friedrich Nietzsche. N-I-E-T-Z-S-C-H-E, que viveu, creio eu, de 1854 a 1900. Nos últimos dez anos de sua vida, ele estava louco, [e] acabou sendo encontrado nas ruas de Nápoles, creio eu, gritando: “Eu sou “o Anticristo”. [22] E acabaram tendo que interná-lo. Sua irmã e sua mãe cuidaram dele.

Nietzsche [tinha] um temperamento muito romântico, muito aberto a todos os tipos de ideias elevadas, de luta, sentimental. Em sua juventude, ele foi aluno de um seminário protestante e passou a odiar o cristianismo porque via nele o princípio da fraqueza, o que, é claro, era verdade, pois Lutero havia retirado do cristianismo a ideia de luta e deixado nele algo muito fraco que não satisfaz nem a mente nem o coração, algo que poderia ser totalmente árido e racional, por um lado, ou totalmente sentimental, por outro lado. Nietzsche não via ninguém que estivesse lutando, nenhum grande asceta, nenhum herói do cristianismo; e, a partir disso, ele concluiu que todo o cristianismo era uma farsa monstruosa, um engano praticado contra a humanidade que não satisfaz a razão, que busca a Verdade; e isso está repleto de superstição porque ele está imbuído da ideia de que só se pode conhecer o que é racional e, portanto, rejeita tudo o que está acima do racional; por outro lado, não diz nada ao coração porque se torna tão diluído que se torna fraco. E ele percebeu que era simplesmente uma maneira de manter as pessoas caladas e satisfeitas com

sua sorte e disse que isso era para o rebanho.

E a partir de sua rejeição ao cristianismo, ele desenvolveu a ideia de que haveria pessoas fortes que seriam implacáveis e bárbaras e que dominariam países inteiros países inteiros e governarão o mundo. É claro que Hitler afirmou deliberadamente: “Eu sou o Super-Homem.” [23] [E]le trouxe à tona a irmã de Nietzsche, que ainda estava viva em 1933, e até conseguiu que [ela] posasse com ele e dissesse: “Sim, você é o Super-Homem de que meu irmão falava.” E Hitler a tornou uma das membros de honra de seu reino, pois ele era o Super-Homem que Nietzsche profetizou.

É claro que Nietzsche teria admirado sua impiedade, mas também o teria considerado parte dessa mesma mentalidade de rebanho, pois ele buscava alguma figura real e tremenda, algum líder mundial que fosse completamente implacável, completamente forte, totalmente alheio a todas as superstições, mas uma pessoa muito nobre, pois o próprio Nietzsche estava repleto dos mais elevados instintos naturais de nobreza e luta. Ele era um grande estudioso da literatura grega e um de seus primeiros livros trata do elemento dionísíaco na Grécia — pois, até sua época, as pessoas viam a Grécia como o berço da tradição clássica de Apolo — e ele dizia que não, que a Grécia também estava repleta desse esforço, desse sentimento romântico que ele simbolizava por meio de Dionísio. E era isso que ele queria: ser como Dionísio, constantemente se esforçando, lutando por algo mais elevado.

Aqui ele menciona as instituições humanas em transformação, a ascensão do capitalismo, diferentes concepções de moralidade, reforçando a fé que você tem na evolução. “O conceito de que um organismo que reage a e age sobre um ambiente complexo evolui é hoje básico. Todas as ideias e instituições são hoje consideradas, em primeiro lugar, produtos sociais que funcionam em grupos sociais e surgem de alguma necessidade de efetuar algum tipo de adaptação entre a natureza humana e seu ambiente. Todos os campos de interesse humano passaram por essa tendência geral de sociologização e psicologização. O exemplo da religião e da teologia servirá como ilustração suficiente ilustração. Enquanto no século XVIII se pensava na religião e na teologia como um conjunto dedutivo e demonstrável de proposições, hoje os homens consideram a religião principalmente como um produto social, um modo de vida que

brota de uma organização social das experiências religiosas dos homens, e a teologia como uma racionalização de certos sentimentos e experiências fundamentais da natureza humana. Não mais provamos a existência de Deus. Falamos, antes, do significado de Deus na experiência humana. Não mais demonstramos a vida futura; investigamos o efeito da crença na imortalidade sobre a conduta humana.” [24]

Vemos aqui muito claramente que este é o próximo estágio além de Hume, que destruiu todas essas coisas; não se pode mais acreditar nessas velhas ideias, e este é o próximo estágio que não tem nada a ver com descobertas científicas — isso é simplesmente o que está no ar. Assim que a razão continuar sua marcha, ela terminará em seu próprio suicídio.

Mas as ideias dele [de Nietzsche] são extremamente poderosas, porque ele captou o espírito da época e proclamou um novo evangelho, que ele apresenta de várias formas, mas de maneira mais poderosa em seu livro intitulado Assim Falou Zaratustra. Foi inspirado em Zaratustra, ou seja, um pagão e toda essa religião de adoração ao fogo, baseada nos ensinamentos de Zoroastro, que viveu por volta do século VIII a.C. Ele usa isso apenas como um recurso literário para expressar um novo profeta, que está falando à nova humanidade. Ele escreveu um livro chamado Assim Falou Zaratustra — Zaratustra, ele toma esse antigo pagão, na verdade, um homem que viveu e se tornou como um deus com essa religião, Zoroastroísmo. E o utilizou como um “profeta” para essa sua nova religião. E foi ele quem retomou essa frase que De Maistre havia usado anteriormente: “Deus está morto”. [25]

Ele diz nesse livro, Nietzsche, N-I-E-T-Z-S-C-H-E, em seu livro Assim Falou Zaratustra, esse profeta, o chamado “profeta”, diz: “Não há verdade. Não há estado absoluto das coisas, nenhuma coisa em si.” [26] E é isso que ele chama de niilismo.

Aqui vemos com bastante clareza essa ideia: “Deus está morto”. [27] Ele expressou isso de duas maneiras: uma dizendo: “Deus está morto”, e outra dizendo: “Não há verdade”. Esses são dois aspectos da mesma coisa. E vemos que Hume e Kant destruíram tanto Deus quanto a própria ideia de verdade. Agora deve haver um novo deus, uma nova ideia de verdade. Ele chega a dizer em um trecho: “Vocês falam sempre sobre a verdade, mas e se não houver verdade? Então, que doces flores proibidas crescem à beira da estrada da vida.” [28] O que, é claro, em nossa época já provamos

essas doces flores. Se não há Deus, não há morte, e não há imortalidade; é isso que acontece. Como diz Nietzsche: “Não há verdade. Não há estado absoluto das coisas, nenhuma coisa em si. Isso por si só já é niilismo, e da forma mais extrema.” [29]

Mais uma vez ele diz (faz a pergunta): “O que significa o niilismo? — Que os valores mais elevados estão perdendo seu valor. Não há meta. Não há resposta para a pergunta ‘Por quê?’” [30] Todas as perguntas que a mente humana faz: “Por que estou aqui?”, “De onde vem tudo isso?”, “Qual é o sentido desta vida?”, “Em que isso tudo termina?”, “Existe vida após a morte?” E ele diz que não há resposta. Não há nada lá fora. Não há absoluto. Não há Deus. Não há resposta para suas perguntas.

O niilismo é exatamente esse espírito que anima os revolucionários: transformar tudo em nada. Destruir; não deixar nada para trás. Apagar tudo. E Nietzsche é o filósofo disso. Ele expressa de forma bastante poética esse fenômeno da “morte de Deus”. Kant era um grande racionalista, abstrato e simplesmente expressou o que estava na mente das pessoas daquela época, como você deve pensar se quiser estar na tradição dominante da Europa. Lembra-se do que Kant disse? A coisa em si, não podemos saber o que é, aquela realidade lá fora. E ele diz que simplesmente não há coisa em si. Não há verdade. Não há absoluto. Em outras palavras, ele é totalmente influenciado por Hume. E ele [Nietzsche] percebe que Kant não resolve o problema. Mas Nietzsche era um poeta. Na verdade, ele escreveu alguns poemas muito belos; esses tratam do lado sombrio da vida, da meia-noite profunda, dessa solidão e assim por diante. E ele expressou de forma muito poética essa nova realidade na vida humana, na vida do povo dessa apostasia.

Ele diz: “A ‘morte de Deus’ havia começado a ‘lançar suas primeiras sombras sobre a Europa’; e embora ‘o evento em si seja grande demais, remoto demais, muito além da capacidade de compreensão da maioria das pessoas, para que se suponha que sequer o relato dele pudesse ter chegado até elas, ainda assim’” [31] ela está chegando. E Nietzsche se autodenominou “os primogênitos”, ou seja, ele e outros como ele, “os primogênitos e filhos prematuros do século que se aproxima”, [32] que, como ele disse, seria o século do triunfo do niilismo. Ele diz, em outro trecho — porque naquela época a maioria das pessoas levava uma vida comum, trabalhava em fábricas, e a literatura, a arte e a música estavam em pleno

florescimento — ele disse que, porém, essa ideia que ele descreve, a “morte de Deus”, quando se infiltrar até o povo comum, haverá uma revolta no mundo como nunca se viu desde o início até agora, porque toda a sociedade será derrubada.

Ele coloca na boca de um de seus personagens, um louco, essa ideia do universo virar de cabeça para baixo. O louco proclama ao povo em *A Sabedoria Alegre*: “Niilismo, p. 72n: *A Sabedoria Alegre*, Nós o matamos (Deus), você e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como fomos capazes de beber o mar inteiro? Quem nos deu a esponja para limpar todo o horizonte? O que fizemos quando desligamos esta Terra de seu sol? Para onde ela se move agora? Para onde nos movemos? Para longe de todos os sóis? Não estamos correndo incessantemente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Ainda existe um cima e um baixo? Não estamos vagando como se estivéssemos no nada infinito? O espaço vazio não sopra sobre nós? Não ficou mais frio? A noite não se instala continuamente, cada vez mais escura?” [33]

[O restante é da palestra sobre Nietzsche e da palestra de Perguntas e Respostas]

A ideia, disse ele, era que a Terra, até agora, girava em torno do Sol e, de repente, se soltou e começou a se afastar para o espaço sideral. E as pessoas olham ao redor e veem que as coisas começam a ficar cada vez mais escuras, e começam a se perguntar onde fica o cima e onde fica o baixo, o que é certo e o que é errado. Elas começam a perder o rumo e ficam todas confusas. Então você vê que tudo começa a ficar mais escuro, à medida que se o mundo estivesse se extinguindo. Esse é o conceito. Daí em diante, se não houver mais Deus, a vida se torna totalmente diferente. E possibilidades assustadoras se abrem.

Este é o mundo da humanidade de hoje, ou seja, daqueles que ainda tentam manter a tradição principal da história e do pensamento europeus.

Kafka

Isso pode ser muito bem observado em grande parte da arte contemporânea. [Franz] Kafka é uma pessoa interessante. Já foram feitos filmes baseados em suas histórias, mas suas histórias são muito poderosas porque são discretas e escritas em um alemão muito claro e agradável — eu comecei a lê-las em alemão —, apresentadas de forma muito simples e di-

reta. Sem linguagem complicada, em uma linguagem muito clara para apresentar um fato que é absolutamente horrível. Esse Kafka é um escritor interessante porque escreve todas essas coisas de uma maneira muito objetiva. Não é como se fosse algo incomum.

Por exemplo, em *O Processo*, de Kafka, alguém é levado a julgamento por um crime que ele nem sabe qual é; ele não é culpado, não sabe se é culpado ou inocente. É-lhe comunicado que “Você será julgado amanhã às 10 horas.” “Julgado? O que eu fiz?” “Não sabemos. Apenas compareça.” E ele vai e encontra essas figuras muito sombrias. É tudo muito misterioso. Ele não sabe quem são seus juízes. Ele não sabe qual é o seu crime, quem são as testemunhas contra ele, o que ele fez. E isso é apresentado de uma forma tão natural que é como se ele estivesse vivendo um pesadelo. E acaba que, aparentemente, só por existir, ele já é culpado. Ele não sabe muito bem como responder a isso e eles o matam em algum lugar. E é justamente essa ideia de que não há mais sentido, nem lógica, apenas isso, porque Deus não existe mais, você está em um estado de perseguição.

Ou ainda, seu conto chamado “A Metamorfose”, que é uma autobiografia desse jovem que mora com a mãe, e ele acorda uma manhã e descobre que é um grande inseto marrom, sabe — com seis pés de altura, um grande besouro. Sua mãe entra, vê ele e diz: “Nossa, não posso deixar você sair por aí nessa forma.” E essa história é sobre como ele está sofrendo porque se transformou em um besouro, e ele não guarda rancor por isso — é simplesmente assim que as coisas são: ele se transformou em um besouro, e é muito difícil conviver com a família.

E a mãe dele, a família dele, meio que está abafando o assunto. “Shhh. Não conte a ninguém.” “Onde está seu filho?” “Ah, ele está descansando hoje. Não o incomodem.” E então todos ficam tão envergonhados quando chegam e descobrem que ele se transformou em um besouro. E acho que ele acaba rastejando e morrendo no chão ou algo assim. E isso é apresentado de uma maneira tão natural que, e é tão horrível, essa ideia toda.

E você pergunta: qual é o sentido disso? O sentido é que, assim como diz Nietzsche, a realidade agora se tornou diferente; agora não sabemos se somos humanos ou não. Comece a ensinar que descendemos dos macacos e você começa a dizer que temos uma em nós; se temos uma natureza semelhante à dos macacos, talvez tenhamos uma natureza semelhante à

dos besouros também. Antes de mais nada, essa coisa animal inferior começa a penetrar em nossa natureza humana. Se Deus não existe mais, então toda a nossa visão de vida se torna livre. Você pode ser um besouro, você pode ser um homem indo para as estrelas. Você pode ter uma civilização avançada. Há todo tipo de novas possibilidades se abrindo. É isso que os escritores mais recentes, nos últimos vinte anos ou mais, chamam de “arte do absurdo”.

Também vemos alguém como Eugène Ionesco, o dramaturgo romeno que viveu em Paris, escrevendo sobre pessoas que se transformam em rinocerontes e toda essa atmosfera surrealista. Tudo é apresentado como paródias, uma espécie de alegorias que expressam o quão absurda a situação humana se torna porque Deus não existe mais — que a vida é ridícula.

Ou mesmo Beckett: toda a peça se passa em uma lixeira e eles estão “Esperando por Godot”, esperando por algum tipo de nova revelação, e ficam sentados ali conversando sobre como Deus se foi e assim por diante. Também Camus, que fala da rebelião como a única coisa no (amanhecer?, fazer?) que leva à realidade da vida e que a coisa mais lógica para um homem fazer é cometer suicídio. E ele acaba morrendo ao bater o carro em uma árvore.

E todo esse mundo da arte contemporânea, que está repleto de solidão, absurdo, nem sabemos o que está acontecendo, o que acontece, o que Nietzsche diz, ficamos muito frios e solitários. Um homem pode se perder em um universo infinito. Não sabemos o que está acontecendo, porque o sol se apagou. Deus se foi. E, claro, se você não acredita em Deus, o mundo se torna um lugar muito infeliz. De fato, você não sabe para onde está indo, o que está fazendo, porque Deus dá sentido a tudo o mais na vida.

“Tudo é permitido”

Esse primeiro dogma introduzido pela nova religião — que, na verdade, está preparando o terreno para a nova religião, ou seja, a “morte de Deus”, não há Deus, não há verdade — tem várias consequências, corolários. A primeira consequência é, como diz Nietzsche diz: “Não há Deus: portanto, tudo é permitido.” O mesmo é dito por Ivan Karamazov no romance de Dostoiévski: “Se não há imortalidade, tudo é permitido.” [34] Na verdade, veremos que Nietzsche e Dostoiévski pensavam exatamente na mesma sintonia, tinham exatamente as mesmas ideias, pois estavam

muito, ambos estavam em sintonia com o espírito da época. Mas Dostoiévski abordou a questão do ponto de vista de alguém que conhecia a Ortodoxia, e Nietzsche abordou-a como o profeta desse novo ensinamento, pois ele não conhecia o cristianismo. E considerava o cristianismo uma doutrina de fraqueza, a mentalidade de rebanho.

Portanto, tudo isso se resume a: se Deus se foi, não há verdade, não há vida eterna, tudo aquilo em que a civilização cristã se baseava agora se foi. É apenas uma questão de tempo até que isso aconteça, pois se a fé se foi, tudo o que foi construído a partir dessa fé desaparecerá. E portanto, a revolução torna-se lógica.

Portanto, a primeira consequência é: tudo é permitido, ou seja, a revolução, qualquer tipo de experimento na moralidade, no governo, na arte. Na verdade, veremos em uma [palestra] posterior como o próprio conceito de arte de repente começa a desmoronar. O que é arte passa a se encher dessas ideias revolucionárias e niilistas.

Uma Nova Era

A segunda consequência da morte de Deus é que começa a surgir uma nova era. Nietzsche diz em 1884: “Pode ser que eu seja o primeiro a dar com uma ideia que dividirá a história da humanidade em duas”. Como resultado, “todos os que nascerem depois de nós pertencem a uma história mais elevada do que qualquer história até então.” [35] É claro que essa é a era em que Deus ainda tinha significado, quando o cristianismo ainda estava vivo até certo ponto. Há algum resquício do cristianismo. E a “nova era” em que Deus é removido do centro, em que o cristianismo não é mais aceito, essa é a era da humanidade normal e a era da revolução.

Mas, na verdade, ele não era tão original quanto pensava, pois doze anos antes disso Dostoiévski já havia expresso exatamente a mesma ideia no pensamento desse Kirillov em *Os Possuídos*, que disse, em um de seus momentos proféticos: “Tudo será novo... então dividirão a história em duas partes: do gorila à aniquilação de Deus, e da aniquilação de Deus à transformação da Terra e do homem fisicamente.” [36] Essa é a ideia de um novo paraíso que está por vir. Esse é Kirillov, aquele que pensava que precisava se tornar deus em *Os Possuídos*.

Super-homem

E, finalmente, chegamos à terceira consequência dessa ideia de que “Deus está morto”, ou seja, haverá a aniquilação de Deus, haverá a trans-

formação total da Terra e do homem fisicamente. O que significa o Super-Homem, a vinda do Super-Homem. O homem é apenas algo temporário e precisa ser substituído porque é fraco demais. Ele vai se tornar um Super-Homem.

E o que ele entende por Super-Homem é alguém que não se importa com a moral cristã. Se você tiver vontade de matar alguém, você mata. Se tiver vontade de fazer o que bem entender, você faz. Se quiser [sair] conquistando o mundo, você conquista o mundo, explode pessoas, como bem entender, porque agora existe uma nova moralidade. É claro que os comunistas fizeram isso ainda mais.

E você pode dizer: “Isso é anticristão”, mas eles dizem que estamos além dos cristãos: temos uma nova moral, temos a moral de Nietzsche, de que tudo no passado pertence à história passada. Agora há uma nova transformação na natureza humana e somos nós os primeiros frutos dessa nova transformação. Portanto, podemos fazer o que quisermos. Para desafiar isso, se eles tiverem o poder, vão esmagar essa resistência. Se você quiser desafiá-la, terá que convertê-los ao cristianismo, e então eles verão seu erro, se arrependerão, e uma história totalmente nova começará.

E é assim que Nietzsche expressa isso: “Não teremos nós mesmos que nos tornar deuses apenas para parecer dignos disso (a morte de Deus)?” [37] Ou seja, o fato de que o homem matou Deus.

...[S]e o antigo Deus está [morto, a] ideia é que deve haver um novo Deus. Mais uma vez, Zaratustra diz, no livro de Nietzsche: “Mortos estão todos os deuses. Agora desejamos que o Super-Homem viva.” [38] E Kirillov, em *Os Possuídos*, diz: “Se Deus não existe, então eu sou Deus.” [39] E Dostoiévski distingue entre o Deus-homem Jesus Cristo e o homem-deus, o novo ser que está surgindo da terra para se tornar deus. Zaratustra diz novamente:

—Eu trago a vocês uma meta; eu lhes prego o Super-Homem. O homem é algo a ser superado. O que vocês fizeram para superá-lo? Todas as coisas antes de vocês produziram algo além de si mesmas, e vocês seriam o refluxo dessa grande inundação? Vocês prefeririam voltar a ser animais a transcender o homem? O que é o macaco para o homem? Uma piada ou uma vergonha amarga. E exatamente isso o homem será para o Super-Homem: uma piada ou uma vergonha amarga. Vocês percorreram o caminho do verme até o homem, e muito em vocês ainda é verme....

Eis que eu vos prego o Super-Homem. O Super-Homem é o sentido da Terra.” [40]

À primeira vista, isso parece uma ideia fantástica. O que significa “Super-Homem”? Vocês provavelmente se lembram do que Marx tinha a dizer sobre a humanidade ser transformada por meio da violência, ou seja, o próprio homem será transformado para se tornar apto ao novo reino do comunismo.

Escritores contemporâneos, como Erich Kahler, falam sobre todas as mudanças da sociedade moderna, tanto físicas quanto ideológicas, que estão produzindo o que ele chama de mutação, algum tipo de novo homem. E se, além disso, levarmos em conta a chamada ideia “científica” da evolução, na qual, na verdade, Nietzsche já acreditava, vemos que essa ideia da chegada de um novo tipo de homem, do Super-homem, não é de forma alguma uma fantasia. É uma ideia real à qual o homem ocidental chegou de forma natural e lógica em seu afastamento de Deus e em sua tentativa de encontrar uma nova religião.

E surge a próxima geração e, como essas ideias não surgem do nada, alguém as ouve e começa a agir de acordo com elas. E, é claro, a resposta para todas essas perguntas pode ser encontrada em um escritor, que é Dostoiévski. Ele estava pensando exatamente nas mesmas coisas que Nietzsche, na mesma época, mas um pouco à frente dele, e já tinha a resposta. Portanto, se você quiser compreender esses problemas de forma muito profunda, leia os livros dele. O primeiro é “Crime e Castigo”, que descreve como alguém pensava que iria se tornar Super-homem matando essas duas senhoras idosas e inúteis, ou melhor, matando uma delas, pegando o dinheiro e se transformando em uma pessoa que está se preparando para o futuro. E ele descobre que tem consciência, que não é tão fácil fazer algo assim. Mas tudo isso é uma fantasia, é um mundo de fantasia em que ele vive. A mesma coisa aconteceu por volta de 1920, o famoso caso em que dois estudantes... [Leopold e Loeb]

...[não?] novidade e passaram a viver de acordo com isso. E se você observar os tipos de crimes que estão sendo cometidos atualmente, verá que, especialmente nos últimos vinte anos, houve um grande aumento nos crimes que não fazem sentido algum. Ou seja, as pessoas normalmente, antigamente, conseguiam resolver assassinatos; quase todos os assassinatos eram resolvidos antigamente porque havia, ou ciúme — um

homem matando a esposa ou vice-versa, ou um amante —, ou raiva, ou um surto de raiva ou uma briga em um bar. E agora os assassinatos não fazem sentido. Existem alguns do tipo antigo, mas agora há um novo tipo de assassinato, e as pessoas estão matando simplesmente por diversão. E isso torna muito difícil rastreá-las. Hoje, a maioria dos assassinatos fica sem solução. Não conseguem descobrir quem cometeu o crime porque não há nenhuma conexão, nenhuma conexão lógica. Não é um membro da família, não é alguém que ficou com raiva de você, é apenas alguém que sentiu vontade de matar. E esse tipo de crime está aumentando de forma alarmante, aumentando, o que mostra que a sociedade está em péssimo estado. E alguns fazem questão de matar um grupo inteiro de pessoas, vinte pessoas ou mais.

Então essa é a nova moralidade: “Além do Bem e do Mal”. Essa é uma das obras de Nietzsche. Há várias ideias aqui: uma é “Além do Bem e do Mal”, porque não há mais moralidade. A outra é o Super-Homem. Como não há Deus, deve haver um novo homem, um novo deus que é o homem. E Dostoiévski escreveu sobre essas questões também em seu livro chamado “Os Possuídos” ou “Os Demônios”, no qual ele descreve a mentalidade das pessoas que estavam se preparando para fazer a Revolução na Rússia. E algumas delas têm ideias muito profundas. Ele chega à conclusão de que, para tornar a humanidade feliz, é preciso matar a maioria das pessoas, porque há pessoas demais para que todos sejam felizes. Por isso, ele calculou que, na Rússia, para tornar a Rússia um país feliz, seria preciso matar cem milhões de pessoas. Solzhenitsyn percebeu que esse era exatamente o número de pessoas que foram mortas, pois a Revolução durou 65 anos.

Foi o que aconteceu no Camboja, quando eles mataram logo nos primeiros seis meses: mataram dois milhões de pessoas porque havia gente demais, gente inteligente demais. Por isso, todo mundo que tivesse concluído o ensino médio tinha que ser morto. Assim, todos os médicos, advogados e pessoas com formação superior como essas foram todas mortas, exceto alguns poucos que conseguiram escapar.

Aluno: Então, uma vez que essas ideias se espalham, é como um veneno.

Pe. S: Isso mesmo. Isso mesmo. Dá para ver isso no Raskolnikov. É uma descrição muito realista que Dostoiévski faz em Crime e Castigo.

Essa pessoa está possuída por essas ideias. E ele não tem nenhum, nenhum... ele não é dono de si mesmo. Ele é empurrado de uma ideia para a outra, e toda vez que se depara com algo, de repente tem um bom impulso de dar algum dinheiro — isso vem apenas do que restou de cristianismo nele, porque ele teve uma mãe piedosa e uma irmã piedosa, algum tipo de cristianismo em sua formação. E ele dá algum dinheiro a alguém e, mais tarde, diz: “Ah, seu tolo, você poderia ter usado esse dinheiro para ajudar no seu projeto e matar aquela senhora idosa” ou algo assim, pegar um machado para matar a senhora idosa. Ele está sempre se repreendendo porque tem alguns bons impulsos. Ele está possuído por essas ideias e não tem descanso até que, finalmente, vá e cometa o assassinato.

E é isso [o que acontece] quando temos alguém como Raskolnikov, de “Crime e Castigo”, que lê todas essas ideias; alguém como Nietzsche diz que o Super-Homem está por vir. Nós temos que superar a humanidade, a humanidade é fraca demais.

Na verdade, se você comparar — hoje é o dia de Santo Antônio o Grande [1980] — a resposta a Nietzsche é Antônio, o Grande, porque Antônio, o Grande, superou a humanidade, sua própria natureza humana. Ele era como um anjo na Terra, e essas pessoas, pensadores perderam totalmente o contato, porque perderam o cristianismo, perderam o contato com esses santos. E, portanto, não perceberam que existe toda uma família de pessoas que estão nesse processo de superação da natureza humana com a graça de Deus. Sem saber disso, ele viu que os homens, a natureza humana por si só, são tão pequenos e fracos, que não vale a pena lutar por ela. Portanto, ela precisa ser superada por algo externo.

E eles se agarraram a essa ideia da evolução porque isso mostra que o homem já foi uma criatura semelhante a um macaco que vai se tornar outra coisa. Ele vai alcançar algo superior. E, portanto, o estágio atual é apenas um estágio intermediário, nada particularmente importante. Portanto, se você matar cem milhões de pessoas, não há nada de particularmente errado nisso. Ou no Camboja, quando os comunistas assumiram o poder, eles mataram um terço da população. Nada de particularmente errado, é apenas um experimento. E estamos caminhando para um estado superior; portanto, isso se justifica. E o único parâmetro de avaliação é o cristianismo.

E, com a doutrina da evolução, encontra-se o que parece ser um fundamento científico. Essa questão muito complexa da evolução, que tem muitos aspectos: científicos, filosóficos, religiosos, e é uma das ideias-chave de nossa época, o que exige muita concentração para esclarecer todos os seus aspectos. Teremos que examinar precisamente essa doutrina da Teremos que examinar precisamente essa doutrina da evolução para ver o que ela oferece ao homem moderno e analisar-a criticamente de forma bastante minuciosa, a fim de perceber que papel ela poderia desempenhar na filosofia da apostasia? Pois essa ideia é, por assim dizer, uma chave para compreender toda a revolução, toda a ideia de uma nova era que está surgindo por meio das expectativas milenaristas de todos esses escritores sobre os quais temos falado. [Em nossa próxima palestra] falaremos sobre isso em termos gerais e também abordaremos mais especificamente o grande profeta do evolucionismo de nossa época: Teilhard de Chardin, que é o mais sintomático de todas essas correntes milenaristas que estão se espalhando pelo mundo atualmente.

Referências

- [1] — Hume, David, citado em Randall, *The Making of the Modern Mind*, p. 300.
- [2] — Randall, p. 301.
- [3] — Holbach citado em Randall, p. 302.
- [4] — David Hume, *An Enquiry Concerning Human Understanding*, citado em Edwin A. Burtt (ed.), *The English Philosophers from Bacon to Mill*. Nova York. Random House, Inc., 1939. pp. 593-4.
- [5] — Ibid., p. 598.
- [6] — Ibid., p. 610.
- [7] — Ibid., p. 682.
- [8] — Ibid., p. 685.
- [9] — Rose, Eugene, “Hume: Philosopher of Common Sense”, Trabalho de Conclusão de Curso I, História 117b, Dr. Crane Brinton, professor,

Pomona College, 10 de novembro de 1954, pp. 2-6. Este trabalho foi avaliado pelo Dr. Brinton: “Um bom ensaio, bem escrito. A.”

[10] — Becker, Carl L., *A Cidade Celestial dos Filósofos do Século XVIII*, Yale University Press, New Haven, 1970, p. 68.

[11] — Heine, Heinrich, *Religião e Filosofia na Alemanha*, trad. John Snodgrass, Beacon Paperback, 1959, pp. 107-109.

[12] — Ibid., p. 108.

[13] — Ibid., p. 113.

[14] — Ibid., p. 114.

[15] — Ibid., p. 115.

[16] — Ibid., p. 119.

[17] — Ibid., p. 124.

[18] — Ibid., pp. 125-6.

[19] — Cf. Foucart, Bruno, Courbet, Crown Publishers, Inc., Nova York, 1977, p. 74: Sobre quatro quadros de animais apresentados ao Salão de 1861, Courbet comenta: “Os três quadros... não têm igual, nem na arte tradicional nem na arte moderna.”

[20] — DeMaistre, Josef, *Sobre Deus e a Sociedade* (Ensaio sobre o Princípio Gerador das Constituições Políticas e outras Instituições Humanas), Henry Regnery Company (Edição Gateway), Chicago, 1959, pp. 84-85: “Embora sempre tenham existido homens ímpios, nunca houve, antes do século XVIII e no coração da cristandade, uma insurreição contra Deus.” Além disso, DeMaistre citando Luís IX, p. 85: “Eles travaram guerra contra Deus com os próprios dons que Ele lhes concedeu.”

[21] — Heine, p. 103.

[22] — Rose, Eugene, *Nililism: The Root of the Revolution of the Modern Age*, de Eugene Rose, Fundação Pe. Seraphim Rose, 1994, Forestville, CA, pp. 72-73.

[23] — Rauschning, *Hitler Speaks*, pp. 241-243: “A criação ainda não chegou ao fim... pelo menos no que diz respeito à criatura chamada Homem.... O tipo antigo de homem terá apenas uma existência atrofiada. Toda a energia criativa se concentrará no novo tipo. Os dois tipos divergirão rapidamente um do outro. Um se rebaixará a uma raça sub-humana e o outro se elevará muito acima do homem de hoje. Eu poderia chamar as duas variedades de ‘homem-deus’ e ‘animal de massa’... O homem precisa ser superado e ultrapassado. Nietzsche, é verdade, percebeu algo

disso, à sua maneira. Ele chegou a reconhecer o super-homem como uma nova variedade biológica. Mas não tinha muita certeza disso. O homem é Deus em formação... Você não concorda que o processo de seleção pode ser acelerado por meios políticos?... “O novo homem está entre nós! Ele está aqui!”, exclamou Hitler triunfalmente. “Agora vocês estão satisfeitos? Vou lhes contar um segredo. Tive uma visão do novo homem — destemido e formidável. Eu recuei diante dele!”

[24] — Qual é a fonte disso?

[25] — Ver nota de rodapé nº 20 acima.

[26] — Nietzsche, Friedrich, *A Vontade de Poder*, vol. I, em *Obras Completas de Friedrich Nietzsche*, Nova York, The Macmillan Co., 1909, vol. 14, p. 6.

[27] — Nietzsche, *A Sabedoria Alegre*, n.º 125.

[28] — Cf. Nietzsche, *A Vontade de Poder*, p. 377: “De tudo o que antes se considerava verdade, nem uma única palavra deve ser levada a sério. Tudo o que antes era desprezado como profano, proibido, desprezível e fatal — todas essas flores agora desabrocham nos caminhos mais encantadores da verdade.”

[29] — Nietzsche, *A Vontade de Poder*, vol. I, em *Obras Completas de Friedrich Nietzsche*, Nova York, The Macmillan Co., 1909, vol. 14, p. 6.

[30] — Citado em Rose, *Nihilismo*, p. 68n: *A Vontade de Poder*, p. 8.

[31] — *Nihilismo*, citando Nietzsche, *A Sabedoria Alegre*, n.º 343.

[32] — Nietzsche, *A Sabedoria Alegre*, n.º 343.

[33] — Nietzsche citado em *Nihilismo*, p. 72n: *A Sabedoria Alegre*, n.º 125.

[34] — Dostoiévski, *Os Irmãos Karamázov*, trad. Constance Garnett, Modern Library, sem data, Random House, Nova York, p. 69: Miu-sov parafraseando Ivan: “...os homens acreditavam na imortalidade.... Toda a lei natural repousa nessa fé, e se você destruísse na humanidade a crença na imortalidade, não apenas o amor, mas todas as forças vivas que sustentam a vida do mundo se esgotariam imediatamente. Além disso, nada seria imoral, tudo seria lícito, até mesmo o canibalismo.... pois para cada indivíduo, como nós, que não acredita em Deus ou na imortalidade, a lei moral da natureza deve ser imediatamente transformada no exato oposto da antiga lei religiosa, e esse egoísmo, mesmo que leve ao crime, deve tornar-se não apenas lícito, mas até mesmo reconhecido como o des-

fecho inevitável, mais racional e até honroso de sua posição.” “....não há virtude se não houver imortalidade.”

[35] — Citado em *Nihilismo*, p. 92n: Citado em Henri de Lubac, *O Drama do Humanismo Ateísta*, p. 24.

[36] — *Os Possuídos*, Parte I, Cap. 3, citado em *Nihilismo*, p. 92.

[37] — Citado em *Nihilismo*, p. 93n: *A Sabedoria Alegre*, n.º 125.

[38] — Citado em *Nihilism*, p. 92n: *Assim Falou Zaratustra*.

[39] — Citado em *Nihilism*, p. 93n: *Os Possuídos*, Parte III, cap. 6.

[40] — Citado em Randall, pp. 585-6.

Aula 11

A Evolução

11.1 Introdução: O Que é a Evolução?

Chegamos agora a esse conceito-chave que é extremamente importante para compreender a visão de mundo do homem contemporâneo — a visão de mundo como um todo, tanto religiosa quanto secular. Trata-se de uma ideia extremamente complexa e, aqui, podemos apresentar apenas um esboço dos problemas envolvidos nessa questão.

Desde a época de Darwin e de sua *Origem das Espécies* — que foi publicada em 1859 e foi imediatamente aceita por muitas pessoas, tornando-se logo muito popular, especialmente entre pessoas como T. H. Huxley, Herbert Spencer; na Alemanha — havia [Ernst] Haeckel [1834-1919], que escreveu *O Enigma do Universo*, e outros que popularizaram as ideias de Darwin e tornaram a evolução o próprio centro de toda a sua filosofia. Isso parece explicar tudo. É claro que pessoas como Nietzsche adotaram essa teoria e a utilizaram para suas chamadas “profecias espirituais”. Assim, as pessoas que pertencem à corrente principal do pensamento ocidental — esse racionalismo levado ao extremo — aceitaram a evolução. E até os dias de hoje pode-se dizer que ela é um dogma central dos pensadores avançados, das pessoas que estão em sintonia com os tempos. Mas, desde o início, havia pessoas que discutiam sobre isso. Houve um pen-

sador católico que acreditava na evolução, mas não na seleção natural, o que levou Darwin ao desespero, pois este descobriu que sua ideia não podia ser comprovada. Mas, especialmente nos últimos dez a trinta anos, surgiram muitos relatos críticos sobre a evolução a partir de um ponto de vista mais objetivo. A maioria dos livros que defendem a evolução já parte de uma certa premissa que eles assumem, a visão naturalista e assim por diante.

Mas agora existe até mesmo uma sociedade inteira em San Diego chamada Instituto do Criacionismo Científico, que lançou vários livros de qualidade. Eles próprios são religiosos, mas possuem vários livros que discutem a evolução de forma bastante objetiva, sem nenhum ponto de vista religioso. Eles afirmam que existem dois modelos para compreender o universo: um é o modelo evolucionista e o outro é o modelo criacionista. Eles analisam as evidências, a história da Terra, as camadas geológicas e assim por diante, e tentam ver a qual modelo elas se encaixam. E descobriram que são necessários menos ajustes se seguirmos o modelo criacionista — se houvesse um Deus que criou as coisas no início e se a Terra não tivesse bilhões de anos, mas apenas alguns milhares de anos.

O modelo evolucionista, por outro lado, exige muitas correções, o que pode ser comparado ao antigo universo ptolomaico (em oposição ao copernicano) e que está se mostrando bastante complicado. Na verdade, alguns membros desse instituto viajam por várias universidades e, nos últimos um ou dois anos, realizaram diversos debates diante de milhares de espectadores na Universidade do Tennessee, no Texas.... O interesse tem sido bastante grande; e aqueles que defendem a evolução não têm conseguido apresentar evidências sólidas em seu apoio e, de fato, em vários pontos foram flagrados em sua ignorância sobre diversas descobertas recentes na paleontologia.

Há, portanto, pessoas muito sofisticadas e bem informadas defendendo ambos os pontos de vista. Aqui, nem mesmo discutiremos a questão da evolução ateuista, pois é obviamente uma filosofia de tolos e de pessoas que acreditam, como disse Huxley, que se você colocar um grupo de macacos diante de máquinas de escrever, eles acabarão produzindo a Enciclopédia Britânica, desde que haja tempo suficiente — se não milhões, então bilhões de anos, de acordo com as leis do acaso. Alguém calculou isso de acordo com as leis do acaso e descobriu que, na verdade, tal coisa

nunca aconteceria. Mas quem acredita nisso pode acreditar em qualquer coisa.

A disputa mais séria é entre a evolução teísta, segundo a qual Deus criou o mundo e este depois evoluiu, e o . Aqui, devemos dizer que o ponto de vista fundamentalista está incorreto em muitos casos, pois eles não sabem como interpretar as Escrituras. Eles dizem, por exemplo, que o Livro do Gênesis deve ser entendido “literalmente”, e isso não é possível. Os Santos Padres nos dizem quais partes são literais e quais não são.

O primeiro mal-entendido que deve ser esclarecido antes mesmo de discutirmos essa questão é aquele que faz com que muitas pessoas não entendam o ponto principal, e é que devemos distinguir entre evolução e variação. Variação é o processo pelo qual as pessoas que criam vários híbridos de ervilhas, diferentes tipos de gatos — após cinquenta anos de experimentação, chegam a uma nova raça de gato que é uma combinação de siamês e persa, chamada gato himalaio, que tem pelos longos como um persa com a coloração de um siamês. Isso aconteceu acidentalmente, mas nunca foi capaz de se reproduzir de forma pura e só agora, após todos esses anos de experimentação, é que conseguiram criar uma nova raça que se reproduz fielmente — assim como existem diferentes espécies de cães, diferentes tipos de plantas e as próprias raças humanas são todas bastante diferentes: pigmeus, hotentotes, chineses, europeus do norte — todos tipos diferentes de seres humanos que descendem de um único ancestral. E, portanto, a questão da variação é uma coisa.

Sem dúvida, há muitas variações dentro de um tipo ou espécie de criatura, e essas variações podem ser estabelecidas [esperadas?] pelas pessoas com base em princípios científicos. Mas essas variações nunca produzem nada de novo; elas apenas produzem um tipo diferente de cachorro, gato, feijão ou pessoa. Na verdade, isso é mais uma prova contra a evolução do que a favor dela, pois ninguém jamais foi capaz de criar uma nova criatura ou uma nova espécie. Na verdade, as diferentes espécies — e esse termo em si é bastante arbitrário — na maioria dos casos, não são capazes de gerar descendentes e, nos poucos casos em que conseguem e surge a mula, ela própria não é capaz de se reproduzir. E Santo Ambrósio de Milão diz: “Este é um exemplo para você, ó homem, para que pare de se intrometer nos desígnios de Deus. Deus deseja que cada criatura seja distinta.” [1]

Durante o período do Iluminismo, a visão da natureza, também cha-

mada de cosmovisão iluminista, era bastante estável. De fato, pouco antes dessa época, o arcebispo anglicano Usher calculou todos os anos mencionados no Antigo Testamento e chegou à conclusão de que o mundo havia sido criado no ano 4004 a.C. Newton acreditava nisso, e a visão de mundo iluminista defendia a ideia de que Deus, em seis dias, criou o mundo e depois o deixou se desenvolver por conta própria, e que todas as espécies eram exatamente como as vemos hoje; e os cientistas da época aceitavam isso.

No final do período do Iluminismo, porém, à medida que a febre revolucionária começou a se instalar, essa visão de mundo tão estável começou a desmoronar e alguns cientistas já estavam propondo teorias mais radicais. No final do século XVIII, Erasmus Darwin, avô de Charles Darwin, já havia apresentado a hipótese de que toda a vida provém de um filamento primordial, que é exatamente o que se entende hoje por teoria da evolução. Não se trata de uma teoria que diga respeito apenas a uma espécie ou tipo de criatura, mas da teoria de que tudo provém de alguma massa ou filamento primordial, e que isso se desenvolveu nos diferentes tipos de criaturas por meio de transmutações.

Esse novo tipo de explicação, que ele propôs na época, é uma tentativa de dar continuidade ao espírito do Iluminismo como racionalismo e simplicidade absolutos. À medida que o racionalismo se aprofundava na mente, era mais simples acreditar, pensava ele, em explicar a vida como proveniente de um único filamento vivo, em vez de a explicação mais complicada de que Deus tenha dado vida de uma só vez a todos os diferentes tipos de criaturas.

Houve um naturalista, Lamarck, que tinha uma teoria evolucionária definida logo em seguida, mas ele defendia a ideia de que as mudanças necessárias para explicar a evolução de uma espécie para outra se deviam à herança de características adquiridas; e isso nunca pôde ser comprovado e, na verdade, foi bastante refutada. E assim, a ideia da evolução não se consolidou.

Mas houve um geólogo importante nesse período do início do século XIX que deu um grande impulso para a aceitação dessa ideia de evolução; e esse foi Charles Lyell, que propôs a teoria do uniformitarismo, ou seja, que todas as mudanças que vemos na Terra hoje não se devem a algum tipo de catástrofe, um dilúvio repentino ou algo semelhante, mas que os

processos que observamos hoje vêm ocorrendo nos últimos séculos, nas eras passadas, desde o início do mundo, até onde podemos ver. E, portanto, se olharmos para o Grand Canyon, vemos que o rio vem desgastando o cânion, e é possível calcular, levando em conta a velocidade do fluxo da água, a quantidade de água que há nele atualmente, a qualidade do solo e assim por diante, quanto tempo deve ter levado para desgastá-lo. E Lyell acredita que, se partirmos do princípio de que esses processos sempre ocorreram na mesma velocidade — sendo ele muito racional e inclinado ao cálculo —, podemos chegar a uma explicação uniforme das coisas; e, é claro, não há prova disso; trata-se meramente de sua hipótese.

Mas isso, juntamente com a ideia que agora estava ganhando adeptos — de que as espécies evoluem umas para as outras —, se você juntar essas duas coisas, chega-se à conclusão de que, muito provavelmente, o mundo não tem apenas alguns milhares de anos, como os cristãos parecem afirmar, mas deve ter muitos milhares ou até milhões de anos de idade, ou até mais. Isso dá início à ideia de uma idade cada vez maior da Terra. Mas, novamente, isso era apenas uma suposição, uma crença de que a Terra devia ser muito antiga; não estava comprovado.

Mas essa ideia já estava se enraizando na mente das pessoas; e quando Darwin lançou, em 1859, seu livro com a ideia da seleção natural — em oposição a Lamarck, que afirmava que a girafa havia evoluído porque uma criatura de pescoço curto esticava o pescoço para comer as folhas mais altas e seus ancestrais tinham um pescoço uma polegada mais longo, o seguinte esticou um pouco mais e, gradualmente, tornou-se o que conhecemos hoje como girafa. Isso vai contra todas as leis científicas, porque tais coisas não acontecem. Uma característica adquirida não pode ser herdada, como, por exemplo, quando as mulheres chinesas tinham os pés enfaixados, suas filhas sempre nasciam com pés normais.

Mas Darwin propôs a ideia de que talvez houvesse duas criaturas de pescoço mais longo que sobreviveram porque tinham pescoços mais longos e se uniram porque todas as demais morreram, devido a algum tipo de desastre, e seus filhotes realmente tinham pescoços mais longos porque — uma mudança havia ocorrido dentro deles, uma mutação. Isso pode ter sido algo aleatório no início, mas, uma vez que a reprodução entre duas criaturas semelhantes tenha ocorrer, ela se perpetuou ao longo dos tempos.

É claro que isso é uma suposição, pois ninguém observou tal coisa acontecer. Mas esse tipo de suposição atingiu a consciência das pessoas; elas estavam como palha seca, prontas para isso, e essa foi a faísca. A ideia parecia tão plausível; e a ideia da evolução se consolidou — não porque tivesse sido comprovada.

Na verdade, as especulações de Darwin baseavam-se quase inteiramente em suas observações, não da evolução, mas da variação, pois ele se perguntou, quando viajava pelas Ilhas Galápagos, por que havia treze variedades diferentes de um tipo de tentilhão e pensou que fosse porque havia uma variedade original que havia se desenvolvido de acordo com seu ambiente. Isso não é evolução, mas variação. A partir disso, ele chegou à conclusão de que, se você continuar fazendo pequenas mudanças como essa, eventualmente terá uma espécie diferente espécie. O problema em tentar provar isso cientificamente é que ninguém jamais observou essas mudanças maiores; observaram-se apenas mudanças dentro de um tipo, dentro de uma espécie.

11.2 As “Provas” da Evolução

Vamos examinar, então, as chamadas “provas da evolução” para ver que tipos existem. Não vamos tentar refutá-las, mas apenas tentar avaliar a qualidade das provas que eles utilizam; o que é que parece convincente para as pessoas que acreditam na evolução.

Existe um livro didático padrão de zoologia usado há vinte anos que lista uma série de provas. A primeira delas é chamada de “morfologia comparativa”, ou seja, o homem tem braços, as aves têm asas, os peixes têm nadadeiras — há até mesmo diagramas convincentes que os fazem parecer muito semelhantes. Até mesmo a mariposa. As aves têm garras e nós temos dedos, e eles mostram como um poderia ter se desenvolvido a partir do outro. [O Pe. S. está mostrando ilustrações da p. 215 de Zoologia Geral, de Storer] Todas as criaturas são apresentadas como tendo uma estrutura muito semelhante, e as estruturas diferentes pertencem todas a diferentes filós e gêneros, famílias e assim por diante. É claro que isso não é uma prova. Isso é muito lógico para quem acredita na evolução.

Mas, como dizem os criacionistas científicos, se você acredita que Deus criou —————?

um plano-mestre básico da criação; ou seja, que todos os tipos de criaturas tenham uma semelhança básica em seu plano. Se você acredita que Deus as criou, essas imagens o convencem de que, sim, Deus as criou em uma espécie de gradação. Se você acredita que uma evoluiu para a outra, você olha para a mesma imagem e diz: sim, uma evoluiu para a outra. Mas não há prova nem a favor nem contra a evolução nisso. Na verdade, as pessoas aceitam a evolução com base em algum outro fundamento e, então, olham para isso, e isso as convence ainda mais.

Em segundo lugar, há a “fisiologia comparativa”: “Os tecidos e fluidos dos organismos apresentam muitas semelhanças básicas nas propriedades fisiológicas e químicas que” se assemelham às semelhanças morfológicas. Por exemplo, “a partir da hemoglobina no sangue dos vertebrados”, um certo tipo de “cristais de oxihemoglobina pode ser obtido; sua estrutura cristalina... é paralela à da classificação dos vertebrados”, que se “baseia na estrutura corporal. Os de cada espécie são distintos, mas todos de [um]” único “gênero apresentam alguma característica comum. [Além disso] os de todas as aves têm certas semelhanças” [mas diferem] dos “cristais obtidos do” “sangue de mamíferos ou répteis”. [2]

Isso é o mesmo que ocorre na morfologia. Se você acredita na criação, diz que Deus criou criaturas semelhantes com sangue semelhante, e não há problema. Se você acredita na evolução, você diz que um evoluiu para o outro. De fato, [em] um dos sistemas de datação que foi desenvolvido a partir de precipitações do sangue, eles observam que elas são semelhantes em cada espécie, algo em comum [com] as de um gênero e bastante distintas em aves, macacos e assim por diante. E a partir disso, eles fazem certos cálculos e decidem quantos anos de diferença, na escala evolutiva, existem entre essas diferentes criaturas. Acontece que seus cálculos desequilibram todo o resto. Se isso for aceito, outros sistemas de datação terão que ser alterados; por isso ainda é controverso e, na verdade, não prova nada, pois você pode aceitá-lo tanto como prova da evolução quanto da criação de Deus.

Há um terceiro argumento chamado “embriologia comparativa”. Livros didáticos como este [Zoologia Geral] costumavam ter essas imagens clássicas que — peixinho, salamandra, tartaruga, galinha, porco, homem

— e todos parecem muito semelhantes e evoluem gradualmente de maneiras diferentes. Além disso, vê-se que o homem possui as chamadas “fendas branquiais” no embrião. Portanto, isso é uma reminiscência de sua ancestralidade. Ernst Haeckel e a “teoria da recapitulação” e a “lei biogenética”: “Um organismo individual, em seu desenvolvimento (ontogenia), tende a recapitular os estágios percorridos por seus ancestrais (filogenia).” [3] Hoje, essa teoria não é mais aceita pelos evolucionistas, que as fendas branquiais não são, de forma alguma, fendas branquiais, mas estão apenas se preparando para o que se desenvolverá no pescoço do ser humano. Portanto, essa prova foi praticamente descartada. Mais uma vez, eles usam o argumento de que semelhança significa prova, o que na verdade não é verdade.

Outra prova que costumava ser mais convincente do que é hoje é a dos órgãos vestigiais. Existem certas coisas, como o apêndice no homem, que parecem não ter função atualmente e portanto devem ser resquícios de um estágio anterior da evolução em que ele era um macaco ou em algum momento em que utilizava esse órgão. Mas cada vez mais descobre-se que esses órgãos vestigiais têm uma certa utilidade; verifica-se que o apêndice tem algum tipo de função glandular; portanto, esse argumento também está perdendo força. E só porque não sabemos para que serve um determinado órgão, isso não significa que ele seja um resquício de alguma forma inferior de vida.

Depois, há os argumentos da paleontologia, o estudo dos fósseis. É claro que o primeiro aspecto muito convincente são as camadas geológicas, como, por exemplo, o Grand Canyon, onde se vêem todos os tipos de estratos; e quanto mais se desce, mais primitivas as criaturas parecem ser. E eles datam os estratos com base no tipo de criaturas encontradas neles. [O Pe. S. está mostrando uma ilustração do livro *Zoologia Geral*, p. 222, sobre os estratos do Grand Canyon.]

Há toda uma história sobre como, no século XIX, eles descobriram esses estratos e como determinaram quais eram mais antigos e quais eram mais recentes; e agora eles acreditam ter um sistema bastante elaborado para distinguir quais estratos são mais antigos e quais são mais recentes. Mas todo o sistema de datação é um tanto circular, porque eles datam — já que muitas vezes esses estratos estão de cabeça para baixo — eles precisam fazer certos reajustes, assim como o sistema ptolomaico precisava

de certos ajustes para criar os epiciclos, porque os planetas não giravam em torno da Terra de maneira uniforme. Da mesma forma, é preciso fazer ajustes quando se descobre que os estratos estão de cabeça para baixo. É preciso datá-los com base nos fósseis que contêm. Mas como saber se os fósseis neles contidos estão na ordem correta? Você sabe porque, em outro lugar, os fósseis estavam na ordem correta, e foi a partir disso que se estabeleceu o sistema. Mas, ao analisá-lo, percebe-se que é uma espécie de sistema circular; e é preciso ter fé de que isso de fato corresponde à realidade.

No entanto, há várias falhas nisso. Para começar, as novas criaturas surgem de forma bastante repentina em cada estrato, sem tipos intermediários. Além disso, à medida que as pesquisas avançam, estão encontrando animais nos estratos que não deveriam estar lá; de modo que, agora, no nível pré-cambriano, estão encontrando lulas bastante avançadas e todos os tipos de animais como esses, que não deveriam estar lá, pois só evoluíram centenas de milhões de anos depois. E ou você tem que mudar sua ideia sobre a evolução da lula ou admitir que isso foi uma exceção.

Mas, em geral, não há prova de que esses estratos tenham sido formados ao longo de milhões de anos. E os criacionistas que falam sobre o Dilúvio de Noé dizem que é igualmente concebível que o Dilúvio de Noé tenha causado exatamente a mesma coisa, pois os animais mais avançados estariam indo para terrenos mais altos tentando fugir do dilúvio; os animais marinhos inferiores, obviamente, seriam os primeiros a serem soterrados; e haveria poucos [ou quase nenhum] vestígios do homem, pois ele estaria tentando embarcar em navios e outros meios para fugir.

E só existem condições muito específicas que fazem com que um fóssil seja preservado. Ele precisa ser soterrado repentinamente em um certo tipo de lama que permita que seja preservado. Toda a ideia da gradualidade desses fenômenos está sendo cada vez mais questionada. Na verdade, há agora provas de que petróleo, carvão e coisas do gênero podem ser formados em um tempo extremamente curto, em uma questão de dias ou semanas. A própria formação de fósseis aponta fortemente a favor de alguma catástrofe.

O último argumento contra a evolução é que é difícil afirmar que já tenha sido encontrada sequer uma única coisa que possa ser chamada de espécie intermediária. Na verdade, Darwin estava extremamente preocu-

pado com isso. Ele disse: “De acordo com minha teoria, deveria haver pelo menos um milhão de espécies intermediárias, ou mais, e eu nunca encontrei nenhuma. Mas vamos esperar até que o registro fóssil esteja mais completo.” [4] E os cientistas de hoje dizem que o registro fóssil está extremamente completo; e há mais espécies fósseis conhecidas do que espécies vivas. E, mesmo assim, ainda não foram encontradas mais do que algumas que possam ser interpretadas como alguma espécie intermediária. Eles vão falar sobre o pterodáctilo — esse réptil com asas — e dizem que esse réptil está se transformando em uma ave. Mas por que não se pode simplesmente dizer que se trata de um réptil com asas?

E há certos fósseis chamados “fósseis-índice” que, [quando] encontrados em um determinado estrato, indicam que esse estrato não pode ser nem mais antigo nem mais recente do que uma determinada data, pois aquele animal estava extinto naquele período. E encontraram recentemente um que supostamente extinto há 500 milhões de anos e que está nadando pelo oceano; e como se pensava que fosse um fóssil-índice, isso isso desmentiu toda a teoria; e aquela camada específica que foi datada com base nesse peixe extinto não está mais correta.

E por que certas espécies evoluem e outras permanecem exatamente como eram? Existem muitas espécies encontradas no passado que são exatamente iguais às espécies vivas atualmente. E há a ideia de que algumas são espécies “reprob”, que não evoluem por alguma razão, e outras são espécies mais progressivas, já que têm energia para seguir em frente. Mas isso é fé, não uma prova. E assim, as espécies fósseis que foram preservadas são tão distintas umas das outras quanto as espécies vivas.

Depois, temos outra coisa que você encontra em todos os livros didáticos de evolução: o cavalo e o elefante [Zoologia Geral, pp. 226-228, ilustrações]. E há uma grande dose de subjetividade envolvida, assim como quando se faz o homem de Neandertal parecer curvado para se assemelhar a um macaco. Isso é imaginação, não prova científica, mas algo baseado na ideia filosófica de cada um. E há bastante evidência desse tipo que ou vai praticamente contra a evolução ou mostra que não há prova nem a favor nem contra. E há algumas coisas que são bastante notáveis e não podem ser explicadas pela evolução.

Recentemente, nos últimos dois ou três anos, eles descobriram um local no Texas onde há pegadas de dinossauros e bem ao lado delas pe-

gadas humanas; e, em um ponto, as pegadas humanas e as pegadas de dinossauro se sobrepõem, o que mostra que essas duas criaturas viviam na mesma época. Os protestantes fizeram um filme sobre isso e o apresentam como uma prova contra a evolução. Mas um dos cientistas que viu isso — ele era criacionista — disse: “Bem, isso é muito interessante, não é?” E um homem que acreditava na evolução olhou para aquilo e disse: “Não acredito nisso.” Ele tem fé de que isso não aconteceu, de que esse dinossauro estava extinto antes que o homem chegasse; e, portanto, é impossível ter pegadas de dinossauro e de humano juntas. Ou então você cria um epiciclo em seu sistema para fornecer algum tipo de explicação.

A chamada “prova definitiva da evolução” é a mutação. Na verdade, um cientista sério dirá que todo o resto não é realmente uma prova. Mas a única prova são as mutações. E, de fato, Randall, que escreveu essa História do Pensamento Moderno — ele próprio é um evolucionista — diz: “Atualmente, os biólogos admitem que não sabemos, estritamente falando, nada sobre as causas da origem de novas espécies; devemos recorrer à fé científica de que elas ocorrem devido a alterações químicas no” “plasma germinativo”. [5] Ele é, então, sofisticado o suficiente para admitir que isso é uma fé.

Há alguns, como Dobzhansky, que dizem: “Eu provei a evolução porque criei uma nova espécie no laboratório”. E assim, após trinta anos trabalhando com moscas-das-frutas, que se multiplicam muito rapidamente, é possível obter o equivalente a várias centenas de milhares de anos de vida humana em poucas décadas. Ele realizou experimentos irradiando moscas-das-frutas e, por fim, encontrou duas que apresentavam mutações — elas não tinham asas ou algo assim — e elas não eram mais capazes de cruzar com o outro tipo de mosca-da-fruta. E essa é a definição dele de espécie — que elas não podem cruzar; e, portanto, “eu evolui uma nova espécie”.

Bem, no primeiro caso, isso foi feito sob condições extremamente artificiais com radiação; e é preciso ter uma nova teoria sobre ondas radioativas do espaço sideral para justificar isso. E, em segundo lugar, continua sendo uma mosca-da-fruta. Portanto, mesmo que não tenha asas ou seja roxa em vez de amarela, continua sendo uma mosca-da-fruta e, basicamente, não é diferente de qualquer outra mosca-da-fruta; é simplesmente outra variedade. Portanto, ele na verdade não provou nada.

Além disso, as mutações são noventa e nove por cento prejudiciais; e todos os experimentos, inclusive aqueles [de cientistas] que trabalharam nisso por muitas décadas, todos se mostraram infrutuosos em demonstrar qualquer tipo de mudança real de um tipo de criatura para outro, mesmo o tipo mais primitivo que se reproduz a cada dez dias. Se há alguma coisa, as evidências nessa área apontam para o [*texto ilegível*]? [uniformitarismo? estabilidade?] das espécies.

Mas, no fim das contas, temos que admitir que não há nenhuma prova conclusiva, prova científica, a favor da evolução. E, da mesma forma, não há nenhuma prova conclusiva contra a evolução, porque, embora ela possa não parecer muito lógica ou plausível de acordo com as evidências, ainda assim não há prova de que, em um bilhão ou trilhão de anos, você não possa produzir, a partir de uma ameba, um homem ou um macaco. Um homem é mais complexo porque possui uma alma. Quem sabe? Se você tiver uma mente completamente objetiva e não levar em conta, nem por um momento, o que dizem os Santos Padres, você poderia pensar que talvez seja verdade, especialmente se houver um Deus. Quanto ao “acaso”, você não tem nenhum argumento alguém. Este último — se alguém acreditasse no acaso — exige muito mais fé do que acreditar em Deus. De qualquer forma, as evidências que acabamos de examinar fazem sentido para você de acordo com a sua filosofia. E a filosofia criacionista exige menos ajustes nas evidências. E, portanto, está mais de acordo com as pressuposições simplistas e uniformitaristas da ciência moderna.

11.3 Datação e a Fé Científica

Há mais uma coisa que tem sido usada como uma espécie de “prova da evolução”; trata-se do sistema de datação: rádio-carbono, potássio-argônio, decaimento do urânio, sistema do flúor e assim por diante. Todos esses foram descobertos neste século, alguns deles apenas recentemente. Dizem que isso prova que o mundo é realmente muito antigo. E em um livro didático afirma-se que isso é uma revolução na datação porque, antes disso, tínhamos apenas noções relativas de idade e agora temos noções absolutas.

Você pode fazer um teste de potássio-argônio e chegar à conclusão de

que uma determinada rocha tem três bilhões, dois bilhões de anos; eles admitem uma margem de erro de cerca de dez por cento. O fato é que questão é que a grande idade da Terra já era conhecida, supostamente pelos cientistas, antes mesmo de esses sistemas de datação terem sido desenvolvidos. E os sistemas de datação já aceitos [baseavam-se em] pressupostos que levaram à ideia de que o mundo já tinha muitos milhões, senão bilhões, de anos. Portanto, eles não são realmente revolucionários na datação; eles simplesmente se encaixam em uma visão já aceita. Se esses novos sistemas de datação tivessem indicado que o mundo tinha apenas 5.000 anos, em vez de 3 bilhões, os cientistas não os teriam aceitado tão facilmente.

Em segundo lugar, existem certos princípios básicos, pressupostos, que esses sistemas de datação devem possuir. O sistema do-14, que rastreia o decaimento radioativo da meia-vida do carbono-14 para o carbono-12, exige: 1) que haja uniformidade absoluta — que a taxa de decaimento tenha sido sempre a mesma durante todo o tempo em que o processo vem ocorrendo; 2) que não tenha havido contaminação por fontes externas — o que eles admitem que acontece — e 3) que o objeto a ser datado tenha estado isolado, enterrado em algum lugar e que nada mais tenha entrado em contato com ele de fora, nenhuma matéria orgânica; e, finalmente, 4) que não houvesse carbono-12, para começar; era tudo carbono-14. Todas essas coisas são suposições; não estão comprovadas.

Muitas pessoas, mesmo entre os não evolucionistas, admitem que o carbono-14 é o mais confiável de todos os sistemas de datação; até mesmo os criacionistas científicos admitem que ele tem uma precisão que remonta talvez 2.000 anos. Ele foi testado em certos itens cuja idade já havia sido determinada e provou não estar muito distante da realidade na maioria dos casos. Mas, além de 2.000 ou 3.000 anos, torna-se extremamente duvidoso. E mesmo os adeptos desse sistema admitem que, como a meia-vida do carbono-14 é de cerca de 5.600 anos, ele não pode ser preciso além de 20.000 ou 30.000 anos, no máximo. Os outros sistemas, como o de potássio-argônio, o de urânio e assim por diante, alegam ter uma meia-vida de um bilhão e trezentos milhões de anos; e, portanto, quando falam em determinar a idade de rochas antigas, eles utilizam esses sistemas.

O sistema do carbono-14 é utilizado apenas em matéria orgânica, nos próprios fósseis; e os sistemas de potássio-argônio e urânio são aplicados

às rochas. Mas o mesmo princípio se aplica: deve haver uniformidade ao longo de um bilhão de anos, sem contaminação externa. Devemos supor que, no início, era tudo potássio antes de se decompor em argônio; e todas essas coisas você tem que aceitar com base na fé. E se você tentar medir algo recente, digamos, de apenas um milhão de anos atrás, e você usar esse sistema com uma meia-vida de um bilhão de anos, é como tentar medir um milímetro com uma régua de um jarda; e não é muito preciso, mesmo supondo que seja válido. E já houve inúmeros casos em que aplicaram esse sistema a rochas novas; e atribuíram a elas uma idade de dois bilhões de anos. Portanto, tudo isso é muito instável. E pressupõe que esses bilhões de anos existam, para começar.

Existem outros tipos de testes que têm sido utilizados em várias ocasiões, como, por exemplo, a taxa na qual o sódio é se dissolve nos oceanos, a taxa na qual várias substâncias químicas são despejadas no oceano. Você mede a quantidade dos elementos que existem atualmente nos oceanos, calcula aproximadamente quanto deles vai para o mar a cada ano e, a partir disso, chega a uma estimativa de quantos anos o oceano deve ter; e provavelmente o oceano tem a mesma idade que o mundo. Fizeram isso com o sódio e descobriram que o mundo tinha, digamos, um bilhão de anos. Mas constatou-se que se obtêm respostas diferentes dependendo do elemento que se usa, variando do chumbo, que indica uma idade de 150 anos, a outros que indicam 5.mil anos, alguns 500 anos, outros 10 bilhões — não há absolutamente nenhuma uniformidade.

Existem outros testes. Por exemplo, tentou-se calcular a taxa na qual o níquel se acumula na Terra a partir de meteoritos. Pegando aproximadamente a quantidade de níquel que se acumula na Terra a partir dos meteoritos a cada ano e projetando-a para o passado com base no uniformitarismo, uma pessoa fez um cálculo de que, se a Terra tivesse 5 bilhões de anos, de acordo com a estimativa mais recente, deveria haver uma camada de níquel na Terra com 146 milhas de espessura. Há outro teste, a taxa de hélio, que também apresenta um resultado absolutamente fantástico. Portanto, esses testes são muito incertos; e alguns deles tornam muito duvidoso que o mundo possa ter algo como 50 bilhões de anos.

No fim das contas, depende da sua fé. Alguns cientistas acreditam que a Terra é muito antiga porque, até o momento, a evolução é inconcebível, a menos que a Terra seja muito antiga. E se você acredita na evo-

lução, deve acreditar que a Terra é muito antiga, já que a evolução não funciona em nenhuma escala de tempo curta. Mas, no que diz respeito a qualquer prova científica, não há absolutamente nenhuma de que a Terra tenha 5 bilhões de anos, ou 7.000 anos — poderia ser qualquer uma das duas. Isso depende do tipo de suposições com as quais você parte.

Portanto, a evolução não é, de fato, um problema científico; é uma questão filosófica. E precisamos perceber que a teoria da evolução é aceitável para certos cientistas, certas pessoas, filósofos, porque eles vêm aceitando algo como — ? [as pressuposições, a maneira?] — eles foram preparados para isso.

Aqui estão mais uma ou duas citações desse mesmo Randall, que acreditava na evolução, falando sobre o quanto a fé está envolvida nisso. Como já lemos: “Atualmente, os biólogos admitem que não sabemos, estritamente falando, as causas da origem de novas espécies. Temos que recorrer à fé de que elas ocorrem devido a mudanças químicas no” “plasma germinativo”. [6] Essa é a fé científica. E se você questionar o cientista, ele dirá que qualquer outra coisa é impensável — sendo que “qualquer outra coisa” significa que Deus criou o mundo há 7.000 ou 8.000 anos.

Mais uma vez, ele diz, ao descrever o efeito da evolução sobre o mundo: “Apesar dessas dificuldades, as crenças dos homens hoje estão totalmente impregnadas do conceito de evolução. As grandes noções e conceitos subjacentes que tanto significaram para o século XVIII, Natureza, Razão e Utilidade, deram lugar, em grande parte, a um novo conjunto que expressa melhor as ideias intelectuais fundamentais do Mundo em Crescimento. Muitos fatores sociais conspiraram para popularizar a ideia de desenvolvimento e seus corolários.” [7]

“A evolução introduziu uma escala de valores totalmente nova.

Enquanto para o século XVIII o ideal era o racional, o natural, até mesmo o primitivo e intocado, para nós o desejável é identificado antes com a fase final do processo de desenvolvimento, e nossos termos de elogio são ‘moderno’, ‘atual’, ‘avançado’, ‘progressista’. Assim como no Iluminismo, nós tendemos a identificar o que aprovamos com a Natureza, mas, para nós, não é a ordem racional da natureza, e sim o ápice de um processo evolutivo, que tomamos como nosso ponto de apoio na existência. O século XVIII não conseguia imaginar nada pior do que chamar um homem de “entusiasta antinatural”; nós preferimos rotulá-lo de “fós-

sil antiquado e ultrapassado”. Aquela época acreditava em uma teoria se ela fosse chamada de racional, útil e natural; nós a favorecemos se for “o desenvolvimento mais recente”. Preferimos ser modernistas e progressistas do que raciocinadores sensatos. Talvez seja uma questão em aberto se, em nossa nova escala de valores, não tenhamos perdido tanto quanto ganhamos.

“...A ideia da evolução, tal como finalmente passou a ser compreendida, reforçou a atitude humanista e naturalista.” [8]

11.4 A Perspectiva Ortodoxa sobre a Criação

Agora devemos examinar o que a Ortodoxia diz sobre as questões abordadas pela evolução, ali onde elas se relacionam com a filosofia e a teologia. De acordo com a teoria da evolução, o homem está saindo do estado selvagem e é por isso que [General Zoologia, p. 765, ilustração; talvez outras versões artísticas], mostram nos livros o homem de Cro-Magnon, o homem de Neandertal — obviamente muito selvagem, pronto para bater na cabeça de alguém e roubar sua carne. Isso é, obviamente, fruto da imaginação de alguém; não se baseia na forma dos fósseis nem em nada mais.

Se você acredita que o homem surgiu do estado selvagem, então interpretará toda a história passada nesses termos. Mas, segundo a Ortodoxia, o homem caiu do paraíso. Na filosofia evolucionista não há espaço para um estado sobrenatural de Adão. E aqueles que querem manter tanto o cristianismo quanto o evolucionismo são forçados a atribuir algum tipo de paraíso artificial a uma criatura semelhante a um macaco. Esses são, obviamente, dois tipos diferentes de sistemas que não podem ser misturados.

O que acaba acontecendo é que as pessoas que começam a fazer isso, como muitos católicos fizeram nas últimas décadas, percebem que se confundiram e, portanto, aceitam que a evolução deve estar certa e o cristianismo é um mito; que a queda do homem é apenas algum tipo de imaturidade cósmica, que as criaturas semelhantes a macacos, quando se tornaram homens, tornaram-se algum tipo de criatura humana ingênua e, ao mesmo tempo, envolvida em algum tipo de complexo de culpa .

Além disso, não houve apenas um casal, mas muitos, o que é chamado de poligenismo — ou seja, que o homem descendiu de muitos casais diferentes. Uma vez que se cede à ideia de que vamos examiná-la racionalmente — com base em nossa filosofia racional e naturalista dos filósofos modernos —, então o cristianismo tem que ser deixado de lado em algum lugar, ou transformado...

...em pressuposições não examinadas ou em pressuposições examinadas. De qualquer forma, trata-se de um campo de verdades muito relativas. E nos ensinamentos dos Santos Padres, temos verdades que são reveladas e verdades que nos são transmitidas por homens inspirados por Deus.

Portanto, vamos examinar algumas dessas coisas que os Santos Padres dizem. Há uma grande quantidade de material sobre a evolução, embora você possa não pensar assim. Mas se você refletir sobre o que é a evolução filosoficamente e teologicamente e, em seguida, pesquisar essas questões nos Santos Padres, há uma grande quantidade de informações a serem encontradas nos escritos dos Santos Padres. Mas não podemos nos aprofundar muito disso neste momento. Vamos apenas abordar alguns pontos para ver se conseguimos caracterizar a evolução de acordo com o ensinamento patrístico.

Primeiro, devemos observar que a ideia de criação é algo bem diferente do mundo que vemos hoje; é um princípio totalmente diferente. E, portanto, quando lemos em um evolutista cristão moderno — na verdade, ele é um renomado teólogo grego conservador, [Panagiotis] Trempeles, supostamente escolástico, mas, de qualquer forma, ele é conservador — ele diz que “parece mais glorioso e divino e mais em harmonia com os métodos habituais de Deus, que vemos diariamente expressos na natureza, ter criado as diversas formas por meio de métodos evolutivos, permanecendo Ele próprio a primeira e suprema Causa criadora das causas secundárias e mediadoras às quais se deve o desenvolvimento da variedade de espécies”. [9]

Observaremos aqui que, muitas vezes, os teólogos estão bastante atrasados em relação aos tempos. E, para defender o dogma científico, muitas vezes apresentam ideias que os cientistas já deixaram para trás, porque os cientistas estão a acompanhar a literatura científica; e os teólogos muitas vezes têm medo de parecer antiquados ou de dizer algo que não esteja de

acordo com a opinião científica. Assim, muitas vezes um teólogo pode, de forma bastante inconsciente, cair na armadilha de uma ideia evolucionista por não refletir profundamente sobre o assunto, por não possuir uma filosofia bem fundamentada e por não estar a par das evidências científicas e das questões científicas.

Mas essa mesma ideia que ele expõe, de que a criação deveria estar de acordo com os métodos que Deus usa o tempo todo, certamente não tem nada de patrístico, porque a criação é o momento em que o mundo passou a existir. E qualquer Santo Padre que escreva sobre isso dirá que aqueles primeiros seis dias da criação foram bem diferentes de tudo o mais que já aconteceu na história do mundo.

E até mesmo Agostinho — que diz que tudo isso é um mistério — afirma que, na verdade, nem sequer podemos falar sobre isso porque é tão diferente de nossa própria experiência: está além de nossa compreensão. E, da mesma forma, simplesmente não podemos projetar as leis da natureza atuais de volta ao passado e chegar à criação. A criação é algo diferente; é o começo de tudo isso e não como é agora.

Alguns teólogos um tanto ingênuos tentam dizer que os seis dias da criação podem ser períodos infinitamente longos; eles podem corresponder a essas diferentes camadas, sabe, os estratos geológicos — o que, é claro, é um absurdo, porque os estratos geológicos não se apresentam em seis camadas facilmente identificáveis, nem cinco, nem quatro, nem nada do tipo. Há uma infinidade de camadas; e elas simplesmente não correspondem de forma alguma aos seis dias da criação. Portanto, essa é simplesmente uma interpretação muito fraca.

E, na verdade, se você observar os Santos Padres, embora possa parecer terrivelmente fundamentalista dizer isso, eles afirmam em uníssono que aqueles dias tinham vinte e quatro horas de duração. São Efraim, o Sírio, chega até a dividi-los em dois dias, dois períodos, de doze horas cada. São Basílio, o Grande, diz que o primeiro dia é chamado no Gênesis não de “primeiro dia”, mas de “um dia”, porque esse é o único dia pelo qual Deus mediu todo o restante da criação; ou seja, esse primeiro dia, que ele diz ter durado vinte e quatro horas, é exatamente o mesmo dia que se repete no restante da criação.

E, se você pensar bem, não há nada de particularmente difícil nessa ideia, pois a criação de Deus é algo totalmente fora do nosso conheci-

mento atual, e a adaptação dos dias às épocas não faz sentido algum; não dá para encaixá-los uns nos outros. E, portanto, por que seria necessário ter um dia que tenha mil anos de duração ou um milhão de anos? Não há necessidade disso.

E, na verdade, os Santos Padres afirmam novamente, em uníssono, que os atos criativos de Deus são instantâneos. São Basílio o Grande, Santo Ambrósio, o Grande, São Efraim e muitos outros dizem que, quando Deus cria, Ele pronuncia a palavra e ela se realiza, mais rápido do que o pensamento.

Há uma infinidade de citações, mas simplesmente não podemos nos aprofundar nelas. E não há ninguém que diga que a criação é lenta. Há seis dias de criação e os Santos Padres explicam isso, não que se trate de algum tipo de processo demorado, nem que o homem tenha evoluído a partir de algo inferior — essa ideia é totalmente estranha a qualquer um dos Santos Padres —, mas que as criaturas inferiores vieram primeiro a fim de preparar o reino para a criatura superior que é o homem, que deve ter seu reino já criado antes de chegar. E até mesmo São Gregório, o Teólogo, usa a expressão de que o homem foi criado por Deus no sexto dia e entrou na terra recém-criada.

Havia todo um ensinamento dos Santos Padres a respeito o estado do mundo e de Adão antes da queda de Adão. Adão era imortal, ou melhor, como diz Agostinho, ele não foi criado imortal; ele foi criado com a possibilidade de ser tanto mortal quanto imortal no corpo; e ele escolheu, por meio de sua queda, ser mortal no corpo.

A Criação antes da queda de Adão se encontrava em um estado diferente. Sobre isso, os Santos Padres não nos dizem muito; é realmente além da nossa compreensão. Mas certos Santos Padres do tipo mais contemplativo, como São Gregório do Sinai, descrevem qual é o estado do paraíso. E ele diz que é um estado que existe agora mas se tornou invisível para nós, o mesmo estado que existia naquela época; e que se situa entre a corrupção e a incorrupção, de modo que, quando uma árvore cai no paraíso, ela não apodrece, como sabemos, mas se transforma na substância mais perfumada que existe. É claro que essa é uma pista que nos diz que isso está além de nós, que existe algum outro tipo de lei.

Conhecemos pessoas que já estiveram no paraíso, sabe, como São Eufrosino, que foi ao paraíso e trouxe de volta três maçãs. Lembra-se dessa

história? São Eufrosino, o cozinheiro. Ele está na nossa cozinha, é o padroeiro dos cozinheiros. E essas três maçãs foram guardadas por um tempo; eles as dividiram e comeram; e eram muito doces. Comeram-nas como pão sagrado; o que significa que há algo a ver com a matéria, e, no entanto, há algo diferente da matéria. É claro que as pessoas hoje estão especulando sobre matéria, antimatéria, qual é a fonte, a raiz da matéria — elas não sabem mais nada. E então, por que deveríamos ficar surpresos de que exista algum outro tipo diferente de matéria?

Sabemos também que haverá um corpo diferente, um corpo espiritual. Nosso corpo ressuscitado será um tipo diferente de matéria daquele que conhecemos agora. São Gregório, o Sinaita, diz que será como nosso corpo atual, mas sem umidade e sem peso. E o que isso significa, não sabemos, porque, a menos que você tenha visto um anjo, não teve experiência disso. Você não tem. Nossos próprios corpos estão repletos justamente dessa densidade.

Portanto, não precisamos fazer qualquer tipo de especulação sobre exatamente que tipo de matéria é essa, pois isso nos será revelado quando precisarmos saber, na próxima vida. Mas basta sabermos que o paraíso, o estado de toda a criação antes da queda de Adão, era bem diferente do que conhecemos.

Você pode especular, se quiser, se alguma criatura morreu antes de Adão. Adão trouxe a morte ao mundo, então é muito provável que nenhuma criatura tenha morrido antes de Adão, antes de Adão cair. Mas os Santos Padres não falam sobre pontos específicos como esse, ou falam muito pouco. Portanto, não nos cabe especular. Tudo o que sabemos é que o mundo era bem diferente. E a lei da natureza que conhecemos hoje é a lei da natureza que Deus estabeleceu quando Adão caiu; isto é, quando Ele disse: “Maldita seja a terra por tua causa.” (Gênesis 3:17) E: “Com dor darás à luz os filhos.” (Gênesis 3:16) Antes a queda, Eva era virgem. E Deus criou o homem e a mulher sabendo que o homem cairia e precisaria desse meio de reprodução.

Mas há um elemento de grande mistério no estado da criação antes da queda de Adão, no qual não precisamos nos intrometer, pois não estamos interessados no “como” da criação. Nós sabemos que houve uma criação de seis dias, e os Santos Padres dizem que foram dias de 24 horas — não há nada de surpreendente nisso; que os atos foram instantâneos — Deus

quer e está feito, Ele fala e está feito. Ou seja, como acreditamos em Deus, que é Todo-Poderoso, não há nenhum problema algum. Mas como era a aparência, quantas espécies de criaturas existiam, se havia todos os diferentes tipos de gatos que vemos ou se havia cinco tipos básicos ou apenas famílias ou apenas gêneros — não temos ideia, e não é importante para nós saber.

Acrescentar à teoria da evolução a ideia de Deus, como fazem alguns evolucionistas cristãos, não ajuda em nada. Ou melhor, isso ajuda apenas em uma coisa: tira você desse problema de descobrir de onde tudo veio, para começar. Em vez de uma espécie de grande tigela de tapioca cheia de gelatina cósmica ou algo assim, você tem Deus. Bem, isso é mais claro, é uma ideia direta. Se você tem aquela gelatina de tapioca em algum lugar no espaço, é algo muito místico e difícil de entender. Se você é materialista, isso faz sentido para você, mas isso se baseia puramente em seus preconceitos. Mas, tirando disso, considerando o início, Deus não ajuda em nada a teoria da evolução. Porque as dificuldades na teoria ainda estão lá, não importa se Deus está por trás dela ou não. Portanto, não há nenhuma ajuda específica em se acrescentar Deus à ideia da evolução.

Outra diferença entre essa filosofia moderna da evolução e o ensinamento ortodoxo não é apenas o passado do homem, mas o futuro da humanidade. Se a criação é um grande filamento que evolui e se transmuta em novas espécies, então temos um tipo de filosofia do futuro, que discutiremos em breve a respeito da evolução do “super-homem”. Se a criação é uma grande hierarquia do ser, então podemos esperar algo diferente. Não precisamos esperar algum tipo de mudança, algum tipo de ascensão do inferior para o superior.

Quanto à transmutabilidade das espécies — ou “espécies”, de acordo com o termo usado no Gênesis, pois “espécie” é um conceito muito arbitrário; não precisamos considerar isso como qualquer tipo de limite — os Santos Padres têm um ensinamento bastante definido. E, brevemente, vamos citar alguns Santos Padres a respeito disso.

São Gregório de Nissa, ou melhor, ele cita sua irmã Macrina em seu leito de morte — lembram-se dessa conversa que ouvimos quando ela estava morrendo? Ela fala exatamente sobre essa questão, ao se opor à ideia da transmigração das almas, da pré-existência das almas, ensinada por Orígenes. Ela diz, ou melhor, São Gregório diz por meio dela: “Aqueles que

defendem que a alma migra para naturezas divergentes entre si me parecem obliterar todas as distinções naturais, misturar e confundir, em todos os aspectos possíveis, o racional, o irracional, o sensível e o insensível. Isto é, se todos esses elementos devem passar uns para os outros sem que uma ordem natural distinta os isole da transição mútua. Dizer que uma mesma alma, devido a um determinado ambiente corporal, é, em um momento, uma alma racional e intelectual e que, em seguida, se esconde nas cavernas junto aos répteis, ou se junta aos pássaros, ou é um animal de carga ou um carnívoro, ou nada nas profundezas, ou mesmo se transforma em uma coisa insensível a ponto de criar raízes e se tornar uma árvore completa, produzindo brotos nos galhos e, a partir desses brotos, uma flor, um espinho ou um fruto comestível ou nocivo — dizer isso é nada menos do que tornar todas as coisas iguais e acreditar que uma única natureza permeia todos os seres, que há uma conexão entre eles que mistura e confunde irremediavelmente todas as características pelas quais um poderia ser distinguido de outro.” [10]

Bem, isso mostra muito claramente que os Santos Padres acreditavam em toda uma hierarquia de seres. Não se trata, como Erasmo Darwin queria fazer crer, de um único filamento que percorre todos os seres — há naturezas distintas.

E se analisarmos uma das obras básicas da teologia ortodoxa, que é *Sobre a Fé Ortodoxa*, de São João de Damasco, descobrimos que, antes de nos apresentar *Sobre a Fé Ortodoxa*, ele tem dois livros anteriores que, segundo ele, fazem parte de um todo. Um deles é *Sobre as Heresias*, esias, que explica exatamente no que os hereges acreditavam e por que não acreditamos nisso. E a primeira parte dessa grande obra, que é um dos livros de referência da teologia ortodoxa, chama-se “Sobre a Filosofia”. O conjunto é chamado de “A Fonte do Conhecimento”. Ele começa com capítulos filosóficos nos quais aborda questões como “o que é conhecimento?”, “o que é filosofia?”, “o que é o ser?”, “o que é substância?”, “o que é acidente?”, “o que é espécie?”, “o que é gênero?”, “o que são diferenças?”, “o que são propriedades, predicados?”. E a obra inteira se baseia na ideia de que a realidade está claramente dividida em seres diferentes, cada um com sua própria essência, sua própria natureza, sem que um se confunda com o outro. Existe uma hierarquia distinta de seres, e ele disse que acha que você precisa ler isso antes de poder ler o livro dele

sobre teologia ortodoxa, *A Fé Ortodoxa*.

Aluno: De quem é esse livro?

Pe. S: São João Damasceno, no século VIII.

Vocês devem saber que há vários livros básicos, aliás, escritos pelos Padres Ortodoxos sobre essa mesma questão. Há um livro chamado Hexameron, ou seja, Os Seis Dias, com comentários sobre os seis dias do Gênesis. Há um de São Basílio, o Grande, no Oriente, um de Santo Ambrósio, o Grande, no Ocidente, e outros menos conhecidos. Há comentários sobre o Livro do Gênesis de São João Crisóstomo, São Efraim, o Sírio, que também escreveu tratados sobre Adão e Eva. E há muitos escritos sobre esses assuntos espalhados nas obras de muitos outros Santos Padres. São João de Kronstadt também escreveu um Hexameron, sobre os seis dias da criação.

Esses livros são muito inspiradores, aliás, porque não são mero conhecimento abstrato; estão repletos de uma sabedoria prática. Ele usa o amor pela natureza e o esplendor da criação de Deus para dar um exemplo a nós, seres humanos, e muitos pequenos exemplos pitorescos de como devemos imitar a pomba, em seu amor pelo próximo, pelo cônjuge e assim por diante, como devemos ser como os animais mais sábios e não como os animais mais tolos. Por exemplo, podemos aprender com nossos esquilos. Eles são muito gananciosos. Não devemos ser assim. Devemos ser gentis como o veado. Temos exemplos como esse ao nosso redor.

Podemos ver se há uma ou duas citações de São Basílio; por exemplo, ele diz: “Que a terra produza.” Essa breve ordem transformou-se imediatamente na poderosa Natureza, um sistema elaborado que levou à perfeição, mais rapidamente do que nosso pensamento, as inúmeras propriedades das plantas.” [11] Em outro trecho, ele diz, quando as árvores: “Que a terra produza plantas”, ele diz, “Instantaneamente, mais rápido do que o pensamento, surgiram florestas imponentes e todos os diferentes tipos de plantas.” [12]

E aqui ele traz uma citação justamente sobre essa questão da sucessão das criaturas, uma após a outra. Ele cita o Gênesis: “Que a terra produza seres vivos.” Isso está na 9ª Homilia sobre o Hexameron. “Gado, animais selvagens e criaturas rastejantes.” E São Basílio diz a respeito disso: “Considerai a Palavra de Deus movendo-se por toda a criação, tendo começado naquele tempo, ativa até o presente e eficaz até o fim, até mesmo

à consumação do mundo. Assim como uma bola, quando empurrada por alguém e, em seguida, deparando-se com uma ladeira, é levada para baixo por sua própria forma e pela inclinação do solo e não para antes que alguma superfície plana a receba; assim também a natureza dos objetos existentes, colocada em movimento por uma única ordem, percorre a criação sem mudança, por meio da geração e da destruição, preservando a sucessão das espécies por meio da semelhança até que alcance o fim definitivo. Ela gera um cavalo como sucessor de um cavalo, um leão de um leão e uma águia de uma águia. E continua a preservar cada um dos animais por sucessões ininterruptas até a consumação do universo. Nenhum período de tempo faz com que as características específicas dos animais sejam corrompidas ou extintas. Mas, como se tivesse sido estabelecida apenas recentemente, a natureza, sempre renovada, avança com o tempo.” [13]

Portanto, essa é uma afirmação não da ciência, mas da filosofia. É assim que Deus criou as criaturas, e cada uma possui uma certa semente, uma certa natureza, e transmite isso à sua prole. Quando há algum tipo de exceção, trata-se de uma monstruosidade; é uma exceção. E isso não invalida o princípio das naturezas das coisas, cada uma das quais é bem distinta da outra. Se não compreendemos toda a variedade da criação, a culpa é nossa, não de Deus.

São Ambrósio tem várias citações nessa mesma linha. Seu *Hexameron* é muito próximo do de São Basílio em espírito.

E agora temos outra citação de São Gregório [de Nissa] que mostra uma [aspecto]: que havia, de fato, uma teoria semelhante à evolução nos tempos antigos, embora, é claro, nada parecida com a teoria atual. Ele está combatendo a ideia da pré-existência das almas. Há uma segunda ideia, que é a ideia oposta. São João Damasceno, cujos escritos, em especial *Sobre a Fé Ortodoxa* resumem os escritos teológicos dos primeiros Padres. E ele faz uma afirmação que diz: “Não pensemos como Orígenes e outros blasfemos que Deus criou a alma e o corpo do homem em momentos diferentes. Ele os criou simultaneamente.” [14]

Mas, se lermos o relato do Gênesis, ele diz corretamente, [se eu não me engano], “Ele formou o corpo e soprou nele uma alma viva.” E, de fato, os evolucionistas cristãos disseram: “Aha, perfeito! Isso significa que o homem era algo primeiro e depois se tornou humano.”

Vejam os que São Gregório de Nissa diz a respeito disso. “Alguns dos que, antes de nossa época, trataram da questão dos princípios, consideraram correto afirmar que as almas têm uma existência prévia como um povo e uma sociedade próprios.” Essa é a ideia de Orígenes de que a alma “caiu” em nosso mundo. “E que entre elas também existem padrões de vício e de virtude, e que a alma ali, que permanece na bondade, permanece sem experiência de união com o corpo. Mas se ela se afasta de sua comunhão com o bem, ela cai para esta vida inferior e assim passa a estar em um corpo. Outros, ao contrário, baseando-se na ordem da criação do homem conforme relatada por Moisés, dizem que a alma é posterior ao corpo na ordem temporal, já que Deus primeiro tomou o pó da terra e formou o homem, e depois animou o ser assim formado por seu sopro. E, com esse argumento, eles provam que a carne é mais nobre do que a alma, aquilo que foi formado anteriormente do que aquilo que foi posteriormente infundido nela. Pois eles dizem que a alma foi criada para o corpo, para que a coisa formada não ficasse sem sopro e movimento, e que tudo o que é feito para outra coisa é certamente menos precioso do que aquilo para o qual foi feito. Assim como o Evangelho nos diz que a alma é mais do que a carne e o corpo mais do que o vestuário. Porque as últimas coisas existem em função das primeiras.” [15]

Certamente isso está muito próximo, embora esteja em um clima de ideias diferente; ainda assim, está muito próximo da ideia dos evolucionistas modernos de que a matéria é, de fato, a primeira coisa e a alma é secundária.

Agora ele passa a discutir a segunda, depois de se livrar, depois de descartar a ideia de Orígenes de que as almas pré-existem.

“Tampouco devemos, em nossa doutrina, começar inventando o homem como uma figura de barro e dizer que a alma surgiu para esse fim; pois, certamente, nesse caso, a natureza intelectual se revelaria menos preciosa do que a figura de barro. Mas, como o homem é um só, o ser composto de alma e corpo, devemos supor que o início de sua existência seja comum a ambas as partes, de modo que ele não seja considerado antecedente e posterior a si mesmo, caso o elemento corporal fosse o primeiro em termos de tempo, e o outro fosse uma adição posterior. Pois devemos afirmar que, poder da presciência de Deus, de acordo com a doutrina estabelecida anteriormente em nosso discurso, toda a plenitude da natureza

humana já existia anteriormente. E disso dá testemunho a escritura profética que diz que Deus conhece todas as coisas antes que elas aconteçam. E na criação dos indivíduos, não se deve colocar um elemento antes do outro: nem a alma antes do corpo, nem o contrário, para que o homem não entre em conflito consigo mesmo ao ser dividido pela diferença no ponto de vista do tempo. Pois, como nossa natureza é concebida como dupla, de acordo com os ensinamentos apostólicos, composta pelo homem visível e pelo homem oculto, se um viesse primeiro e o outro surgisse depois, o poder d'Aquele que nos criou seria se revelaria, de alguma forma, imperfeito, por não ser completamente suficiente para toda a tarefa de uma só vez, mas dividindo o trabalho e ocupando-se com cada uma das metades, uma após a outra.” [16]

É claro que toda a razão por trás da ideia da evolução é você não acreditar que Deus seja poderoso o suficiente para criar o mundo inteiro mundo por meio de Sua Palavra. Você está tentando ajudá-Lo, deixando que a Natureza faça a maior parte da criação.

Há muitas outras citações que poderíamos apresentar, mas não temos tempo. Os Santos Padres falam com bastante detalhe sobre a questão do que significa o fato de Adão ter sido criado do pó. Algumas pessoas interpretam o fato de que Santo Atanásio, o Grande, diz em um de seus escritos: “Adão foi criado do pó da mesma forma que todo homem é criado do pó.” [17] E dizem: “Aha, isso significa que Adão poderia ter descendido de alguma outra criatura. Ele não precisava ter sido tirado do pó literal. Você não precisa interpretar essa parte do Gênesis literalmente.” Mas acontece que que justamente esse ponto seja discutido em grande detalhe por muitos Santos Padres. E eles apresentam muitas maneiras diferentes de expressá-lo, e deixam absolutamente claro que Adão e Caim são dois tipos diferentes de pessoas. Caim nasceu de um homem e Adão não teve pai. Adão nasceu do, foi criado do pó, diretamente pela mão de Cristo. E muitos Padres ensinaram o mesmo: Cirilo de Jerusalém, São João Damasceno, São... muitos dos Santos Padres.

Portanto, quando chegamos a questões como o que deve ser interpretado literalmente no Gênesis, o que deve ser interpretado figurativamente ou alegoricamente, os Santos Padres nos explicaram de forma muito clara. E São João Crisóstomo, em seu comentário, chega a apontar em certas passagens exatamente o que é figurativo e o que é literal. E ele diz que

aqueles que tentam transformar tudo em alegoria estão tentando destruir nossa fé.

São Gregório, o Teólogo — que se destacava por ter interpretações muito elevadas — [diz a respeito] da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal: “Acho que essa é uma forma de dizer ‘Contemplação’”. [18] Portanto, algumas pessoas dizem: “Aha, isso significa que ele não acredita no Paraíso. Ele não acredita que houvesse uma árvore de verdade.” É claro que nos dizem isso: a árvore não é uma árvore real.

Mas, mil anos depois dele, surgiu um grande teólogo ortodoxo, São Gregório Palamas. E ele foi confrontado por Barlaam, o latinizador. E Barlaam disse que a luz incriada não era a verdadeira luz divina, que a luz incriada era alguma luz criada. Ela é chamada de divina apenas simbolicamente. E a isso São Gregório respondeu:

“Acreditamos que, só porque São Gregório, o Teólogo, diz que a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal significa Contemplação, acreditamos que ele quis dizer que não havia nenhuma árvore?” Claro que não; havia uma árvore, e ele acreditava nisso. Da mesma forma, São Máximo, o Confessor, disse que Moisés é um símbolo da contemplação, Elias um símbolo de outra coisa. Isso significa que Moisés e Elias não existem?ccxvi

E, é claro, ao lermos os Santos Padres, precisamos estar cientes tanto do fato de que um Padre comenta sobre o outro, quanto de que não é tão fácil distinguir o que é literal e o que não é literal. É preciso ler muito e compreender todo o contexto em que eles se expressam para entender exatamente como devemos interpretá-los. E, é claro, na maior parte das vezes, as coisas do Livro do Gênesis se situam em dois níveis. Ou seja, há verdades literais, e há também — muitas vezes para nosso benefício espiritual — algum tipo de verdade espiritual. Na verdade, existem sistemas inteiros de três ou quatro níveis de significado, mas [basta] para nós saber que há muitos significados mais profundos nas Escrituras; e muito raramente o significado literal é destruído. Apenas ocasionalmente.

Bem, já basta sobre esse assunto. Podemos caracterizar, em geral, a evolução em seu aspecto filosófico como uma heresia naturalista que, de todas, é a que mais se aproxima de ser o oposto da antiga heresia da pré-existência das almas. Ou seja, que existe um único tipo de natureza da alma que permeia toda a criação; a evolução é a ideia de que existe um

único tipo de ser material que permeia toda a criação. E, da mesma forma, ambas destroem a ideia da hierarquia dos seres e das naturezas distintas de cada um. Isso era uma heresia que, na verdade, não existia nos tempos antigos. Normalmente, a Ortodoxia situa-se no meio-termo entre dois erros: entre a negação da natureza divina de Ário e a negação da natureza humana do monofisismo. E, neste caso específico, a outra heresia não se concretizou nos tempos antigos. E ela esperou pelos tempos modernos para cometer esse erro específico. Mas veremos agora muito mais claramente esse lado filosófico do evolucionismo quando analisarmos alguns dos chamados evolucionistas cristãos.

Pergunta: “Existem estudiosos ortodoxos?”

Pe. S: Ah, receio que sim. Vamos examinar um ou dois agora.

Nos últimos anos, artigos — pequenos artigos, alguns mais longos — em parte da imprensa ortodoxa sobre essa mesma questão da evolução. E, de fato, o jornal da Arquidiocese Grega, *The Orthodox Observer*, publicou vários artigos que são bastante surpreendentes, pois estão muito distantes da Ortodoxia.

Um desses artigos no jornal grego afirma que a evolução não pode realmente ser uma heresia, pois há muitos cristãos que acreditam nela. E cita dois: Lecomte du Nouy e Teilhard de Chardin. Então, vamos analisar por um momento Lecomte du Nouy; supõe-se que ele seja um cristão que acredita na evolução; portanto, ela não pode ser uma heresia.

Ele foi um cientista amplamente conhecido e respeitado, matemático e fisiologista, que escreveu vários livros sobre filosofia científica. Nasceu em Paris em 1883. Escreveu um livro popular chamado *O Destino do Homem*, no qual expõe suas conclusões sobre a evolução. Acontece que ele não é exatamente um cristão, pois acreditava que o homem criou seu próprio Deus, que é, na verdade, “uma ficção formidável”. [19] Ele é muito condescendente em relação ao cristianismo e acredita que o cristianismo tem sido mal compreendido e mal interpretado, mas ainda assim é bom para as massas e é uma ferramenta útil para a evolução contínua do homem no plano moral e ético. Não possui, é claro, nenhuma verdade objetiva e absoluta. Cristo não é Deus, mas é o homem perfeito. Mas a tradição cristã, de alguma forma, ajuda a educar a raça rumo a uma maior evolução. Ele diz que “estamos” agora “no início das transformações que culminarão na raça superior...” [20] “A evolução continua em

nossa época, não mais no plano fisiológico ou anatômico, mas no plano espiritual e moral. Estamos no alvorecer de uma nova fase da evolução.” [21] [ênfase no original]

É claro que já é difícil o suficiente encontrar evidências científicas da evolução; é impossível encontrar evidências da evolução espiritual. Mas ele acredita nisso. Ele diz: “Nossas conclusões são idênticas às expressas no segundo capítulo do Gênesis, desde que esse capítulo seja interpretado de uma nova maneira e considerado como a expressão altamente simbólica de uma verdade que é percebida intuitivamente por seu redator ou pelos sábios que a comunicaram a ele.” [22]

A propósito, os Santos Padres dizem que Moisés ouviu de Deus. E um dos Padres chega a dizer que, do Arcanjo Gabriel, ele recebeu uma revelação a respeito de — na verdade, São João Crisóstomo diz que o livro de Gênesis é uma profecia do passado; ou seja, ele teve uma visão sublime do que era no princípio. E São Isaac o Sírio também diz isso em seu estado de êxtase...

“São Isaac... descreve como, nos homens de mais elevada vida espiritual, a alma pode elevar-se a uma visão do início das coisas. Descrevendo como tal alma fica extasiada ao pensar na era futura da incorruptibilidade, São Isaac escreve: ‘E a partir disso, ele já está exaltado em sua mente para aquilo que precedeu a criação do mundo, quando não havia criatura, nem céu, nem terra, nem anjos, nada daquilo que foi trazido à existência, e para como Deus, unicamente por Sua boa vontade, de repente trouxe tudo do não-ser para o ser, e tudo se apresentava diante Dele em perfeição.’” [23]

...à revelação, à visão, quando um homem santo se encontra em um estado muito, ascende a uma visão de Deus.

O Sr. Lecomte du Nouy continua: “Vamos tentar... analisar o texto sagrado como se fosse uma descrição altamente simbólica e enigmática de verdades científicas.” [24] É, evidentemente, extremamente condescendente que esse pobre Moisés tenha se esforçado ao máximo para obter uma visão científica de como as coisas eram, e tudo o que ele conseguiu for esse tipo de imagem. Esse Lecomte du Nouy explica que: “A onipotência de Deus se manifesta pelo fato de que o homem”, que “descendente dos vermes marinhos, é hoje capaz de conceber a existência futura de um ser superior e de desejar ser seu antepassado. Cristo nos traz a prova de que isso não é um sonho irrealizável, mas um ideal acessível.” [25] Ou seja,

Cristo é uma espécie de super-homem, e esse é, de alguma forma, o ideal para o qual o homem está evoluindo atualmente. Para esse homem, temos um novo critério de bem e mal que é “absoluto em relação ao Homem. O bem é aquilo que contribui para o curso da evolução ascendente... O mal é aquilo que se opõe à evolução... O respeito pela personalidade humana baseia-se no reconhecimento da dignidade do homem como agente da evolução, como colaborador de Deus.” [26] “O único objetivo do homem deve ser a conquista da dignidade humana com todas as suas implicações.” [27]

Se é possível chamar esse homem de cristão, isso é muito surpreendente. Ele prossegue descrevendo o fato de que há homens pensantes em todas as religiões e, portanto, todas as religiões têm uma inspiração única, um parentesco espiritual, uma identidade original. Ele diz: “A unidade das religiões deve ser buscada naquilo que é divino, ou seja, universal no homem.” [28] “Não importa qual seja nossa religião, somos todos como pessoas no fundo de um vale que buscam escalar um pico nevado que se eleva acima dos demais. Todos temos nossos olhos fixos no mesmo objetivo,... Infelizmente, divergimos quanto ao caminho a seguir.... [U]m dia, desde que nunca parem de subir, todos devem se encontrar no topo da montanha... o caminho para lá importa pouco.” [29] É claro que o topo da montanha não é a salvação da alma; não é o reino dos céus; é precisamente essa nova era milenarista.

Bem, esse é um dos chamados “evolucionistas cristãos”. Ele não é muito cristão. Na verdade, é um deísta.

Há um segundo evolucionista cristão. Bem, podemos fazer alguns comentários diversos, extraídos também deste jornal grego. Em outra edição do *The Orthodox Observer*, este jornal grego, jornal oficial da Igreja Ortodoxa Grega, há um padre — na verdade, um padre que mora em São Francisco, que certa vez visitou nossa livraria — o Pe. Anthony Kosturos. Chegaram dois padres que entraram. Um nunca tinha ouvido falar da *Fi-localia* e o outro nunca a tinha lido, mas alguém a havia recomendado a ele como um bom livro. Ele tem uma coluna de perguntas e recebeu uma pergunta: “Se Adão e Eva foram os primeiros seres humanos, de onde o filho deles, Caim, conseguiu sua esposa? Nossa Igreja lança alguma luz sobre essa questão?” O Pe. Kosturos responde: “A origem do homem está muito distante na história para que qualquer pessoa ou grupo saiba

como o homem surgiu.” Para que serve o Gênesis? “A ciência ainda está tateando em busca de respostas. A palavra ‘Adão’ significa ‘terra’. A palavra ‘Eva’ significa ‘vida’. De modo geral, e apenas de modo geral, nossos teólogos tradicionais defendem a visão de que todos nós descendemos de um homem e uma mulher....” Mas “Há outros que acreditam que a humanidade surgiu em grupos, alguns aqui e outros ali.... [A abordagem tradicional da nossa Igreja teoriza que a humanidade emana de um casal... Inserção de Kosturas] Nenhum teólogo tem a resposta definitiva sobre o tema da origem do homem e seu desenvolvimento.... O início da história da humanidade é um mistério.” [30]

E mais adiante, em outra resposta a uma pergunta semelhante, ele diz: “Talvez existam muitos Adãos e Evas que surgiram simultaneamente em diferentes regiões e depois se encontraram. Como o homem foi criado e como ele procriou inicialmente é um mistério. Não deixe que ninguém lhe dizer o contrário. Nossa Igreja lhe dá a oportunidade de refletir sobre os assuntos que você menciona e formular suas próprias especulações a respeito.” [31]

A resposta à pergunta é muito simples: porque Adão e Eva tiveram muitos filhos que não são mencionados no Gênesis. Este é apenas o esboço básico da história. E, quanto à segunda, a pergunta foi respondida em uma coluna diferente no mesmo jornal por um padre diferente. E então fizeram outra pergunta: “Como é que Caim pôde se casar com a própria irmã? Isso não é contra as leis da Igreja Ortodoxa?” É claro que isso se passa no início dos tempos, sob uma lei diferente; eles não viviam sob a lei que temos hoje. Naquela época, as pessoas viviam até os novecentos anos. Obviamente, a humanidade era bem diferente do que conhecemos hoje, até mesmo fisicamente. E se isso é surpreendente — não, não deveria ser surpreendente, pois o mundo estava em seus primórdios naquela época.

Bem, vamos examinar por alguns minutos algumas especulações católicas recentes sobre essa questão, pois elas levantam essas perguntas que já abordamos um pouco, mas você poderá ver que tipo de respostas elas oferecem. Há um teólogo, Karl Rahner, jesuíta, que propõe uma nova teoria, a da “poligênese”, ou seja, que houve muitos Adãos e Evas. Ele faz duas perguntas: “Como a evolução é compatível com a doutrina dos dons sobrenaturais de Adão?” [32] Ele era imortal. E “Será que podemos

pensar seriamente que o primeiro homem a evoluir foi capaz de cometer o primeiro pecado...?” Ele diz: “Os cientistas preferem conceber a hominização”, ou seja, a formação do homem, “como tendo ocorrido em muitos indivíduos — uma ‘população’ — em vez de em um único casal”. Bem, alguns cientistas pensam assim e outros não. Foi no primeiro grupo de homens reconhecíveis, ou seja, o homem original, que ocorreu a primeira transgressão. Ele diz: “A graça poderia ter sido oferecida ao grupo original e, ao ser rejeitada pela escolha livre e, ainda assim, mutuamente influente desse grupo, ter-se perdido para toda a humanidade subsequente.” [33] humanidade.” [33]

Ele diz: “No primeiro [ênfase de Rahner] homem ou grupo tal como a paleontologia nos revela, como poderia ter havido” tal “grau de liberdade suficientemente desenvolvido para ter tornado possível uma escolha tão fatídica como o pecado original? Como podemos tentar reconciliar a situação paradisíaca sobrenatural ou preternatural de Adão (individual ou coletivo) com o que sabemos sobre as origens do mundo biológico, antropológico e cultural?” [34]

E ele responde à sua pergunta dizendo: “Não é fácil determinar com precisão onde e quando uma criatura terrena realmente se tornou espírito e, portanto, livre.... Podemos aceitar serenamente o fato de que o pecado original realmente aconteceu, mas em um momento que não pode ser determinado com mais precisão. Foi ‘em algum momento’ dentro de um período de tempo bastante longo, durante o qual muitos indivíduos já podiam estar existindo e ser capazes de cometer o ato culpado ‘simultaneamente’”, [35] por assim dizer. Em outras palavras, tudo isso se torna muito vago. Obviamente, a próxima geração de pensadores vai acabar com parte dessa ambiguidade.

E assim, há outro livro, de um jesuíta holandês, [Stephanus] Trooster, intitulado “Evolução e a Doutrina do Pecado Original”. E ele parte de forma direta: “Aqueles que levam a sério a doutrina científica da evolução não podem mais aceitar a apresentação tradicional.” Portanto, devemos encontrar “uma interpretação que seja relevante para nossos tempos.” [36]

“Os defensores da doutrina da evolução”, diz ele, “visualizam a humanidade como uma realidade que, ao longo da história, amadureceu apenas muito gradualmente para alcançar um grau de auto-realização. Seu

surgimento inicial deve ser concebido como formas de transição desajeitadas, aparecendo ao lado de níveis extremamente primitivos de existência humana. Tais formas intermediárias primitivas de vida humana ainda devem ter estado intimamente fundidas com seu estado animal pré-histórico... Mas, nessa teoria evolutiva, não há espaço para uma existência ‘paraísica’ desse homem pré-histórico. [ênfase em “Evolucionismo Cristão”] Colocar um homem espiritual extremamente dotado e altamente privilegiado no início da vida humana na Terra parece estar em completa contradição com o pensamento científico moderno sobre esse assunto.” [37] O que, é claro, é verdade.

“A aceitação do ponto de vista moderno, no entanto, elimina a possibilidade de explicar a gênese do mal no mundo com base no pecado cometido pelo primeiro homem. Afinal, como um ser humano tão primitivo poderia ter estado em posição de recusar a oferta de salvação de Deus; como um ser tão primitivo ter sido capaz de violar a aliança com Deus?” [38]

Acontece que ele decide que a Queda do homem não é nada além do que ele chama de “imaturidade cósmica”. Adão, na verdade, não é um homem específico; é o “Homem Comum”. [39] E o livro de Gênesis é “uma imagem idealizada”... [ênf. em “Chr. Ev.”] “de um mundo sem pecado”, embora “o autor” do Gênesis “saiba muito bem que isso não corresponde à realidade”. [40] Ele “não pretende dizer que o estado original de graça de Adão e Eva, em toda a sua pureza tenha sido, em algum momento, uma realidade efetiva na história da humanidade”. [41] É claro que, se você acredita na evolução, não faz sentido falar sobre o Paraíso. E você só está se enganando ao tentar combinar essas duas formas diferentes de pensamento.

Os católicos, no passado, tiveram algumas dificuldades em saber quando o homem surgiu, caso se aceite a evolução. E há teorias diferentes, dependendo do que você pensa — não sei o que é permitido hoje em dia —, mas antigamente não era permitido acreditar que a alma do homem pudesse evoluir a partir da matéria. Era preciso acreditar que o homem recebeu uma alma em um determinado momento. Naquele momento ele se tornou homem e, portanto, não está mais sujeito a todas essas leis da evolução. Obviamente, isso é, você sabe, introduzir novamente um desses “epicíclos” para fazer com que a teoria corresponda às suas próprias

crenças. Ou você acredita na evolução, caso em que o homem é uma criatura muito primitiva que veio dos animais — é uma visão definitiva, e os livros didáticos sobre evolução vão lhe dizer isso, que o homem ainda tem o selvagem dentro de si, e todas as imagens o mostram evoluindo a partir de uma criatura semelhante a um macaco — ou então você acredita que o homem descende de um ser que era maior do que somos agora, que era, na verdade, o homem perfeito à sua própria maneira, não estava sujeito à corrupção — os Santos Padres até nos dizem — não precisava ir ao banheiro, não precisava comer para viver, ele tinha a Árvore da Vida; mas que não era da mesma forma que temos hoje, de viver para comer.

Na verdade, São Serafim dedica uma seção inteira ao estado de Adão, em sua “Conversa com Motovilov”, explicando como ele não estava sujeito a ferimentos ou lesões; em outras palavras, ele era bastante invulnerável aos elementos, não podia se afogar nem nada parecido. É interessante que, mesmo na Idade Média, Tomás de Aquino, eles faziam exatamente perguntas como essa para ele resolver: Qual era a situação, ele ia ao banheiro?, como era possível que ele não pudesse ser ferido? E ele apresenta explicações detalhadas. Em primeiro lugar, ele vai ao banheiro, pois não podemos acreditar que ele fosse feito de um material diferente do nosso. E, em segundo lugar, que ele nunca foi ferido e não podia se afogar, não porque fosse impossível, mas porque Deus providenciou para tirar todas as pedras do caminho, de modo que o riacho nunca ficasse muito cheio. Em outras palavras, Ele organizou o mundo exatamente da maneira correta para que Adão andasse com muito cuidado e nunca se machucasse.

Mas a Ortodoxia acredita, como lemos logo no primeiro capítulo de Abba Doroteu, que ele nos apresenta ali a imagem de Adão, o primeiro homem, para nos dar uma inspiração do que devemos buscar recuperar; ou seja, nossa natureza é imortal. Fomos criados para viver eternamente no corpo; e era assim que as coisas eram no início. E somente após a queda é que perdemos essa natureza e aquele estado abençoado em que Adão contemplava a Deus.

E, segundo a Ortodoxia, o estado do homem no Paraíso é a sua natureza. Nossa natureza agora está alterada; naquela época, éramos imortais. Agora, fomos transformados em seres mortais, ou seja, mortais no corpo.

E os católicos ensinam, ao contrário, que o estado do homem no Paraíso era um estado sobrenatural, que o homem, na verdade, é exatamente

como o conhecemos hoje, mas Deus lhe concedeu um estado especial de graça. E quando ele caiu, simplesmente se afastou dessa graça extra que lhe havia sido concedida. E, portanto, sua natureza não foi alterada. Ele era o mesmo homem, homem mortal, mas recebeu algum tipo de dom extra no início. Mas, segundo a Ortodoxia, nossa própria natureza foi arruinada, foi alterada.

Pe. H: E esse é exatamente o cerne da questão.

Pe. S: Cristo é o novo Adão; e n'Ele somos restaurados à nossa antiga natureza.

Alguns Padres, como São Simeão, o Novo Teólogo, refletiram sobre isso, discutindo a questão de por que, então, não nos tornamos imortais imediatamente quando Cristo morreu e ressuscitou. E ele diz que foi para que não fôssemos forçados, para que não estivéssemos em uma situação (?) como se Ele não tivesse descido da Cruz, de modo que ainda precisamos alcançar nossa própria salvação. E a criação está esperando que alcancemos nossa salvação, quando ela também ressurgirá para o estado em que se encontrava antes da Queda; na verdade, até mesmo para um estado superior.

Tudo isso está repleto de mistérios; está além de nossa compreensão, mas ainda assim sabemos o suficiente sobre isso pelos Santos Padres. Na verdade, São Simeão, o Novo Teólogo, tem uma longa citação sobre o assunto, sobre qual era o estado do homem antes da Queda, e qual era o estado de toda a criação: ele diz que eram incorruptíveis e imortais, assim como o homem. E somente após a Queda as criaturas começaram a morrer. E quando o novo mundo chegar, o céu e a terra, o homem, os mansos herdarão a terra. Ele disse: “Que terra é essa?” É esta terra que você vê bem aqui, só que ela será consumida pelo fogo e restaurada, de modo que todas as criaturas agora serão imortais. E é por isso que toda a criação está se esforçando, é por isso que as criaturas estão ansiando. Quando São Paulo disse que elas estavam sujeitas à vaidade, isso significa que estavam sujeitas à corrupção, por causa da Queda do homem.

Dobzhansky

Vamos examinar mais um evolucionista cristão antes de chegarmos ao grande profeta de nossa época. Este é, infelizmente, um cientista ortodoxo russo. Seu nome é Teodósio Dobzhansky e ele mora em Davis, Califórnia, segundo as últimas notícias que tivemos. Ele leciona genética

lá. Na verdade, acho que ele ainda tem suas moscas-da-fruta e continua realizando experimentos para provar a evolução. Dobzhansky. D-O-B-Z-H-A-N-S- K-Y. Ele nasceu no ano da canonização de São Teodósio de Chernigov, em resposta às orações de seus pais; e foi por isso que recebeu o nome de Teodósio. Infelizmente, ele se tornou um apóstata. Ele veio para os Estados Unidos na década de 1920 e é americano desde então.

E ele foi totalmente proibido na Rússia Soviética, embora os cientistas soviéticos saibam de sua existência. E certa vez, quando um filme foi exibido acidentalmente em um encontro científico na Rússia que o mostrava, todos os cientistas aplaudiram; e o filme foi retirado de exibição porque ele é inexistente, uma “não-pessoa”, por ter deixado a Rússia. Mas ele pensa como um comunista.

Ele é tão religioso que, quando sua esposa faleceu, mandou cremada, pegou as cinzas e as espalhou nas Sierras. Pelo que se pode supor, ele nunca vai à igreja; está bem além da religião. Mas, por suas grandes visões cristãs evolucionistas, ele recebeu um doutorado em teologia da Academia de São Vladimir, em Nova York. E ele proferiu um discurso para, creio que se chama, a Sociedade Teológica Ortodoxa da América. Ela reúne todos os grandes teólogos. Teólogos ortodoxos de todas as jurisdições, exceto a nossa, na América o ouviram proferir sua palestra, que foi publicada na revista ortodoxa chamada *Concern*. E o artigo se chama “Evolução: O Método de Criação de Deus”. Nesse artigo, ele afirma que qualquer pessoa que diga algo contra a evolução é um blasfemo, porque é assim que Deus age e é assim que as coisas são.

Ele diz nesse artigo: “A seleção natural é um processo cego e criativo.... A seleção natural não funciona de acordo com um plano pré-determinado....” [42] Ou seja, onde está a providência de Deus, se você é cristão? Ele destaca a extraordinária variedade de vida na Terra, mas diz: “Que operação sem sentido” seria se Deus tivesse [fosse] “fabricar uma multidão de espécies ex nihilo,” do nada, “e depois deixasse a maioria delas se extinguir!... Qual é o sentido de ter nada menos que dois ou três milhões de espécies vivendo na Terra?...O Criador estava de bom humor” quando fez isso? Ele estava “preparando pegadinhas?” Não, ele argumenta: “Essa diversidade orgânica torna-se, [no entanto], razoável e compreensível se o Criador tiver criado o mundo vivo, não por capricho gratuito mas por meio da seleção natural. É errado considerar a criação e

a evolução como alternativas mutuamente exclusivas.” [43]

Bem, o que ele quer dizer com isso... na verdade, não faz diferença se você acredita em Deus. E ele cria dois ou três milhões de espécies por meio da seleção natural. Não é não é tão absurdo quanto se Ele as criasse todas de uma vez? Não pensa direito... e não há nenhum plano nisso. Ele diz que tudo é apenas cego, um processo cego.

É claro que ele está cheio das habituais ideias cristãs liberais de que o Gênesis é simbólico, de que a consciência do homem é a causa da trágica falta de sentido no mundo de hoje, e que a única saída é o homem perceber que pode cooperar com o projeto da criação desejado por Deus, pois a participação nesse projeto torna o homem mortal parte do. E ele diz: “A tentativa mais corajosa e, de longe, a que mais se aproximou do sucesso tentativa de fazer isso — cooperar com o desígnio eterno de Deus — foi a de Teilhard de Chardin.” [44]

11.5 Teilhard de Chardin e a Evolução Cômica

Então, vamos examinar agora esse último evolucionista, que é o grande profeta evolucionista de nossos tempos. Teilhard de Chardin. Ele faleceu em 1955, com cerca de 70 anos, creio eu.

Aluno: Enterrado no estado de Nova York.

Pe. S: Ele era um paleontólogo que esteve presente na descoberta de muitos, a maioria dos grandes “homens” fósseis do nosso século. Foi ele quem participou, junto com outras duas pessoas, da descoberta do Homem de Piltdown. Ele descobriu o dente, que estava tingido. Não se sabe se ele teve participação nisso. Um desses homens é acusado de ser o responsável pela falsificação do Homem de Piltdown; e tem-se abafado o fato de que Teilhard de Chardin teve qualquer envolvimento nisso. Mas já se sabe, pelos livros anteriores, que ele descobriu o dente.

Ele esteve presente nas novas descobertas do Homem de Java, que, aliás, foram todas trancadas em um armário, em algum lugar da Holanda, e não foi permitido que fossem examinadas novamente. Ele esteve presente em muitas das descobertas do Homem de Pequim, embora não estivesse presente logo no início. E há um grande mistério aí, porque o principal descobridor [desse homem] caiu morto em uma vala certo dia. Ele

[Teilhard] também estava presente quando os fósseis do Homem de Pequim desapareceram pela última vez. E, assim, não temos mais nenhum fóssil do Homem de Pequim, nem foram feitos moldes. Há apenas alguns tipos de desenhos e modelos.

Mas ele é o principal responsável pela interpretação de todas essas descobertas. Como ele mesmo disse: “Não importava aonde eu fosse, eu sempre encontrava exatamente a prova que estava procurando.” [45] E ele reuniu tudo isso como evidência para a prova da evolução humana, que é tão frágil que, bem, nós não vamos entrar nesse assunto agora; mas um escritor disse: “Todas as evidências da evolução humana, todos os crânios, caberiam em um único pequeno caixão.” [46] E simplesmente não sabemos qual é a relação entre essas peças entre si.

Esse homem, Teilhard de Chardin, é notável porque é ao mesmo tempo cientista e místico. E o surpreendente não é tanto o fato de ele ser assim por ser jesuíta, afinal, mas que ele é bastante respeitado tanto por teólogos, teólogos católicos romanos, e, na verdade, por muitos ortodoxos, os chamados “teólogos”, e pelos cientistas. Na verdade, este livro, *O Fenômeno do Homem*, tem uma introdução de Julian Huxley, que é o filho do — filho ou neto —, o filho do Huxley mais velho, T. H. Huxley, e é um ateu convicto, um evolucionista ateu. E ele concorda com Teilhard de Chardin em tudo, exceto quando este insere religião em excesso. Sua tentativa de conciliar o catolicismo e a evolução lhe pareceu um pouco... ele não consegue concordar com tudo o que está lá — mas, basicamente, concorda com a filosofia dele.

Isso nos levará a um território que discutimos um pouco antes. Como vocês devem se lembrar, os primeiros cientistas do Ocidente, no renascimento da ciência moderna — na verdade, no nascimento da ciência moderna na época do Renascimento —, eram todos de orientação mística. Eram imbuídos da filosofia pitagórica. E o próprio Bruno era um panteísta bastante místico: “O mundo inteiro é Deus”, [47] como Deus é a alma do mundo. Mais uma vez, lembramos de Saint-Simon, o profeta socialista, que disse que está chegando o tempo em que não apenas a ordem social será uma instituição religiosa, mas a ciência e a religião também se unirão. E a ciência não será mais a ciência será ateu. Bem, esse é aquele que eles estavam procurando, aquele que une ciência e religião.

Vamos citar mais uma vez o filósofo americano do século XIX, Ralph

Waldo Emerson, que fala sobre exatamente a mesma coisa: a restauração da unidade no homem, já que ele enfrenta uma situação em que a fé do homem se separou do conhecimento por causa do Iluminismo moderno, e como podemos reunir novamente fé e conhecimento. Ele diz isso em seu ensaio “Sobre a Natureza”: “A razão pela qual o mundo carece de unidade e se encontra fragmentado e em ruínas é porque o homem está desunido consigo mesmo. Ele não pode ser um naturalista até que satisfaça todas as exigências do espírito. O amor é uma exigência tão importante quanto a percepção. [De fato, nenhum pode ser perfeito sem o outro. No sentido mais profundo das palavras, o pensamento é devoto, e a devoção é pensamento. Emerson] O profundo clama ao profundo, mas, na vida real, a união não é celebrada. Há homens inocentes que adoram a Deus segundo a tradição de seus pais, mas seu senso de dever ainda não se estendeu a todas as suas faculdades.” Ou seja, eles não são críticos em relação à ciência e à filosofia; não criticam sua própria religião. “E há naturalistas pacientes, mas eles congelam seu objeto de estudo sob a luz gélida do entendimento.” Ou seja, separam-no da religião. “[A oração não é também um estudo da verdade — uma incursão da alma no infinito inexplorado? Nenhum homem jamais orou de coração sem aprender algo.] Mas quando um pensador fiel, resoluto em separar todo objeto das relações pessoais e vê-lo à luz do pensamento, ao mesmo tempo, acender a ciência com o fogo dos afetos mais sagrados, então Deus se manifestará de novo na criação.” [48] Portanto, Teilhard de Chardin é um profeta, pode-se dizer, de alguém que descobre que ciência e religião são mais uma vez compatíveis.

O próprio Dobzhansky resume o que Teilhard de Chardin tentou fazer em seus livros. Teilhard de Chardin descreve os estágios pelos quais passa o desenvolvimento evolutivo. E ele usa termos técnicos; vamos usar apenas alguns deles. Ele diz: “...primeiro, há a cosmogênese, a evolução da natureza inanimada, ou seja, a gênese do cosmos; segundo, a biogênese,” que significa a evolução da vida. E “em terceiro lugar, a noogênese, o desenvolvimento do pensamento humano”. E ele utiliza essas esferas, as palavras, a “biosfera”, que significa a esfera da vida; e há uma “noosfera”, a esfera do pensamento. Ele diz que todo o globo está agora sendo penetrado por uma rede de pensamento que ele chama de “noosfera”. “Até aqui”, diz Dobzhansky, “Teilhard se mantém firme sobre uma base de

fatos demonstráveis. Para completar sua teologia da natureza, ele então se lança em profecias baseadas em sua fé religiosa. [ênfase em “Evolucionismo Cristão”] Ele fala de sua ‘convicção, estritamente indemostrável pela ciência, de que o universo tem uma direção e que poderia — na verdade, se formos fiéis, ele deveria — resultar em algum tipo de perfeição irreversível’”. [49]

Dobzhansky cita com aprovação esta afirmação de Teilhard de Chardin sobre o que é a evolução: “A evolução é uma teoria, um sistema ou uma hipótese? É muito mais — é um postulado geral ao qual todas as teorias, todas as hipóteses, todos os sistemas devem doravante se submeter e que devem satisfazer para serem concebíveis e verdadeiras. A evolução é uma luz que ilumina todos os fatos, uma trajetória que todas as linhas de pensamento devem seguir. Isso é o que é a evolução.” [50]

Ou seja, a evolução torna-se, em seu pensamento — que muitas, muitas pessoas seguem, sejam elas cristãs, ateias ou o que quer que sejam —, uma espécie de nova revelação universal para a humanidade. E tudo, inclusive a religião, deve ser compreendido em termos de evolução.

Resumidamente, o ensinamento de Teilhard de Chardin é este:

“O que inspirou Teilhard de Chardin, e inspira seus seguidores hoje, é uma certa visão unitária da realidade, uma união entre Deus e o mundo, entre o espiritual e o secular, em um único processo harmonioso e abrangente que não só pode ser compreendido pelo intelectual moderno, mas também ser sentido pela alma sensível que está em contato íntimo com o espírito da vida moderna; de fato, o próximo passo do processo pode ser antecipado pelo ‘homem moderno’, e é por isso que Teilhard de Chardin é tão prontamente aceito como um “profeta”, mesmo por pessoas que não acreditam em Deus: ele anuncia, de maneira muito “mística”, o futuro que todo homem pensante hoje (exceto os cristãos ortodoxos conscientes) espera.” [51] Ou seja, toda pessoa que se insere nessa tradição do racionalismo, proveniente da era do Iluminismo e, em última instância, da Idade Média.

“Há dois lados nesse pensamento unitário de Teilhard de Chardin: o lado mundano (pelo qual ele atrai e mantém até mesmo ateus convictos)”, como Julian Huxley, “e o lado espiritual (pelo qual ele atrai ‘cristãos’ e oferece uma religião aos descrentes). As próprias palavras de Teilhard de Chardin não deixam dúvidas de que, antes de tudo, ele estava apaixonado

pelo mundo, pela Terra.

“Ele diz: ‘O mundo, seu valor, sua infalibilidade e sua bondade, que, no fim das contas, é a primeira, a última e a única coisa em que acredito.’” [52]

Mais uma vez, ele diz: “Agora, a Terra certamente pode me envolver em seus braços gigantes. Ela pode me encher de sua vida ou me levar de volta ao seu pó. Ela pode se enfeitar para mim com todos os encantos, com todos os horrores, com todos os mistérios. Ela pode me inebriar com seu perfume de tangibilidade e unidade.” [53] Ele disse: “A salvação não deveria mais ser buscada no ‘abandono do mundo’, mas agora na ‘participação’ ativa na sua construção.” [54]

Ele era contra as antigas formas de espiritualidade cristã; ele desprezava, cito: “Todos aqueles romances melosos sobre os santos e os mártires! Que criança normal iria querer passar a eternidade em companhia tão enfadonha?” [55] Trata-se de um padre jesuíta. “O que está faltando a todos nós, em maior ou menor grau, neste momento, é uma nova definição de santidade.” [56] “O mundo moderno é um mundo em evolução; portanto, os conceitos estáticos da vida espiritual devem ser repensados e os ensinamentos clássicos de Cristo devem ser reinterpretados.” [57]

É claro que isso reflete a derrubada do antigo universo de Newton e, com isso, ele quer colocar o cristianismo na mesma categoria, pois ele também está ligado à maneira clássica e estática de pensar. Agora temos uma nova maneira de pensar; e, portanto, assim como temos uma nova física, devemos também ter um novo cristianismo.

A visão mais poderosa do Padre Teilhard de Chardin é essa ideia de espiritualização do mundo e da atividade mundana. Ele “não estava meramente apaixonado pelo mundo e por todo o ‘progresso moderno’ e desenvolvimento científico; sua marca distintiva era que ele conferia a essas coisas um significado distintamente ‘religioso’.” [58] Como ele mesmo escreve: “Então é realmente verdade, Senhor, que, ao contribuir para a difusão da ciência e da liberdade, posso aumentar a densidade da atmosfera divina em si mesma, bem como para mim, aquela atmosfera na qual é sempre meu único desejo estar imerso? Ao me apegar à terra, capacito-me a me apegar intimamente a Ti...”

“Que as energias do mundo, dominadas por nós, se curvem diante de nós e aceitem o jugo de nosso poder.

“Que a raça humana, tendo alcançado uma consciência mais plena e grande força, se agrupe em organismos ricos e felizes, nos quais a vida será melhor aproveitada e trará um retorno cem vezes maior.” [59]

“Não estou falando metaforicamente”, diz ele, “quando afirmo que é em toda a extensão, largura e profundidade do mundo em movimento que o homem pode alcançar a experiência e a visão de seu deus.” [60] “Já passou o tempo”, diz ele, “em que Deus podia simplesmente impor-se a nós a partir de fora, como senhor e dono da propriedade. Doravante, o mundo se ajoelhará apenas diante do centro orgânico de sua própria evolução.” [61] “O cristianismo e a evolução não são duas visões irreconciliáveis; mas duas perspectivas destinadas a se encaixar e se complementar mutuamente.” [62] “A evolução veio para infundir sangue novo, por assim dizer, nas perspectivas e aspirações do cristianismo.” [63] A Terra, diz ele, “pode me colocar de joelhos na expectativa do que está amadurecendo em seu seio. Ela se tornou para mim, além de si mesma, o corpo daquele que é e daquele que está por vir. [O meio divino.]” [64]

...Teilhard de Chardin quanto ao que estava por trás dele. Devemos ter em mente que ele não é de forma alguma uma espécie de exceção, algo à margem da tradição católica romana. Ele possuía uma piedade extremamente tradicional. Por exemplo, ele era extremamente devoto ao Sagrado Coração de Jesus. E ele tem a seguinte meditação mística a respeito: “Há dois séculos, ó Deus, tua Igreja”, isto é, o catolicismo romano, “começou a sentir o poder particular do teu coração...” Agora estamos nos tornando “conscientes de que o Teu principal propósito ao nos revelar o Teu coração era permitir que nosso amor escapasse das restrições da imagem demasiado estreita, demasiado precisa e limitada que havíamos criado para nós mesmos. O que discerno em Teu peito é simplesmente uma fornalha de fogo; e quanto mais fixo meu olhar em sua ardência, mais me parece que, ao seu redor, os contornos de Teu corpo se dissolvem e se ampliam além de toda medida, até que as únicas características que consigo distinguir em Ti são as do rosto de um mundo que se incendiou em chamas.” [65]

Quem está meditando sobre o “Sagrado Coração” passa, em seguida, a meditar sobre a evolução, que é um desenvolvimento posterior na mesma direção.

Na verdade, não nos aprofundamos nos místicos católicos, mas, sem

dúvida, se os examinássemos, poderíamos encontrar todo tipo de paralelos com o que está acontecendo neste mundo científico e racionalista. Todos eles estão preparando a mesma coisa — o milenarismo.

Para Teilhard de Chardin, a evolução é um processo que está construindo o corpo cósmico de Cristo, no qual todas as coisas estão unidas a Deus. Sua ideia mais marcante, que na verdade é uma espécie de novo desdobramento no pensamento católico, algo semelhante ao desenvolvimento do Sagrado Coração na piedade, é sua ideia da “transsubstanciação da Terra”, sobre a qual escreveu quando estava no deserto chinês, próximo ao Deserto de Gobi, nos anos 20 ou 30. E ele tem um pequeno artigo intitulado “A Missa no Mundo”. Ele celebra a missa nesse deserto. “À medida que nossa humanidade assimila o mundo material, e à medida que a Hóstia”, ou seja, a Hóstia Católica Romana, “assimila nossa humanidade, a transformação eucarística vai além e completa a transsubstanciação do pão no altar. Passo a passo, ela invade irresistivelmente o universo... As Espécies sacramentais são formadas pela totalidade do mundo, e a duração da criação é o tempo necessário para sua consagração.” [66] Nesse processo de evolução, o “Corpo de Cristo” está sendo formado no mundo. Não o Cristo da Ortodoxia, mas o “universal” ou “Super-Cristo”, como ele diz.

O Super-Cristo é definido por Teilhard como a síntese de Cristo e do universo. Esse Cristo “em evolução” trará a unidade de todas as religiões. Como ele diz, citação: “Uma convergência geral das religiões em torno de um Cristo universal que fundamentalmente satisfaz todas elas: isso me parece a única conversão possível do mundo e a única forma pela qual uma religião do futuro pode ser concebida.” [67] Assim, para Teilhard de Chardin, o cristianismo não é a verdade única, mas é, antes, como ele diz, “um filo emergente da evolução”, [68] sujeito a mudanças e transformação como tudo o mais no mundo em evolução.

Assim como os papas recentes, ele não deseja converter o mundo, mas apenas oferecer o papado como uma espécie de centro místico da busca religiosa do homem, um Oráculo de Delfos supradenominacional. Como resume um de seus admiradores: “Se o cristianismo... for de fato a religião do amanhã, há apenas uma maneira pela qual ele pode esperar estar à altura das grandes tendências humanitárias de hoje e assimilá-las; e essa maneira é por meio do eixo, vivo e orgânico, de seu catolicismo centrado

em Roma.” [69]

Ao mesmo tempo em que o universo está evoluindo para o Corpo de Cristo, segundo Teilhard de Chardin, o próprio homem está alcançando o ápice de seu desenvolvimento evolutivo, que é chamado de Super-Humanidade. Ele diz: “Se...as evidências obrigam nossa razão a aceitar que algo maior do que o homem de hoje está em gestação sobre a Terra,... para podermos continuar a adorar como antes, devemos ser capazes de dizer a nós mesmos, ao olharmos para o Filho do Homem, (não ‘Apparuit humanitas’, mas) ‘Apparuit Superhumanitas’”, [70] que a Super-Humanidade apareça. “A humanidade alcançaria um ponto de desenvolvimento em que se desligaria completamente da Terra e se uniria ao Ômega, um fenômeno aparentemente semelhante à morte, talvez, mas na realidade uma simples metamorfose e ascensão à síntese suprema.” [71] Ou seja, esse novo estado que está por vir. Ele o chama de Ponto Ômega, o ponto para o qual toda a criação está agora ascendendo.

“Um dia, diz-nos o Evangelho, a tensão que vem se acumulando gradualmente entre a humanidade e Deus atingirá os limites determinados pelas possibilidades do mundo. E então chegará o fim. Então, a presença de Cristo, que vem silenciosamente se acumulando nas coisas, será repentinamente revelada — como um clarão de luz de polo a polo... Os átomos espirituais do mundo serão levados por uma força gerada pelos poderes de coesão próprios do próprio universo e ocuparão, seja dentro de Cristo ou fora de Cristo (mas sempre sob a influência de Cristo), o [lugar de] felicidade ou dor designado para eles pela estrutura viva do Pleroma”, [72] a plenitude das coisas. “[O] clímax da evolução é identificado... com o Cristo ressuscitado da Parousia.” [73] Todos os homens, acredita Teilhard, devem desejar esse objetivo, pois “é um acúmulo de desejos que deve fazer com que o Pleroma a se derramar sobre nós.” [74] E ele diz: “Cooperar na evolução cósmica total é o único ato deliberado que pode expressar adequadamente nossa devoção a um Cristo evolutivo e universal.” [75] “A única missão do mundo é a incorporação física dos fiéis em Cristo, que é de Deus. Essa grande tarefa é realizada com o rigor e a harmonia de um processo natural de evolução.” [76]

É claro que ele está descartando completamente todas as ideias do cristianismo que existiam até então. O cristianismo não é um indivíduo tentando salvar sua alma; é todo mundo no mundo evoluindo por um

processo natural até o Ponto Ômega.

“Embora assustado por um momento pela evolução”, diz ele, “o cristão agora percebe que o que ela lhe oferece nada mais é do que um meio magnífico de se sentir mais em união com Deus e de se entregar mais a Ele. Em uma Natureza pluralista e estática, o domínio universal de Cristo poderia, estritamente falando, ainda ser considerado como um poder extrínseco e sobreposto.” Mas “Em um mundo espiritualmente convergente, essa energia ‘cristica’ adquire uma urgência e intensidade de uma ordem totalmente diferente.” [77] Ou seja, Cristo não está do lado de fora dizendo: “Obedece-me, vem a mim”; Ele está dentro, impulsionando-nos.

Há mais algumas visões de Teilhard de Chardin que devemos mencionar. Neste panfleto — aqui está uma foto dele [capa da *Cross Currents*], aliás, um pensador muito intenso — que mostra suas visões. Curiosamente, ele busca um estado que nos leve além do beco sem saída do comunismo. Na verdade, os três — ele escreveu isso aparentemente durante a guerra — comunismo, fascismo e democracia, estão todos lutando entre si. Ele diz que devemos ir além disso. “[O] grande desafio para a humanidade moderna”, diz ele, “é abrir caminho forçando a ultrapassagem de algum limiar de maior consciência. Sejam cristãos ou não, os homens que são animados por essa convicção formam uma categoria homogênea —.” [78] “O grande evento que estamos aguardando” é este: “a descoberta de um ato sintético de adoração no qual se aliam e se exaltam mutuamente o desejo apaixonado de conquistar o mundo e o desejo apaixonado de nos unirmos a Deus; o ato vital, especificamente novo, correspondente a uma nova era da Terra —.” [79]

A propósito, dá para ver como o milenarismo é muito forte. A Nova Era surge. “No comunismo, pelo menos em suas origens, a fé em um organismo humano universal atingiu um magnífico estado de exaltação.” [80] Talvez porque isso seja algo que se encaminha para o milênio. “Por outro lado, em sua admiração desequilibrada pelos poderes tangíveis do universo, [o comunismo] excluiu sistematicamente de suas esperanças a possibilidade de uma metamorfose espiritual do universo.” [81] Portanto, se você acrescentar espiritualidade ao comunismo, essa é a resposta.

“Devemos nos unir. Chega de frentes políticas, mas sim uma grande cruzada pelo avanço humano... O democrata, o comunista e o fascista devem descartar os desvios e as limitações de seus sistemas e perseguir ple-

namente as aspirações positivas que inspiram seu entusiasmo; então, de forma natural, o novo espírito romperá os laços exclusivos que ainda o aprisionam; as três correntes se verão fundindo-se na concepção de uma tarefa comum; a saber, promover o futuro espiritual do mundo... [A] função do homem é construir e dirigir o mundo inteiro.” [82]

“... [N]ós acabaremos por perceber que o grande objetivo inconscientemente perseguido pela ciência nada mais é do que a descoberta de Deus.” [83] É assim que o misticismo entra de cabeça no meio da ciência. E, é claro, o que se vê na ciência hoje em dia é a perda total de rumo; ela se tornou indeterminada, é um verdadeiro universo de antimatéria, que confunde tudo. Tudo isso termina no misticismo.

“A única unidade humana verdadeiramente natural e real”, diz ele, “é o Espírito da Terra... Uma paixão conquistadora começa a se manifestar, que varrerá ou transformará o que até agora tem sido a imaturidade da Terra... O chamado para a grande união cuja realização é a única tarefa agora em andamento na natureza...” [84] Ele se refere à unidade universal da humanidade. “O Sentido da Terra é a pressão irresistível que virá no momento certo para uni-los” a todos “em uma paixão comum.” [85]

“A era das nações já passou. A tarefa que temos diante de nós agora, se não quisermos perecer, é livrar-nos de nossos antigos preconceitos e construir a Terra.” [86]

“...[O] grande conflito do qual teremos saído terá apenas consolidado no mundo a necessidade de acreditar. Tendo alcançado um grau mais elevado de autodomínio, o Espírito da Terra sentirá uma necessidade cada vez mais vital de adorar; a partir da evolução universal, Deus surge [ênfase no original] em nossa consciência como maior e mais necessário do que nunca.” [87] Temos uma “necessidade urgente de encontrar uma fé, uma esperança que dê sentido e alma ao imenso organismo que estamos construindo.” [88] Isso, é claro, significa que toda essa revolução moderna precisa; ela se perdeu. Ela descobre que, ao tentar construir um novo paraíso, destrói tudo, e o que é necessário é um sentido religioso para isso. E é isso que ele oferece. Portanto, todas as coisas da vida moderna são boas. Basta acrescentar a elas o seguinte: todas estão caminhando para algum tipo de reino espiritual, um novo reino.

“Ainda não podemos compreender exatamente aonde isso tudo” “nos levará, mas seria absurdo duvidarmos de que nos levará a um fim de va-

lor supremo.” [89] Nisso ele é realmente, ele é um profeta, mas não tem certeza absoluta de para onde tudo isso está indo.

“O princípio gerador de nossa unificação não se encontra, em última instância, na simples contemplação da mesma verdade ou no simples desejo despertado por algo, mas na única atração exercida por esse Mesmo Alguém.” [90] Ou seja, estamos nos esforçando para adorar Alguém.

“Portanto, apesar de todas as aparentes improbabilidades, estamos inevitavelmente nos aproximando de uma nova era na qual o mundo se livrará de suas correntes, para se entregar, finalmente, ao poder de suas afinidades internas.” [91]

“[C]om dois mil anos de experiência mística atrás de nós”, do catolicismo romano, “o contato que podemos estabelecer com o foco pessoal do universo ganhou tanta riqueza explícita quanto o contato que podemos estabelecer, após dois mil anos de ciência, com as esferas naturais do mundo. Considerado como um “filo” do amor, o cristianismo é tão vivo que, neste exato momento, podemos vê-lo passando por uma mutação extraordinária ao elevar-se a uma consciência mais firme de seu valor universal.

“Não estará agora em andamento mais uma metamorfose, a definitiva,...a realização de Deus no coração da Noosfera”, o mundo mental, “a passagem dos círculos”, de todas as esferas, “para seu Centro comum... o surgimento, finalmente, da “Teosfera?” [92] quando o homem e o mundo se tornam Deus.

Isso está muito presente no homem moderno, porque é isso que ele deseja. Todos esses sistemas filosóficos, milenaristas e socialistas têm, como fim, a ideia de que Deus é rejeitado, o cristianismo é rejeitado; o mundo é divino. O mundo é, de alguma forma, o corpo de Deus. E o homem quer ser um deus. E agora ele perdeu Deus, Deus está morto. O Super-Homem quer nascer; e ele é aquele que, sendo ao mesmo tempo um cientista, é um místico. Ou seja, ele está tentando unir, como vimos, esse desejo do Grande Inquisidor, o lado espiritual e o lado científico, a união da religião e da ciência e, é claro, uma nova ordem que será política. E ele é um profeta do Anticristo.

E assim, com isso, o racionalismo moderno em nossa época chega ao fim. A razão acaba, por fim, duvidando ou até mesmo negando a si mesma. A ciência está confusa, não sabe o que é, o que pode saber, o que

não pode saber; em todos os lugares há relativismo. E já vimos esta manha sobre a filosofia do absurdo. E acaba que, ao passar por todas essas experiências de apostasia, o homem não consegue desenvolver nada por si mesmo. Ele tentou de tudo e, cada vez que estava confiante de que finalmente havia encontrado a resposta, derrubava cada vez mais do passado. E sempre tudo o que ele criava era derrubado pela geração seguinte. E agora ele chega, finalmente, a duvidar até mesmo se o mundo existe, se ele próprio existe, se é o que é. Muitas pessoas cometem suicídio. Muitas destroem. E o que resta para o homem? Não resta nada, a não ser esperar por uma nova revelação. E o homem está em tal estado, não tem sistema de valores, não tem religião própria, de modo que não pode deixar de aceitar tudo o que vier como essa nova revelação.

Amanhã daremos uma última olhada nas perspectivas para a nova revelação. E na busca da humanidade por essa nova revelação.

Sobre Teilhard de Chardin, podemos acrescentar que seu livro *O Fênômeno do Homem* foi publicado em 1965 em Moscou. O primeiro livro de um pensador cristão, com exceção do volume de propaganda do “decano vermelho de Canterbury” [Hewlett Johnson], a ser publicado na URSS. Após essa publicação, o padre John Meyendorff, da Metrópole Americana, escreveu as seguintes palavras:

“A compreensão cristocêntrica do homem e do mundo, que, segundo Teilhard de Chardin, se encontram em constante mudança e caminham em direção ao ‘Ponto Ômega’, ou seja, o ponto mais elevado do ser e da evolução, identificado pelo autor com o próprio Deus, conecta Teilhard à profunda intuição dos Padres Ortodoxos da Igreja.” [93]

E Nikida Struve escreve: “Deve-se observar que a principal característica do teilhardismo não é, de forma alguma, a aceitação da evolução — isso já não é novidade há muito tempo entre teólogos e filósofos religiosos. A essência do ensinamento do pensador francês é uma nova abordagem ao problema do mundo e da criação.” Teilhard de Chardin “apenas expõe, em linguagem contemporânea, o ensinamento do apóstolo Paulo sobre a natureza, que não está excluída do plano da Salvação.” [94]

Pe. H: Um verdadeiro estudioso ortodoxo.

Pe. S: E ele chega a dizer, a respeito dessa “Missão sobre o Mundo”, em que a Terra está evoluindo para se tornar Deus, que “na ‘Missão sobre o Mundo’”, as experiências de Teilhard “eram para ele algo como uma litur-

gia cósmica, que se realiza invisivelmente no mundo. Aqui está o cerne da proclamação teilhardiana que nos devolve a compreensão esquecida e imemorialmente cristã do universo e da Encarnação Divina. Foi precisamente isso que iluminou para Teilhard de Chardin o significado da evolução como o movimento de todo o cosmos em direção ao Reino de Deus e lhe permitiu superar a abordagem negativa do mundo, que está profundamente enraizada entre os cristãos.” [95]

Pe. H: Agora vemos quem são nossos inimigos. A Metrópolia, o primeiro inimigo.

Pe. S: E há um artigo inteiro no jornal de Paris, o Paris, como se chama mesmo? *Vestnik ccxciv*, escrito por um teólogo ortodoxo polonês [Pe. George Klinger], no qual ele considera Teilhard de Chardin um Padre da Igreja, na tradição dos “grandes Padres Ortodoxos”, que são Montano, Joaquim de Flores, etc....

[O Pe. Seraphim cita o Pe. Klinger na p. 21 de “Evolucionismo Cristão”:]

“O Pe. Teilhard fala muito sobre o papel cósmico de Cristo, do Meio Divino, e muito pouco sobre a Igreja. Nesse caso também ele ‘converge’ com tendências afins às suas na teologia ortodoxa ... No Pe. Teilhard, a Igreja é identificada com a ação de Cristo no cosmos.”[96] “Segundo o Pe. Teilhard, por meio da comunhão dos Santos Mistérios, o mundo, ao ser santificado, torna-se o Corpo de Cristo.... Essas reflexões são possivelmente as mais profundas que foram feitas nos últimos anos sobre a questão do sacramento central do cristianismo.”[97]

“Argumentos contra a evolução

0. A alma não pode ter evoluído (palavras, etc.)

1. Paraíso — não se encaixa na evolução.

2. Dois tipos diferentes de mundo — antes e depois da Queda (2/3: Adão com 900 anos)

3. Um Adão versus muitos Adãos.

4. A Terra e a vegetação antes do sol.

5. A costela de Adão.

6. Anos — milhares versus milhões: Batrichie é real ou não?

7. Escrituras — reais ou alegóricas

Referências

- [1] — Cf. São Basílio, *Hexaemeron*, 1:2, pp. 6-7: “Pois, se ele já havia aceitado de Deus o que deveria dizer a respeito da libertação do povo, quanto mais vocês deveriam aceitar o que Ele deveria dizer a respeito do céu?” Cf. também São Basílio, *Seis Dias*, V, 9, p. 166.
- [2] — Storer, Tracy I., *General Zoology*, McGraw-Hill Book Company, Inc., 1951, p. 216.
- [3] — *General Zoology*, p. 220.
- [4] — Darwin, Charles, *A Origem das Espécies... e a Descendência do Homem*, Modern Library, Random House, Nova York, p. 234: “Por que, então, nem toda formação geológica e nem todo estrato estão repletos desses elos intermediários? A geologia certamente não revela nenhuma cadeia orgânica tão finamente graduada; e essa, talvez, seja a objeção mais óbvia e séria que se pode levantar contra a teoria. A explicação reside, creio eu, na extrema imperfeição do registro geológico.”
- [5] — Randall, p. 475.
- [6] — O padre S. repete a citação do início da palestra: Randall, p. 475.
- [7] — Randall, p. 475-6.
- [8] — Randall, p. 478.
- [9] — *Orthodox Observer*, 8 de agosto de 1973.
- [10] — *Sobre a Alma e a Ressurreição*, p. 454.
- [11] — São Basílio, *Hexaemeron*, V, 10, p. 82.
- [12] — São Basílio, *Hexaemeron*, V, 5-6, p. 74.
- [13] — *Hexaemeron*, IX, 2, p. 137.
- [14] — Cf. Fé Ortodoxa, II, p. 235.
- [15] — São Gregório de Nissa, *Sobre a Criação do Homem*, caps. 28, 29, pp. 419-421.
- [16] — *Ibid.*
- [17] — Cf. São Atanásio, o Grande, *Os Padres Nicenos e Pós-Nicenos*, Segunda Série, Vol. IV: Atanásio, “Quatro Discursos Contra os Arianos, Discurso II”, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, Michi-

gan, 1980, p. 375: “Pois, embora apenas Adão tenha sido formado do pó da terra, nele estava envolvida a sucessão de toda a raça humana.”

[18] — São Gregório, o Teólogo, Segunda Oração sobre a Páscoa, VIII, p. 425.

[19] — du Nouy, Lecomte, *Human Destiny*, Longmans, Green & Co., Nova York, 1947, p. 167.

[20] — Ibid., p. 177.

[21] — Ibid., p. 104.

[22] — Ibid., p. 112.

[23] — São Isaac, o Sírio, Homílias Ascéticas, Homília 21, em russo, segunda edição, Sergiev Posad, 1893; nova edição em inglês: Boston, Massachusetts: Mosteiro da Santa Transfiguração, 1984. Citado em “The Patristic Understanding of Genesis”, *The Orthodox Word*, n.º 154, vol. 26:5, p. 296.

[24] — du Nouy, p. 113.

[25] — Ibid., p. 197.

[26] — Ibid., p. 133.

[27] — Ibid., p. 244.

[28] — Ibid., p. 175.

[29] — Ibid., p. 180.

[30] — *The Orthodox Observer*, 6 de fevereiro de 1974.

[31] — *The Orthodox Observer*, 20 de fevereiro de 1974.

[32] — Resumido em *Theology Digest*, “Original Sin, Polygenism, and Freedom”, primavera de 1973.

[33] — Ibid.

[34] — Ibid.

[35] — Ibid.

[36] — Trooster, Stephanus, *Evolution and the Doctrine of Original Sin*, pp. 2, 3.

[37] — O padre Seraphim está citando um manuscrito inédito, “Evolucionismo cristão”.

[38] — Trooster, p. 18.

[39] — Trooster, p. 44.

[40] — Trooster, pp. 54-55.

[41] — Trooster, p. 132.

[42] — Concern, “Evolução: O Método de Criação de Deus”, primavera de 1973.

[43] — Concern, primavera de 1973.

[44] — St. Vladimir’s Theological Quarterly, vol. 17, 1973, p. 100.

[45] — Fonte disso? Citação de manuscrito não publicado (possivelmente o artigo do Ir. Gleb?), sem autor, data no título, contracapa azul, capa transparente, p. 2: “Nas palavras de Chardin: ‘Tive a sorte, incommum em uma carreira científica, de estar por acaso no local quando.....descobertas fundamentais na história dos homens fósseis vieram à tona!’ Às vezes fico perturbado quando penso na sucessão ininterrupta de tais golpes de sorte que marcam minha vida.”

[46] — Howell, F. Clark (autor de *Early Man*), *New Scientist*, 25 de março de 1965, p. 798: “Uma das principais dificuldades é que crânios fósseis humanos realmente significativos são excepcionalmente raros: tudo o que foi encontrado até hoje caberia em um grande caixão. Todo o restante deve ser atribuído a outra coisa.”

[47] — Cf. Bruno citado em Randall, p. 243: “Deus deve ser a única vida e alma deste universo infinito; ‘A Natureza é Deus nas coisas’. O poder, a vida que anima o todo deve ser aquilo que vive em cada uma das partes. E assim Bruno passou do platonismo para um panteísmo místico, sentindo o pulso de Deus em cada força natural, vendo e adorando sua glória na vasta profusão daquele universo que não pode ser senão seu corpo.”

[48] — Emerson, Ralph Waldo, *The Selected Writings of Ralph Waldo Emerson*, Atkinson, Brooks, ed., The Modern Library, Nova York, Random House, 1968, 1992, p. 38.

[49] — St. Vladimir’s Theological Quarterly, vol. 17, 1973, p. 100.

[50] — *Concern*, primavera de 1973. ccxlix. Rose, Pe. Seraphim e Young, Pe. Alexey, “Christian Evolutionism”, 1975, manuscrito não publicado, p. 13A.

[51] — Rose, Pe. Seraphim e Young, Pe. Alexey, “Christian Evolutionism”, 1975, manuscrito não publicado, p. 13A.

[52] — de Chardin, Teilhard, *How I Believe*, p. 11; também *Christianity and Evolution*, Harcourt Brace Jovanovich, Inc., Nova York, A Harvest Book, 1969, p. 99.

[53] — de Chardin, *The Divine Milieu*, Harper & Row, Publishers, Nova York, 1960, pp. 154-155.

[54] — Leroy, Pierre S.J., Teilhard de Chardin: O Homem, p. 22; Cf. de Chardin, O Meio Divino, Harper & Row, Publishers, Nova York, 1960, pp. 60-61: “Todo homem, ao longo de sua vida... deve construir... uma obra, um opus, no qual se incorpore algo de todos os elementos da terra. Ele constrói sua própria alma, ao longo de todo o seu dia terreno; e, ao mesmo tempo, colabora em outra obra, em outro opus, que transcende infinitamente... a perspectiva de sua realização individual: a consumação do mundo. Pois, ao apresentar a doutrina cristã da salvação, não se deve esquecer que o mundo, tomado como um todo, ou seja, na medida em que consiste em uma hierarquia de almas — que surgem apenas sucessivamente, se desenvolvem apenas coletivamente e só serão completadas em união —, o mundo também passa por uma espécie de vasta ‘ontogênese’....na qual o desenvolvimento de cada alma... não passa de uma harmônica reduzida.”

[55] — Citado em Speaight, Robert, Teilhard de Chardin: A Biography, Collins, Londres, 1967, p. 27.

[56] — de Chardin, Teilhard, Human Energy, Collins, Londres, 1969, p. 110.

[57] — Masterpieces of Catholic Literature, Frank Magill, ed., 1964, p. 1054. cclvi. “Evolucionismo Cristão”, p. 14.

[58] — “Evolucionismo Cristão”, p. 14.

[59] — de Chardin, O Meio Místico, Escritos em Tempo de Guerra, p. 138-9; também Hino do Universo, Harper & Row, Nova York, 1965, p. 115.

[60] — de Chardin, O Meio Divino, Wm. Collins Sons & Co., Londres, e Harper & Row, Nova York, 1960, p. 36.

[61] — de Chardin, *Human Energy*, p. 110.

[62] — Citado em de Lubac, Henri, *Teilhard Explained*, Paulist Press, Nova York, 1968, p. 61.

[63] — de Chardin, Teilhard, *The Phenomenon of Man*, Harper & Row, Publishers, Nova York, 1959, p. 297.

[64] — de Chardin, *O Meio Divino*, Harper & Row, Nova York, 1965, p. 155.

[65] — de Chardin, Hino do Universo, Harper & Row, Nova York, 1961, p. 34.

- [66] — de Chardin, *O Meio Divino*, Harper & Row, Editores, Nova York, 1960, pp. 125-126.
- [67] — de Chardin, *Cristianismo e Evolução*, Harcourt Brace Jovanovich, Inc., Nova York, A Harvest Book, 1969, p. 130.
- [68] — Obras-primas da Literatura Católica, p. 1021; Cf. *O Meio Divino*, p. 15: “O cristianismo nada mais é do que um ‘filum do amor’ dentro da natureza”. Cf. também de Chardin, *Deixe-me Explicar*, Harper & Row, Publishers, São Francisco, 1966, p. 104.
- [69] — Corbishley, Thomas, *A Espiritualidade de Teilhard de Chardin*, Paulist Press, Nova York, 1971, p. 100; Cf. de Chardin, *Teilhard, Christianity and Evolution*, Harcourt Brace Jovanovich, Inc., A Harvest Book, Nova York, 1969, p. 168: “Tudo indica que, se o cristianismo está de fato destinado a ser, como professa e como tem consciência de ser, a religião do amanhã, é somente por meio do eixo vivo e orgânico de seu catolicismo romano que ele pode esperar estar à altura das grandes correntes humanistas modernas e se unir a elas.”
- [70] — de Chardin, *Teilhard, Ciência e Cristo*, p. 164.
- [71] — Speaight, p. 266.
- [72] — de Chardin, *O Meio Divino*, Harper & Row, Publishers, Nova York, 1960, pp. 150-151.
- [73] — Speaight, p. 337.
- [74] — *O Meio Divino*, p. 151.
- [75] — *Science and Christ*, p. 169.
- [76] — *La Vie Cosmique*, citado pelo editor na p. 304 de *The Future of Man*.
- [77] — de Chardin, *The Phenomenon of Man*, Harper & Row, Publishers, 1955, p. 297.
- [78] — de Chardin, *Teilhard, Building the Earth*, Dimension Books, Inc, Wilkes-Barre, PA, 1965, pp. 119-120.
- [79] — *Ibid.*, pp. 124-125.
- [80] — *Ibid.*, p. 27.
- [81] — *Ibid.*, p. 28.
- [82] — *Ibid.*, pp. 34-35.
- [83] — *Ibid.*, p. 38.
- [84] — *Ibid.*, pp. 43-45.
- [85] — *Ibid.*, p. 52.

- [86] — Ibid., p. 54.
- [87] — Ibid., p. 59.
- [88] — Ibid., p. 60.
- [89] — Ibid., p. 67.
- [90] — Ibid., p. 111.
- [91] — Ibid., p. 97.
- [92] — Ibid., pp. 98-99.
- [93] — Mensageiro do Movimento Estudantil Cristão Russo, Paris, n.º 95-96, 1970, p. 32.
- [94] — Mensageiro do Movimento Estudantil Cristão Russo, Paris, n.º 106, 1972, pp. 110-111.
- [95] — Ibid.
- [96] — Messenger, n.º 106, p. 128.
- [97] — Messenger, n.º 106, pp. 124-5.ccxvii. Sedlmayr, Hans, *Art in Crisis*, Henry Regnery Co., 1958, Chicago, p. 111.

Aula 12

A Arte Moderna e o Espiritualismo

Arte Moderna e Espiritualismo

12.1 A Crise da Arte Moderna

A. Agora, vamos concluir apresentando alguns outros sintomas da Revolução e do milenarismo, que é o tema central da era moderna. Alguns alemães tiveram uma visão profunda desse assunto.

B. Arte: declínio do humanismo para o subhumanismo

Este escritor, Hans Sedlmayr, fala sobre a história da arte moderna, especialmente dos últimos dois séculos, como tendo introduzido na arte ocidental e na cultura ocidental fenômenos inteiramente novos, cujo significado ele interpretará mais adiante. Ele discute, em primeiro lugar, o fato de que, no século XIX, não havia um estilo dominante, mas novos estilos pareciam surgir a cada década ou duas. E a falta de um estilo ele atribui ao fato de não haver uma crença comum subjacente à sociedade. Não há não há um único tema ao qual a arte se dedique, como acontecia na Idade Média com as catedrais.

Em seguida, ele aborda a arquitetura. E descobrimos que, justamente na época da Revolução Francesa, pouco antes, havia esse arquiteto Le-Doux, que concebeu o projeto de um edifício perfeitamente esférico, não apenas como monumento, mas também como residência para um xerife;

e [conferiu a] algo completamente comum como isso essa forma extraordinária. E, mais tarde, isso desaparece porque é praticamente impossível, e então [essa ideia] volta novamente pouco antes e durante a Revolução Russa no século XX século. E ali a ideia é superar a sensação de estar preso à terra. Essa também é uma ideia milenarista.

A arquitetura também se torna instável e não se vê mais aquele tipo de edifício ordenado surgindo da terra, elevando-se ao céu; em vez disso, ela fica meio desequilibrada, como se fosse cair.

E, finalmente, há a ideia da construção como uma máquina. Uma casa é uma máquina para se morar, uma cadeira é uma máquina para se sentar. Isso ocorre no século XX. E temos esta citação de Le Corbusier, um dos supostos grandes arquitetos de nossa época, que chegou a construir um convento com base nesses princípios, uma coisa de aparência assustadora. Ele diz: “O coração de nossas cidades antigas, com suas torres e catedrais, deve ser reduzido a pedaços e substituído por arranha-céus.” [1] E é exatamente esse mundo em que vivemos cidades. E não são apenas a filosofia revolucionária e os sistemas políticos revolucionários que nos afetam, mas também a arquitetura e a arte revolucionárias.

Em segundo lugar, ele fala sobre o torso, que, pela primeira vez, em meados do século XIX, na escultura de Rodin — aliás, muitas das esculturas dele estão em São Francisco, na Legião de Honra — a ideia do torso foi transformada em realidade. Antes disso, era apenas uma espécie de esboço. Mas agora o fragmento completo, algo totalmente fragmentário, torna-se uma obra de arte. Isso mostra que o propósito superior da arte foi totalmente perdido.

12.2 Goya e o Sonho da Razão

E agora chegamos à esfera muito marcante da pintura. E ele discute Goya, que viveu exatamente nessa época, contemporâneo de Napoleão, no final do século XVIII e início do século XIX. E sobre ele ele diz o seguinte: “Quanto mais estudamos a arte de Goya, mais mais intensa se torna nossa convicção de que”, assim como “Kant na filosofia e LeDoux na arquitetura, ele é uma das grandes forças pulverizadoras e destrutivas que dão origem a uma nova era . Na arte de Goya, certas características vêm à

tona; são sintomas do que se tornou as tendências decisivas tendências da pintura moderna, mas há mais nele do que isso. Embora fosse pintor da corte e trabalhasse oficialmente para a corte, da mesma forma que Le-Doux ainda trabalhava para o [ancien régime]” antigo regime “e dedicava suas grandes obras arquitetônicas a dois monarcas, Goya, no entanto, é a personificação do novo tipo de artista ‘exposto’, no sentido [descrito acima].” que discutimos. “O novo elemento em sua arte não tem conexão com a esfera pública, mas deriva de um domínio completamente subjetivo da experiência, do sonho.

“Pela primeira vez, um artista, sem se refugiar nem no disfarce nem no pretexto, dá forma visível ao irracional. As duas séries” dele, chamadas “Sueños” (“Sonhos”) e “Disparates” (“Loucuras”), são as verdadeiras chaves não apenas para sua própria obra, mas para o que há de mais essencial na arte moderna. E “Disparates” são também os afrescos com os quais ele decorou as paredes de sua casa de campo, além de não poucas de suas pinturas.

“Aqui, pela primeira vez, um artista concebeu algo digno de ser colocado na tela, que deriva diretamente das profundezas do mundo dos sonhos e do irracional. Nada poderia ser, certamente, mais equivocado do que supor que essas séries tenham sido criadas para melhorar ou instruir o mundo, ou para denunciar algum político. O poder elementar dessas visões jamais seria compreendido em termos de uma explicação tão inócua e idealista ...» [2]

“Antigamente, o Inferno era uma província claramente definida do mundo além-túmulo. Todos os produtos hediondos da imaginação pelos quais a mente humana pudesse ser atormentada eram banidos para imagens daquele esse lugar e, assim, objetivados. A irrupção do Inferno neste mundo era algo real e externo, e era assim que o pintor o retratava em quadros da tentação dos santos e daqueles seres humanos desumanizados que zombavam e atormentavam Nosso Senhor.

“No outro caso, porém, aquele que temos diante de nós, esse mundo do monstruoso havia se tornado parte do mundo interior do homem. Ele existe dentro do próprio homem, e isso nos leva a uma nova concepção do homem, na medida em que o próprio homem se torna demoníaco. Não se trata apenas de sua aparência exterior, mas sim de que o próprio homem e todo o seu mundo foram entregues a um império demoníaco. O

homem está na defensiva. É o Inferno que detém o poder esmagador, e as forças que o homem pode mobilizar contra ele são fracas e desesperadas.

“Nas visões dos [‘Sueños’]”, seus sonhos e os chamados chamados provérbios, “[e ‘Proverbios’] vemos toda desfiguração pela qual o homem pode se tornar hediondo e toda tentação pela qual sua dignidade pode ser atacada; vemos demônios em forma humana e, ao lado deles, criaturas enfeitadas de todos os tipos, monstruosidades, fantasmas, bruxas, gigantes, feras, leme vampiros. Cronos devorando seus filhos parece um pesadelo personificado enquanto se agacha, um gigante nu à beira de um mundo oprimido; e, no entanto, esse Pandemônio de espíritos impuros possui uma espécie de vitalidade furiosa. Estas não são criaturas da fantasia artística — são realidades sangrentas que foram pessoalmente vivenciadas.” [3]

“A data dos [‘Sueños’]” “Sonhos”, da qual várias destas obras são exemplos, essa série de pinturas, “é 1792, quando a Revolução Francesa havia atingido seu clímax. Foi nessa mesma época também que Goya teve uma doença grave, cuja natureza não conhecemos. Essas são as décadas em que muitos artistas parecem ter sido possuídos por forças demoníacas. O escultor Messerschmidt retrata repetidamente seu próprio rosto como uma máscara hedionda e caricata, enquanto a arte gélida de Füssli” na Alemanha “apresenta indícios de alucinação inconfundível. Essa é a época em que Flaxman viu o rosto diabólico que, por alguma razão insondável, ele chamou de “O Fantasma da Pulga”. É também a época de Mesmer [(1733-1815)], a época em que o ocultismo estava na moda. Era como se uma porta tivesse se aberto no homem, uma porta que conduzia ao mundo do sub-humano — o mundo que ameaça com a loucura aqueles que o viram demais.” [4]

Há um segundo artista sobre o qual ele fala, que é exatamente o contrário, mas que também revela algo muito semelhante. Um pintor chamado Friedrich, um pintor alemão dessa época. Em sua pintura, “O calor humano desapareceu da relação do homem com as coisas criadas. A lua, ela própria um cadáver, refletindo friamente a luz do sol que se pôs, envolvendo o mundo em um sudário, é o principal símbolo desse novo sentimento que o homem nutre em relação a elas. O homem sente-se abandonado por Deus. Ele está tão sozinho no universo e tão desligado dele quanto o crucifixo no quadro de Friedrich, erguido no vasto silêncio

impessoal das montanhas.” [5]

O terceiro aspecto que ele aborda nesta época, o que é muito sintomático, é a caricatura. A respeito disso, ele diz: “A caricatura não era ‘totalmente’ desconhecida em épocas anteriores...” mas “Foi somente a partir do final do século XVIII que, começando na Inglaterra, a caricatura se difundiu e passou a ser reconhecida como um ramo de arte claramente definido; só no século XIX é que, na obra de Daumier”, o artista francês, “pôde se tornar o principal campo de atividade de um artista de primeira linha. Não é, portanto, o surgimento da caricatura em si que constitui o evento histórico decisivo; mas sua elevação ao patente de uma arte respeitada e significativa.

“Após 1830, surgiu o periódico *La Caricature*, uma publicação com clara intenção política. Uma ‘Noite de Walpurgis’, como Paul Valéry a chama, ‘um pandemônio, uma comédia satânica, depravada a ponto de chegar à libertinagem. Ora pura palhaçada, ora ávida de sangue.’ Essas palavras nos dão uma visão da paternidade espiritual da caricatura; sua essência é uma distorção do humano, embora ocasionalmente vá além, às vezes investindo a natureza humana com os atributos do Inferno, pois está na natureza do inferno criar imagens pelas quais nossa natureza humana é insultada e desmentida. Essa distorção pode ser das mais variadas formas. O homem, por exemplo, pode ser distorcido em uma máscara, e é significativo que o trabalho de Daumier como caricaturista tenha começado justamente com isso...

“Em geral, porém, há dois métodos que esse processo de distorção emprega —... um negativo, o outro positivo. O método negativo retira do homem sua dignidade e sua forma; ele o mostra como feio, deforme, miserável e ridículo. O homem, a coroa da criação, é rebaixado e destornado — mas, apesar de tudo isso, ele” ainda “mantém sua humanidade”. [6]

Mas “o método positivo de distorção transforma o homem em uma criatura totalmente diferente e subumana. Ao fazer isso, recorre aos mesmos recursos que sempre foram usados pelos retratistas do Inferno na arte ocidental. As feições do homem tornam-se uma careta, ele é transformado em uma monstruosidade, uma aberração, um animal, uma fera, um esqueleto, uma aparição, um ídolo, uma boneca, um saco ou um autômato. Ele parece feio, algo que desperta desconfiança, uma criatura

informe, um objeto grotesco e obsceno. Suas ações assumem o caráter do absurdo, do ridículo, do insincero, do cômico, do brutal e do demoníaco.” [7]

“O impulso principal por trás [disso]” é “a dúvida ou o desespero em relação ao homem como tal, uma negação da bondade ou da beleza da natureza humana. A forma convencional da caricatura é meramente um pretexto sob o qual essa visão do homem pode ser livremente desdobrada.

“No caso de Daumier, [é claro] — e isso o distingue das caricaturas muito mais cruéis e cínicas do início do século XX — sua falta de confiança no homem é superada pelo reconhecimento de sua grandeza. Daumier via a grandeza do homem como quase nenhum outro artista do século XIX. Grandeza e absurdo se fundem nele e, assim, dão origem ao tragicômico.

“Quando se chegou ao início do século XX, no entanto, esse equilíbrio salvador estava prestes a desaparecer. Haveria um novo e supremo florescimento do tipo impiedoso de caricatura, que, no fundo, desesperava-se totalmente do homem, mas agora a imagem distorcida do homem, que havia começado com poder inelutável a tomar posse da mente do artista, passaria a se revelar sem disfarces nos tipos humanos produzidos pela arte da época, tipos que parecem às pessoas simples como as mais terríveis das caricaturas e que, de fato, provêm das mesmas cavernas sombrias da alma que a própria caricatura.” [8]

E antes disso, no século XVIII, ainda havia uma ideia comum e normal do homem — você pintava retratos, ou seja, alguém lhe pagava, a nobreza lhe pagava, você pinta os retratos deles, há uma função para isso, mesmo que não seja religiosa, não seja particularmente profunda. Ainda é arte, tem um lugar definido, uma função, e dá para reconhecer o ser humano; e muitas vezes muito bem feita. Há uma sensação de tridimensionalidade. Esse tipo de arte é perfeito à sua maneira. E agora tudo isso está se dissolvendo em isso: o torso, o demoníaco que se insere, a caricatura ou então uma frieza glacial. Tudo isso está destruindo a própria ideia da pintura como alguma coisa relacionada aos seres humanos.

Agora ele discute brevemente a arte de Cézanne e a pintura moderna. “A arte de Cézanne[, então,] é um caso limítrofe. É uma espécie de crista estreita entre o impressionismo e o expressionismo e, em sua quietude antinatural, prepara a erupção do extra-humano. [Ênfase no original]

“Isso leva a que o homem — mais uma vez, contrariamente a toda experiência natural — seja colocado no mesmo nível que todas as outras coisas. Logo após Cézanne, Seurat passaria a representar o homem como se ele fosse um boneco de madeira, um manequim ou autômato; e, mais tarde ainda, com Matisse, a forma humana passaria a não ter mais significado do que um padrão em papel de parede, enquanto que, para os cubistas, o homem seria degradado ao nível de um modelo de engenharia.” [9]

[A pintura] de Cézanne era “pura pintura” — ou seja, primeiro vieram os impressionistas e, de certa forma, dissolveram as coisas no que é, no momento — não havia mais nenhuma ideia de como as coisas deveriam ser ou uma ideia mais profunda por trás disso — apenas a maneira como as coisas aparecem. Se os cavalos estão galopando, [é] com, como você pode ver, todos os vinte patas diferentes, em vez de apenas quatro. E eles querem apresentar, apenas capturar o momento. São influenciados pela fotografia, por toda essa ideia de reduzir a arte apenas a esse momento. E eles eram obras muito encantadoras, algumas delas. Mas já dá para perceber que a realidade está se dissolvendo nelas. E Cézanne disse que queria pegar o impressionismo e transformá-lo em uma arte clássica. E por isso ele o pegou e, de certa forma, o congelou; na verdade, esse homem chega até diz que sua arte é o tipo de coisa que você vê quando está apenas abrindo os olhos de relance e ainda meio adormecido. E isso não é arte, é apenas algo momentâneo que é muito perigoso (por parte da pessoa?) para a arte clássica. E aqui você pode ver a paisagem dele, que, bem, não é mais exatamente uma paisagem; ainda dá para ver que é paisagem, mas agora está muito estranha, ficou meio que geométrica; ele disse que sua ideia era transformá-la em algo geométrico.

[O]s cubistas simplesmente tentaram pegar a realidade e dividi-la em pedaços, pegando as partes separadas. Em vez de ter um rosto, um rosto inteiro, você pega o rosto e separa o olho aqui, a bochecha, a boca e assim por diante, e meio que cola tudo de volta no lugar. E fica extremamente estranho, como se você estivesse separando a realidade em pedaços e depois a remontasse apenas parcialmente.

A arte se divide, na verdade, em duas categorias: uma é a arte muito racionalista, que desmonta as coisas em pedaços e mal as remonta, e a outra é muito expressionista: alguém tem uma ideia e distorce como um

louco para transmitir sua ideia. E acaba que ele simplesmente fica em pé na frente da tela, como esse Jackson Pollock, diante de uma tela de vinte pés tela. Ele se inspira, joga tinta e ganha US\$ 10.000 por isso. E, às vezes, é muito... você pode, olhe, há um padrão definido. Ele tem algum tipo de inspiração, porque o mundo tem ordem. E uma pessoa que realmente se interessa por arte, talvez consiga dar algum tipo de padrão a ela.

Conheço um pintor religioso; na verdade, acho que ele é um pintor famoso agora. Estudei na faculdade com ele, Sombach (?). Ele disse que queria pintar temas religiosos e que, para pintar, olhava para o crucifixo, tinha a ideia e então (faz um som de quebra) jogava coisas nele. O resultado é uma espécie de distorção medonha de Cristo na cruz.

“É nesse ponto que o comportamento desses pintores supostamente ‘puros’ beira o patológico. Eles começam a sofrer daquela condição doentia cuja essência é a incapacidade da mente de se projetar na mente dos outros ou no mundo exterior. Quando essa condição se instala, tudo parece morto e estranho, os homens passam a ver apenas a aparência das coisas, não estão mais conscientes da vida humana nos outros.

“É também nesse momento que o mundo inteiro começa a tornar-se instável, pois quando as coisas são meros fenômenos que não possuem significado inerente, passam a ser vivenciadas como coisas sem estabilidade, coisas fugazes, vacilantes, sem corpo e indeterminadas. Não são mais coisas sólidas [(Usnadze)]. Isso pode explicar por que aqueles que desejam ver um mundo em constante mudança são automaticamente levados à pintura absoluta, a pintura que é isenta de qualquer significado que seja.” [10]

“O tipo de pintura que surgiu por volta de 1900 e dominou a década de 1920 não é apenas contemporânea da arquitetura ‘moderna’ tecnicizada; ela não apenas precedida, como esta última, por uma espécie de prelúdio por volta de 1800, mas também possui uma profunda conexão com ela e, por toda a Europa e além, foi favorecida e propagada exatamente pelos mesmos grupos, ou seja, aqueles que eram os portadores do ‘espírito de 1789’. As duas coisas andam juntas, apesar do fato de que a nova arquitetura é tão fria e objetiva e a nova pintura é tão selvagem e irracional. Uma reflete a outra, apesar do fato de que a pintura e a arquitetura tenham sido totalmente separadas uma da outra.

“Pois uma pintura já não ajuda a dar forma e caráter a um espaço es-

pecífico, como o afresco decorativo da Art Nouveau ainda tentava fazer; a imagem tornou-se algo que pertence inteiramente a si mesma; não é mais nem mesmo um adereço fixo na parede. Seu caráter é, antes, o de um livro, que abrimos e colocamos de volta no lugar. Le Corbusier, o teórico das novas doutrinas”, o arquiteto, “declarou que todos os quadros deveriam ser guardados em armários e que só deveriam ser pendurados nas paredes por algumas horas, conforme o espírito nos inspirasse. Ele considerava quadro fixo intolerável.

“Esse tipo de pintura foi, por muito tempo, objeto de acirrada controvérsia — o que torna uma avaliação imparcial extremamente difícil. No entanto, o veredicto de seus críticos mais adversos não é tão prejudicial quanto uma interpretação puramente histórica, pois esta última traz à luz o caráter questionável desses esforços pelo simples processo de descrevê-los.

“A relação interna entre esse tipo de pintura e a ‘arquitetura moderna’ de ontem se manifesta, em primeiro e principal lugar, em seu desejo comum de dissolver as antigas ordens. Assim como há hoje edifícios nos quais a parte superior e a inferior já não são claramente distinguíveis, também há pinturas nas quais a parte superior e a parte inferior podem ser confundidos entre si. Trata-se, é claro, de um sintoma puramente externo, embora seja extremamente eloquente; além disso, é algo totalmente sem precedentes na história da pintura, sem precedentes até mesmo em suas aberrações mais ousadas, e é uma indicação do caráter extra-humano, desumano dessa forma de arte. Ao dizer isso, passamos realmente a possuir a chave para a compreensão da arte modernista em todas as suas fases, pois estas diferem, na verdade, apenas nos meios empregados.

“Todas as novas maneiras de olhar para o mundo que essa arte modernista traz em seu rastro são fundamentalmente extra-humanas, mesmo em um sentido externo e superficial. A fotografia, mesmo da década de 1920, por exemplo, é marcada por uma tendência a evitar a visão ‘normal’ da personalidade humana e recorre a algumas fórmulas mecânicas”. Ela privilegia imagens tiradas de cima ou de baixo e de ângulos incomuns, efeitos de iluminação que fragmentam o sujeito e distorções como em um espelho deformante.” [11]

É claro que, no cinema, observa-se a mesma coisa. Todo tipo de experimentos para ver como se pode fragmentar a imagem ou mostrar imagens

diferentes lado a lado, a fim de produzir algum tipo de efeito marcante.

“Ao fazer isso, o cinema simplesmente acompanha a tendência essencialmente tendência extra-humana na pintura, que expressa claramente sua atitude espiritual. Toda arte, é claro, em maior ou menor grau, pega o mundo que encontra e se afasta, à sua maneira, da nossa experiência normal [dele]” a fim de [assim] criá-lo de novo, mas a arte modernista é impulsionada por um impulso incontrollável de ultrapassar os limites do “meramente humano”.

“Isso explica como os temas normais das pinturas de meados do século XIX assumem uma espécie de [in extremis]” extremo “aspecto, no qual o homem parece renunciar à sua humanidade essencial e começa a ver as coisas como um homem as vê em delírio ou em um pesadelo, sob a influência de drogas, ou sob a de uma loucura incipiente ou de um terror extremo, e esses ‘estados à beira da loucura’ produzem visões do tipo mais surpreendente. O mundo visível, o mundo das formas reais no retrato, na paisagem, na natureza morta e em todos os outros tipos de pintura, mesmo naquilo que ainda se alega ser arte religiosa, torna-se estranho, distorcido e horrível. A natureza de sua organização torna-se instável e se dissolve em fragmentos; a forma se desintegra, torna-se fluida e caótica. Em alguns casos, o homem e seu mundo são transformados pela rigidez da morte; coisas familiares tornam-se estranhas e a natureza viva torna-se “nature morte” — natureza morta.

“Tem-se dito [da]” arte grega que “ela estava sujeita a duas forças poderosas que estavam perpetuamente ao seu lado e com as quais sempre teve de lutar ao longo de toda a sua existência para se afirmar de alguma forma. Essas duas forças eram o caos e a morte. A nova pintura, em seu desejo maníaco de se livrar das amarras do meramente humano, admitiu essas forças na arte — e com elas uma terceira, que os gregos não conheciam, e que coube à Idade Média trazer para nossas vidas. Esse poder é o Inferno. Tudo isso — caos, morte e Inferno — são antítipos da humanidade. A representação de um mundo que essas três forças distorceram é a essência [da]” “da nova pintura.

“A proximidade da arte com a morte e sua afinidade com a atmosfera da morte, a atmosfera que torna todas as coisas frias e rígidas, é algo que não carece de precedentes na história da arte, algo que é apenas superficialmente formulado pelos termos ‘romântico’ e “Movimento Ro-

mântico”. Quando essa fase ocorre, uma visão noturna exaltada da vida, da natureza e da antiguidade irrompe das profundezas do ser humano — mas, em meio a tudo isso, a dignidade do homem foi preservada. A proximidade da morte no movimento romântico alemão, tal como é vivenciada em [Gilly, em] Beethoven, [Kleist,] Hölderlin, Novalis, Runge e Friedrich, é trágica, mas continua sendo “humana”. Em sua rendição à arte diante da agora inacessível soma das coisas, o homem afirma sua lei contra o caos, que para ele é uma realidade que conhece muito bem.

“Na fase moderna, porém, combina-se com a consciência da morte (que, sob mil formas, espreita por trás de todos os seres vivos, revela sua presença terrível em uma flor murcha, em um quarto vazio — [sim,] até mesmo em uma natureza morta) surge agora uma dúvida torturante quanto à dignidade e à própria natureza do homem. Essa dúvida pode se resolver em uma aceitação agonizante da negação ou se transformar em uma distorção positiva e cínica de seu ser. Aqui, a proximidade da morte não é mais trágica, é algo infernal, é uma afirmação do caos, e é ainda mais terrível porque não há esfera da vida que seja inteiramente imune a essa erupção do submundo.

“Outrora, o Inferno era um domínio claramente circunscrito que contrastava com um universo dotado de sentido e razão. Mas, por uma aberração quase semelhante àquela que, no século XIX, levou os homens a ver o brilho do Céu na “luz natural” que incidia sobre todas as coisas, de modo que até mesmo um fardo de feno era transfigurado por ela,... agora irrompem na realidade as mais aterrorizantes das antecâmaras do Inferno e de todos os seus círculos. A chegada dessas visões era algo desconhecido para aqueles que as conjuraram, mas elas vêm mesmo assim; nada está imune à sua influência. Tudo o que pertence ao horror e à noite, à doença, à morte e à decadência, tudo o que é grosseiro, obscuro e perverso, tudo o que é mecânico e uma negação do espírito — todos esses modos, motivos e aspectos do desumano se apoderam do homem e de seu mundo familiar. Eles transformam o homem em uma ruína, um autômato, uma máscara, um fantasma. Ele afunda ao nível de um piolho, de um inseto. Nos diversos movimentos da pintura moderna, é sempre um ou outro desses vários atributos anti-humanos que é destacado. O cubismo coloca a ênfase na morte, o expressionismo no caos fervilhante, o surrealismo no frio demonismo das últimas regiões geladas

do Inferno. Mesmo que as obras propriamente ditas tivessem se perdido, os próprios títulos escolhidos para os quadros pelos homens que os pintaram seriam suficientes para revelar seu lar espiritual — “Medo”, “Cidade Doente”, “Cidade Moribunda”, “Moribundus”, [“Mon Portrait Squelettise”], “Meu retrato como esqueleto”, “Peste acima, peste abaixo, peste por toda parte”, “A piada venceu o sofrimento”, “O monte de esterco”, “De volta ao nada”.

“A interpretação aqui adotada pode, à primeira vista, parecer fantástica. No entanto, se olharmos para a questão objetivamente, descobriremos que ela faz exatamente o que uma teoria deve fazer: explica uma multiplicidade de dados que, até agora, tivemos de tentar compreender um por um vez, permite-nos reconhecer todos os diversos “ismos”, do futurismo ao surrealismo — todos eles são, de uma forma ou de outra, uma fuga da realidade superior — como expressões (que apenas diferem entre si apenas superficialmente) das mesmas forças básicas, pois, embora a natureza humana, em todas as suas manifestações, seja sempre essencialmente uma só, suas negações são muitas. Tal teoria, em suma, nos permite enxergar além de todas as diferenças, incluindo os “minuciosos detalhes da técnica...” [12]

“...[E]xiste, para falar em termos puramente estéticos, uma autêntica arte do horrível e do infernal, e essa potencialidade artística extremamente perigosa não deve, de forma alguma, ser negada. Ela tem se escondido por trás da arte nórdica desde seus primórdios, pois foi a arte nórdica que produziu a imagem de Cristo desfigurado na morte, algo desconhecido pela arte do cristianismo oriental, assim como também produziu a imagem do Inferno. Bosch, Bruegel e Grünewald elevaram essa arte do horrível ao mesmo nível que ela alcançou em suas formas mais transfiguradas e exaltadas, enquanto Goya ampliou seu alcance sem, nem por um momento, abandonar o domínio da verdadeira arte — e, de fato, encontramos no limiar dessa nova arte da morte interior e do inferno uma série de artistas cujo genuíno poder artístico não pode, de forma alguma, ser negado; Ensor, Munch, Kubin, Schiele são exemplos.” [13]

“Van Gogh, Munch” — e esse Munch cujo ‘Grito’ vimos —, “Seurat”, o pontilhista, “todos nascidos por volta de 1860, são os primeiros pintores nos quais essa novidade se torna evidente, embora ainda não tenham se rendido completamente a ela. É somente em Ensor”, este aqui,

[Fr. S. mostra a ilustração, p. 141] “também nascido em 1860, que ela se torna totalmente predominante. Para aqueles nascidos após 1860, ela se torna seu destino. Muito antes da Primeira Guerra Mundial, ela revelou o pesadelo que assombrava a Europa em suas grandes cidades. Após a guerra, um declínio artístico definitivo se instalou, e é agora que os sintomas de extrema degeneração se tornam evidentes. Com a “nova objetividade”, alcança-se a forma mais inerte e banal. Do ponto de vista político, essa arte mais recente e atual é aliada da anarquia; psicologicamente, é a expressão de um medo enorme e de um ódio à raça humana que os homens voltaram contra si mesmos. A explicação mais profunda para os abortos artísticos que agora surgiram como fenômenos mundiais já havia sido dada por Goya, que escreveu na página de rosto de sua coleção de pinturas intitulada [Sueños, “El sueño de la razón produce monstruos”—]” “Sonhos”, ““Quando a razão sonha, nascem monstros.” [14]

E vemos que, quando a razão chega ao fim do Iluminismo, irrompem na vida humana forças irracionais que provêm dos demônios... Na verdade, diz: “El sueño de la razón produce monstruos”: o sonho da razão produz monstros.

E, finalmente, ele fala sobre o surrealismo. “O tema principal do surrealismo é o caos absoluto; o movimento se apegue a ele onde quer que possa ser encontrado — nas regiões sombrias do mundo dos sonhos, na alucinação, no caráter ‘desordenado’ e irracional da vida cotidiana, naquele aspecto da realidade em que coisas que não têm conexão intrínseca entre si foram reunidas de maneira fortuita, sem sentido e fragmentária, seja na confusão de uma grande cidade, seja na de uma guerra total ou na de um — os “tesouros” da loja de quinquilharias parecem encher os surrealistas de um entusiasmo bastante peculiar. Seu tema pode ser vagamente definido como o “caos da decadência total”, não o caos das potencialidades criativas, mas o da finalidade; não o caos das coisas que estão nascendo, mas o das coisas concluídas e acabadas, não o caos da natureza fecunda, mas o do antinatural — um caos “a partir do qual”, como diz Goethe, “o próprio espírito de Deus dificilmente poderia criar um mundo digno” [(Goethe)].” [15]

“Não há como negar o poder [do movimento]” desse movimento do surrealismo. “De todas as correntes dos séculos XIX e XX, com exceção da arquitetura moderna, apenas duas [artificiais] conseguiram “sobrevi-

ver à Segunda Guerra Mundial — o realismo positivo na pintura e este mesmo sub-realismo. Já existem células surrealistas em muitos países — e não apenas nos países europeus. Comparado a ele, o expressionismo representa uma minoria totalmente insignificante.

“Não adianta nada menosprezar tal fenômeno, nem se deve consolar-se com a pretensão de que tais coisas são meras extravagâncias, loucuras ou formas de algum estranho ganho espiritual. Já em 1860, Dostoiévski reconheceu profeticamente em seu livro *O Povo do Abismo* que tipos como aqueles que o surrealismo levou ao pleno florescimento inevitavelmente viriam a existir — ‘dadas as circunstâncias em que nossa sociedade se desenvolveu’ — e, em última instância, o surrealismo representa apenas a aceleração final na queda vertiginosa do homem e da arte, essa queda vertiginosa da qual Nietzsche já estava ciente quando, em 1881 escreveu [o fragmento *Der tolle Mensch*]:

“Não estamos caindo continuamente? — para trás, para os lados e em todas as direções? Ainda existem cima e baixo? Não estamos vagando pelo nada infinito? Não é o sopro do espaço vazio em nossos rostos? Não ficou mais frio?” [16] [Ênfase no original]

Vemos aqui uma conexão íntima entre filosofia, política e arte....

Ele tira algumas conclusões: “...[N]osso diagnóstico” da arte moderna é “ainda mais confirmado pelo fato inegável de que a arte moderna não encontra dificuldade em retratar o demoníaco e o próprio homem transformado [em demoníaco,]” em um demônio, “mas” ela “encontra dificuldade insuperável em nos mostrar o homem como ser humano, e” ela “fracassa totalmente quando se trata do Homem-Deus e do santo.” [17]

A arte moderna, “A atração que exerce sobre o artista o extrahumano e o extranatural, a escuridão, a irrealidade e o subconsciente, o caos e o nada, tem em si todas as qualidades de um encantamento.....” diz Paul Klee, “Nosso coração pulsante nos leva cada vez mais profundamente em direção ao fundo último das coisas.” [18]

“...[A] perturbação” da arte moderna “se estende ao homem em todos os seus diferentes aspectos e relações. Há a perturbação da relação do homem com Deus. Na esfera da arte, isso se torna mais palpável do que em qualquer outro lugar pela natureza da tarefa que agora absorve a energia criativa — uma energia que anteriormente havia sido absorvida pelo templo, pela igreja e pela imagem sagrada. Os novos deuses do homem

são a Natureza, a Arte, a Máquina, o Universo, o Caos e o Nada.” [19]

Agora ele fala de maneira geral sobre todo esse movimento, desde a época do Iluminismo até os dias de hoje.

“No panteísmo e no deísmo do século XVIII, abriu-se um abismo entre o homem e Deus. A princípio, a ideia de Deus parecia muito [mais pura]” mais pura “do que a de um Deus pessoal. Nossa noção de Deus foi despojada do que parecia ser um elemento antropomórfico, da mesma forma que esse elemento foi expulso da arquitetura. O que aconteceu, no entanto, foi que esse Deus dos filósofos se evaporou na natureza e desapareceu. Enquanto isso acontecia, algo também estava mudando na ideia do homem, que foi despojada de seu elemento teomórfico, assim como Deus havia sido despojado do antropomórfico. O resultado foi muito diferente do que se pretendia, pois o homem, por meio desse processo, foi reduzido ao nível de um autômato — quando não foi reduzido àquele “nível” de um demônio.” [20]

“...a perda de Deus como realidade destrói o sentido original da realidade como um todo.

“Tendo perdido esse sentido, o homem transforma-se em um antirrealista, em um idealista, um ser que vive entre fantasmas...” [21], o que abre a possibilidade para a vinda dos demônios.

Pe. H: Imaginação.

Pe. S: “...[N]a forma radical do deísmo, o divórcio entre Deus e o homem surge do fato de que Deus é relegado a uma grande distância, de modo que Deus e o mundo passam a ser considerados como coisas distintas e totalmente separadas. Deus é o ‘Deus ausente’ que criou o grande relógio que é o mundo e o deu corda devidamente. Esse relógio agora continua a funcionar de acordo com suas próprias leis internas, o que significa que o mundo se desenrola automaticamente. Isso exclui a possibilidade de qualquer relação pessoal com Deus. Todo mistério é eliminado — de fato, a principal obra de um dos protagonistas do deísmo, Toland, intitula-se *O Cristianismo não Misterioso*, como já vimos. “... Em toda parte, as relações espirituais agora esfriam. Seu lugar é ocupado pelas relações frias da razão; a dúvida desempenha um papel cada vez mais decisivo, e tudo o que sente o toque de sua frieza é transformado: o mundo torna-se uma máquina-mundo — o homem [um “homme-machine”], [22] um homem-máquina. Como isso, quem foi que, “Vichy(?)”, creio

eu, escreveu o livro na época de Voltaire: “[A]e o Estado se torna uma máquina estatal. LeDoux”, lembrem-se do arquiteto que projetou os edifícios redondos, esféricos, que ele queria construir, “que era sem dúvida um adepto desse tipo peculiar de sentimento religioso, pergunta, ao contemplar a Terra: [“Cette machine ronde, não é sublime?”]” “Essa máquina redonda, não é sublime?” [23]

“O homem torna-se agora tão isolado em relação aos seus semelhantes quanto em relação a Deus, e tão isolado em relação à natureza. Ele está, como o próprio LeDoux diz, ‘isolado em todos os lugares’.” Devemos, portanto, inferir que o deísmo está na origem desses fenômenos variados que são caracterizados” acima “como uma ‘tendência para o inorgânico’. Seu efeito é, em toda parte, entorpecente e torna os homens estranhos a Deus e uns aos outros.” [24] Assim, de fato, essa arte tem um fundo religioso; tem como pano de fundo, em primeiro lugar, o deísmo.

Em seguida, temos o panteísmo. E ele discute isso no poeta Hölderlin, justamente nessa época, na virada do século XIX. “As figuras individuais, em parte humanas, em parte divinas”, nas quais Hölderlin venera “o divino” — a saber, “Cristo, Hércules e Dionísio — se dissolvem em um algo nebuloso, isto é, por assim dizer, pré-divino ou superdivino.

“Isso se torna cada vez mais claro com o passar do tempo, quando Hölderlin se dirige à sua ‘Mais Santa’, natureza. Ele reza a algo que lhe parece mais antigo e mais sagrado do que as figuras dos deuses pessoais. ‘A grande coisa sagrada’ que Hölderlin reconhece na natureza não é nada que seja próximo ou familiar ao homem; ele não consegue, por assim dizer, ‘tatear seu caminho até ela,’ ele não consegue se descobrir nela, nem, como a era passada era capaz de fazer, pode encarar a natureza como uma parente e uma amiga.

“A ‘grande coisa sagrada’ não é nenhuma dessas coisas; ao contrário, é algo que carece totalmente de caráter humano, ou mesmo de caráter orgânico, algo que não possui nem personalidade nem destino. É algo que é o oposto absoluto da natureza do homem; é o universal, algo que não pode ser realmente sentido e é infinito. Hölderlin prefere designá-lo como ‘stille’ (‘quietude’ ou ‘silêncio’), contrastando-a assim com as agitadas atividades dos homens. Para se aproximar dela, o homem deve primeiro destruir a si mesmo, deve seguir em direção à morte.” [25]

E, finalmente, ele apresenta uma espécie de resumo de todas essas in-

fluências destrutivas e sombrias, tal como se manifestaram na história da arte ocidental. E embora ele próprio fosse um amante da arte antes da Revolução, ou seja, até o século XVIII, nessa sua pequena história, ele mostra muito bem que essas influências destrutivas remontam precisamente ao momento em que discutimos o início da apostasia, ou seja, o século XII.

A primeira manifestação desses elementos demoníacos, diz ele, ocorre no final do período românico. “É nessa fase que o mundo sagrado é repentinamente dotado, em um grau bastante aterrorizante, de um caráter demoníaco. Assim, nos portais” de várias catedrais, “as figuras sagradas assumem a aparência de cadáveres e de fantasmas, algo que de modo algum pode ser explicado por um certo distanciamento da humanidade que caracteriza a arte da Alta Idade Média. Cristo às vezes se assemelha a um ídolo asiático ou a um déspota asiático. As bestas apocalípticas e os anjos estão todos distorcidos por essa qualidade demoníaca. Esse curioso fenômeno não pode ser explicado em termos da dupla intenção que é perceptível em grande parte da arte medieval: a intenção de causar um certo choque terrível ao espectador e, ao mesmo tempo, por meio do puro absurdo dos símbolos visíveis [que criou], estimular sua mente para a contemplação puramente espiritual; pois bem ao lado das figuras sagradas, e bem no meio delas, e de fato quase indistinguíveis delas, encontram-se imagens de demônios e de bestas demoníacas e quimeras que chegam a invadir o interior da igreja.

“Ao mesmo tempo, as próprias figuras começam a adquirir uma qualidade de instabilidade notável e sem precedentes. Aquelas no grande arco acima da porta” da Catedral “de Vézelay parecem estar literalmente cambaleando, e parecem que poderiam desabar a qualquer momento da grande curva sobre a qual têm um equilíbrio tão precário. Este é o período em que as figuras começam a ser fixadas tangencialmente às molduras das grandes portas, e é a esse período que pertence a grande Roda da Fortuna que eleva um homem e [inevitavelmente] o lança para baixo, e é também neste período que, pela primeira vez, as formas arquitetônicas são viradas de cabeça para baixo.

“Tudo isso é a expressão visível daquela [volubilitas rerum], daquela instabilidade dos assuntos humanos que as pessoas de repente passaram a sentir com uma intensidade peculiar e dolorosa. É, de fato, o símbolo

visível do estado de espírito dominante, do sentimento em relação à vida e ao mundo.

“Na religião, a emoção dominante é o medo; o tema principal é o Dia do Juízo Final, expresso em todo o seu potencial de terror que ele pode inspirar. Na escuridão da igreja, podemos, com os olhos da mente, ver os fiéis de pé ‘com temor e tremor diante de Deus’. Nunca o [mysterium tremendum]” — o tremendo mistério — “atingido tal força sobre as mentes dos homens.” [26]

Assim, já por alguma razão, a arte começa a se tornar instável. Embora a tradição gótica principal continue com suas grandes catedrais, ele ainda assim percebe aqui algum tipo de instabilidade. Por quê? Porque, naquela época, eles começaram a perceber que haviam perdido a ortodoxia. E o artista é mais sensível do que as outras pessoas. Isso começa a se manifestar nele. E quando a ortodoxia está perdida, os demônios começam a se infiltrar. E, portanto, os demônios inspiram diretamente os artistas.

Depois, há um segundo período, que é o de Hieronymus Bosch. “No período românico”, “o mundo demoníaco ainda não havia realmente alcançado uma vida própria e separada. É somente no gótico que a luz e as trevas se dividem e a catedral indiretamente dá origem ao seu “oposto polar” ao Reino Celestial, que se manifesta em si mesma, um Reino do Inferno”, mesmo “embora este [último] permaneça [essencialmente]” ainda “uma coisa subordinada. [Então]” Assim, “à medida que a arte figurativa do final da Idade Média se desenvolve, começamos a ter representações pintadas do Inferno. O ponto culminante desse desenvolvimento encontra-se em Hieronymus Bosch, que teve seu apogeu [entre 1480 e 1516.]” por volta de 1500.

“Bosch, contemporâneo [e coevo] de Leonardo da Vinci, criou o mundo do Inferno como uma espécie de contraparte caótica à nova arte cósmica do Alto Renascimento”, que já vimos, essa pintura idealista e milenarista, “e o que há de inteiramente novo no mundo infernal de Bosch é que ele possui seus próprios princípios criativos, sua própria ‘estrutura’ caótica, suas próprias leis formais, e são justamente esses elementos que o transformam em um verdadeiro contra-mundo em relação os mundos do Céu e da Terra. Foi somente a partir de Bosch que passamos a ter algo parecido com uma imagem visível do Inferno.

“Há uma novidade definitiva nas próprias formas dessas criaturas do Inferno. Elas não são ‘filhos caídos dos homens, que por um simples processo de metamorfose foram transformados em bestas do Diabo’, mas” são “formas de vida totalmente independentes e até então desconhecidas, nascidas da união de todos os tipos imagináveis de criaturas — peixes, feras, pássaros, bruxas e mandrágoras —, os produtos de uma espécie de lascívia cósmica desenfreada e debochada, na qual até mesmo coisas inanimadas podem se misturar com os vivos. Tudo isso era algo que se situava totalmente fora dos horizontes da Antiguidade.

“Novo também é o cenário propriamente dito do Inferno, e vemos aspectos da face desta Terra que nunca antes haviam sido retratados na tela. Vemos aqui abismos escuros, extensões vazias de terra e mar que parecem nos dizer o quanto Deus as abandonou completamente, a desolação de cidades desertas, lugares estranhos e hediondos cuja vegetação é composta por forcas e rodas de tortura, lodo e pântano. Aqui não há nem sol nem lua; a pouca luz que existe provém de vastas conflagrações ou da iridescência de estranhas formas fosforescentes. O inferno pode nos mostrar a obra das mãos humanas, mas ela está distorcida, árida e em decomposição. Acima de tudo, vemos ruínas, vemos-as continuamente — e no inferno também há arsenais, um equipamento de combate composto por máquinas estranhas, peças de aparelhos que muitas vezes não têm sentido, embora às vezes tenham um significado, sendo instrumentos de tortura, enquanto pelo ar navegam aeronaves, tripuladas e pilotadas por demônios.” [27]

“Enquanto, porém, o mundo da crença cristã permanecesse uma realidade efetiva” — e, naquela época, ele ainda era real, ou seja, o catolicismo ainda era real, e até mesmo o protestantismo ainda tinha algo que restava do cristianismo — “Enquanto... o mundo da fé cristã permanecesse uma realidade efetiva, a perspectiva por trás dessas pinturas deve ser interpretada como uma visão da tentação. A representação do Inferno, portanto, permanecia, em certa medida, limitada pela ortodoxia cristã [stet] e, portanto, era de se esperar que ela alcançasse sua plena liberdade e desenvolvesse suas formas mais extremas quando a arte finalmente deixasse o mundo cristão para trás. É, portanto, totalmente lógico que Hieronymus Bosch tenha sido redescoberto no século XX e tenha se tornado um dos precursores do surrealismo.” [28]

“Em Bruegel” — e já mostramos a vocês — “na obra de Bruegel surge outro tema dominante da arte moderna: a desvalorização do homem. O homem é visto de fora; como algo desagradável e estranho, da mesma forma que poderíamos considerar criaturas de outro planeta. Vistos assim, os homens parecem vis, desagradáveis e perversos, desajeitados, fúteis e absurdos — criaturas que, de fato, possuem todas as qualidades capazes de suscitar desprezo, e isso é verdade não apenas para o camponês, a quem a Baixa Idade Média tendia ter essa visão, mas também do homem em geral. Na arte de Bruegel, várias correntes subjacentes da arte medieval se unem para formar uma nova imagem do homem, que o representa como a própria antítese e negação da santidade, da grandeza, da nobreza e da sabedoria.

“O mundo do homem, o mundo em que ele deve agir e viver, é um mundo em que tudo é feito de maneira errada, um mundo de caos e totalmente desprovido de sentido. À sua volta, por toda parte, espreitam as criaturas do Inferno. A morte e a loucura o aguardam por toda parte. Além disso, é digno de nota especial que Bruegel dedique tanta atenção às questões que são a principal preocupação da psicologia moderna e da mentalidade moderna em geral, pois seu interesse é direcionado de maneira notável, não apenas para o camponês (a analogia aqui é com nossa preocupação contemporânea com o primitivo), mas também “às crianças, aos débeis mentais, aos aleijados, aos epiléticos, às vítimas da cegueira e da intoxicação, à multidão e aos macacos. Até mesmo coisas bastante comuns têm um feitiço lançado sobre elas que as faz parecer estranhas a ponto de se tornarem incompreensíveis — assim como os Apiculadores de Bruegel parecem troncos de árvores ambulantes — de modo que uma brincadeira de crianças parece uma nova e bizarra manifestação de loucura.” [29]

“Este breve olhar sobre o passado deixa claro que o que viria a se tornar uma doença generalizada no século XIX estava surgindo gradualmente ao longo de todo o desenvolvimento do Ocidente e, em vários momentos, revelou abertamente alguns de seus sintomas.” [30]

E ele conclui seu livro dizendo: “Pode ser um procedimento um tanto questionável designar a própria época como o ponto de inflexão na história da humanidade, “no entanto, é difícil livrar-se da sensação de que, desde 1900, uma espécie de limite foi atingido e que nos deparamos com

algo totalmente sem precedentes.” Na história do mundo. “Além desse limite, é difícil imaginar qualquer coisa, exceto uma de duas coisas — uma catástrofe total ou o início de uma regeneração.” [31] É claro que o que está por vir parece ser uma espécie de combinação das duas.

Música

Quanto à música, não vamos nos aprofundar; é um tema muito extenso, mas vale basta mencionar um grande historiador da música ocidental, Alfred Frankenstein, que faleceu há alguns anos atrás. E ele é especialista no período barroco, no período clássico, no período romântico e na música medieval. Acredito que tenha escrito um extenso livro didático sobre a música ocidental. E, ao chegar ao século XX, ele diz: “Com isso, encerro minha história da música.” [32] Porque, após o início do século XX, não há mais música no Ocidente. Há algo que se baseia inteiramente em novos princípios, que não pode ser compreendido pela história da música ocidental. E, por isso, ele é muito criticado pelo fato de considerar que a música moderna está totalmente fora de qualquer tipo de tradição. É claro que está. Porque temos, neste momento, os românticos, que já disseram tudo o que podiam dizer. Em Scriabin, você encontra um tipo terrível de música extática que é uma espécie de guincho, e além disso...

Pe. H: O que ele compôs...?

Pe. S: Na verdade, ele compôs uma espécie de Missa Negra.

Pe. S: Uma Missa Negra musical?

Pe. S: E além disso, não dá para ir mais longe nos idiomas da música europeia. E então eles começam essas experiências assustadoras: o sistema dodecafônico, Schoenberg e suas óperas horríveis; ele escreveu *Verklarte Nacht*, em que as pessoas gritam umas com as outras por horas a fio; e é óbvio que o objetivo é levar você para um manicômio. Mas isso de certa forma expressa bem a época, expressionista, sabe, esses expressionistas alemães com suas pessoas gritando e seus horrores assustadores — expressa o mesmo tipo de sentimento. E, a partir daquela época, surgem todas essas experiências até chegarmos ao ponto atual, em que há concertos para fita, três gravadores, tocados simultaneamente para frente e para trás em cinco velocidades diferentes, e todas essas ideias de que sons de cantos confusos e agitados produzirão algum tipo de nova maravilha.

Existe até um livro didático de música. Acho que se chamasse chama

“Música desde Debussy”, no qual ele diz que a época atual não produz nenhuma música que valha a pena, porque é tudo experimento. Mas ele disse: “De toda essa experimentação, talvez surja uma nova Idade de Ouro, como a época de Bach e Handel” [33] — assim que todas essas experiências tiverem terminado. E provavelmente — há algo a ser dito, algo de verdade nisso, porque a humanidade se acostumou a todas essas coisas; e, portanto, é possível reconstruir, se a pessoa for um gênio, pegar todos esses elementos de desordem e criar algum tipo de nova harmonia. E já existe uma nova harmonia que irá expressar os sentimentos das pessoas e que será para o Anticristo. E na verdade, Thomas Mann já escreveu um romance sobre isso.

12.3 Thomas Mann e a Música Demoníaca

Bem, vamos dizer uma palavra sobre Thomas Mann. Ele é provavelmente o único grande romancista que o século XX produziu. M-A-N-N. Ele morreu em 1955, aos 80 anos. Esteve exilado da Alemanha durante o regime de Hitler. Politicamente, ele é muito enfadonho — é um democrata — e busca a reconstrução da humanidade após o fim do totalitarismo. Mas, em sua arte, ele é muito sensível, mais típico de um alemão, ele vai bem fundo. [Trechos editados da palestra de Nietzsche de 1980] Vocês devem se lembrar que, em um de seus livros, ele fala sobre jovens estudantes conversando a noite toda; eles estão discutindo [sobre] o que é a realidade, o que é a verdade, se existe vida após a morte? E, no meio disso, dizem: “Sabe, aposto que nós, alemães, somos o único povo no mundo, exceto os russos, que faz esse tipo de coisa: ficar conversando a noite toda sobre o que é real e o que não é real”. Ele reconhece que os russos são os que mais entendem disso...

E ele escreveu vários romances que refletem isso — do ponto de vista de, bem, um artista que observa a sociedade como um todo — — refletem o que está acontecendo. Ele não é um niilista; é um humanista que tem uma visão muito positiva da vida. Mas ele escreve sobre alguns desses movimentos, e, às vezes, de forma muito, muito profunda.

Ele escreveu um livro chamado *A Montanha Mágica*, [um] de seus melhores livros, que é uma descrição da vida em um sanatório para tu-

berculosos nas montanhas da Suíça. E isso deveria ser uma alegoria da história europeia moderna no final da Primeira Guerra Mundial — seja o fim ou o começo — enfim, justamente no alvorecer de nossa própria época. E esse é um tipo peculiar de lugar onde todos têm todo tipo de filosofias estranhas, o que significa todas as diferentes filosofias conflitantes da Europa. E todo mundo que chega lá fica doente, porque a Europa está doente. É uma espécie de parábola de que todo mundo que entra em contato com a civilização ocidental absorve essa doença. Não dá para escapar disso. E o lugar onde supostamente deveriam estar se curando, ou seja, a Europa, tem a presunção, a ideia de que “Somos nós que sabemos tudo. Vamos curá-los com nosso Iluminismo”. Mas você vai para lá; se envolve com a Europa e acaba ficando doente também. Não importa o quanto você tente, não consegue se curar. Ninguém volta vivo. Todos acabam sendo, de certa forma, exterminados por essa coisa. Na verdade, você não pode ir para lá, não pode visitar seus parentes nesse lugar sem ficar doente e você tem que ficar lá. [Você fica] preso. Em outras palavras, eles não têm nenhuma outra filosofia de vida para superar essa doença da Europa.

Na verdade, há uma cena muito interessante em que eles vão ao cinema. Há um filme. E Thomas Mann expõe suas percepções sobre o filme, dizendo que ele é algo muito anormal, algo horrível, porque o que é sagrado para o homem, sua própria imagem, é capturada, colocada de forma independente na tela e então age apesar de você, e você fica sem esperança, fica indefeso. E a imagem continua agindo a partir daquele momento. É como se uma parte da sua alma tivesse sido tirada de você. E ele pode sentar-se e observar a si mesmo como se fosse apenas uma espécie de ser separado. Ele expressa seus sentimentos a partir do senso humano natural, porque ele estava lá no início do cinema, na década de 1920. Na Alemanha, houve o grande florescimento do cinema. Ele tinha um sentimento de pavor em relação ao cinema, achava que era algo demoníaco. E ele diz que tudo isso é muito anormal, faz com que se sinta muito inquieto ao ver essas figuras fantasmagóricas na tela, que não têm realidade em si mesmas, apenas celulóide, algum tipo de imagem tremeluzente, algo que não está lá.

E, a propósito, tive um professor alemão que tinha o mesmo sentimento em relação aos telefones. Ele dizia: “Não suporto telefones. Sem-

pre que ouço tocar e atendo, fico com um medo terrível. Eu ouço a voz de alguém a mil milhas de distância e sinto que são demônios.” É muito interessante como esses pensadores profundos têm sentimentos como esses.

E ele [Thomas Mann] então se aprofunda em coisas como sessões espíritas; [ele] foi deliberadamente a uma sessão espírita para experimentar e ver se algo acontecia. E aconteceu. A mesa se moveu sozinha ou algo do tipo. Ele se convenceu de que havia algum tipo de poder ali. Então, ele inclui isso também como parte de “A Montanha Mágica”. No final, há uma cena muito marcante em que alguém diz: “Vamos fazer uma sessão espírita, temos alguém aqui que consegue invocar espíritos.” E todo mundo diz: “Ah, maravilhoso!” E a maioria das pessoas está meio que brincando sobre isso: “Bem, você pode acreditar em todo tipo de coisa, por que não acreditamos nisso? Vamos tentar.” E todos se reúnem, e de repente um espírito começa a dominá-los, e eles veem diante de seus olhos algum tipo de forma começando a se formar, a se materializar. E quando olham, é o fantasma de alguém que todos conhecem, um espectro, o pai de alguém ou algo assim que, de repente, aparece na frente de todos; e ficaram tão assustados com isso que isso produz um efeito terrível sobre eles. E isso fica meio que no ar, sem nenhuma explicação do porquê, mas sabemos que Thomas Mann, em seus escritos de não ficção, tinha grande interesse pelo espiritismo, ia a sessões espíritas, testava-as e tomava notas sobre elas, e saiu convencido de que há algum poder em ação que está produzindo esses vários fenômenos. E para uma Europa que não tem uma filosofia própria e está doente, isso começa a se tornar muito atraente.

E um de seus últimos romances se chama “Doutor Fausto”, que é a descrição de um gênio musical na linguagem moderna, conforme contada por um jovem estudante comum da classe média que estudou na mesma escola que esse gênio. Normalmente, ele conta suas histórias por meio da terceira pessoa, que é um típico alemão de classe média com valores comuns, valores alemães: limpeza, precisão e estudo, economia e todas essas coisas maravilhosas pelas quais os alemães são conhecidos. E ele tem uma maneira especial de apresentar seus romances quando fala sobre esses temas — seja espiritualismo ou qualquer coisa que seja muito demoníaca ou extraordinária —, ele tem uma maneira de descrevê-los através dos olhos de alguém que é completamente normal, e totalmente pragmá-

tico, de modo que você fica ainda mais horrorizado com o que acontece. E assim como Dostoiévski falava sobre Ivan Karamázov em sua visão do diabo como se fosse uma alucinação cccxxx, mas mesmo assim ele está transmitindo uma ideia muito importante. E então você tem esse homem completamente normal [cujo] colega de faculdade é um estudante de música. Então, ele descreve a carreira desse músico, desse compositor, como se fosse um homem comum, muito talentoso, mas que parece ter algo de estranho, como se quisesse algo, como se não pudesse se satisfazer com coisas comuns. Ele quer mais. E fica se perguntando sobre isso. E percebe, depois de se formar, que quer se tornar um grande compositor. E ele produz coisas incríveis, tem uma espécie de explosões de energia e inspiração, e cria coisas fantásticas coisas novas e fantásticas. Ele começa a compor todo tipo de coisas estranhas e a inventar novos sistemas atonais, com quinze notas em vez de oito e todo tipo de novidades fantásticas, simplesmente porque é movido por algum tipo de impulso. E, finalmente, ele produz sua obra-prima, que é o “O ‘pocalipse’, para, creio eu, mil vozes, mil e quinhentos instrumentos, a obra musical mais fantástica já composta — e eles realmente a executam em algum lugar com mil vozes. Isso mostra como o diabo, de certa forma, lhe deu esse talento tremendo para cativar o público com esse dom seu, sob a condição de que ele vendesse sua alma. E ele [o narrador] se pergunta como ele conseguiu a inspiração para isso, e consegue, de alguma forma, observá-lo trabalhando. E então descobre que há alguém que vem visitá-lo, que ele está falando com alguém que não está lá. E durante esses momentos em que fala com alguém que não está lá, ele recebe inspirações extraordinárias; [ali] começa a se abrir para ele a possibilidade de se aprofundar na música e criar algum tipo de composição musical que ninguém jamais fez antes. Ele se tornará o maior compositor que já existiu. Acaba sendo o diabo. Ele finalmente vende sua alma a esse diabo para alcançar essa emoção suprema na composição musical. E então ele apresenta isso ao público, e as pessoas dizem: “Isso é maravilhoso; este é o grande ápice da música moderna. Finalmente, a música moderna alcançou sua obra-prima.” E fica óbvio que o homem vendeu sua alma ao diabo, como o Doutor Fausto. Ele não diz isso de forma tão explícita, mas o que ele descreve é exatamente a mesma coisa: o homem, em nome da criação terrena, entregou sua alma. E os demônios invadem.

Então, esse é outro escritor que ensinou, embora não seja tão profundo quanto Dostoiévski, mas, mesmo assim, está muito consciente de muitas dessas correntes do pensamento moderno.

Portanto, vimos neste livro [A Arte em Crise] como todo esse fenômeno que temos estudado — a visão de mundo revolucionária do homem moderno, o que significa não apenas a revolução política, mas toda uma nova revolução anticristã — é algo que irrompe não apenas na revolução política, e não apenas na filosofia de alguém, mas irrompe de forma bastante independente na arte e na poesia e em muitas outras esferas. E ela irrompe na arte antes da Revolução. Ou seja, esses esquemas para as esferas que vimos, e as obras de Goya — bem, as primeiras obras demoníacas de Goya antes da Revolução. Portanto, não se trata simplesmente de uma inspiração proveniente do evento político; mas sim um exemplo de que a mesma força que produziu esse evento está produzindo também a arte. Ou seja, há inspirações que vêm, sem dúvida, dos demônios. E embora não vejamos exatamente como os demônios inspiram, é óbvio que essa é a obra dos demônios inspirando esses artistas. E, a propósito, esses não são apenas um bando de malucos. Seria muito bom se pudéssemos dizer que são malucos e nada típicos das pessoas comuns que vemos no supermercado, e, portanto, podemos ignorá-los.

É o mesmo tipo de psicologia que diz: “Bem, tudo bem para os russos ou os vietnamitas. Eles querem esse tipo de governo; que fiquem com ele, e nós simplesmente seguiremos em frente.” Na verdade, Solzhenitsyn disse ontem [julho de 1975] que esteve em Washington e falou para um grupo de senadores e congressistas, cerca de cem deles, e no final disse: “Aqui, nos vastos espaços deste continente, é difícil acreditar no que está acontecendo no mundo. Mas, senhores, não haverá mais vida segura. Nem nós nem vocês terão uma vida segura. Que Deus lhes conceda que, quando chegarem à sua crise, tenham líderes como os que tiveram no início da Revolução, que ainda acreditavam na natureza humana e não zombavam da ideia do bem e do mal.” [34]

Infelizmente, acontece que essa era do humanismo, que deu origem até mesmo aos Estados Unidos, aos pais fundadores e à arte daquele século, é algo que hoje se assemelha quase a uma utopia. Não podemos voltar a ela. Aquela foi a era a meio caminho entre a antiga era ortodoxa e a nova era de caos e revolução. E, por um momento, houve algum tipo de

harmonia e paz, mas o processo que havia sido iniciado já estava levando a humanidade para além. E acontece que esse processo se expressa mais claramente nos grandes revolucionários, nos filósofos radicais e nesses artistas rebeldes.

E assim, na verdade, vemos neles como o demoníaco irrompe no mundo. Mas se esse demoníaco ainda não tivesse controle sobre todas as pessoas que vivem no mundo, esses pintores seriam esquecidos. Não seriam conhecidos; não seriam apontados como exemplos de grandes pintores. Suas revoluções se extinguiriam; não haveria ninguém para segui-los. O fato de que a maioria das pessoas tem a mesma mentalidade, está preparada para aquilo que esses profetas dos novos tempos, é o que elas veem. É por isso que vivemos uma época tão desordenada. E, na verdade, podemos dizer que até mesmo as pessoas comuns que vão aos supermercados e estão satisfeitas consigo mesmas estão em situação pior do que essas outras, porque são essas últimas que são torturadas com tanta frequência que se rebelam contra essa mentalidade cotidiana de supermercado das pessoas que dizem: “Ah, está tudo bem. As coisas estão indo muito bem. E o Gulag... isso não me afeta”. Esse tipo de pessoa leva à fúria essas pessoas que são realmente profundas, que querem algo, que querem Deus. E Deus foi afastado. E então elas se voltam para o diabo. Mas o diabo tem o domínio sobre o mundo inteiro. E é por isso que elas se destacam.

12.4 O Espiritualismo

Isso nos leva ao nosso próximo assunto — o espiritualismo e mais alguns aspectos do mundo desarticulado de nossos tempos. Esse fenômeno do espiritualismo [é] muito sintomático nos tempos modernos, nos últimos dois séculos. Isso nos leva a meados do século XIX, justamente a época em que essa arte está explodindo com suas aparições demoníacas. E o ano é 1848, que é exatamente o ano das grandes revoluções na Europa. Por assim dizer, esse mesmo poder demoníaco irrompe de uma forma nas revoluções e, de outra forma, de repente começa a produzir [bate três vezes] uma espécie de batidas, o que abre a possibilidade de se comunicar com outro mundo.

Isso começou em Hydesville, em Nova York, perto de Rochester. E

havia duas irmãs, as irmãs Falk, que conseguiam interpretar essas batidas. E, mais tarde, elas passaram por todo tipo de acusação, foram acusadas de fraude e engano; e uma das irmãs confessou que havia feito as batidas com os nós dos dedos ou algo assim. Mais tarde, ela se arrependeu de ter confessado. E uma delas se tornou freira católica, e... De qualquer forma, não faz diferença o que aconteceu com elas. O fato é que essas batidas começaram a ocorrer, e então os médiuns passaram a assumir o controle. E, em pouco tempo, os médiuns foram para a Inglaterra. A Inglaterra e os Estados Unidos são os dois principais centros do espiritismo. Elas começaram a formar sua própria igreja e, até hoje, há templos espíritas por toda a América e Inglaterra, além de alguns fora desses países.

Este é mais um caso em que essa mentalidade anglo-saxônica prática e cotidiana — a mesma mentalidade que também está por trás dos sonhos do socialismo, como os de Owen — tem uma afinidade muito forte com esse lado místico, com o espiritismo. Não com o verdadeiro misticismo, não com qualquer tipo de contato verdadeiro com Deus, mas sim com algo ligado a uma externalização de algum tipo de misticismo. Porque o espiritismo é um contato com algum outro mundo que não depende do quanto a pessoa se transformou. Isso depende apenas do quanto você desenvolveu suas faculdades mediúnicas. É claro que, para acreditar no espiritismo, é necessário que você tenha deixado totalmente de acreditar no cristianismo, passando a acreditar em um tipo muito vago de cristianismo. Você já não sabe mais distinguir entre fenômenos divinos e fenômenos demoníacos, e está disposto a aceitar qualquer coisa que comprove a existência de algo sobrenatural ou preternatural como proveniente do espírito — a mesma mentalidade que está por trás do movimento pentecostal, que se desenvolve mais tarde no século.

Há muitos fenômenos nesse movimento. Há batidas; às vezes, vozes. Há aparições nas quais supostamente um fantasma inteiro pode se manifestar. Há manifestações parciais, como uma mão que aparece de repente. E Thomas Mann viu uma mão se materializar. Há algo chamado “escrita automática”. Na verdade, eu vi uma. Certa vez, comprei um livro sobre espiritismo e, dentro dele, havia uma pequena, uma folha de papel com uma caligrafia minúscula, minúscula. Era impossível que uma mão humana escrevesse — minúsculo, minúsculo — várias páginas em uma única folha, e dizia, e começava — e de forma muito fluida — dizia: “Esta

mensagem não foi escrita por uma mão humana.” E traçava a mensagem.

E sabemos que isso é possível porque a Madame Blavatskaya, fundadora da Teosofia, era ela própria especialista em coisas como a materialização de pratos. E eles lhe davam — eles colocavam um pedaço de papel e o trancavam dentro de algum tipo de prato, ou algum tipo de armário. E ela se concentrava por dez minutos, depois abria o armário, e havia algo escrito no pedaço de papel que ela tinha; seus demônios tinham vindo em seu auxílio e escrito aquilo. Às vezes, eles podem até ver uma caneta surgir do nada e começar a escrever sem nenhuma mão por trás.

Todos esses são os truques comuns dos demônios, porque eles são capazes de fazer coisas como materializar objetos, atingir pessoas e levantar mesas. Há toda uma técnica que já está em nosso artigo sobre o movimento carismático explicando como eles fazem isso. Eles se reúnem e obtêm algum tipo de energia psíquica ao darem as mãos. E isso envolve a esfera do inconsciente, a psique do homem, que é uma esfera muito profunda sobre a qual não sabemos muito. E há uma grande quantidade de energia ali que pode ser canalizada. E, é claro, o principal ingrediente desses fenômenos são os próprios demônios, que vêm em auxílio do médium. E uma pessoa bem treinada em mediunidade, que possui certa aptidão para isso, é capaz de invocar demônios enquanto se encontra em um estado de transe profundo.

É claro que a razão pela qual isso é condenado por Deus é porque se trata de uma esfera muito perigosa de realidades espirituais que estão além de nossa compreensão. Quando essas realidades se apresentam aos santos, ou seja, quando os demônios atacam os santos, travam-se batalhas terríveis. Mas agora a humanidade se tornou civilizada e os demônios aparecem sob disfarces muito civilizados. E eles apresentam uma filosofia que é tão estúpida, tão contraditória e tão em harmonia com o que Emerson ou qualquer outra pessoa está dizendo. Assim que o comunismo entra na moda, os teosofistas começam a falar como comunistas, e assim por diante — simplesmente pegando tudo o que está no ar. E os espíritos lhe dão exatamente o que qualquer pregador qualquer pode lhe dar em um templo espírita sem nenhum espírito, ou em qualquer igreja protestante, aliás.

Há uma coisa na qual os espíritas dão grande ênfase como prova da existência dos espíritos. Trata-se do fato cientificamente comprovável de

que, sempre que os espíritos chegam, a temperatura na sala cai vários graus. E eles realizaram experimentos com termômetros para mostrar que, não sei, três ou cinco graus, algo assim, a temperatura cai na sala quando os espíritos chegam. É claro que, para nós, essa é uma prova conclusiva de que se trata de demônios, porque os demônios são frios, e isso se manifesta até mesmo fisicamente. E sentir um calafrio na presença de algum tipo de fenômeno demoníaco não é apenas imaginação.

Essas novas forças são as que agora vão dar à humanidade uma nova religião. E não será mais uma religião na qual o homem entrega livremente sua alma a Deus em obediência. Agora o homem será compelido a acreditar porque há provas externas que mostram que existem espíritos. A filosofia ocidental havia chegado a um ponto em que já não acreditávamos em Deus nem em qualquer tipo de seres do além. E agora, como que vinda de baixo, a realidade espiritual vem à tona. Isso torna possível... [quebra na fita]

3. Leva a uma abordagem “científica” da religião — Steiner, Sociedade para a Pesquisa Psíquica, fenômenos extra-sensoriais — especialmente a parapsicologia, bem desenvolvida na Rússia e em outros países comunistas. Afinidade do socialismo ateu com o ocultismo e o espiritualismo. Desenvolvimento dos sentidos superiores, ciência superior — a ciência deve culminar no espiritualismo: Steiner 54.

...Saint-Simon, Teilhard de Chardin e outros que sonhavam com a reconciliação entre ciência e religião. E a partir dessa época começam a se formar sociedades para o estudo científico dos fenômenos espirituais. Na Inglaterra, havia a Sociedade para a Pesquisa Psíquica, da qual Sir Arthur Conan Doyle era um dos principais representantes. E foi aí que os ilustres agnósticos da Inglaterra vitoriana encontraram seu caminho de volta à espiritualidade. E escreveram livros sobre o assunto que são tão ingênuos e fantásticos: Sir Arthur Conan Doyle e seu Sherlock Holmes, com sua mentalidade de detetive, o racionalismo puro é atraído pelo espiritualismo — a mesma coisa, a mente prática, porque a realidade superior está fechada. Assim que algum tipo de realidade espiritual entra no domínio dos fenômenos, eles se deixam levar por ela. E não têm mais nenhum parâmetro com o qual julgar. Isso

Pe. H: É esse o livro?...

Pe. S: O “Cristianismo sem mistério” agora está dando lugar a, na

verdade, um não-cristianismo com mistério.

Em nossos dias, temos as diversas sociedades dedicadas ao estudo de fenômenos extra-sensoriais. Chama-se “parapsicologia”, no laboratório da Universidade Duke, na Virgínia. E essa ciência, aliás, está extremamente bem desenvolvida na União Soviética e também em outros lugares, como a Hungria. Porque os soviéticos são muito realistas e abertos a qualquer coisa que possa ser poderosa. E como descobriram que há algo de verdadeiro na percepção extrasensorial, que existem certas faculdades no ser humano que parecem estar acima dos nossos cinco sentidos comuns, por isso estão desenvolvendo-as para ver se conseguem transformar isso em algum tipo de arma para a guerra, para tornar o comunismo mais seguro ou simplesmente para o avanço da ciência. Houve até um exemplo — infelizmente, perdi o recorte de jornal —, mas no Congresso do Partido Comunista em 1955 ou 1956, havia uma mulher que se levantou em Moscou e deu seu testemunho de como Lenin havia aparecido para ela, e lhe dito o que seria votado na próxima assembleia, a próxima reunião do Partido Comunista. E isso foi registrado e simplesmente aceito.

Nesse período, também temos outro exemplo interessante de alguém, uma mulher inglesa que possui tanto a mentalidade socialista quanto a ocultista, a Srta. Annie Besant, que era uma defensora dos direitos das mulheres e socialista que foi convertida pela Sra. Blavatsky e se tornou presidente da Sociedade Teosófica, acabando por educar o “messias”. Ou seja, o jovem indiano Krishnamurti, de quem, quando ele tinha quatro anos, ela proclamou que seria o futuro messias. O nome dela é Annie Besant, B-E-S-A-N-T. E ele finalmente cresceu e renunciou ao título de messias, passando a viajar e ensinar por conta própria. E até hoje ele ensina; vai para o norte de Santa Bárbara, onde há um acampamento chamado Ohai. Na Holanda havia um lugar, uma espécie de acampamento de verão onde ele vai dar palestras e escreve livros, diz que não é o messias, mas está levando o evangelho para a nova era. Acho que ele ainda está vivo. O nome dele é Krishnamurti.

Esta é também a época da fundação da Sociedade Teosófica Sociedade Teosófica pela Madame Blavatskaya, a médium russa, que afirmava, desde o próprio dia de seu batismo, ser inimiga jurada dos reis e da Igreja, pois, quando foi batizada, o padre quase morreu queimado quando uma vela caiu e incendiou suas vestes. Desde a infância, ela já manifestava esses

talentos psíquicos de materializar objetos e assim por diante.

A senhora Blavatskaya escreveu volumes enormes: “Ísis Desvelada”. Ela ensinava, [ou] achava que estava ensinando a sabedoria oriental que havia recebido dos mestres do Tibete. E há meios muito engenhosos pelos quais ela recebia revelações: uma carta de repente descia flutuando até a sala. Ela a lia e lá estava a mais recente revelação dos Mahatmas da Índia.

Pe. H: “A Ciência Cristã não surgiu da mesma forma?”

Pe. S: E mais tarde, quando a Índia e o Tibete já estavam mais explorados, os Mahatmas se mudaram para o espaço sideral. E agora eles estão em algum planeta. Aluno: Ela costumava ser artista de circo...

Pe. S: Ela era, sem dúvida, uma médium; era definitivamente uma médium bem desenvolvida. Mas havia tantos desses fenômenos que não dá para discutí-los todos.

Há uma dessas pessoas envolvidas com esses que talvez seja mais interessante do que os outros. Seu nome é Rudolf Steiner. Ele também era teosofista e acabou sendo expulso da Sociedade Teosófica porque era um pouco inteligente demais. E assim fundou sua própria sociedade chamada Antroposofia, sabedoria do homem. Esta é a foto dele. Ele é bem mais inteligente do que a maioria dos ocultistas, que costumam ser extremamente ingênuos, já que a maioria dos teosofistas e espiritualistas costuma ser extremamente superficial, simplesmente aberta a tudo o que os espíritos lhes dizem. Ele era um homem que era mais um filósofo. Era um grande estudioso de Goethe e descobriu que Goethe era o grande místico de nossa época que iria unir religião e ciência.

E ele desenvolveu uma espécie de espiritualismo que considerava científico; ou seja, ele enxergava a realidade como um todo, tanto a realidade externa, que a ciência examina, quanto a realidade interna, que ele percebia em visões. Ele tentou fazer uma espécie de síntese entre ambas. E seus escritos ainda são bastante estudados com seriedade por todo tipo de pessoa séria. Ele fundou algumas escolas que ainda existem, que ensinam coisas como a euritmia, que consiste em mover o corpo e dançar a fim de, de alguma forma, adquirir espiritualidade, o que parece trazer algum tipo de resultado. E ele tem algo interessante a dizer sobre o que buscava:

“O cientista contempla a matéria como completa em si mesma, sem estar ciente de que se encontra na presença da realidade espiritual que se

manifesta na forma material. Ele não sabe que o espírito se metamorfoseia em matéria a fim de alcançar formas de atuação que só são possíveis nessa metamorfose. Por exemplo, o espírito se expressa por meio de um cérebro material para que o homem, por meio desse processo de conhecimento conceitual, alcance a autoconsciência livre. Por meio do cérebro, o homem extrai o espírito da matéria, mas o instrumento que ele usa é, ele próprio, uma criação do espírito.” [35]

E em nossos dias, quando a ciência chegou a um beco sem saída e não consegue compreender o que é a matéria, descobre que não pode definir a matéria por si só, ele quer vir em socorro e oferecer-lhes uma ciência baseada em algo “superior”, ou seja, na realidade espiritual, que, segundo ele, é verificável na experiência. De fato, o lema de todos os teosofistas e espiritualistas é “Experimente você mesmo”. Você pode se convencer por meio de sua própria experiência, se seguir as regras para entrar em contato com os espíritos.

É claro que isso vai contra a liberdade do cristianismo, que consiste no fato de você ter fé em Deus e entregar-se, dedicar-se a Deus, que está acima de você, por livre escolha, e não porque isso lhe foi provado, porque você está em contato com algum tipo de realidade que se impõe a você.

É claro que todos esses fenômenos espíritas resultam, assim como a arte moderna — com a qual têm muito em comum, na verdade, muitos desses artistas têm ideias bastante ocultistas — resultam no mesmo tipo de mundo desconexo e fragmentário, onde seres, de repente, surgem de algum tipo de espaço, uma mão aparece de repente; é possível materializar objetos, é possível materializar algum tipo de fantasmas. E isso é muito, é muito estranho para a atitude normal, esclarecida e moderna em relação à realidade material.

[Da palestra sobre Nietzsche de 1980, que poderia ser datada do inverno de 1981-

82:]

Não mencionei aqui todos esses cultos e coisas do gênero que surgiram como resultado dessa ideia de Kant, de que o eu, a mente, é o centro do universo. Mas há muitos deles: desde o mormonismo, a ideia de que agora você pode confiar nas revelações que lhe chegam. E o século XIX está repleto de pessoas que confiavam em qualquer tipo de impressão que lhes chegasse e criaram uma nova religião, como Mary Baker Eddy, que

fundou a Ciência Cristã, e Ellen White fundou os Adventistas do Sétimo Dia. William Miller, também adventista do sétimo dia, saiu e fundou as Testemunhas de Jeová — todos eles baseados, de certa forma, no fato de que eles próprios são como um deus que tem uma nova revelação. E todo mundo os segue.

Mas aqui está um que por acaso apareceu em uma revista, e uma dessas seitas que se autodenomina hindu, na verdade é hindu para o contexto americano. É a revista do Movimento Hari-Krishna, que é totalmente colorida, muito impressionante. Chama-se Back to Godhead. “É claro que vemos aqui onde a filosofia ocidental egocêntrica se conecta com o hinduísmo. Esse movimento começou no século XIX. Porque, no hinduísmo, você se torna um deus. Veja, você pode meditar, entoar mantras, e entra nesse estado em que Deus entra em você e, portanto, você literalmente se torna um deus; seu Eu se torna um deus.

Isso se encaixa muito bem; o hinduísmo se alinha perfeitamente com toda a filosofia da evolução, com Nietzsche e todo o resto. Mas é a combinação de [o hinduísmo e essas outras filosofias]. Você pode ver que, quando está na Índia, sei lá, é simplesmente paganismo; mas, quando está em solo americano, se encaixa na nossa mentalidade egocêntrica e mimada. É muito sensual. Aqui você vê esses jovens, a Miss América ou rapazes americanos que raspam a cabeça, vestem essas túnicas e parecem representantes da nova religião. E estão todos felizes, alegres e entoando cânticos. E aqui está o deus deles, que é muito inspirador, não é mesmo? O grande profeta. Ele faleceu há um ou dois anos.

E depois há todo tipo de artigos e fitas, sons transcendentais. Você ouve esses sons: assinatura da fita Golden Avatar. Você pode ouvir todos os tipos de sons que elevam sua mente a reinos celestiais. Sabe, falam sobre todos os tipos de assuntos contemporâneos, como ciência. Eles convidam você para participar de banquetes, [uma] refeição completa de ioga, e compartilhar os cânticos com eles. Há algum tipo de texto antigo que eles traduzem, além de notícias. E, no teatro, eles apresentam o Bhagavad-Gita na forma de peça teatral; e, todos bem vestidos por horas, eles se maquiam com essas fantasias, ficam em frente aos espelhos. E quando dançam, parece muito sensual e alegre, e dá a impressão de que estão um pouco “fora do normal” sexualmente. Eles meio que sentem uma emoção com isso, raspando a cabeça e parecendo um bando de esquisitos.

E se perdem na meditação e nos cânticos.

Lembram-se de que, em nosso livro “Ortodoxia e a Religião do Futuro”, descrevemos o templo deles em São Francisco, como eles simplesmente ficam ali por horas, tocando os tambores, tocando os tambores e tocando os tambores. E por todas as paredes há essas imagens do Bhagavad-Gita, esses trajes sensuais, trajes, com túnicas de seda. Você entra num estado real em que não está presente de jeito nenhum; é como estar drogado. Dê uma olhada nesses trajes que eles têm.

E depois histórias fantásticas, porque hoje em dia a gente gosta de ficção científica e fantasias espaciais e assim por diante. Então, aqui tem toda uma história sobre “O Javali que Lutou pelo Planeta Terra”, e você tem uma história de fantasia completa sobre um porco cósmico que quer devorar a Terra. Isso satisfaz suas necessidades de fantasia. É como Brahma, que é maior do que todos os céus. Então, esse javali também é muito maior do que a Terra; ele poderia engolir a Terra se quisesse. Esse é o paganismo antigo que volta diretamente para a nossa vida temporária. Mas de uma forma bem egocêntrica e sensual, e tudo isso é óbvio: o incenso, os cânticos, as roupas, e você tira suas roupas ocidentais e veste essas túnicas, e isso faz você se sentir muito importante, muito parte do novo, e é tudo egocêntrico... [E]stá adaptado às necessidades americanas.

E esse homem aqui, esse é o líder, aquele que é o guru ou avatar deles, era apenas um empresário comum na Índia. Ele não tinha nenhum futuro lá. Ele veio para os Estados Unidos e descobriu que aqui ele pode ganhar a vida sendo uma espécie de deus para todas essas pessoas. Mas os americanos agora estão vulneráveis, porque aqueles que não despertam conscientemente para o que é o cristianismo e não começam a perceber que, no mundo, há um mal tremendo lutando pelas almas, podem muito facilmente cair nessas armadilhas. E, portanto, aqueles que não se deixam levar pelo Hari-Krishna acabam se deixando levar por algum outro tipo de movimento. E até mesmo vários tipos de protestantismo...

Pe. H: Às vezes eles se deixam levar pela Ortodoxia, com todos os ícones, e o incenso

Pe. S: Também.

Pe. H: ...e os cânones e tudo mais. Você lhes apresenta tudo isso, em detalhes (?), sem exceção.

Pe. S: Portanto, é preciso haver uma crítica, é preciso haver uma cons-

ciência do que é o quê. Em que se baseia nossa religião? Então, há duas grandes forças em conflito. Uma é o verdadeiro cristianismo, a Ortodoxia, e a outra é essa nova filosofia da qual a maioria das pessoas não tem consciência. A maioria das pessoas que curte o ritmo contemporâneo, o rock'n'roll ou vários tipos de cultura moderna, arte, música e religião — não têm consciência de que fazem parte desse movimento. Elas simplesmente se deixam levar porque é o que está na moda. As pessoas ao redor delas estão fazendo isso; elas sentem uma necessidade disso e seguem sem ter consciência disso. Mas nós, que estamos estudando isso, precisamos estar conscientes do que está acontecendo.

Alguma dúvida sobre tudo isso até agora? Está claro o que essa combinação de ideias [está produzindo]? Hume destrói a realidade externa. Kant restaura o Eu como o centro da realidade, a mente ou o Eu como o centro da realidade, e então isso se torna o novo deus. Este é o novo deus; o antigo Deus está morto.

Pe. H: Mas para aqueles que não são ortodoxos, aqueles que não preservam, não protegem a Ortodoxia.

Pe. S: Aqueles que simplesmente seguem a tendência da época, o que quer que esteja no ar.

Pe. H: Certo.

Aluno: O senhor acha que Kant (derrubou? sabia?) essa filosofia.....teria evoluído da maneira que evoluiu (?)

Pe. S: Bem, provavelmente, provavelmente sim, porque ele é, de certa forma, como você pode perceber, ele na verdade está apenas expressando a filosofia disso. E esse elemento já estava lá; portanto, provavelmente teria acontecido de qualquer maneira. Ele expressa isso e, assim, dá para ver que essa é, de certa forma, a filosofia subjacente ao que estamos discutindo. Porque, por si só, ele não é, eu diria que ele é menos, ele não é influente no sentido de que as pessoas o leiam e tenham essas ideias; em vez disso, ele é sintomático, expressa o que está no ar.

Então, esse é um aspecto. Mais uma vez, há outro aspecto que é revelado. Acabamos de receber essa revista, justamente enquanto conversamos sobre o assunto, sobre “Empoderamento do Eu”. [36] Eles parecem ser pessoas muito boas, esses cientistas do chamado Projeto das Falsificações Espirituais, em Berkeley. São uma espécie de fundamentalistas que falam sobre todos os tipos de aspectos da espiritualidade falsa. E quase

tudo o que escrevem é bom. Eles desmascaram o Maharishi, a Cientologia e todas essas seitas, tudo o que não é cristianismo básico. Eles têm toda uma série de artigos sobre o Eu, o humanismo cósmico ou o potencial humano. Veja, isso também é egocêntrico, [o] movimento do potencial humano que existe atualmente. Eles vêm da psicanálise e assim por diante. Ele fala sobre vários movimentos aqui que podem ser muito sintomáticos.

Sim, fala-se sobre o movimento do potencial humano e ele diz que parte da base disso, como condição para a fé na razão humana, uma nova visão da humanidade contribui para a crença na auto-transformação. Esse potencial humano enfatiza o que eu posso, como posso me desenvolver, como posso descobrir algo melhor. “Nossa cultura tradicionalmente adota uma visão cristã das pessoas como criaturas limitadas, separadas de Deus, criaturas que são uma mistura curiosa e paradoxal de qualidades boas e más. Essa visão está agora sendo desafiada por um conceito oriental/ocultista de humanidade implícito no movimento do potencial humano. O princípio básico dessa visão de mundo ocultista é que tudo é um: o mundo da matéria, o mundo do espírito, ambos são a mesma essência. Se tudo é um, então... as diferenças sãoilus. A realidade não é o que parece ser essa miríade de objetos, pessoas, pensamentos, ideias sobre Deus, moralidade ou beleza. O que aparece é meramente subjetivo para cada pessoa; a realidade é uma unidade além das aparências.” Você pode ver Hume, Kant. Então, é “apenas um pequeno passo até a conclusão de que cada um cria” sua própria “realidade, ou seja, cada um percebe o que deseja perceber. Essas percepções não são precisas nem imprecisas. São meramente parte da ilusão da realidade, além da qual reside a unidade”, que é “a ‘verdadeira realidade’.

“Se tudo é um, a existência de uma pessoa como parte dessa unidade é tão sagrada e poderosa quanto qualquer outra parte do todo. Deus, então, torna-se parte da unidade, da qual cada indivíduo é uma manifestação. À medida que as pessoas se libertam do domínio da ilusão,” que é “(a realidade tal como percebida no mundo material), a transcendência divina, uma experiência de unidade com o universo pode ser vivenciada... O ápice da hierarquia das necessidades humanas é a experiência de unidade com todas as coisas. As pessoas, em essência, tornam-se Deus.”

“Os pacientes”, que estão em psicanálise, “têm dentro de si as res-

postas para seus próprios problemas.” [37] No cristianismo, você vem com problemas, e nós lhe damos as respostas. É isso que Deus ordena. Você muda sua vida de acordo com isso. De acordo com a nova ideia — e a psicanálise está repleta disso —, você tem as respostas dentro de si mesmo. “Vamos trabalhar isso juntos, vamos ver quais são suas necessidades e como podemos expressar suas necessidades.”

Aluno: Isso é mais ou menos na linha da Cientologia, não é?

Pe. S: Sim, sim, é uma dessas seitas. É a mesma coisa, exatamente a mesma coisa. O terapeuta apenas proporciona um clima de aceitação que permite que a pessoa descubra essas respostas a partir de dentro. Desbloquear a sabedoria humana universal em um indivíduo, o que tradicionalmente era papel do xamã ou do sacerdote ocultista, agora passa a ser a trabalho do psicoterapeuta.

Então isso é definitivamente auto-adoração: você cria sua própria realidade, e a nova realidade surge de dentro de você mesmo. E se você tiver algum tipo de perversão dentro de si, então precisa descobrir como expressá-la de uma forma que não seja muito difícil para a sociedade aceitar; seja certo ou errado, eles não dizem nada. O psicanalista não diz se você está certo ou errado. Se ele lhe der [alguma coisa], ele vai lhe dar um sistema de valores, isso significa que ele é uma religião. Ele precisa ser científico; portanto, você precisa descobrir isso a partir de dentro de si mesmo. Portanto, as premissas deles são as seguintes: a humanidade é boa, que os homens, naturalmente, tendem ao crescimento, que todos os valores corretos já estão dentro do indivíduo, não vêm de fora, que o potencial humano é ilimitado, que o mais importante é a experiência, que você é autônomo, por conta própria. O objetivo é a autoconsciência. E, no que diz respeito ao mundo exterior, tudo é relativo. Você não sabe o que é, se Deus existe ou não. O único absoluto é a mudança. E não existe o mal. Todo o bem vem de dentro do indivíduo. “Com esse conjunto de pressupostos sobre a natureza da humanidade, de Deus e do mundo, a psicologia humanística tornou-se o solo no qual o movimento do potencial humano floresceu. O clima cultural da década de 1960 era perfeito para isso.” [38]

“Na década de 1970, um movimento do potencial humano que se espalhava para o leste a partir da Califórnia havia gerado 8.000 terapias diferentes, um sistema de fragmentos da psicanálise, religiões orientais, ex-

perimentação sexual, jogos e um renascimento religioso à moda antiga.” [39]

Havia uma chamada Análise Transacional, uma das primeiras manifestações influentes do pensamento do potencial humano. Há um livro chamado “Eu estou bem, você está bem”. A ideia era: tudo está bem do jeito que está. Lembro-me de que, quando estudava Zen, era isso que era enfatizado: que o Zen simplesmente aceita a realidade do jeito que é, sem acrescentar nenhum valor a ela. Apenas aceite do jeito que é, exatamente como você é. Apenas relaxe, deixe fluir, e Deus assumirá o controle — se você acreditar em Deus ou na mente cósmica. Apenas relaxe, vá com calma e deixe a natureza se manifestar. O indivíduo é bom e deve seguir sua própria experiência. “Estou bem, portanto, não preciso seguir nenhuma estrutura ou valores impostos de fora. Para me libertar dos meus pais ou da minha consciência.” É uma ideia de que você esteve sob a tirania dos seus pais todo esse tempo e agora deve acordar e se tornar uma personalidade independente e autônoma. Bem, isso faz sentido, porque um adolescente gosta de se rebelar, quer se afirmar como indivíduo e, portanto, rejeitar os pais — o que é a mesma coisa que a consciência — e ouvir meus próprios desejos, acreditando que eles são bons. Isso resultará no meu crescimento e na realização de todo o meu potencial. O livro didático de Análise Transacional pede que a pessoa pegue um espelho duas vezes por dia, olhe nele e declare: “Estou bem... do jeito que sou, sou perfeito...”.

Referências

- [1] — Sedlmayr, Hans, *Art in Crisis*, Henry Regnery Co., 1958, Chicago, p. 111.
- [2] — Ibid., p. 117.
- [3] — Ibid., p. 118.
- [4] — Ibid., p. 120.
- [5] — Ibid., p. 123.

- [6] — Ibid., pp. 124-5.
- [7] — Ibid., p. 126.
- [8] — Ibid., p. 127.
- [9] — Ibid., p. 134.
- [10] — Ibid., p. 134.
- [11] — Ibid., pp. 135-6.
- [12] — Ibid., pp. 136-7.
- [13] — Ibid., p. 139.
- [14] — Ibid., p. 141.
- [15] — Ibid., p. 142.
- [16] — Ibid., p. 144.
- [17] — Ibid., p. 157.
- [18] — Ibid., p. 159.
- [19] — Ibid., p. 171.
- [20] — Ibid., p. 173.
- [21] — Ibid., p. 176.
- [22] — Ibid., p. 177.
- [23] — Ibid., p. 178.
- [24] — Ibid., p. 178.
- [25] — Ibid., p. 179.
- [26] — Ibid., pp. 184-5.
- [27] — Ibid., p. 186.
- [28] — Ibid., p. 188.
- [29] — Ibid., p. 192.
- [30] — Ibid., p. 194.
- [31] — Ibid., p. 207.
- [32] — Qual é a fonte disso? Possivelmente *Since Debussy: A view of Contemporary Music*.
- [33] — Qual é a fonte disso?
- [34] — Qual é a fonte disso?
- [35] — Qual é a fonte disso?
- [36] — Disponível em reimpressão como *Spiritual Counterfeits Journal*, vol. 5, n.º 1, inverno de 1981-82: "Empowering the Self: A Look at the Human Potential Movement". *Spiritual Counterfeits Project*, Caixa Postal 4308, Berkeley, Califórnia 94704.
- [37] — *SCP Journal*, vol. 5, n.º 1, p. 9.

[38] — Ibid., p. 14.

[39] — Ibid., citando Alvin Toffler, p. 14. cccxxxvii. Picard, Max, *Hitler in Ourselves*, Henry Regnery Co., Chicago, 1947, pp. 27-32.

Aula 13

O Anticristo

13.1 A Fuga de Deus: Max Picard

Palestra XII, A Nova Religião, continuação da Parte D, a partir do esboço

Isso nos leva ao estado espiritual das pessoas de nossa época, não necessariamente sob a influência direta do ocultismo ou da arte moderna, mas ainda assim aquele mesmo estado que o ocultismo e a arte moderna expressavam.

Isso podemos ver em algumas páginas de um livro escrito por outro alemão, que na verdade é judeu, converteu-se ao catolicismo, ficou totalmente desiludido com a Europa moderna e deixou as cidades e partiu, encontrando um lugar à beira de um lago na Suíça, onde, pelo que soube, ainda vivia. Seu nome é Max Picard. Ele escreveu um livro chamado *A Fuga de Deus*, que descreve como a vida do homem moderno, especialmente a vida nas cidades, é uma fuga completa da realidade, fuga de Deus. Após a Segunda Guerra Mundial, ele escreveu um segundo livro chamado *Hitler em Nós Mesmos*. Nele, ele expressa muito bem qual é o contexto por trás de todos esses movimentos.

“Durante uma viagem à Alemanha em 1932, o líder de um partido político influente me procurou para perguntar como era possível que Hitler tivesse se tornado uma figura tão importante e tivesse conquistado

tantos seguidores. Apontei para uma revista que estava sobre a mesa e pedi que ele a lesse. A primeira página era ocupada por uma dançarina seminu; na segunda página, soldados faziam exercícios com uma metralhadora e, mais adiante, um cientista era mostrado em seu laboratório; a terceira página apresentava a evolução da bicicleta desde meados do século XIX até os dias atuais, e um poema chinês estava impresso ao lado; a página seguinte estava dividida entre os exercícios físicos de trabalhadores de fábrica durante um período de descanso e a técnica de escrita de uma tribo indígena sul-americana por meio de cordas com nós; na página oposta, o senador Fulano de Tal era retratado em sua casa de verão.

“É assim”, eu disse, “que o homem moderno compreende as coisas do mundo fora de si mesmo. O homem moderno arrasta todas as coisas em direção a si mesmo de forma caótica e sem coesão; isso prova que sua própria vida interior é um caos sem coesão. O homem moderno não mais enfrenta as coisas do mundo como existências sólidas, nem as coisas se registram em sua mente individualmente; tampouco ele aborda uma coisa específica por meio de um ato específico: o homem moderno, com sua caótica vida interior, tem um mundo exterior correspondentemente caótico girando em sua direção. O que está por vir não é mais examinado; basta que qualquer coisa esteja chegando. A esse tumulto desconexo qualquer coisa ou qualquer pessoa poderia se misturar — Adolf Hitler, por exemplo”, ele entra na mente de um homem sem que ele perceba como chegou lá; a partir desse momento, não depende mais da vítima, mas da habilidade de Adolf Hitler, se ele simplesmente passará pela mente daquele homem ou se se apoderará dela.”

“A desconexão de uma revista, no entanto, parece antiquada, quase artesanal, em comparação com o rádio. No rádio, o processo de desconexão tornou-se mecanizado: 6h de ginástica; 6h10 de música gravada; 7h notícias; 8h curso de alfabeto Morse; 9h sermão matinal; 9h30 “Na Vila dos Habitantes do Lago”; 10 da manhã: sonata de Beethoven para flauta e piano; 10h30 da manhã: palestra sobre agricultura; 10h45 da manhã: notícias internacionais; 11 da manhã: Abertura de “Rienzi” [de Wagner] — e assim por diante até o curso de espanhol às 22h10 e a hora do jazz às 22h30.

“Esse mundo do rádio não é apenas desconexo;” Isso é rádio clássico; isso é bom rádio. “Ele produz desconexão: apresenta todas as coisas de

tal forma que elas não se encaixam desde o início e, assim, são esquecidas uma a uma antes mesmo de que tenham desaparecido; desde o início, elas estão envoltas em uma névoa de esquecimento. Esse mundo exterior pressupõe que a mente do homem não é mais capaz de perceber as coisas deste mundo em qualquer contexto — como são, isto é, como perduram e como estão correlacionadas entre si em sua natureza —” mas sim “ela atua principalmente em direção à descontinuidade interior, em direção à desarticulação do homem, e com isso ela funciona.

“Não há mais um mundo exterior que possa ser percebido, porque é uma confusão — da mesma forma, não há mais no homem uma mente capaz de perceber com clareza, porque seu mundo interior, também, é uma confusão. Portanto, o homem não se aproxima mais dos objetos por meio de um ato de vontade; ele não seleciona mais os objetos do mundo externo e não os examina mais: o mundo é fluido; objetos desconexos passam pelo homem desconexo. Já não importa o que passa; o que conta é apenas que algo passe. Nessa fila, qualquer coisa poderia se infiltrar, inclusive Adolf Hitler; e prefere-se que pelo menos ele, Adolf Hitler, apareça do que não aparecer nada. “Heil” a ele; pois ele não apenas marcha como parte da confusão, mas também zela para que a marcha da confusão não pare — ele mecaniza o fluxo de eventos e coisas à maneira de uma linha de montagem e faz isso melhor do que qualquer outra pessoa.

“A Grande Cidade é a expressão do desconexo em si. Nela, o desconexo tornou-se pedra, não, em concreto. Constantemente as linhas das casas são interrompidas pelo movimento de automóveis, bondes e trens que cortam tudo como máquinas. As figuras humanas parecem dissolvidas em manchas indistintas, voando de um lado para outro entre as paredes das casas e das ruas como peões de forças malignas. O próprio céu parece estar mais distante da Terra do que em qualquer outro lugar, e até mesmo o céu perdeu a continuidade consigo mesmo, pois é constantemente atravessado por aviões de silhuetas nítidas.

“A partir dessa confusão exterior, então, Adolf Hitler podia facilmente esgueirar-se para a confusão interior; nessa desarticulação, ele podia aparecer ao lado de qualquer coisa, pois se encaixava em qualquer coisa: tal como era, ele se encaixava em qualquer coisa desarticulada.

“E à medida que, repetidamente, ele se mostrava nessa confusão, tornava-se mais distinto do que as outras partes do caos; as pessoas se acostuma-

vam com ele e o aceitavam como se aceita uma pasta de dentes que aparece repetidamente no caos das páginas de publicidade. Logo ele surgiu como a única realidade em um mundo em que tudo o mais se manifestava apenas para desaparecer novamente imediatamente.

“Sorel acredita que, em uma democracia moderna, é possível que um punhado de homens usurpe os instrumentos do poder e estabelecer uma ditadura. Isso é verdade. Mas só é possível porque hoje todos estão deslizando em direção a qualquer coisa — e, assim, pode-se deslizar em direção aos meios de poder sem perceber, enquanto outros percebem ainda menos. Não é preciso fazer nenhum esforço especial; não é preciso lutar pelos instrumentos do poder — basta agarrá-los como se agarra qualquer outra coisa no caos em que se desliza. É meramente um acidente que isso aconteça no âmbito da política; neste mundo do momentâneo e do desconexo, qualquer outra coisa poderia ser agarrada também, em [lugar] da política e da ditadura. Aqui, não existe história do poder- pressuposto; nenhuma história, nenhuma teoria, nenhuma doutrina conta, exceto a teoria e a doutrina do caos.

“Hitler não precisava conquistar; tudo já estava pré-conquistado para ele por meio da estrutura da descontinuidade, por meio da desconexão geral. Como resultado, tal ditador tenta compensar aquela farsa que é *Mein Kampf*, que ele escreveu, “que, na verdade, não era necessário para a tomada do poder: agora que ele possui o poder, esforça-se com todos os gestos, com todo o grande alarde do poder, e por meio da violência e do assassinato para provar que é ditador por seu próprio ato e não por um acidente do caos.

“Somente em um mundo de total descontinuidade uma nulidade como Hitler poderia se tornar Führer, porque somente onde tudo está desarticulado a comparação caiu em desuso. Havia apenas Hitler, a nulidade, diante dos olhos de todos, e nesse mundo instável em que tudo mudava a cada momento, ficava-se ficava feliz por, pelo menos, aquela nulidade, Hitler, permanecer estável diante dos olhos de cada um. Um mundo ordenado, uma hierarquia, teria automaticamente colocado a nulidade, Hitler, no nada; ele não poderia ter sido notado. Hitler era o excremento de um mundo demoníaco; um mundo de verdade em sua ordem o teria empurrado para o lado.” [1]

Mais uma vez vemos a mesma coisa: é o mundo, somos nós, as pessoas

comuns, que estamos vivendo exatamente esse tipo de vida de desarticulamento e acostumados aos próprios fenômenos que vemos ao nosso redor — os jornais, o rádio, a televisão, os filmes — tudo o que está voltado para pedaços que não se encaixam uns nos outros. Não há Deus; não há um padrão avassalador e subjacente nas coisas, nem Deus, nem ordem. E a ordem que vemos em nossa vida é apenas um resquício de uma época anterior, quando as pessoas ainda acreditavam em Deus. E é por isso que Solzhenitsyn pode olhar para os Estados Unidos e dizer: “Isso está chegando aqui.” [2] Vocês estão meio que isolados; não percebem isso. Mas está chegando aqui porque é assim que as coisas são, é o que está acontecendo no mundo. E, claro, os americanos estão cegos porque estamos acostumados a ter nossa comida...

Pe. H: Estamos protegidos.

Pe. S:....e muito isolados da realidade. E a realidade que está acontecendo no mundo é esta aqui cccxxxix, essas pessoas “loucas”, que não são loucas, estão expressando o que o diabo está planejando para nós a seguir.

Na arte moderna, como vimos, observamos esse caos, essa desarticulado, por um lado; por outro lado, vemos, como esse homem também apontou, esse Sedlmyer, a calma artificial da arquitetura. Olhamos para a cidade moderna e vemos esses arranha-céus enormes, de — há um em São Francisco — de vidro preto puro. E conheço pessoas que olham para isso e dizem: “Ah, é lindo! Isso expressa a alma; é por isso que estamos nos esforçando.” E, claro, ele está em sintonia com os tempos. O que isso expressa é: não há Deus, tudo está isolado. Tudo o que resta é uma espécie de grande memorial a quê? À cegueira. E lá dentro eles penduram essas pinturas malucas de alguém que enlouquece e faz, ou eles põem quadros feitos por macacos, crianças, povos primitivos e assim por diante.

A partir disso, aliás, nos últimos anos — bem, desde 1945, especialmente — surgiu um novo tipo de movimento artístico, que é esse expressionismo selvagem, do qual começam a surgir pessoas, ou seja, formas. Infelizmente, não temos nenhum exemplo real disso. Você pode apontar alguns ali.

Pe. H: Isso seria parecido.

Pe. S: Há um artista chamado Francis Bacon. Isso é muito parecido. Parece (?) uma das pinturas de Bacon (?) de Goya. Ele já estava prevendo isso. Há outro chamado Giacometti, o escultor italiano, que tem figuras

altíssimas e impressionantes, de todos os tipos, elas se parecem muito com esta aqui (?), uma espécie de caos absoluto e, a partir dele, começa a surgir uma espécie de forma humana, só que é assim — desumana, como uma máscara ou deformada, alguma coisa desse tipo, toda encurvada e talvez faltando um braço, ou faltando as pernas. Seu rosto está olhando para frente como se não visse nada. Não há, nenhuma expressão, nenhuma esperança, nenhum desespero, só “Uhh”. Tem muitos pintores assim hoje em dia.

Mas isso, além do surrealismo, é a outra corrente constante de pintura que surgiu, pintura e um pouco de escultura. E são figuras simplesmente assustadoras. E ele simplesmente faz você ter medo de olhar para elas, como se fossem apenas desfiguradas pela guerra ou... simplesmente assustadoras.

Pe. H: Sensação de carne crua... sangue e vísceras... assento de vaso sanitário...

Pe. S: E isso também faz parte; está muito abatido agora, mas por trás disso há novamente essa sensação de algo surgindo, algum tipo de expectativa chialística. Talvez agora estejamos chegando, finalmente, a uma nova era. Na verdade, há um artista católico — há cerca de vinte anos, esse pintor, esqueci o nome dele... mas naquela época Jacques Mauritain, Gilson e todos aqueles humanistas católicos diziam: “Isso parece a nova iconografia do catolicismo”. E você olha para ela, e é assustador. É como uma mistura, bem, é mais expressionista, é algum tipo de transfiguração. Você vê essas figuras distorcidas. Mal dá para reconhecê-las como seres humanos, mas todas as pinturas dele são religiosas. Então, agora vai surgir uma nova arte religiosa.

E, a propósito, hoje em dia costumam abordar temas religiosos, e essas formas voltam, mas como uma espécie de figuras demoníacas. Por exemplo, tem uma: quando eu estudava na faculdade em Claremont, havia um escultor. Esqueci o nome dele, mas ele tinha uma escultura de Cristo ressuscitando. E o que se via era a figura de um homem morto que estava sendo elevado. Dava para ver que ele estava todo distorcido, ainda morto, mas está agora sendo levantado por alguma coisa. Em outras palavras, provavelmente um demônio vai tomar conta do corpo. E algumas pessoas dizem: “Ah, isso é lindo. Está voltando à religião agora, isso [mostra] que ele já acredita na ressurreição.” E ele acredita no que

os demônios estão ressuscitando. E o corpo está distorcido e dá para ver que está morto, apenas começando a ganhar algum tipo de vida distorcida. Ou ele tem outra obra, uma crucificação que é absolutamente uma crucificação feita por demônios, uma figurana cruz.

Isso talvez não seja tão forte quanto uma espécie de milenarismo, mas ainda assim é algum tipo de indício de que, em meio ao niilismo das guerras e revoluções, a humanidade ainda espera por algum tipo de humanismo. Mas agora é o que se pode chamar de “sub-humano”.

Mas também há, sem dúvida, uma corrente de esperança entre os poucos profetas. Já vimos como Teilhard de Chardin está cheio de otimismo de que tudo isso, na verdade, ele diz que esse comunismo e fascismo e todos (quem foram as vítimas?) seja apenas passageiro. A evolução não se preocupa com o indivíduo, apenas com a espécie. Enquanto o homem sobreviver, quem se importa com os cem milhões nos campos de concentração? O homem sobreviverá e a espécie evoluirá para algo superior.

13.2 Fyodorov e o Sonho da Ressurreição

Portanto, temos muitos profetas. Mencionaremos apenas dois ou três. E esse Teilhard de Chardin é um deles. Outro é uma figura peculiar da Rússia do século XIX, cujo nome é Fyodorov, cujos escritos eram praticamente desconhecidos na época e foram publicados somente após sua morte, nas primeiras décadas do século XX, mas por quem pessoas como Dostoiévski e Tolstói ficaram fascinadas, assim como Solovióv. Ele tinha uma ideia muito estranha. Seus escritos não foram publicados em inglês até que Schmemmann os encontrou e os mandou traduzir para sua antologia de escritos russos excêntricos. Ele dedicou setenta páginas inteiras a esse homem, pela primeira vez em inglês. Ele deve achar que isso é muito significativo.

Ele [Fyodorov] é alguém que, pode-se dizer, está desiludido com os ideais revolucionários, de que tudo é para o futuro. Porque isso significa que nós, de hoje, no presente, e as pessoas que lutado no passado, somos apenas o “adubo” para o futuro paraíso. E ele não suportava isso. Por isso, teve a ideia de que a tarefa da humanidade é ressuscitar seus ancestrais por

meio da ciência. É claro que não sabemos como isso vai acontecer. Ele diz que é preciso ter uma espécie de fé, desenvolver a ciência e se preparar para o grande evento em que os ancestrais serão ressuscitados e todos entrarão nesse paraíso.

E vemos hoje que temos a nova ciência da criogenia, ou seja, as pessoas estão se deixando congelar na esperança de que sejam ressuscitadas em algum dia futuro, quando suas doenças forem curadas. Mas essa mesma ideia é uma ideia milenarista — eu vou ser ressuscitado no futuro. Vou voltar à vida — algo muito imbuído desse milenarismo secular. E esse homem, Fyodorov, coloca isso na forma de uma espécie de profecia de que, no futuro — esse livro se chama “A Tarefa Comum” —, a grande tarefa da humanidade é ressuscitar os ancestrais. É claro que é um sonho maluco, mas é muito, você sabe, é isso que o anticristo ressuscitará: pessoas, e, para que pareça uma ressurreição, ele será capaz de colocar demônios nelas e fazê-las andar novamente, como cadáveres ambulantes.

E você percebe, aliás, que na literatura de ficção científica o mesmo tema aparece. [Nos] filmes de ficção científica há algum tipo de alienígenas do espaço sideral que vêm e tomam conta do corpo de alguém e andam por aí como zumbis. Você vê isso nos comerciais deles, essas crianças do espaço sideral, e as crianças que foram possuídas por algum ser do espaço sideral, com os olhos bem abertos, olhando fixamente para frente — o mesmo espírito. Na verdade, toda a ficção científica é inteiramente chialística: raça superior, o Super-Homem está vindo do espaço sideral.

Então esse é um deles, Fyodorov, um profeta maluco, mas muito em sintonia com o espírito do novo reino neste mundo, fora dos limites do cristianismo, é claro, porque acreditamos na verdadeira ressurreição, não pela ciência, mas por Deus Mesmo.

13.3 D.H. Lawrence e o Neo-Paganismo

[Trecho da Palestra sobre Nietzsche de 1980; o Pe. Seraphim também fez extensas anotações sobre D.H. Lawrence para seu livro sobre anarquismo na década de 1960.]

[D.H. Lawrence]... uns trinta anos. E ele estava imbuído dessa ideia de uma espécie de paganismo de volta à terra. E ele nos deu uma espé-

cie de base quase filosófica para o sexo, embora seus romances não sejam obscenos — bem, todos, exceto *O Amante de Lady Chatterley*, que não é muito bom. Mas o que há neles é essa ênfase constante na sensualidade, na expressão aberta do sexo. E ele tem esses heróis; em uma história que li, havia uma heroína. Ele fala sobre casamentos infelizes, na verdade — ele é casado, não precisa ser muito escandaloso(?). Ele sempre fala sobre casamentos infelizes porque um deles é muito terreno e o outro é muito, [pensa] pensa demais; e essa é a doença dos tempos modernos, esse pensar demais. E, portanto, ele tem essa história sobre um homem e uma mulher que se divorciaram; a mulher fugiu ou algo assim para os mares do sul. Então, tudo é ensolarado e brilhante. O sul é da terra. Então ele vai procurá-la, e há um contraste. Ela está lá em algum lugar, em uma rocha nos mares do sul, nua, tomando sol, toda bronzeada e parecendo uma deusa. Ele está todo pálido — a maioria dos europeus do norte é absolutamente pálida, emaciada e efeminada. E ela tem poder porque é da da terra, ela é terrena. Ela acredita na expressão plena da sexualidade. E ele tem todo tipo de inibições, sabe, “Você não pode fazer isso, não, não, não”. E ele apresentava um contraste muito marcante com o que é realmente terreno. Ele lia Nietzsche; sabia que o novo Super-Homem seria da terra; foi o que Nietzsche disse: o novo Super-Homem virá da terra. E, portanto, em todas essas histórias, tudo o que tem a ver com o cristianismo é considerado efeminado, fraco, como diz Nietzsche. Tudo o que tem a ver com o paganismo é forte. Por isso, ele usa todo tipo de imagem, especialmente da África negra; ele adorava os deuses africanos. E seus heróis têm essas estátuas, essas estátuas africanas rudimentares que simbolizam o fato de que eles estão despertos, livres de todos esses preconceitos. Todas as inibições do cristianismo são descartadas, o homem se torna livre. E então você consegue ver que não há leis específicas. Se você é casado ou solteiro, não faz diferença. Ele não se aprofundou na homossexualidade. Ele apenas achava que o sexo normal deveria ser expresso livremente.

Ele tem até uma história terrivelmente blasfema, que, mesmo antes de me tornar ortodoxo eu não conseguia terminar de ler. É sobre como Jesus Cristo ressuscitou. Ou se Ele ressuscitou ou apenas desceu da cruz e descobriu que era um fracasso. E então ele tem um caso de amor com Maria Madalena e descobre o sentido da vida. E isso é expresso de forma tão crua

e blasfema que é demais até mesmo para um não cristão. Esse é o nível em que ele se encontra, mas é um escritor muito poderoso. E é considerado um dos grandes escritores. Na verdade, acho que tive uma disciplina com seis ou oito escritores, e ele era um deles. Acho que Hemingway ficou de fora, então eles escolheram ele. [Ele é] muito importante porque é muito sintomático dos tempos modernos. Mas ele era um exemplo desse neopaganismo.

E ele tinha um seguidor, outro escritor chamado Henry Miller, que é muito pé no chão. Henry Miller é um americano que faleceu há alguns anos — ele tinha mais de 70 anos há dez anos. Ele morava em Big Sur e era um típico, livre de todo tipo de preconceito e assim por diante. E, na década de 1920, creio eu, ele foi para Paris, assim como muitos jovens intelectuais do Ocidente fizeram. E Hemingway também foi para lá. Paris era como que a capital mundial da arte. Lá você descobre o que realmente está acontecendo na arte. Ele já era bastante velho na época, com trinta e cinco ou por aí, quando finalmente despertou para a vocação de artista e foi para Paris e começou a viver lá como expatriado, escrevendo esses romances. Basicamente, ele foi influenciado por D.H. Lawrence. [Ele] despertou para a ideia da realidade deste mundo, da Terra, do paganismo, do sexo e tudo mais, e começou a escrever esses romances que foram proibidos nos Estados Unidos até muito recentemente. Eles foram publicados na França. Na verdade, eu conhecia alguém que tinha uma livraria em San Diego e que foi preso por vendê-los por baixo dos panos, talvez há uns quinze anos. “Claro que, desde os anos 70, tudo isso mudou. Agora eles podem publicá-los, o que já é considerado coisa do passado.

Bem, D.H. Lawrence morreu por volta de 1930. Henry Miller ainda estava vivo nos anos 60, quando eu estava por lá. Nunca o vi. Minha mãe morava em Carmel, então eu ficava naquela região. Mas ele ainda era uma atração turística naquela época em Big Sur. Ele se aposentou por lá, tinha uma espécie de seguidores ao seu redor que acreditavam nas mesmas coisas.

Bem, esse Henry Miller escrevia — na verdade, são apenas romances eróticos pornográficos, cheios de palavrões e experiências sexuais, e tudo o mais é descrito. Esses livros hoje são apenas comuns; todo mundo escreve assim agora. Nesse sentido, ele é [um] homem moderno típico e esclarecido, um passo à frente de Hemingway, e cheio desse espírito anár-

quico, o mesmo espírito de que Fourier fala: deixem as paixões se soltarem e haverá o paraíso.

Mas isso é muito interessante porque, ao mesmo tempo, em Paris, Nicholas Berdyeu o conheceu ou leu seus livros. E Berdyeu vivia em Paris como exilado [e] estava muito interessado em todas as manifestações modernas da cultura. E, portanto, ele leu Henry Miller, não sei como, se ele sabia inglês ou não. Mas o próprio Berdy“v é um anarquista convicto, sabe. Ele acredita em derrubar a Igreja e deixar que o homem espiritual livre venha à tona. E assim ele leu esse anarquista americano, Henry Miller, que acredita em expressar tudo o que você tem dentro de si, qualquer porcaria, ou o que quer que você tenha dentro de si, basta expressar. E ele leu Henry Miller. Acho que ele leu apenas um livro, e disse: “No final deste livro, sinto como se meu mundo estivesse se dissolvendo.” Ele diz: “Anarquia absoluta! Esse homem deveria ser queimado!” Ele não conseguia suportar porque, segundo ele, todas essas paixões vêm à tona, e isso era demais para ele, pois o homem é simplesmente a expressão absoluta de tudo o que brota da sua natureza. Se você entrar na filosofia dele, tudo começa a se dissolver. Não sobra nada, você simplesmente se dissolve, não consegue suportar. Berdy”v tinha algumas observações bastante precisas às vezes. Por exemplo, ele foi a uma palestra de Rudolph Steiner em Berlim. E disse que sentiu que aquele homem era assustador, que estava tentando conquistar Deus a partir de baixo. O que ele viu estava correto, mas ele próprio também era um falso profeta.

E ele [Henry Miller] viveu o tipo de vida [na qual] suas paixões estavam à solta. Ele podia fazer o que quisesse; não havia mais restrições. E ele era alguém como D. H. Lawrence [em sua ideia de que] a paixão sexual, especialmente, deveria ser liberada e o homem se tornaria, de alguma forma, novo, renovado, o que é tudo, é claro, mais um mito que pode, na verdade, destruir as pessoas.

Mas ele também escreveu alguns ensaios, textos de não ficção, que mostram que o homem é bastante consciente das coisas. E ele refletia profundamente sobre o que significa ser um homem moderno, para onde tudo acontecendo, o fato de que agora [que] toda essa sexualidade está vindo à tona, nós somos capazes de ser livres. Os preconceitos do passado estão sendo superados. Ele acreditava em astrologia e em todos os tipos de artes mágicas, e acreditava que a nova era estava chegando, uma espécie

de era de Aquário em que os primeiros-ministros seriam astrólogos e a alquimia renascentista e assim por diante voltariam a florescer. Ele [Henry Miller] tirou isso do nada, assim como Hitler disse: “Eu sou o primeiro dos primeiros magos”, acho que ele disse: “na nova era da magia”. [3] E ele tem um artigo em que fala sobre a necessidade de a humanidade estar sob um governo mundial único, e diz: “Quem governará esse governo mundial único?” E ele disse: “Chegará o tempo em que um homem surgirá por conta própria e terá tal carisma que as pessoas, por si mesmas, se reunirão em torno dele e verão nele todas as suas esperanças de uma nova religião, da nova era da humanidade, e, assim como Napoleão, ele se tornará o símbolo delas.” E ele disse: “Sinto que cada era tem uma pessoa que a representa”, de certa forma, a época produz uma pessoa que a representa; portanto, nossa época vai produzir um homem extraordinário, uma grande e nova figura política mágica, que virá para governar o mundo, e representará para todos nós esses sentimentos da terra e todas essas coisas proibidas que antes não podiam vir à tona cccxlii, o que parece ser muito preciso — outra profecia sobre o Anticristo e algum tipo de milênio em que os impulsos da humanidade serão liberados, as pessoas estarão livres de todas as restrições, das crenças passadas em Deus, da moralidade e desfrutarão do milênio.

13.4 A Autoadoração na Cultura Contemporânea

E, claro, esse é um exemplo perfeito dessa auto-adoração que Kant desencadeou no âmbito literário e popular. E uma vez que isso foi permitido, então, é claro, tudo, tudo se torna permitido. E agora quase não há um único filme que você possa assistir, aparentemente, que não esteja repleto de algum tipo de cena de sexo.

E é muito interessante como esse tema é tratado nos escritores clássicos. Por exemplo, assistimos recentemente a um filme chamado “Nicholas Nickleby”, que contém bastante sexo, meio que nos bastidores, mas é preciso ler nas entrelinhas para perceber. Fica bastante claro o que se quer dizer — esse nobre decadente e a moça, e você vê a maneira como eles se olham. O quadro todo é revelada para você, mas de uma forma muito elegante, mesmo no filme. E não há nenhum despertar de paixão, você

simplesmente vê que é a vida. Portanto, o sexo como parte da vida é apresentado de maneira muito realista. E hoje em dia, como eles apresentam isso? Sabe, eles entram em todos detalhes escabrosos. Então você tem que ficar sentado assistindo, aparentemente. Até a Anna foi levada ao cinema pelo pai (?), e ela teve que ficar sentada assistindo e vendo essa agitação debaixo das cobertas, e imaginar o que eles estavam fazendo. Claro, em muitos momentos eles simplesmente tiram tudo e mostram para você. O que isso causa? Isso é chamado de atitude realista em relação à vida, não é? É mesmo?

Aluno: Bem, depende de como você encara isso, do seu ponto de vista. Mesmo na literatura clássica não é assim, eles trabalhavam com um ponto de vista mais realista do que hoje.

Pe. S: Sim, eles tinham tabus. Não podiam falar sobre certas coisas.

Aluno: Isso me lembra a mesma coisa das celebrações, o Pe. Herman nos contava sobre a completas... o tempo todo isso, simplesmente fala sobre... que é feito dessa maneira...

Pe. S: Bem, esse elemento sempre fez parte da vida e sempre foi expresso. Na verdade, nas vidas ortodoxas dos santos estão repletas disso. Na verdade, são bastante chocantes se você estiver acostumado aos padrões da literatura vitoriana. É bastante aberto sobre esse assunto, mas é apresentado de tal forma que não desperta paixão, apenas mostra a realidade.

E o que está acontecendo agora, a tendência nos últimos dez ou quinze anos, é produzir tudo isso que não era permitido antes, de uma forma que desperte a sua paixão. E, portanto, isso não transmite nenhum significado, ou seja, não diz a você como lidar com tudo isso, porque você está tão interessado nisso. É claro que você vai ficar observando as roupas sendo tiradas e assim por diante. Você vai ficar todo empolgado e interessado. E o que isso vai contribuir para o enredo, para todo o sentido da vida? Não contribui com nada. Apenas te excita, te provoca. E foi isso que Kant produziu.

E por que isso faz cócegas? Porque somos egocêntricos. Todo mundo olha para lá e se vê. Porque, por si só, geralmente o sexo é uma experiência muito insatisfatória. Você não tem aquelas experiências incríveis que você vê nos filmes ou nos livros.

E, por isso, você vai ao cinema e vê: talvez seu próprio corpo não seja

particularmente bonito, mas você vai lá e vê corpos bonitos, ah! E enquanto olha para essas belas imagens, você está se adorando. É como se olhar no espelho. E todas aquelas inadequações que você tem, seja em termos de beleza, de experiência sexual ou o que for, tudo se torna perfeito, se apenas tiver alguém que seja bonito o suficiente e faça isso com tanta habilidade e assim por diante. Você. NaÉ, na verdade, como se olhar no espelho e se adorar, com toda a emoção que isso traz. Porque não há mais literatura alguma, nem valores superiores de forma alguma. E isso é, sem dúvida, uma forma de autoadoração.

Aluno: Bem, é a mesma coisa que quando você nos conta sobre aquele cara do deserto no Arizona, não sei, o Pe. Herman ou alguém estava nos contando, você o vê olhando para o espelho, OK, eu me pareço comigo mesmo... É tudo auto-adoração.

Pe. S: Sim. Esse é um erro básico na vida espiritual, ficar sempre olhando para si mesmo. E nos tempos modernos isso é uma característica. É muito narcisista, toda a nossa espiritualidade. E esse tipo de pessoa que fala em ser espiritual, geralmente é muito egocêntrica; elas estão se olhando no espelho. É isso mesmo.

E, no nível mais baixo, é aí que isso está afetando a arte contemporânea. Não assisti a esses filmes, embora o último que vi, há cerca de doze anos, já fosse ruim o suficiente. Acho que já vi dois deles que eram bem ruins. Isso significa que agora está ainda [mais] aberto. E não há mais nada, os valores mais elevados se afogam nesse elemento inferior. E, aparentemente, simplesmente não dá para fazer um filme hoje em dia — a menos que seja um filme infantil puro e simples — a menos que tenha algum tipo de cena de sexo. Assim você recebe a classificação “R” e, se receber um “R”, isso significa: ahah! Isso é picante. Vamos assistir a esse. Tudo isso faz parte desse mesmo culto à autoadoração.

E isso se propagou desde a época de Kant. Ele escreveu por volta de 1790. E agora, em 1980, duzentos anos depois, isso se propagou até esse nível mais baixo. E esse é o resultado. Esse é um aspecto que é muito prevalente em nossa sociedade, na verdade, em todos os lugares: propagandas, todo o elemento sugestivo da televisão. A ideia toda é despertar você, despertar suas emoções, despertar suas paixões e apresentar algum tipo de figura bonita, como se você estivesse se olhando no espelho: eu preciso ter esse perfume, preciso ter esse desodorante.....

Dostoiévski também escreveu vários textos interessantes. Em um deles, não me lembro onde estava nem em que livro, ele escreveu sobre um sonho de

Pe. H: *A Juventude Crua*. (?)

Pe. S: Esse é outro, acho que é um livro diferente, há dois deles. Um é [a] ideia de que é muito atraente para nossa natureza humana que, se todos tirassem a roupa e fizessem o que bem entendessem.

Pe. H: Baboque.

Pe. S: Baboque? Porque isso é exatamente o que Henry Miller sente e o que Fourier gostava, essa ideia de liberar as paixões. Na verdade, vamos ver até mesmo o que aconteceu há dez anos em São Francisco e Nova York; não sei, li em um jornal, que alguns críticos comentaram sobre São Francisco: uma espécie de balé de São Francisco foi para Nova York, e em uma de suas danças todas as pessoas tiraram a roupa e simplesmente ficaram pulando pelo palco por alguns minutos, depois voltaram a vestir as roupas. E ele disse que, naquele momento, senti uma sensação tão forte de libertação que não consegui explicar; aquela sensação misteriosa de libertação absoluta tomou conta de mim.

É claro que, na época, isso era muito vanguardista; hoje em dia, isso acontece o tempo todo. Mas isso mostra, mais uma vez, esse desejo milenarista: quando todas as restrições desaparecem, você sente uma espécie de nova liberação tomando conta de você, que dura um instante, mas é tudo o que você precisa. Você precisa apenas de alguns anos para estar no reinado do Anticristo.

E em *A Juventude Crua*, Dostoiévski fez uma profecia muito boa sobre o futuro, infelizmente não temos a citação, mas diz respeito ao dia em que o sol se pôs, ou seja, Deus saiu da vida do homem. E ele disse que, naquele dia, os homens de repente perceberão que estão sozinhos, que o sol saiu de suas vidas, e agora estão sozinhos neste planeta, e o que acontecerá então? Ele disse que os homens ficarão então cheios de tanto amor uns pelos outros e de tanto amor por cada pedacinho de grama, porque sabem que isso está indo embora. Isso sempre, se estiver indo, indo para sempre. Apenas neste momento ela sobrevive. Não há Deus, nada mais além da vida. Devemos aproveitar este momento e viver plenamente. E eles se aconchegarão uns aos outros e se abraçarão por causa da solidão.

“O comentário de Dostoiévski sobre isso: Os homens, ‘tendo rejei-

tado Deus, adoram a ‘Humanidade’ e amam tudo o que a Humanidade ama; assim, até mesmo a Bíblia, que iluminou os homens como o sol; embora seu sentido esteja agora perdido, não se pode ser ingrato pelas bênçãos que ela concedeu à humanidade.” [4] “Por que, então, eles beijam a Bíblia, ouvindo reverentemente a leitura dela e derramando lágrimas por causa dela? — Isso ocorre porque, tendo rejeitado Deus, eles começaram a adorar a ‘Humanidade’. Agora eles acreditam na Humanidade; eles a deificam e a adoram. E o que, ao longo de longos séculos, tem sido mais sagrado para a humanidade do que este Livro Sagrado? — Agora eles o adoram por causa de seu amor pela humanidade e pelo amor que a humanidade nutre por ele; ele beneficiou a humanidade durante tantos séculos — assim como o sol, ele a iluminou; derramou sobre a humanidade sua força, sua vida. E “embora seu sentido não esteja perdido”, ainda assim, amando e adorando a humanidade, eles consideraram impossível ser ingratos e esquecer os favores por ele concedidos à humanidade....

“Nisso há muito que é comovente e também muito entusiasmo. Aqui há uma verdadeira deificação da humanidade e um desejo apaixonado de revelar seu amor. Ainda assim, que sede de oração, de adoração; que anseio por Deus e fé entre esses ateus, e quanto desespero e tristeza; que cortejo fúnebre em vez de uma vida viva e serena, com sua fonte jorrante de juventude, força e esperança! Mas se trata de um funeral ou de uma força nova e emergente — para muitas pessoas, essa é a questão.

““Eu me imagino... que a batalha acabou e que a conflito se acalmou. Após maldições, pedaços de lama e assobios, a calma se instalou e os homens se viram sozinhos, como desejavam; a antiga grande ideia os abandonou; a grande fonte de energia, que até então os havia nutrido, começou a recuar como um Sol majestoso e convidativo, mas este, por assim dizer, foi o último dia da humanidade.” [Nota do Pe. Serafim: (Ele fala do desaparecimento da ideia de Deus.)] “E, de repente, os homens compreenderam que haviam sido deixados completamente sozinhos e, imediatamente, foram tomados por um sentimento de grande orfandade... Nunca fui capaz de imaginar as pessoas como tendo se tornado ingratas e estúpidas. Os homens órfãos começariam imediatamente a se aproximar mais próximos e com mais afeto; eles se segurariam pelas mãos, percebendo que agora só eles constituíam tudo uns para os outros. A grande ideia da imortalidade também desapareceria, e seria necessário substituí-

la, e toda a imensa superabundância de amor por Aquele que, de fato, tem sido a Imortalidade, seria, em cada homem, direcionada para a natureza, para o universo, para os homens, para cada partícula da matéria. Eles passariam a amar a terra e a vida de forma irresistível, na medida da gradual percepção de sua transitoriedade e finitude, e o amor deles seria agora um amor diferente — não como o de tempos passados. Eles discerniriam e descobririam na natureza fenômenos e mistérios que nunca antes haviam sido suspeitados, pois contemplariam a natureza com novos olhos, com o olhar de um amante contemplando sua inamorata [amada]. Eles estariam despertando e correndo para abraçar uns aos outros, correndo para amar, compreendendo que os dias são curtos e que isso é tudo o que lhes resta. Eles estariam trabalhando uns pelos outros, e cada homem estaria entregando a todos os homens tudo o que possuía, e só isso já o tornaria feliz. Cada criança saberia e sentiria que todos na Terra são seu pai e sua mãe. “Que amanhã seja meu último dia” — todos pensariam, olhando para o pôr do sol — “mas, mesmo assim, eu morrerei, porém todos eles permanecerão, e depois deles, seus filhos” — e esse pensamento de que eles permanecerão, sempre como sempre, amando e [palpitando]”, tão preocupados uns com os outros “substituiria o pensamento do reencontro além da morte. Ah, eles não perderiam tempo para amar, a fim de saciar a grande tristeza em seus corações. Seriam orgulhosos e ousados por si mesmos, mas seriam tímidos uns pelos outros; todos tremeriam pela vida e pela felicidade de cada homem. Tornar-se-iam ternos uns com os outros e não teriam vergonha disso, como acontece atualmente, e acariciariam uns aos outros, tal como crianças. Ao se encontrarem, ficariam olhando uns para os outros com um olhar profundo e significativo, e nesse esse olhar haveria amor e tristeza...”

“Não há aqui, nessa fantasia, algo semelhante à aquela ‘Igreja dos Ateus’ que realmente existe?”[5]

É claro que isso faz parte, em grande medida, da nossa mentalidade contemporânea. E mesmo toda essa revolução sexual e assim por diante, parte disso é apenas, você sabe, libertinagem, mas boa parte disso são pessoas em busca de amor. Elas não encontram amor em Deus, na família, na igreja, na sociedade. E assim se agarram a esse ideal de amor sexual, que proporciona um calor temporário e depois se desvanece até se tornar nada. Isso também é necessário para criar um milênio: pessoas que sejam

iluminadas, alheias a qualquer padrão. E isso dará a aparência, portanto, de um reino de amor, e o Anticristo será, ele, aquele a quem elas adoram, enquanto adoram a si mesmas, pois seu deus são eles mesmos.

E sobre Berdyayev, já falamos bastante; quero repetir mais uma citação dele; está no artigo sobre o movimento carismático:

“O mundo está caminhando para uma nova espiritualidade e um novo misticismo; nele não haverá mais a visão de mundo ascética.” “O sucesso do movimento em direção à unidade cristã pressupõe uma nova era no próprio cristianismo, uma espiritualidade nova e profunda, o que significa uma nova efusão do Espírito Santo.”[6]

De certa forma, isso resume todas as esperanças milenaristas do passado desde Joaquim de Floris, que era seu ídolo, e inspira as pessoas no presente a buscar algum tipo de nova era. E mesmo que pareça impossível, se o futuro parecer sombrio e difícil, com tirania e gulags, ainda assim, de alguma forma, quando você pensa nas ideias dele, pode de repente se encher, como Rousseau, de um grande sentimento místico de que, sim, deve haver algo mais na realidade do que algum tipo de campos de concentração. Acreditamos na harmonia futura. E assim Berdyev diz: “O mundo está avançando através das trevas em direção a uma nova espiritualidade e a um novo misticismo..... O novo misticismo não considerará este mundo objetivado como a realidade final.” Veja, haverá uma nova ciência. A realidade espiritual surgirá. “Nela será revelada a verdadeira gnose... E todas as contradições e divisões” da vida moderna, que divide o homem em fragmentos reais, “serão resolvidas no novo misticismo, que será mais profundo do que todas as religiões e deverá uni-las.” Ele “será a vitória sobre as falsas formas de misticismo social, a vitória do reino do espírito sobre o reino de César.” [7] “O triunfo final do reino do espírito pressupõe uma mudança na estrutura da consciência humana... Isso só pode ser vislumbrado escatologicamente.” [8]

É claro que a evolução vem em auxílio disso ao afirmar que, de fato, a humanidade está evoluindo para uma consciência superior, na qual a realidade espiritual se revelará.

Solovyov

13.5 Vladimir Soloviev e a Profecia do Anticristo

Chegamos agora, finalmente, a um homem que faz parte integrante de todos esses movimentos. Seu nome é Vladimir Solovyov. Na verdade, é provavelmente a ele, mais do que a qualquer outra pessoa, que a inteligência russa se desviou do caminho, pois Kireyevsky tentou chamar a inteligência de volta à Ortodoxia, enquanto Solovyov foi inspirado pelo panteísmo, por influências estrangeiras, e teve uma visão de Sofia. Na verdade, ele encontrou Sofia no deserto do Egito. Provavelmente é essa mesma mulher-messias que os saint-simonianos foram procurar na década de 1830. Ela estava lá no deserto, e ele foi até o deserto e teve uma visão de Sofia. Ele esteve lá em 18—, os saint-simonianos foram na década de 1830, e Soloviev foi em 1880, eu acho.

Ele não viveu muito tempo. Morreu em 1900. Viveu cerca de quarenta e cinco anos, mais ou menos, provavelmente contemporâneo de Nietzsche. Ele era mais um desses pensadores excêntricos. Inventava todo tipo de coisas fantásticas. O mundo seria governado pelo Papa e pelo czar — o mundo inteiro, o império mundial do czar e do Papa. E ele estava repleto dessas novas ideias, como a Sophia como a quarta pessoa da Santíssima Trindade, e todas essas coisas fantásticas que desencantaram Bulgakov, inspiraram Berdyaev, Florensky e todos esses pensadores excêntricos.

Pe. H: Toda a Escola de Paris surgiu diretamente dessa Sophia.

Pe. S: Vladika John, em seu artigo sobre Soloviev e Bulgakov, diz que essa sofologia é a adoração do homem, a rejeição da adoração a Deus e a substituição desta pela adoração do homem. Mas, no final de sua vida, uma espécie de novo espírito tomou conta de Soloviev. E ele ficou completamente desanimado quanto à esperança de um império mundial — a união entre a Ortodoxia e o Catolicismo se unindo.

Pe. H: Ele não se tornou católico, porém; ele não se tornou católico.

Pe. S: Sim. Ele recebeu a comunhão na igreja católica por um tempo.

Aluno: Ele se tornou católico?

Pe. S: Sim. Mas ele não considerava que tivesse se tornado católico. Ele considerava que estava unindo ambas as religiões. E, no último ano de sua vida, ficou perturbado por pressentimentos sobre o futuro. E de repente ele começou a ler profecias sobre o Anticristo. E isso o afetou

tanto que ele disse a algumas pessoas que estava tendo muita dificuldade em ir à igreja, pois tinha uma forte sensação de que, em muito pouco tempo, todas as igrejas seriam fechadas e as catacumbas seriam abertas.

Pe. H: Ele tinha algum tipo de intuição, sem dúvida.

Pe. S: E ele via isso como o fim da história, o fim da vida, o fim da história moderna, a vinda do Anticristo. E então ele sentou-se e escreveu uma história que consistia no diálogo entre três pessoas. Uma delas é uma espécie de monge que nos conta a história do Anticristo...

...Três Conversas sobre a Guerra e o Futuro da Humanidade. Nela, ele zomba do tolstoiano que acha que devemos ser pacíficos e não resistir, não importa o que aconteça. No final dessas Três Conversas, há uma história sobre o Anticristo. A maior parte dos detalhes ele extrai das Escrituras e dos Santos Padres, e a algumas coisas que ele acrescenta por conta própria, que não são muito boas, mas a história básica é bastante precisa. E ele acrescenta a isso as coisas que ele mesmo aprendeu por meio de suas próprias experiências ocultistas e de sua própria percepção do espírito de sua época. Então, veremos como isso se reflete em sua...

De certa forma, pode-se dizer que isso é um paralelo muito próximo à lenda do Grande Inquisidor, de Dostoiévski.

“Vivia naquela época um homem notável — muitos o chamavam de super-homem — que estava tão longe de ser uma criança em intelecto quanto em coração. Ele era jovem, mas seu gênio o tornou amplamente famoso como grande pensador, escritor e assistente social aos trinta e três anos. Consciente de seu próprio grande poder espiritual, sempre fora um idealista convicto, e sua inteligência lúcida sempre lhe deixava clara a verdade daquilo em que se devia acreditar: o bem, Deus, o Messias. Ele acreditava em tudo isso, mas amava apenas a si mesmo. Ele acreditava em Deus, mas, no fundo do coração, inconscientemente e instintivamente, preferia a si mesmo a Deus.

“...O orgulho desmedido do grande idealista parecia justificado tanto por seu gênio excepcional, sua beleza e nobreza, quanto seu ascetismo sublime, desinteresse e filantropia ativa. Ele foi tão abundantemente abençoado com dons do alto que dificilmente se poderia culpá-lo por considerá-los sinais especiais de favor divino excepcional; ele se considerava próximo a Deus, como o filho de Deus de uma maneira única.” Tudo isso não é muito diferente desses profetas socialistas, aliás. “Em resumo, ele se re-

conhecia como o que Cristo realmente era. Mas essa consciência de sua própria dignidade superior se expressava não como um sentido de obrigação moral para com Deus e o mundo, mas como uma convicção de que possuía direitos e privilégios sobre os outros, especialmente sobre Cristo. No início, ele não nutria hostilidade contra Jesus. Ele admitiu a dignidade e a importância messiânicas de Jesus, mas sinceramente via nele apenas o maior de seus próprios antecessores;” (É assim que o saint-simoniano descreve “a transformação saint-simoniana do cristianismo”, na qual ele é, na verdade, maior do que Cristo.) “sua mente, obscurecida pelo orgulho, não conseguia compreender a realização moral de Cristo e sua singularidade absoluta. Ele raciocinava assim: ‘Cristo veio antes de mim; eu venho em segundo; mas aquilo que, na ordem do tempo, vem depois é essencialmente anterior. Eu venho por último, no fim da história, justamente porque sou o salvador perfeito e definitivo. O primeiro Cristo foi meu precursor. Sua missão era antecipar e preparar minha vinda.” Com essa ideia em mente, o grande homem do século XXI aplicou a si mesmo tudo o que é dito no Evangelho sobre a segunda vinda, entendendo por isso, não o retorno do mesmo Cristo, mas a substituição do Cristo preliminar pelo definitivo, ou seja, por si mesmo.

“...Esse homem também justificou sua orgulhosa preferência por si mesmo em detrimento de Cristo com o seguinte argumento: “Cristo, ao pregar o bem moral e manifestá-lo em sua vida, foi o reformador da humanidade, mas estou destinado a ser o benfeitor desta humanidade em parte reformada e em parte incorrigível. Darei a todos os homens o que eles precisam. Cristo, como moralista, dividiu os homens entre os bons e os maus, mas eu os unirei por meio de bênçãos que são necessárias tanto para os bons quanto para os maus. Serei o verdadeiro representante do Deus que faz Seu sol nascer sobre os maus e sobre os bons e envia chuva sobre os justos e os injustos. Cristo trouxe uma espada; eu trarei a paz. Ele ameaçou a terra com o temível juízo final. Mas eu serei o juiz final, e meu julgamento será de misericórdia, assim como de justiça. Haverá justiça também em meu julgamento, não retributiva, mas distributiva. Farei distinções entre as pessoas e darei a cada um o que lhe é devido.”

“Nesse belo estado de espírito, ele aguardava algum chamado claro de Deus, algum testemunho manifesto e marcante de que ele era o filho mais velho, o. Ele esperou e, enquanto isso, alimentou sua identidade na con-

templação de seus dons e virtudes sobre-humanos — como já foi dito, ele era um homem de moralidade irrepreensível e gênio extraordinário. “O homem justo e orgulhoso esperou e esperou por uma autorização do alto para iniciar sua obra de salvar a humanidade — e, ainda assim, a autorização não veio.” A propósito, quantas pessoas existem assim, algumas que se acham grandes gênios. Elas ficam esperando que algum demônio apareça para lhes dizer que devem sair e ensinar o mundo. Ele esperou até os trinta e três anos de idade. “Mais três anos se passaram. E, de repente, passou por sua mente um pensamento que provocou um tremor ardente até a medula de seus ossos: ‘E se...? E se não for eu, mas aquele outro... o galileu.... E se Ele não for meu precursor, mas o verdadeiro, o primeiro e o último? Mas então Ele deve estar vivo... Onde Ele está?... E se Ele vier até mim... aqui, agora... O que direi a Ele? Ora, terei que me curvar diante Dele como o mais estúpido dos cristãos, terei que murmurar sem sentido como um camponês russo: ‘Senhor Jesus Cristo, tem misericórdia de mim, pecador’, ou cantar como uma camponesa polonesa! Eu, o gênio brilhante, o super-homem! Não, jamais!’ E, no lugar do antigo respeito frio e racional respeito por Deus e Cristo, nasceu e cresceu em seu coração, primeiro, uma espécie de terror e, depois, uma inveja ardente, sufocante e corrosiva e um ódio furioso, de tirar o fôlego. “Eu, eu e não Ele! Ele não está vivo, Ele não existe e não existirá. Ele não ressuscitou, Ele não ressuscitou dos mortos! Ele apodrece no túmulo, apodrece como o mais vil...”’

“Espumando pela boca, ele saiu correndo da casa e do jardim e, saltando e dando pulos, correu na escuridão da noite ao longo do caminho rochoso.... A fúria se acalmou, e o desespero, duro e pesado como as rochas e escuro como a noite, tomou seu lugar. Ele parou à beira do precipício e ouviu o vago ruído do riacho correndo entre as pedras bem lá embaixo. Uma angústia insuportável pesava em seu coração. De repente, algo se agitou dentro dele. ‘Devo chamá-Lo — perguntar-Lhe o que devo fazer?’ E a imagem triste e gentil pareceu erguer-se diante dele na escuridão. “Ele tem pena de mim... Não, jamais! Ele não ressuscitou, Ele não ressuscitou dos mortos!”

“E ele se jogou do penhasco. Mas algo elástico como um redemoinho de água o sustentou no ar, ele sentiu uma espécie de choque elétrico, e algum poder o arremessou para trás. Ele perdeu a consciência por um mo-

mento e, quando voltou a si, estava ajoelhado a poucos passos da beira do penhasco. Ele viu o contorno de uma figura resplandecendo com uma luz nebulosa e fosforescente, e seus olhos penetraram em sua alma com seu brilho agudo e insuportável. “Ele viu aqueles olhos penetrantes e ouviu — não sabia

“Ele viu aqueles olhos penetrantes e ouviu — não sabia se vindo de dentro de si mesmo ou de fora — uma estranha voz, sem tom e, por assim dizer, abafada, e ainda assim clara, metálica e absolutamente sem alma, como se viesse de um fonógrafo. E a voz dizia a ele: “Tu és meu filho amado, em quem tenho grande satisfação. Por que não me procuraste? Por que reverenciaste aquele outro, o mau, e Seu Pai? Eu sou teu deus e teu pai. E aquele outro, o mendigo, o crucificado, é um estranho tanto para mim quanto para você. Não tenho outro filho além de você. Você é o meu único, o unigênito, igual a mim. Eu te amo e não peço nada de você. Você é belo, poderoso e grandioso. Faça o seu trabalho em seu próprio nome, não no meu. Não tenho inveja, eu te amo. Não quero nada de você. Aquele a quem você considerava Deus exigiu de Seu filho obediência ilimitada, obediência até a morte, até mesmo a morte na cruz, e Ele não o ajudou na cruz. Não peço nada de você, e vou ajudá-lo. Vou ajudá-lo por seu próprio bem, em nome de sua própria dignidade e excelência e do meu amor puro e desinteressado por você. Receba meu espírito. Outrora, meu espírito deu-lhe origem em beleza; agora, dá-lhe origem você em poder.”

“Ao ouvir essas palavras do ser desconhecido, os lábios do super-homem se abriram por si mesmos, dois olhos penetrantes aproximaram-se bastante de seu rosto e ele sentiu a corrente aguda e gelada entrar nele, preenchendo todo o seu ser. E, ao mesmo tempo, sentiu uma força maravilhosa força, energia, leveza e êxtase. Naquele instante, o contorno luminoso nos olhos desapareceu repentinamente; algo o ergueu no ar e, imediatamente, o depositou no jardim, junto à porta da casa.”

E isso é muito semelhante a muitas experiências ocultistas.

“No dia seguinte, não apenas os visitantes do grande homem, mas até mesmo seus servos ficaram impressionados com sua expressão peculiar, por assim dizer, inspirada. Eles teriam ficado ainda mais impressionados se pudessem ver com que facilidade e rapidez sobrenaturais ele escrevia, trancando-se em seu escritório, sua famosa obra intitulada *O Caminho*

Aberto Caminho para a Paz e o Bem-Estar Universais.

“...Aquele livro, escrito após a aventura no penhasco, revelou nele um poder de gênio sem precedentes. Era abrangente e conciliador. Combinava nobre reverência pelas tradições e símbolos antigos com um radicalismo amplo e ousado nas exigências e preceitos sociais e políticos, liberdade ilimitada de pensamento com a compreensão mais profunda de todas as coisas místicas, individualismo absoluto com devoção ardente ao bem comum, o idealismo mais sublime dos princípios orientadores com conclusões totalmente definidas, concretas e práticas. E tudo isso foi apresentado juntos com tamanha arte consumada que qualquer pensador ou reformador unilateral pudesse facilmente ver e aceitar o todo inteiramente a partir de seu próprio ponto de vista particular, sem sacrificar nada pela própria verdade, nem elevar-se acima de si mesmo por causa dela, nem abrir mão de sua unilateralidade, nem, de forma alguma, corrigir suas visões e aspirações equivocadas, nem tentasse compensar suas insuficiências.

Ninguém levantou objeções contra esse livro, pois ele parecia a todos uma revelação da verdade abrangente. Ele fazia tanta justiça ao passado, proferia um julgamento tão imparcial sobre todos os aspectos do presente, colocava o futuro melhor tão concreta e tangivelmente ao nosso alcance, que todos diziam: “É exatamente isso que queremos; eis um ideal que não é utópico, um plano que não é uma quimera.” O maravilhoso escritor conquistou a todos e era aceito por todos, de modo que as palavras de Cristo se cumpriram:

“Eu vim em nome do meu Pai, e vós não me recebestes; se outro vier em seu próprio nome, a ele vós recebereis.” O que, aliás, se refere ao Anticristo. “Pois, para ser aceito, é preciso ser agradável.

“É verdade que algumas pessoas piedosas, embora elogiassem calorosamente o livro, se perguntaram por que Cristo não foi mencionado nem uma vez nele; mas outros cristãos responderam: ‘E ainda bem! No passado, tudo o que era sagrado foi tão manchado por todo tipo de fanáticos autoproclamados, que hoje em dia um escritor profundamente religioso precisa ser muito cuidadoso. E como todo o livro está impregnado de um verdadeiro espírito cristão de amor ativo e benevolência abrangente, o que mais vocês querem?’ E todos concordaram com isso.

“Logo após a publicação de *O Caminho Aberto*, que tornou seu autor

o homem mais popular do mundo, realizou-se em Berlim a assembleia constituinte internacional da União dos Estados Europeus.

“Os ‘iniciados’ decidiram concentrar o poder executivo nas nas mãos de uma única pessoa, conferindo-lhe autoridade suficiente. O homem do futuro foi eleito quase por unanimidade presidente vitalício dos Estados Unidos da Europa. Quando ele subiu à tribuna com todo o brilho de sua força e beleza juvenis sobre-humanas e beleza, e, com eloquência inspirada, expôs seu programa universal, a assembleia, encantada e completamente embelezada, em uma explosão de entusiasmo, decidiu, sem submeter a votação, prestar-lhe a mais alta homenagem, elegendo-o imperador romano. A assembleia foi encerrada em meio a júbilo geral, e o grande eleito publicou um manifesto que começava com as palavras: “Povos da Terra! Minha paz eu vos dou”, e terminava da seguinte forma: “Povos da Terra! As promessas foram cumpridas! A paz eterna e universal está garantida. Toda tentativa de perturbá-la encontrará imediatamente oposição esmagadora. Doravante, existe no mundo um poder central que é mais forte do que todos os outros poderes, tanto separadamente quanto em conjunto. Esse poder invencível e conquistador pertence a mim, o imperador plenipotenciário escolhido da Europa e governante de todas as suas forças. O direito internacional é finalmente respaldado por sanções que até então lhe faltavam. Doravante, nenhum país ousará dizer ‘guerra’ quando eu disser ‘paz’. Nações do mundo, que a paz esteja com vocês!” O manifesto surtiu o efeito desejado.

“...Em menos de um ano, foi fundada uma monarquia mundial no sentido exato e próprio do termo. As sementes da guerra foram arrancadas pela raiz. A Liga da Paz Universal reuniu-se pela última vez e, após proferir um elogio entusiástico ao grande pacificador, dissolveu-se por não ser mais necessária. No segundo ano de seu reinado, o imperador romano e universal emitiu outro manifesto” “Povos da Terra! Prometi-lhes paz e eu lhes concedi. Mas a paz só se torna doce com a prosperidade. Não é motivo de alegria para aqueles que estão ameaçados pela miséria. Venham a mim, todos vocês que têm frio e fome, e eu lhes darei alimento e calor.” Em seguida, ele anunciou uma reforma social simples e abrangente, que já havia sido sugerida em seu livro e que, na época, cativara todas as mentes nobres e lúcidas. Agora que as finanças mundiais e as enormes propriedades rurais estavam concentradas em suas mãos, ele

pôde levar adiante essa reforma e satisfazer os desejos dos pobres sem injustiça perceptível para com os ricos. Todos eram remunerados de acordo com sua capacidade, e toda capacidade era recompensada de acordo com seus méritos e resultados.

“...Estava firmemente estabelecida em toda a humanidade a mais importante forma de igualdade — a igualdade da saciedade geral. Isso foi feito no segundo ano de seu reinado. O problema social e econômico foi resolvido de uma vez por todas. Mas, embora a comida seja de primeira importância para os famintos, aqueles que têm comida suficiente querem outra coisa.

“Até mesmo os animais, quando já comeram o suficiente, querem não apenas dormir, mas também brincar. Isso é ainda mais verdadeiro para os homens que, *post panem* [depois do pão], sempre exigiram circos.

“O imperador-super-homem compreendeu o que a multidão precisava. Naquela época, um grande mago, cercado por uma auréola de fatos estranhos e contos de fadas fantásticos, chegou até ele em Roma vindo do distante Oriente.

“Esse mago, chamado Apolônio, inquestionavelmente um homem de gênio, meio asiático e meio europeu, era um bispo católico *in partibus infidelium* [das terras infiéis]. Ele combinava de maneira maravilhosa o domínio das mais recentes descobertas e a aplicação técnica da ciência ocidental com um conhecimento tanto teórico quanto prático de tudo o que há de real e significativo no misticismo tradicional do Oriente. Os resultados dessa combinação foram surpreendentes. Apolônio dominava, por exemplo, a arte meio científica e meio mágica de atrair e direcionar, à sua vontade, a eletricidade atmosférica, de modo que o povo dizia que ele ordenava que o fogo descesse do céu. Mas, embora impressionasse a imaginação da multidão com todo tipo de novidades inéditas, ele se absteve, por um tempo, de abusar de seu poder para quaisquer fins específicos. E assim esse homem dirigiu-se ao grande imperador, adorou-o como o verdadeiro filho de Deus e, declarando que nos livros secretos do Oriente havia encontrado profecias diretas sobre ele como o último salvador e juiz da Terra, ofereceu a si mesmo e sua arte a serviço dele. O imperador ficou encantado, aceitou-o como um presente do alto e, concedendo-lhe títulos esplêndidos, manteve o mago permanentemente ao seu lado. Os

povos da Terra, tendo recebido de seu senhor as bênçãos da paz universal e alimento abundante para todos, tiveram também a oportunidade de desfrutar permanentemente dos mais diversos e inesperados sinais e milagres. O terceiro ano do reinado do super-homem estava chegando ao fim.

“Os problemas políticos e sociais foram felizmente resolvidos; agora restava lidar com o problema religioso.” O que tanto Napoleão quanto Hitler viam como o coroamento de suas próprias carreiras, caso tivessem chegado tão longe. “O próprio imperador levantou a questão, em primeiro lugar com referência ao cristianismo. A situação do cristianismo naquela época era a seguinte. Havia diminuído consideravelmente em número — não havia mais do que quarenta e cinco milhões de cristãos em todo o globo —, mas havia se reorganizado moralmente e alcançado um nível mais elevado, de modo que ganhou em qualidade o que havia perdido em quantidade. Homens que não tinham interesses espirituais em comum com o cristianismo não eram mais contados entre os cristãos. As diferentes denominações haviam perdido aproximadamente a mesma proporção de seus membros”, e “...a hostilidade entre elas havia diminuído consideravelmente, e as diferenças haviam perdido sua antiga intensidade...”

“Durante os dois primeiros anos do novo reinado, a atitude dos cristãos em relação ao imperador e às suas reformas pacíficas era de simpatia definitiva e até mesmo de entusiasmo. Mas, no terceiro ano, quando o grande mago apareceu, muitos... começaram a sentir-se inquietos e a desaprovar. As passagens dos Evangelhos e das Epístolas sobre o príncipe deste mundo e o anticristo foram lidas com mais atenção do que antes e suscitaram comentários animados. A partir de certos sinais, o imperador percebeu que uma tempestade se se formando e decidiu agir rapidamente para esclarecer as questões. No início do quarto ano de seu reinado, ele dirigiu um manifesto a todos os seus cristãos fiéis, de qualquer denominação, convidando-os a eleger ou nomear representantes plenipotenciários para um concílio ecumênico sob sua presidência. Naquela época, ele já havia transferido sua residência de Roma para Jerusalém. A Palestina era então um estado autônomo, povoado e governado principalmente por judeus. Jerusalém havia sido uma cidade livre e agora se tornara uma cidade imperial. Os locais sagrados cristãos permaneceram intactos, mas

toda a amplo terraço, o Haram-ash-Sharif, desde Birket-Israin e os quartéis de um lado, até a mesquita de El-Aksa e os “estábulo de Salomão” do outro, estava ocupado por um enorme edifício novo. Ele incluía, além de duas pequenas mesquitas antigas, um grande “templo imperial” para a união de todos os cultos e dois luxuosos palácios imperiais com bibliotecas, museus e instalações especiais para experimentos e exercícios mágicos. O concílio ecumênico deveria ser inaugurado nesse local, que era meio templo e meio palácio, no dia 14 de setembro. Como a denominação evangélica não possuía clero no sentido estrito, os hierarcas ortodoxos e católicos, de acordo com o desejo do imperador, decidiram, em prol da uniformidade entre os delegados, admitir no concílio alguns de seus leigos conhecidos por sua piedade e devoção aos interesses da Igreja. Assim, o número total de membros do concílio ultrapassou três mil, e cerca de meio milhão de peregrinos cristãos inundaram Jerusalém e a Palestina....

“A cerimônia de abertura foi extremamente impressionante. Dois terços do enorme templo dedicado à ‘unidade de todos os cultos’ estavam ocupados por bancos e outros assentos para os membros do concílio, e um terço era ocupado por uma plataforma alta; havia dois tronos nela, um para o imperador, e outro mais baixo para o grande mago (cardeal e chanceler imperial), e atrás deles longas fileiras de poltronas para os ministros, cortesãos e secretários de Estado, bem como fileiras ainda mais longas nas laterais para um propósito desconhecido. Os membros já haviam celebrado seus nas diferentes igrejas, e a abertura do concílio seria inteiramente secular. Quando o imperador entrou com sua comitiva e o grande mago, e a orquestra tocou “a marcha da humanidade unida”, que era usada como hino internacional imperial, todos os presentes se levantaram e, agitando seus chapéus, gritaram em voz alta três vezes: “Vivat! Viva! Hoch!” O imperador, de pé ao lado de seu trono com majestosa benevolência, estendeu a mão e disse com voz agradável e sonora:

“Cristãos de todas as denominações! Meus amados súditos e irmãos! Desde o início do meu reinado, que o Todo-Poderoso abençoou com feitos tão maravilhosos e gloriosos, eu não tive, nem uma única vez, motivo para ficar descontente com vocês; vocês sempre cumpriram seu dever com toda a fé e consciência. Mas isso não é suficiente para mim. Meu amor sincero por vocês, meus amados irmãos, anseia por reciprocidade. Quero que vocês, não por senso de dever, mas por amor sincero, que me reconhe-

çam como seu verdadeiro líder em toda obra empreendida pelo bem da humanidade. E assim, além do que faço por todos, gostaria de conceder-lhes favores especiais. Cristãos, o que posso fazer para torná-los felizes? O que posso dar a vocês, não como a meus súditos, mas como a meus irmãos e correligionários? Cristãos, digam-me o que é mais precioso para vocês no cristianismo, para que eu possa direcionar meus esforços para isso...’...”

Depois de ouvir a opinião dos católicos, ele disse: “Queridos irmãos católicos! Oh, como compreendo bem o ponto de vista de vocês e como gostaria de encontrar apoio para o meu poder na autoridade de seu chefe espiritual! Para que não considerem isso mera conversa fiada e bajulação, declaro solenemente: de acordo com minha vontade autocrática, o bispo principal de todos os católicos, o Papa de Roma, está doravante restaurado à sua sé romana com todos os direitos e privilégios que sempre lhe foram concedidos por meus antecessores, a começar pelo imperador Constantino, o Grande. E tudo o que espero de vocês, irmãos católicos, é um reconhecimento íntimo e sincero, vindo do coração, de mim como seu único defensor e patrono. Que aqueles que me consideram como tal em seu coração e consciência venham até mim aqui.”” E a maioria dos católicos se levanta e se dirige aos bancos.

Então ele fala mais uma vez: “Queridos irmãos! Sei que há entre vocês alguns que valorizam acima de tudo no cristianismo sua tradição sagrada, seus símbolos antigos, seus hinos e orações antigas, ícones e ritos sagrados. E o que, de fato, pode ser mais precioso para uma mente religiosa? Saibam, então, amados, que hoje assinei o estatuto e destinei grandes somas de dinheiro ao museu mundial de arqueologia cristã em nossa gloriosa cidade imperial de Constantinopla, com o objetivo de coletar, estudar e preservar todas as relíquias da antiguidade da Igreja, especialmente a oriental. Peço-lhes que amanhã elejam, dentre vocês, uma comissão para discutir comigo as medidas que devem ser tomadas a fim de tornar os costumes e costumes e modos de vida sejam o mais conformes possível à tradição e às ordenanças da santa Igreja Ortodoxa. Irmãos ortodoxos! Que aqueles de vocês que apreciam minha ação e que podem, de todo o coração, chamar-me de seu verdadeiro senhor e líder, venham até mim aqui!’...”

“Então, ereto e esguio como uma vela branca de igreja, o ancião João,

entre os ortodoxos, levantou-se e respondeu gentilmente: “Grande imperador! O que mais nos é precioso no cristianismo é o próprio Cristo — Ele mesmo, e tudo repousa Nele, pois sabemos que Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Mas também de vós, senhor, estamos prontos a receber todas as bênçãos, desde que reconheçamos em vossa mão generosa a mão sagrada de Cristo. E eis nossa resposta direta à sua pergunta sobre o que o senhor pode fazer por nós: confesse agora, aqui diante de nós, Jesus Cristo, o Filho de Deus, que veio em carne, ressuscitou dentre os mortos e voltará — confesse-O, e nós o receberemos com amor como um verdadeiro precursor de Sua gloriosa segunda vinda.”

Mas “algo maligno estava” agora “acontecendo ao grande homem”. Imperador. “A mesma tempestade infernal se agitava dentro dele como naquela noite fatídica. Ele perdeu completamente o equilíbrio interior, e todos os seus pensamentos estavam concentrados em não perder o auto-controle externo e em não se entregar cedo demais. Ele estava fazendo esforços sobre-humanos para não se lançar, com um grito selvagem, contra o orador e atacá-lo com os dentes. De repente, ouviu a voz sobrenatural e familiar: ‘Fique calmo e não tema nada.’ Ele permaneceu em silêncio...

“Enquanto o Ancião João falava, o grande mago, que estava sentado envolto em um volumoso manto tricolor que escondia completamente sua vestimenta vermelha de cardeal, parecia estar realizando algumas manipulações por baixo dele; havia um olhar de concentração em seus olhos brilhantes, e seus lábios se moviam. Pelas janelas abertas janelas do templo, podia-se ver uma enorme nuvem negra se formando, e logo tudo ficou escuro. O Ancião João ainda olhava com medo e espanto para o imperador silencioso; de repente, recuou horrorizado e, virando-se, gritou com voz abafada: “Crianças, é o anticristo!” Naquele momento, ouviu-se um estrondo ensurdecedor de trovão; uma enorme bola de raio brilhou no templo e envolveu o Ancião... Quando os cristãos se recuperaram do choque, o Ancião João jazia morto.

“O imperador, pálido, mas calmo, dirigiu-se à assembleia: ‘Vocês viram o julgamento de Deus. Eu não desejei a morte de ninguém, mas meu Pai celestial vingará seu filho amado. O caso está encerrado. Quem ousaria se opor ao Todo-Poderoso? Secretários! escrevam: ‘O concílio ecumênico de todos os cristãos, quando o fogo do céu atingiu o insano oponente

da majestade divina, reconheceu por unanimidade o poderoso imperador de Roma e do mundo como seu líder supremo e senhor.””

E então o Papa também é abatido e é realizada a eleição para um novo Papa. “Enquanto a eleição estava sendo realizada, o imperador persuadia com gentileza, sabedoria e eloquência os delegados ortodoxos e evangélicos a pôr fim às suas antigas dissensões, tendo em vista a nova e grande era na história cristã; ele deu sua palavra de que Apolônio saberia como acabar para sempre com todos os abusos históricos do papado.” O mago é eleito Papa. “Os delegados ortodoxos e protestantes, convencidos por seu discurso, redigiram um ato de união entre as igrejas e, quando, em meio a aclamações alegres, Apolônio apareceu no palco com os cardeais, o arcebispo grego e um pastor evangélico lhe apresentaram o documento.

“Accipio et approbo et l’ tificatur cor meum [Aceito e aprovo, e meu coração se alegra]”, disse Apolônio, assinando o documento. “Sou um verdadeiro ortodoxo e um verdadeiro protestante tanto quanto sou um verdadeiro católico”, acrescentou ele, trocando beijos de amizade com o grego e o alemão. Em seguida, dirigiu-se ao imperador, que o envolveu com os braços e o manteve em seu abraço por alguns minutos.

“Enquanto isso, curiosos pontos de luz voavam em todas as direções pelo palácio e pelo templo; eles cresciam e se transformavam em formas luminosas de seres estranhos; flores nunca antes vistas na Terra caíam em chuvas do alto, preenchendo o ar com uma fragrância misteriosa. Sons deliciosos e comoventes- flutuavam das alturas, e vozes angelicais de cantores invisíveis glorificavam os novos senhores do céu e da terra. Enquanto isso, um terrível rugido subterrâneo foi ouvido no canto noroeste do palácio central, sob..., a cúpula das almas, onde, segundo a tradição muçulmana, tradição muçulmana, fica a entrada para o Hades. Quando, a convite do imperador, a assembleia se dirigiu naquela direção, todos ouviram claramente inúmeras vozes agudas e penetrantes — de crianças ou de demônios — clamando: “Chegou a hora, libertem-nos, salvadores, salvadores!” Mas quando Apolônio, colando-se à parede, gritou três vezes algo para aqueles que estavam sob a terra em uma língua desconhecida, as vozes se calaram e o rugido subterrâneo se acalmou.

“...O imperador, juntamente com o Papa, saiu para a varanda oriental”, do templo, “provocando ‘uma tempestade de entusiasmo’. Ele curvou-se graciosamente em todas as direções, enquanto Apollônio con-

tinuamente pegava de grandes cestas trazidas a ele por cardeais-diáconos e lançava ao ar magníficas , foguetes e jatos de fogo, perolados e fosforescentes ou brilhantes nas cores do arco-íris, que se incendiavam ao toque de sua mão. Ao atingirem o chão, todos se transformavam em inúmeras folhas de papel de cores variadas com indulgências completas e incondicionais para todos os pecados, passados, presentes e futuros. A alegria popular ultrapassou todos os limites. É verdade que algumas pessoas diziam ter visto com seus próprios olhos as indulgências se transformarem em sapos e cobras horríveis; mas a esmagadora maioria estava entusiasmada. As festividades públicas continuaram por mais alguns dias e o novo papa milagroso realizou coisas tão maravilhosas e incríveis que seria totalmente inútil descrevê-las.” [9]

Temos aqui um quadro muito realista que precisa apenas de algumas correções de detalhes, talvez, para ser de fato uma visão realista de um milênio que é possível ocorrer justamente em nossa época.

Resumamos, então, os pontos principais da nova religião que está se preparando para o reinado do Anticristo. O primeiro é a “morte de Deus”, que implica a abolição do cristianismo, ou seja, da ortodoxia, mas isso começou no século XI, o que chamamos de apostasia. A “morte de Deus” é uma forma poética de dizer apostasia. Se Deus está morto, tudo é permitido, o que significa uma ordem totalmente nova do universo, e os demônios entram no mundo dos homens. Se Deus não existe, então...

G. Resumo: doutrinas da nova teologia

1. Morte de Deus — apostasia
2. Tudo é permitido — irrupção dos demônios.
3. Super-homem — sub-homem: adoração de si mesmo.
4. O homem e o mundo tornam-se divinos: o engano final do diabo.
5. Monarquia mundial, nova revelação, milenarismo — por um breve período.

H. A resposta: salvar a si mesmo. Deus está conosco. Nossa é a verdade.

Referências

[1] — Picard, Max, *Hitler in Ourselves*, Henry Regnery Co., Chicago, 1947, pp. 27-32.

[2] — Ver nota de rodapé da Palestra 12.

[3] — Qual é a fonte disso? cccxlii. Das anotações do Pe. S. para *Kingdom of Man*, livro não publicado: Miller, Henry, *Remember to Remember*, Grey Walls Press, Londres, 1952, p. 32: “No alvorecer de cada era, distingue-se uma figura radiante na qual o espírito do novo tempo se encarna. Ele chega na hora mais sombria, ergue-se como um sol e dissipa a escuridão e a estagnação que dominavam o mundo. Em algum lugar nas dobras negras que agora nos envolvem, tenho certeza de que outro ser está se formando, que ele está apenas esperando a hora zero para se revelar... Se a lagarta, por meio do sono, pode se metamorfosear em borboleta, certamente o homem, durante sua longa noite de sofrimento, deve descobrir o conhecimento e o poder para se redimir.” Também de *Remember to Remember*: “Francamente, não acredito que a raça humana possa regredir dessa maneira. Acredito que, quando o momento crucial chegar, surgirá um líder maior do que qualquer outro que já conhecemos no passado para nos conduzir para fora do impasse atual.” Mas, para que tal figura venha a existir, a humanidade terá de chegar a um ponto de desespero tão profundo que estaremos dispostos, finalmente, a assumir a plena responsabilidade da maturidade. Isso significa viver uns pelos outros no sentido religioso absoluto da expressão; teremos que nos tornar cidadãos planetários da Terra, conectados uns aos outros não por país, raça, classe, religião, profissão ou ideologia, mas por um ritmo comum e instintivo do coração.” Ver também Miller, Henry, *Wisdom of the Heart*, “The Absolute Collective”, New Directions Publishing Corporation, Nova York, 1941, pp. 85-86: “Estamos no limiar de um novo modo de vida, no qual o HOMEM está prestes a se realizar. As perturbações que caracterizam esta era de transição indicam claramente o início de um novo clima, um clima espiritual no qual o corpo não será mais negado, no qual, ao contrário, o corpo do homem encontrará seu devido lugar no corpo do mundo. O domínio do homem sobre a natureza só agora começa a ser compreendido como algo mais do que um mero triunfo técnico; por trás da afirmação brutal do poder e da vontade, há um sentimento latente

da imponência, da majestade e da grandeza de sua responsabilidade. Será que ele está, talvez, apenas começando a perceber vagamente que “todos os caminhos da Terra levam ao céu”? “Assim, a destruição completa do nosso mundo cultural, que parece agora mais do que nunca assegurada pelo colapso iminente, é na verdade uma bênção disfarçada. Os velhos padrões de raça, religião e nacionalidade estão destinados a desaparecer, e em seu lugar veremos, pela primeira vez na história da humanidade, uma comunidade de interesses baseada não no animal que há nele, mas no ser humano que ele há tanto tempo nega... O homem ideal deve perecer, e o homem ideal certamente perecerá, pois os últimos pilares do mundo estão agora cedendo. O homem deve se abrir, preparado para viver a vida do mundo em toda a sua mundanidade, se quiser sobreviver.” cccxliii. Das anotações do Pe. Serafim para o livro *Anarquismo*, extraídas de *O Diário de um Escritor*, Dostoiévski cita *A Juventude Crua*, o sonho de um idealista dos anos 40, a respeito do futuro da humanidade. O Pe. Serafim está parafraseando a citação a seguir.

[4] — Anotações do Pe. Serafim para o livro *Anarquismo*, extraídas de *O Diário de um Escritor*, Dostoiévski, *A Juventude Crua*.

[5] — Dostoiévski, Fiódor, *O Diário de um Escritor*, Parte III, Cap. 7, trad. Brasol, Boris, George Braziller, Nova York, 1954, pp. 265–267. cccxlv. “Nicholas Berdyaev, Profeta de uma Nova Era”, *Orthodox Life*, de J. Gregerson, Jordanville, N.Y., 1962, n.º 6, citado em *Ortodoxia e a Religião do Futuro*, Pe. Seraphim Rose, Irmandade de São Herman do Alasca, Platina, Califórnia, 1983, p. 22.

[6] — “Nicholas Berdyaev, Profeta de uma Nova Era”, *Orthodox Life*, de J. Gregerson, Jordanville, N.Y., 1962, n. 6, citado em *Ortodoxia e a Religião do Futuro*, Pe. Seraphim Rose, Irmandade de São Herman do Alasca, Platina, Califórnia, 1983, p. 22.

[7] — Berdyaev, Nicolas, *O Reino do Espírito e o Reino de César*, trad. Donald A. Lowrie, Harper & Brother, Publ., Nova York, 1952, pp. 181–182.

[8] — *Ibid.*, p. 178.

[9] — Solovyov, Vladimir S., *Uma Antologia de Solovyov*, organizada por Frank, S.L., Greenwood Press, Publ., Westport, Connecticut, 1950, pp. 229–246.